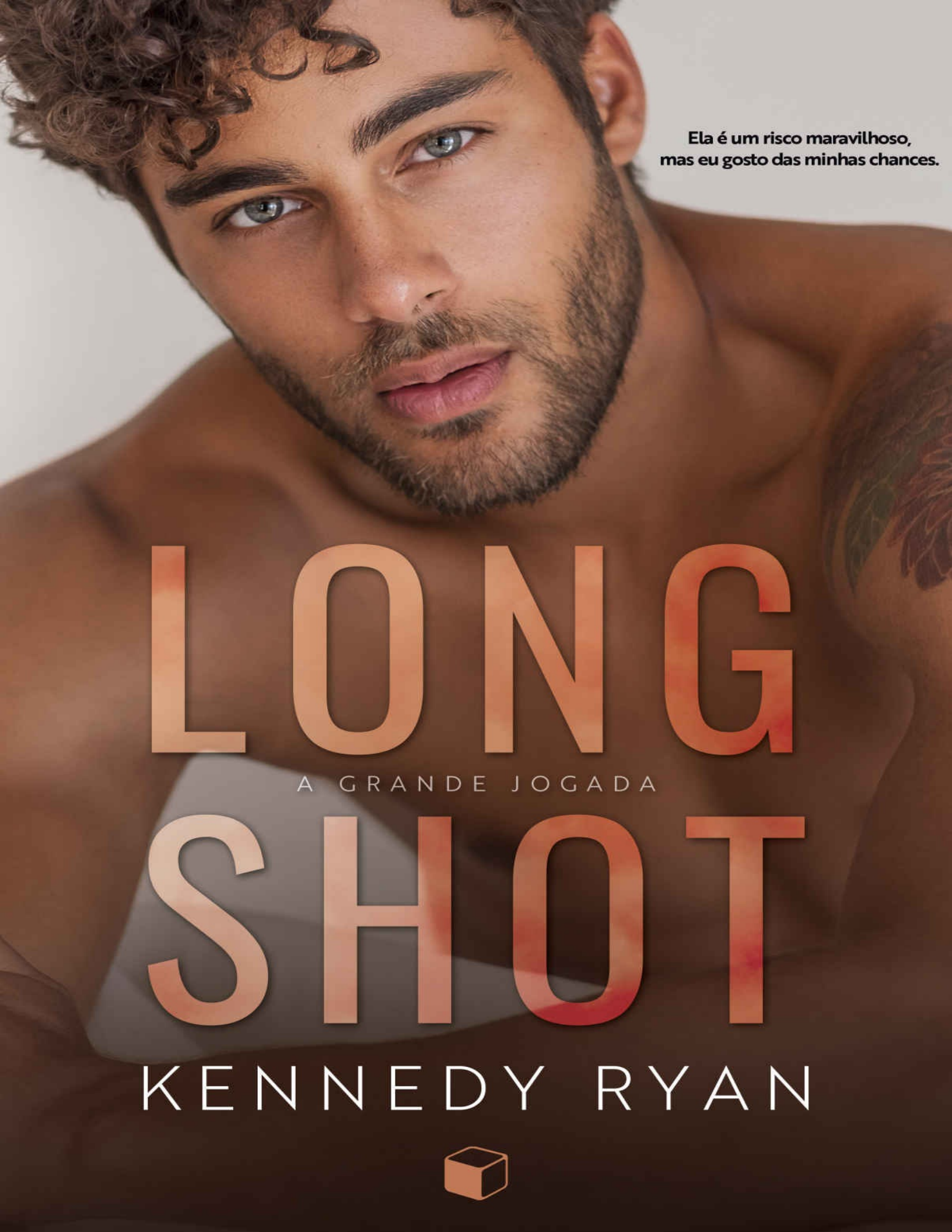




Ela é um risco maravilhoso,
mas eu gosto das minhas chances.

LONG A GRANDE JOGADA SHOT

KENNEDY RYAN





KENNEDY RYAN

LONG SHOT

Traduzido por Janine Bürger de Assis

1ª Edição



2020

Copyright © Kennedy Ryan, 2018

Copyright © The Gift Box, 2020

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Roberta Teixeira

Gerente Editorial:

Anastácia Cabo

Arte de capa:

Letitia Hasser

Modelo:

Kevin S

Fotógrafo:

Dominique Spruch

Adaptação da Capa:

Bianca Santana

Tradução:

Janine Bürger de Assis

Preparação e revisão:

Martinha Fagundes

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

R955L

Ryan, Kennedy

Long shot [recurso eletrônico] : a grande jogada / Kennedy Ryan ;
tradução Janine Bürger de Assis. - 1. ed. - Rio de janeiro : The Gift Box, 2020.
recurso digital

Tradução de: long shot

Formato: mobi

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5636-002-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Assis, Janine Bürger de.
II. Título.

20-63827

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Sumário

[Início](#)

[Nota da autora](#)

[Primeiro Tempo](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Intervalo](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Prorrogação](#)

[Epílogo](#)

[Nota Final](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)



NOTA DA AUTORA

Comecei a escrever esse livro há dois anos, por justa indignação em prol de uma jovem mulher de quem eu não entendia a jornada. Escrevo quando tenho algo a dizer, e eu sabia que não podia contar essa história sob o ângulo de julgamento ou críticas. Então comecei a conversar com mulheres que tinham andado naquele caminho. Depois de várias entrevistas, muita pesquisa e um pouco de busca interior, espero entender melhor. Espero ter escrito essa história de um lugar de graça e compaixão que não teria sido possível sem a generosidade e vulnerabilidade dessas com quem conversei.

Com isso dito, existem aspectos desta história que podem ser sensíveis para alguns leitores.

PARA NATALIE, PAULA E TODA MULHER QUE RESSURTIU DAS CINZAS PARA CONTAR
SUA HISTÓRIA.



PRIMEIRO TEMPO

"The heart speaks in whispers."
(O coração fala em sussurros)
Corinne Bailey Rae



PRÓLOGO

Eu estava lá quando a represa rompeu.

Apesar de estar a salvo no meu distrito quando aquela monstruosidade perdeu o controle e desencadeou a enchente caótica em Nova Orleans, eu vivia na cidade.

Somente depois vi a devastação deixada no rastro da feroz tempestade. Nós juntamos nossas coisas freneticamente, abandonamos nossa casa por um lugar mais alto. Minha família foi embora para sobreviver.

Alguns ficaram por tempo demais. Permaneceram, quando deviam ter ido embora.

Eles não viveram para se arrepender.

Agora, estou cometendo o mesmo erro. Fiquei quando deveria ter ido embora.

Sou testemunha do exato momento em que esse monstro perde toda a contenção. Sua fúria, sua ira, me inundam como uma parede de água. Como um vendaval, ele explode em cima de mim.

Eu sou a devastação deixada em seu rastro.

Quando o mundo escurece, vejo estrelas. Um clarão de esplendor. Uma luz que eu deveria ter visto há muito tempo. As estrelas enfraquecem e a escuridão invade, e entendo que sou como aqueles que ficaram tempo demais, cegamente antevendo sua sobrevivência.

Eu temo que, como eles, não viverei para me arrepender.



CAPÍTULO 1

AUGUST

Amanhã é o aniversário do meu pai.

Ou seria. Ele morreu há quinze anos quando eu tinha seis, mas nos maiores momentos, os que mais contam, parece que ele está comigo. E na véspera da maior noite da minha vida, espero que ele possa me ver. Espero que esteja orgulhoso.

Amanhã é o jogo mais monumental da minha vida. De todo modo, meu traseiro deveria estar seguramente guardado no meu quarto de hotel, não na rua, passando o tempo em algum boteco. Jogo um bocado de amendoins na boca e tomo um gole do meu refrigerante. Na mesa ao lado, eles acabaram de pedir outra rodada de cerveja. Deus, o que eu não daria por algo forte o suficiente para desfazer essa agitação antes de uma partida, mas nunca bebo antes de um jogo. E amanhã não é um jogo qualquer.

Dou uma olhada no meu relógio. Quinze minutos atrasado? O treinador Kirby não é disso. Ele é o homem mais pontual que conheço. Seu

nome aparece na tela no exato instante em que estou considerando ligar para ele. Empurro para longe a tigela de amendoins e a irritante sensação de que algo está errado.

— Ei, treinador.

— West, oi. — Sua voz carrega uma calma forçada que somente confirma que algo está errado. — Eu sei que estou atrasado. Me desculpe.

— Não, tranquilo. Está tudo bem?

— É a Delores. — A voz dele falha ao dizer o nome de sua esposa. Basquete é o segundo amor do meu técnico do Ensino Médio. Desde o dia em que o conheci no meu primeiro ano na Escola Preparatória St. Joseph, eu soube que Delores era seu primeiro.

— Ela está bem?

— Ela... bem, nós estávamos no hotel, e ela começou a sentir dores no peito e dificuldade para respirar. — O suspiro tenso vem do outro lado. — Nós estamos na emergência. Eles estão fazendo todas essas porcarias de exames, e...

— Que hospital? — Já estou de pé, pegando a carteira para pagar a modesta conta. — Estou a caminho.

— Não, senhor. — O aço que lapidou toda a minha preguiça por quatro anos endurece seu tom. — Você vai jogar amanhã à noite no Campeonato Nacional. O último lugar que precisa estar é em uma sala de espera de algum hospital.

— Mas, Delores...

— É minha responsabilidade e estou cuidando disso.

— Mas, eu posso...

— Seu pessoal já chegou na cidade? — Ele atropela meu protesto e

encerra o assunto.

— Não, senhor — hesito, controlando minha indignação. — Matt tinha que trabalhar hoje. Ele e minha mãe vêm de avião amanhã.

— E seu meio-irmão?

— Ele está preso na Alemanha. Algum evento para um dos seus clientes. — Meu meio-irmão e eu podemos não compartilhar o mesmo sangue, mas compartilhamos nosso amor pelos esportes. Eu, na quadra. Ele, fora, como um agente.

— Que pena que ele não estará aí — o treinador disse. — Eu sei o quão próximos vocês dois são.

— Está tudo bem. — Escondo meu desapontamento. — Eu tenho minha mãe e o Matt. E você, claro.

— Eu sinto muito por não ter ido até o bar, mas porque escapuliu na noite anterior à sua grande estreia, está além da minha compreensão.

— Eu sei, treinador. Eu só precisava... — O que eu preciso? Sei de todas as estratégias para o jogo e assisti a tantas filmagens que meus olhos começaram a embaralhar.

Estou inquieto hoje. Anos de sacrifício, meu e da minha família, me fizeram chegar até aqui. E eu não podia ter feito isso sem o homem do outro lado da linha. O treinador investiu muito em mim nos últimos oito anos, mesmo depois de ter me formado no Ensino Médio e ido para a faculdade.

Quando olheiros e analistas insistiram para eu me tornar profissional um ano antes, ele me convenceu a ficar e terminar meu curso. Fortalecer minhas bases e amadurecer antes de seguir para o draft[1]. No entanto, o

homem que me passou seu DNA – sua envergadura, mãos grandes, seu corpo

longilíneo e magro, e acho que até mesmo seu amor pelo jogo – esse é o homem em quem fico pensando esta noite.

Meu pai.

Eu não fazia ideia de com quem deveria compartilhar este momento, mas sabia que não era com meus companheiros de time procurando por garotas em algum bar barulhento. Mesmo que pudessem sair para um agito na noite anterior ao jogo, aquilo não me apetecia.

— Seja lá o que você estiver precisando, pegue, mas saia daí — o treinador diz, me trazendo de volta para o momento. — Volte logo para o hotel. Mannard vai te colocar no banco por violar o toque de recolher, mesmo antes do Campeonato Nacional. Não deixe seu ego falar mais alto.

— Sim, senhor. Eu sei.

Entre a liderança do treinador, que não aceitava desaforos, e a formação militar do meu padrasto, os pronomes de tratamento vinham naturalmente. Disciplina e respeito não eram negociáveis em nenhum de seus regimes.

— Eu preciso ir — ele diz. — O médico está vindo.

— Me mantenha informado.

— Pode deixar. — Ele hesitou por um momento antes de continuar: — Você sabe que estarei no jogo amanhã se tiver algum modo de isso ser humanamente possível. Eu só preciso ter certeza de que Delores está bem. Ela é a única razão pela qual eu perderia isso. Estou orgulhoso de você, West.

— Eu sei. Obrigado, treinador. — Emoções queimavam a minha garganta, e fiz um esforço para me controlar. O aniversário do meu pai, a pressão do jogo de amanhã, e agora Delores no hospital. Eu estava cambaleando embaixo do peso acumulado desse dia, de todas essas coisas,

mas me assegurei de que nada disso transparecesse na minha voz quando falei novamente. O treinador tinha o suficiente para se preocupar, sem ter que pensar que eu não estava pronto para amanhã. — Faça o que tiver que fazer. A Delores vem em primeiro lugar.

— Espero te ver amanhã — ele continuou, com a voz rouca. — E você, arrebente naquela quadra, rapaz.

— Sim, senhor. Eu planejo fazer isso. Me ligue quando souber de alguma coisa.

Nem me preocupei em achar o garçom ou pedir a conta. Ao invés disso, deixei uma nota de vinte na mesa, mais do que o suficiente para cobrir meu tépido refrigerante. Tenho algumas horas para matar antes do toque de recolher, mas se o treinador não podia vir para amenizar meu nervosismo, então o melhor é voltar para o hotel. Vou tentar entrar sem esbarrar com os meus companheiros de time.

Estou quase na porta quando um rompante no final do bar faz com que eu pare.

— Palhaçada! — uma rouca voz feminina grita. — Você sabe bem pra cacete que essa foi uma merda de marcação.

Quase na entrada, me viro para ver a mulher que está xingando como um marinheiro. Curvas pontuam seu corpo esbelto e firme: o recorte de sua cintura em uma camiseta justa, seus quadris arredondados dentro da calça jeans. Ela pula da banqueta e se inclina para a frente, seu corpo tenso de indignação, seus punhos fechados em cima do bar, e os olhos entrecerrados e fixos na tela plana. Ela deve ter cerca de 1,70. Um cara do meu tamanho se acostuma a ser maior que todo mundo, mas gosto de uma mulher com um pouco de altura. Seu cabelo escuro e denso como a noite é um emaranhado

selvagem e indomável em volta de seu rosto, em todas as direções, caindo abaixo de seus ombros. Ela parece revoltada, sua boca larga e carnuda fechada, e a fina linha de sua mandíbula tensa.

O belo rosto em conjunto com toda aquela atitude me deixou intrigado. Mesmo que eu não transe com ninguém hoje, posso pelo menos me distrair da pressão que está me esmagando o dia inteiro. Inferno, me esmagando há pelo menos algumas semanas, para dizer a verdade. Quero afastar os pensamentos melancólicos que a morte do meu pai sempre me traz – pensamentos sobre aquilo que deixamos passar. Sobre o que perdemos. Vendo-a toda agitada, dizendo impropérios para televisão, xingando os juízes, alivia um pouco o que venho sentindo. Eu me vejo andando em linha reta para a única coisa que penetrou a grossa parede de tensão ao meu redor desde que avançamos no campeonato da NCAA há alguns dias.

— Babaca — ela murmura, colocando seu traseiro envolto em jeans novamente na banquetta. — Sem chance de isto ser uma falta clara!

Eu me sento na banquetta ao lado dela, olhando para a tela reprisando a última sequência.

— Na verdade, tenho quase certeza de que essa foi uma falta clara. — Pego um punhado de amendoins no pote entre nós dois.

— Ou você é cego, ou burro como o juiz — ela diz, os olhos nunca se desviando da tela —, ou você está tentando me pegar. De qualquer jeito, não estou impressionada.

Minha mão cheia de amendoins paralisa a caminho da boca. Tenho uma chance de ganhar o prêmio de melhor jogador universitário do ano, tenho sido o melhor cara do campus nos últimos quatro anos, e estava nas Jogadas da Semana da ESPN desde o início do Ensino Médio. Nenhuma

garota me deu um fora desde o Ensino Fundamental, mas nunca fujo de um desafio.

— Só batendo papo — dou de ombros e me viro para ficar de frente para ela —, mas se você quiser que alguém te pegue, talvez eu possa ajudar.

Ela finalmente se digna a me olhar. Seu rosto em formato de coração é de prender a atenção, um contraste entre intenso e delicado. Ela tem maçãs do rosto altas, sobrancelhas escuras que se modelam acima do nariz pequenino e olhos cor de mel. Mel é uma palavra muito simples para descrever todos os tons de verde, castanho e dourado. Nunca vi olhos como esses. Várias cores de uma só vez. Fico pensando se a garota por trás deles também é multidimensional.

— Eu não iria querer te cansar antes do seu jogo de amanhã. — Os cantos de sua boca contraem, como se ela estivesse dando seu melhor para não rir de mim.

Isso me faz pausar. Ela sabe quem sou. Isso normalmente funcionaria ao meu favor, mas sinto que ela não é uma tiete comum.

— Você é uma fã?

Previsivelmente, uma sobrancelha se levanta, e ela revira os olhos antes de voltar a atenção para o jogo. O barman se aproxima, uma garrafa de bebida na mão.

— O que você vai beber? — Ele coloca a garrafa de Grey Goose no bar, alternando um olhar especulativo entre mim e a mulher me ignorando.

— Uma Sprite, por favor?

Ele ri, trocando a Goose pelo refrigerante que pega na geladeira sob o bar. Enchendo o copo com o líquido efervescente e o colocando na minha

frente, ele vira a cabeça para olhar sob a aba do boné sobre minhas sobrancelhas.

— August West? — Um leve sorriso ilumina seu rosto.

Aceno com a cabeça, mas coloco o dedo nos meus lábios, esperando acalmá-lo para poder paquerar em paz. Não estou com vontade de dar autógrafos e ser bombardeado com desejos de boa-sorte. Não estou nem na NBA ainda, mas desde que nosso time chegou à fase final, a mídia se concentrou em mim por alguma razão, elevando meu perfil e tornando meu anonimato mais difícil.

— Eu entendo. — O barman acena com conhecimento de causa, sussurrando em um tom conspiratório: — Evitando a loucura, né?

— Algo assim. Olho de volta para a superfã, que continua com a atenção presa à tela. — O que a dama está bebendo?

— Uma cerveja que ela pode pagar para si mesma. — Ela me dá um meio-sorriso e toma um gole de seu copo quase cheio.

— Uhhh... — A barriga de cerveja do barman – ossos do ofício – treme com uma risada profunda. Ele me dá um olhar solidário antes de ir para o outro lado do bar atender a outros clientes.

— Então, você vem sempre aqui? — *Não acredito que isso acabou de sair da minha boca.*

A cara que ela faz indica que nem ela acredita.

— Em seguida você vai perguntar o que uma boa garota como eu está fazendo em um lugar desses. — O humor nos olhos dela alivia um pouco a ferroadada.

— Você acha que sou tão ruim assim?

Ela me olha de lado, levantando ambas as sobrancelhas o mais alto

possível.

— Nós estamos falando de dentro ou fora da quadra?

— Ai... — Eu me encolho e viro a cabeça para analisá-la. — E eu aqui pensando que você seria uma deliciosa distração até o toque de recolher.

— Eu não sou a distração de ninguém — ela diz. — Principalmente de um jogador querendo queimar testosterona.

— Suposições e julgamentos. — Sacudo a cabeça em falsa decepção. — Não te falaram para não julgar um livro pela capa? Você não pode saber...

— August West, um metro e noventa e oito, armador titular do Piermont College, implacável atrás da linha de três pontos, conhecimento de basquete acima da média, e finalista do Naismith. Envergadura de dois metros e oito e salto de cento e dois centímetros.

Os olhos inteligentes me analisam da aba do meu boné até o Nike nos meus pés, antes de retornar para o jogo na tela.

— Seus saltos podem ser no estilo do Jordan, mas sua defesa podia ser melhor. — Uma risada escapa de seus lábios. — E essa não é uma suposição. Eu sei disso como um fato.

Eu tenho que rir, porque o treinador Mannard tem ficado no meu pé a temporada toda — na verdade pelos últimos quatro anos —, para melhorar minha defesa. Minhas cestas de três pontos são destaques, mas ele também fica preocupado com os fundamentos que me farão um jogador melhor no geral. E aparentemente, ela também.

— Eles vivem me dizendo isso. — Eu viro as costas para o bar, colocando meus cotovelos na beirada, e a vejo com novos olhos. — Como você sabe tanto sobre basquete?

— Você quer dizer porque sou uma garota e devia estar assistindo partidas de líderes de torcida? — Ela me encara com indignação.

— Hummm... você quer dizer competições? Até eu sei que são chamadas *competições*, não partidas.

— Olha só... — Ela coloca uma bela camada de sarcasmo sobre as palavras. — Você sabe coisas de garotas e eu sei coisas de garotos. Hoje é dia do avesso?

Ela volta a prestar atenção na tela como se não desse a mínima para o fato de ter acabado de me impressionar de um jeito absurdo. Nós, homens, falamos merda, e mais ainda quando o assunto é sobre esportes. Uma mulher que sabe falar sobre esportes e falar besteira? Ela é a porra de um unicórnio cintilante. Essa aí toca e arremessa. Porra, ela deve *tocar* melhor do que arremessar. Ela tem uma fagulha em si, uma confiança que despertou meu interesse.

Muitas garotas agem apenas por reflexo. Elas descobrem o que você gosta só para poder fisgar um jogador. Essa aqui tem suas próprias opiniões, mantém-se firme, e não está nem aí se eu gosto disso ou não.

Eu gosto.

— Já que você sabe tanto sobre mim — eu digo —, é justo que eu saiba algo sobre você.

Ela vira um pouco a cabeça, os olhos ainda grudados na tela como se o fato de afastar o olhar do jogo fosse um tormento. Sua expressão, esses olhos mutantes, esquentam e suavizam um pouco.

— O que exatamente você quer saber?

— Seu nome seria um bom começo.

Seus lábios se curvam em um sorriso.

— Minha família me chama de Gumbo.

— Gumbo? — Eu quase me engasgo com o refrigerante. — Por que você tem orelhas grandes?

Eu arrisco em tocá-la, empurrando seus cachos selvagens. O ângulo de sua orelha é delicado, e algumas mechas ficam presas na curva de seu pescoço.

— Não Dumbo. — Ela ri e chega para trás, então seu cabelo escorre pelos meus dedos. — *Gumbo*, como a sopa.

— Eu sabia disso. — Eu realmente sabia, mas tinha que ser criativo para roubar um toque sem correr o risco de perder a mão. — Por que Gumbo?

Ela titubeia, e por um momento era como se eu não estivesse mais rompendo suas barreiras como pensei. Ela finalmente dá de ombros e continua:

— Você pode não detectar o sotaque agora, porque não vivo mais lá há anos, mas sou de Nova Orleans.

Agora que ela disse, consigo detectar um traço que remete à cidade. Um sotaque arrastado, temperado com música e mistério.

— Minha família se mudou para Atlanta depois do Katrina. — Ela solta um sopro de ar disfarçado de riso. — Mas sou completamente NOLA[2]. Eu venho da população Creole[3]. E se Creole já não fosse misturado o suficiente, meu pai é Alemão e Irlandês.

Eu acho que a ambiguidade de sua beleza é parte de seu encanto. Algo elusivo e indefinível. Eu nunca teria adivinhado as etnias que se misturaram para moldar um rosto como o dela. Lábios largos e carnudos, pele bronzeada e impressionante estrutura óssea. Acho que nunca vi alguém como

ela. O rosto dela é um que você não esqueceria tão cedo. Talvez nunca.

— Eu sou uma mistura de tudo que o bayou[4] pode juntar — ela continuou, tomando um gole de sua bebida. — Então minha prima diz que tenho mais ingredientes que...

— Gumbo — eu termino para ela. Nós compartilhamos um sorriso e ela acena com a cabeça. — Então você é um vira-latas como eu.

— Eu não ia dizer nada. — Ela passa os olhos pelo meu rosto e cabelo, meu visual quase tão ambíguo quanto o dela. — Mas agora que você mencionou...

— Deixa eu te mostrar uma coisa. — Pego meu telefone, passando pelas fotos até achar uma da minha família em um acampamento há alguns anos. — Aqui.

Ela segura o telefone, seu sorriso sumindo nos cantos. Eu sei o que ela vê. Minha mãe sorri para a câmera, seu cabelo ruivo como uma auréola flamejante em volta de seu rosto pálido no sol de inverno. Um padrasto e meio-irmão ao lado dela, ambos altos e loiros.

E então eu.

Meu cabelo em um corte curto para domar os cachos escuros que nunca se decidiam para que lado crescer. Minha pele é da cor de mel envelhecido, e meus olhos são acinzentados como ardósia. Eu não podia me parecer menos com a minha família se eu tentasse.

— Uma dessas coisas não é como as outras...[5] — Eu rio sobre a borda do meu copo, tomando um gole do meu refrigerante. — Eu acho que também sou Gumbo.

Ela volta a sorrir e devolve meu telefone, mas o humor some devagar de sua expressão. Curiosidade obscurece seus olhos quando ela olha

novamente para mim, mas qualquer que seja a questão, decide não verbalizar.

— O quê? — finalmente pergunto.

— O que você quer dizer com o quê?

— Só parecia que você queria dizer alguma coisa.

Por um segundo, o rosto dela se fecha, e penso que não irá me dizer, mas ela olha para cima, um sorriso em seus lábios após alguns segundos.

— Alguma vez você sentiu como se não se encaixasse em nenhum lugar? — Suas palavras saem suavemente, competindo com a farra no bar. Eu me inclino para escutar até que nossas cabeças quase se tocam. — Quer dizer, como se você meio que ficasse no meio?

A questão dela ecoa algo que não articulei para muitas pessoas, mas sentia com frequência. Algumas vezes me sentia deslocado na nova família da minha mãe. Posso não parecer com meu pai Afro-americano, mas também não me pareço com ninguém da família que me restou. A maioria das crianças era uma coisa ou outra, ou a mistura dos dois juntos. Isso às vezes fazia com que eu me sentisse à deriva. Basquete – aquele aro, a bola – se tornou a coisa à qual me agarrei.

— Acho que sei o que você quer dizer. — Limpo a garganta antes de continuar: — Meu pai morreu quando eu era bem novo, e minha mãe se casou novamente não muito depois. Levei um tempo para me acostumar com tudo, especialmente sendo tão diferente, quando tudo que eu queria era me encaixar.

— Eu entendo — ela diz.

Dou de ombros e meus lábios se curvam em um sorriso.

— Graças ao basquete, comecei a me preocupar menos com me

encaixar e mais com sobressair. — Eu giro o copo entre as palmas das mãos. — Mas mesmo assim... sim, às vezes eu me sentia... eu não sei... Deslocado.

— Eu também. Minha pele era mais clara do que praticamente a de todo mundo na minha vizinhança. Meu cabelo era diferente. — Ela sacode a cabeça, o movimento agitando o ar ao nosso redor, exalando o cheiro de seu xampu, uma mistura doce e cítrica. — A maioria das garotas pensava que eu me achava melhor do que elas, quando teria dado tudo para me parecer com todos os outros. Para me encaixar. Tive minha prima, Lo, por alguns anos, mas além dela, eu só tinha a mim mesma.

Como isso tinha sido para ela? Uma bela anomalia no Nono Distrito[6]. Talvez eu não tenha que imaginar. Talvez eu saiba em primeira mão.

— Foi meio solitário, né? — pergunto.

— É, foi... — Ela circula a borda do copo com o dedo indicador. Seus cílios abaixam como se isso pudesse esconder suas memórias, esconder sua dor, mas está na voz dela. Eu reconheço.

— Às vezes, mesmo quando a casa estava cheia — eu digo, abaixando o tom de voz para que somente nós dois possamos ouvir —, eu acabava sozinho no quintal, jogando basquete, até ficar escuro.

Como se tivesse algum centro magnético, nossos corpos se viraram em direção ao outro. Nossos segredos nos envolviam, bloqueando o barulho de conversas, o karaokê de improviso do outro lado do salão, os impropérios lançados ao jogo na TV. Somos somente nós, os diferentes. Em apenas alguns minutos na presença de uma completa estranha, eu, de repente, me senti compreendido como nunca antes havia sido.

— Você se acostuma a ficar sozinho — ela finalmente diz.

— E a sua mãe? Vocês são próximas?

— Próximas? — Ela me olha de soslaio e inclina a cabeça para trás. — Não muito. Ela fez um monte de sacrifícios por mim, mas nunca foi fácil. Ela é forte, uma sobrevivente, e eu respeito isso, mas nem sempre concordei com as escolhas dela. Não consigo me lembrar de ela permanecer em um emprego por mais de algumas semanas.

— Como vocês se mantinham?

— Ela é uma bela mulher. — Ela levanta os olhos com cautela, como se esperasse que eu fosse julgá-la. — Ela costumava dizer que sempre tem um homem disposto a cuidar de uma bela mulher.

Não sei o que dizer a respeito. Minha mãe também é uma bela mulher, mas não posso imaginá-la vivendo desse jeito – contando apenas com sua aparência física –, porque ela começou a dar aulas quando meu pai morreu, e trabalha desde então.

— Você é uma bela mulher. — Eu cutuco o joelho dela com o meu. — E aposto que você pode cuidar de si mesma.

Um sorriso começa em seus olhos e eventualmente chega em seus lábios.

— Obrigada.

Não preciso nem perguntar por qual elogio ela está agradecendo.

— Minha tia é dois anos mais velha que minha mãe — ela continua. — É o que minha mãe a viu fazer. É o que elas viram a própria mãe fazer. Elas usaram o que possuíam para conseguir o que precisavam.

Ela suspira antes de dar um gole em sua bebida e continuar:

— Minha tia se mudou conosco para Atlanta depois do Katrina, e elas podem ter mudado de endereço, mas não mudaram de tática.

Aparentemente, homens de todos os lugares cuidam de belas mulheres.

— Além da sua prima, você era próxima de mais alguém na sua família?

— Só da Lotus. — Uma carranca obscurece sua expressão. — Ela foi viver com a minha bisavó ao sul da cidade, e eu fiquei em Nova Orleans, mas quando ela se mudou para Atlanta para cursar a faculdade, alguns anos atrás, nós nos aproximamos novamente.

Ela sacode a cabeça como se estivesse expulsando pensamentos, memórias.

— Chega de falar sobre minha família disfuncional. E sobre você? Perry West era o seu pai, certo?

— Você sabe quem foi o meu pai? — pergunto.

— Sim, claro. — Simpatia enche os seus olhos quando eles encontram os meus por cima da borda de nossos copos. — Perdê-lo daquela maneira, deve ter sido difícil.

— É. — Dou de ombros, um movimento casual dos meus ombros que não mostra o quão difícil foi. — Ele era um grande jogador.

— Ele tinha um incrível arremesso de longa distância. — Ela sorri com tristeza. — Por quanto tempo ele ficou na liga?

— O acidente de carro aconteceu no meio de sua segunda temporada. — Eu era novo, mas ainda me lembro de seu enterro. Seus companheiros de time estavam todos lá, altos como arranha-céus para os olhos de um garoto de seis anos. — Amanhã é o aniversário dele.

— Está de brincadeira... — Os olhos dela se arregalam. — Você vai jogar na porra do Campeonato Nacional no dia do aniversário do seu pai?

Aceno com a cabeça, me permitindo pela primeira vez sorrir sobre

essa monumental reviravolta do destino. Faz bastante tempo desde que minha mãe foi casada com o meu pai, mas ela provavelmente lembra que amanhã é o aniversário dele. No entanto, nós não comentamos o assunto. Parece que sou o único que sei isso, e agora essa bela garota gumbo também.

— Amanhã é para ele? — Os olhos dela nunca se afastam do meu rosto, seu intenso foco me atraindo para ela.

— Parece que sim. Sabe? Quais eram as chances? Fico imaginando se ele sabe o quão longe cheguei. Se ele pode ver. — Solto uma gargalhada suave, observando o rosto dela em busca de sinais de que ela pensa que sou um idiota. — Isso parece estúpido?

— De jeito nenhum. Não sei o que acontece depois que morremos, mas espero que ele possa ver. Ele ficaria orgulhoso de você, não importa o que aconteça no jogo de amanhã.

— Espero que sim. — Eu me inclino um pouco mais perto, dando-lhe a mesma atenção que ela me deu. — E sobre o seu pai? O Alemão e Irlandês no seu gumbo?

Ela sorri, mas é um sorriso apertado na curva de seus lábios.

— Ele era Alemão e Irlandês. Isso é tudo que eu sei. — Sua risada irônica reverbera pelo quieto canto que criamos no bar. — Bem, também sei que ele tinha uma esposa e filhos. Minha mãe era só... a outra, eu acho. Ele pagava o aluguel dela enquanto estavam juntos, mas logo depois que nasci, ele partiu para outra. E ela também. Ele nunca apareceu para perguntar por mim. Ela nunca ofereceu muita explicação sobre a ausência dele.

— E agora? Nada?

— Nós deixamos tudo para trás em Nova Orleans quando nos mudamos para Atlanta. — Seus ombros se levantam e caem com um descaso

que não me convence. — Ele pode ainda estar em Nova Orleans. Ele pode ter morrido quando o dique arrebentou. Quem sabe? Isso nunca fez muita diferença para mim.

Ela dá outro sorriso forçado, sinalizando que encerrou o tópico.

— Como nós chegamos em toda essa coisa? — Ela aponta o dedo em falsa acusação. — Você, senhor, é um bom ouvinte. Tem um jeito sorrateiro de distrair uma garota para o fato de o time dela estar perdendo.

Eu olho para o jogo, agarrando sua deixa para sair de águas profundas como um salva-vidas.

— Você é fã dos Lakers?

— Roxo e dourado[7] até morrer. — Ela apoia os braços no bar e se inclina para a frente, os olhos de volta na tela. — Nova Orleans não tinha um time quando eu era criança.

— Bom, eles estão sendo esmagados hoje — digo sem necessidade, esperando obter uma resposta dela. Claro que funciona, e ela deslança em um discurso sobre o legado e história do Lakers, mesmo com a surra que vem tomando recentemente.

Durante o intervalo e os dois últimos quartos, nós abrimos um espaço para conversar bastante entre as jogadas. Ela quer trabalhar com marketing esportivo e tem várias oportunidades de estágio que podem se concretizar depois da formatura. Parece que a maioria de suas histórias sempre voltam para sua prima Lotus, a ambiciosa e fodona estudante de moda que sempre a apoia. Da minha parte, evito falar de todas as coisas que ela já sabe a meu respeito: os números das minhas estatísticas e todas as histórias reprisadas em todos os programas esportivos. Ao invés disso, eu falo sobre a minha mãe, o treinador, sobre a matéria de filosofia que está

acabando comigo. Nós cobrimos tudo dos mínimos detalhes aos mais surpreendentes no tempo que leva para o Lakers ser derrotado.

— O que fez você gostar tanto de basquete? — pergunto durante um intervalo comercial no último quarto de tempo.

— Não sei. — Ela observa sua cerveja, provavelmente quente há muito tempo. — Um dos caras da minha mãe, Telly, viveu conosco por um tempo quando eu tinha uns dez anos. — Ela coloca um cotovelo no bar, me olhando com sinceridade. — Ele era um dos caras bons que ficou lá por um tempo. Ele amava basquete. Amava o Lakers e nós assistíamos aos jogos juntos. — Ela ri, fazendo marcas com os dedos na condensação do copo. — Em noites de jogo, nós pedíamos pizza de pepperoni com abacaxi e bebíamos cerveja sem álcool.

— E o que aconteceu? — Eu tomo um gole do meu refrigerante. — Com o Telly, quero dizer.

Ela dá uma pequena sacudida de cabeça antes de responder:

— Ele passou do prazo de validade, eu acho. — Os olhos dela vão para a tela, talvez uma desculpa para desviar o olhar. Ou talvez o jogo realmente tenha chamado sua atenção. O Lakers está com a bola. — Alguém apareceu com mais dinheiro. Minha mãe fez a troca.

— Você o vê, fala com ele?

Os olhos dela abandonam a tela, e por um instante de silêncio, ela analisa o balcão do bar.

— Não. — A palavra sai em um sussurro rouco. Depois de um momento ela olha para cima, dando um pequeno sorriso. — Mas ainda gosto de pizza e cerveja sem álcool quando assisto ao *Lakers*. — Não tem pizza no cardápio daqui? — murmuro, prestes a enfiar um punhado de amendoins na

boca.

— A cavalo dado não se olha os dentes. — O sorriso que ela compartilha comigo se transforma em uma carranca quando o placar final aparece na tela. — Mais uma derrota na lista. Marcações de merda a noite toda, juiz.

— Sério? Marcações de merda? — Eu olho novamente do jogo para o rosto dela com ceticismo. — Nada a ver com o fato de que o time está envelhecendo e assolado por contusões nas últimas temporadas? Final de uma era, se quer minha opinião.

— Morda sua língua — ela diz, mas tem um ar brincalhão em seus olhos. — Você pode acabar indo para o Lakers. Já pensou nisso?

— Quem sabe onde vou acabar? — Eu viro meu sorriso para ela. — Estou torcendo para o Stingers.

— Baltimore? — Ela franze a testa antes de falar: — Ah! A sua cidade natal, né?

— Quer dizer, aconteceu com o LeBron em Cleveland. Ele jogou onde foi criado, pelos Cavs.

— Verdade. Você quer ficar perto de casa? Você é um filhinho da mamãe?

Minha gargalhada cobre os comentaristas na TV analisando a perda do Lakers no fundo.

— Minha mãe é ótima, mas isso não me manteria perto de casa. — Eu encaro o meu copo de refrigerante ao invés de olhar para ela, um pouco desconfortável em explicar minhas razões. — Eu só quero fazer algo pelo lugar que fez tanto por mim. Eu participava do Clube de Garotos e Garotas. Tive professores maravilhosos, especialmente no fundamental II quando

muitos dos meus amigos começaram a sair dos eixos. O centro comunitário foi o lugar onde me apaixonei pelo basquete.

Meu rosto fica vermelho de embaraço, mas dou de ombros.

— Toda minha infância foi lá, e aquela comunidade tornou tudo muito melhor.

Na batida do silêncio logo após dizer aquilo, olho para cima e deparo com um pequeno sorriso no rosto dela, bem como um olhar acolhedor que se conecta ao meu.

— Isso é legal — ela diz simplesmente, e fico feliz de ela não fazer uma grande coisa disso, mesmo sendo claro que é importante para mim. — Então, você está pronto para o draft?

Fico feliz pela mudança de assunto. Não tem muita chance de eu ir para Baltimore, e não deixo muitas pessoas saberem o quão importante isso seria para mim.

— Estou, mas tudo está acontecendo muito rápido. — Uma risada seca arranha minha garganta. — A NBA era uma distante fantasia quando eu estava no oitavo ano. Agora está bem aqui, e a não ser que algo dê muito errado, está realmente acontecendo. Eu só espero...

Minhas palavras desaparecem, mas a incerteza continua. Não é nem sobre a minha habilidade de jogar no próximo nível. Sei que estou preparado para isso. É tudo que vem com isso que não tenho certeza se estou preparado para enfrentar.

— Você vai se dar bem. — Seus dedos finos fecham sobre a minha mão, segurando o copo. — Você será um jogador maravilhoso.

Somente aquela leve pressão, somente vendo a mão dela na minha, é bom. Algo sobre essa visão alinha o desnível que tenho sentido o dia todo e

libera palavras que não disse para ninguém.

— Eu quero ser mais do que somente um jogador. Eu quero usar meu diploma. Quero um negócio. Quero uma família. — Parece ser uma confissão. — Ser um bom marido. Um bom pai. Esse mundo onde entrarei em alguns meses, eu já o vi devorar caras. Nós trabalhamos em direção a isso nossa vida inteira, e uma contusão, idade, uma troca ruim de time, o que quer que seja, pode acabar com isso do dia para a noite. Se o jogo tiver engolido as suas prioridades, o transformando em alguém que você nunca quis ser, qual é o sentido disso? — Eu rio timidamente. — Eu provavelmente pareço...

— Você parece bom demais para ser verdade — ela interrompe, sua mão ainda sobre a minha. — Caras na sua posição, na noite anterior a um grande jogo, prestes a ser convocado... Essas não são coisas que a maioria deles está pensando.

Ela apoia o queixo na palma de sua mão livre, um pequeno sorriso aparecendo lentamente em sua boca.

— Você é especial. — Ela morde o lábio, retirando sua mão da minha, baixando os olhos para o balcão arranhado por milhões de copos e milhões de momentos antes do nosso. — Estou feliz por ter te conhecido.

Isso parece, sem dúvida, o início de uma despedida. Como se ela estivesse pronta para fechar a porta nesse capítulo surreal.

Não posso deixar isso acontecer. Uma noite como essa, uma conexão como essa, é singular. Depois do jogo de amanhã, meu futuro será literalmente uma pequena bola quicando na Loteria de Convocação da NBA. Eu talvez acabe jogando para um time que não gosto, vivendo em um lugar que nem pude escolher.

Mas hoje à noite, eu tenho controle. Tenho escolhas, e eu a escolho.

Conhecê-la melhor. Cortejá-la. Ganhar sua confiança. Tudo que preciso é de tempo.

Mas tempo parece ser a única coisa que não tenho.

— Fechando. — O barman puxa nossos copos vazios na direção dele e seca a superfície na nossa frente. — Vocês não precisam ir para casa, mas precisam cair fora daqui.

Eu não tinha notado o bar esvaziando ao nosso redor, mas somos quase os últimos aqui.

— Boa sorte amanhã, West — o barman diz, empurrando duas contas pelo balcão agora limpo.

— Obrigado. — Eu levanto e pego ambas antes que ela possa olhar a dela.

— Me dê isso. — Ela se joga na minha direção, mas seguro a conta acima da cabeça, completamente fora do alcance dela.

Ela tropeça em mim, seus seios macios pressionando contra o meu peito. Eu quero colocar meus braços em volta das linhas e curvas sensuais que formam o corpo dela. Com a conta dela ainda sobre a minha cabeça, escorrego minha outra mão pelas costas suaves, investigando a forma por baixo da camiseta baby-look. Coloco a mão na curva de sua cintura, a puxando alguns centímetros mais perto até que o calor de seu corpo, seu cheiro único, me envolvem.

Ela pisca e arregala os olhos, surpresa, os tons verdes e dourados sendo obscurecidos pelo preto. Desejo explode em suas íris. Nós mal reconhecemos a corrente zumbindo entre nossos corpos, a eletricidade correndo por baixo da superfície da nossa conversa fácil, até agora. Até que consegui atraí-la contra meu corpo com um pequeno pedaço de papel.

— Me deixe pagar pela sua bebida. — Eu não consigo lembrar de ter desejado uma mulher do jeito que estou fazendo agora. Não quero somente enfiar minhas mãos em todo aquele cabelo escuro, ou descobrir por conta própria o quão doce são os seus lábios, ou explorar seu corpo. Eu quero mais de suas memórias, seus segredos, aceitar um convite que ela não fez para mais ninguém.

Seus cílios abaixam, escondendo os olhos dos meus, mas ela não pode ocultar a resposta de seu corpo, a maneira onde todos os seus lugares macios parecem se moldar aos meus, duros e inflexíveis. Como sua respiração falha em seus lábios ofegantes.

— Ah, tudo bem... — Ela chega para trás até não estarmos mais nos tocando, removendo um pouco da rouquidão de sua voz antes de continuar: — Obrigada. Eu podia... bom, obrigada.

Nenhum de nós dois fala em nosso caminho para a porta. Eu me encontro diminuindo o ritmo para acompanhar seus passos, muito mais curtos. Nós observamos um ao outro pelo canto do olho, o silêncio entre nós pulsando com possibilidades. Do lado de fora, estamos protegidos embaixo de um toldo com a ainda agitada cidade logo após nosso trecho da calçada. Dentro, envolvidos por pessoas e barulho e a ação do jogo, a conversa veio tão sem esforço. As confissões e admissões que nunca tinha feito para outra pessoa derramaram de dentro de mim. E agora, somos somente nós, e não tenho certeza do que dizer para mantê-la aqui, mas sei que o que estou sentindo, o que estávamos fazendo, não pode acabar hoje.

Tem essa parte em *Espanglês*, um dos filmes do Adam Sandler. Ele e a babá de seus filhos jantam nesse restaurante. É somente uma refeição, algumas horas. O narrador, a filha da babá, diz:

— Minha mãe frequentemente se referia àquela noite no restaurante como a conversa da sua vida. — Eu tenho quase certeza de que revirei os olhos quando escutei isso e disse para mim mesmo: — Essa foi uma bela de uma conversa.

Mas agora, com ela, à beira de uma despedida, tudo em que posso pensar é... essa foi uma bela de uma conversa.

A luz dos postes e da lua iluminam coisas que o escuro do bar escondia, o âmbar em seu cabelo que pensei ser somente preto, o comprimento de seus cílios projetando sombras em suas bochechas enquanto ela observa o chão. Nós dois parecemos estar procurando por palavras. É como se tivéssemos nos amontoado nas últimas horas de tal forma que não existem mais palavras, nenhuma para mim, de qualquer jeito. Tudo que tenho é emoção. *Desejo*. Eu desejo tocá-la, beijá-la. Eu preciso de algo físico para confirmar que esse encontro realmente aconteceu. Que esse não é o fim.

Quando você é bem mais alto que uma garota, é difícil iniciar um beijo suavemente, então não tento ser suave. Mas sou cuidadoso. Eu levanto o queixo dela com um dedo, persuadindo-a a me olhar nos olhos. Eu seguro sua bochecha e abaixo minha cabeça até estar pairando sobre esses lábios que pareciam tão macios, e tenho que me segurar para não devorá-los. Eu preciso controlar meu desejo de saboreá-la neste momento. Meu corpo acelera, reivindica. Meu coração bate contra as minhas costelas. Meu pau está duro. Desejo fervilha em cada célula do meu corpo.

— August. — Ela afasta o queixo da minha mão e pressiona a mão no meu peito, não para explorar. Para gentilmente me empurrar. Eu seguro a respiração, esperando para ver o que ela quer dizer, com esse pequeno espaço que colocou entre nós.

Sua cabeça cai para a frente até que a escura nuvem do seu cabelo esconde seu rosto, esconde sua expressão.

— Desculpa. — Ela dá um passo para trás, passando a mão pelo cabelo. — Eu não posso.

Eu quero trazê-la para perto de mim novamente.

— Está tudo bem. Eu entendo, claro. Nós acabamos de nos conhecer.

Entrelaço nossos dedos. Mesmo aquele breve contato mexe com os meus sentidos. Eu verifico o rugido de meu corpo, torcendo para minha ereção não me trair.

— Nós podemos só conversar. Nós podemos ir para a sua casa, se você não estiver longe. — Eu levanto o queixo dela para poder ver seus olhos. Para ela poder ver que estou sendo sincero. Mesmo com o absoluto inferno revolto por baixo da minha pele, é o suficiente. — Nós podemos fazer o que você quiser.

Um pouco, muito... vamos só continuar fazendo alguma coisa. Vamos só não parar.

— Eu não posso. Nós não podemos. — Com uma vigorosa sacudida da sua cabeça, ela dá outro passo para trás, inserindo espaço entre a gente. — Eu tenho um namorado, August.

Merda.

Eu não devia estar surpreso de ela ser comprometida. A garota é linda, engraçada, inteligente e autêntica. Ela tem todos os adjetivos que eu usaria para descrever a garota perfeita para mim. Ela é até as coisas que eu não sabia que queria. Mas agora sei, e não posso tê-la.

Um buraco se abre dentro de mim, maior e mais fundo do que

deveria ser, considerando que mal a conheço, mas ele está lá. E a cada segundo, ele se enche com decepção e oportunidades perdidas.

— Então... é sério? — Eu me encolho internamente. Se existe algo mais imbecil do que tentar beijar a garota de outro cara, seria perguntar, em palavras, se ela tem certeza de que quer continuar fiel a ele.

— É. — Ela morde o lábio inferior. — Nós estamos namorando há mais ou menos um ano.

Ela finalmente olha para mim, e pelo menos o conflito em sua expressão, o duelo refletido em seus olhos, me asseguram de que não estou imaginando a atração entre nós.

— Eu deveria ter falado desde o início, mas teria sido estranho. — Ela sorri tristemente. — Eu teria soado como se estive deduzindo que você queria mais que...

Nós encaramos um ao outro em um silêncio abundante com coisas que eu não deveria dizer.

— Eu quero mais que... — Eu consigo sorrir, mas estou frustrado e não só sexualmente. Eu estava completamente devastado que outro cara a tinha encontrado antes de mim.

— Desculpa. — Ela coloca as mãos nos bolsos de trás de sua calça jeans. — Eu estava gostando tanto da nossa conversa. Eu não queria... espero que não tenha dado outra impressão.

— Você não fez isso. — Eu também coloco as mãos no bolso, para evitar tocá-la novamente. — Pelo menos fiz uma nova amiga.

Amiga.

Isso parece vazio comparado com o que pensei que poderíamos ser, mas não posso exigir mais. Não posso *fazê-la* me dar mais. Estou às vésperas

de algo que a maioria dos homens pode somente sonhar, e essa garota de olhos brilhantes me fez sentir desamparado.

— É. — Seu rosto relaxa um pouco com um sorriso. — Um amigo.

— E você me ajudou a tirar o jogo de amanhã da cabeça.

Assim que digo isso, nossos olhos se arregalam. Eu olho no relógio, temendo a hora.

Porra.

Toque de recolher.

Eu estava tão absorto por essa garota, que esqueci o toque de recolher antes do maior jogo da minha vida?

É, eu estava.

— Ai, meu Deus. — Seus olhos estão ansiosos, preocupados. — O jogo. Você perdeu o toque de recolher.

A fome, a quentura, a certeza entre nós me fizeram jogar todos os outros pensamentos de lado, mas eles invadem agora. Toque de recolher. O resto do time, dormindo e dentro do hotel. O jogo de amanhã.

— Você vai ter problemas? — ela pergunta, franzindo a testa.

— Não será a primeira vez que terei que me esgueirar — eu digo para ela com mais confiança do que realmente sinto. O maior jogo da minha vida, e perdi a hora com uma garota em um bar.

Mas que garota...

Olhando para ela, reprisando cada momento, cada piada, cada memória que nós compartilhamos nas últimas horas, eu não me arrependo.

— Me deixe pelo menos te acompanhar até a sua casa. — Toque de recolher ou não, não tem a mínima chance que vou deixá-la ir sozinha.

— Não. Estou bem perto.

Essa parte da cidade é completamente comercial pelo que posso ver, não residencial.

— Seu apartamento é aqui perto? Ou você está ficando em um hotel?

Ela mora aqui? Está visitando? Uma estudante? Ela está na cidade para o jogo? Ela estará aqui amanhã? Ela quer ingressos para me ver jogar? Todas as coisas sobre as quais conversamos são de repente menos importantes do que todas as coisas que nunca disse. Eu não sei nem o nome dela. “Gumbo” não me levará muito longe depois de hoje. Pânico aperta meu corpo. Mesmo que isso nunca seja mais do que o que tivemos hoje – a honestidade, o humor, conforto, empatia –, eu quero continuar com ela. Eu até aceitaria uma terrível palavra: amizade.

— Vou te levar em casa — eu insisto.

— Eu ficarei bem. — Ela olha para o chão e de volta para mim. O fim está nos olhos dela. Eu vejo o adeus, e quero pará-lo antes que chegue aos lábios dela, mas não paro.

— Adeus, August. Boa sorte amanhã. — Ela se vira e começa a andar pela calçada.

Eu quero ir atrás dela. Segui-la e descobrir onde ela vive ou onde está hospedada. Mesmo sabendo que algum bastardo sortudo a encontrou antes, não posso pensar em nunca mais ter a chance de encontrá-la novamente.

— Ei, espera — eu a chamo, forçando meus pés a não seguir logo atrás dela. — Você deveria pelo menos me dizer o seu nome. Você realmente quer que eu pense em você como Gumbo para sempre?

Ela se vira para mim, mas continua andando de costas,

progressivamente colocando espaço entre a gente. Entre essa noite e o resto de nossas vidas. Malícia entra em seus olhos, e um pequeno sorriso em seus lábios me faz pensar por um terrível momento que ela não me dirá.

— É Iris — ela diz para mim. — Meu nome é Iris.

Eu fico parado, absorvendo o som de seu nome, absorvendo o olhar em seu rosto quando ela anda para longe da minha vida com tão pouca pompa quanto entrou. Seu sorriso desvanece, e ela está me encarando como se quisesse lembrar do meu rosto, como se também não fosse esquecer essa noite. Como se talvez, irracionalmente, inegavelmente, essa noite tenha significado para ela o mesmo que para mim. Se ela sentiu isso também, essa conexão, ela não pode ir embora, mas está indo. Eu a conheço há apenas algumas horas. É irracional o desespero que aperta meu peito e me faz arfar, como se eu estivesse correndo.

Exceto, que estou parado. E ela ainda está andando.

Andando e virando a esquina, fora das minhas vistas.

Ela leva minha esperança por algo mais quando se vai.

[1] Momento onde os atletas são selecionados para os times.

[2] NOLA: Um dos apelidos de Nova Orleans.

[3] Forma de chamar os negros nascidos na cidade.

[4] Termo francês que significa rio pequeno. No sul dos EUA é utilizado para designar a massa de água formada por antigos trechos do rio Mississippi.

[5] Célebre quote de um episódio da Vila Sésamo. Até hoje é usado como meme.

[6] Nono Distrito é o maior bairro em Nova Orleans. E o que foi mais afetado pelo Katrina.

[Z] Referência à cor do uniforme do Lakers.



CAPÍTULO 2

IRIS

Antecipação preenche a arena, cada respiração fazendo meu coração acelerar ainda mais rápido. Estou nos melhores assentos que o dinheiro nem precisou comprar no Campeonato da NCAA, e mesmo assim basquete é a última coisa na minha mente.

— Você está tão nervosa quanto uma lagosta viva numa panela de água fervendo. — As palavras de Lotus são como água fria jogada no meu rosto. Estou dando tanto assim na cara? Eu me sinto óbvia, como se tivesse um imenso letreiro de neon piscando sobre a minha cabeça. Eu fico me dizendo que nada aconteceu ontem à noite com August. Eu não tenho nada para me sentir culpada, mas culpa corrói meu raciocínio.

— É um jogo importante para Caleb. — Dou de ombros, torcendo para parecer mais casual do que me sinto. — Claro que estou nervosa por ele.

— Eu entendo isso — Lotus diz. — Mas você está completamente agitada. Continue sacudindo seu joelho desse jeito, e você vai causar um

terremoto aqui.

Mesmo depois de ela dizer isso, meu joelho não consegue parar, meu pé batendo em um ritmo errático no chão do estádio.

— Bo, que porra é essa? — Lotus exige saber, usando o apelido reduzido para Gumbo, da maneira que só ela faz. Ela pressiona a mão no meu joelho, o forçando a parar. — Sério, eu sei que essa é uma grande noite para Caleb, mas relaxa.

Eu olho para a quadra, procurando o meu namorado no aglomerado de jogadores arremessando e se aquecendo antes do maior jogo da vida deles. Eu não quis distraí-lo antes do jogo contando que eu havia conhecido August West, mas o que direi depois? Uma conversa em um bar durante um jogo do *Lakers* não é grande coisa, mas de algum jeito, sei que Caleb não irá concordar.

— Você está me escutando? — A preocupação nos olhos escuros de Lotus me fazem parar de pensar.

— Sim. Desculpa. — Finalmente dou minha completa atenção a ela. — Eu vou tentar relaxar.

Ela analisa meu rosto, e me obrigo a não olhar para o lado. Tranças se espalham sobre seus ombros e braços. Maçãs do rosto altas e inclinadas, e um queixo estreito dão ao seu rosto uma qualidade quase felina. Ela é magra e emana força. Não tenho certeza se é a saliência de sua mandíbula, seu queixo obstinado, ou seus olhos inteligentes. Ou talvez seja algo embaixo de sua pele, construído em seus ossos.

Nós viemos de uma longa linhagem de altas sacerdotisas famosas da Louisiana. Nossa bisavó MiMi[8] foi a última delas. Sua filha, nossa avó, não tinha o desejo de ficar na relativa reclusão de uma pequena paróquia no

bayou, mas queria a excitação de Nova Orleans. Um fosso cresceu entre a MiMi e as outras mulheres da família, e parece que os poderes místicos irão morrer com ela quando ela deixar essa terra. Mas, às vezes, sou capaz de jurar que enxergo traços dela na Lotus.

Minha pele pode ser vários tons mais claros que a suave cor de canela da dela, mas nós nunca deixaríamos um pouco de melanina e nosso um ano de diferença ficar entre nós. Nós precisávamos muito uma da outra. Lotus é a minha constante, e eu sou a dela.

Mesmo nos anos em que ela viveu no bayou com a MiMi e eu fiquei na cidade, os quilômetros entre nós não enfraqueceram nossa ligação. Mesmo nunca escondendo nada dela, não falei uma palavra sobre minha conversa de ontem com August.

A multidão gritando, as líderes de torcida com suas roupas curtas, e o enxame de câmeras e comentaristas na periferia da quadra, tudo some. E eu me lembro da noite passada. O boné de August oferecia um pequeno disfarce, mas eu o reconheci assim que ele se sentou ao meu lado. O corpo longilíneo e poderoso, o queixo quadrado e os lábios esculpidos, a pele bronzeada – características físicas que o delatavam.

Caleb já tinha falado sobre August, claro, e sei bastante sobre o jogo dele porque me mantenho atualizada sobre esportes. A mídia se fixou nele durante o March Madness enquanto o time dele continuava a improvável rota para as semifinais. Caleb e August vêm competindo um contra o outro desde o ensino fundamental e não são exatamente amigos.

Nada disso me preparou para quem August West é na realidade. Descobri uma profundidade nele que era surpreendente e revigorante. Sua vulnerabilidade foi tão inesperada e conflituosa com a força de sua imagem

pública. Talvez seja a vulnerabilidade que intensifique sua força.

Uma dúzia de vezes, pensei em dizer que era a namorada do Caleb. Eu tenho que admitir, pelo menos para mim mesma, que não revelei antes porque achei que ele talvez fosse embora. Eu estava gostando muito da conversa, e essa era a última coisa que eu queria que acontecesse. Não importa, já que provavelmente nunca mais o verei.

Eu passo a mão pelo cabelo, alisado e sob controle do jeito que Caleb gosta. Eu fiz um sacrifício a mais hoje à noite porque esse é um marco tão grande para ele. Até usei a roupa que ele pediu, a que ele me deu no meu aniversário, mesmo mostrando mais do meu corpo do que eu mostraria normalmente. Se dependesse da minha escolha, teria usado a camisa dele, um par de calças jeans e Chucks.

Não, Jordans.

Eu mexo meus dedos dentro da bota que combinei com essa saia mais do que justa. O top é cortado logo abaixo dos meus seios, deixando minha barriga completamente de fora. Lotus diz que estou bonita, mas essa não é a questão. É a porcaria de um jogo de basquete, não um clube noturno.

— Ei, ali está o seu garoto — ela diz, acenando com a cabeça na direção da quadra. — E ele parece tão nervoso quanto você.

Lotus está certa. Há uma tensão na expressão de Caleb e nos seus ombros que não são uma boa coisa para seu arremesso. Ele olha pela arena inteira, procurando por algo. Somente quando ele me acha e sorri é que percebo que ele estava procurando por mim. Eu coloco minha culpa e nervosismo de lado a tempo suficiente para dar um sorriso para ele, a segurança que sei que ele precisa hoje à noite.

— Os pais dele não estão num desses camarotes chiques? — Lotus

direciona o olhar para os camarotes VIP elevados sobre o resto da arena.

— Sim, mas gosto de me sentar na arquibancada — eu digo para ela. — E Caleb gosta de me ver aqui.

Eu mando um beijo para ele, e seu sorriso aumenta, iluminando o belo rosto. Caleb é da mesma altura que o August, um metro e noventa e oito, e tem um corpo tão poderoso quanto. Seu cabelo loiro, pele bronzeada, e olhos quase azul-escuros fazem dele quase que literalmente o garoto de ouro do basquete universitário. Não tem nada que indique que ele não será tão popular quanto na NBA.

Ele se vira para praticar alguns passes. Ele precisará de toda a prática que puder, se for fazer mais pontos que o August hoje à noite, mas honestamente não sei se ele consegue. Eu detesto duvidar dele, mas nós não vemos um arremessador de três pontos como August há tempos. O time de Caleb é o campeão atual. Ele ganhou seu anel ano passado, mas sei que derrotar seu antigo rival, para ganhar outro, seria especialmente prazeroso para ele.

— Aquele cara te ama, garota — Lotus diz. — E nunca pensei que algum cara pudesse te tirar da biblioteca.

— Nem eu.

Eu tinha uma bolsa de estudos para manter e não seria distraída por nenhum cara. Estava trabalhando no caixa quando Caleb entrou na livraria precisando de um livro para a aula de psicologia. Ele voltou todas as manhãs por semanas, com um copo de café para mim, até que eu aceitasse sair com ele. Ele é praticamente uma celebridade no campus, então claro que fiquei lisonjeada. Mas não levei o interesse dele a sério. Achei que ele era exatamente o tipo de cara que eu precisava evitar, mas ele me venceu pelo

cansaço e me provou estar errada. Nós ríamos juntos. Nós conversávamos sobre basquete. Ele me tratava bem e me fazia sentir especial.

— Você pegou um peixe grande, como nossas mães diriam. — A mesma amargura em relação a homens que passaram pela minha vida refletia na voz de Lotus. — Agora é só mantê-lo.

— Na verdade, é ele quem está tentando me manter. — Eu faço uma careta ao ver como isso soa. — O que quero dizer é que você sabe que gosto do Caleb.

— Claro — Lotus diz, me observando de perto.

— É que recentemente, parece que ele está pedindo por muito mais coisas.

Eu hesito, não querendo pintar Caleb em uma luz negativa, mas Lo levanta as sobrancelhas e acena com a cabeça me encorajando a continuar.

— Ele vem dando dicas sobre casamento e quer que eu me mude com ele para a cidade em que for convocado.

— Mas e se as suas oportunidades não estiverem em qualquer que seja a cidade para onde ele for? — Lo franze as sobrancelhas. — Ele sabe que você quer seguir sua carreira em marketing esportivo, certo?

— Claro. Sim, sempre fui clara em relação a isso — eu digo. — Mas agora com o draft se aproximando, ele não quer um relacionamento de longa distância, então o assunto sempre vem à tona.

Sempre planejei o meu caminho na direção oposta ao da minha mãe. Independência. Não ser dependente de um homem. Fazer meu próprio caminho. Se tem uma coisa que sei sobre o meu caminho, é que tenho que continuar nele.

— Bem, por falar nisso... — Lotus me acotovela. — Seu futuro

sogro está vindo em nossa direção. — Ela acena com a cabeça na direção do pai de Caleb e seu primo, se aproximando pelas arquibancadas lotadas, parando de vez em quando para sorrir e conversar.

— Você pode parar de falar isso? — Eu suspiro irritada. — Já é ruim o suficiente todo mundo pensar que eu e Caleb já estamos praticamente noivos.

— Escutando a tia Priscila falar, você estará casada e grávida até o Natal.

— Grávida? — Fecho a cara. — A mamãe ia amar isso. Quanto mais bem colocado ele sair na convocação, mais ela vai querer um neto para prendê-lo para a vida toda. Essa é a última coisa em que estou pensando. Um bebê agora arruinaria os meus planos.

— Qual é a pressa, afinal de contas? — Lotus ajusta uma mecha de cabelo até ela ficar comportada no meu ombro. — Por que Caleb quer tanto se casar?

— Eu sei. O que tem de errado com um relacionamento à distância? Eu não estou pronta para me casar. É muito cedo.

— Você o ama? — Os olhos de Lo observam a minha expressão.

— Claro. — Dou de ombros, olhando para os meus joelhos. — Quer dizer, nós dizemos isso um para o outro, mas isso significa que ele é o homem certo? Eu não sei. Nós estamos namorando há um ano. Nós começamos como amigos, e ele é lindo, inteligente e atencioso. Eu seria louca de não o amar, certo? Ele é perfeito.

Lotus coloca a mão sobre a minha.

— Ei, olhe para mim.

Eu olho para ela, preparada para o que está prestes a dizer.

— Não importa se ele é perfeito, Bo, se ele não for perfeito para você. Ela aperta meus dedos. — Você precisa de um cara que respeite suas ambições e seus sonhos.

— Eu acho que Caleb pode ser esse cara.

Mas mesmo dizendo isso, me pergunto se é verdade. Se as minhas ambições me levarem para um lugar, e Caleb para outro, iria ele esperar que eu o seguisse? Iria eu perdê-lo, caso contrário? Espero não ter que escolher. Eu sei o quão importante o basquete é para ele, mas ele realmente entende o quão importante meus sonhos são para mim?

— Só tenha certeza — Lotus diz, dando um sorriso falso e olhando sobre o meu ombro. — Enquanto isso, aí vem o papai.

— Boa noite, senhoritas — o pai de Caleb diz, finalmente parando à nossa frente.

O sorriso de Donald Bradley é sempre cuidadosamente coordenado como suas gravatas e ternos sob medida. A palavra que vem à mente é calculista, como se ele estivesse somando e subtraindo para determinar quanto do tempo e atenção dele você merece. Seus movimentos são suaves, mas ele tem uma rigidez que me faz imaginar se existe realmente um coração batendo embaixo daquela camisa de seda. Ele parece muito com Caleb fisicamente – o mesmo cabelo dourado e olhos azuis –, mas Caleb não tem aquela rigidez suave. Ainda não.

É um sussurro que tento ignorar. O pensamento de Caleb evoluir em seu pai faz com que eu sinta um nó apertado no estômago.

— Olá, Sr. Bradley. — Eu olho para o homem ao lado dele, forçando um sorriso para o primo de Caleb. — Olá, Andrew.

— Oi — Andrew responde educadamente.

Neutro é a palavra que sempre associo a ele. Ele está na faculdade de medicina, então sei que tem seus próprios talentos, mas ao lado da vitalidade de seu primo estrela, tem algo... sem sal, sem vida, sobre ele. Como se ele fosse corresponder a qualquer coisa que esteja em volta dele, absorver o que precisa em qualquer situação. Talvez essa não seja a pior coisa, mas faz com que fique difícil entendê-lo. Quando você cresce com uma série de “tios” nojentos na sua casa, como eu cresci, você aprende a “ler” as intenções dos homens. O que me faz ser desconfiada a respeito de Andrew, é que nunca consigo ler as dele.

— Vocês duas são bem-vindas a se juntarem a mim e a Bárbara no camarote — Sr. Bradley diz. — Nós temos um banquete lá para celebrar depois que o meu garoto vencer hoje.

— Estou bem aqui, por agora. — Eu tento aquecer meu sorriso. — Eu gosto de ficar perto da ação.

— Eu tenho certeza de que Caleb quer te ver nas arquibancadas. — Ele me olha com firmeza. — Mas hoje à noite na festa, circule um pouco pelo ambiente. Uma bela esposa é um grande patrimônio para um homem como Caleb. Nós temos tanto trabalho para fazer fora da quadra quanto fazemos dentro dela.

Eu cerro os dentes. Tenho tantas coisas que quero fazer antes de me estabelecer. E nesse momento, nenhuma delas envolve ser uma esposa-troféu para um jogador.

— Apoiarei Caleb de toda forma que eu puder — eu digo. — Assim como tenho certeza de que ele vai apoiar as coisas que quero conquistar.

Sr. Bradley sorri satisfeito e dá um tapinha no meu ombro.

— Existem várias instituições de caridade e comitês para as esposas de jogadores, das quais tenho certeza de que você vai gostar.

— Nós veremos se realmente terei tempo para isso — eu digo para ele. — Eu me inscrevi em vários estágios, incluindo um no *St. Louis*.

Eu não preciso esperar muito por sua reação.

— St. Louis? — Suas grossas sobrancelhas se juntam acima de seus olhos. — Meu time?

Sr. Bradley, já no Hall da Fama como jogador, é o diretor executivo do time de expansão do St. Louis. Ele fez com que várias equipes saíssem do zero para se tornarem aptas a serem campeãs.

— St. Louis é um dos times onde vou fazer entrevista, sim. — Escondo um sorriso satisfeito.

— Você deveria provavelmente esperar e ver para onde Caleb será convocado, antes de fazer qualquer compromisso — ele diz, seu tom paternalista. — Você irá querer saber onde ele vai parar.

— Eu, na verdade, estou na última etapa seletiva em alguns estágios — eu digo, mantendo uma expressão plácida. — Então nós vamos ver onde eu vou parar.

Ele estreita os olhos e inclina a cabeça, me observando como se eu fosse um preocupante quebra-cabeças. Minhas peças não estão encaixando do jeito que deveriam. A maioria das garotas entraria de cabeça na chance de assegurar um futuro com um jogador da NBA. Então por que estou hesitando em me casar com seu menino de ouro?

— Bem, melhor voltarmos para nossos convidados. — Ele acena com a cabeça em direção a um túnel próximo. — Te vejo no camarote depois do jogo. Vamos lá, Andrew.

Com um último olhar, Andrew se vira e o segue.

— Você vai entrar em uma família fodida. — Lotus treme, se sacudindo.

— Eu não vou me casar... — Há uma provocação nos olhos dela. — Pare de encher meu saco.— Mas com a minha carga pesada de trabalho na escola, é uma das poucas diversões que tenho na vida.

— Procure outro trabalho.

Nós compartilhamos um sorriso, e ela passa o braço pelo meu, apoiando a cabeça no meu ombro enquanto observamos as atividades de antes do jogo. Mascotes de ambos os times correm pela quadra, usando trampolins para enterrar as bolas. Uma câmera do beijo circula, e Lotus e eu não conseguimos parar de rir quando um casal de idosos se beija como adolescentes embaçando o vidro traseiro de um carro.

E então eu o vejo. Eu não tinha me permitido procurar por August desde que os jogadores entraram na quadra para o aquecimento. Não estou tão perto, e o lugar estava tão lotado que nem uma mosca conseguiria entrar. Mesmo assim, fico com medo de ele me ver.

Eu poderia estar me preocupando por nada. Quer dizer, ele deve ter garotas o perseguindo o tempo todo. Uma garota irrelevante que ele conheceu em um bar é completamente fácil de esquecer.

Exceto que não pareceu sem importância. Não as coisas que compartilhamos ou o olhar em seu rosto quando fui embora. Nada disso foi irrelevante. E mesmo sabendo que eu deveria esquecer, não consigo parar de me lembrar.

Minha mãe costumava dizer que era necessário um pé-de-cabra para me abrir, mas com August, eu me surpreendi. Não segurei nada. Quando

foi a última vez que falei tão abertamente com alguém além de Lo?

Na quadra, ele fica de frente para um companheiro de time, quicando duas bolas, uma em cada mão, sua postura relaxada. Ele ri de alguma coisa que o outro jogador diz, seus lábios estendidos em um lampejo de humor e carisma. Uma arrogância indolente se prende nele como sua bermuda de basquete, simples e folgada, mas uma mal velada energia estala em volta dele. Ele tem uma capacidade física superágil e um poder latente prestes a explodir.

Em um instante, ele muda da camaradagem com os outros jogadores para a sua conhecida precisão em arremessar, que o tornou um jogador a ser reverenciado pelos especialistas em basquete durante todo o torneio. Olhos no aro, ele acerta seis cestas de três pontos em rápida sucessão. Do pulso ao bíceps, um de seus braços está envolto em uma manga de compressão que alguns jogadores usam para manter os músculos aquecidos e aumentar a circulação. Algumas tatuagens coloridas colore o outro braço, mas a mais proeminente é uma bola em seu ombro, com o número trinta e três. É o número da sua camisa, mas me lembro de ouvir que também era o número de seu pai.

Ele ainda não está usando sua camisa, e quando joga a bola de uma mão para a outra, levantando os braços sobre a cabeça e se alongando, sua camiseta levanta, expondo uma parte de seu abdome trincado.

Minha respiração falha. Meu corpo encostado no dele ontem à noite, a conta sobre sua cabeça. Seu peito e braços duros como pedra. As mãos e olhos gentis. A força e calor dele, seu cheiro, tudo sobre ele me fez querer chegar mais perto. Ficar o mais perto que eu podia. Eu queria beijá-lo. A origem dessa culpa não era o que fiz com o August. Era o que eu queria

fazer. O que senti.

Ele olha para as arquibancadas em nossa direção, e meu coração para por um instante. Eu tensiono, tanto pela memória desses olhos fixados em mim quanto pelo medo de ele me ver nesse momento.

Seu técnico grita, chamando o time para o banco. Eu deveria estar aliviada por não ter sido vista por ele, mas uma perversa, masoquista parte de mim, deseja que ele saiba que estou aqui.

Meus olhos procuram por Caleb na quadra, e espero sentir algo visceral como senti na noite passada com o August. Estou feliz em vê-lo. Estou orgulhosa dele. Estou feliz por ele, mas isso não faz com que meu coração pareça estar preso em uma pipa voando no céu. Meus pés estão firmemente plantados no chão. Meu corpo não entra em curto-circuito. Quando foi a última vez que Caleb me deixou sem fôlego com pouco mais que um olhar, um toque? Por falar nisso, quando foi a última vez que quis dizer tantas coisas para ele, que nunca tinha tempo para isso?

Investi um ano em Caleb, e nós estávamos felizes. Depois de encontrar August West uma vez, estou questionando isso?

— Então o que você vai fazer? — Lo pergunta suavemente, interrompendo meus pensamentos. — Sobre essa situação com Caleb, quero dizer. Se ele quer mais do que você quer... o que você quer?

Eu viro a cabeça para estudar minha prima.

— Por que tenho que saber nesse instante? — respondo sem realmente responder. — Estou prestes a me formar na faculdade. Esse deveria ser um momento seguro para explorar, quando ainda tenho tempo para descobrir sozinha o que é a vida. Nós não podemos só namorar? Eu não tenho certeza ainda do que quero, e isso não deveria ser um problema.

Quanto mais perto chegamos do futuro, mais sinto o peso das expectativas de Caleb, ditas e não ditas. Só espero que não sejam tão pesadas a ponto de nos esmagar.

— Não deixe ele te apressar, garota — Lo diz. — Melhor nenhum homem do que o errado. Nós vimos isso em primeira mão.

Como seriam nossas vidas se a minha mãe tivesse se casado com um dos patifes que pagavam nosso aluguel? Tirando Telly, eu geralmente estava feliz de vê-los ir embora. Se ela tivesse se casado com um desses homens, sei que no lugar da segurança que ela imaginava, teria sido uma armadilha.

Quando o jogo está correndo e o meio-tempo se aproxima, sei que o time de Caleb está em perigo. Não é no placar, porque estão somente cinco pontos atrás, ainda fácil de alcançar. E a performance de Caleb não deveria me fazer duvidar dessa possibilidade. Ele já está perto de um triplo-duplo[9]. Minhas reservas não têm nada a ver com Caleb e seu time, e tudo a ver com August e o dele. Tem um fator X em esportes, e provavelmente na vida, que não aparece em estatísticas ou placares. Jordan tinha. Kobe também. É aquele instinto assassino de “ninguém vai me parar”. Quando um jogador tem isso, ele irá amarrar o time todo em suas costas se isso for o necessário para vencer.

Esse instinto assassino grita por todos os poros de August West.

Nunca o tinha visto jogar ao vivo, senão eu já saberia disso. Está nos olhos dele todas as vezes que ele encara Caleb no mano a mano, o sorriso torto que diz que August gosta de provocá-lo. Cada vez que ele para do nada e gira fora do alcance de Caleb para fazer uma cesta, ele se insinua mais profundamente na cabeça dele. E é aí onde o jogo está perdido, no fim das

contas, se nada mudar no segundo tempo. Se eu fosse o técnico, colocaria outra pessoa para marcar August, pois o Caleb não pode. Suspeito que ele mesmo tenha pedido para marcá-lo, sentindo que tinha algo a provar.

Ele não está provando nada.

Se eu pudesse ter cinco minutos a sós com ele, talvez pudesse ajudar. Ele já me disse antes que sempre pensa em mim quando o jogo não está favorável. Mesmo que eu pudesse chegar até ele, não tenho certeza de que poderia encará-lo nesse momento. Eu provavelmente cuspiria uma desculpa por todas as coisas que *não* fiz na noite passada com o August, mas não consigo parar de pensar a respeito.

Nada vantajoso.

Como uma fã, fico maravilhada com os dons de August sendo demonstrados hoje – com o show que ele está dando para nós. Como uma namorada, eu me encolho toda vez que Caleb erra um arremesso. E ele pode ser um pouco mimado. Com todos os privilégios que teve, como não poderia ser, ocasionalmente? Mas ele se esforçou muito nessa temporada, e a mão escaldante de August está queimando todos os resultados de Caleb até o chão. Mesmo enquanto admiro as habilidades de August, culpa consome meu interior. Eu deveria estar torcendo completamente pelo Caleb, mas existe esse cantinho rebelde do meu coração que quer que todo o trabalho duro de August seja recompensado também. Hoje, no aniversário de seu pai.

A campainha toca, e ambos os times deixam a quadra para o intervalo.

— Eles estão em boa forma, né? — Lo pergunta.

— Claro — respondo de forma sucinta, porque se continuar falando, irei dizer o que vejo.

Nós passamos a maior parte do intervalo na área das lanchonetes. Depois de nos apertarmos nas arquibancadas, de volta para os nossos assentos, Lo fala da última coisa, a última pessoa, sobre quem quero discutir.

— Caleb tem que estar preocupado com aquele August West. — Ela toma um gole de seu refrigerante. — Ele é algo diferente.

— É, ele é o fenômeno Americano — respondo calmamente, mantendo os olhos fixos no show do intervalo enquanto meu coração acelera. — Ele será um dos primeiros a ser convocado, com certeza.

— Ele também é gostoso pra cacete. — Lo levanta uma sobrancelha. — Não me diga que você estava prestando tanta atenção às estatísticas que nem sequer reparou na bunda do cara.

Você deveria ver os olhos dele. Você deveria sentir a força de seu peito.

Você deveria escutar a voz dele.

Eu futilmente tento esquecer como estar com o August me fez sentir completamente calma e eufórica ao mesmo tempo.

— Está quente aqui? — Abano meu rosto com uma mão, tentando refrescar minha pele quente. — E lembre-se, eu tenho um namorado. Estou em um relacionamento.

— Em um relacionamento, não morta — ela murmura, admirada. — Hummm... E você teria que estar morta para não apreciar aquele homem.

Por um segundo, todos os detalhes da noite passada se juntam na ponta da minha língua. Foram só algumas horas, mas elas pareceram, e ainda parecem, importantes. E nunca escondi nada importante da Lo. Já que nada aconteceu, eu deveria ser capaz de contar tudo com o coração leve, mas eu hesito. Algo aconteceu. Meu estômago embrulha com a verdade. Por mais

que eu não queira lidar com isso, algo mudou em mim na noite passada. E não entendo completamente ainda, mas parece sísmico.

Não digo nada para a Lo. Foi uma conversa. Ela ia pensar que sou maluca por me sentir tão fascinada pelo August. *Eu* penso que estou maluca. Então ao invés de dizer algo sobre aquilo, redireciono a conversa.

— O jogo está recomeçando.

O placar fica apertado durante o segundo tempo, mas no final o outro time tem algo que nós não temos. E esse algo é o August. Com somente dois minutos restando, ele faz o que todos os grandes fazem. Ele domina, forçando arremessos arriscados a entrar, fazendo bolas impossíveis parecerem fáceis. Frustração irradia do Caleb enquanto ele vê o jogo escorrer de suas mãos. O impacto final vem quando ele está marcando August numa posse de bola nos segundos finais. August se coloca em seu lugar preferido, no canto direito, pouco antes da linha de três pontos. Caleb tenta bloquear o arremesso, e antes do apito soar, já sei que uma falta foi marcada. Sua última. Ele tomou a quinta. Para piorar, o arremesso de três pontos de August entra. Essa pode ser uma jogada de quatro pontos que martela o último prego no caixão.

Merda.

Caleb arremessa a bola na quadra, a mandando alto no ar. Ele grita com o juiz antes de ir em direção ao banco. Há uma selvageria em seus olhos, algo que nunca vi antes. Eu cresci em um ambiente volátil, e de vez em quando, presenciei violência. Vendo Caleb perder o controle, acorda meu instinto de fugir. Mas quando ele já está no banco, bebendo Gatorade, a loucura sumiu e meu garoto de ouro está de volta.

Talvez eu tenha imaginado isso.

August destruiu o seu jogo, e Caleb tem razão em estar frustrado. A maioria dos caras tem esses momentos quando perdem o controle. Se tivesse mais tempo no relógio, e se Caleb fosse outra pessoa, ele provavelmente teria sido expulso do jogo. No entanto, ele foi poupado e permanece no banco até o final.

August se posiciona na linha do lance livre, seu corpo relaxado como se esse momento, grandioso como é, não é o suficiente para engolir sua confiança. Se ele fizer esse arremesso, com menos de um segundo no marcador, não haverá tempo para nos recuperarmos. Uma jogada de quatro pontos está fora de alcance.

Com milhares de fãs acenando, gritando e vaiando na frente dele, criando uma massa humana de distração, August parece bloquear tudo. É somente ele e o aro, e só um milagre impediria aquela bola de entrar.

Deus não intervém.

E é nada mais que um chuí que acaba com as chances nesse jogo. Um segundo depois a campainha toca, o estádio vai à loucura, e o time de August celebra por toda a quadra, se abraçando, chocando peito contra peito. August fica em pé ali no meio, completamente parado, a bola embalada entre seus braços, contra seu peito. Sua cabeça pende, e emoção emana dele tão fortemente, que chega a mim. Me toca.

Eu abaixo a cabeça para encobrir o rosto, esconder meu sorriso. Eu sofro pelo Caleb, com certeza, mas sei o que isso significa para o August – de pé, no meio da quadra, uma veia de sobriedade atravessando a alegria, pensando em seu pai. Imaginando se ele o está vendo. Imaginando se hoje, em seu aniversário, ele está orgulhoso. Não tenho como saber, mas de algum jeito, tenho certeza de que sim.

[8] Na grafia e fonética do dialeto Creole, de Nova Orleans, há uma mistura de francês e inglês, e certas palavras, para que sejam pronunciadas da forma correta, acabam recebendo um diferencial gráfico, como o nome MiMi (Mè-Mè).

[9] O triplo-duplo é quando um atleta consegue alcançar um número de dois dígitos em 3 fundamentos, ou seja, quando o atleta realiza de 10 pontos para cima em pontos, assistências, rebotes.



CAPÍTULO 3

AUGUST

Em uma das minhas fotos mais antigas que minha mãe guarda até hoje, a bola autografada do meu pai está ao meu lado no berço. Mesmo enevoadas, sei que as memórias de tardes de verão atrás da nossa casa, dele me levantando em seus ombros para enterrar a bola com minhas mãos de criança, são reais. Eu mal podia andar quando comecei a quicar uma bola. Você pode dizer que minha vida inteira caminhou para esse momento.

Confete caindo, o barulho da torcida, as luzes ricocheteando de milhares de lentes fotográficas – é um prisma visual e sonoro que não penetra minha comemoração particular. Cheguei tão longe e peguei o prêmio, e quero aproveitar isso por um momento. Talvez depois de um tempo, eu descubra como desativar a energia que se agita como uma locomotiva dentro de mim, mas ainda não cheguei lá. E amanhã vou exigir de mim mesmo o que sempre exijo: *mais*. Estou me permitindo um momento para saborear.

Um microfone enfiado na minha cara estilhaça aquele

nanossegundo de contemplação. Perguntas me atingem como uma rajada de balas. Desorientado, respondo a cada uma, estreitando os olhos contra o clarão de dúzias de câmeras conectadas a milhões de espectadores em casa. O treinador provavelmente está assistindo do quarto de hospital da Delores, exatamente onde ele deveria estar. Mas minha mãe e meu padrasto, Matt, estão aqui em algum lugar, e sou consumido pela urgência de compartilhar isso com as únicas pessoas que entenderão tudo o que foi necessário para chegar até aqui.

Quando eu e meus eufóricos companheiros de time terminamos de cumprimentar o time adversário, minha mãe chega até mim e me puxa para um abraço que cheira e se parece com todo consolo e incentivo que recebi para estar aqui neste momento.

Eu me jogo no abraço, enfiando o rosto em seus cachos vermelhos que sempre cheiram como morangos. Quando meu pai morreu e meu mundo virou de cabeça para baixo, minha mãe foi minha constante. Quando ela se casou com o Matt e nos mudou para os subúrbios de Baltimore, ela foi minha rocha. Quando recebi a bolsa de estudos para jogar basquete na Escola Preparatória St. Joseph, e tive que abandonar meus amigos e tudo o que me era familiar, ela me ancorou. Em cada curva, quando as coisas saíam do controle ou mudavam, ela sempre foi a mesma fonte de apoio.

Ela chega para trás o suficiente para me olhar, segurando meu rosto entre as mãos. Se seus olhos azuis marejados não refletissem o orgulho que refletem, hoje não significaria tanto.

— Você conseguiu — ela diz, passando os dedos pelo meu cabelo suado. — Seu pai estaria orgulhoso.

Suas palavras, quase inaudíveis na barulhenta celebração, entram

por baixo do escudo que protege meu coração, e me alfinetam. Quando dou por mim, estou lutando contra a porra das lágrimas.

— E no aniversário dele — ela sussurra, tristeza e felicidade se misturando em seu semblante.

— Você lembrou? — Uma risada escapa sobre o soluço em minha garganta.

— Claro que sim. — Ela sacode a cabeça e acaricia meu rosto. — Você se parece tanto com ele, sabia? Mas você é ainda melhor do que ele era na sua idade.

Antes que eu possa responder, uma mão no meu ombro me gira para o outro lado. Matt me puxa para perto, também orgulhoso. Ele não é meu pai biológico, mas é o homem que me ensinou tudo sobre disciplina e respeito. Esse momento também pertence a ele.

— Ei, West. — O técnico Mannard se aproxima, rindo mais do que já o vi fazer nos quatro anos que joguei para ele. — Você nos salvou hoje mais de uma vez. Foi uma honra treinar você.

— Obrigado, senhor.

Aperto a mão que ele estende para mim, e nós dois rimos e acabamos em um abraço. Eu e o técnico Mannard nos desentendemos várias vezes. Felizmente, o toque de recolher de ontem não foi uma delas, já que me esgueirei no hotel sem ser notado. Mesmo quando não concordávamos, tínhamos uma coisa em comum: nós dois queríamos vencer. E hoje, quando nosso caminho lado a lado se encerra, tínhamos conseguido.

— Os patrocinadores têm uma recepção comemorativa para nós em um desses camarotes chiques lá em cima. — Mannard fala comigo, mas aumenta o tom de voz e olha em volta para os meus companheiros de equipe

que se aproximaram. — Eu tenho certeza de que vocês têm seus próprios planos de comemoração.

O comentário é recebido com assovios e gargalhadas. Quinze caras universitários que acabaram de ganhar um campeonato nacional podem causar um monte de problemas, e vários de nós planeja descobrir o quanto em primeira mão hoje.

— Mas — o técnico diz, pausando até ter nossa atenção — esses são nossos patrocinadores, e eles querem ver vocês. Apertem as mãos. Esse é o primeiro título de basquete da escola. Vocês fizeram história hoje. É uma grande coisa. Vocês são uma grande coisa, e as pessoas que pagam, querem ver vocês.

Ele olha para o relógio e de novo para nós.

— Eu sei que alguns de vocês têm entrevistas para dar. — Seus olhos se movem para mim e para o outro lado. — E vamos ter a cerimônia de premiação daqui a pouco. Depois disso, tomem banho e vão para o camarote. Só me deem uma hora ou duas. Marquem presença, e depois eu não dou a mínima para o que vão fazer, desde que não tenha que ler sobre isso amanhã.

A próxima hora passa rapidamente, as pessoas exigindo a minha atenção. Eu perco a conta da quantidade de repórteres com seus gravadores e microfones, todos fazendo as mesmas perguntas.

A cerimônia de premiação é um borrão de emoções, mas vejo, maravilhado, os mínimos detalhes que ficarão marcados na minha memória. Como uma fotografia. Nunca vou esquecer a sensação ao erguer aquele troféu na frente de milhares de fãs eufóricos.

Só depois que tomei banho e vesti a calça e blusa social é que tudo começa a fazer sentido. Sou um campeão nacional. Talvez ganhe o prêmio

Naismith, de Jogador do Ano. Talvez tenha acabado de garantir um dos cinco primeiros lugares no draft da NBA. As repercussões disso inundam minha mente — o dinheiro, a fama, as oportunidades.

Estarei de volta às aulas em alguns dias. As provas finais estão chegando. Com exceção de uma visita à Casa Branca, minha vida voltará ao normal. Mas há uma nova realidade à minha espera depois da formatura, e não tenho certeza se estou pronto.

Eu fico um pouco para trás e deixo o resto do time ir na frente para o coquetel no camarote luxuoso. Quando entro no elevador, estou sozinho, considerando as coisas que disse para Iris ontem à noite, sobre não querer me perder em toda essa loucura. Eu quero me agarrar nisso. Saio do elevador e meu coração para. Bate. Cai.

Iris.

Como se meus pensamentos a tivessem invocado, Iris está em pé logo ali, no meio de um grupo de pessoas, na entrada de um camarote não tão longe do nosso. Estou imaginando coisas? Não, um fruto da minha imaginação não iria carregar o ar e amplificar todos os detalhes. Tudo está mais claro, definido, nítido. Para os meus sentidos, ela é uma lente de aumento. Ela é um amplificador.

E ela está em pé logo ali.

Seu cabelo está diferente. Domado. É longo, liso, e bate no meio de suas costas. Cor pinta seus lábios, olhos e bochechas, cobrindo a beleza desnuda do rosto de ontem à noite. Ao invés das roupas casuais do bar, ela está usando um top curto que acaba logo abaixo da curvatura de seus seios. A saia fica baixa em seus quadris, moldada ao comprimento de suas pernas e a curva de sua bunda, deixando um pedaço de abdome definido de fora. Eu

podia dizer na noite passada que ela tinha um ótimo corpo, mas a realidade de sua forma, sua pele acobreada e macia, envergonha minha imaginação. Ela parece diferente, mas ainda é ela. Minha garota Gumbo. Todas as células de meu corpo confirmam isso, e meus pés estão me levando em direção a ela antes de eu perceber o que estou fazendo.

— Iris?

Quando a chamo pelo nome, ela olha ao redor, procurando entre as pessoas até seus olhos encontrarem os meus, arregalando de surpresa. Ela rapidamente navega entre a pequena multidão aglomerada na entrada do camarote, cruzando o espaço até chegar à minha frente. Ela tem o mesmo cheiro, e o efeito que exerce sobre mim, é exatamente o mesmo. Um relâmpago. Um pico de energia. Nossos olhares se conectam naquele ínfimo espaço, no curto silêncio. Aqueles olhos refletem a cor do uísque esta noite, e são tão intoxicantes quanto a bebida. Ela vai direto para a minha cabeça.

— Ei. — Minha voz sai rouca e forçada, como se eu tivesse subido a escada correndo ao invés de pegar o elevador para chegar aqui.

— August, oi...

Ela também parece estar ofegante. Deve ser o fio desencapado que sai direto de mim até ela, pois ela não parecia estar cansada. Na verdade, ela não poderia parecer mais perfeita.

— Você está...

Eu paro para me estabilizar. Adrenalina corre em minhas veias como se eu estivesse no meio de um jogo apertado, roendo as unhas. Como se a bola estivesse nas minhas mãos para o arremesso no último segundo.

— Você está bonita, Iris.

— Oh... hum, obrigada. — Ela puxa o top como se estivesse

constrangida. E então seus olhos arregalam outra vez quando diz: — Ai, meu Deus, August. Parabéns! Que jogo incrível! Eu tenho certeza de que seu pai está orgulhoso de você hoje.

Suas palavras ditas suavemente mexem comigo. Todas as minhas peças, que pareciam nunca se encaixar, entram no lugar com essa garota. Reconheci isso na noite passada, e sei isso agora. Talvez seja porque ambos crescemos com a mesma dificuldade: como se nunca tivéssemos pertencido a lugar nenhum. Talvez seja a química da nitroglicerina fervendo entre nós, só esperando a fagulha de um fósforo.

— Obrigado. — Limpo a garganta, sem saber o que dizer além do óbvio. — O que você está fazendo aqui? Quer dizer, estou feliz em te ver. Realmente feliz, eu só...

— Iris.

A voz afiada logo atrás dela captura minha atenção. Ela enrijece, seus cílios se abaixam por um segundo antes de ela olhar novamente para cima.

— August, eu...

— Ei, amor. Eu estava procurando por você. — O braço bronzeado que a segura possessivamente na cintura pertence ao cara que acabei de derrotar.

— Caleb, ei... — Iris olha entre nós dois.

Que. Porra. É. Essa.

Caleb Bradley é o namorado da Iris? Nada podia ser pior. Eu já detestava a ideia do cara sortudo o suficiente para tê-la. Agora eu detestava o próprio cara. O cara que todo mundo chamava de “garoto de ouro” é, na minha opinião, um babaca. Ele certamente não merece a garota que conheci

ontem à noite. Nunca invejei o dinheiro da sua família ou toda a atenção que a mídia dava para ele. Nunca invejei as vantagens que ele tinha, mas agora ele a tem. Eu o invejo por isso. Isso ferve por baixo da minha pele e revira o meu estômago.

— Bom jogo. — Concentro-me no rosto dele, evitando o de Iris.

— Você também. — O olhar pétreo colide com o meu. Amargura deforma seus lábios. — Parabéns.

São os cumprimentos mais forçados que já recebi, mas não posso culpá-lo. Ninguém quer ver o ganhador logo após uma derrota.

— Você conhece a minha namorada? — Seus olhos conectam os pontos entre mim e Iris, suspeita entrelaçada firmemente em suas palavras.

Quando finalmente a encaro, o escudo que protegia seus olhos, e que havia sido derrubado ontem à noite, está de volta. Eu nem sequer me lembrava de que antes ele havia existido. Será que estava ali outra vez por minha causa? Ou por causa dele? Não faço a menor ideia de como ela quer resolver isso. Nada aconteceu na noite passada. Não porque eu não quis, mas porque ela parou.

Por ele.

Por um momento, eu quero estragar tudo. Arruinar o relacionamento deles plantando dúvidas na mente dele. É um pensamento passageiro que não levarei adiante. Não é assim que você ganha uma garota como Iris.

— Nós nos conhecemos na noite passada em um bar. — Sua voz é calma. Seus olhos, quando encontram os dele, estão límpidos.

— Em um bar? — Ele franze o cenho, juntando as sobrancelhas. — Que porra é essa?

— Eu queria ver o jogo do Lakers — ela diz com uma paciência comedida —, e no hotel não estava transmitindo. Então, eu fui a um bar perto para assistir.

— Nós nos encontramos lá — eu finalizo para ela. — Só conversamos um pouco. Nada demais.

— Certo. Nada demais. — Os olhos dela encontram os meus por um segundo antes de voltarem para ele. — Eu não tive chance de te contar.

— Bom, você ganhou o jogo, West. — Tem uma leveza forçada na voz de Caleb enquanto seus olhos permanecem inflexíveis. — Pelo jeito, a próxima coisa que você vai querer fazer é conquistar minha garota.

— Ah, você não é inseguro assim, é, Bradley? — Eu deliberadamente relaxo a postura, colocando as mãos no bolso e balançando nos meus calcanhares, dando um largo sorriso premiado para ele. — Se ela não quiser ser conquistada, ela não será.

— Ela não quer ser. — Ele remove toda a leveza da voz, e se seus olhos estavam duros antes, agora todo seu rosto se transforma em granito. O braço envolto na cintura dela endurece como aço.

— Vocês dois, por favor, parem. — Iris respira fundo, suas palavras suaves, mas firmes, arbitram a tensão rugindo entre nós. — Caleb, nós só conversamos.

Seu rosto mostra seu desprazer. Vendo a mão dele aberta sobre a cintura de Iris, a minha também deve mostrar. Babaca.

Eu o conheço desde o oitavo ano. A maioria dos caras não tropeça em uma carreira na NBA. Eles a perseguem incansavelmente por anos. Nós começamos a frequentar os mesmos acampamentos preparatórios e torneios anos atrás, e mesmo com todo mundo caindo aos pés dele, ele e eu nunca nos

demos bem. Jogadas sujas quando ele pensava que ninguém estava olhando, disputando posições, choramingando quando perdia e se gabando quando ganhava, todas essas são coisas que nos impediram de sermos amigos. Mesmo a imprensa constantemente nos comparando e nos jogando um contra o outro, a hostilidade nunca foi pública... até agora.

Até ela.

— Acho que não o verei novamente até o draft, né, West? — O tom de Caleb continua suave, mas ele não pode esconder os detalhes de mim, a frustração em seus olhos, a raiva apertando sua mandíbula, os punhos cerrados ao seu lado.

— Provavelmente não. — Meus olhos se voltam para Iris. Mesmo ela sendo alta, nós dois nos sobressaímos sobre ela. Eu me entrego à tentação e meu olhar deliberadamente se arrasta novamente pelo seu corpo. — Eu iria te desejar sorte, mas você é obviamente um homem bem sortudo.

Ela respira fundo e seus seios se levantam sob o top. Os olhos cerrados de Caleb se movimentam entre nós dois, como se suspeitasse de que existe uma mensagem silenciosa e secreta sendo transmitida bem debaixo do nariz dele. Bem que eu queria ter o poder de telegrafar para ela o que estou pensando: perguntar por que ela caiu direitinho na encenação que ele faz para enganar aos outros. E por que, sabendo da bem documentada rixa entre nós, ela não me disse quem era na noite passada? Pela primeira vez desde o momento em que a vi no bar, desejo nunca tê-la visto. Teria sido melhor nunca saber da existência de uma garota que fora capaz de me fazer sentir desse jeito após uma noite apenas, do que saber que ela escolheu um cara como ele.

— Parabéns novamente, August. — O sorriso de Iris é engessado,

mas sei que está sendo sincera. — Caleb, nós deveríamos voltar para a festa. O seu pai está provavelmente te procurando.

Iris puxa o braço dele, mas ele não se move por um segundo, me observando. Silenciosamente me avisando. Lanço um sorriso enviesado para ele, para que saiba que não dou a mínima e que não estou intimidado.

Depois de mais um instante, ele acena com a cabeça para Iris e voltam para o camarote deles, sendo absorvidos, imediatamente, pelas pessoas ao redor, enquanto eu fico de pé, sozinho. A sensação de perda que senti quando ela foi embora ontem nem ao menos se compara com que sinto agora. Não é apenas pelo fato de não poder tê-la. É que não posso tê-la porque ele a tem. E a garota que conheci na noite passada merece algo melhor que Caleb.

Meus companheiros de time, Técnico Mannard, os patrocinadores — todo mundo está comemorando e estou determinado em me juntar à festa. Essa conquista é fruto do meu esforço, e me recuso permitir que Caleb e sua namorada estraguem isso para mim. Algumas das líderes de torcida deram sinais claros de que iriam adorar terminar a noite embaixo de um campeão nacional. Ou em cima. Ou de joelhos. Eu não sou exigente, e posso aproveitar a distração.

Depois de meia garrafa de champanhe, estou pronto para qualquer coisa. Quem precisa dos restos de Caleb quando posso ter algo quente e fresco bem aqui? Estou no bar do nosso camarote ainda me convencendo disso quando Iris se junta a mim.

— O que um cara legal como você está fazendo num lugar como este? — Ela encara a imensa quantidade de garrafas que revestem a parede por trás do balcão antes de se virar para mim.

— Cadê o seu namorado? — Eu viro a garrafa meio vazia para os meus lábios. — Estou surpreso que ele deixou seu prêmio de consolação fora de vista.

— Uau. — Ela sacode a cabeça, um sorriso sem graça em seus lábios. — Eu provavelmente mereço isso, mas... uau. Para responder sua pergunta, Caleb e o pai estão conversando com um possível agente.

— E você decidiu fugir para cá para ver como estou? — Eu a encaro com frieza. — Para ter certeza de que me recuperei do choque de ver você com o menino de ouro?

Iris apoia o cotovelo no bar, observando o meu perfil por um momento antes de falar:

— Não. Eu voltei para me desculpar, August. — Há um tom de arrependimento genuíno em sua voz. — Eu devia ter falado sobre Caleb desde o início.

— É. — Eu viro em direção a ela, torcendo para ela sentir pelo menos um pedaço da irritação remoendo dentro de mim. — Você devia.

Estou sendo um babaca. Sei disso, mas não consigo parar mesmo quando vejo a dor acumulando nos olhos dela. Estou bêbado demais. Bêbado de decepção. De frustração. De raiva. A garrafa meio vazia é só uma desculpa para mostrar isso.

— Quando você se sentou no bar na noite passada, pensei que fosse só um idiota. — Seus olhos me provocam sob seus cílios.

Eu rio e tomo outro gole da garrafa.

— Obrigado por isso.

— Você entendeu o quis dizer. — Ela dá um pequeno sorriso. — E então, quando começamos a conversar, não surgiu uma brecha para dizer:

“oi, eu sou a namorada do Caleb”. — Ela traça um desenho no balcão, inclinando a cabeça até o cabelo encobrir quase todo seu rosto. — Depois de um tempo, parecia não ter mais importância.

Se eu soubesse que ela era a namorada do Caleb, não teria me sentado ao seu lado. Eu teria continuado andando por aquela porta e teria chegado a tempo do toque de recolher. Mas ela está certa. Somente com alguns minutos de conversa, saber a respeito de Caleb não teria feito eu ir embora. Não depois de termos começado. Não depois de tê-la conhecido.

— Então... é sério? — Eu coloco a garrafa de champanhe com cuidado no balcão. — Eu quero dizer... com ele. Você disse que era sério. Vocês estão falando sobre casamento?

Saber que ela estava namorando sério com “algum cara” era uma coisa. Saber que ela está namorando sério com *ele* é outra bem diferente. Caleb e eu vamos nos mover nos mesmos círculos, jogar na mesma liga, frequentar os mesmos eventos. Eu talvez a veja de vez em quando, usando o anel dele e criando seus filhos. Talvez eu tenha bebido muito, mas meu estômago embrulha.

Ela dá de ombros, olhando para o chão e movendo o peso de um pé para o outro.

— Ele quer se casar comigo, sim. Algum dia.

— E o que você quer? — pergunto, a observando de perto.

— As mesmas coisas que queria ontem à noite. — Ela franze a testa. — Eu quero a minha carreira. Quero a chance de provar quem sou.

— Bom. — Pego meu champanhe. Eu preciso dele. — Lembra do que eu disse sobre o jeito como os caras se perdem naquele mundo? O mundo que eu e o Caleb vamos entrar em alguns meses?

Espero ela acenar com a cabeça, confirmando.

— As garotas também — eu digo, suavemente. — Eu odiaria ver isso acontecer com você, Iris.

— Obrigada. — Ela coloca o cabelo atrás da orelha, cílios abaixados. — Eu vou manter isso em mente.

Espero que ela faça. Uma garota com tanto espírito não pode tê-lo esmagado. Uma garota com tanta personalidade não deveria ser persuadida. E tenho medo de que um homem como Caleb poderia fazer ambos.

Arrependimento pinta seu sorriso quando ela olha para mim. Não sei se ela se arrepende de não ter me contado sobre o Caleb na noite passada ou se ela se arrepende do que nós perdemos antes de ter começado. Seja lá o que for, ela esconde atrás dos olhos e chega mais perto de mim.

— Você é um ótimo jogador, August. — Ela fica na ponta dos pés até seus lábios se aproximarem do meu ouvido. — Mas acho que é um homem ainda melhor.

Suas palavras voam como uma flecha até o cerne de tudo o que debati em minha mente hoje à noite, acalmando minha incerteza de como lidarei com o futuro. Minha mão desliza até a curva inferior de sua coluna, para a pele sedosa acima do cós de sua saia. Quero tanto puxá-la para mais perto, mas ela dá um passo para trás, até minha mão perder contato. Limpando a garganta, ela me dá um último sorriso de parar o coração.

— Adeus, August.

E com isso, ela sai do bar, deixando o meu camarote em direção ao de Caleb. Meus dedos contraem em volta da garrafa de champanhe em uma frustração irracional. Conheci a garota na noite passada. Eu não deveria sentir tão intensamente tão rápido. Não deveria sentir como se Caleb tivesse

roubado algo que nunca foi meu. Eu fiz mais cestas do que ele hoje. Peguei mais rebotes. O venci. Fui eu que levantei o troféu sobre a minha cabeça. Eu ganhei.

Então por que, pelo amor de Deus, parece que sou o perdedor?



CAPÍTULO 4

IRIS

Quando falei por FaceTime com a Lotus na noite passada, mostrando minhas opções de roupa para essa entrevista, nós concordamos que a saia lápis era perfeita. Agora ela parece muito justa, como se estivesse mostrando todos os trunfos do meu corpo, encobrindo os do meu currículo. E essa blusa grudava assim nos meus seios antes? Eles cresceram de um dia para o outro? Eu verifico os grampos segurando meu cabelo em um coque na minha nuca. Uma leve camada de pó e uns pequenos toques de cor são minha única concessão em relação à maquiagem. Ansiedade dá nós nos músculos do meu estômago.

— Você vai se dar bem — murmuro para mim mesma. Minhas notas são altas. Meu currículo é embasado em vários semestres de estágio e experiência, mais cartas de recomendação de todos os meus professores. Eu deveria me sentir confiante. É isso o que eu quero. Eu tenho uma lista das coisas que mais desejo na vida, e esta oportunidade se sobrepõe a todo o

resto.

Eu fiz meu dever de casa. Richter Sports está crescendo e Jared Foster é um de seus agentes mais vorazes. Vendo seu nome na lista da entrevista só aumentou meu nervosismo. Eu confiro o número no meu guia de entrevista com o número na porta. Hoje é um tipo de feira de marketing esportivo, e todo mundo que é alguém nesse mundo está aqui procurando por novos talentos. Essa sou eu. Irei trabalhar por quase nada. Só me dê uma chance, e vou tirar o máximo proveito.

Eu bato na porta, tensionando enquanto aguardo por uma resposta.

— Entre — uma voz profunda se faz ouvir.

Dentro, um homem de ombros largos, por volta dos trinta anos, está sentado atrás de uma mesa impecável que domina praticamente todo o ambiente. Algo sobre seu cabelo loiro e a beleza áspera de seu rosto de alguma forma aciona minha memória, mas não consigo me lembrar de onde. Não consigo pensar em onde nós teríamos nos conhecido.

— Oi. — Seus olhos percorrem meu corpo devagar, apreciação masculina rapidamente substituída por indiferença profissional. — Candidatos para o programa de TV devem se dirigir até o final do corredor, eu acho. — Ele volta a prestar atenção aos papéis à sua frente, me despachando com um aceno. — Feche a porta quando sair, por favor.

Cerrando os dentes, aperto os dedos em volta da pasta com o meu currículo.

— Eu estou... — Limpo a garganta e começo novamente: — Não estou aqui para fazer um teste para televisão. Estou aqui por causa do estágio em marketing esportivo.

Ele levanta a cabeça, me observando com novos olhos, e espero

que esteja vendo além das coisas que os homens sempre parecem colocar em primeiro plano.

— É mesmo? — O assento range quando ele se inclina para trás. — Peço desculpas. Eu sou Jared Foster, o responsável babaca machista.

Um sorriso involuntário se forma em meus lábios com a sua desculpa indireta pela arrogância.

— E você é? — pergunta, também com um sorriso.

— Iris DuPree.

— Bem, Iris DuPree — ele acena com a cabeça para a cadeira na frente dele —, vamos começar e ver o que você tem;

Com cada minuto que passa e cada pergunta que ele faz, meus nervos se dissolvem com a calma que vem com competência – sabendo que você é completamente capaz de encarar o desafio a frente. Não desperdicei os últimos quatro anos. Quando não estava trabalhando na livraria, estava estudando o mercado, trabalhando de graça quando era necessário, para aprender as manhas e praticar o que os experts em marketing esportivo estavam ensinando. Seu comportamento muda de indulgente, mas cético, para astuto e especulativo. E finalmente, para impressionado.

— Então, Iris — ele diz, me encarando com mais respeito do que quando deduziu que eu era boa somente para um close —, eu sempre finalizo minhas entrevistas com uma pergunta: Qual foi o momento esportivo que te inspirou?

Nem preciso pensar sobre isso. Eu tive que me familiarizar com a maioria dos esportes, mas basquete é o meu primeiro amor.

— Final da NBA de noventa e sete — respondo, relaxando meus ombros e soltando meus dedos. — Utah Jazz e Chicago Bulls.

— Quinto jogo — nós dizemos juntos, compartilhando um sorriso porque ele sabe exatamente do que estou falando.

— Jordan estava doente — eu digo —, mas de alguma forma, se agarrou às reservas de energia que a maioria das pessoas nem tem e venceu aquele jogo na marra. Foi hercúleo.

— Boa resposta. — Jared acenou com a cabeça em aprovação. — E o que isso diz para você?

— Não deixe nada te segurar ou te manter para baixo. — Minha voz está cheia de convicção porque essa foi uma lição que aprendi enquanto crescia, uma criança do Nono Distrito. Uma refugiada do Katrina que assolou uma cidade que teve que se reinventar mais de uma vez. — Mesmo quando você achar que está derrotado, cave mais fundo. Com mais força. Pressione, pois tem algo valioso do outro lado.

— Boa lição. — Jared olha para o meu currículo, levantando as sobrancelhas e acenando com a cabeça. — Você esteve ocupada. Tudo aqui parece bom.

— Obrigada. — Eu tenho que lutar contra um sorriso precipitado.

— Se oferecida a oportunidade — Jared continuou —, você tem que saber que isso não paga quase nada, irá tomar conta da sua vida, e requer que se mude para Chicago.

O dinheiro, ou falta dele, não importa. Aprendi a viver com menos do que a maioria. Trabalho duro nunca me assustou.

O rosto de Caleb aparece na minha mente, marcado com decepção se eu tomar uma decisão antes de sabermos para onde ele será convocado. E por alguma razão, o rosto de August aparece logo depois. E suas palavras, me lembrando para não me perder no mundo que ele e Caleb vão entrar em

breve. Passaram-se duas semanas desde a final do campeonato, mas pensei nele mais de uma vez, e seu conselho em minha cabeça era exatamente o que eu precisava ouvir.

— Estou pronta para fazer o que for preciso por esta chance. — Eu encho as palavras com confiança e o encaro sem pestanejar.

— Bom. — Ele fica de pé e dá a volta na mesa, me fazendo levantar também. — Nós temos mais algumas dessas feiras de recrutamento para fazer, e não iremos fazer a seleção nos próximos meses, mas você definitivamente me impressionou, Iris. Entrarei em contato.

— Obrigada. — Eu me forço a respirar normalmente, mas meu coração está acelerando. Um trabalho como esse é exatamente o tipo de oportunidade que preciso para começar minha carreira na área esportiva.

Jared segura minha mão em um aperto firme.

— E, olha... Peço desculpas de novo por ter começado mal ao deduzir que você era um talento televisivo...

— Nada de errado com talento televisivo — eu digo com um sorriso indulgente. — Algumas das pessoas mais inteligentes que conheço estão em frente às câmeras, eu só não sou uma delas.

Ele solta minha mão e segue até a porta. Estou andando logo atrás quando meu estômago revira como um oceano raivoso. Náusea me consome de uma forma tão intensa que perco o fôlego, sinto a boca salivar e a pele se tornar pegajosa de suor. Meus olhos arregalam quando sinto meu café da manhã voltando, subindo pela garganta. Eu abro a boca, preparada para me despedir rapidamente e ir embora correndo, mas é tarde demais. É rápido e inevitável. O conteúdo do meu estômago despeja em um fluxo fétido.

E espirra em cima de Jared Foster.



CAPÍTULO 5

IRIS

— Eu não posso estar.

As palavras deixam meus lábios. Encaro o bastão manchado de urina, prevendo que em alguns meses serei a última coisa que quero nessa etapa da minha vida – uma mãe.

— Bem, quatro exames de gravidez positivos dizem que você está — Lotus responde da tela à minha frente, sua preocupação evidente no FaceTime. Nós vivemos na mesma cidade, mas estamos em *campi* diferentes. Com nossa agenda frenética, nós nos falamos por FaceTime como se vivêssemos em países diferentes.

— Como isso aconteceu, Bo?

— O que você quer dizer? — Com os joelhos bambos, eu me sento na cama, tomando cuidado para não derrubar o laptop que está mostrando o rosto de Lo, a única coisa reconfortante nessa tempestade de merda. — Aconteceu da maneira usual.

— Eu sei, mas a maneira usual para pessoas com um pouco de senso comum envolve camisinhas ou pílulas ou injeções para impedir que isso aconteça.

— A pílula me faz passar mal. A injeção faz meu cabelo cair, então Caleb usa camisinha.

— Aparentemente não todas as vezes — Lo murmura, sobrancelhas levantadas.

— Sim, todas as vezes, Lo. — Engulo outra onda de náusea, essa menos relacionada com a gravidez e mais com as escolhas difíceis à frente. — Nós sempre fomos cuidadosos. Não queríamos prejudicar nossos planos futuros.

— Você não queria prejudicar os seus planos futuros — Lotus diz, dúvida penetrando em sua voz. — Essa gravidez significa que você talvez tenha que ficar mais dependente do Caleb. Fica mais difícil para você ser independente e viver longe dele. Talvez ele tenha sido menos cuidadoso do que você pensou.

— Não. — Eu aceno a cabeça em negação. — E você não acha que eu teria notado se ele não tivesse usado a camisinha? Caleb não faria isso. Ele não quer que eu viva em outro canto e trabalhe em outro estado, mas nunca faria isso de propósito.

— Ele colocou camisinha? — Lo levanta a sobrancelha em dúvida. — Todas as vezes?

— Todas as vezes — eu digo com confiança, por que só considerar o que ela está sugerindo, faria de Caleb um estranho para mim – um manipulador, disposto a sacrificar meu futuro, meus sonhos, pelo seu desejo. E não posso acreditar que seria íntima de uma pessoa assim sem nunca me

dar conta. Não posso ter estado tão errada em relação a ele. Não é possível.

— O que você vai fazer sobre isso? — Lo apoia o queixo na palma da mão e me observa firmemente.

— Eu vou conversar com ele, claro — digo, olhando para o meu telefone na cama para checar a hora. — Ele está vindo para cá. Nós vamos conversar e decidir juntos o que fazer. Vou encontrar uma solução. Essa gravidez não vai me atrapalhar.

As palavras parecem vazias. As coisas vão mudar. Vai impactar meus planos, claro, mas sei como posso fazer dar certo. Eu tenho que fazer dar certo. Eu desconecto, prometendo ligar assim que terminar de conversar com Caleb. Nós duas sempre tivemos medo de acabar como nossas mães, dependendo de um homem para tudo, pegando os restos dele. Mas não é isso. Eu sei isso, e espero que Lotus saiba, mas ela ainda quer ter certeza. E quando olho para Caleb na entrada da minha casa, eu também quero.

Quando conto para ele, sua gargalhada ressoa no pequeno espaço. Um largo sorriso aperta seus olhos e marca suas bochechas.

— Isso é maravilhoso. — Ele me segura pelos ombros e beija todo o meu rosto. — Amor, esse é o início do nosso futuro juntos.

Ou o final do que imaginei para mim mesma, se não for cuidadosa.

Pressiono minhas mãos no peito dele, cavando um pequeno espaço para respirar.

— Não é maravilhoso, Caleb — digo suavemente, mas firme. — É um problema. Estou prestes a começar a minha carreira. Estou fazendo entrevistas para emprego e acho que tenho boas chances. Isso é uma grande barreira.

— Amor, você não precisa mais trabalhar. — Arrogância estampa

seu rosto. — Você nunca precisou, realmente. Mesmo sem um contrato com a NBA, eu posso cuidar de você. Você não precisa se preocupar com nada. Se muda para a minha casa, e vou tomar conta de você e do bebê.

Tomar conta.

Essa é uma das promessas que fiz a mim mesma e que nunca deixaria acontecer. Eu me lembro da minha mãe saindo do quarto nos fundos de nosso pequeno apartamento, um roupão fechado de qualquer jeito sobre sua nudez. Um estranho saindo atrás dela, fechando as calças, colocando a camisa para dentro, contando notas de dinheiro enquanto ela mantinha a mão estendida.

— Mas nenhum dos cargos que tenho chance de conseguir são nos lugares onde você provavelmente será convocado — digo firmemente. — Tem uma vaga em Nova York, e hoje tive uma entrevista com a Ritcher Sports. Acho que talvez eles me ofereçam uma posição no escritório de Chicago.

Uma nuvem fecha a expressão dele.

— Chicago! — Ele me encara, o azul de seus olhos ficando quase pretos. — As chances de eu ir para Chicago são quase nulas, Iris. Como você pode considerar isso?

— Eu considereei porque é uma grande oportunidade. — Ando para longe dele, escapando da raiva vibrando em seu corpo. — Uma que eu deveria aceitar antes de ter uma família e obrigações. Essa é a hora de nos arriscarmos e explorarmos, de descobrir as coisas.

— O que tem para descobrir? — exige saber. — Eu te amo. Você me ama.

Eu só pisco para ele. Nós dissemos essas palavras, sim, mas esse

relacionamento não é o filtro para todas as minhas decisões, assim como não posso ser o filtro para as dele. Por que ele não pode ver que ambas as coisas são verdadeiras? Que posso amá-lo, mas não estou pronta para isso? Não estou pronta para prender meu futuro ao dele? Que não tenho certeza, e não precisaria ter ainda.

— Nós vamos ter um bebê. Nós deveríamos ficar juntos — ele continua, aparentemente sem se preocupar com o meu silêncio. — E você e o meu filho irão comigo para a cidade que me convocar. É o único modo que isso faz sentido.

— E os meus sonhos? — Eu observo seu rosto por algum sinal de que ele iria lamentar minhas ambições de alguma forma. Que as minhas esperanças significavam mais para ele do que ter sua vontade feita. — Não quero que os últimos quatro anos de faculdade, todo meu trabalho duro, sejam desperdiçados. — Eu lambo meus lábios nervosamente. — Vamos só pesar nossas opções, Caleb. Nós temos opções.

— Você quer dizer um aborto? — Caleb paralisa e seus olhos congelam. — Nem pense sobre isso.

Eu faria isso? O espaço entre teoria e realidade faz você considerar coisas que nunca pensou antes.

— Não. — Eu dou de ombros. — Não realmente. Eu não sei, Caleb. Isso é muita coisa.

— Eu sei. — Ele anda até a cama, se senta e me puxa para o seu colo. — Mas isso só acelera o plano. Você sabe que quero ficar com você, casar com você. Quero você comigo quando eu for convocado, e quero que nós tenhamos uma família. Eu sei disso há tempos.

Como? Como você sabe?

A pergunta se agita na minha mente, minha incerteza batendo de frente com a confiança dele. Eu gosto de Caleb. Ele não teria sido meu primeiro, não teria passado pelas paredes que uso para me proteger se não gostasse dele. Mas, para sempre? Casamento? Filhos? De algum modo, mesmo enquanto encaro seus olhos azuis-escuros e me inclino no gentil carinho de sua mão no meu cabelo, tenho dificuldade em enxergar o resto da minha vida ao lado dele. Eu não deveria ter que enxergar isso nesse momento.

— Caleb, posso ter esse bebê mesmo sem estarmos casados. Mesmo se vivermos em estados diferentes por um tempo. As pessoas têm relacionamentos de longa distância o tempo todo.

— Você está infeliz no nosso relacionamento? — Mágoa transforma sua expressão em uma carranca. — Não estou vendo alguma coisa?

Deixo seu colo para andar de um lado para o outro na frente da cama, fixando meus olhos no carpete fino e barato.

— Não é isso. Eu... nós somos jovens. Temos a vida inteira pela frente. Nós não temos que nos acorrentar...

— Acorrentar? — ele expela a palavra em uma respiração indignada. — Um bando de garotas não acharia que se casar comigo é alguma espécie de punição ou prisão.

— Um bando de garotas veria esse bebê como uma oportunidade, Caleb. — Eu olho para cima e o encaro com franqueza. — Eu não. Quando, e se, eu me casar com alguém, não quero me sentir presa.

— Presa? — Sua risada incrédula preenche o cômodo. — Não querendo ser arrogante, mas sou eu que devia me preocupar sobre ser preso

por uma mulher com um bebê.

— Com *essa* mulher, você não precisa se preocupar — respondo de volta. — Não estou pedindo para você se casar comigo. Se você prestar bem atenção, vai perceber que estou dizendo exatamente que não estou pronta para isso.

— E nosso bebê? — Seus lábios apertados mal deixam as palavras passarem. — Eu suponho que você também não está pronta para ele?

Com essa pergunta, a preocupação de Lotus ecoa em meus ouvidos.

— Como, humm... — Eu engulo minha relutância e me forço a continuar: — Como isso aconteceu? Nós sempre fomos tão cuidadosos. Eu arrisco olhar para o belo rosto de Caleb. — Não fomos? — pergunto suavemente. Algo pisca em seus olhos, mas tão rápido que não dá tempo de ler. Culpa? Raiva?

— Eu tenho certeza de que você também estava lá, Iris. Você não deveria saber tão bem quanto eu se fomos sempre cuidadosos?

Eu não visto as camisinhas.

Isso grita na minha cabeça, mas não consigo me forçar a dizer as palavras. Algo próximo de uma acusação iria somente piorar uma situação já tensa. Honestamente, não consigo nem lembrar alguma vez que nós não tenhamos usado proteção. Realmente importa de quem foi a “culpa”? Camisinhas não são infalíveis. Mesmo que Caleb tenha me pressionado para abandonar os meus planos e assumir os dele, eu não consigo imaginá-lo fazendo esse tipo de coisa.

Além disso, é como ele falou: homens na posição dele são os que devem se preocupar em serem fisgados por uma mulher assegurando um brilhante futuro com o útero. Mesmo que eu esteja sendo arrastada para essa

situação gritando e chutando, as pessoas vão pensar que foi isso que fiz. Que “prendi” o Caleb. Eles nem sequer imaginarão que mal posso respirar com a ideia desse bebê crescendo dentro de mim. Que suor praticamente pinga das minhas palmas quando penso sobre o anel de Caleb no meu dedo. Que não é satisfação que sinto sabendo que estou grávida de um forte candidato à NBA. Que tudo isso para mim é claustrofóbico.



CAPÍTULO 6

AUGUST

Estive sob os holofotes muitas vezes nos últimos anos. Eu já deveria ter me acostumado com eles, mas ao entrecerrar os olhos por conta das luzes ofuscantes no estúdio de Twofer, o programa de esportes que apresenta o Draft Class Special, percebo que não é bem assim.

— Nervoso? — Avery Hughes, uma das apresentadoras do Twofer, pergunta.

— Hum... — Eu olho em volta do estúdio, vendo as imensas câmeras, os móveis modernos, e a equipe correndo de um lado para o outro preparando para o programa. — Não. O que tem para me deixar nervoso?

— Nada mesmo. — Os olhos escuros de Avery e o sorriso em seu rosto mostram diversão. — Obrigada por vir.

— Sem problemas. — Encho um copo de isopor com o café que está na mesa. — Obrigado por me convidar.

Lloyd, o agente que acabei de contratar, teria tido um treco se eu

me recusasse a aparecer em Twofer, um dos programas esportivos mais populares. Ele pensa que quanto mais visibilidade eu tiver à medida que nos aproximamos da noite da convocação, melhor. Eu só estou pronto para acabar logo com isso.

— Você estava no topo da minha lista de convidados — Avery diz, puxando minha atenção de volta para a conversa. Ela é uma bela mulher, mas é mais conhecida por ser uma jornalista durona. E inteligente também. — Você e Caleb Bradley.

— Espera. — Minha mão pausa com o café a caminho para a minha boca. — Caleb também está no programa de hoje?

Só o som do nome do cara já arranha os meus nervos. Pensei em Iris mais vezes nos últimos três meses do que gostaria de admitir. Infelizmente, isso também significa pensar no babaca do seu namorado. A mídia parece não conseguir dizer o meu nome sem dizer o dele e vice-versa, mas graças a Deus, Caleb e eu não estivemos no mesmo lugar ao mesmo tempo.

— Sim, Caleb também está no programa. — Ela franze o cenho, marcando sua pele lisa. — Seu agente não te disse?

Meus olhos se fixam nos de Lloyd quando ele entra no estúdio com MacKenzie Decker, presidente de operações de basquete do San Diego Waves, o último time de expansão se aproximando da primeira temporada deles. Meu agente desvia o olhar quase que imediatamente. Ele sabe que não gosto de Caleb, e provavelmente deduziu que eu teria declinado do convite se soubesse quem viria também.

Meu meio-irmão, também agente, não quis misturar família com negócios, ou teria me representado. Tecnicamente, não compartilhamos o

mesmo sangue, mas a maior parte da liga não sabe que somos conectados. Ele recomendou Lloyd com algumas ressalvas. Nesse momento, prestes a encarar uma hora na frente de uma câmera, fingindo não odiar Caleb, tenho ainda mais ressalvas em relação ao meu agente.

— Lloyd está com muita coisa na cabeça — eu respondo, clareando minha expressão quando ele e MacKenzie Decker se aproximam. — Ele deve ter esquecido de mencionar.

Deck, como todos o chamam, me ignora e se aproxima de Avery imediatamente, a puxando para perto e beijando sua bochecha. Ela me lança um olhar constrangido, mas um sorriso se espalha em seus lábios e os olhos aquecem com carinho quando se vira para o executivo e ex-jogador de basquete. Ouvi rumores sobre o namoro deles. O que, obviamente, é verdade, já que Decker parece prestes a escandalizar todo mundo na sala ao curvar a mulher sobre o sofá mais próximo.

— Hum-hum... — Avery coloca um pequeno espaço entre eles, mas não se distancia de seu abraço. — August, você já conheceu MacKenzie Decker?

— Eu sou um grande fã, senhor. — Estendo a mão para um dos maiores armadores que já tivemos. — É uma verdadeira honra.

— Você pode esquecer o senhor e me chamar de Deck — ele diz, aceitando o aperto de mão. — Você tem um futuro brilhante, August. Eu venho te observando há um tempo.

Eu olho entre Lloyd e Decker. Não quero jogar para um time de expansão. Mesmo Deck, uma das mentes mais brilhantes do basquete da nossa geração, não pode deixar de saber o início lento que qualquer time novo na liga inevitavelmente enfrenta. Vai levar um tempo até que o Waves

comece a ganhar. Passar os meus anos mais produtivos em um time novinho em folha, sem saída, não é como imagino fazer carreira como jogador profissional de basquete.

Se antes achei que Lloyd estava evitando meu olhar, agora é certo que está se escondendo. Nós não víamos muitas coisas sob o mesmo ângulo, mas se o que ele estava esperando era um novato sem experiência que faria tudo o que ele dissesse de olhos fechados, estava redondamente enganado.

— Parabéns pela vitória no campeonato. — Deck toma um gole de seu café, um braço em volta da cintura de Avery. — E pelo Naismith. Foi um belo último ano que você teve.

— Obrigado, senhor. — Ele levanta as sobrancelhas para me lembrar que não quer formalidade. — Quer dizer, Deck.

— Você se arriscou ficando os quatro anos — ele diz, me observando de perto.

A maioria dos jogadores com as minhas chances abandonam a faculdade depois do segundo ou terceiro ano. Eles querem começar a ganhar dinheiro o mais cedo possível, e o risco de uma contusão antes de chegarmos à NBA está sempre pairando a cada ano que continuamos na faculdade.

— Eu queria o meu diploma. Queria uma educação impecável. — Jogo o copo quase cheio na lixeira próxima. — Dentro e fora das quadras. — O programa do treinador Mannard foi ótimo para melhorar os meus fundamentos.

— Verdade. E francamente, eu queria que mais jogadores ficassem na faculdade por mais tempo. A era do um-e-pronto^[10] enfraqueceu os fundamentos em geral. — Decker acena com a cabeça, sua boca levantando em um sorriso enviesado. — Mas não existe melhor didática do que jogar

contra jogadores de elite. Nada te prepara para isto. Você tem que mergulhar, afundar ou nadar.

— Eu planejo nadar. — As palavras firmes saem antes que eu possa conter. Não quero parecer arrogante, mas se tem uma coisa que eu tenho, é confiança.

Se tem uma coisa que não tenho, é paciência com o babaca que acabou de entrar no estúdio com seu novo agente. Eu me pego encarando-o e me esforço para relaxar meus músculos faciais.

Caleb pode não ter visto a animosidade no meu rosto, mas Deck viu. Ele olha por sobre o ombro na direção do meu olhar, antes de virar de volta para mim e sorrir. Ele provavelmente pensa que é somente uma rivalidade juvenil, mas é mais do que isso. Em somente dois encontros, a Iris fez com que se tornasse muito mais.

Eu deliberadamente ofereço um alegre cumprimento para Caleb, meus dentes rangendo quando ele me dá aquele escorregadio sorriso de crocodilo, o tipo que abre amigavelmente, só para te mastigar quando você menos espera.

— Se vocês me dão licença — Avery diz, acenando com a cabeça para um assistente de produção que acabou de lhe entregar uma pilha de papéis. — Preciso revisar algumas coisas com o meu coapresentador antes do programa começar.

Ela sai de perto, parando ao lado de Caleb e seu agente para dar um sorriso e dizer algumas palavras antes de sumir de vista.

Eu quero ficar o mais distante possível de Caleb.

— Onde é o banheiro? — pergunto, olhando do Deck para o Lloyd. Deck aponta para um corredor mal iluminado logo à frente.

— Ali. — Ele me dá uns tapinhas no ombro de um jeito quase paternal. — Espero conseguir conversar mais antes de você ir embora de Nova York.

Digo a ele que adoraria jantar e conversar, e que pode acertar tudo com o Lloyd. Estou pronto para sair de perto de Caleb e seu sorriso arrogante. A porta do banheiro fecha atrás de mim, e eu respiro fundo. Conheço Caleb desde o ensino fundamental, mas nunca tive inveja dele. Mas sabendo que ele tem a Iris, sinto inveja. É ridículo, considerando que só encontrei a garota duas vezes. E certamente não a conheço o suficiente para sentir esse ciúme tão intenso somente em imaginá-la aos beijos com ele. Ou ele a fodendo. Casando-se com ela algum dia. Minhas mãos doem sob a água quente enquanto as lavo sem necessidade. Eu mudo a torneira para frio e jogo água no rosto, uma patética tentativa de esfriar meu temperamento que esquenta quanto mais eu penso em um cretino como Caleb com uma garota como Iris.

— Engraçado te encontrar aqui — Caleb diz da porta.

Deparo com seu olhar no espelho por um momento antes de desviar os olhos, dedicando minha atenção para desligar a água e secar as mãos.

— Eu não sabia que você estaria aqui hoje — ele continua, mesmo que eu não tenha respondido nada. — Talvez eles tenham pensado que eu não apareceria se soubesse que você viria, mas estavam errados. Estou realmente feliz por termos alguns minutos para conversar.

Ainda não perco meu tempo em responder qualquer coisa, mas encaro seus olhos no espelho por alguns segundos.

— Meu novo agente está sempre de olho nas coisas. — Caleb se afasta da porta e entra no banheiro até parar na minha frente. — Parece que o

time da sua cidade, o Baltimore Stingers, me quer.

Decepção se instala no meu peito. Pode ser uma mentira, mas o Lloyd e o Decker pareciam um tanto quanto íntimos quando eles chegaram. Aposto que eles estavam falando sobre um possível acordo com o Waves. Eu tenho tão pouco controle sobre essa próxima fase da minha vida, e isso me frustra demais, mas é como tudo funciona na NBA. Os novatos não podem escolher.

— Ah! — Caleb estala os dedos. — Antes que eu me esqueça, queria te mostrar uma coisa.

Ele pega o telefone e passa por algumas fotos, até achar a que ele quer. Não existe a menor possibilidade de isso ser coisa boa. Já vi aquela cara de “estou tramando algo” desde que tínhamos doze anos em nosso primeiro acampamento juntos.

Ele vira o telefone para eu ver a tela. De início, não sei o que estou vendo, mas quando meus olhos e cérebro se conectam, eu entendo.

E o que eu não daria para enfiar sua cara no mictório.

Uma ultrassonografia.

Isso não está acontecendo. Não comigo, e eu queria que não estivesse acontecendo com a Iris.

— Você não vai me dar os parabéns? — Caleb olha para a pequena imagem antes de colocar o telefone de volta no bolso. — Eu vou ser papai. Iris e eu estamos extasiados.

Eu não posso fazer isso. A imagem da Iris grávida com a... cria... desse homem enforca as palavras na minha garganta. Eu só olho para ele, nauseado, antes de acenar com a cabeça e andar em direção à porta com as mãos ainda úmidas.

— Eu sinto que deveria me desculpar — Caleb diz às minhas costas, acelerando as palavras porque provavelmente percebe que não vou parar para escutar. — Quer dizer, primeiro o Stingers. Agora a Iris. Eu só fico pegando tudo que você quer, não é?

Eu viro, enfrentando sua zombaria de cabeça erguida.

— O que faz você pensar que a quero? — pergunto, arqueando uma sobrancelha para enfatizar.

— Ah, deixa disso, West. — Caleb ri. — Nós nos conhecemos há quanto tempo? Nunca vi você olhar para uma garota do jeito que olhou para a *minha*.

— Você é um babaca.

— Um babaca que tem a garota e o time que você quer. — Um brilhante sorriso aparece no rosto dele, antes de se virar para o mictório e abrir o zíper. Com o som dele assoviando e mijando, eu saio do banheiro, pronto para destruir o Lloyd por ter me colocado perto de Caleb e a porra da sua ultrassonografia. Meus dentes doem por ter que engolir os palavrões. O que não daria para socar esse cara no rosto.

O que não daria por alguns minutos com a Iris, para lembrá-la de nossa última conversa.

Não se perca nele.

Não esqueça dos seus sonhos.

Não o siga.

E o mais importante...

Não o escolha.

Eu não tinha o direito de dizer essas coisas antes, e certamente não tenho agora que eles vão ter um bebê juntos. Ele irá convencê-la a se casar

com ele. Eu sei isso lá no fundo, da mesma maneira que sei que dois trens indo em direção um ao outro irão colidir. Com esse bebê na história, o jogo mudou totalmente.

Pela primeira vez na vida, fui colocado no banco de reservas.

[10] Um-e-pronto: One-and-Done é como são chamados os jogadores de universidades que estudam só o primeiro ano e largam tudo quando surge a oportunidade do draft.



CAPÍTULO 7

IRIS

O sangramento não parou. Ele tem sido forte, constante desde a noite passada. Eu não queria, mas liguei para o Caleb, que previsivelmente surtou. Eu também estou surtando. É a ansiedade embrulhando o meu estômago, ou estou tendo um aborto espontâneo? A minha respiração está ofegante de medo, ou outra coisa? O que está acontecendo comigo? Com o bebê?

Minha obstetra disse para encontrarmos com ela no hospital. Estou chegando no final do meu primeiro trimestre, quando abortos espontâneos são mais comuns. Deus me perdoe, mas há uma pequena parte de mim que ficaria aliviada se eu abortasse. Como se tivesse escapado de uma roubada e pudesse continuar com meus planos sem perturbações.

Sei que neste andar havia um monte de mulheres felizes e gratas por estarem grávidas. Algumas delas fizeram sacrifícios, perderam bebês pelo caminho, fizeram tratamentos de fertilidade para ter o que nunca pedi, mas

não posso discutir com esse meu lado rebelde que vê isso como um possível escape.

A porta do meu quarto abre devagar, e Lotus coloca a cabeça para dentro.

— Ei, Gumbo. — Seu sorriso contradiz a preocupação em seu rosto.

Aceno para ela entrar, lágrimas caindo dos cantos dos meus olhos. Ela corre na minha direção e se joga na cama ao meu lado, me envolvendo em seus braços. Enfio a cabeça em seu ombro e tento conter minhas emoções: a ansiedade, a culpa, a esperança, a frustração. Tudo isso se revira dentro de mim, misturado como a sopa que originou meu apelido.

— Como você está? — Lotus pergunta, chegando para trás para me observar de perto.

— Estou bem. — Ela me olha com descrença e eu paro de fingir. — Tá bom. Estou ficando louca.

— O que eles dizem?

— Estão fazendo exames. — Eu fungo e enxugo as bochechas molhadas. — Eles devem estar de volta em breve.

— Cadê o Caleb? — Ela olha em volta do quarto, como se ele estivesse se escondendo no armário ou embaixo da cama. — Tenho certeza de que ele não está longe, já que esse é o seu notório herdeiro.

Eu rio, mas Caleb está um tanto quanto obcecado com essa gravidez. Talvez ainda me sinta ambígua sobre esse bebê, mas ele certamente não. A única coisa que já o vi querer mais é o basquete.

— O agente dele ligou e precisava conversar sobre algumas coisas, então ele saiu por um minuto.

— Acho que ele está excitado sobre ir para Baltimore, né? — Lotus pergunta.

O Baltimore Stingers pegou o Caleb no draft. August queria jogar pelo time de sua cidade natal, mas o San Diego Waves o convocou antes. De alguma maneira, mesmo ele sorrindo para as câmeras e colocando o boné do time sobre seus cachos escuros com mechas caramelo, eu sabia que ele estava decepcionado. Ele e Caleb continuam trocando vitórias e derrotas.

Outro ponto para o Caleb.

— E você? — Lotus estuda o meu rosto. — Para onde você vai se mudar?

— Preciso sair da minha casa nas próximas duas semanas. — Tento ignorar a minha ansiedade. — Já que é um apartamento no *campus*, e estou me formando... bem, preciso sair.

— Se a minha bolsa não exigisse que eu morasse no campus...

— Eu sei — eu a interrompo. — Não pense duas vezes sobre isso. Isso ainda não resolveria tudo. Ter um bebê sem emprego? Eu estava esperando ter alguma resposta sobre o estágio com a Richter, mas até agora, nada.

A não ser que vomitar no Jared tenha arruinado as minhas chances. Não poderia culpá-lo por pensar duas vezes sobre me contratar.

— Talvez eu possa trabalhar na livraria por mais um tempo... — digo.

Isso parece ridículo até para os meus ouvidos. Trabalhar na livraria do campus ao invés de viver no luxo com o Caleb quando não tem nada me prendendo a Atlanta? Estou em algum tipo de limbo até receber alguma resposta da Richter, mas uma mudança repentina poderia ser a escolha errada.

Poderia mudar o curso da minha vida, e por mais que Caleb continue a me pressionar, não serei precipitada. Sei que se quiser me mudar quando ele tiver que ir, ele pagará por todas as minhas despesas, mas isso seria quase o mesmo que dar um passo na direção que jurei nunca seguir.

Precisando de algo para fazer, pressiono o botão do meu telefone. Duas chamadas não atendidas.

— Hummm. Perdi uma ligação da mamãe — eu murmuro. — E algum número que não conheço.

— Como está a tia Priscilla? — A voz de Lo é cortês ao perguntar, mas sei que ela não gosta de falar da minha mãe, e muito menos da dela.

— Ela está bem. — Eu suspiro, meu coração tão cansado quanto meu corpo. — Claro, ela quer que eu “aproveite o máximo” dessa gravidez. Quer que eu me case com o Caleb e faça de tudo para assegurar o meu futuro. Pelo menos, o único futuro que ela imagina para mim.

— Ei, os nossos futuros não serão como o passado de nossas mães — ela me assegura. — Não se preocupe com isso. — Lotus segura a minha mão, a pedra verde de seu anel brilhando sob as luzes fluorescentes do hospital. Entrelaço nossos dedos, para que meu anel, idêntico ao dela, brilhe para nós também.

— Lembra quando MiMi nos deu esses anéis? — pergunto, um pequeno sorriso aparecendo em meus lábios quando me lembro de uma das poucas vezes que nossa bisavó nos visitou em Nova Orleans.

— Claro que sim. — Ela franze o nariz e limpa a garganta, sinalizando que está prestes a fazer sua famosa imitação da MiMi. — Mes filles, usem esses sempre e tenham a minha proteção.

Eu rio do forte sotaque de Lo, mas a imitação é perfeita. Nunca tive

muito contato com a MiMi, mas quando tive, só entendia metade do que ela falava, já que ela troca o francês e inglês com frequência. Ela mistura as línguas do mesmo jeito que mistura sua fé, dizendo a Ave Maria em um minuto e rezando para os Grandes Espíritos no próximo. Ela usa rosários em volta do pescoço e espalha poções e gris-gris[11] pela casa toda.

— Esses anéis nunca falharam em nos proteger desde que os colocamos — Lo diz, o sorriso se desvanecendo. Ela coloca a mão na minha barriga. — Ele irá protegê-la agora.

Mal consigo evitar o revirar dos meus olhos. Sendo uma mulher com educação superior, uma mulher sofisticada nascida na era digital, Lo acredita mais na porcariada de Vudu da MiMi do que deveria. Ela viveu com a mulher por anos, então acabaria acreditando em algumas superstições, mas acho que isso é um monte de merda que cega as pessoas e se aproveita do medo e ignorância delas para ter ganho monetário. Não digo nada disso porque Lo fica na defensiva, e eu fico irritada, e no momento preciso mais do que tudo de harmonia entre nós duas.

— Você está certa. — Passo o dedo pela banda de ouro do anel em meu dedo antes de continuar calmamente: — É que... tem uma parte de mim que quer que essa gravidez acabe, Lo.

Seus olhos vão rapidamente para o meu rosto. Minha confissão talvez fizesse outra pessoa me julgar, mas o rosto de Lotus relaxa com simpatia. Ela entende o quão duro eu trabalhei.

Esse bebê é uma vida. Sei disso. Respeito isso, mas meus sonhos também estão vivos, e fico pensando se um precisa morrer para o outro prosperar.

— Eu entendo. — Ela se senta por cima de um joelho. — Nós logo

iremos saber o que está acontecendo e continuaremos dali.

Aceno com a cabeça, os músculos do meu estômago contraindo enquanto esperamos. E se o bebê não estiver bem? E se o bebê estiver bem? As duas possibilidades colocam minha vida rodando em duas direções radicalmente diferentes, e meu medo crescendo com elas. Para me distrair, clico no número desconhecido e vejo uma mensagem de voz. Quando clico para ouvir, coloco no viva-voz.

— *Iris, oi...* — uma voz masculina e grave, vagamente familiar soa do meu telefone. — *É o Jared Foster.* — Meus olhos se arregalam.

— O estágio — eu sussurro para Lotus, que arregala os olhos de volta para mim.

— Espero que você esteja se sentindo melhor desde a última vez que nos vimos. — A voz de Jared tem um pouco de humor. — Eu sei que você se sentiu mal pelo que aconteceu. Mas não sinta. Minha lavagem a seco pode ser descontada no imposto de renda.

Mesmo não estando no mesmo ambiente que ele, sinto meu rosto queimar de embaraço. Vômito. Sério?

— Eu vou direto ao ponto — Jared continua. — Richter está te oferecendo uma das vagas de estágio. Você teria que estar em Chicago no próximo mês, e precisaríamos de você disposta a viajar praticamente desde o início. Tem vários acordos que estamos prestes a fechar, e você teria que entrar de cabeça.

Seu riso baixo interrompe a lista de expectativas.

— Você disse que estava pronta para trabalhar, para fazer o que fosse necessário — ele diz. — Espero que tenha dito a verdade. Me ligue para podermos conversar sobre os detalhes. Parabéns.

Meus dedos tremem sobre o telefone, e eu imediatamente quero ouvir a mensagem de voz outra vez. Eu estava ansiosa, mordendo os meus lábios o dia todo, mas agora sinto-os se abrirem em um largo sorriso. No meio de tantas coisas dando errado, algo está dando tão certo.

— Ai, meu Deus! — Lotus grita, seus olhos acesos com tanta alegria quanto ela teria por ela mesma. — Isso é maravilhoso, Bo.

— Eu sei — eu grito de volta. — Ele me disse que levaria alguns meses para decidir, mas eu tinha quase desistido...

A porta abre no meio da minha frase. O médico entra, seguido pelo Caleb, que tira o telefone do ouvido e coloca no bolso, obviamente tendo acabado de encerrar a ligação.

Tudo volta de repente. Estou no hospital, grávida de três meses, e sangrando intensamente. O que pareceu ser um dos melhores momentos da minha vida, agora parece ser uma piada cruel – um engodo bem à frente dos meus olhos. Lotus segura minha mão novamente, alinhando nossos anéis e dando um aperto reconfortante.

— Nós olhamos tudo, Iris. — Os olhos da Dra. Rimmel são amáveis e sua expressão é séria. — Você tem um hematoma subcoriônico bem extenso.

— Inglês, doutora — Lotus diz com um olhar sarcástico. — Não falamos “*mediques*”.

Os lábios da Dra. Rimmel tremem, e estou tão agradecida que a Lotus está aqui, ou já estaria maluca. Caleb vem sentar-se na cama ao meu lado, sua preocupação e frustração claras em seu rosto.

— É, o que isso significa? — exige saber. — Nós estamos esperando há séculos.

Onde o comentário de Lotus aliviou o ambiente, o de Caleb coloca tanto peso, que o pequeno sorriso da Dra. Rimmel desaparece e ela alinha os ombros.

— Para simplificar — ela diz, olhando diretamente para Caleb —, a placenta descola do útero, o que causa coágulos e o sangramento que estamos vendo.

— O bebê? — eu me forço a perguntar, sem ter certeza de que quero ouvir a resposta. — O bebê está bem?

— Sim, o bebê está bem, mas nós precisamos colocar você em repouso total para ter garantir que tudo continue bem.

— Repouso total? — resmungo. — Eu... o tempo todo presa numa cama? Por quanto tempo?

— O tempo que precisar, Iris — Caleb diz seriamente. — Nós vamos seguir as instruções ao pé da letra.

Nós não teremos que ficar deitados em uma cama por sabe-se lá Deus quanto tempo. *Eu* vou ter que ficar. Claro, farei tudo o que a médica recomendar, mas Caleb não tem o direito de ser leviano sobre a minha vida, meu tempo, meu corpo.

Eu mordo a língua porque essa não é a hora de ser assertiva. Preciso entender o que é necessário, e só depois posso corrigi-lo.

— Por quanto tempo? — pergunto novamente.

— Nós vamos começar com repouso absoluto em casa — a Dra. Rimmel diz. — E reavaliar em algumas semanas.

A palavra casa me atinge com intensidade. Preciso sair do meu apartamento no campus. A universidade estendeu meu prazo o máximo possível, e tenho algumas opções, mas nada certo.

Repouso total?

Eu não tenho uma casa, e muito menos uma cama para repousar.

— Vou cuidar dela e do bebê. — Caleb olha para mim. — Nós vamos levar suas coisas para o meu apartamento.

Um sentimento de impotência toma conta de mim. Aperto a camisola do hospital nos meus punhos. Odeio me sentir sem controle da minha própria vida, como uma atriz no palco de outra pessoa, cada movimento meu direcionado.

— E não é só repouso total, mas repouso pélvico também. — Ela olha para Caleb com seriedade. — Isso significa poucas atividades e nada de sexo.

A expressão dele muda, mas para mim isso é uma boa notícia. Não sinto vontade de transar há semanas. Coloquei a culpa nos hormônios, mas talvez seja a prepotência de Caleb que não está me excitando. Pelo menos esse bebê e essa porcaria de repouso me dão uma boa desculpa para me abster.

Odeio pensar desse jeito, mas quando olho para o meu telefone e me lembro da mensagem de Jared sobre Chicago, não poder fazer sexo parece ser a única coisa boa em tudo isso. O anel talismã de MiMi pisca para mim do meu colo. Não sei se está funcionando ou não. No entanto, por agora, o bebê está protegido, mas os meus planos para o futuro definitivamente correm perigo.

[11] Gris-gris é um amuleto vudu originário da África, que protege do mal e traz sorte. São pequenos saquinhos de tecido com algum objeto pertencente à pessoa que deve ser protegida.



CAPÍTULO 8

AUGUST

Tire proveito dos piores problemas.

Isso não é completamente justo ou correto. Estou vivendo em San Diego, uma cidade com o tempo quase perfeito o ano inteiro. Assinei um contrato de trinta milhões de dólares com a NBA. Você vai achar incontáveis sonhos de basquete mortos em cada ginásio escolar e parques em todas as vizinhanças. Eu sou um sortudo filho da puta.

Sei disso.

Mas começar em um time que provavelmente não terá uma temporada vitoriosa por anos é uma bosta. Já estou pensando no fim do meu contrato como novato, e como irei sair de San Diego. A voz do treinador Kirby na minha cabeça me chama de mimado, ingrato e covarde. Ele nunca toleraria esse tipo de atitude derrotista. E tem alguns pontos positivos aqui.

Para começar, vou jogar com um veterano que sabe como ganhar nesse nível. Kenan Ross é um monstro. Eu o admiro há anos. Durante a

primeira reunião do time, eu o observo, e tenho que admitir que é uma grande oportunidade jogar com ele, mesmo sem certeza de que o desejo dele também é estar aqui. Ele deixou um time competitivo, que ganhou um campeonato há alguns anos, para vir para cá e começar do zero.

— No meu nariz ou no meu dente? — pergunta baixinho enquanto nosso técnico principal reafirma o privilégio que nós temos de construir um time do chão.

— Hum? — Lanço um olhar para ele. — Do que você está falando?

— Você está me olhando como uma garota — ele diz com um sorriso torto, seus dentes brancos contra a pele escura. — Então ou você quer me chamar para sair... — Ele me olha rapidamente de lado. — E a resposta é nem fodendo, só para dizer.

Eu rio, olhando para cima para ter certeza que o técnico não notou que não estamos prestando atenção.

— Ou tem uma meleca no meu nariz, ou algo no meu dente.

— Hum... nenhum dos dois — eu digo para ele. — Nariz e dentes limpos, e fique tranquilo, você é um pouco mais peludo que o meu habitual.

— Maior também, eu acredito — ele diz com um sorriso solto.

O cara é imenso. Com dois metros e um, ele é um dos melhores ala-pivô do jogo. E é músculo puro. Ele é duro como mármore, e com trinta anos de idade, ainda está em ótima forma. Ele ganhou o apelido “Glad” na faculdade, diminutivo de gladiador. Ele luta por cada posse de bola, vai atrás de cada rebote. Ele é um excelente jogador de duas vias, ataque e defesa, e como alguém que levou uma reprimenda por causa da defesa falha, tenho muito o que aprender com ele.

Iris me encheu o saco sobre defesa.

Porra. Prometi para mim mesmo que não pensaria mais nela. Ela está grávida de outro homem. Esperando o bebê de um babaca.

— Agora você está todo triste — Kenan diz pelo canto da boca. — Está bem. Eu vou sair com você. Porra.

Eu rio e sacudo a cabeça.

— Pode manter o seu encontro piedoso, cara. — Meu sorriso some. — Mas eu estava pensando nessa garota que eu prometi a mim mesmo que não pensaria mais.

— É. — O sorriso de Kenan some tão rápido quanto o meu. — Eu entendo.

Eu sou um idiota. Kenan solicitou uma troca quando sua esposa o traiu com um de seus companheiros de clube.

— Merda, Glad — digo, me chutando internamente. — Eu não quis...

— Está tudo certo. — Seu sorriso é forçado, nada como o natural de alguns minutos atrás. — Não vale a pena falar sobre ela. E nem sobre ele.

— Mas valeu a pena deixar um time campeão para vir para cá? — pergunto.

— O que tem de errado aqui? — Kenan pergunta, sobrancelhas levantadas. — Estou ganhando a mesma grana.

— É, bem... alguns de nós não temos anéis ainda — digo, tentando manter a amargura longe da minha voz. — Então dinheiro não é tudo.

— E por que você já está pensando em anéis? — ele bufa em desgosto. — Estamos apenas em outubro. Primeira temporada. Você acabou de chegar aqui, novato. Você tem muito o que aprender e conquistar. Acha

que porque era o bonzão no seu campus, você vai chegar aqui já deixando a sua marca?

— Não, não é isso.

— É isso. — Os olhos de Kenan endurecem. — Eu joguei com babacas mimados antes. Não seja um deles.

Engulo de volta a resposta defensiva e deixo espaço para ele dizer o que mais quiser. Ele está certo. Eu estava me comportando como um babaca mimado.

— Quantos caras da sua escola estão jogando basquete profissional?

— Só eu — respondo calmamente.

— E do seu time na faculdade? Algum deles na NBA?

— Não — admito com uma sacudida de cabeça, lembrando de todos os bons jogadores que só não eram bons o suficiente para estar aqui. — Nenhum.

— Certo, então pare de pensar sobre o que você não tem, e comece a ser grato pelo que tem. Você tem que pagar algumas dívidas. — Ele levanta quando o técnico nos dispensa e diz para nos apresentarmos no ginásio. — Começando agora. — Ele aponta para a bolsa de ginástica nos pés dele.

— Essa é sua — ele diz.

— Ah... desculpa? — Aponto para a bolsa a alguns passos de distância. — Não, aquela lá é a minha bolsa.

— Eu sei disso, Novato. — Seu sorriso está de volta, e esse não é somente natural, mas às minhas custas. — Já que está aqui o dia inteiro, mas já acha que deveria estar ganhando anéis, vamos ver você carregar a bolsa de alguém que realmente tem um anel.

— Ah, você quer que eu... — Minha voz some quando ele vai embora, deixando sua bolsa para eu carregar.

Outro jogador veterano vem na minha direção e me entrega a dele também.

— O Glad disse que você está por conta disso, Novato. — Ele ri e joga a bolsa aos meus pés.

— Sim, mas...

— É você? — outro veterano pergunta, jogando a bolsa e andando para o ginásio.

— Hum... não, eu estava só tentando dizer ao Glad que...

— Obrigado, Novato — ele diz e vai embora.

Quando chego no ginásio, estou tentando carregar sete bolsas, e nenhuma delas é a minha. Eu as jogo perto do banco e arranco meu casaco pela cabeça para me juntar aos meus companheiros de time no treino.

— Estava aqui pensando por que você estava demorando tanto — Kenan diz, quicando a bola num exercício de drible.

— Então você está, tipo, implicando comigo? — Eu tento manter a voz leve, mas talvez esteja um pouco chateado com a brincadeira.

Kenan para de driblar para me encarar.

— Todo mundo sabe o que você pode fazer, Novato. Nós podemos ser veteranos, mas o Deck está construindo o time dele em volta de você. Você é jovem, mas é o melhor jogador. Nós entendemos isso — ele diz calmamente. — Mas quando você está nas trincheiras com alguém, não precisa somente saber o que eles podem *fazer*. Você precisa saber quem eles *são*. Eu quero saber mais sobre a sua personalidade do que sei agora sobre o seu jogo.

Seu olhar penetrante me observa.

— Então, sim, você irá carregar bolsas para os veteranos de tempos em tempos. Nada errado em se manter humilde antes de os anéis começarem a aparecer.

— É o mínimo que posso fazer. — Eu me forço a conceder com um pequeno sorriso.

— Se considere sortudo. — Ele faz um arremesso que só toca na rede. — Eles me fizeram limpar os suportes atléticos.

— Merda. — Eu faço uma careta de desgosto. — Suor de saco?

— Suor de saco.

Podem me dar as bolsas a qualquer dia.



CAPÍTULO 9

AUGUST

A vida nem sempre cumpre suas promessas, e alguns sonhos são mais doces antes de virarem realidade.

Essa é a minha carreira na NBA até o momento. É fevereiro, metade da minha primeira temporada, e nós estamos dentro do esperado das equipes de expansão, classificados como sub-500[12]. Sem chance de conseguirmos ganhar metade de nossos jogos do jeito que estamos indo. Kenan continua me lembrando que estamos apenas no início e que devo ser paciente.

Outra coisa que é superestimada? O self-service de boceta. Admito que tirei vantagem disso. Tive um ménage ou seis. Merda, fiquei com quatro garotas de uma vez há algumas semanas. Acho que uma das garotas só chupou o meu dedão, porque as outras três tinham todas as bases essenciais cobertas. É um rito de passagem para a maioria dos atletas profissionais, o uso demasiado do pau. Wilt Chamberlain alegou ter dormido com mais de

vinte mil mulheres. Eu só fico pensando se tudo ficou cansativo tão rápido... Ele ficava deitado na cama algumas noites, com uma mulher de cada lado, e se sentia completamente sozinho? Ele pensava em uma garota em particular quando estava fodendo todas as outras?

Porque esse é o meu atual dilema.

Caleb e eu só nos encontramos na quadra uma vez nessa temporada. Foi a minha melhor performance individual até agora porque nosso ódio mútuo traz à tona o meu melhor jogo. Mas é um esporte de equipe, e o time da minha cidade natal, o Stingers, teve a melhor noite e é o melhor time. Nós perdemos na prorrogação por dois pontos.

Caleb e eu mal nos falamos naquela noite. Eu me forcei a apertar a mão dele antes de sair da quadra porque o treinador Kirby chutaria meu traseiro por péssimo espírito esportivo se eu não fizesse, mas não fui capaz de encará-lo. Eu teria perdido a cabeça se tivesse visto sua satisfação arrogante.

Ele está no time que eu queria jogar na minha cidade natal. Ele tem a garota que não consigo tirar da cabeça. As notícias se espalham rápido no circuito da NBA, e alguns meses atrás, o garoto de ouro tendo um bebê era o assunto do momento.

Toda vez que penso neles tendo uma criança, construindo uma vida juntos, quero socar um buraco na parede.

Ou a cara do Caleb. O que estiver mais perto.

É o final de semana do All-Star, e por algum milagre, fui votado para participar no All-Star de domingo, como segundo reserva, mas não esperava isso como um novato. Claro, Caleb também foi votado. Não consigo escapar do cara. A mídia está carregando a “rivalidade” da escola e faculdade, e a perpetuando sempre que possível. Nem quero o meu nome na

mesma frase que o dele, e as pessoas parecem não conseguir falar de mim sem falar nele. Pelo menos hoje à noite ele não está na competição de três pontos.

Tenho algumas horas antes de precisar me apresentar para o meu próximo compromisso com o All-Star, uma aparição em um abrigo local para os sem-teto. A liga gosta quando os jogadores retribuem. Eu amo a cidade de San Diego e definitivamente farei algum trabalho de caridade lá, mas já falei com os coordenadores de caridade da liga sobre fazer algumas coisas na comunidade onde cresci. Baltimore pode ser o time do Caleb, mas é a minha cidade. Minha infância foi lá. Minha família está lá, minha história, e meus amigos. O grupo central de pessoas que me criou e me ajudou a chegar onde estou, e quero contribuir lá e *também* na cidade onde fui convocado.

Nesse momento, na loucura do final de semana do All-Star, só preciso de um minuto para mim mesmo. Haverá câmeras no abrigo hoje à tarde. Tirei fotos e dei autógrafos para os fãs o dia inteiro. Haverá entrevistas dentro e fora da quadra hoje depois da competição de três pontos. Todo lugar em que vou, preciso estar *ligado*, e só por um minuto, não quero estar. Eu desço por um corredor da arena onde estão ocorrendo as festividades.

Olhando por sobre o ombro para ter certeza que ninguém me vê, tento abrir algumas portas, todas trancadas. A maçaneta da última porta gira facilmente, e a porta abre em um cômodo mal iluminado, uma luminária no canto provendo um pouco de luz.

Perfeito. Talvez possa até tirar uma soneca. Eu me sento agradecidamente na poltrona, empurrando a parte de baixo para elevar meus pés.

Um leve suspiro vindo de uma cadeira no canto me assusta.

Entrecerro os olhos, tentando ver nas sombras e deparando com a última pessoa que esperava ver.

— Iris? — pergunto sem acreditar.

— Shhhhhh! — Ela levanta o dedo indicador para os lábios.

Deus, seus lábios.

Eu tinha esquecido o quão carnudos eles eram, quão largos e luxuriosos. Eu tinha esquecido que seus olhos mantêm uma dúzia de cores reféns e que o seu cabelo é uma cascata escura de seda. Talvez não tenha esquecido tanto quanto não tenha me permitido lembrar. Bloqueei a memória de como essa mulher é exatamente o que eu desejaria. Minha imaginação, minha memória, não fazem jus a ela.

Ela gesticula para uma protuberância coberta por um cobertor em seu peito.

— Desculpa — ela sussurra. — Eu não quis mandar você calar a boca. Ela acabou de dormir, e não quis acordá-la.

Ela.

Nos últimos meses, pensei no bebê como a cria do Caleb. Agora que estou no mesmo cômodo que a Iris alimentando seu bebê, só posso pensar no bebê como... dela.

Alimentando.

— Ah, merda — eu murmuro, abaixando o apoio de pé. — Desculpa. Você está... — Eu gesticulo para o bebê no peito dela. — E estou só sentado aqui como...

— Está tudo bem — ela interrompe, sorrindo. — Estou decente. Ela está finalmente dormindo, e posso aproveitar alguns minutos de companhia adulta. — Ela lambe os lábios e morde o canto da boca. — Fica.

Mesmo ela pedindo, sei que deveria ir embora. Não para preservar a modéstia dela. Ela está certa. O cobertor cobre o seio dela e o bebê dormindo. Eu deveria ir porque quero muito ficar. Depois de mais de um ano sem vê-la, tenho um milhão de coisas para perguntar e um milhão de coisas para compartilhar. Nós somos pessoas diferentes do que quando nos conhecemos pela primeira vez.

Assinei um grande contrato. Estou numa caixa de cereal em algum lugar lá fora e virei animação para um videogame. Minha vida é completamente nova. E Iris tem um bebê agora, pelo amor de Deus. Mas tem uma parte de mim, que sempre irá pensar nela como a linda garota xingando a televisão num boteco, bebendo sua cerveja quente e torcendo para o Lakers. Nós somos diferentes, mas fico pensando se a rápida intimidade que compartilhamos naquela noite ainda existe. Se ainda é a mesma.

— Como você está? — pergunta.

Eu me reclino, levantando o apoio de pé novamente e rio.

— Quanto tempo você tem?

Ela olha para o pacote coberto.

— Ela vai ficar num coma de leite por um tempo, então provavelmente o suficiente para escutar sobre suas aventuras de novato.

— Tem sido uma viagem alucinante — eu digo, tentando não dar uma má impressão. — Quer dizer... não quis dizer uma viagem alucinante com as mulheres. Nada disso.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Tudo bem — eu rio timidamente. — Talvez um pouco disso.

Ela revira os olhos e seus lábios se contorcem em um sorriso.

— Okay. Você me pegou. — Eu me permito um belo sorriso. —

Bastante assim.

— Era de se esperar. — Ela se ajeita um pouco, apoiando a cabeça no encosto do sofá de couro. — Você é rico, talentoso, bonito. Solteiro. Eu não acreditaria se você tivesse me dito outra coisa.

— Você me acha bonito? — Eu brinco com ela.

Ela olha para o lado, sacudindo a cabeça e rindo baixinho.

— Como se você não soubesse. — Ela dá uns tapinhas no pequeno bumbum embaixo do cobertor. — Tenho certeza de que você não tinha dificuldades em encontrar... companhia... antes do seu gordo contrato. E tenho certeza de que você tem que lutar contra elas agora.

Meu sorriso congela nos meus lábios. Nós podemos rir um pouco aqui nesse cômodo mal iluminado. Eu tenho alguns minutos com ela depois de um ano, mas ela está indo para casa com o Caleb. Ela estará na cama dele hoje à noite. Mesmo agora, ela está alimentando a filha dele.

Meu bom humor desce pelo ralo, e tudo que resta é um inútil ressentimento.

— Eu certamente não estou lutando contra elas — digo pontualmente, cruzando os dedos sobre meu abdômen.

Ela endurece por um quase imperceptível segundo, antes de voltar com o sorriso e encarar meus olhos diretamente.

— Eu ficaria surpresa se você não estivesse aproveitando todas as vantagens que a NBA oferece.

— É, bem, quando não se pode ter o que realmente quer — eu digo, olhando diretamente para ela e a forçando a não olhar para o lado —, você aceita o que está disponível.

Ela ri, mas a risada é falsa quando desvia o olhar e arruma o

cobertor em volta do bebê.

— Um homem como você nunca deveria aceitar o que está disponível, August.

— O mesmo vale para uma mulher como você, Iris. — Eu passo por cima da minha hesitação e pergunto para ela o que acho que ela perguntaria para mim se me visse comprometendo minhas ambições: — Você está aceitando o que está disponível?

Ela engole, os músculos se movendo em seu elegante pescoço, e respira fundo antes de olhar para mim.

— Não estou aceitando. Estou fazendo o melhor que posso com o que tenho.

Não sei como tudo ocorreu no ano desde que a vi pela última vez, mas não importa. Ela engravidou. Sei que ela tem que ser responsável, mas apostar todas as fichas dela no Caleb é um erro. Um que não posso permitir que ela faça, pelo menos não sem avisá-la novamente. Nós só nos encontramos duas vezes, mas ela parece ser minha amiga. Uma amiga que eu gostaria de beijar e foder, mas uma amiga de qualquer jeito.

Eu me levanto e ando diretamente para o sofá, me agachando e olhando para ela. Se você não olhar de perto, vai pensar que ela parece serena como qualquer mãe amamentando e criando seu filho. Mas ela não é qualquer mãe. E quando vejo a turbulência em seus olhos, ela certamente não parece serena.

— Iris, não perca de vista o que você quer. — Eu arrisco tocá-la, segurando a mão no colo dela. — Você engravidou, mas esse não é fim dos seus sonhos. Você é muito nova, talentosa e maravilhosa para abandonar suas ambições e correr atrás do Caleb enquanto ele persegue as dele.

— Não estou correndo atrás dele — ela diz, duramente, afastando a mão da minha. — Você não sabe quais eram as minhas escolhas e as decisões difíceis que tive que tomar.

— Eu tenho certeza de que fez o que devia, porque esse é o tipo de mulher que você é. — Eu recapturo os olhos dela, mas não tento segurar novamente sua mão. — Mas você está somente me dando razão. Você fez exatamente o que tinha que fazer por esse bebê. Agora faça o que tem que fazer por você.

Ela olha para mim, suas emoções desnudas e espalhadas em seu rosto, seus olhos enchendo de lágrimas. Seus lábios se separam, mas o que quer que seja que ela planejava dizer, é cortado quando o pequeno embrulho em seu peito se mexe, virando, e o cobertor cai.

E puta merda. Estou olhando para o seio de Iris.

O mamilo é ereto e da cor de ameixas frescas contra o dourado escuro de sua pele. Uma gota de leite presa na ponta. Não consigo engolir ou respirar, mas minha boca abre automaticamente, meu corpo exigindo que eu sugue. Eu deveria desviar o olhar. Provavelmente pareço um babaca, mas não posso fazer nada. Meus dedos se curvam contra a minha palma, sofrendo para traçar a rede de veias azul-esverdeadas logo abaixo da pele dela.

Quando finalmente olho para cima, Iris está tão paralisada quanto eu, vendo-me observá-la. Ela fica boquiaberta, sua respiração ofegante, seus seios arqueando, um coberto e o outro exposto para os meus olhos insaciáveis. O ar fica pesado com todas as necessidades que tenho suprimido e afogado em sexo sem sentido com outras mulheres. Essa é a mulher que eu quero. Doido como pode ser, essa é a que eu quero. Não poderia me afastar daqui se o lugar estivesse pegando fogo.

— Você é tão linda. — Minha voz é rouca e urgente. — Nós mal nos conhecemos, eu sei, mas não consigo parar de pensar em você, Iris.

Minhas palavras arrebatam a linha que nos mantinha juntos, e ela rapidamente sobe o sutiã, prendendo a aba e ajeitando a blusa.

— August, não. — Ela passa a mão na nuca, embaixo do cabelo cobrindo seus ombros.

Eu a vi pelada, mas sou eu que estou exposto. Não posso esconder o quanto a quero. Eu me senti mais conectado com ela no pouco tempo que tivemos juntos, do que com qualquer mulher que fodi no último ano.

— Você também pensa em mim? — A pergunta que prometi a mim mesmo não fazer, simplesmente sai.

— Não posso pensar em você. — Ela entrecerra os olhos, mordendo forte o lábio inferior. — Estou com Caleb. Nós temos uma filha, um futuro.

— Um futuro? — falo de um jeito rude. — Com ele? Me dá um tempo. Ele provavelmente já está te chifrando.

Um músculo contrai na mandíbula dela. Estou na estrada o suficiente para saber que os jogadores casados pegam tantas mulheres quanto os solteiros. Conheço o Caleb há tempos. O cara sempre quer ter o bolo e comê-lo também. Sem chance de ele não estar pegando todas as mulheres que puder quando está fora. Se a Iris fosse minha, eu seria fiel a ela. Não tem uma mulher viva que poderia me tentar se eu fosse dela. Quero confessar tudo isso para ela, mas ela não acreditaria em mim.

— Preciso tentar fazer isso funcionar, August. — Ela acaricia o cabelo macio na cabeça de sua filha. — Tem muita coisa em jogo.

— O seu futuro está em jogo.

— August, nós nos encontramos duas vezes e...

— Correção. Hoje é a terceira vez — eu digo, acrescentando um sorriso para mostrar que sei o quão ridículo isso soa.

As linhas tensas em volta de sua boca também relaxam um pouco. Humor suaviza seus olhos.

— Corrigindo. Hoje são três vezes — ela diz, ficando séria aos poucos. — Mas você não pode esperar que eu abandone o homem com quem estou há dois anos. Pelo quê? Um sentimento? Uma atração?

— Então você está atraída por mim?

Ela me olha exasperadamente, sacudindo a cabeça.

— Isso não importa. Eu posso estar... atraída por alguém sem fazer nada com isso. Mas isso não significa que vou abandonar meu relacionamento, o pai da minha filha, que está cuidando de mim e do meu bebê.

— Eu tomaria conta de você, se fosse isso que você quisesse. — Eu me forço a levantar, mesmo ficando contente de me sentar aos pés dela a noite toda. — Mas a garota que conheci naquele bar não queria ser cuidada por ninguém. Eu faria tudo em meu poder para te ajudar a seguir os seus sonhos para você poder cuidar de si mesma. E então nós dois saberíamos que você estava comigo porque queria estar, e não por não ter outra escolha.

Eu pauso, deixando minhas palavras no ar, deixando-a ouvir a verdade por trás do que eu disse.

— Pergunte a si mesma se o Caleb faria o mesmo.

Estou prestes a salientar o que quero dizer um pouco mais, tirar vantagem desses poucos e raros momentos o máximo que puder, mas o bebê escolhe esse momento para abrir os olhos.

E estou perdido novamente.

Sua pele fica entre o bronzeado claro de seu pai e o dourado mais profundo da pele de Iris. Cachos escuros envolvem um rosto pequeno, com um nariz miúdo e uma boca rosada. A filha me captura com um olhar, do mesmo modo que a mãe fez, e meu coração cai do meu peito aos seus pés.

— Ela se parece com você — eu sussurro, impossibilitado de desviar o olhar do pequeno anjo nos braços de Iris. No entanto, era como se fosse o próprio Caleb me encarando – um azul tão escuro que chega a ser quase violeta. — Mas ela tem os olhos do pai — digo, meus dentes rangendo e a mandíbula cerrada.

— Sim, ela tem. — Iris olha para o bebê. Sua expressão não relaxa ou tem a adoração maternal esperada.

Pela primeira vez, olho além de como ela é bonita, e vejo algo a mais. Ou talvez eu note a ausência do que vi antes. Uma fagulha. Vida. Vitalidade.

— Você está bem? — pergunto suavemente. — Quer dizer, realmente bem? O que está acontecendo com você?

Surpresa com a minha pergunta se passa pela feição de Iris antes de ela disfarçar.

— Eu estou bem.

— Não radiante? Delirantemente feliz? — Eu brinco com um dos cachos do bebê, rindo quando ela faz um som parecido com risada. Caleb pode ser um babaca, mas a filha dele é linda. Perfeita.

— Eu só... — Ela suspira e faz uma careta. — Eu não sei, August.

— Ei. Você pode conversar comigo. — Eu rio e dou de ombros. — Afinal de contas, essa é a nossa terceira conversa. Certamente podemos

deixar os segredos para trás.

Uma risada rouca é minha única resposta. Por alguns segundos, aguardo em silêncio, incerto se ela vai me contar algo. Ela pressiona os lábios, e pisca rapidamente, mas não antes de algumas lágrimas deslizarem pela bochecha.

— Eu não me sinto como uma mãe. Eu sinto... — Ela pausa, procurando pelas palavras certas. Talvez ela já tenha as palavras certas e não quer dizê-las. — Você fala sobre a garota que você conheceu no bar — ela continua, enxugando as lágrimas impacientemente. — Ela não existe mais. Ofereceram para mim o emprego dos meus sonhos, mas tive que recusar por causa dessa gravidez.

— Sinto muito — digo, suavemente. — Eu sei o quanto você queria trabalhar com esportes.

— Eu ainda quero. — Ela funga e levanta olhos cheios de decepção. — Mas e se eu nunca...

— Você irá, Iris — eu corto.

— Eu sinto como se tivesse me tornando tudo que nunca quis ser, e não tenho certeza de como impedir isso. Eu não queria essa gravidez. — Sua voz diminui, como se não quisesse que sua filha ouvisse, ainda que não entendesse nada. — Eu não queria... — Ela não diz, mas olha para a criança aconchegada em seu peito, e as palavras não ditas soam claramente.

Ela não a queria. O bebê. Ela não a queria.

— Eu sou uma pessoa horrível — ela diz, suas palavras torturadas e presas em soluços. — Mas estou determinada a cuidar dela. Quero que isso seja suficiente, que ela seja suficiente, mas fico ressentida de tudo, o tempo todo. É tudo que sinto. Todo o resto parece... apagado. Um minuto estou

completamente anestesiada, e no outro estou sentindo demais, eu sou uma zona.

Um sorriso irônico aparece em seus lábios, mesmo com lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Vê o que estou dizendo? Eu sou uma desordem.

— Talvez você devesse conversar com alguém.

— Você está provavelmente certo, mas a Lo está muito ocupada com a própria vida, e minha mãe... Deus, ela está feliz demais porque “peguei” um jogador para mim. Ela acha que estou choramingando e reclamando por nada. Por que preciso de um emprego? Por que iria querer trabalhar quando esse é o bilhete de loteria que a maioria das mulheres mataria para conseguir? Não posso conversar com ela.

— Estou querendo dizer que você deveria conversar com seu médico — eu digo, calmamente. — Não sou um especialista, mas talvez isso seja depressão ou algo do gênero. Você não é uma má pessoa, e não acho que seja uma mãe ruim. Talvez você seja uma pessoa que odeia ter sido obrigada a colocar os sonhos de lado, e que esteja com os hormônios desregulados.

Os olhos dela se arregalam, e ela olha para a filha, mordendo o lábio.

— Talvez — ela finalmente murmura. — Ninguém sugeriu isso antes. Não que eu tenha conversado com alguém sobre isso.

— Talvez ajude. Afinal, qual é o nome dela? — Minha voz é quase cortês, sem dar pistas de como ver esse lindo bebê me afeta, e como a mãe dela me afeta.

— Sarai — Iris responde, um pequeno franzido entre suas sobrancelhas. — Significa princesa.

— Ela se parece com uma. — Eu retorço meus lábios quando Sarai parece sorrir para mim. Não sei se bebês realmente sorriem nessa idade, mas ternura me domina do mesmo jeito.

— August — a pausa de Iris está carregada de hesitação e decisão —, eu disse a verdade. O Caleb está cuidando da gente. Ele tem que fazer isso até que eu esteja em uma posição para me reerguer. Eu preciso tentar fazer isso funcionar. Você entende, certo? Eu não posso... nós não podemos...

Ela abaixa os olhos e sacode a cabeça. Ela não precisa dizer mais nada. Seu lindo rosto tão sincero diz tudo.

Ela é boa demais para ele. Eu soube disso desde o início. Ela não seria a garota que não consigo tirar da cabeça se fosse desleal. Se fosse infiel. Mas ainda assim é só uma questão de tempo antes que Caleb mostre suas verdadeiras intenções.

Depois que eu sair por essa porta, Iris e eu iremos continuar vivendo nossas vidas, continuar como se esses momentos não estremecessem meus alicerces, mas um dia ela vai largá-lo. Ela é muito inteligente para não fazer isso.

E quando isso acontecer, eu estarei lá.

[12] Sub-500 é uma classificação da NBA que indica quando um time tem o número de vitórias inferior ao de derrotas.



CAPÍTULO 10

IRIS

Houve um tempo em que eu quis me machucar. Talvez até machucar meu bebê. Sou uma pessoa horrível, mas honesta. Tudo que posso torcer é que esses sentimentos não sejam realmente quem sou. Espero que essa não seja a mãe que serei para sempre, mas isso é quem sou hoje.

Leio as linhas que escrevi semanas atrás. Meu terapeuta recomendou que eu escreva meus pensamentos verdadeiros em um diário. O conselho veio junto com uma prescrição que me fez sentir melhor sobre a vida em geral, relativamente rápido.

O fim de semana do All-Star foi um ponto de virada de várias maneiras. Eu estava me sentindo tão para baixo naquele dia no cômodo designado para mães em amamentação. Minha conversa com o August, a sugestão dele sobre depressão pós-parto, abriu para mim possibilidades de que talvez o que estava sentindo era mais do que meu próprio egoísmo. Do que só ressentimento por conta das circunstâncias. Isso iniciou a conversa

com o meu médico que me tirou daquele lugar escuro e desolado.

Fecho o diário e o tranco no criado-mudo do meu lado da cama. Não sou mais aquela mulher. Passaram-se apenas algumas semanas, mas Sarai, minha princesa, se mudou para o seu lugar de direito, o centro do meu mundo.

— Você é a princesa da mamãe, não é? — digo para ela, enquanto me preparo para trocar sua fralda. Eu cheiro a sola macia de seus pezinhos, ganhando um pequeno riso do lindo bebê na minha cama. Talvez eu seja uma mãe tendenciosa, mas acho que ela é o bebê mais lindo que já vi.

Mas o August também achou.

Quando o August entrou na sala, fiquei chocada, mas também feliz em vê-lo. Tão feliz que não fui capaz de tirá-lo da minha mente. Aqueles momentos carregados de tensão quando o cobertor caiu do meu seio e fiquei boquiaberta olhando para ele como uma assanhada, ao invés de me cobrir imediatamente. Eu estava travada de choque, e se for honesta... Deus, odeio admitir até para mim mesma. O jeito que ele olhou para mim, tão faminto e reverente, eu só queria mais daquilo.

Quando vi o August, ainda estava carregando sete quilos extra da gravidez. Meu cabelo não havia sido hidratado ou recebido um corte em semanas. O mínimo de maquiagem que me obriguei a aplicar já havia desaparecido, mas ele me olhou como se eu fosse uma deusa. Como se ele fosse me devorar inteira se chegasse mais perto.

E eu o queria mais perto. Muito mais perto. Meus mamilos endurecem sob a camiseta, lembrando do calor fervendo entre a gente naqueles segundos elétricos.

Isso não é bom.

Preciso controlar esses pensamentos.

Venho deliberadamente evitando os sites de esportes que geralmente sigo e tenho ignorado o mundo do basquete o máximo que posso. Não quero saber sobre o August, não quero saber quem ele está namorando ou como ele está jogando ou como a vida dele é perfeita.

Porque a minha não é.

Além da minha filha, a quem penso que não poderia amar mais do que amo nesse momento, minha vida está em pedaços. Estou vivendo em uma cidade sem amigos ou família, completamente dependente do pai do meu bebê, que não tenho certeza se amo.

Pronto. Eu disse. Pelo menos na minha cabeça eu disse.

Acho que não amo o Caleb.

Como poderia sentir-me do jeito que senti com August naquela sala, como poderia pensar nele tão frequentemente, se amasse Caleb? Quero dizer, *realmente amá-lo*? Eu me recuso a acreditar que meu coração é tão leviano.

Também acho que ele não me ama. Tenho quase certeza de que ele está me traindo, mas não me importo o mínimo, assim como não faço questão de averiguar. Mesmo meu novo ginecologista achando uma pílula que funciona com o meu corpo, não contei para o Caleb. Se ele está lá fora me traindo, ele vai ter que usar camisinhas. Mais provas de que não posso amá-lo.

Um pedaço de fofoca penetrou meu boicote de mídias sociais noutro dia. Aparentemente, o August foi visto com a estrela do tênis, Pippa Kim, em mais de uma ocasião, e todo mundo está especulando se estão namorando. É irracional, mas isso me magoa. Isso me deixa... *raivosa* não é a

palavra certa. Eu não tenho o direito de sentir raiva, mas não gosto disso. Seja lá que sentimento é esse, ele queima a parte de baixo da minha barriga o dia todo como um carvão em brasa.

Eu deveria ter ciúmes dos números de telefone que encontro em pedaços de papel nos bolsos das calças do Caleb, mas não tenho.

Meu telefone toca, interrompendo os planos que vêm circulando em minha cabeça ultimamente.

Eu olho para a tela. Lo é a única pessoa com quem realmente converso, além da minha mãe, de tempos em tempos.

— Ei, Lo — eu a cumprimento, colocando Sarai no meu quadril e cruzando o piso aquecido descalça. Certamente não teria esse tipo de conforto e uma mansão cheia de carros na garagem se eu deixar Caleb, mas teria a minha vida de volta e algum tipo de controle sobre a minha existência.

— Ei, Bo. O que está acontecendo? — A voz de Lo é meio divertida e meio irritada. — Você esqueceu da sua garota ou o quê?

— Claro que não. — Eu coloco Sarai em sua cadeirinha e pego os ingredientes para preparar seu almoço no processador de alimentos. — Só ocupada sendo uma mãe, eu acho.

— Eu entendo isso, e você sabe o quanto amo minha princesa, mas estou me sentindo um pouco negligenciada.

— Eu tenho certeza de que entre nós duas, você tem a vida mais ocupada. Toda vez que te ligo, você está em algum desfile de moda ou sessão de fotos.

— Verdade — Lo diz com um riso satisfeito. — Essa vida é maravilhosa.

Eu reviro os olhos, um sorriso nos lábios.

— Você precisa acertar a sua vida também — Lo diz com firmeza.
— Você não pode ficar nesse buraco para sempre.

Eu estava excitada para falar dos meus planos com ela como sempre faço, mas o comentário dela acaba com o meu entusiasmo.

— Buraco? — pergunto. — Você está chamando ter um bebê e me dedicar a ela de buraco?

— Não fique toda sensível — ela diz brincando, mas não estou com humor para brincar. — Você nunca sai dessa casa imensa. Não fez nenhuma amizade aí. Não está colocando a sua carreira de volta aos eixos.

— Eu vou — digo com mais confiança do que sinto.

— Não deixe Caleb passar por cima de você — Lo continua. — Só tem uma coisa que aceito deitada, e isso é um belo pau. E mesmo assim, vou acabar no topo.

Seu riso audacioso do outro lado me faz rir também. Deus, eu sinto falta dela. Eu sinto falta disso.

— Conheci o Caleb — Lo diz —, e duvido seriamente de que você esteja recebendo o belo pau.

— Ai, meu Deus. Você não disse isso.

— Ah, sim, eu disse, querida. Eu pego o *belo pau* não importa o que está acontecendo. Essa é a prioridade. E não estou falando do pau daquele homem rico.

— Co-co...mo é que é? — Gargalhada desafia minhas boas intenções e sai da minha boca.

— Só estou dizendo que nunca conheci um homem rico que pode realmente foder, sabe?

— Hum, não, eu não sei.

— Bom, Caleb é o único homem com quem você dormiu, então você só teve pau rico. Você não tem nada para comparar. Me dê um pouco daquele pau falido. Aquele pau desempregado, ainda-morando-com-a-mãe-e-dormindo-no-sofá-dela.

Estou rindo descontroladamente agora, e isso só a estimula ainda mais.

— Aquele pau telefone-acabou-de-ser-cortado — Lo continua, se empolgando. — Me dê um homem que cresceu com o auxílio do governo e nunca soube de onde viria a próxima refeição. Os ricos fodem como se eles tivessem direito à boceta. Eu quero que me fodam como se a sobrevivência dele dependesse de mim. Eis aí um pau agradecido.

— E mesmo assim, nunca soube de você namorar alguém como você está descrevendo. — Eu a lembro.

— Namorar? — Lo pergunta, com a voz indignada. — Quem disse algo sobre namorar? Estou falando sobre foder. Eu só lido com esses caras entre os lençóis e pelo tempo que demorar para dar um carona para eles na manhã seguinte até o caixa-eletrônico. Você não se apaixona pelo pau falido. Querida, você só tem ele enquanto você pode cavalgá-lo e enquanto é bom.

— Deus, você nunca muda, não é? — pergunto, sentindo meu coração mais leve desde a última vez em que nos falamos.

— Eu mudo. — Um pouco do humor sai da voz de Lo. — Na verdade, muitas coisas estão mudando. É por isso que estou ligando.

— Ah, é? — digo, distraidamente, colocando batata-doce cozida e vagem no processador. — O que está acontecendo?

— Eu tenho a oportunidade da minha vida! — A excitação que a Lo estava segurando explode pela linha, me fazendo parar.

— Que tipo de oportunidade?

— Você sabe que faço outros negócios, certo? — Lo gargalha. — Tipo, pego outros trabalhos para fechar as contas? Bem, eu estava nessa sessão de fotos para um amigo que estava me pagando em pizza, e Jean Pierre Louis, aquele novo designer que todo mundo está elogiando? Você conhece ele?

Olho ao redor da minha gaiola dourada, as paredes da casa de Caleb que praticamente definem a minha existência. Minha camiseta manchada com o pêssego e as ervilhas do café da manhã da Sarai. Meu cabelo não foi lavado há dias e estou fedendo pra caramba a leite azedo. — Não tenho exatamente me mantido atualizada com as últimas novidades do mundo fashion — eu respondo secamente.

— Ah... — Lo parece esvaziar por um quarto de segundo antes de quicar de volta para seu entusiasmo total. — Bom, ele é o máximo, e não me dei conta de que era a sessão dele. Joguei um pouco do francês da MiMi nele, segui instruções como uma boa lacaia, e o mantive rindo o tempo todo. No final, ele me ofereceu um trabalho no ateliê de Nova York. Você pode acreditar nisso?

A informação percorre minha mente na velocidade da luz, pedaços grudando nos lados do meu cérebro enquanto outros não grudam por nada.

— Mas... — Eu me perco um pouco. — Mas você ainda tem um semestre faltando na Spelman. Isso é um trabalho de verão?

— Não, ele começa logo. Eu posso terminar a faculdade a qualquer hora. — A energia de Lo estala mesmo pelo telefone. — Essa é uma oportunidade única na vida.

— É um pouco arriscado, não é? — pergunto, hesitante, não

querendo chateá-la, mas sentindo que preciso oferecer uma perspectiva mais controlada. — Quer dizer, você passou uma tarde com esse cara e vai mudar toda sua vida, seus planos, por ele?

— Você quer dizer do mesmo jeito que você mudou toda a sua vida e os seus planos para seguir o Caleb? — Sua voz sai afiada e me alfineta. O silêncio prevalece por um momento, enquanto acho o meu caminho nessa terra estranha onde Lo e eu talvez estejamos discordando.

— Não é a mesma coisa — eu digo, calmamente. — Nossa situação não é a mesma, e você sabe disso.

— Não, não é — Lo retruca. — Porque diferente de você, não entregaria a minha vida para um homem. Estou agarrando essa oportunidade pelos chifres e seguindo os meus sonhos. Nunca me permitiria terminar presa nos planos de outra pessoa.

— Presa? — Eu atiro de volta. — O que você está dizendo? Que eu devia ter feito um aborto?

— Você sabe que amo a Sarai — ela pausa —, mas eu teria sido mais cuidadosa sobre o que estava acontecendo com as minhas partes íntimas e tido certeza de que ele estava cobrindo isso direito.

— Não sou a primeira mulher que isso aconteceu, Lo. Você sabe que camisinhas não são cem por cento confiáveis.

— Eu sei, mas... — O silêncio do outro lado cresce com a hesitação dela.

— Mas o quê?

— Eu não confio no Caleb.

Abandono os legumes de vez, minhas mãos caindo e ficando ao meu lado.

— Alguém disse alguma coisa para você? Você escutou algo sobre ele? — pergunto, terror crescendo por dentro.

— Não, nada disso — ela diz, rapidamente. — Eu vi uma sombra.

Minha cabeça inclina para o lado quando tento entender que porra isso significa.

— Uma sombra? Eu não entendo.

— Na... alma dele — ela diz, sua voz reduzida a um sussurro. — Acho que vi uma sombra na alma dele.

— O que você-você... — Não consigo nem gaguejar direito. Isso é ridículo. — Que porra isso significa? Uma sombra na alma dele? Ele é o pai da minha filha, Lo. Isso é sério. Não é a hora para alguma merda vudu que você aprendeu com a MiMi.

— Talvez se tivesse tirado um tempo para aprender um pouco dessa merda vudu — Lotus diz, sua voz cheia de decepção —, você não estaria com ele nesse momento.

— Olha, mantenha essa porcaria supersticiosa para você. Eu amo a MiMi do mesmo jeito que você, mas...

— Ah, eu duvido disso — Lo zomba. — Você mal a conhece. E os seus comentários provam isso.

Minha dor aumenta e cresce até fazer meus olhos ficarem molhados e minha mandíbula travar.

— Só porque não vivi com ela não significa que não a amo.

— Que seja. — Uma porta se fecha entre nós. Nós raramente conversamos sobre as circunstâncias que a levaram a sair de Nova Orleans e ir viver com a MiMi. Sei que é uma questão sensível. Como não poderia ser? Mas, de repente, parece que nós deveríamos falar mais sobre isso. Parece

como se algo que a nossa família varreu para baixo do tapete por anos está prestes a nos separar.

— Lo, espera. Essa conversa saiu do controle. Vamos... — Eu não sei o quê

— Vamos o quê, Bo? Recomeçar? — Amargura racha sua voz. — Algumas coisas não ganham um recomeço. Não um homem de uns quarenta anos tirando sua virgindade antes mesmo da sua primeira menstruação. Não sua própria mãe escolhendo-o sobre você e te mandando para o bayou para viver com sua bisavó.

Esse incidente irá provavelmente nos assombrar para o resto de nossas vidas. Foi a coisa que tirou Lo de Nova Orleans. Ela lutaria até o último suspiro por mim, e eu faria o mesmo por ela, mas não consigo formar palavras para aliviar ferimentos tão profundos. Não sei o que fazer para nos levar de volta para onde estávamos antes dessa horrível conversa acontecer.

— Mas a piada foi às custas da mamãe — Lo continua com uma risada seca —, porque ir para longe dela foi a melhor coisa que já aconteceu comigo. Aprendi muitas coisas que nunca aprenderia se tivesse ficado no subúrbio do Nono Distrito. Agora, posso ver quando um homem tem uma sombra em sua alma, e estou te dizendo que vi uma sombra. Faça com essa informação o que você quiser.

— Isso só não faz sentido para mim, Lo — eu digo, implorando para ela entender.

— Algo está errado. Não sei o que é, mas está, e eu, pela primeira vez, não vou ficar sentada vendo você se barganhar como nossas mães fizeram.

Engulo o nó quente de dor que quase me sufoca.

— Uau. É isso que você acha que estou fazendo? — pergunto, minha voz tão baixa que mal posso me ouvir. — O que nossas mães fizeram? Você agora acha que sou como elas?

— Eu não quis dizer desse jeito. — Lo suspira fortemente. — Acho que você podia ter feito as coisas um pouco diferentes, mas eu entendo. É difícil pensar em fazer as coisas sozinhas.

— Não é por isso que estou aqui, Lo. — Minha voz adquire um tom áspero. — Caleb é o pai da Sarai.

— É, mas não o seu — Lo diz. — Então por que permitiu que ele ditasse tudo? Que te manipulasse dessa forma?

— Manipular? — Uma respiração indignada sai do meu peito. — Eu não o deixei me manipular. Você estava *lá*. Sabe que eu estava em repouso absoluto. Não podia trabalhar. Não podia sair de casa. E nem ao menos tinha para onde ir.

— Você não enxerga. — Suas palavras são amarguradas. — Do mesmo jeito que a sua mãe nunca enxergou. Que a minha também não o fez.

— Como você tem a coragem de me comparar a elas? — Cada palavra vai parar onde não deveria. No meu coração. Através da minha alma.

— Como vocês são diferentes? Vivendo da riqueza de um homem para manter um teto sobre a sua cabeça e roupas no seu corpo. Fodendo um homem rico para ele te sustentar.

— Tudo que fiz... ou que não fiz... foi pela Sarai, e você sabe disso. Eu tinha tão poucas escolhas. Estou fazendo o melhor que posso.

— Eu sei, Bo. Eu queria... — Sua voz diminui, e posso sentir um pouco da animosidade que jogamos uma em cima da outra nos últimos minutos indo embora. — Eu queria que você também tivesse ido para longe

deles. Espero que eles não tenham te influenciado mais do que você imagina.

— Essa é uma coisa horrível de se dizer. — Dor faz minha voz falhar.

— Eu sei que você nunca escolheria ele no lugar da Sarai — Lo corre para dizer. — Eu não quis dizer dessa maneira. Eu quis...

— Acho que nós deveríamos encerrar o assunto — eu interrompo. — Essa conversa só está ficando pior, e nós talvez fiquemos sem nos falar até o final dela. Abandone a faculdade. Se mude para Nova York para o ateliê ou o que quer que seja que você chama isso.

O silêncio entre nós é diferente de tudo que já compartilhamos. É uma parede de tijolos invisíveis, cimentada com palavras dolorosas.

— Está bem — Lo finalmente responde. — Só se lembre de que se precisar de mim, se precisar de qualquer coisa, amarelinha.

Lágrimas espetam meus olhos quando ela diz aquela palavra. Ela nunca conseguia pular amarelinha direito quando éramos crianças, então eu a ajudava. Eu pulava antes, e então ela pulava atrás de mim, imitando meus passos até conseguir fazer sozinha. Bobo como parecia, funcionou, e não muito depois ela podia voar pelos quadrados de giz sozinha. “Amarelinha” era o nosso código para quando precisávamos uma da outra.

Nunca vou me esquecer do berro horripilante em nossa reunião familiar. Não foi o meu nome que ela gritou quando aquele homem estava sobre ela. Em seu pânico, ela gritou amarelinha, e eu corri. Antes de vê-los, escutei os gemidos dele. E escutei a Lo dizendo uma palavra sem parar:

Amarelinha. Amarelinha. Amarelinha.

Jurei naquele momento que ninguém iria machucar Lo novamente, não se eu pudesse fazer algo. MiMi a protegeu por anos vivendo no bayou,

mas quando ela se mudou para Atlanta, para a faculdade, assumi o manto protetor pessoalmente. Nós não dissemos a palavra “amarelinha” há um bom tempo, então a ouvindo agora de Lo, quando nós estamos magoando uma a outra, não faço a menor ideia do que fazer.

Eu murmuro um tchau e desligo o telefone às pressas. Sabendo que isso é o que ela pensa de mim, depois de todos esses anos, depois de tudo que a vi passar, nesse momento, não posso dizer amarelinha. Lo seria a última pessoa a quem eu chamaria por socorro.



CAPÍTULO 11

IRIS

Eu fingi um orgasmo.

Entre o repouso absoluto, repouso de pélvis, a abstinência obrigatória após o parto, e a agenda frenética do Caleb entre treinos e viagens, não fazia sexo com ele há meses. E na primeira vez, eu finjo um orgasmo.

Quando disse para o August que tentaria fazer esse relacionamento dar certo, estava falando a verdade. Eu tinha todas as intenções de fazer isso funcionar, mas não posso mais ignorar os sinais. Eu não amo Caleb. Agora sei disso, e preciso dizer para ele.

Seria tão conveniente se eu o amasse. Deixá-lo vai complicar as coisas. As coisas são simples se ficar com ele, se fingir que é isso que quero. Sarai e eu teremos um teto multimilionário sobre nossas cabeças, terei mais dinheiro do que sei como usar, e a custódia permanecerá simples. Terei um parceiro para me ajudar a criar minha filha. Mas, apesar da obsessão inicial

do Caleb com a gravidez, ele está sendo surpreendentemente bem liberal em relação à criação dela. Talvez sejam todas as viagens e exigências de sua primeira temporada na NBA. Talvez no verão, quando ele estiver de folga, ele se torne um pai de verdade.

Também tive dificuldades no início. Foi preciso a terapia e medicamentos para eu entrar de cabeça, mas estou inteira agora. E a pior coisa que eu poderia fazer para a minha filha é transformar um relacionamento ruim em um péssimo casamento. Sempre fui determinada em não aceitar toda a merda que minha mãe aceitou, e Sarai nunca vai ver isso em mim. Só preciso decidir quando e como vou dizer isso para o Caleb.

— Porra, isso foi bom, Iris — Caleb murmura no meu pescoço, ainda dentro de mim. — Eu precisava tanto disso, amor.

Eu só aceno com a cabeça, torcendo para ele se levantar antes que eu tenha que pedir. Caleb nunca foi um amante gentil, e sei que tem bastante tempo, mas ele foi bruto, e estou dolorida.

— O estresse dessa primeira temporada tem sido maior do que eu imaginava. — Ele levanta a cabeça e olha para o meu rosto na luz fraca da luminária ao lado da cama. — Eu talvez seja o Novato do Ano. Você tem ideia de como meu pai se sentiria? O quão orgulhoso ele ficaria se isso acontecesse? Mas com as derrotas nos últimos jogos, estou no limite. Os comentaristas do caralho especulando e criticando.

Ele tira o cabelo do meu olho, seu toque gentil.

— Você alivia meu estresse como nada mais, Iris.

Ele franze a testa, e sigo a direção do seu olhar. Já tem um pequeno hematoma no meu seio. Provavelmente nas minhas coxas e quadris, onde ele apertou forte demais.

— Eu te machuquei?

Ele machucou. Eu não estava pronta para ele, mas ele se afundou em mim. Ele nunca garante que estou satisfeita. Nunca garante que eu receba prazer primeiro, só... toma. Ele sempre toma e nunca procura um meio de me dar o que preciso. Sou sempre eu quem está se rendendo, aceitando, ficando querendo. Quando comecei a notar isso? Por que não notei antes?

— Está tudo bem. — Eu me remexo sob seu peso. — Mas você está um pouco pesado.

Ele sai de cima do meu corpo dolorido. Já escutei mulheres dizendo que gostam disso bruto, que elas gostam de fodas intensas, mas não vejo o atrativo. Não entendo como hematomas e dores são sensuais. Mas como Lotus me lembrou, eu só estive com Caleb. Não tenho ninguém com quem comparar.

No entanto, me vejo o comparando com August o tempo todo, o que não é justo. Não vivi com o August. Talvez, se eu passasse mais de um dia com ele, ele não fosse tão atencioso, e bondoso, e gentil, e fácil de conversar.

E sexy pra cacete.

Não posso continuar pensando em outro homem, o rival do Caleb, dessa maneira, e continuar vivendo aqui, continuar com esse relacionamento. Talvez deva esperar até sua primeira temporada terminar. Ele acabou de admitir o quão estressante isso tem sido. Isso é o máximo que Caleb me contou em um bom tempo. Nós estamos agindo como satélites, como se um estivesse na órbita do outro, mas não perto o suficiente para tocar. A distância entre a gente, será que ele sente? Será que se importa?

— Ei, tem algo que quero perguntar para você — Caleb diz do seu

lado da cama. Ele está deitado de lado, queixo apoiado em sua mão.

— Tudo bem... — Eu lambo meus lábios nervosamente e coloco o lençol mais apertado em volta da minha nudez. — Fale.

Malícia ilumina seus olhos e aumenta seu sorriso, e por um momento, ele é o cara que apareceu na livraria todos os dias, com café, me cortejando para aceitar seu convite para um encontro. Ele se vira e pega algo em seu criado-mudo. Quando se volta, seus olhos vão do meu rosto ao imenso diamante que ele está segurando.

— Iris, casa comigo?

Sempre sonhei que quando essas palavras fossem ditas para mim, eu ficaria exultante. Não hesitaria. Eu me jogaria nos braços do homem e choraria de emoção. Só a parte do choro está se tornando verdade. Eu pisco lágrimas de frustração e arrependimento. Nós obviamente não estamos em nenhum lugar perto de estarmos na mesma página, já que há pouco eu estava contemplando deixá-lo. Isso vai ser mais difícil do que pensei.

— Caleb, não sei o que dizer — murmuro, mordendo meu lábio para igualar às outras dores. — Eu... você tem certeza disso?

— Que porra você quer dizer se eu tenho certeza? — O anel treme em seus dedos com a raiva que vejo claramente em seu rosto. — Nós vivemos juntos. Nós temos um bebê juntos. Claro que tenho certeza. Que tipo de pergunta é essa?

Eu queria que ele estivesse sendo retórico, e que eu não precisasse responder, mas está claramente esperando, não muito paciente, pela minha resposta.

— Eu quis dizer, as coisas não são mais as mesmas, são? — pergunto, procurando por algum entendimento em seu rosto. — Tem havido

um distanciamento, e eu...

— Nós não podíamos transar por meses, Iris, enquanto você estava em repouso pélvico ou sei lá o quê. E depois nós tivemos que esperar outras seis semanas. — Ele rola para o lado, jogando o valioso diamante no criado-mudo como se ele fosse um desses anéis de brinquedo. — Estive na estrada. Merda, você ficou choramingando pelos cantos por semanas como se tivesse perdido seu melhor amigo. Você nem queria o nosso bebê. Claro, está havendo uma distância mesmo.

— O que você disse sobre a Sarai? — Eu pego a pior coisa da lista de reclamações dele. — Claro que foi difícil no início, e passei por muitas coisas, mas...

— Esquece que falei sobre isso. — Ele levanta e anda para o banheiro, acendendo a luz e iluminando seu corpo bem-condicionado. Ele é um atleta de elite. Com um metro e noventa e oito, ele é da mesma altura que o August. Com seu clássico cabelo loiro e olhos azul-escuros, ele é tão bonito quanto, mas de uma maneira completamente diferente. Mas não tem nenhuma euforia quando o vejo nu. Eu, de repente, procuro minha mente, meu coração, pela última vez que teve.

Coloco meu roupão e o sigo para o banheiro, determinada a discutir isso para nós podermos acabar com esse capítulo do nosso relacionamento e partirmos para o próximo. Decidir custódia e criação conjunta e todos os detalhes que vêm com uma separação que espero não ser complicada.

— Caleb, nós podemos conversar? — pergunto suavemente.

Ele está calado, suas costas largas e bronzeadas viradas para mim, sua postura rígida. Eu toco seu ombro. Ele empurra a minha mão. Eu tropeço para trás com a força do empurrão e meu quadril bate dolorosamente na

borda afiada da pia.

— Ai. — Eu me encolho, fechando os olhos ante a dor lancinante.

— Caleb, nossa. Isso doeu.

Espero por um pedido de desculpas que não vem. Seus olhos me percorrem friamente, sua inspeção começando nos meus pés e passando por cada centímetro do meu corpo até ele encontrar os meus olhos. Há uma fria possessividade ali, como se eu fosse um animal de estimação, e ele, o dono. Um que ele precisa garantir que entre na linha.

Eu tremo sob seu olhar gélido. Eu ainda o sinto quando ele olha para o lado. O frio penetrou em mim.

— Ei, nós ainda temos tempo. — Ele me puxa para ele, mesmo percebendo que estou rígida em seus braços. — Nós não vamos falar em casamento novamente até a temporada terminar. Você pode me dar isso? Eu tenho uma série de jogos difíceis pela frente, e preciso me concentrar.

Tudo em mim grita para resolver isso logo, porque já demorou o suficiente, mas aceno com a cabeça. Posso dar isso a ele, mas ele nunca mais vai me foder. Eu me senti como um objeto hoje à noite, como se ele estivesse coletando o dinheiro do aluguel. Foi uma transação entre os nossos corpos, uma onde não recebi nada, e ele pegou tudo. No que olho para trás em nosso relacionamento, fico pensando...

Foi sempre assim?



CAPÍTULO 12

IRIS

— Nós precisamos agendar alguns trabalhos de caridade, Caleb.

Sylvia, a coordenadora de trabalhos comunitários do Stingers, morde um beignet que ofereci junto com uma xícara de café.

— Isso aqui é incrível. — Ela geme e fecha os olhos no que parece ser êxtase. — Você quem fez, Iris?

— Sim. — Eu rio e sacudo um dedo na frente da minha boca. — Você tem um pouco de pó.

— Ah. — Ela limpa o pó branco. — Obrigada. Não sabia que as pessoas faziam esses em casa.

— Bem, sou da Louisiana. — Eu sorrio, pensando na vez em que a MiMi mostrou para mim e para a Lo como fazê-los. — Essa é uma das poucas receitas que consigo fazer direito.

— Eu preciso sair para o jogo de hoje à noite daqui a pouco — Caleb interrompe, um pequeno franzido em sua testa marcando sua

expressão. — Quais são os eventos beneficentes? O sorriso da Sylvia diminui um pouco, e o meu também. Caleb tem estado mal-humorado e nem um pouco cooperativo o dia inteiro. Eu tinha esperanças de que ele deixaria seu temperamento de lado, para a reunião com a Sylvia, mas ele está distraído e grosseiro o tempo todo que ela está aqui.

— Hum, nós temos um ótimo centro comunitário no centro da cidade — Sylvia diz. — A epidemia de heroína em Baltimore e nas cidades em volta é inacreditável. Nós tivemos o dobro de overdoses do que de assassinatos no último ano.

— Ai, meu Deus. — Eu me inclino para a frente e coloco meus cotovelos nos joelhos. — Isso é terrível.

— E o que exatamente isso tem a ver com o Stingers? — Caleb pergunta, bebendo o café que servi para ele. — Iris, que porcaria é essa? Desde quando eu coloco açúcar no meu café? — Ele empurra a xícara na minha direção. Um pouco derrama, queimando a minha mão. Eu arfo, tentando secá-la na calça jeans e esfrego o local dolorido.

— Desculpa, amor. — Ele parece preocupado por meio segundo. — Se você pudesse me trazer um café do jeito que gosto, eu agradeceria.

Eu olho para a Sylvia antes de ir para a cozinha pegar uma nova xícara para ele. Nossos olhos se encontram brevemente, os dela arregalados, mas ela os desvia rapidamente para sua bolsa. Ela está tão surpresa quanto eu com a atitude desrespeitosa do Caleb. Esse tem sido seu modo de agir desde a nossa discussão sobre casamento semanas atrás. Grosso. Sem consideração. Babaca. Parece piorar a cada dia. Sua paciência está cada vez menor, e a minha já acabou quase que completamente. A temporada está quase no fim, mas não tenho certeza se vamos durar até lá.

— Centro? — Caleb está perguntando quando volto para a sala. — Centro de Baltimore? Uau. Tenho quase certeza de que estarei viajando nessa época.

— Nós ainda não definimos datas, Caleb — Sylvia diz, apertando os lábios e olhando para o bloco em seu colo. — O centro comunitário é uma ótima chance para interagir com um pouco da juventude local. Talvez jogando um pouco com eles, talvez trabalhando em um projeto de renovação do centro. Coisas do tipo.

— Eu posso ajudar? — pergunto antes de pensar melhor. Sylvia e Caleb olham surpresos para mim. — Quer dizer, se puder ajudar, estou disposta.

Caleb franze a testa, seus lábios já abertos e uma negativa escrita em seus olhos. Sylvia fala antes que ele possa dar voz ao seu desprazer.

— Acho que essa é uma ótima ideia. — Seu sorriso caloroso diminui um pouco do meu arrependimento por falar. — Nós estamos tentando dar mais visibilidade para as esposas dos jogadores.

— Ah, a Iris não é minha esposa — Caleb interrompe, olhando para o anel que a MiMi me deu. — Nós não estamos nem noivos.

Nós nos encaramos, ambos desafiadores. Ele está determinado em conseguir o que quer, e eu determinada que ele não consiga.

Sylvia limpa a garganta.

— Mas vocês são família — ela diz, me olhando de uma maneira reconfortante. — Vocês têm uma filha juntos. Várias namoradas de jogadores estão envolvidas. Eu acho que seria ótimo. Se você não estiver intimidada pelo centro de Baltimore, Iris.

— Eu cresci na periferia do Nono Distrito. — Eu coloco o café de

Caleb na frente dele fazendo barulho, olhando para ele quando digo minhas próximas palavras: — Não sou facilmente intimidada.

Com olhos cerrados e boca em uma linha dura, ele toma um gole e acena seu de acordo forçado.

— Centro comunitário, é? — Ele morde um *beignet*, para de mastigar e estreita os olhos. Já vi essa expressão quando ele e o agente estão analisando algo que será bom para a carreira dele. É o que está fazendo agora: avaliando se ao fazer alguma coisa, de que forma isso refletirá nele.

Não sei de onde vem isso. Estou sendo mesquinha.

— Você está certa. Será bom para a minha imagem na comunidade — ele finalmente diz para a Sylvia, confirmando a minha suspeita. — Para as pessoas nos verem ativos e envolvidos. Benevolência para o time. A Iris pode nos representar.

Permissão dada.

Irritação faz os meus dentes rangerem. Ele faz com que eu me sinta invisível o tempo todo ou como se ele estivesse mandando na minha vida, tomando decisões no meu lugar. Será que ele vê que esse é o tipo de coisa que eu estaria organizando se minha carreira estivesse no prumo? Que eu poderia fazer o trabalho da Sylvia de olhos fechados? Dormindo?

— Está fechado. — Sylvia levanta e pega sua bolsa e casaco. — Vou te ligar depois com os detalhes, Iris. Obrigada a vocês dois.

— Claro. — Caleb vira em direção à escada e joga um comentário por cima do ombro. — Preciso sair daqui a pouco para o jogo de hoje. Vejo você depois, Sylvia.

— Estou realmente empolgada com essa oportunidade — eu digo para ela na porta. — Estava há tempos esperando para fazer algo dessa

importância.

— Então isso pode ser uma excelente combinação. Ah, e tem uma creche lá, caso queira levar sua filha por uma ou duas horas — Sylvia diz enquanto desce as escadas em direção ao seu carro estacionado na frente da casa. — Entrarei em contato.

Depois que ela foi embora e estou de volta na cozinha, eu me permito o simples prazer da antecipação. Vou fazer alguma coisa fora dessa casa, pelo menos por uma hora mais ou menos. Algo que não envolve glândulas mamárias ou fraldas ou legumes amassados.

As louças na pia, a maioria mamadeiras e colheres de bebê e potes, me lembram que pelo menos por hoje, essa casa é o escopo da minha existência.

Eu começo a colocar a cozinha em ordem, limpando o processador de alimentos e os pedaços do café da manhã da Sarai que não chegaram até sua boca.

Caleb vai sair para a arena logo. Não consigo decidir se prefiro as coisas quando ele está na estrada ou quando está em casa. É solitário do mesmo jeito nessa imensa casa quando ele está ou não aqui. Certamente não é isso que ele quer em um casamento? Nós só estamos coexistindo. Não existe uma conexão real, uma amizade. Nós antes pelo menos tínhamos isso. Começamos como amigos, mas até isso é difícil de lembrar agora.

— O que é isso?

Estou lavando as mamadeiras de Sarai e olho para cima vendo Caleb no arco de entrada da cozinha, segurando folhas de papel.

— Onde você pegou isso? — Sei exatamente onde ele pegou. Estou só atrasando as questões que esses papéis vão levantar.

— No meu escritório — ele diz, abruptamente. — Na impressora. Sobre o que é isso, Iris?

Seu escritório. Tudo nessa casa pertence a ele. Seus olhos passam por meus seios, quadris e pernas, me lembrando que também pertencço a ele. Pelo menos, ele gosta de pensar que sim. Nós dormimos na mesma casa, mas consegui evitar fazer sexo com ele novamente. Ele também não mencionou o noivado outra vez. Nós estamos andando nas pontas dos pés em volta dos problemas que irão nos levar para a encruzilhada. Não estou pronta para ir embora sozinha, não sem um emprego, uma casa, recursos. Algo para garantir que eu e Sarai fiquemos bem.

Sei que se eu deixar o Caleb agora, ele vai prover para a Sarai. Legalmente, ele tem que fazer isso, mas não quero entrar nisso tudo agora, não quando Caleb está sob tanta pressão. Então, nós estamos no limbo, mas estou pesquisando os próximos passos para assegurar o nosso futuro, meu e da minha filha. E é isso que ele está segurando nas mãos.

— São só algumas informações sobre um programa de certificação online sobre os fundamentos da indústria de esportes. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha antes de olhar nos olhos azul-gelo de Caleb. — Estou pensando em me inscrever.

— Não. — Suas palavras ditas tão grosseiramente me paralisam contra a pia. — Não vai acontecer.

— Sarai está ficando mais velha — eu digo com cautela, não querendo brigar antes do jogo dele. — Preciso pensar no que vou fazer com o resto da minha vida.

— E que porra isso significa? — Em poucos passos ele está do meu lado, se erguendo sobre mim. Me encarando. — O resto da sua vida? Você

vai casar comigo e criar os meus filhos, Iris. Nada para pensar.

— Filhos? — Choque diminui minha voz. — Eu não vou ter mais filhos.

O silêncio seguindo minhas palavras aumente a fúria em seus olhos.

— O que você disse? — ele pergunta, sua voz mortalmente calma.

— Quer dizer, não até o meu futuro ter um rumo. Caleb, você sabe que nunca planejei engravidar nesse estágio da minha vida. Eu amo a Sarai, mas ainda tenho as mesmas esperanças e sonhos que tinha antes dela chegar. Eu quero recomeçar a minha vida.

Seus olhos suavizam, mas é uma suavidade falsa. Uma cortina que ele puxa sobre seus verdadeiros sentimentos, mas a vejo claramente. Não sei por que não tinha reconhecido esse truque antes, mas agora reconheço.

— Amor, acho que quando estivermos casados — ele diz, colocando as mãos nos meus quadris —, nós podemos revisar esse assunto, mas por agora, não é algo que você deveria fazer.

— Você está certo. — Eu mantenho a voz suave e constante, mas escapo por entre seus dedos, saindo de perto. — Você tem um jogo hoje. Vamos discutir isso mais tarde.

Sua expressão fica dura e ilegível, como a face de um penhasco. Ele segura minha mão e vira, enfiando meu anel na minha cara.

— Não entendo o que você quer — ele cospe. — Eu te ofereço um diamante de dez quilates, e você continua andando por aí com esse lixo de joia barata onde meu anel deveria estar.

— Isso não é lixo. — Eu arranco minha mão, esfregando o pulso dolorido. — Isso é da minha bisavó. — Eu cerro os olhos para ele e falo

minhas palavras com cuidado: — Para proteção contra quem queira me machucar.

— Machucar você? — Frustração escurece seu belo rosto, e ele segura fortemente meus braços.

Nunca senti a disparidade entre nosso tamanho e peso mais do que sinto agora. Não sou uma garota pequena, mas quando segurada por um jogador de basquete pelo menos trinta centímetros mais alto do que eu, cujo corpo é talhado para competir no mais alto nível, estou praticamente indefesa.

— Eu te amo, Iris, mas se você não sabe a diferença entre amor e dor — ele diz entre dentes cerrados —, talvez eu devesse te ensinar.

Ele me sacode, e minha cabeça vai para trás e para frente com cada movimento. Meus braços latejam por baixo da pressão de seus dedos.

— Me solte — eu suspiro, pressionando as mãos em seu peito. — Agora, Caleb.

Por um momento, recusa brilha em seus olhos. Ele aperta ainda mais meu braço por alguns segundos, me falando sem palavras que ele podia continuar se decidisse fazer isso. Devagar, seus dedos me soltam, mas a intensidade dos seus olhos não me liberta.

Assim que ele me solta, ando para o outro lado do cômodo, colocando o máximo de distância entre nós que a cozinha permite. Quase enfraqueço de alívio por estar longe dele, e me apoio na pia, me forçando a olhar para ele.

— Coloque suas mãos em mim desse jeito novamente — eu digo, minha voz firme e forte —, e vou sair por aquela porta com a minha filha, e boa sorte para nos encontrar.

A tempestade em seus olhos se firma em algo que parece medo,

mascarado como remorso. Seja lá o que for, nunca vou saber por que ele rapidamente acaba com aquela expressão.

— Sinto muito — ele diz, calmamente. — Não vai acontecer novamente. Eu só estou sob muita pressão nesse momento. Nós estamos próximos de chegar aos *playoffs*. O jogo de hoje é importante para nós. Estou sentindo isso, mas não é desculpa para descontar em você.

Quero acreditar nele. Ele nunca me machucou assim de propósito antes.

— Eu entendo a pressão, mas... — Eu olho para o chão. — Eu vi minha mãe e minha tia aturarem um bando de homens nojentos quando nós estávamos crescendo. Não tenho tolerância para isso.

— Não vai acontecer novamente. — Ele respira fundo, como se estivesse limpando o ar. — Agora que nós tiramos isso do caminho, você pode vir comigo para o jogo de hoje? Significaria muito para mim, ter você e a Sarai na arquibancada.

— Claro. — Coloco as mãos no bolso da calça. — Vocês vão jogar contra quem?

— O San Diego Waves — ele diz, observando meu rosto de perto por uma reação, uma que me recuso a dar, mas por dentro meu coração falha e bate.

E lá se vai a ideia de evitar o August.



CAPÍTULO 13

AUGUST

— Ei, West. Você tem um segundo?

Eu me viro em direção ao Deck. Além de ser o presidente de operações de basquete do San Diego Waves, ele também é uma das primeiras opções para o hall da Fama. Quando ele chama, você atende.

Penduro meu casaco no armário e encontro seus olhos por sobre meu ombro. Alguns caras estão dentro do vestiário de visitantes do Baltimore Stingers, mas pela maior parte, nós temos esse canto para nós.

— Sim? — Parei de tentar chamá-lo de “senhor” há um bom tempo. — O que foi?

— Eu sei que esse é um grande jogo.

Nenhum jogo é tão importante assim, porque já estamos quase no final da temporada, e não temos a mínima esperança de chegarmos aos *playoffs*. Parece que os últimos jogos não importam já que não terá uma próxima fase para a gente. Somos um time de expansão, então isso era

esperado em nosso primeiro ano, mas ainda assim é difícil de engolir.

Nunca estive em um time perdedor na minha vida. O feroz competidor em mim nunca permitiu que isso ocorresse. Sempre fui capaz de levar qualquer time em que eu estivesse para o primeiro lugar. Mas isso é a NBA. Todo homem lá fora é o melhor da sua vizinhança, o melhor da sua escola e faculdade. Um homem pode fazer muito, mas nessa liga, nenhum homem pode fazer tudo.

— O que tem de tão especial nesse jogo, Deck? — Fecho o armário e me viro para ele.

— De primeira, você está jogando na sua cidade natal — Deck diz. — Acredito que sua família estará aqui para vê-lo.

Eu me permito um sorriso verdadeiro, pensando na minha mãe e padrasto nas arquibancadas hoje à noite.

— Sim, eles estarão aqui. Minha mãe convidou o time para jantar depois do jogo já que só vamos embora depois de amanhã. Você também está convidado.

— Não. — Um sorriso quase tímido surge em sua fisionomia forte. — Tenho um voo para Nova York para ver a minha garota, mas agradeça a sua mãe por mim.

Deck e Avery passam a impressão de que amor à longa distância é fácil, mesmo que eu saiba que deve ser desafiador.

— Mande um abraço para Avery. — Eu sorrio para ele.

— Não a vejo há três semanas, então pode ter certeza de que estarei bem ocupado dando os *meus* abraços nela, ao invés do seu. — Sua risada marota me faz rir em resposta.

— Cara sortudo. — Eu me apoio no armário e espero ele dizer logo

o que o trouxe aqui, e sei que não tem nada a ver com a minha cidade natal, minha mãe, ou a namorada dele, para falar a verdade.

— A mídia está promovendo esse jogo por sua causa e do Bradley — Decker diz, deixando as brincadeiras de lado. — Todo mundo está dizendo que é a superdisputa para o Novato do Ano. — Decker levanta as sobrancelhas. — Ou você está tão ligado na sua namorada estrela do tênis que não notou?

Uma risada sai de meu peito, e apenas dou um leve aceno de cabeça.

— Não acredite em tudo que lê, Deck. Você deveria saber disso melhor que todo mundo.

— Ah, então você não está fodendo a Pippa Kim?

Passo um dedo fechando meus lábios.

— Um cavalheiro nunca sai por aí se gabando.

A verdade é que transei com Pippa meses atrás. Foi bom, mas nada que eu quisesse repetir. Somos novatos sob os holofotes dos esportes, eu no basquete, e ela no tênis, então entendemos os desafios únicos que a maioria das pessoas não pode nem imaginar. Nós nos demos bem como amigos e fomos a vários eventos juntos. Nunca comento quando as pessoas me perguntam sobre a Pippa, assim como ela não comenta quando as pessoas perguntam sobre mim. Aparentemente “sem comentários” já é um comentário por si só, porque agora todos deduzem que estamos juntos.

Pippa esteve durante a minha fase de “em quantos buracos posso enfiar o meu pau”. Eu provavelmente teria metido meu pau em um buraco na parede se achasse que isso talvez ajudasse a tirar Iris dos meus pensamentos.

O que nos traz para a verdadeira razão pela qual Deck deveria se

preocupar sobre o jogo de hoje à noite.

— Eu e Caleb estamos tranquilos. — A mentira sai facilmente. — Mas se a mídia inventa merda, por que você deveria se preocupar? O público aumenta quando acham que existe todo um drama por trás, não é?

Deck é muito esperto para o meu gosto. Ele cerra os olhos e cruza os braços musculosos sobre o peito largo. Sempre penso nele como um leão com seus cabelos e olhos acobreados. O cara ainda está em forma, mesmo estando há alguns anos fora da liga. Minha alimentação e regime de exercícios foram as primeiras coisas que ele ajustou quando me juntei ao time. Ele pode ser um executivo agora, mas foi um jogador antes. Está sempre presente com os jogadores, e nesse momento, ele está querendo entrar de cabeça nessa situação com o Caleb.

— Se você diz, acredito em você — ele finalmente responde depois de alguns segundos. — Mas estou confiando em você para ser o mais maduro se ele quiser confusão na quadra hoje.

Obrigo-me a deixar meu rosto inexpressivo e dou de ombros, fingindo indiferença como um filho da puta.

— Pelo menos você enxergou o fato de que ele é um babaca — digo. — A maioria se deixa enganar pela pose de garoto de ouro.

— Por que acha que não o escolhi? — Deck abaixa a cabeça, erguendo uma sobrancelha com cinismo. — Reconheço uma imagem construída quando vejo uma, e o pai de Caleb vem cuidadosamente construindo aquele garoto desde que ele ainda usava fraldas. Agora ele está acostumado a conseguir tudo que quer. E eu odiaria vê-lo quando ele não conseguir. — Ele aponta um dedo para mim. — Por isso, essa conversa aqui. Vocês sempre partem um para cima do outro, e você sempre o supera.

— Nem sempre.

Ele ficou com a garota.

E isso me magoa profundamente.

Mas vou manter a calma nem que seja a pulso hoje à noite, não importa o quanto ele me provoque. Vai ser preciso concentração total. Não quis nem pensar se Iris estaria aqui esta noite. Deve ficar lotado e nem saberei se ela vier. Acho que ela deve assistir os jogos dele em casa, no entanto.

Aquele bastardo sortudo.

Olhar para as arquibancadas e saber que aquela mulher está torcendo por você deve ser o melhor sentimento do mundo. Talvez um dia eu saiba por mim mesmo, ainda que tenha consciência de que isso não pode acontecer. Eles estão quase se casando. Moram juntos e têm uma filha. Sei que nada está ao meu favor, mas no fundo, não dou a mínima e continuo tendo esperanças.

— Eu te conheço, August — Deck continua, suavemente. — Seja lá o que existe entre vocês dois que faz com que um rosne para o outro, mantenha sob controle hoje. Nada de faltas claras, expulsões, brigas... Nada dessa merda. Capisce?

Engulo a resposta desafiadora subindo pela garganta, um grito rebelde que quer declarar que quero esfregar a cara do Caleb no chão. Não em uma briga. Sem jogar sujo. Não, eu quero humilhá-lo de modo justo. Quero jogar melhor que ele.

Como sempre faço.

— Capisco — garanto a Deck antes de colocar meu uniforme.



CAPÍTULO 14

IRIS

— Eu vou ficar bem sozinha — eu digo para Ramone, o guarda-costas que Caleb designou para mim e Sarai no jogo de hoje à noite.

Não é incomum para atletas profissionais como Caleb terem segurança para eles e suas famílias, mas nunca precisamos disso antes. Era desnecessário, mas Caleb insistiu.

— Sério, você não precisa se sentar comigo — eu digo, já quase perdendo a paciência.

O rosto de Ramone muda de impassível para obstinado.

— Te proteger é o meu trabalho, Senhorita DuPree — ele diz, sua voz tão rígida quanto o colarinho engomado de sua blusa.

— Seu trabalho? — Ajeito Sarai no meu quadril e equilíbrio os nachos que comprei enquanto nos dirigimos para os assentos reservados por Caleb. — Você quer dizer só por hoje, certo?

Ele pisca como se eu tivesse feito uma pergunta difícil. Ele é salvo

pelo gongo quando alguém chama meu nome atrás de nós.

— Iris? — uma voz grave pergunta novamente, me fazendo procurar no aglomerado de pessoas ao redor. — É você?

Um imenso sorriso toma conta do meu rosto quando vejo Jared Foster.

— Ai, meu Deus, oi. — Dou alguns passos em sua direção, olhando de relance para o Ramone, que me acompanha a cada passo. — Tão bom te ver.

— Pensei que era você, mas não tinha certeza. — Ele sorri calorosamente, olhando de mim para a Sarai. — E quem é essa bela menina?

— Minha filha, Sarai. — Eu tiro cachos escuros da testa dela e deposito um beijinho.

— Então você é a razão pela qual sua mamãe não pôde trabalhar para mim... — Jared diz, se inclinando para olhar nos olhos azuis-escuros dela.

— Mais ou menos. — Arrependimento corre por mim junto com o orgulho que sinto quando olho para a minha menininha. — Não posso exatamente correr de um lado para o outro, viajar e fazer todas as coisas que o estágio requereria nesse momento.

— Verdade. — Jared coloca a mão no bolso e pega a carteira. — Mas talvez as circunstâncias mudem, ou o trabalho mude.

Ele me oferece um cartão de visitas, e o encaro como se fosse o Bilhete Dourado do Willy Wonka. Não tenho uma mão livre para pegar o cartão, e além do mais, estou completamente surpresa.

— Não estou mais na Richter. — Ele vê o meu pequeno dilema e enfia o cartão no pequeno bolso na frente da bolsa de bebê pendurada no meu

ombro. — Meu telefone está no cartão. Quando as coisas se acalmarem, me liga.

Olho do cartão para o belo rosto de Jared.

— Estou com o pai da Sarai, Caleb Bradley, e nós moramos aqui em Baltimore, então não tenho certeza de quando eu poderia... quer dizer...

— Uma risada fraca deixa meus lábios. — É que tem um monte de obstáculos.

— Não deixe nada te segurar ou te manter para baixo — ele diz, acendendo minha memória. — Não foi isso que você me disse na sua entrevista?

— É. — Eu retorno seu sorriso. — Acho que sim.

Ele sorri, seus olhos curiosos.

— Bradley, é? Não teria adivinhado nunca.

— Você conhece o Caleb? — Claro que sim. Todo mundo o conhece. — Quer dizer, pessoalmente?

— Não, só de nome. — Jared faz uma careta como se a reputação de Caleb não fosse boa, o que não faz sentido. Todo mundo o ama. Viver com ele me fez ver as rachaduras na fachada polida que ele projeta para o mundo, mas que só poucos veem.

— Nós deveríamos ir para os seus assentos, Senhorita DuPree — Ramone diz, firmemente, dando um olhar afiado para Jared.

— Não me deixe prender você — Jared diz com tranquilidade, dirigindo-se a mim e ignorando Ramone. — Você tem uma bela filha, Iris. Me ligue quando ela estiver um pouco mais velha e você decidir voltar ao mercado de trabalho.

— Pode deixar. — Eu hesito um segundo antes de fazer a pergunta

que continua girando pela minha cabeça: — Por quê? Por que quer que eu trabalhe para você? Tivemos apenas aquela entrevista e eu...

— Me impressionou — ele corta. — Não foi somente o que estava no papel. Foi você. Sua paixão pelos esportes. Seu amor pelo basquete e sua garra. Sua inteligência. Tudo isso apareceu naquela entrevista. Muitas pessoas gostariam de ter você no time delas, e sou uma delas. — Ele olha para o Ramone, que se mexe impientemente ao meu lado.

— Melhor eu deixar você ir — Jared diz, divertido. — Lembre-se: me ligue quando estiver pronta.

Tento não encarar Ramone quando nos sentamos em nossos lugares somente algumas fileiras acima do banco do Stingers. Ele só está fazendo seu trabalho. Eu entendo, mas Caleb e eu definitivamente temos que conversar sobre isso. Nem a presença dominante do guarda-costas diminui meu espírito. Jared Foster me quer na equipe dele. Eu talvez esteja mais próxima da independência do que eu pensei.



CAPÍTULO 15

AUGUST

Desde o momento em que a bola foi ao alto, soube que havia algo errado com Caleb. Eu o enfrento desde que éramos adolescentes sem barba nenhuma e cuja voz ainda nem havia mudado o timbre. Estudei e sei todos os seus tiques e gatilhos. Algo está diferente. Algo mudou. Ele está até mais agressivo que o normal, mas não está escondendo isso nas jogadas laterais que os juízes e as câmeras perdem. Está mais descarado e menos controlado do que já vi. Quase transtornado. Desleixado. Destruir o seu jogo não é nem um desafio dessa vez, e a sua frustração ferve para a superfície e pelos lados mais rápido que o normal.

Eu – eu, sim, estou tendo o jogo da minha vida.

Três. Trois. Triple.

De qualquer jeito que você queira dizer isso, estou fazendo chover cestas de três pontos. Existe uma área onde o arremessador entra e vê o aro mais perto e mais largo, como uma mulher se abrindo para você e tornando

fácil o processo de penetração. Você escuta o *chuá* antes de a bola deixar suas mãos. É como se você pudesse arremessar para a cesta, tamanha a sintonia entre você e a rede. É exatamente nesta área que estou hoje, e por alguma razão, o técnico do Stingers coloca Caleb me marcando, quando *todos sabemos* que ele não poderia impedir meus avanços nem se estivesse usando um escudo e uma espada.

Ele nunca foi capaz disso, mas sempre insistiu. Seu ego não é sua única derrocada, mas do seu time, porque, inacreditavelmente, estamos à frente no intervalo. O jogo *é* importante para eles. Provavelmente, eles chegarão aos playoffs, mas a posição ainda é imprevisível. Eles precisam ganhar, ou outros times teriam que perder para que se classifiquem. E se depender de mim, eles não vão vencer porra nenhuma hoje.

— Vocês estão acabando com eles — o técnico Kemp disse quando nos juntamos depois do intervalo, antes do terceiro quarto começar. Seus olhos fixos em mim. — Continuem assim.

Ele é um bom líder, mas todo mundo sabe que seu técnico-assistente, Ean Jagger, é o cérebro por trás da operação. Uma contusão na faculdade acabou com os sonhos profissionais de Jagger, mas ele é um gênio do basquete. Com seu cabelo escuro curto e óculos de armação preta, ele se parece muito ao Clark Kent. Mais ou menos com a mesma idade que Deck, ele é uma das mentes mais respeitadas da liga. Todos os times o cortejaram, e não tenho ideia de como Decker o bajulou ou subornou para ele se juntar a um time de expansão, mas graças a Deus por isso.

Quando nos separamos, Jagger acena para mim. Eu me junto a ele no banco, colocando a camisa para dentro do short.

— E aí, Jag? — Eu não tenho que me abaixar, porque com dois

metros e um, ele é três centímetros mais alto que eu.

— Eu sei que você está dominando por agora — a voz grave ressoa baixo sob o burburinho coletivo da torcida esperando. — E cada arremesso está entrando, mas se você esfriar, estamos fodidos.

— Como é? — Eu olho para ele com a testa franzida.

— É isso aí, já que você está arremessando em todas as oportunidades, você é o único que está no ritmo — Jagger diz, o jeito calmo pelo que ele é conhecido, sereno. — Se você começar a errar, mais ninguém está pronto. Todos sabemos que você é um atleta talentoso, August. Não fique se exibindo. Apenas nos mostre que é capaz de liderar. — Ele bate na prancheta para enfatizar, me encarando por trás dos óculos.

— Você é o armador. O general da quadra. Envolve mais seus companheiros de time — ele diz. — Diminua o ritmo do jogo para eles te alcançarem. Abra espaço. O que aconteceu com as passadas que nós estamos trabalhando a temporada toda? Você reverteu para tomar conta da bola. Onde é que está a sua cabeça, cara?

Somente Jag veria esses problemas quando, do lado de fora, parece que as coisas não poderiam estar melhores, e estou tendo um jogo maravilhoso.

Tudo que ele disse foi na mosca. Estou jogando bem, mas sou o único jogando bem. Esse não é o tipo de time que queremos ser, e não é o tipo de jogador que eu quero ser. Prometi a mim mesmo que não deixaria Caleb me tirar do meu jogo, e mesmo jogando bem, sei que há um lado egoísta fazendo isso. E esse é o jogo dele, não o meu.

— Valeu por observar. — Bato meu punho no dele e aceno com a cabeça. — Obrigado, Jag.

— Sem problema. — Ele empurra os óculos no nariz, olha de volta para a prancheta e começa a marcar nossa próxima jogada.

Estou voltando para a quadra para começar o segundo tempo, quando olho para o telão. Algum operador de câmera tem um excelente olho, porque de todas as pessoas nessa arena, ele achou as duas mais bonitas.

Iris não parece perceber que a câmera está focada nela. Sua camiseta vermelha tem uma estampa escrita – “Mandachuva” –, e ela quica Sarai em seus joelhos, fazendo caretas animadas para fazê-la rir. As pequenas mãos de Sarai sacodem, e seus dedos agarram o nariz da mãe. Não posso ouvir o som de sua risada, mas a memória disso é como mel doce sendo jogado sobre mim. Sua risada é rouca, encorpada e genuína – algo que a alma dela cozinha e o coração serve.

Quando finalmente percebe que a câmera está focada nela, e que as duas estão aparecendo no telão, seu rosto mostra o embaraço por um segundo, até que se recupera. Como a perfeita mulher de um jogador, ela olha na câmera e acena com a mãozinha de Sarai. Um sorriso angelical ilumina o rosto da menininha, refletindo naqueles olhos azuis-violeta.

Mesmo com o meu time à frente no placar, e tendo feito a maior pontuação antes do intervalo, sinto a decepção me corroer por dentro. Estou prestes a me virar e entrar na quadra quando Iris olha diretamente para mim. Somente algumas fileiras atrás do banco, ela está perto o suficiente para eu ver seus olhos arregalarem, e aquela boca linda e gostosa se abrir um pouco.

Se estou fora do meu jogo, então ela também está. Iris já deveria ter desviado o olhar para esconder isso. A câmera ainda está focada nela, e em segundos, alguém vai ligar os pontos entre nós dois nos entreolhando, no entanto, nossos olhos não se desconectam. Em noites solitárias, me afogando

em bocetas ao invés de álcool, fiquei acordado e tentando me convencer de aquela atração era apenas fruto da minha imaginação. Mas essa coisa que nos conecta deve ser uma fibra de neon, acesa para todo mundo ver. É tão tangível que você poderia puxar. Estou enrolado nisso e não consigo me libertar.

— West! — Kenan chama, finalmente desviando a minha atenção.
— Você vai jogar ou o quê?

Merda.

Nossa equipe titular já está na quadra, e a do Stingers também. Sou o único que não estou lá. Olho para Iris uma última vez, que agora está olhando para sua filha, e não para mim, antes de entrar na quadra.

Quando assumo meu lugar, os olhos de Caleb estão entrecerrados. Ele olha de mim para as arquibancadas, e não há como negar que ele notou o olhar que troquei com a mãe de sua filha.

Que-merda-do-caralho.

Eu deixo o incidente para trás e me agarro ao conselho do Jag. Ao envolver meu time, me espalhar pela quadra e diminuir meu ritmo no jogo, acabo afastando aquele breve momento com Iris, mesmo que tenha abalado um pouco minhas estruturas.

Um dos nossos jogadores está na linha do lance livre, e Caleb e eu estamos um ao lado do outro esperando-o fazer seus dois arremessos.

— Você vê algo que gosta na arquibancada, West? — ele pergunta, observando a bola circular o aro antes de cair pela rede.

Não respondo. Acho que é melhor. Ele sabe o que viu, e não tenho vontade de mentir para ele.

— Eu fodi a bunda dela antes do jogo — ele diz, tão baixo que só

eu escuto. — Ninguém nunca a teve desse jeito. Eu tenho todas as primeiras vezes dela. Você sabia que fui o primeiro dela, West? E serei o único e o último.

Ultraje e desgosto sobem como bile na minha garganta. Olho para ele, sentindo-me queimar de raiva. Esmago minha fúria e busco pelo competidor impiedoso e implacável que sempre acha um modo de arruinar a minha noite.

— Você fala dessa maneira da mãe da sua filha? — Faço um ruído de desgosto com a boca e sacudo a cabeça como se fosse uma vergonha. — Eu ia facilitar para você, mostrar alguma clemência, mas agora vou limpar o chão com a porra do seu traseiro.

E é isso que faço.

Pelos próximos vinte minutos, aceito o conselho de Jag até um certo ponto, mas sacudo o Caleb, nego a posse de bola para ele, e faço tudo em meu poder para destruí-lo.

Com somente alguns minutos para o final, a torcida da casa está surpresa por estarmos na frente por dez pontos. Caleb tenta uma enterrada. Não comigo aqui... Eu pulo para prender a bola contra a tabela, e o juiz diz que foi um bloqueio limpo. Os gritos e reclamações de Caleb não revertem a decisão. O ginásio está quieto como estive a noite toda, e alguns fãs estão até começando a ir embora.

Na próxima jogada, Caleb tenta retornar o favor, mas meu arremesso entra, mesmo tendo caído para trás ao lançar a bola. Estou prestes a me levantar, quando ele vem e fica em pé acima de mim, de pernas abertas e a virilha pairando sobre meu rosto, em uma mensagem nem um pouco sutil de “chupa meu pau” – um desrespeito descarado entre jogadores.

Estou de pé e na cara dele antes que meu cérebro possa alcançar o resto do meu corpo. Nós estamos cabeça com cabeça suada, peito com peito, nariz com nariz, rosnado com rosnado. Dentes de fora e tensão solta no pequeno espaço entre nós. Um braço musculoso me empurra para trás.

— Que porra é essa? — Kenan grita, seu nariz agora no meu. — Você está tentando ser suspenso para o próximo jogo? Controle-se, Novato.

Caleb olha por cima do ombro de um companheiro de time, seus olhos nefastos e maliciosos. Indignação drena de mim a cada segundo que sustento seu olhar. Olho do placar para ele, e meu sorriso diz sem palavras que ele pode ir para casa com a Iris, mas será como um perdedor que teve a bunda chutada na quadra. Eu fiz dele o coadjuvante dos meus melhores momentos, e ela assistiu cada minuto disso.

Enfie isso no cu, seu covarde filho da puta.

Eu me viro para o lado, sentindo nojo de mim, tanto quanto sinto dele. Aceno rapidamente para Kenan, deixando-o saber que as minhas emoções estão sob controle outra vez. Com apenas um minuto restando no jogo, estamos com a vitória praticamente garantida. No amontoado do último tempo técnico, Decker fica em pé atrás do banco.

— O jogo acabou, treinador — ele diz, seus olhos fixados em mim. — Nós precisamos do August na quadra? É vitória garantida, certo?

O técnico Kemp me olha especulativamente.

— É verdade, West. Por que você não fica no banco esse último...

— Não — eu corto, olhando entre ele e Decker. — Me deixe terminar.

Quero estar na quadra quando a campainha tocar. Quero que aquele babaca aperte a minha mão como o menino de ouro bonzinho que ele é,

quando o jogo acabar, ou arriscar que todo mundo veja o pirralho chorão que ele é.

— Você decide — Decker diz, decepção passando por sua expressão antes de disfarçar. — Mas prefiro que você fique de fora.

Nem sequer espero que eles reconsiderem. Deixo o grupo e volto para a quadra.

É a nossa posse final, e estamos com a bola. Eu e Caleb, mano a mano. Eu finjo ir para a esquerda. Ele mergulha. Eu viro para a direita. E estou livre. Driblando defensores, me infiltrando no garrafão para chegar ao objetivo. Eu salto e enfio a bola. Estou alto. Caleb está abaixo, e nossos olhos conectam.

Prego no seu caixão, filho da puta.

Quando desço, Caleb ainda está em pé ali. Nossos corpos colidem. Eu despenco para o chão, minha perna dobrando estranhamento quando aterrisso.

Uma dor lancinante atravessa minha perna, e a visão escurece. O treinador do time está imediatamente ao meu lado e diz para eu não me mover. Eu tento me sentar, mas fico desorientado com a dor.

— Merda — murmuro, caindo de volta na quadra.

— Ele disse para não se mexer — Decker ordena do meu lado direito, suas sobrancelhas franzidas e lábios apertados em total preocupação. — E não olhe.

Não olhe? O que há para ver?

Vejo o pequeno círculo de jogadores preocupados ao meu redor. As emoções em seus rostos vão de horror à dor e pena.

Meu coração bate acelerado em meu peito, não por causa da dor,

por mais que esteja sendo excruciante, mas por causa da piedade que vejo nos olhares deles. Tão poucas pessoas podem jogar neste nível, e nós somos uma espécie de irmandade. Todos nós trabalhamos muito por boa parte das nossas vidas, de um jeito quase inimaginável, para chegar até aqui, e tudo pode desaparecer num instante. Uma queda grave pode arruinar uma carreira.

Eu preciso ver o estado da minha perna.



Eles trazem uma maca, e eu sacudo a cabeça. De jeito nenhum vou sair da quadra assim. Mesmo que eu tenha que sair mancando, quero sair por vontade própria.

Eu me sento para dizer isso e sou dominado por uma onda de tontura, mas não por causa da dor, e sim pelo que vejo.

O largo osso da minha perna direita irrompe pela pele. Náusea revira meu estômago com a visão horrível. Não é apenas uma torção ou distensão, ou algo do tipo. Está quebrado, e a recuperação levará tempo e esforço tremendo, se é que é possível.

Através de uma névoa de dor incapacitante, a lembrança da primeira vez que segurei uma bola surge quando eles me levantam e prendem na maca. Estou no quintal, e mal sou capaz de segurar a bola porque minhas mãos são tão pequenas. Sentado sobre os ombros do meu pai, e com sua altura, consigo alcançar a tabela e arremessar pela rede. Ele e minha mãe comemoram, e mesmo naquela idade, a aprovação dos dois é como um fluxo morno que faço questão de manter, ansiando por muito mais.

Será que a torcida irá gritar por mim novamente?

Não é a nossa torcida, mas todo mundo aplaude quando erguem a

maca e me levam em direção ao vestiário. Todos os rostos que vejo ao passar demonstram simpatia, mesmo dos jogadores do Stingers. No entanto, quando passo ao lado de Caleb, vejo uma satisfação sombria obscurecendo seus olhos claros. A vingança se desenha no canto de seus lábios.

O jogador da defesa deve dar espaço para o jogador com a bola aterrissar. Caleb não fez isso. Foi uma jogada suja. Até mesmo um leigo que estivesse assistindo ao jogo veria aquilo.

Seu escárnio e crueldade me cobrem sob as luzes ofuscantes e os flashes das câmeras, e eu me pergunto se a Iris ainda está aqui. Se ela viu a jogada. Caleb fez isso para me alertar, mas espero que ela tenha visto isso como um aviso.



CAPÍTULO 16

IRIS

Ai. Meu. Deus.

Jogada suja.

As duas palavras começam como um sussurro de especulação e incredulidade, mas se tornam cada vez mais altas e certas à minha volta, até que todos dizem que a jogada de Caleb foi desleal. Abalada, vejo o momento em que colocam August na maca. Quando ele está sendo engolido pela escuridão do túnel do lado onde o time visitante entra, olho para a quadra. Caleb está me encarando, e a raiva, a maldade que ele mantinha ocultas agora estão aparentes em seu olhar. Isso me faz perder o fôlego. Eu nem o reconheço nesse momento, e sei que o que ele acabou de fazer foi por minha causa. Tem tudo a ver comigo e com o August.

August teve uma performance maravilhosa, batendo seu recorde de pontos em uma partida, mas a que custo? Sua lesão é claramente séria, mas o quanto sério? Será que ele vai perder o resto da temporada? Isso pode acabar

com a carreira dele?

Isso é culpa minha?

— Estou pronta para ir embora — eu digo para o Ramone.

Ele franze a testa de um jeito austero, mas não me assusta nem um pouco.

— Mas o Sr. Bradley queria que nós o encontrássemos...

— Eu verei o Sr. Bradley quando ele chegar em casa. — Eu me levanto com Sarai dormindo em meu ombro. — Você pode me acompanhar até o carro, ou posso ir sozinha. Essas são as únicas opções.

Ele hesita, olhando para a quadra. Sigo seu olhar e vejo Caleb ainda me encarando. Começo a descer o corredor, sem olhar para trás e sem conferir se Ramone está me seguindo. O rápido barulho de seus passos atrás de mim apenas confirma que sim.

— Senhorita DuPree. — Ele segura o meu cotovelo, olhando para mim. — Eu vou lhe acompanhar até o carro e dirigir até sua casa.

— Olha, eu não preciso...

— Eu insisto. — Seus dedos apertam em volta dos meus ossos causando-me dor.

— Me solte. — Eu olho do meu cotovelo para sua expressão implacável. — Ou vou gritar pela polícia.

Seus dedos soltam imediatamente, mas seu tamanho ainda me intimida, e seguro Sarai mais perto de mim. O que era para ser proteção, agora se parece mais a um cativo. Ele aponta para a saída, para a garagem particular onde meu carro está estacionado.

Sem ele pedir, eu o deixo assumir o volante da Mercedes SUV Classe G que Caleb me deu, e entro no banco de trás, prendendo Sarai em sua

cadeirinha. Não troco uma palavra sequer com ele, e vice-versa, mas algo mudou. Não somente entre mim e Ramone, mas também em relação ao Caleb. A jogada suja foi uma declaração de guerra, um único tiro dado em August, mas que também me atingiu. Ele passou direto pelo meu coração, e estou sofrendo por tudo o que August pode ter perdido esta noite.

Pego o celular e procuro no Google por alguma atualização sobre o estado dele e a gravidade de sua lesão. Não há muito além do que já sei, exceto que o levaram para o hospital para fazer exames. Somente alguns jogos restando em sua primeira temporada e isso acontece.

Por minha causa?

A culpa me sufoca, e as fortes luzes da cidade ficam embaçadas pelas minhas lágrimas enquanto passamos por suas ruas. Assim que entramos na garagem, solto Sarai da cadeirinha e sigo até a porta. Ramone já está lá, a segurando aberta para mim. Nem sequer lhe dou um olhar, correndo para dentro de casa e para o quarto de Sarai, a deitando no berço e conferindo se a babá eletrônica está ligada.

Ligo a imensa televisão em nosso quarto, presa na parede acima da lareira. Avery Hughes, uma das apresentadoras mais populares da SportsCo's, divide a tela com um repórter no local.

— O que você pode nos dizer, John? — Avery pergunta. — Alguma notícia sobre August West?

— Ele está lá dentro. — John aponta com o dedão sobre o ombro para o hospital logo atrás. — Tudo o que sabemos é que estão fazendo exames para saber a gravidade da lesão. Parecia ser bem ruim, mas não vamos saber até os resultados saírem.

Uma pequena comoção longe da câmera distrai o repórter por um

segundo, e ele volta a atenção para a Avery.

— Nós talvez tenhamos alguma coisa. — Ele gesticula para o câmara segui-lo. — É o MacKenzie Decker, Presidente das Operações de Basquete do San Diego Wavers.

Os repórteres na frente do hospital retardam o avanço de Decker, se juntando em volta dele com microfones, gravadores e curiosidade.

— O que você pode dizer para a gente, Deck? — um repórter grita. — O August está fora pelo resto da temporada?

— O quão ruim é a lesão? — outra pessoa pergunta, antes de ele ter tempo de responder.

— A perna está quebrada? — A pergunta é jogada para o Decker, fazendo com que ele franza a testa.

— Eu joguei basquete, não beisebol, pessoal — Deck diz, parando para responder, um sorriso reto no canto da boca. — Vocês continuam arremessando essas bolas rápidas para mim. Me deixem responder alguma.

Alguns repórteres riem, mas ninguém se move, aguardando as respostas.

— É muito cedo para dizer o quão grave é a lesão — Deck continua, seus olhos mais sérios que o sorriso plantado em seu rosto. — Por precaução, é seguro dizer que o August provavelmente não retornará para os últimos jogos dessa temporada, o que é difícil. Todos sabem que ele é um jogador fora de série. Não tenho dúvidas de que ele ficará bem. — Ele olha além deles para a entrada do hospital. — Agora é melhor eu entrar lá e checar o nosso garoto. — Ele acena, ignorando as próximas perguntas, entrando no hospital.

Quando a câmara corta de volta para Avery, a flagra em um

momento inesperado, e preocupação genuína está em seu belo rosto. Há meses existem rumores de que ela e MacKenzie Decker estão namorando. Fico pensando se ela conhece o August pessoalmente. Sua expressão volta outra vez ao profissionalismo.

Ela olha para a câmera, recompondo-se e colocando novamente sua máscara de repórter.

— Nos mantenha atualizados, John. Agora, acho que temos um comentário do outro lado da quadra. Especulações na liga sobre uma jogada suja de Caleb Bradley começaram antes mesmo de West cair no chão. Acho que temos algum áudio sobre isso no vestiário do Stingers.

O rosto de Caleb aparece na tela, sua expressão preocupada e arrependida enquanto está na frente de seu armário, pegando sua jaqueta de couro. Seu cabelo ainda molhado do chuveiro.

— Não posso dizer o quão arrependido estou com tudo isso que aconteceu. — Ele engole, como se tivesse dificuldade, seus olhos azuis límpidos da malícia. — August e eu jogamos juntos desde crianças, e claro que existe uma rivalidade amigável entre a gente. Nego categoricamente que foi uma jogada suja. Nunca faria uma coisa dessas, e acho que minha reputação fala por si só.

Ele olha para o chão, sacode a cabeça e passa a mão por seu cabelo claro enrolando na nuca, antes de dizer:

— Ele está nos meus pensamentos, e espero que fique bem. — Ele coloca a jaqueta em seus poderosos ombros e olha solenemente para os repórteres à sua volta. — Se vocês me desculparem, preciso ir para a casa para minha noiva e bebê.

Noiva?

Nós não estamos noivos, e ele nunca disse isso publicamente.

É, algo definitivamente mudou. Eu me sento na beira de nossa cama e o aguardo chegar para poder descobrir o que isso significa.



CAPÍTULO 17

AUGUST

— Seu filho da puta idiota.

A raiva de Decker quase dói tanto quanto a minha perna. Eles me deram analgésicos antes de sairmos da arena, então a dor lancinante diminuiu para uma persistente pulsação. Tenho dificuldade em focar nas palavras de Decker enquanto as drogas drenam minha lucidez.

— Eu te disse, West — Decker diz, respirando fundo pelo nariz. — Eu te avisei sobre essa merda com o Bradley.

Não falo nada. Eu fodi tudo, e tenho que arcar com isso.

— E quando o jogo já estava ganho e digo para você ficar de fora no último minuto, você faz o quê? — Deck pergunta, retoricamente. — Precisava mijar um círculo em volta do Caleb para provar que tinha o pau maior?

Minha mãe limpa a garganta no canto.

Decker faz uma careta.

— Desculpa, senhora.

— Sem problemas — minha mãe diz. — Mas acho que podemos guardar as recriminações para quando meu filho não estiver sentindo uma dor insuportável e esperando o cirurgião chegar.

— Sim, senhora. — Decker abaixa a cabeça em respeito a ela. — Você está certa. Só estou um pouco frustrado.

— Eu entendo. Nós todos estamos, mas o August melhorar é a prioridade, e a única coisa que importa para mim — minha mãe diz, calmamente. — Agora, vou deixar os dois sozinhos. Meu marido está a caminho. Eu vou encontrá-lo.

A porta se fecha atrás dela, e Decker olha de volta para mim.

— Ela está certa, me desculpe. — Decepção e raiva duelam no olhar que ele me dava. — Eu me sinto mal por você, mas ao mesmo tempo estou puto da vida contigo.

— Não tão puto quanto estou comigo mesmo. — Bato na cama com o meu punho, sacudindo a cabeça para o meu próprio descuido.

A porta se abre, e o cirurgião ortopédico entra, o Dr. Clive.

— Como você está se sentindo, August? — pergunta, olhando para a pasta em suas mãos.

— Doidão. Eles me deram uns analgésicos. — Eu suspiro profundamente e me encolho com as agulhadas de dor na minha perda. — Mas ainda dói pra cacete.

— O que devemos esperar, Doutor? — Decker se apoia na parede e enfia as mãos nos bolsos.

As sobancelhas do Dr. Clive se levantam sobre o aro prateado de seus óculos. Se o osso saindo da minha perna não tivesse me dito que isso

não podia ser bom, a posição de seus lábios e a relutância em seus olhos dizem.

— Você tem uma fratura exposta, August. — Ele anda em direção à parede, e coloca a chapa no visor de raio-X, apontando para a imagem. — Você vê a fratura aqui e aqui na tíbia e na fíbula? A boa notícia é que foi uma fratura simples. Sem danos nos nervos, tendões ou ligamentos.

— Por que sinto que também tem más notícias? — Preciso prestar atenção, mas entre as drogas e a dor que persiste, mesmo com elas, é difícil me concentrar.

— Nós precisamos começar o preparo para a cirurgia — Dr. Clive diz. — O osso perfurou a pele e foi exposto ao ar. Existe um risco de infecção. Nós precisamos fazer imediatamente a cirurgia da tíbia. Vamos colocar um pino de titânio no centro da tíbia e então estabilizar ainda mais com pequenos parafusos entre o pino e o osso, acima e abaixo do local da fratura.

— Um pino? — Inclino a cabeça para trás no travesseiro. — Vou ficar com isso para sempre?

— É, acredito que sim. — A linha tensa da boca do Dr. Clive alivia um pouco. — Pense nisso como um outro osso, mas esse nunca vai quebrar.

— Como é a recuperação em um caso desses, Doutor? — Decker pergunta. Ele franze cada vez mais as sobrancelhas com cada palavra que o cirurgião diz.

— Sendo otimista, pode levar de seis meses a um ano para retornar completamente para o basquete competitivo depois de algo como isso. — Ele tira a imagem do visor e a enfia de volta na pasta. — Você usará uma bota ortopédica por dois meses, August. E, claro, fisioterapia agressiva depois

disso. A maioria dos atletas consegue voltar para o nível anterior à lesão. Só precisa de muito tempo e trabalho duro.

— Estarei pronto para a fisioterapia, não importa o que for preciso — asseguro ao médico, mas ainda mais ao Decker. Sei que ele está preocupado comigo, mas basquete é um negócio, e sou um produto, um que o time investiu uma bolada de dinheiro.

— Vamos passar primeiro pela cirurgia e então podemos falar sobre reabilitação — Dr. Clive diz, andando para a porta. — Eu vou me preparar. Nós voltaremos para te buscar em uns vinte minutos.

O prognóstico é melhor do que achei que seria, mas ainda me sinto como um idiota. Se pudesse pegar aquele último minuto de volta, se pudesse reconsiderar esfregar a vitória na cara de Caleb, eu faria.

— Olha, Deck, estou arrependido. — Eu forço para baixo minha vergonha e arrependimento. — Sei que foi estúpido. Eu só...

O que posso dizer? O Caleb tem a garota que eu quero? Coloquei em risco um contrato de trinta milhões de dólares por uma mulher que vive com outro homem, teve seu bebê, e já me rejeitou? Uma mulher que vi apenas quatro vezes? Se eu vir a Iris outra vez, vou andar para o outro lado.

A quem estou enganando? Naquele momento intenso que ambos compartilhamos hoje à noite, nem sequer fui capaz de olhar para o lado. O que me faz pensar que poderia andar para longe dela?

— Só se preocupe em passar pela cirurgia. — Decker força um sorriso através de sua óbvia preocupação. — Vou acabar com você quando puder aguentar mais um pouco.

A porta se abre, e minha mãe e Matt entram, acompanhados pelo meu meio-irmão. Ele é alto e loiro, praticamente a cópia de Matt.

— Ei, você não pode estar aqui, Foster — Deck diz seriamente para ele. — Nós não precisamos de agentes por perto. Não sei nem como você entrou. Somente time e família são permitidos.

Nós temos sido tão cuidadosos em manter nossa conexão discreta, que me esqueci por completo que nem Decker sabe.

— Está tudo bem, Deck — eu digo para ele. — Ele é família. Jared é meu meio-irmão.



CAPÍTULO 18

IRIS

Eu me levanto assim que Caleb entra no quarto. Nós observamos um ao outro em um silêncio desconfiado por alguns momentos antes de ele andar em minha direção e dar um beijo em minha bochecha. Eu me retraio, o encarando.

— Não, Caleb.

Suas sobrancelhas arqueiam sobre o humor sombrio em seus olhos antes de ele dar de ombros e andar em direção ao closet, tirando a jaqueta. Eu o sigo de perto, determinada em resolver isso.

— O que foi aquilo hoje à noite? — pergunto, minha voz irritada.

— O que foi o quê? — ele rebate, um tanto casual demais, muito tranquilo, mas seus ombros tensionam embaixo do algodão de sua camisa.

— August.

Com o nome dele, os olhos de Caleb encontram os meus no espelho do closet. Ele faz uma careta e bufa:

— Ah, você quer dizer a pequena queda dele?

— Pequena queda? — Eu ando para ficar de frente a ele, olhando para o alto e observando seu rosto. — A carreira dele pode ter acabado, Caleb. Por que você faria isso?

Seus olhos são de um escaldante azul frio.

— E do que exatamente você está me acusando, Iris?

— Foi uma jogada suja.

A parte de trás de sua mão bate em minha boca, enfiando qualquer outra palavra garganta abaixo. Eu tropeço. Minhas costas se chocam contra o espelho, enviando pontadas de dor pelo meu ombro.

Nunca haviam batido no meu rosto. Minha mãe não se preocupava em me disciplinar. Mesmo vendo homens batendo na minha mãe e na minha tia, de tempos em tempos, nenhum deles havia me batido, então eu desconhecía a sensação. Não havia como saber que aquela primeira agressão, aquele batismo na violência, não dói só na carne. Ele assusta a alma.

No espaço de um coração partido, eu o encaro. Cada sensação e emoção – dor, raiva, medo, pânico – convergem na dor do meu dente e na palpitação de meus lábios. Eu toco minha boca, sentindo o sangue, mas não desviando os olhos dos dele, no caso de ser atacada novamente.

No que o choque diminui, meus dedos tremem, cada músculo querendo atacar de volta, mas estou consciente de que não posso. Lotus disse que viu uma sombra na alma do Caleb. Bem, eu vejo uma cobra – uma jiboia com músculos que me esmagariam com pouco esforço.

— Me desculpa, amor. — Ele parece arrependido. — Eu só estava muito chateado por você me acusar de uma jogada suja. Foi instinto. Não vai acontecer novamente.

Ele anda na minha direção, sua mão indo para o meu rosto.

Minha mão se levanta para prevenir outro ataque. Ele franze a testa e dá outro passo, me prendendo entre o espelho e seu corpo imenso. Engulo meu medo e choque para poder falar:

— Eu disse para você o que aconteceria se você um dia batesse em mim, Caleb. — Minha voz parece forte, mas cada célula em meu corpo está tremendo. É uma atuação que preciso manter porque sei que ele irá explorar qualquer fraqueza.

Assim que as palavras saem de minha boca, percebo que cometi um erro tático. O remorso falso se dissolve como uma máscara de plástico em uma fornalha. E de dentro do fogo, sua verdadeira face aparece, feita de aço e parafusos.

— Ah, agora eu me lembro. — Ele cruza os braços sobre o peito. — Algo sobre você indo embora com a minha filha se batesse em você, e boa sorte para te encontrar. Estou certo, Iris?

— Estou indo embora. — Saio da frente do espelho, minhas costas eretas e em passos confiantes, mesmo que o sangue em minhas veias esteja tremendo. Ele é o dobro do meu tamanho. A força de sua mão contra os meus lábios, aquela pancada ainda dói.

Ignoro a dor e me concentro em sair com Sarai ilesa dessa casa. Eu pego uma mala e jogo algumas roupas dentro, sem olhar para ele enquanto coloco um par de tênis também.

— O que você acha que está fazendo? — Risos entremeiam suas palavras.

Não me preocupo em responder, mas vou rapidamente para o quarto, pegando minha bolsa no caminho. Sigo silenciosamente até o berçário

no outro lado do corredor, e na luz fraca das luminárias na parede, pego alguns itens essenciais e roupas para Sarai. Eu a pego cuidadosamente, torcendo para não acordá-la.

Quando volto para o corredor, Caleb está lá, apoiado no corrimão da escada.

— Você realmente pensa que vou te deixar me largar. — Ele ri, sacudindo a cabeça.

— Nós podemos discutir a custódia — eu respondo sem emoção. — Mas isso acabou. Nós acabamos, Caleb.

A cruel diversão diminuiu até sobrar somente a crueldade.

— Tente me deixar. — Suas palavras estão envoltas em pregos e são carregadas com um aviso. O centro escuro de seus olhos, as íris, são cacos de vidro. — Eu quero ver você tentar.

Não paro para contemplar o que isso significa, mas desço os degraus correndo. Travo no vestíbulo, surpresa por ver Ramone ainda aqui, como se estivesse esperando uma ordem. Ele olha para o alto da escada, para Caleb observando do topo. Olho para cima e o vejo sacudindo a cabeça somente uma vez. Ramone dá um passo para trás. Eu corro para a garagem, meu coração batendo como se estivesse em uma caçada de raposa com cachorros no meu encalço, mas ninguém me segue.

Afivelo Sarai em sua cadeirinha e saio com o carro, passando pela frente da casa e acelerando assim que chego na rua. Verifico meu espelho retrovisor de segundos em segundos, certa de que Caleb deve estar me seguindo, mas não há nenhuma luz atrás de mim. A certeza gélida em sua voz me assombra. Como se ele tivesse certeza de que eu não escaparia. Meus lábios doloridos repuxam quando dou um sorriso aliviado. Sacudo uma

tonelada dos meus ombros e apoio minha cabeça no couro macio do encosto do banco. As coisas não têm estado bem entre nós por um longo tempo, mas eu não fazia ideia do quão erradas elas ficariam.

Ele me bateu.

Ainda estou tremendo por dentro e sentindo dor no local onde ele bateu com toda a força de seu corpo. Não pensei direito antes de sair de casa, mas está muito tarde. Vou achar um quarto para hoje à noite e ter um novo começo amanhã.

Entro no estacionamento de um Holiday Inn na beira da estrada. Não é um dos hotéis caros que Caleb sempre reserva para nós, mas nunca me importei com isso antes, e com certeza não me importo hoje à noite. Minha liberdade é o único luxo em minha mente.

Estaciono, pegando minha mala e a da Sarai, enquanto a enrolo na manta contra o meu peito. Eu empilho tudo em meus braços, tendo dificuldade em abrir a porta sem acordá-la.

— Preciso de um quarto por uma noite, por favor — eu sussurro para o atendente na recepção. Eu ficaria imensamente feliz se Sarai dormisse durante toda essa confusão.

— Claro. — O jovem homem entrecerra os olhos, e um sorriso desfaz sua atitude profissional. — Eu te conheço.

— Desculpa? — pergunto cuidadosamente, dando tapinhas no pequeno traseiro de Sarai.

— Bem, não conheço *você*. — Ele oferece um sorriso quase tímido quando pega o meu cartão de crédito. — Vi você e seu bebê na TV hoje à noite.

O telão.

Não posso pensar sobre estar no telão sem lembrar dos momentos depois. Em uma arena com vinte mil pessoas, parecia que eu e o August estávamos sozinhos em uma bolha elétrica. Cada momento que passei em sua companhia cruzou minha mente, fazendo-me estimar cada um deles. O homem bondoso, engraçado, cuidadoso deveria parecer estranho em comparação com o competidor ferrenho na quadra, mas não é. Todas as partes diferentes se encaixam confortável e corretamente para formar esse homem que quero desesperadamente conhecer melhor.

E talvez agora eu vá.

É um pensamento numa hora errada, mas estaria mentindo se não admitisse pelo menos para mim mesma que com as coisas terminadas entre mim e Caleb, *algo* acontecerá com o August. Mesmo que não o procure por isso, ele irá. Saber disso envia um pequeno tremor pelo meu corpo.

— Hum, senhora, seu cartão foi negado. — A desconfortável frase me tira dos pensamentos.

— Ah, me desculpe. — Olho do cartão preto entre os dois dedos dele para seu cenho franzido. — Você tem certeza? Ele é ilimitado.

— Certo. É um cartão sem limite, mas... — Ele hesita, seus olhos especulativos. — Esse cartão foi reportado como roubado.

— Roubado? — A palavra emerge alta e dura na quieta recepção, chamando a atenção de duas pessoas no outro lado do balcão que também estão se registrando.

— Isso é impossível — eu digo em uma voz mais suave.

— Nós não podemos usar esse cartão. — Sua voz endurece. — Você tem outro cartão que podemos tentar?

— Ah, sim. — Pego meu cartão de débito na carteira. — Pronto.

Eu sei que esse está com tudo certo. Vou ter que ligar para saber o que está errado com o outro.

Minhas palavras desaparecem quando ele franze as sobrancelhas, e olha para mim com suspeita.

— Esse também não funciona.

— Isso não pode estar certo porque eu...

Os dois cartões, mesmo que sejam meus, e já os tenha usado centenas de vezes, tecnicamente estão no nome do Caleb. As contas bancárias são dele. Ele pode não estar na minha cola com faróis altos, mas está de qualquer forma me seguindo.

Estendo a mão, requisitando o cartão de volta. Ele relutantemente me devolve como se eu estivesse cometendo algum tipo de fraude elaborada.

— É um mal-entendido — eu digo para ele. — Você aceita dinheiro?

Ele acena com a cabeça, mas ainda parece desconfiado. Procuro por dinheiro nos compartimentos da minha carteira.

Merda. Nachos e o estacionamento no jogo levaram todo o meu dinheiro. Eu só vejo uma nota solitária de dez dólares.

Não tenho dinheiro suficiente para um quarto, e não tenho gasolina suficiente no carro para chegar na casa da mamãe, em Atlanta, ou na casa da Lotus em Nova York. Isso se estivéssemos nos falando, o que não estamos. Eu nem sei o novo endereço dela lá.

Não posso ficar em pé aqui enquanto o atendente decide se deveria chamar a polícia ou me chutar para fora. Evitando seu olhar, ajeito Sarai em meus braços e ando de volta para o carro. Minha bolsa, mala, e a bolsa de fraldas pesam, mas não tanto quanto a realidade da minha situação. Caleb

cancelou os meus cartões. Sabendo que estou na rua, com a filha dele no meio da noite, ele cancelou meus cartões. Talvez eu devesse ter esperado até de manhã, mas ir para longe dele era urgente. Algo em seus olhos me disse para escapar enquanto eu podia.

Estou dirigindo meio que sem rumo, em dúvida para onde ir e o que posso pagar, quando luzes azuis brilhantes e o barulho da sirene da polícia chamam minha atenção. Por um momento, penso em quem eles poderiam estar perseguindo, mas sou a única na estrada.

Merda. Essas luzes azuis são para mim. Porra. Tem como essa noite ficar ainda pior?

Com meu coração martelando, paro no acostamento. Eu estava distraída, e talvez estivesse acima da velocidade. Abaixo o vidro da janela, já com o sorriso padrão para blitz policiais.

— Policial, me desculpe se...

— Fora do carro, senhora. — Suas palavras curtas me pegam de surpresa.

— O que... eu estava correndo? Minha lanterna está queimada? O que está acontecendo?

Ainda estou tentando processar tudo quando mais dois carros de polícia param, luzes piscando e policiais saindo com cuidado como se isso fosse Os Mais Procurados da América.

— Esse veículo e a placa batem com a descrição de um carro reportado como roubado. — O policial olha para o banco de trás. — E reportado na abdução de uma criança.

— Abdução? — A palavra sai de minha boca como um foguete. Raiva aperta minhas mãos em punhos cerrados. — Que porra está

acontecendo? Minha filha está segura, dormindo no banco de trás.

— Senhora, por favor saia do veículo com as mãos para o alto.

Eu olho para ele por mais alguns segundos, sem nem ter certeza se isso é permitido por lei. Sem ter certeza se eu deveria sair do meu carro numa rua deserta durante a noite. Afastando-me do estupor, eu me estico em direção ao porta-luvas.

— Senhora — ele diz, ríspidamente, olhos indo para o meu braço esticado sobre o banco do passageiro.

— Estou só pegando minha habilitação e o documento do carro — eu o asseguro. Entrego os documentos, olhando enquanto ele os ilumina com a lanterna.

— O documento diz Caleb Bradley. — Ele bate na porta. — Saia do carro, por favor.

Isso é um pesadelo. Os outros dois policiais se aproximam, um deles falando no comunicador em seu ombro. Com as pernas que parecem de borracha, saio do carro, pisando no chão com minhas mãos levantadas.

— Aconteceu um terrível mal-entendido. — Eu forço minha voz a parar de tremer. Medo reveste minha garganta. Estou numa rua escura com três homens. Policiais, sim, mas três homens de qualquer modo. — Como eu disse, essa é a minha filha no banco de trás, e esse é o meu carro.

— Mas o documento...

— Caleb Bradley é o meu namorado — eu digo, rapidamente. — Ele me deu esse carro há meses. O bebê é nossa filha. Tem várias maneiras de verificar isso.

— Senhora, em casos de suspeita de abdução de uma criança — um dos outros policiais diz —, nós temos que proteger a criança. Creio que

teremos que te levar em custódia.

— De jeito nenhum! — Eu ando para trás, minhas panturrilhas batendo no carro. — Minha filha...

— Nós já entramos em contato com o pai — o policial diz. — Ele já está a caminho.

— A caminho? — eu rosno. — Ele pode estar a caminho, mas ele não vai levar minha filha para lugar nenhum.

O policial me vira, e meu corpo é esmagado contra o carro quando ele algema meus pulsos. O barulho das algemas se fechando inicia meu pânico.

Para onde eles vão levar a Sarai? O que vai acontecer com ela?

Eu me forço contra as amarras de aço, virando meus ombros e chutando para trás.

— Ai! — o policial xinga baixinho. — Olha, moça, nós estamos perto de adicionar resistência à prisão e desacato à autoridade, ao roubo de carro e abdução de menor.

— Eu não fiz nada. — Minha voz treme, e lágrimas escorrem pelas minhas bochechas. — Ai, meu Deus. Você precisa me escutar. Ela é meu bebê. Eu não a peguei. Ela é minha. Por favor, não a leve. Por favor, só me escute.

Soluços sacodem meus ombros. Frustração, raiva, e medo acendem um fósforo em meu sangue e aceleram meu coração. Eu apoio minha testa no frio metal do luxuoso carro que nem pensei em deixar para trás. Os cartões de crédito, o carro, o dinheiro. Cada coisa que ele me deu é simplesmente uma barra em minha cela, me aprisionando.

A porta de outro carro bate, e viro a cabeça para o lado. No escuro,

os largos ombros de Caleb cortam pelo pequeno círculo de homens em volta de mim.

— Onde está a Sarai? — exige saber, sua voz, sua face, mostrando pânico. — Ela a machucou?

Um rosnado nasce em minha barriga e pula de minha garganta. Eu me jogo para cima dele, mesmo com minhas mãos algemadas às costas.

— Seu bastardo! — Mãos presas atrás de mim, eu cabeceio seu peito e chuto suas canelas. — O que você fez?

Minha voz alta se projeta no céu noturno, ecoando o nosso redor como um grito na selva.

— Você vê o que eu disse? — ele diz ao policial mais perto dele. — Ela tem estado assim por semanas, desde que parou de tomar os remédios prescritos pelo médico.

— Filho da puta! — As palavras arranham no caminho para sair do meu peito e tropeçam nos meus lábios.

— Você não acredita em mim? — ele pergunta para o policial. — Esse é o meu carro que ela está dirigindo. Vou só pegar ali dentro algo que prova que o que digo é verdade.

Ele sai por um momento e volta com a minha bolsa. Meu coração para no peito quando ele mostra um frasco com pequenos comprimidos.

— Viu? — Ele mostra para um dos policiais. — O nome dela está bem aqui. Desde que ela parou de tomar esses comprimidos, ela...

— Eu vou te matar! — As palavras explodem de mim com uma força propulsora. — Seu mentiroso filho da puta. — Eu me jogo para frente novamente, mas o policial me segura antes que eu possa acertar o Caleb.

— Eu juro a vocês — Caleb diz —, ela não é sempre desse jeito.

Quando toma os remédios, ela é uma mulher diferente, mas você pode ver por que fiquei preocupado quando ela saiu com a minha filha. Ela está instável, e estava com medo pela segurança de nosso bebê.

— Segurança dela? — Um misto de soluço com gargalhada sai de meu peito. — Ele bateu em mim — eu digo. — Eu fui embora porque ele me bateu.

— Ah, eu te bati? — Caleb corta. — Onde? Não vejo um arranhão em você.

Meus lábios, ainda doendo pela sua porrada, tremem.

— Ele me bateu na boca — digo para o policial, minha voz desesperada. — Por favor, não o deixe levar o meu bebê. Ai, Deus. Por favor, escute. Estou te implorando.

Um gemido corta o ar.

— Sarai. — Eu olho para os policiais. — Ela está com fome. Eu preciso alimentá-la.

Quatro pares de olhos olham para os meus seios, forçando minha camiseta. Odeio cada criatura andando nessa terra com um pau.

Caleb abre a porta traseira e se inclina para murmurar para minha filha.

— Não. — Eu penduro minha cabeça, e lágrimas salgadas queimam os cortes imperceptíveis em minha boca. — Não o deixem pegá-la. Ai, Deus. Por favor, não.

— Está tudo bem. Papai está aqui — Caleb diz, sacudindo Sarai em seus braços, seus olhos carinhosos. — Policiais, vocês sabem quem eu sou? — Caleb pergunta, dando seu sorriso premiado. Os três policiais trocam olhares antes de acenarem com a cabeça.

Isso não pode estar acontecendo.

Fracasso derruba meus ombros, e me solto nos braços do policial.

— Caleb Bradley — um deles diz. — Uma pena o jogo de hoje à noite, cara. Derrota difícil.

— Ei, você ganha uns, perde outros. — Caleb dá de ombros. — Então você sabe que essa é a minha primeira temporada. Eu realmente quero levar a gente para os playoffs.

— Nós quase chegamos lá ano passado — um dos policiais diz, franzindo a testa. — Eu fiquei tão feliz quando te convocaram.

— Tem sido uma boa temporada até agora. — Caleb se inclina e beija o nariz de Sarai, olhando para cima quando meu rosnado maternal aparece no silêncio. — Mas tem sido difícil para mim e para minha noiva.

— Eu não sou sua noiva — eu cuspo. — Eu nunca vou usar o seu anel, Caleb.

Ele estreita os olhos em minha direção, e a raiva que tem mantido tão cuidadosamente guardada, se mostra por um segundo. Ele mostra os dentes e sei que se colocar as mãos em mim, sofrerei mais do que um tapa na boca.

— Como eu estava dizendo, tem sido difícil para nós — Caleb continua, um pouco de civilidade. — Novo bebê. Primeira temporada. Tem sido pesado, e acho que a minha noiva só teve uma noite difícil. — Ele deixa a declaração em suspenso no pequeno círculo com os policiais, olhando cada um deles nos olhos. — Mas acho que ela e eu podemos acertar tudo em casa.

Seus olhos duros penetram os meus.

— Ou vocês podem levá-la, e o bebê pode ir para casa comigo.

— Não. — Eu sufoco em minhas lágrimas. Não posso tirar meus

olhos de Sarai, que está com a pequena boca procurando pelo meu seio. Ela reclama, seus braços se agitando. Caleb segura seus dedos, os colocando na boca.

— Você está com fome, bebê? — ele pergunta, sua voz gentil, mesmo assim me enervando. — Vamos embora daqui para a mamãe poder te alimentar.

— Você tem certeza, Sr. Bradley? — o primeiro policial pergunta. — Se nós precisarmos...

— Ele está certo — eu interrompo, minhas mãos queimando com a necessidade de arrancar minha filha dele, não importa a que custo. — Foi uma noite ruim. Eu não... — Engulo o meu orgulho para dar lugar à mentira. — Esqueci de tomar o meu remédio, como ele disse.

Caleb sorri para mim com indulgência.

— Viu, policiais — ele diz. — Tudo um mal-entendido.

— Bem, com algo como uma acusação de abdução — o primeiro policial diz, desconforto aparecendo na sua voz e expressão enquanto ele me libera —, nós ainda precisamos documentar o incidente.

— Claro, pode documentar. — O olhar de Caleb debocha de mim e me alerta. — Eu entendo, mas nós não teremos esse tipo de problema novamente, teremos, amor?

Esfrego meus pulsos, indo em direção ao Caleb imediatamente. Tento pegar Sarai, mas ele não a solta. Nós nos encaramos, uma guerra silenciosa que vou ter que aguardar o momento certo para ganhar.

Caleb finalmente a libera. Eu a agarro, inalando seu doce cheiro de bebê, enfiando o nariz em seu cabelo para esconder minhas lágrimas.

— Eu dirijo. — Caleb abre a porta do motorista.

— Mas e o seu carro? — pergunto.

— Ah, ele vai dirigi-lo para casa. — Caleb acena com a cabeça em direção à Ferrari a alguns metros de distância.

Ramone sai do carro, indo em direção ao lado do motorista. Mesmo na escuridão, seu olhar gelado penetra minhas roupas e deixa minha pele pegajosa.

— Nosso segurança foi quem primeiramente notou o comportamento errático de Iris no jogo de hoje — Caleb diz para os policiais, mas seus olhos estão em mim. Ele está fazendo questão de deixar claro para mim que Ramone é seu aliado nesse esquema. — Ele já estava preocupado há dias, mas não tinha certeza se devia dizer alguma coisa. Ele ligou para o serviço social.

Eu travo no processo de prender Sarai na cadeirinha do carro, olhando por sobre o ombro para o Caleb.

— Claro, eu disse para ele não interferir desse modo novamente. — A voz de Caleb tem um tom de censura. — Ele achou que estava fazendo o que era melhor para a Sarai, mas isso vai deixar a minha noiva com algumas explicações a dar.

Isso só piora a cada segundo. Cada mentira que Caleb contou é uma camisa de força, me prendendo, me fazendo parecer uma maluca.

Como vou sair disso?

Entro no carro, vendo pelo vidro os policiais pegando autógrafos de Caleb em seus blocos de multas.

Quando os policiais vão embora, Ramone e Caleb ficam do lado de fora conversando. Provavelmente armando a melhor maneira de me manter prisioneira naquela casa enquanto Caleb está na estrada. Eu sabia que havia

sentido uma mudança entre nós, mas não fazia ideia de como a minha vida seria virada de cabeça para baixo.

No meio da novela de hoje, o trivial aparece. Meus seios estão doloridos e cheios de leite, por ter pulado o horário de uma mamada. Sarai me olha, com fome, alerta, impaciente. Ela bate no meu peito, um sinal certo de que tenho uns dois segundos antes de ela começar a chorar.

Eu a pego, seu rosto uma pequena réplica do meu: exigente e indefeso. Meu mundo inteiro enrolado em uma manta. Ela está felizmente sugando, e esses sentimentos de ressentimento e confusão que antes nutria por ela, pela maternidade, no começo, são completamente estranhos agora. Eu quase nem lembro do meu mundo quando ela não era o centro. Seu leve peso em meus braços antes era como um fardo. Agora, ela parece um privilégio que não mereço. Estou pronta para andar através do inferno em rodas de gasolina por essa garotinha.

Olho para cima e vejo o diabo.

Caleb está em pé na frente do carro, as linhas duras de seu rosto iluminadas pelo farol, seus olhos gritando obscenidades. Meu estômago embrulha. Esse monstro já esteve dentro de mim.

Ele abre a porta do motorista, e na luz interior do carro, seu cabelo e pele dourados parecem quase angelicais, mas seus olhos são demoníacos. Seu olhar cresce faminto e possessivo enquanto ele me observa amamentando Sarai. Minha mente deve gostar de me torturar, porque ela volta para o All-Star Game, quando amamenteei um bebê enquanto conversava com o August. Talvez em algum universo paralelo, eu ainda esteja naquele quarto, absorvendo a bondade dele e me sentindo sensual sob seu olhar.

Eu olho para o perfil implacável de Caleb, a promessa cruel de sua

boca e o aperto de suas mãos no volante, como se ele desejasse que fosse o meu pescoço. Nós não trocamos nenhuma palavra, mas isso não vai ficar sem uma punição.



CAPÍTULO 19

IRIS

— Não está aqui — murmuro para o quarto vazio. Procuro pelos vários itens na gaveta da minha mesa de cabeceira, mas nenhum deles é o meu diário. Eu fui completa e embaraçosamente transparente naquele diário em relação aos meus sentimentos conflituosos sobre a maternidade – a mágoa por conta da minha gravidez. Em tantos dias escuros e solitários, eu me volvei para aquelas páginas em branco para despejar minhas emoções.

E ele não está aqui.

Será que Caleb pegou o meu diário? Eu sei o quão culpada a turbulência daquela época parece no papel. Eu fico envergonhada de lê-lo sozinha, quanto mais tê-lo exposto para alguém me julgar. Nas mãos de Caleb, os meus momentos mais vulneráveis são outra arma em seu arsenal.

— Procurando por alguma coisa? — Caleb pergunta da porta.

Não respondo, mas me viro para ele, fechando a gaveta com o joelho. Eu o observo e espero.

— Você não deveria ter feito aquilo, Iris. — Sua voz envia tremores pelo meu corpo. — Você não deveria ter tentado me deixar.

— Você me deixou sem escolha. — Eu me sento na beirada da cama, aliviada por Sarai estar alimentada e dormindo enquanto lido com isso, enquanto me concentro em desenrolar todas essas mentiras para poder me livrar dele. — Eu disse o que aconteceria se você me batesse.

— Eu te bati porque você me insultou. — Ele inclina a cabeça, andando até ficar diretamente na minha frente. — Uma jogada suja, né? Você parece ter uma queda pelo meu velho amigo August.

Não respondo, mas o espero continuar.

— Eu vi você olhando para ele — ele sussurra, pedaços de gelo em seus olhos. — E eu o vi olhando para você.

— Não, você deve ter imaginado isso. — Eu olho para as mãos cruzadas em meu colo. — Eu mal o conheço, Caleb.

— Mas você não precisa conhecê-lo para querer fodê-lo, precisa?

Minha cabeça se levanta de repente. A raiva rondando em seus olhos está em uma fina coleira.

— Mas você não pode fodê-lo — Caleb sibila. Ele me levanta e puxa para perto, segurando a minha nuca. E pressiona nossas testas e narizes juntos, sua respiração abanando meus lábios. — Você só pode me foder.

Ele coloca a mão no bolso e pega uma pequena pistola prateada. Nunca vi esse lado dele, e nunca vi essa arma. Estive cega. E isso pode custar a minha vida.

Ele coloca a arma na minha têmpora. Medo é o infortúnio da batida do meu coração por trás das minhas costelas. É o caos nas minhas veias, gritando nos meus ouvidos e correndo para a minha cabeça. Medo é um sinal

de fogo que coloca o meu corpo em alerta.

Ele usa a arma para colocar meu cabelo atrás da orelha.

— Eu quero você fora dessas roupas.

— Deus, Caleb, por favor, não — eu sussurro. — Não desse jeito.

— Você acha que tem opções? Escolhas? — Sua gargalhada cruel ressoa de seu peito. — Você e aquele diário patético fizeram isso fácil demais.

— Onde ele está? Eu quero o meu diário.

— E eu queria você fora dessas roupas vinte segundos atrás. — Ele acena com a cabeça para a calça jeans e a camiseta que usei no jogo de hoje. — Aquele diário é somente outra página na minha apólice de seguro com você. Eu disse, tire as roupas.

Com os dedos tremendo, eu puxo a camiseta pela minha cabeça, a jogando no chão. Eu levanto as pernas somente o suficiente para empurrar as calças para baixo. Meus dedos se curvam contra o tapete cobrindo o piso de madeira.

— Calcinha e sutiã também — ele diz, sua voz começando a ficar ofegante. Seu maxilar pulsa. Ele me viu sem roupa mais vezes do que posso contar, mas quando meu sutiã se solta e a calcinha cai no chão, sou violada pelo olhar de um estranho.

— Deite-se na cama — ele diz com a voz rouca, seus olhos dilacerando minha nudez.

Aperto os dentes, determinada a resistir, mas Sarai suspira em seu sono através da babá eletrônica, o som da inocência e satisfação. Eu faria qualquer coisa para preservar isso — para protegê-la do bastardo que é seu pai.

Com meus joelhos dobrados e minhas pernas balançando na beira

da cama, eu me deito. Ele anda para o lado e fica sobre mim, seu sorriso desenhado com maldade e alegria.

— Nós vamos negociar novas regras, eu e você. — Ele coloca a pistola nos meus lábios. Eu gemo e começo a tremer.

A violência está pronta para atacar.

— Shhhhh. — Ele se inclina, ajeitando meu cabelo para trás com gentileza, cuidadosamente colocando a pistola na minha boca, batendo no meu dente.

Um grito corta a minha mente. Sinto o gosto do meu medo – deixo-o se enrolar pela minha língua como uma bala amarga. Fico o aguardando dissolver, mas isso nunca acontece. Ele desce inteiro pela garganta, mergulha no meu peito e arranha minhas costelas. Ele empoça na minha barriga, uma lama de pavor. Não tenho coragem de me mexer. Meus olhos imploram por misericórdia, mas não há nenhuma em seus olhos. Eles são somente espelhos de sua alma negra.

Tem uma sombra em sua alma.

Lo estava certa, mas é tarde demais. Se pudesse voltar atrás e ver as coisas de uma maneira diferente. Fazer as coisas de uma maneira diferente. Escolher de uma maneira diferente.

Ai, Deus. Por favor me tire disso. Por favor, salve meu bebê.

— Nova regra número um. — Seus olhos fixam nos meus lábios em volta do cano do revólver. — Você não dirige. Ramone ficará aqui com você quando eu estiver na estrada, e ele a levará a qualquer lugar que você precise ir. Ele fará com que você sempre volte para casa, para mim.

Estou tendo dificuldades para engolir com os meus lábios abertos em volta da arma. Saliva se acumula em minha boca e escorre pelos cantos

para se misturar com as lágrimas que deslizam pelas minhas bochechas.

— Eu te aconselho a não preocupar a Lotus com os detalhes do nosso acordo — Caleb continua. — Eu sei o que ela faz. Onde ela trabalha. Sei sobre seu apartamento no quarto andar de um prédio no Brooklyn. Você viu o que fiz com o August hoje à noite. Aquilo não é nada comparado ao que eu faria com ela. Qualquer um que tentar se meter entre nós, eu irei me livrar.

Pela primeira vez, estou feliz por estarmos sem nos falar. Não quero perto da bagunça da minha vida. Não vou aguentar se mais alguém se machucar por minha causa. Eu preciso focar na Sarai. Me preocupar com a segurança de outra pessoa só vai me distrair.

— Nós nos entendemos? — ele pergunta.

Aceno com o menor movimento da minha cabeça, não querendo sacudir a arma apoiada na minha língua.

— Bom. — Ele ri asperamente. — E não tenho que me preocupar com a sua mãe. Nós dois sabemos a puta mercenária que ela é. Estou pagando pelo silêncio dela.

Meus olhos se arregalam com uma pergunta não feita.

— Sim, eu venho pagando as contas dela em Atlanta — ele confirma. — Ela tem um apartamento bem melhor agora. Em Buckhead, nada menos. Você sabe quantos homens ela teria que foder para pagar por isso? Estou fazendo um favor para ela, e ela é muito grata para perguntar como estou te tratando.

Eu aperto meus olhos, traição e vergonha pela minha mãe queimando um buraco em meu coração. Ele se inclina para sussurrar em meu ouvido, tirando a arma da minha boca e a descendo pelo meu pescoço.

— Espero que hoje à noite tenha demonstrado que sou eu que tenho

todas as cartas. — Ele circula o meu mamilo com o cano e para, enfiando-o em meu umbigo. — Se você tentar me deixar, vou ganhar pelo menos a custódia parcial da Sarai. Você não tem dinheiro, e qualquer defensor público que for dado a você, não será páreo para o que eu tenho, a melhor representação legal que o dinheiro pode comprar. Entre isso, seus registros em seu Querido Diário, e o “comportamento preocupante” que o Ramone reportou para o serviço social, acho que terei um caso bem convincente.

Ele anda para o pé da cama, e escorrega a pistola para a junção das minhas coxas, e meu sangue bate em protesto contra a minha pele em cada ponto de pulsação.

— Adicione os seus problemas com a polícia hoje à noite, e você será sortuda se conseguir vê-la aos finais de semana quando eu terminar com você.

Ele desce a arma mais alguns centímetros, cutucando a entrada da minha boceta, separando os lábios. Meu peito sobe e desce em uma respiração brusca. Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas e se juntam em volta do meu pescoço como uma força.

— Mas além da custódia da Sarai, e além da sua mãe e da Lotus e de qualquer outra coisa que posso usar para mantê-la ao meu lado — ele diz, cada palavra um tijolo na fortaleza que está construindo em volta de mim —, a única coisa que você realmente precisa entender é isso...

Ele desliza o olhar desde o meio das minhas coxas até em cima, e se tudo o que ele disse antes eram apenas mentiras e ameaças vãs, neste instante não tenho a menor dúvida de que o que está prestes a dizer é a mais absoluta verdade. A honestidade em seu olhar, finalmente, diz tudo:

— Se você tentar me deixar novamente, Iris, eu vou te matar.

Um soluço sacode meu peito, mas mordo o lábio para contê-lo.

— Você alguma vez pensou nas semelhanças entre uma arma e um pau? — ele pergunta, abrindo ainda mais meus joelhos com sua mão livre.

— Por favor, não faça isso, Caleb — imploro, pressionando os lábios para conter o gemido.

— Tem o óbvio — ele continua. — Os dois são duros. Cilíndricos como um cano. — Sua risada baixa e ofegante, excitada. Ele empurra o cano na minha entrada, fazendo uma pequena pressão.

— Ai, Deus, Caleb. Por favor, pare. — Um soluço quebra as minhas palavras. — Po-po-por favor... Ai, Deus, por favor, Caleb.

Com uma mão ele desafivela o cinto, o barulho do fecho e do zíper soam em meus ouvidos como uma faca afiada.

— Com a arma, você tem que considerar a segurança — ele diz. — Do mesmo jeito que o sexo. Embora eu não vá usar uma camisinha hoje à noite. Outra nova regra: vou te foder sem nada daqui para frente.

Meus olhos estão fechados, e tudo grita nos meus sentidos. O cheiro fresco de seu banho recente se mistura com o cheiro do meu terror. O cano áspero apertando o tecido sensível da minha vagina. O som das suas calças escorregando pelas pernas e atingindo o chão.

— Que alívio. — Ele ri. — Sem mais camisinhas furadas.

Raiva corre por mim. Abro os olhos, esperando que ele continue, pois sei que irá.

— É. — Ele sorri sem vergonha. — Eu talvez tenha usado algumas camisinhas esburacadas, mas nós ganhamos a Sarai, então tudo funcionou.

Lo estava certa. Deus, tenho sido uma idiota, confiando em outra pessoa com o meu corpo, com o meu futuro. E agora estou pagando pela

minha ingenuidade.

— Desculpa — ele diz com uma gargalhada. — Eu tomei um caminho meio torto ali. De volta às semelhanças. Uma arma descarrega, e o meu pau também.

Ele aperta a minha coxa tão forte, que mordo o lábio para conter o grito e evitar acordar Sarai.

— Então, eu te pergunto, Iris. — Ele segura o meu queixo, apertando os dedos até que meus olhos se foquem nos seus. Eles estão negros, duros e obscurecidos com desejo. — Escolha. Você quer este cano ou o meu?

Ele pressiona a arma mais fundo, não muito dentro de mim, mas fundo o suficiente, duro o suficiente para deixar abrasões na minha parte mais delicada. Minha cabeça cai para o lado, e fecho os olhos em completa escuridão enquanto choro. Choro pela minha garotinha, cujo pai é tão demoníaco. Choro pela minha inocência, desperdiçada em um homem pior do que os que minha mãe levou para casa. Choro pelas chances perdidas com um homem bom como August West, que agora nunca me terá. Não consigo imaginar nada além dessas paredes. Não consigo pensar em nada além de uma arma no meio das minhas pernas.

— Eu te fiz uma pergunta. — A voz de Caleb sai dura e afiada, como um açoite, um chicote arrastando na minha pele com seus ganchos. — Escolha o cano que você quer, Iris.

Se não fossem por esses pequenos suspiros, os fracos, constantes roncos infantis vindos pela babá eletrônica, eu imploraria para ele atirar em mim. Atirar em mim agora ao invés do que está prestes a acontecer. Mas tenho a Sarai.

Ela faz com que a palavra que finalmente sussurro não seja entrega, mas sobrevivência.

— O seu.

— Eu não te escutei — ele diz. Mas a arma já não está mais ali, e ele se abaixa em cima de mim, seu cotovelo em um lado da minha cabeça e a arma do outro. Seu pau está duro na minha entrada, um martelo pronto para atingir um prego. — Esse cano ou o meu?

Abro meus olhos e o encaro de frente. A boca cruel, a alma trapaceira, a beleza que Deus desperdiçou nesse animal. Eu quero que ele veja a minha dor e a negação que não posso vocalizar enquanto oscila o ato de violência contra mim. Quero que ele veja o ódio em meus olhos quando tomar isso de mim. Nesse horrível momento, é a única coisa corajosa que posso fazer.

— O seu.

Começa como uma dor afiada que entorpece a cada estocada. Estou seca e despreparada, e ele é grosso e está duro. Ele entra e sai de mim, uma passagem crua para o seu desejo. Ele é uma besta esfomeada, mordendo meus mamilos até me fazer chorar. Ele me machuca até me deixar zonza, e se alimenta dos meus gemidos. Ele enrijece, esvaziando um riacho virulento em meu corpo.

Eu quero me esconder por trás da minha vergonha, atrás das minhas pálpebras fechadas, mas ele sacode o meu queixo e segura o meu olhar por tempo suficiente para ter certeza de que sei quem está dentro de mim. Ele é podre, e sua fachada de ouro se foi. Ele limpa a umidade em minhas bochechas e enfia seu dedão em minha boca para que eu sinta o sabor de minhas próprias lágrimas.

Mesmo depois de ele rolar para o lado e ir embora, eu ainda o sinto. E temo que sempre sentirei. Seu sêmen escorre, um gotejar de violência que escalda a pele fina do interior das minhas coxas. Na porta do banheiro, seus olhos saqueiam meu corpo, estudando as mordidas e hematomas. Ele olha para mim como se fosse o conquistador, e eu, sua terra arrasada.



CAPÍTULO 20

AUGUST

Essa é a minha primeira cirurgia.

Eu tenho jogado por boa parte da minha vida e essa não é a minha primeira lesão, mas é a primeira vez sob a faca. A dor está sendo controlada com medicação, mas não quero ficar muito dependente. Eu tomo menos do que deveria, e minha perna dói para cacete. Passaram-se três dias, e estou finalmente em casa. Na minha casa de verdade, aqui em Maryland, não no apartamento vazio de San Diego. Se tenho que fazer reabilitação durante todas as férias da temporada, quero fazer isso com as pessoas que amo em volta de mim e no lugar que me é mais familiar.

O tratamento de fisioterapia só começa em seis semanas. Esta primeira etapa consta apenas em poupar a perna, não colocando peso algum sobre o osso, para que o tempo e o titânio se alinhem com o processo de cura. Isso significa ser mais sedentário do que já fui desde quando aprendi a engatinhar. Isso está me deixando doido e com muito tempo para pensar.

Muito tempo para sonhar.

Sonhei com a Iris na noite passada. Nós estávamos perto da água, cercados por árvores enquanto o sol ainda estava alto. O céu era uma explosão de cores, vívido, vibrante no momento antes do pôr do sol.

Nós estávamos felizes.

Como posso sonhar com ela, se de certa forma, ela é a razão para eu estar aqui? Estou deitado, olhando para o mesmo teto do quarto que usava aos dez anos. E do mesmo modo, minha mãe está na porta, pronta para cuidar de mim.

— Você está com fome? — ela pergunta, entrando para afofar os travesseiros atrás da minha cabeça. — Posso fazer aqueles bolinhos de siri que você gosta tanto.

— Não. — Eu mexo a perna esquerda na cama e a direita na pequena plataforma que a mantém elevada e estabilizada.

— Você precisa comer — Jared diz da porta. Ele foi um atleta no Ensino Médio e ainda carrega alguns traços dessa época em seu andar, mesmo que agora estejam camuflados por baixo dos ternos que usa.

— Está bem — respondo, mais para minha mãe sair do quarto para que eu possa falar com ele do que pela fome. — Seus famosos bolinhos de siri seriam ótimos, mãe.

Seu rosto se ilumina. Ela tem se sentido impotente nos últimos dias, como se não estivesse fazendo o suficiente. Deitado e quase sem poder sair dessa porcaria de cama nas próximas semanas, também me sinto da mesma forma. Quisera eu poder voltar a me sentir útil outra vez de um jeito mais fácil.

Observo as paredes, ainda repletas de pôsteres dos meus heróis de

infância, os ídolos que moldaram minha forma de jogar: Jordan, Magic, Kareem, Kobe. Venho fugindo da depressão desde a minha queda, e o pensamento de Kobe Bryant e o Lakers me faz pensar na primeira noite em que conheci a Iris.

— O que a liga está dizendo sobre o Caleb? — pergunto ao Jared, apertando meus punhos na cama para conter a raiva. — Eles disseram que foi jogada suja?

Jared faz uma careta, puxa uma cadeira para o lado da cama, e a vira de forma que se sente escarranchado sobre ela. Ele apoia os braços cruzados no encosto.

— Todo mundo sabe que foi uma jogada suja — Jared diz. — Mas o pai dele está no Hall da Fama, é dono de um time, e um executivo. Isso é uma porrada de poder e influência. Será sempre difícil fazer alguma merda respingar no Caleb, mesmo no meio de uma tempestade de bosta.

— Você está de sacanagem comigo? — Aponto para a minha perna. — Estou fora do final dessa temporada, e uma parte da próxima por causa dele. Sempre soube que o cara não é o santinho que todo mundo pensa, mas até eu não achei que ele faria algo tão baixo.

— Qual é o problema entre você e o Caleb? — Jared inclina a cabeça, seu olhar inquisitivo. — Quer dizer, sei que nunca foram fãs um do outro na faculdade, mas parece ter ficado pior desde que se tornaram profissionais.

Jared é um dos melhores agentes em esportes. Se não tivéssemos que manter a discrição sobre nossa conexão familiar, de forma alguma eu teria escolhido o Lloyd como agente ao invés dele. Parte do que o torna assim tão bom é o seu detector de besteiras. Ele consegue ver além das desculpas e

mentiras que os atletas contam, mas de jeito nenhum vou admitir que coloquei minha carreira em risco por uma garota, muito menos uma que mal conheço.

— Mesma merda de sempre, eu acho. Só que com mais dinheiro envolvido. — Dou de ombros. — Nós somos assim há anos. Você sabe disso.

— Você tem certeza de que é só isso? — Jared pergunta. — Ele não mora muito longe daqui. O fato de ter escolhido se reabilitar em casa não tem nada a ver com ele, não é?

Talvez inconscientemente eu tenha ficado aqui na esperança de encontrar com a Iris, mas não vou forçar nada. Se estiver escrito que nossos caminhos vão se cruzar outra vez, então é só esperar acontecer. Tenho outras coisas a fazer enquanto estou afastado.

— Nós precisamos conversar sobre a Elevation. — Espero que a mudança abrupta de assunto o faça deixar de lado a conversa sobre Caleb. Pensar nela com ele faz a minha cabeça doer mais do que a perna.

— O que exatamente nós precisamos discutir? — Jared pergunta. — Nós estamos no primeiro ano do nosso plano de cinco anos. Não vamos nos apressar.

— Não quero esperar cinco anos. — Enfio os dedos no cabelo embaraçado que está maior do que costume usar. — Eu tenho o dinheiro. Você tem o conhecimento. Vamos tirar isso do papel.

— Nós planejamos esperar até que você tivesse algumas temporadas de experiência. — Jared esfrega a barba crescendo em sua mandíbula. — Um pouco mais de credibilidade e tempo para focar.

Eu gesticulo para minha perna ferrada.

— Eu não previ que teria mais tempo do que tenho agora, e você

tem credibilidade suficiente para nós dois — eu digo. — Você é um excelente agente com uma reputação impecável. E você entende de marketing esportivo. Você pode começar a assinar com clientes agora. Acho que ter o meu nome associado com a companhia nesse estágio diminui a credibilidade. Nós queremos que esses atletas encarem a Elevation com seriedade. Um jogador novato como eu, sendo um dos donos, não vai dar credibilidade. Então, eu serei uma espécie de sócio oculto.

— Talvez você tenha razão — Jared admite. — Se sua reabilitação será aqui durante o verão, onde montamos o escritório?

— Pelo que eu saiba, ainda estou em San Diego, certo?

— Sim, certo. — O rosto de Jared fecha, sua máscara de agente novamente no lugar.

— Mano, o que você não está me contando? — pergunto.

— Eles já estão falando em usar a cláusula de derrogação^[13] por jogador incapacitado — Jared diz. — Estão de olho em jogadores de nível mediano que possam assumir sua posição até o fim da reabilitação. Especialmente se for demorar de oito meses a um ano.

Coloco a cabeça entre as mãos. É bem comum colocarem um jogador substituto no lugar de um atleta lesionado com um contrato milionário como o meu, mas mal saí da sala de cirurgia e já estão duvidando do meu retorno? Já estão trabalhando num plano de contingência?

Eu entendo. A queda, a lesão, me fez ver que não sou imortal. Quebrou a ilusão de invencibilidade que sentimos quando sobrevoamos pelos ares. Nós podemos planar, mas aterrissamos. Não sempre em nossos pés, e, às vezes, tão estranhamente, que nossos ossos quebram.

— Bom, parece que tenho algo a provar — finalmente digo, dando

um sorriso determinado para Jared. — Dr. Clive projetou pelo menos oito meses antes de eu estar pronto para jogar, certo?

— É, pelo menos oito meses.

Aceno com a cabeça decisivamente, sorrindo para o homem que sempre foi um irmão para mim, ainda que não de sangue.

— Então estarei pronto em sete.

[13] É a revogação parcial de uma lei, ou seja, parte dela continua em vigor, enquanto a outra é extinta por conta da publicação de uma nova que declare revogado certos dispositivos ou, quando tratar da mesma matéria, porém de forma diversa.



CAPÍTULO 21

IRIS

— Nego, sem sombra de dúvidas, ter feito qualquer tipo de dano à minha filha. — Minha voz se mantém firme com a verdade, mas meu corpo treme de ultraje. — Eu nunca faria isso.

A assistente social do nosso caso, Senhorita Darling, escreve em seu pequeno bloco, suas sobrancelhas franzidas e os lábios cerrados. Ela praticamente vibra com desaprovação.

— Quem me acusou disso? — É óbvio que sei que Ramone fez isso, mas quero ouvi-la dizer.

Ela olha para mim por trás do reflexo de seus óculos, olhos inteligentes analisando-me da ponta do cabelo aos pés calçados em tênis, e anda ao meu redor como se quisesse ter certeza de que não perdeu nada.

— Nós mantemos o anonimato das pessoas que nos procuram para reportar uma suspeita de abuso — ela informa.

— Isso não é justo. — Pressiono as palmas nas minhas coxas.

— É justo, quando temos as melhores das intenções, o que é o caso.

— E eu também. — Respiro fundo. — Tenho certeza de que você consegue ver o quanto uma acusação dessa é frustrante, ainda mais para uma mãe que nunca machucou a filha e sempre fez de tudo para protegê-la. É um insulto, na verdade.

— Iris, vamos apenas cooperar — Caleb diz do pé da escada. Ele está com a Sarai no colo, e ela pisca sonolenta para mim.

— Nós a acordamos de sua soneca para isso — eu digo para a mulher, meu tom de voz com um terço de retratação e dois de acusação.

Eu me mexo no sofá, tentando ficar confortável, procurando por alívio. Ainda estou ferida e latejando do abuso invasivo de Caleb ontem à noite. Pensei que ele me bateria, mas aparentemente, ele achou que uma arma na minha cabeça, e enfiada entre as minhas pernas seria o suficiente para me manter na linha.

Ele não estava errado.

Por agora. Pelo menos até conseguir pegar meu diário de volta e começar a demolir essa parede de mentiras onde ele me aprisionou. Minha palavra contra a dele não é suficiente para me tirar disso.

Meu peito aperta ao ver Sarai nos braços de Caleb. Eu ando até eles e a pego.

— Ei, princesa. — Eu sorrio para seus olhos sonolentos. — Nós te acordamos?

Ela gorgoleja feliz, mesmo com os olhinhos enevoados. Ela é uma bebê tão feliz, e estou determinada que continue desse jeito.

O rosto da Srta. Darling se transforma do jeito que toda mulher sempre se derrete na frente do Caleb. Eu entendo. A casca é realmente

impressionante – um metro e noventa e oito de altura, músculos definidos, bronzeado, loiro. O homem é praticamente dourado. Sem mencionar esses olhos azuis-violeta que nossa filha herdou. No entanto, quando você se aproxima – quando remove a casca –, no seu núcleo ele não é nada mais do que um pedaço de carne estragada. Podre e cheia de vermes. E sou a garota sortuda que tem o prazer de se aconchegar com isso todas as noites.

— Sr. Bradley — a assistente suspira, seus olhos brilhando de admiração. — Obrigada por trazê-la aqui embaixo.

— Por favor, me chame de Caleb — ele acrescenta com um sorriso imenso. — Nós queremos realmente chegar ao fundo disso e descobrir porque alguém diria algo assim sobre nós...

Reviro os olhos. Se quero chegar ao fundo de alguma coisa, é das mentiras que ele e o Ramone contaram para trazer essa mulher aqui em primeiro lugar.

— Bem, tecnicamente — a mulher diz, olhando rapidamente para mim —, a reclamação não foi feita contra você. Somente contra a sua noiva.

— Eu não sou noiva dele.

As palavras saem antes que eu possa pensar melhor. O olhar glacial nos olhos de Caleb me faz desejar ter mantido a boca fechada, mas meu queixo ainda se levanta em um ângulo desafiador.

— Me desculpe. — Ela olha para o anel da MiMi no meu dedo. — Eu pensei...

— Não tem problema — Caleb corta, suave como uma faca através da manteiga. — Esse é um erro natural. Nós somos uma família, nós três. O que você precisa fazer? Nós iremos cooperar completamente.

Suprimo um suspiro frustrado. Sua falsa solicitude fritou meus

nervos.

— Com crianças mais velhas — a assistente diz —, nós as entrevistamos sozinhas, mas já que Sarai é um bebê, só vou precisar examiná-la.

— Isso é ridículo — eu murmuro, fúria fervendo sob minha pele. — Eu não fiz nada para machucá-la, e essas acusações são totalmente infundadas.

— Claro que são, amor — Caleb diz, suavemente. — Então nós só temos que passar por isso. A Srta. Darling só está fazendo o trabalho dela.

Ele estende o braço para tirar o cabelo do meu ombro, e eu recuo. Ele entrecerra os olhos, mas o sorriso que oferece é uma grossa pomada espalhada sobre sua raiva, escondendo seu desprazer.

— Posso vê-la? — A mulher estende os braços, e é necessário tudo em mim para entregar minha filha a ela. Sei que ela não encontrará nenhuma marca ou hematoma, mas esse processo é humilhante. Estou adicionando isso para a lista de coisas que nunca vou perdoar.

Caleb e eu observamos enquanto a Srta. Darling coloca Sarai deitada no sofá e retira suas roupinhas, deixando-a somente de fralda. Meus olhos ardem com as lágrimas, enquanto ela procura nos braços e pernas gorduchas de minha menininha por supostas marcas que deixei nela. A dolorida ironia é que o verdadeiro abusador está em pé bem ao meu lado. Até encontrar meu diário, Caleb está certo. Não confio em nosso sistema judiciário para não dar ao Caleb a guarda parcial, se não total, depois da torre de mentiras e evidências circunstanciais que ele juntou contra mim.

— Acho que tudo está em ordem aqui. — A assistente recoloca a roupa de Sarai. — Não vejo nenhuma evidência de abuso.

— Claro que não, porque eu nunca faria isso — eu falo, bruscamente.

Suas sobrancelhas se levantam com o meu tom brusco.

— Me desculpe. É que isso é terrível e repugnante. Pensar que alguém me acusaria de algo assim, e que nós... eu estou sendo sujeita a isso, é somente um ponto dolorido para mim, como você pode ver.

— Peço perdão pela inconveniência — a Srta. Darling diz —, mas quando recebemos uma ligação desse tipo, precisamos averiguar.

— Você tem alguma ideia do porquê alguém mentiria sobre isso? — exijo saber, pelo menos querendo que ela considere que alguém está querendo me prejudicar, manchar minha reputação. Eu queria poder contar o plano diabólico do Caleb, mas não tenho nenhuma prova e iria parecer somente que eu estava tentando desviar a atenção. Não olho para ele, mas sinto o olhar de Caleb fulminando a lateral do meu rosto do mesmo jeito que o cano da arma fez na noite passada.

— Eu estava prestes a te perguntar a mesma coisa — a mulher diz, o cenho levemente franzido. — De qualquer maneira, ficarei em contato.

— Ficar em contato? — Minha voz fica mais aguda. — Por quê? Você viu que ela está bem. Isso não acabou?

— Só por precaução, agendaremos mais uma visita para garantir que as condições continuam consistentes.

Merda. Eu tenho o suficiente para me preocupar sem ter que sofrer com essa farsa inútil novamente.

Quando Caleb a leva até a porta, já estou no meio da escada e no berçário quando escuto o carro dela saindo. São necessários apenas alguns sussurros, uma caminhada suave de um lado ao outro e o acalento para que os

olhinhos de Sarai se fechem novamente e a levem de volta ao seu cochilo. Fecho a porta do berçário com cuidado e me viro para descer quando dou de encontro a uma parede de músculos.

— Ah. — Ansiedade por estar tão perto dele comprime meu torso, dificultando minha respiração. — Eu não te vi aí.

Ele não responde, mas agarra o meu cotovelo bruscamente e me arrasta pelo corredor até o nosso quarto. Tropeço em meus próprios pés, tentando acompanhá-lo. Assim que estamos dentro do quarto, ele fecha a porta.

— Então essa visita foi um ponto dolorido para você, né? — ele zomba. — Eu vou te dar um ponto dolorido.

— Caleb, eu...

As costas da imensa mão de Caleb esbofeteia as palavras da minha boca. Eu toco meus lábios, e a visão de sangue em meus dedos me deixa aterrada por somente um segundo antes de eu entrar em ação. Corro para o banheiro, mas consigo avançar somente alguns passos antes do braço forte dele, ossos duros, tendões e músculos contraídos, enganchar ao redor da minha cintura por trás, me tirando do chão. Ele me arremessa na cama com tanta força, que quase caio do outro lado. Eu me sento, determinada a me proteger, mas seu punho acerta meu rosto. Meu dente vibra, e agonia floresce na minha mandíbula e na maçã do rosto.

Agora entendo porque ele não me bateu na noite passada. Ele sabia que a assistente viria hoje, e guardou toda sua raiva para depois que ela fosse embora. Sua violência não é descontrolada. É uma coisa de fria determinação, o que de certa maneira torna isso ainda mais perigoso.

— Caleb, por favor — consigo dizer, mesmo mal conseguindo que

as palavras passem pelos meus lábios inchados.

— Nunca mais me desafie na frente de outras pessoas — diz entredentes, a expressão endurecida, os olhos quase pretos de fúria.

Seus punhos voam sobre mim como um míssil, mas desvio e rolo da cama, aterrissando em uma pilha sem valor. Tropeço para ficar de pé, mas ele me empurra por trás, e acabo caindo sobre a mesa de cabeceira. A mesinha cai no chão, e a luminária se espatifa contra a parede. Do chão, eu o vejo tirando o cinto.

Ai, Deus, não.

Ergo as mãos para proteger meu rosto contra o pedaço de couro zunindo pelo ar. Ele se choca contra meu pulso e dedos, cortando a pele. Antes que possa processar o primeiro açoite, vários descem no meu braço, numa avalanche de terror que deixa minha pele vermelha com vergões lívidos. Em rápida sucessão, o cinto desce várias vezes, uma onda que nunca acaba, mas só continua vindo, continua arrebatando sobre mim. O couro bate nas minhas costas e nas minhas pernas. O fecho corta o meu joelho, e eu uivo como um animal ferido, mas não há ninguém aqui para me resgatar. Eu sou a ovelha burra que saiu do rebanho, e tropeçou nos dentes afiados da armadilha do caçador.

— Ai, Deus. Caleb, por favor. — Dor rouba o meu fôlego, e as minhas palavras mal saem antes que outro soco acerte a minha cabeça na parede. O quarto roda e revira, e tudo começa a escurecer.

Eu caio contra a parede, desorientada demais para responder. O cinto continua descendo, procurando qualquer carne macia que ele negligenciou, e paro de lutar contra a escuridão, porque esse é o único lugar onde vou encontrar misericórdia.



CAPÍTULO 22

IRIS

— Sarai!

Seu nome jorra da minha boca, e me sento rapidamente na cama. Dor atravessa por baixo dos meus seios. Eu seguro a barriga, desorientada por um momento. Sei que estive inconsciente, e a última coisa que vi foi o rosto daquele monstro. Minha filha está sozinha em todo aquele tempo em que fiquei desmaiada.

Jogo as pernas para o lado da cama, fazendo uma careta quando meus músculos gritam em protesto. Estou nua, e não tenho ideia de como isso aconteceu. Meu estômago embrulha com o pensamento do que Caleb possa ter feito comigo. Vergões, cortes e hematomas se entrecruzam pelas minhas pernas nuas e braços. Vergonha cresce em meu peito e queima meus olhos. Como deixei isso acontecer? Como me transformei na mulher espancada? Um soluço sacode o meu peito, e dor ricocheteia pelas minhas costelas.

— Cuidado — uma voz grossa diz do canto do quarto. — Suas

costelas estão provavelmente feridas. Tem analgésicos ao lado da cama.

O rosto é familiar, mas a minha cabeça ainda está confusa. Faço o melhor para reunir as características em alguém que reconheço.

— Andrew? — pergunto, minha voz rouca por causa dos meus gritos.

— Sim. — O primo de Caleb se levanta da cadeira, e desvia o olhar do meu corpo machucado e nu. — Talvez você queira se cobrir.

Puxo o lençol para cobrir os meus seios. Todas as minhas respostas parecem lentas enquanto arrasto as peças desse macabro quebra-cabeça para o lugar.

— Sarai? — pergunto. — Onde ela está?

Prendo a respiração enquanto aguardo.

— Ela está no berço. Dei uma olhada nela ainda há pouco. Ela está bem. Eu dei para ela uma das mamadeiras da geladeira.

Alívio é rapidamente substituído por raiva, medo e apreensão.

— E Caleb? Onde ele está? — pergunto.

As bochechas de Andrew ficam vermelhas e ele pigarreja.

— Ele... hum... tinha um jogo. — Ele pega um copo de água no criado-mudo. — Você vai precisar desses para suas costelas pelas próximas semanas.

Olho para as pílulas, com medo de tomar qualquer coisa que alguém dessa casa me ofereça.

— É somente naproxeno — ele diz. — Um anti-inflamatório e analgésico.

— Você é um médico — digo o óbvio, como se ele não soubesse, mas os pedaços de informação estão se alinhando na minha cabeça para

entender o porquê de ele estar aqui, tão calmo, sendo que Caleb me encheu de porrada.

— Ainda estou na faculdade de medicina. — Andrew sacode dois comprimidos do frasco na palma de sua mão e os oferece para mim. — Lembra?

— Isso faz parte do Juramento de Hipócrates? — Eu coloco os comprimidos na boca e tomo um gole de água, lacrimejando quando os movimentos bruscos fazem meu maxilar doer. — “Nunca causar dano”, afinal, significa “somente ajudar e ser cúmplice”?

— Eu sinto muito, Iris. — Ele sacode a cabeça. — Eu já disse para ele antes...

— Ele já fez isso antes? — Horror arregala meus olhos e me deixa de boca aberta. — Ai, meu Deus.

— Eu... bem, eu já o ajudei antes, sim.

— Você quer dizer que quando ele espancou mulheres, você veio e fez seus curativos? — pergunto sarcasticamente. — Teria sido bom saber.

— Achei que ele tinha isso sob controle. — Ele passa as mãos pelo cabelo, somente um tom mais escuro que o do Caleb. — Isso não acontecia há bastante tempo, e ele te ama tanto.

— Não ouse dizer isso nunca mais. — Lágrimas sobem em minha garganta como uma inundação. Espero elas descerem antes de falar: — Ele pode enganar a si próprio e achar que isso é amor, mas não vou jogar esse jogo. Ele é doente, e você também é, se o ajuda.

Fico de pé no meio do quarto e vejo a primeira imagem de mim mesma no espelho da parede. O lençol preso como uma toga deixa meus ombros e braços expostos. A brutalidade de Caleb pintou minha pele em tons

de preto e vermelho, de desolação e fúria. Meu rosto...

Um gemido, alto e involuntário, sai de mim e reverbera nas paredes.

Minhas bochechas estão desiguais, uma está monstruosamente inchada e a outra praticamente intocada. Um olho está borrado de sombras deixadas pelo punho de Caleb. Uma linha de sangue seco desce pelo canto da minha boca, pelo meu pescoço, e desaparece embaixo do lençol. Eu gentilmente toco a pele inchada e machucada.

Eu viro do espelho para o Andrew.

— Você tem que me ajudar.

Ele dá um passo para trás, sua expressão recuando do mesmo jeito que seu corpo. — Eu não posso, Iris. Eu tenho os analgésicos, e...

— Analgésicos? — Eu pareço histérica, mas não posso fazer nada. — Ele me estuprou sob a mira de uma arma na noite passada, Andrew, e me espancou hoje.

Ele cerra os olhos, sacudindo a cabeça.

— Eu sinto muito.

— Ele está me chantageando — eu digo às pressas, rezando que tudo que revelar o convença de alguma forma a me ajudar. — Ele roubou o meu diário e irá deturpar as coisas que escrevi ali para conseguir a custódia da Sarai se eu tentar ir embora. Ele fez o Ramone, aquele segurança maluco, me reportar para a assistente social. Ele cortou todo o meu acesso ao dinheiro. Ele diz que vai me matar se eu tentar ir embora, Andrew, e acredito nele. — Lágrimas rolam livremente enquanto relembro o quão ferrada estou — como deixei Caleb me encurralar.

— E a Lotus? — Andrew pergunta.

— Ele diz que irá machucá-la também se a envolver. Ele sabe onde ela mora em Nova York. — Passo as mãos sobre minhas bochechas molhadas. — Não, só sair de perto dele não vai resolver meu problema de custódia. Suas ameaças me alcançariam. Eu preciso de algo contra ele, preciso fazê-lo sofrer da mesma forma que está fazendo comigo.

— Caleb é bom com ameaças — ele diz amargamente. — Ele lida com informação.

— É por isso que você o ajuda? — pergunto. — Ele sabe algo sobre você? É por isso que não pode me ajudar?

Andrew aperta os lábios.

— Posso conseguir mais analgésicos para você.

— Eu não quero analgésicos! — grito. — Eu quero não precisar deles. Eu quero sair daqui. — Enfio meu rosto em minhas mãos, me apoiando na parede e me permitindo um momento de fraqueza. — Preciso tirar a Sarai daqui.

— Acho que as coisas vão melhorar — Andrew diz. — Ele provavelmente só perdeu o controle porque August o humilhou.

— Ele não o humilhou — rebato. — Ele só fez o que sabe fazer de melhor: jogar. Caleb o deixou entrar na cabeça dele, como sempre faz.

— Eu sei que você acha que ele não te ama. — Andrew levanta a mão quando abro a boca para discutir. — Mas ele nunca se sentiu assim com nenhuma outra mulher.

— Ah, você quer dizer abusivo? Violento? Psicótico? Uau. Eu me sinto lisonjeada.

— Não, quero dizer que você deve ser especial para ele. Ele vai se casar com você.

— Nós não estamos noivos — respondo automaticamente.

Andrew franze as sobrancelhas, e inclina a cabeça em direção à minha mão esquerda.

— Então o que é isso no seu dedo?

Olho para baixo e noto que pela primeira vez meu anel gris-gris da MiMi não está ali.

No seu lugar está um diamante de dez quilates.



CAPÍTULO 23

AUGUST

Número trinta e três.

Eu retiro a velha camisa de basquete do meu pai de uma caixa de papelão, tossindo um pouco por conta da poeira. Já vi minhas fotos da infância com essa blusa. Ela caía nos meus ombros e arrastava no chão. Agora, quando a coloco sobre a cabeça, serve perfeitamente. Com dois metros de altura, meu pai era dois centímetros mais alto que eu. Sua envergadura era maior que a minha e seus pés eram um número maior, mas é aí que paro as comparações. Eu deixo isso para os críticos e para a mídia que especula sobre o que ele poderia ter sido e o que posso conseguir fazer. Ele foi cortado novo demais, antes de realmente ter a chance de cumprir pelo menos uma fração de sua promessa.

Massageio a dor em minha perna e fico pensando se repetirei sua história. A parte fácil da recuperação já acabou. Fiquei praticamente sem pisar no chão pelas oito semanas desde a cirurgia. Eu recentemente comecei a

trabalhar a parte superior do corpo numa academia aqui perto, nos arredores de Baltimore, e isso é apenas o começo. Meses de uma reabilitação pesada estão por vir sem garantia nenhuma de que estarei cem por cento no final. Velocidade e agilidade, a capacidade de virar rapidamente – todas essas são características do meu jogo e são coisas que essa lesão pode comprometer de uma maneira irreparável. Somente o tempo e esforço mais pesado da minha vida irão dizer.

O filho da puta do Caleb e sua jogada suja que não foi considerada como uma. Ele se esquivou a vida toda das consequências de seus atos. Isso o tornou mimado e cruel, mas também esperto o bastante para disfarçar. A mim, ele odeia, então ele fez algo ardiloso que me jogou, ao menos temporariamente, para fora do caminho.

Mas ele nunca as machucaria, certo?

Quanto mais eu pensava nisso, deitado na minha cama e encarando o teto, menos confiante eu ficava a respeito dos limites do Caleb. Deus, se Iris fosse minha, eu a trataria como uma rainha.

É possível sentir falta de alguém que nunca foi sua?

Porque sinto falta da Iris. Não posso nem compartilhar isso com ninguém porque eles pensarão que sou um lunático. Obcecado. Fixado.

Gosto de pensar nisso como *convicção*. Como quando estou na área, o jogo vem para mim facilmente e sei que farei cada cesta antes mesmo do arremesso sair das minhas mãos. É assim que me sinto em relação a ela. Iris é um arremesso que ainda não saiu das minhas mãos, mas sei que não vai ser nada além de rede. Estou certo de que se tivermos uma chance, será desse jeito com a gente. Não que as coisas seriam fáceis o tempo todo, mas nós só... encaixamos. Nós apenas nos *pertenceríamos*, algo que ansiamos por muito

tempo. Senti os indícios disso na primeira noite em que nos conhecemos, e com cada encontro, isso ficou mais claro. Está contabilizado em momentos ofegantes e batidas irregulares do coração. Nada que eu possa apontar ou provar, mas é real. Isso me deixou mais convicto de que pertencemos um ao outro. Juntos.

— O que você está fazendo aqui fora? — minha mãe pergunta da porta aberta da garagem. — Eu estava te procurando pela casa inteira. O seu telefone está tocando a manhã toda.

— Provavelmente o Lloyd. — Faço uma careta ao pensar em outra conversa com o meu agente. — Ele acha que pode conseguir, talvez, uma boa troca para mim.

— Troca? — Minha mãe franze a testa. — O Waves quer se livrar de você por causa da lesão? Eles não sabem que você vai voltar mais forte do que nunca? O que há de errado com eles?

Eu queria que todo mundo tivesse uma mãe como a minha, que acreditasse nos filhos, mesmo quando eles não acreditavam em si.

— O Lloyd está só avaliando um plano de contingência. — Dou de ombros e tiro a camisa do meu pai, jogando-a de volta na caixa. — O Waves é um time de expansão, e essa foi a minha primeira temporada. Decker investiu bastante em mim. O fato de eu ter me machucado no meu primeiro ano, provavelmente está fazendo com que eles considerem cortar os prejuízos caso eu não volte tão bem.

— Sua primeira temporada terminou com você como o Novato do Ano. — Seus olhos e sorriso refletem seu orgulho. — Eles seriam uns idiotas de te perderem.

— Talvez eu seja um idiota em ficar. — Solto um suspiro. — Eu

podia acabar em um time que tem calibre de campeão agora. Talvez nos playoffs na próxima temporada, jogando por um anel. Se o Lloyd puder fazer isso acontecer, eu seria um idiota em rejeitar.

— Você saberá o que fazer quando chegar a hora. Você saberá o que é mais importante. Eu tenho certeza de que o Jared vai dar sua opinião.

— Ah, sempre. — Eu rio. — E em tudo.

Ela me entrega o meu telefone.

— Vocês dois ainda estão considerando dar início às atividades da Elevation mais cedo? — ela pergunta, olhando a caixa de memórias.

— Eu quero. Ele não tem certeza, o que significa que provavelmente iremos.

Ela ri, acenando com a cabeça e pegando um álbum de fotos do fundo da caixa.

— Você geralmente consegue as coisas do seu jeito, August.

— Eventualmente. Às vezes. — Eu pauso e observo seu rosto enquanto vira as folhas do álbum. É amor, dor e arrependimento. — O que é isso que você está olhando?

Ela vira o álbum para me mostrar. É uma foto que nunca vi. Minha mãe, meu pai e eu estamos em pé em uma quadra de basquete com um estádio lotado no fundo. Meu pai está me segurando, seus braços em volta da minha mãe. Nunca achei que fôssemos parecidos, mas nessa foto, vejo ecos das minhas características nas dele.

— Uau — eu digo, suavemente. — Nós na verdade nos parecemos um pouco.

— É claro que se parecem. — Ela passa a ponta do dedo no rosto do meu pai. — Ele é mais escuro e com o cabelo mais crespo, mas a estrutura

óssea... O mesmo belo rosto. A mesma boca.

Seu sorriso é saudoso, e talvez um pouco pecaminoso. Eu tenho certeza de que as lembranças que ela tem da boca dele não me interessam. Tudo o que sei a respeito do meu pai tem sido através da mídia e de velhos amigos contando histórias. Tem coisas que nunca perguntei para a minha mãe, que talvez somente ela saiba.

— Ele era um bom homem? — pergunto, observando o rosto dela em busca da verdade. Não me passa despercebido a curva amarga de seus lábios se transformando em arrependimento.

— Ele era um ótimo pai. — Ela olha para cima. — Ele te amava mais do que tudo. E era muito bom para você.

— E para você? — pergunto suavemente, preparado para a resposta que vier. — Que tipo de marido ele era?

Ela hesita, analisando a foto novamente antes de olhar nos meus olhos.

— Que tipo de marido ele era? — replica antes de torcer a boca novamente naquela curva de arrependimento. — Um marido jovem, bonito, cheio de dinheiro e com tempo na estrada.

— Que nem eu então — brinco. — Às vezes vejo tantas semelhanças entre nós.

— Você não fará as mesmas escolhas que o seu pai fez quando estiver casado, August. Não estou preocupada com isso.

— Sério? — pergunto, pensando em todas as mulheres que peguei no meu primeiro ano. — Por que não?

— Porque criei você para ser melhor que isso. — Ela pisca e passa a mão pelo meu cabelo. — Você só precisa achar a garota certa.

Claro, minha mente vai automaticamente para a Iris – para a última vez que a vi rindo com a Sarai pulando sobre seu joelho. Lembrete: o bebê de outro homem pulando sobre seu joelho.

— Talvez eu tenha encontrado a garota certa. — Fecho as abas da caixa. — Talvez seja só uma questão de tempo.

É difícil surpreender a minha mãe. Ela geralmente vê tudo vindo a quilômetros de distância, mas seus olhos arregalam, e ela fica boquiaberta.

— Eu a conheço? — exige saber. — Ela está em San Diego? Como você a conheceu? Quando posso conhecê-la?

— Ah, Mãe... — Eu levanto a mão para parar o tsunami de perguntas que fluem em ondas. — Não é nada assim. Quer dizer, é. Para mim, é. Eu a traria para te conhecer nesse momento se pudesse.

— Ela não quer ficar com você? — Ela apoia os punhos nos quadris, a exuberância Irlandesa para acompanhar o cabelo ruivo brilhando nos olhos dela. — Ela tem ideia do que está perdendo?

— Ela não liga para o meu contrato, ou o dinheiro, ou nada disso. — Mesmo Iris estando com o Caleb, sei que não é por nenhuma dessas coisas. E assim que eu descobrir o motivo que a levou a ficar com ele, irei convencê-la de que não é o suficiente. Não o tanto que eu poderia dar para ela.

— Aqui estão as coisas que ainda não falei — minha mãe diz: — Você é gentil, generoso, inteligente e ambicioso. Eu te criei para saber como tratar uma mulher. Ela seria sortuda em ter você.

— Obrigado, mãe, mas você pode ser um pouco tendenciosa. Acho que você ia gostar dela. — Meu sorriso some. — Quer dizer, se ela um dia largar o namorado.

— August, o quê? — Seus olhos arregalam. — Me conte tudo.

— É uma longa história.

Ela cruza os braços e se senta em uma das caixas próximas na garagem.

— Eu pareço ocupada?

Eu puxo outra caixa e conto para ela sobre aquela primeira noite antes do torneio, como eu e Iris conversamos sobre tudo e qualquer coisa; como compartilhamos nossos passados, nossas famílias, nossos sonhos, e esperanças. Conto para ela o quão decepcionado fiquei quando descobri que ela era a namorada do Caleb. Eu deixo de fora a parte em que vi seu seio desnudo no final de semana do All-Star, mas conto sobre outros momentos, terminando com a última vez em que a vi, na arquibancada, antes da jogada suja do Caleb.

— Então você só a viu algumas vezes? — minha mãe pergunta. A preocupação em seu rosto me faz pausar. Ela pensa que sou louco. Eu sei que sou.

— Mas nós conversamos por horas a primeira vez — eu digo, escutando meu tom defensivo. — Nós conversamos sobre tudo. Eu nunca me senti conectado daquele jeito com uma pessoa tão rápido. E mesmo no jogo do All-Star, foi como se tivéssemos continuado do mesmo ponto. — Jogo o celular de uma mão para a outra e dou de ombros. — Sei o que está pensando — é um tipo de paixão. Ou talvez você ache que só gosto dela porque ela é a garota do Caleb, certo?

— Eu soube que Matt era o cara certo no nosso primeiro encontro. — Ela ri da expressão assustada que deve ter visto no meu rosto. — Eu soube. Nós tivemos exatamente o que você está falando. Essa tranquilidade.

Essa fagulha. Parece que vocês são as duas únicas pessoas no mundo.

Aquela primeira noite no bar, nem reparei nos outros clientes indo embora. Não notei o barman limpando. Mal notei o jogo acabando.

— Ela me absorveu — eu digo, sacudindo a cabeça. — Nunca antes me senti daquela maneira por ninguém. Quando ela me disse que tinha um namorado, era como se estivesse lendo o roteiro errado. Como se essa não fosse a maneira certa de acontecer. Como isso podia acontecer quando eu já me sentia desse jeito?

Eu reviro os olhos, pensando nas minhas palavras soando em meus ouvidos.

— Eu pareço uma garota falando.

— E o que tem de errado em soar como uma mulher? — As palavras ofendidas de minha mãe me castigam.

— Você entendeu, mãe. Como se eu fosse apenas sentimento. Desesperado. — Eu vejo seu olhar penetrante. — Não estou dizendo que todas as mulheres são desesperadas. Só quis dizer que é como se eu fosse capaz de fazer qualquer coisa para ficar com ela.

— Baseado no que você me disse sobre a história da família dela, talvez essa moça precise de alguém que está disposto a apostar tudo para ter uma chance com ela. Parece que a vida dela não foi das mais fáceis, e que já viu muita coisa de ruim nos homens.

— Eu não entendo por que ela ainda está com aquele babaca. — Eu passo uma mão agitada pelo cabelo cobrindo meus olhos. — Se você pudesse ter sentido o que se passou entre nós naquela noite do jogo... Foi impossível desviar nossos olhares. E ainda vibra aqui, comigo, assim como tenho certeza de que com ela também. Eu sei que isso parece loucura, mas não é invenção

minha.

— Ela tem uma filha com esse homem, August. Você disse que ela estava de repouso e não pôde trabalhar. Ela provavelmente tem muito pouco que é dela. Você nunca sabe o que uma mãe tem que fazer para garantir o que há de melhor para seu bebê. Ela sorri.

— Mesmo sabendo que amava o Matt, levou um bom tempo até que o deixei realmente entrar na minha vida. Eu queria te proteger. Seu pai não tinha morrido há muito tempo, e você era muito influenciável. Eu precisava ser cuidadosa com as pessoas que eu trazia para perto de você. Precisava ser cuidadosa com tudo. Para mim, parece que as circunstâncias fizeram a sua Iris se tornar mais vulnerável do que ela gostaria.

Minha Iris.

Parece que todas as estrelas e planetas, e a própria lua, precisam se alinhar para ela ser a minha Iris.

— Sei que você não gosta de comparações com o seu pai — minha mãe interrompe meus pensamentos —, mas tem uma coisa que você herdou dele, com certeza.

— O que é?

— O Timing perfeito. — Seu sorriso se torna carinhoso, os olhos distantes. — Ele segurava a bola até o último segundo possível. Estou gritando das arquibancadas para ele fazer o arremesso, mas ele só driblava e olhava o relógio, e no momento certo, ele arremessava.

— Você está certa. — Eu rio, porque me lembro de assistir a algumas gravações dos jogos dele quando era mais novo e pensar a mesma coisa.

— Ele podia ser imaturo e impetuoso, às vezes, fora da quadra —

minha mãe diz —, mas lá dentro, ele era cheio de contrastes em paciência e perspectivas. Ele via a oportunidade certa e fazia o arremesso quando era a hora. Ele costumava chamar isso de “deixar o jogo vir para mim”. Tente essa abordagem com a Iris. Deixe o jogo vir para você, e na hora certa, faça o arremesso.

Meu telefone toca, nos dando um susto. Faço uma careta quando vejo o nome do Lloyd na tela. Sou um homem crescido. Preciso cuidar da minha carreira do mesmo jeito que estou cuidando dessa perna, e isso significa falar com ele.

— Eu preciso atender isso. Eu tenho evitado o meu agente.

— Certo. — Ela se levanta e limpa a calça jeans. Em seguida, dá um beijo no meu cabelo desgrenhado. — E alguma hora, você vai cortar esse cabelo, certo?

— Penteado de reabilitação. É por isso que não o deixo crescer. — Passo os dedos entre os cachos espalhados por todos os lados, e atendo à chamada.

Lloyd demora quarenta e cinco minutos para me dar informações que poderiam ser dadas em apenas dez minutos, me deixando louco para encerrar a ligação e a conversa.

— Vou te mandar por e-mail esses contratos para você olhar e assinar — ele diz. — Nós precisamos garantir esse comercial. Sugiro não fazermos nenhuma publicidade quando você estiver usando a sua camisa do San Diego, só para garantir.

— É assim? — pergunto, sem ter certeza se estou empolgado ou ofendido que o San Diego talvez esteja seriamente considerando me negociar. No início da temporada, eu até desejaria aquilo, mas agora que estava

construindo algo bacana...

— Nós vamos ver. — A voz do Lloyd é diplomática e dissimulada.
— Gosto de ter alternativas. Não tem como dizer quando o comercial vai ao ar e onde você estará na época. Ah, e você falou com aquela tal de Sylvia?

— Que Sylvia? — Estou ouvindo tudo pela metade, reabrindo a caixa do meu pai e olhando cada coisa ali dentro para ter certeza de que não deixei passar nada especial.

— Ela me ligou hoje de manhã falando que deixou várias mensagens de voz para você. Algo sobre umas coisas de caridade da NBA e você querendo ser voluntário em Baltimore.

— Ah, sim. Tenho várias chamadas perdidas. Vou ligar de volta para ela.

— Você começa a fisioterapia na próxima semana, certo?

— Sim. Quer dizer, já estou fazendo exercícios da parte superior do corpo, mas não tinha sido liberado ainda para colocar peso na perna. Agora, estou, então vou pegar pesado na próxima semana.

— Bleacher Report entrou em contato querendo documentar o seu processo de recuperação. — Consigo ouvir o tom de expectativa na voz de Lloyd. — Como uma série online ou um especial.

— Não. Não quero o circo armado, a simpatia e os olhares de pena nem nada do tipo.

— É uma boa ideia ficar aos olhos do público. O próximo contrato é mais sobre como você se sai na quadra, mas não é nada mal para dar uma divulgada na sua imagem. E não vamos esquecer que você foi o Novato do Ano, mesmo perdendo os últimos jogos da temporada regular.

— Foi provavelmente um prêmio de consolação — eu digo,

ressentimento revestindo minhas palavras. — Eles sabiam que a jogada do Caleb foi desleal e não queriam dar o prêmio para ele. Me dar o prêmio foi uma espécie de protesto silencioso já que o papai dele sempre encontra um jeito de protegê-lo.

— Bom, isso certamente fez crescer mais ainda o interesse do público em vocês dois. Está se tornando uma rivalidade no estilo Magic Johnson–Larry Bird. A deles começou na faculdade também.

— É, mas eles viraram amigos, e está aí uma coisa que eu e o Caleb nunca seremos.

— Eles realmente se alinharam. Fizeram até comerciais juntos.

Estou sufocando com minha resposta antes mesmo de despejá-la da minha boca.

— Nem a pau eu faço um comercial com aquele filho da puta.

Silêncio total.

— Então... acho que esse é um não definitivo — ele diz.

— Exatamente. Um não no estilo “se você me colocar outra vez na mesma sala que ele, eu te demito”. Nós não nos damos bem de verdade, Lloyd. Não é um número diante das câmeras ou para dar audiência. O cara é um babaca que colocou a minha carreira em risco. Não me peça para sorrir como um imbecil ao lado dele, tomando uma Pepsi.

Mais silêncio total.

— Devidamente anotado — Lloyd finalmente diz. — Você pelo menos vai ligar de volta para a Sylvia?

— Sim. Vou fazer isso agora mesmo.

Eu só estou doido para encerrar logo essa ligação com ele. Tem tantas coisas que eu e o Lloyd não vemos do mesmo jeito. Quanto mais penso

sobre isso, mais estou pronto para passar tudo para o Jared. Com o início da Elevation, é a hora perfeita e o cenário ideal: ele gerenciando a minha carreira enquanto convence outros atletas de que pode gerenciar as deles também.

Ouçó a mensagem que a Sylvia deixou. Ela me convida para participar de alguns bate-papos por uma semana no centro comunitário em Baltimore, o lugar onde joguei enquanto estava crescendo. É exatamente o tipo de coisa que sempre sonhei em fazer, ainda mais enquanto estava me recuperando nesse lado do país.

— Obrigada por retornar a minha ligação, Sr. West — Sylvia diz quando ligo de volta.

— Por favor. Me chame de August. Sinto muito pela demora em retornar sua ligação. Acabei de voltar a frequentar a academia e acho que não prestei atenção nas minhas mensagens por alguns dias.

— Sem problemas. Você chegou a ouvir a proposta que tenho em mente?

— É perfeito — digo, pensando em todas as vezes que me deram uma coça naquele centro comunitário. — Comecei a jogar bola ali. Não é muito longe da casa da minha mãe, onde estou ficando enquanto me recupero. Nós moramos fora da cidade.

— Ah, bom. — A voz calorosa de Sylvia vem do outro lado. — Vou te enviar os detalhes por e-mail, mas é basicamente um programa de verão, e nós trazemos alguém diferente a cada semana para inspirar e encorajar as crianças. Você vai falar por uns trinta minutos.

— Parece ótimo. — Eu pauso por um segundo, hesitante em abordar o assunto com a pergunta estranha. — Humm, obviamente eu jogo para o Waves em San Diego, não para o Stingers, mas essa é a minha cidade

natal e realmente quero contribuir aqui também. Esse projeto vai envolver outros jogadores do Stingers?

— Na verdade...

— Não tenho problemas em trabalhar com outros jogadores do time — interrompo —, mas Caleb Bradley e eu não nos...

— Estou a par, vamos dizer, das dificuldades entre vocês.

— Ótimo. — Eu solto a respiração, aliviado de não precisar entrar em mais detalhes para expressar meu argumento.

— Mas — Sylvia diz —, a noiva dele, humm, desculpa... a namorada será uma das voluntárias. Várias companheiras dos outros jogadores estão trabalhando no centro essa semana, mas elas...

— Iris? — Eu atropelo seja lá o que ela estava prestes a dizer, apertando o telefone até ouvi-lo estalar. — Você está dizendo que a Iris DuPree estará lá na mesma semana?

Grilos do outro lado da linha. Muito interessado?

— Quer dizer, se é isso que você está dizendo — eu continuo, deliberadamente diminuindo o ritmo —, é melhor não mencionar nada para Iris.

— Hum... o quê? — Confusão e relutância se acumulam na pausa que ela faz. — Eu não vou mentir...

— Mentir? — Dou uma pequena risada para acalmá-la. — Quem disse algo sobre mentir, Sylvia? Só falei isso para evitar que ela se sinta constrangida, ou desista de ir, considerando tudo o que aconteceu entre mim e Caleb. Acho bacana que ela seja voluntária.

— Se ela perguntar, terei que dizer... — ela retruca com firmeza.

— Está certo. Mas se ela não perguntar... — Dou de ombros como

se ela pudesse me ver. — Ela irá descobrir quando chegar lá, e nós vamos ajudar o centro comunitário, que é o objetivo final, certo?

— Certo, mas não quero nenhum problema.

— Não vai ter nenhum. Prometo.

Ela fica em silêncio do outro lado por um momento, e espero tê-la convencido.

— Certo — ela finalmente diz, sua voz ainda um pouco incerta. — Acho que podemos deixar isso como uma surpresa para todo mundo. Pode acrescentar alguma excitação.

— Excitação. Exatamente. Excelente ideia. Vai ficar tudo bem. Eu não tenho nenhum problema com a Iris.

— Okay, bem, eu vou mandar o e-mail com os tópicos que nós sugerimos. Você pode modificar como preferir.

— Obrigado, Sylvia. Eu realmente estou empolgado com isso.

Assim que encerro a ligação com Sylvia, eu me sento na caixa de plástico, sozinho. Instintivamente vou até a caixa onde estão as coisas do meu pai e pego a blusa que ele usava, vestindo-a outra vez.

— Timing perfeito, né? — pergunto para a garagem vazia. — Parece que o jogo está vindo para mim, Pai. Vamos ver se vou conseguir fazer o arremesso.



CAPÍTULO 24

IRIS

Nós encontramos um novo normal, o Caleb e eu.

Aprendi a navegar o terreno do inferno em que estou presa. É como um malabarismo entre a complacência e estratégica resistência. Caleb é um vulcão adormecido, sempre pronto para entrar em erupção. Aprendi a identificar seus ciclos. Ele é um pêndulo que oscila entre Jekyll e Hyde. Eu tento antecipar os seus gatilhos o máximo que posso, mas às vezes eles não seguem o padrão que deveriam.

Ele não ataca todos os dias. De alguma forma, a imprevisibilidade disso torna tudo pior. Ele passará semanas sendo perfeitamente bem-comportado. Ele ainda é repulsivo porque sei do que é capaz, mas se ele controla seu temperamento, consigo ignorar isso. E aí algo o fará perder o controle. Algo que não previ. Seu bife está muito cru. Ele perdeu um jogo. Sua série favorita foi cancelada. Não existe um padrão ou razão para a sua crueldade.

— Nós estamos empolgados para a próxima semana, Iris.

Olho para cima do meu prato de frango, purê de batatas e ervilhas, para a origem da declaração.

Sylvia.

Sylvia é uma das oito ou mais pessoas na nossa mesa. O Stingers está celebrando o final de uma temporada de sucesso com esse jantar. Eles chegaram na segunda rodada dos playoffs.

Que beleza!

— Me desculpe... — Concentro-me no rosto dela. — O que você disse sobre a semana que vem?

— É. — Caleb se recosta ao meu lado, e então apoia o cotovelo no encosto da minha cadeira. — O que tem semana que vem?

Ele se ajeita para acariciar o meu pescoço por baixo do cabelo. Obrigó-me a não me esquivar de seu toque. Isso o enfurece, me ver rejeitá-lo.

Pelo menos o enfurece quando faço isso em público.

Quando estamos sozinhos, isso o alimenta. O fortalece ver o medo que ele cuidadosamente cultivou pelas últimas semanas crescendo e se desenvolvendo dentro de mim. Meu medo é uma planta que ele cuida no escuro.

— Ah. — Sylvia franze suas sobrancelhas loiras. — O centro comunitário? A Iris está agendada para ser voluntária na próxima semana.

Obrigada, Deus.

Dê-me algo. Algo fora daquela casa e da prisão a céu aberto que é a minha vida com o Caleb.

— Não sei se ela ainda terá como fazer isso — Caleb interrompe com uma carranca.

Sua mão na curva do meu pescoço provavelmente parece afeição para os outros, a mão de um homem rico e poderoso acariciando seu bicho de estimação. Ele demonstra uma possessividade que talvez dê uma sensação de excitação para outra pessoa. A maioria das mulheres curte uma certa paixão pelo Caleb quando o conhecem. Elas não o conhecem como eu. Só eu sinto seus dedos apertarem. Só eu sei que sua mão no meu pescoço não é amor. É um aviso. É uma amarra.

Só eu conheço o verdadeiro Caleb, e é uma violenta intimidade que não desejo para ninguém.

— Sério? É uma pena. — Sylvia olha rapidamente entre nós dois, como se ela estivesse incerta a quem direcionar sua decepção. Instintivamente, ela sabe que tenho pouco a dizer.

— Mas está tudo combinado... — Sylvia continua... nervosamente? Sim, nervosamente. Ela não sabe que Caleb é um predador, mas em algum nível celular, talvez inato, seu corpo sabe, e isso a deixa nervosa.

O coração fala em sussurros.

Eu escutei tarde demais.

— As crianças estão ansiosas para ver a sua família, mesmo você não podendo estar lá — ela diz. — Nós temos camisas autografadas e fotos para a Iris entregar, e achamos que as crianças podiam conhecer a sua filha. Você é um dos jogadores estrela do Stingers. Isso seria o máximo para eles.

Sylvia olha para mim como se esperasse que eu falasse por mim mesma. Ela não tem noção de que seu pedido me renderá um tapa ou algo pior quando chegarmos em casa. Talvez um beliscão por baixo da mesa. Caleb geralmente é cuidadoso com o meu rosto – com todas as partes que as pessoas veem. Somente quando ele sabe que pode me manter em casa tempo

suficiente para me curar é que ele bate no meu rosto. Se meu telefone estiver comigo, ele se assegura de que eu não tenha nenhuma evidência real para mostrar. E quando tenho provas concretas de sua brutalidade, meu telefone irá “sumir” por dias. Ele e Ramone mantêm meu cativado com bastante precisão.

— Estarei viajando na próxima semana — Caleb diz, pegando a taça de vinho e tomando um gole. Ele parece casual, mas estou tão ligada nele, seu temperamento, que sei que não há nenhuma descontração nele. Ele está tenso ao meu lado, o predador está se sentindo ameaçado, como se talvez pudesse perder a presa, caso ela saia da jaula. — Na verdade, estarei viajando pelas próximas duas semanas, na China.

O Basquete está explodindo na China, e o mercado está tão desenvolvido, que o Caleb e seu agente estão explorando oportunidades de patrocínios. Graças a Deus, Sarai tem estado doente e não pôde tomar as vacinas necessárias. O pediatra não autorizou a viagem dela, então tenho duas semanas sem o Caleb. Ramone ainda estará por aqui, mas ele não me bate. Não me estupra. Ele só garante que eu não fuja.

Cúmplice bastardo.

— Mas nós já sabíamos que você não estaria lá. — Sylvia franze a testa. — Nós podemos...

— A Iris é bem exigente sobre quem pode tomar conta da Sarai — Caleb corta, passando o dedão no meu ombro desnudo.

— A Sarai está bem com os cuidados providos para o evento de hoje, certo? — Sylvia direciona a questão para mim.

— Sim, claro. Eles parecem ótimos — digo. — E Sarai ama pessoas. Ela ama sair e interagir com outras crianças.

Caleb não olha para mim, mas seu desprazer arranha a superfície da minha compostura.

— E haverá uma creche no centro comunitário para as crianças das esposas e namoradas dos jogadores — Sylvia diz. — Você é bem-vinda para inspecionar a área e conhecer os trabalhadores, Iris. Isso é, se ainda quiser participar?

Merda.

É claro que quero, mas não vale a pena a briga. Escolho as minhas batalhas, e essa não é uma delas. Ainda estou procurando pela melhor resposta quando alguém se antecipa:

— Acho que é uma ótima ideia — Michael Cross diz.

Não falei com o presidente de operações de basquete do Stingers, sentado à nossa mesa, a noite inteira, mas agora estou feliz com sua presença.

— Podemos tirar proveito dessa ação de caridade depois de todo aquele falatório de jogada suja com August West — ele diz com firmeza. — A nuvem ainda paira sobre a organização.

Um silêncio desconfortável toma conta da mesa, um silêncio preenchido com pigarros e corpos se remexendo em suas cadeiras de espaldar alto. Menos eu. Eu me lembro o que aconteceu quando acusei Caleb de machucar August de propósito. Então fico quieta. Estou imóvel, mas o nome do August aterrissa pesadamente em meus ouvidos. E mais ainda em meu coração.

— A liga não me multou — Caleb diz, seu sorriso estilo “sou bonito e inofensivo” firme em seu rosto. — Nada foi provado, porque foi um acidente. Merdas acontecem quando você está na quadra.

— Bem, mas é ruim para a imagem do time. E o West ganhando o

título de Novato do Ano não ajudou — Michael atesta, seus olhos duros no Caleb.

E que noite foi aquela.

Quando August foi nomeado Novato do Ano, eu sabia que teríamos uma noite ruim. Caleb, na verdade, não me incomoda muito sexualmente — bem provável por estar sendo suprido nesse quesito em todo lugar. Se pudesse mandar cestas de frutas para todas essas mulheres, eu mandaria. Mas naquela noite, mais ninguém serviria. August não estava lá para que ele descontasse sua ira, então eu fui a melhor opção.

— *Vamos decorar esse belo rosto que o West parece gostar tanto — rosnou, ejaculando em todo o meu rosto. Seu sêmen enchendo minha boca, embaçando minha visão, invadindo o meu nariz, e entrando em meus poros.*

— Iris, você ainda quer fazer isso? — A pergunta de Michael Cross me traz de volta à mesa, para a conversa. — Você faria isso?

Todos os olhos estão em mim.

Arrisco olhar na direção de Caleb, mas ele está estudando sua taça de vinho. O que devo dizer agora?

Eu quero fazer isso. Eu preciso disso. Ele e Ramone me mantêm trancada o dia todo. Para respirar um pouco longe deles? Não terei melhor desculpa do que o chefe dele praticamente o ordenando me “deixar” fazer isso.

— Claro. — Eu sorrio para a mesa. — Eu adoraria ajudar.

— Ótimo — Michael Cross diz, me oferecendo um sorriso amigável. — Então está fechado. — Seu olhar está um pouco mais duro quando se volta para o Caleb. — Está tudo bem por você, certo, Caleb?

— Claro. — Caleb entrelaça os dedos aos meus sobre a mesa, virando nossas mãos para que a imensa aliança reflita sob a luz. — A Iris irá representar bem a nossa família.

— Ah, acabei de notar o seu anel — Sylvia diz, seus olhos arregalando para a pedra pesando no meu dedo. — Eu não tinha reparado... bem... parabéns.

Seus olhos pousam gananciosamente sobre a aliança de noivado, enquanto um coro de felicitações ecoa pela mesa.

Você pode ficar com ele!

Eu quero gritar isso para que Sylvia e todas as mulheres num raio de cinquenta quilômetros saibam que não quero o Caleb e que ele está no mercado. Se você gosta de ser estapeada, chantageada, enganada, e aprisionada, ele é o seu homem.

Porque certamente ele não é o meu.

Manter as aparências é importante para ele. Ao lado dele, sou uma luminária acesa e brilhando com luz artificial. Hoje, ele precisa que eu brilhe. Felizmente, Cross tirou de Caleb a escolha no assunto.

Como você se sente, Caleb? Tendo suas escolhas removidas?

Algumas horas depois, ele me provoca com o seu silêncio no caminho para casa. Se ele começasse a me provocar assim que estivéssemos sozinhos, faria sentido. Mas não, ele gosta de me surpreender, então sou um pequeno rato em dúvida de quando a cobra dará o bote.

É somente quando estou no banheiro me arrumando para dormir que ele toca no assunto novamente. Ele se aproxima por trás. No espelho, seus largos ombros e peito desnudo aparecem, os músculos definidos e a barriga travada não oferecendo a menor tentação. Ergo o olhar para encontrar

o dele no reflexo, a serenidade na minha expressão contradizendo meu coração acelerado. Ele tem me deixado quieta recentemente, provavelmente porque sabia que o jantar estava chegando. E agora, tem o centro comunitário na próxima semana. Meu rosto no espelho não tem nenhuma marca, e vai continuar desse jeito.

Isso não é verdade para os meus braços, marcados com círculos escuros onde seus braços apertaram, ou as minhas costas, com um hematoma do seu sapato. Ele me marcou de tantas maneiras secretas, que tenho medo de que mesmo quando conseguir escapar, nunca realmente fique livre dele.

Mas vou escapar.

Fugir não será o suficiente para me livrar de Caleb. Mesmo que eu fuja dali, suas mentiras me perseguirão e ele terá acesso à Sarai. Para mim, isso não é vencer. Isso não é liberdade. E quando Caleb diz que irá me matar se eu o deixar, ele está dizendo a verdade. Há a promessa de morte escrita em seus olhos, um gatilho ainda a ser puxado. Preciso ser mais inteligente do que isso. Mais inteligente do que ele. Ele me aprisionou, mas preciso preparar uma armadilha para ele. O tempo tem que ser perfeito. Eu talvez só tenha uma chance.

— Não faça nada do qual poderá se arrepender na próxima semana — ele diz, suavemente.

Removo minha maquiagem, olhos fixos no meu reflexo no espelho. Eu o ignoro – um pequeno ato de rebeldia. A única que sou permitida.

— Você me ouviu? — Ele agarra o meu braço no exato lugar onde já havia um hematoma, e imediatamente faço uma careta, respirando fundo.

— Eu te ouvi. — Eu olho para ele no espelho e aceno com a cabeça. — O que eu faria, Caleb? Fugir? Eu já tentei isso, lembra?

— Só não se esqueça disso na próxima semana quando estiver no centro comunitário. — Sua mão desce pelo meu braço, passa pela minha cintura, e sobe para segurar meu seio. — Eu tenho tanta coisa sobre você, que você seria sortuda em ver a Sarai nos finais de semana.

— Sei disso, Caleb. — Fico tensa sob sua mão, sentindo o sabor amargo das palavras em minha boca. — Sei o que está em jogo.

A Srta. Darling ligou na semana passada para conferir se Sarai ainda está “segura”. Ela disse que estávamos bem por agora e que não seria mais necessária nenhuma visita na casa, mas ainda preciso encontrar meu diário e virar o jogo contra Caleb. Ele usou o que mais prezo contra mim — minha família e a minha filha. Ele sabe que eu morreria antes de permitir que ele tivesse a guarda compartilhada da Sarai, tendo visto do que ele é capaz. Ele esquematizou para estar tantos passos na minha frente, antes mesmo que eu percebesse que ainda podia lutar.

— Não posso acreditar que o Cross teve a coragem de falar do West — Caleb diz, ríspidamente, seus dedos apertando minha pele. — Aquele filho da puta roubou meu título de Novato do Ano.

Ele aperta o meu mamilo, e eu ofego, gemendo de dor.

— O West sempre quer o que é meu — Caleb continua, seus olhos fixos aos meus, no espelho, sua mente em August. — Mas ele não pode ter você.

Eu aceno rapidamente com a cabeça, contando até dez para me distrair das agulhas de agonia perfurando meu seio. E então sua mão não está mais ali.

Eu me apoio fracamente contra a pia do banheiro, esperando que ele vá embora. Rezo para que me deixe em paz, mas como nas outras noites

em que rezei pedindo a mesma coisa, nos últimos meses, ninguém me ouve.

Ele empurra a bainha da minha camisola sobre os meus quadris até que o ar frio atinge minhas coxas e bunda. Ele empurra a calcinha para baixo, que cai no chão, ao redor dos meus tornozelos, como se fossem grilhões. Ele pressiona minhas costas, forçando meu peito na pia. Minha bochecha bate no mármore frio.

— Caleb, por favor. — Eu olho para o espelho, procurando por algum sinal de clemência em seu olhar. — Não.

Ele não responde, mas olha para o meu traseiro, seu olhar uma mistura de fome, possessividade e malícia. Ele enfia os dedos no meu quadril, e ouço quando a parte de baixo de seu pijama escorrega pelas suas pernas. É quando sinto a primeira pressão de sua invasão.

Não sou religiosa. Não sou uma alta sacerdotisa. Não creio em muito mais coisa. Não consigo acreditar na superstição de Lotus ou compreender o misticismo da MiMi, mas toda vez que Caleb me toca, as mesmas palavras saem dos meus lábios, uma prece não sussurrada que ecoa na cavernosa câmara do meu coração.

Deus, livre-me disso.

Salve-me.



CAPÍTULO 25

IRIS

— Eu ficarei bem sozinha, Ramone.

Ele está no banco do motorista da SUV que eu costumava dirigir antes do Caleb tomar a minha habilitação, e eu estou no banco de trás. O centro comunitário – doce liberdade pelo menos por duas horas –, é do outro lado da rua.

— Vou entrar com você. — Ele desfaz o cinto de segurança.

— Não. — Nossos olhos se encontram no espelho retrovisor enquanto solto a cadeirinha da Sarai. — É um centro comunitário para crianças. Será ridículo se você entrar lá com a gente. Eu te encontro aqui quando acabar.

Ele me olha com suspeita.

— Não se preocupe. Sei que não posso ir embora sem correr o risco de ser presa por sequestro — eu digo, amargamente. — Ou ter o serviço social batendo à minha porta. Aliás, obrigada por isso.

Ramone não parece preocupado por eu saber que ele mentiu para o serviço social. Qualquer um que se torne cúmplice de Caleb enquanto ele faz o que faz comigo, não pode ter nenhuma vergonha.

— Duas horas. — Ele olha do centro comunitário para o seu relógio. — Estarei exatamente aqui.

Eu corro antes que ele mude de ideia. Coloco Sarai em seu carrinho, pego a bolsa de fraldas, e mal fecho a porta antes de empurrá-la pela calçada. Estou determinada a passar algum tempo sem o Ramone respirando no meu pescoço. Essa semana tem sido pior ainda com Caleb na China. O cão de guarda está alerta, e tenho certeza de que ele está sob ordens estritas para reportar qualquer comportamento diferente. Como o surgimento de coragem ou vontade própria.

Minha vida tem sido relativamente tranquila com o Caleb viajando. Só tenho alguns hematomas em lugares que ninguém pode ver. Estou aliviada, dessa vez, por não precisar cobrir lesões externas, além das que ficam por baixo da minha pele e em volta do meu coração. Essas são as piores de todas.

Chego na entrada do centro comunitário. Não estamos nem na periferia e nem no subúrbio. Eu conheço a periferia – passei os primeiros doze anos da minha vida morando em uma, e isso aqui não se assemelha em nada. Não tem um viciado em crack ou prostituta à vista. O prédio já viu dias melhores, mas está limpo e bem-conservado.

A jovem mulher na recepção levanta o olhar de seu livro de romance e me oferece um sorriso sincero.

— Oi. — Eu sorrio de volta. — Estou aqui para o acampamento de basquete.

Ela me olha de cima a baixo. Todos os detalhes. Eu me vesti o mais simples possível, mas depois da minha gravidez, o Caleb me “surpreendeu” com um armário completamente novo. Na hora, briguei comigo mesma por não me sentir mais grata a ele, mas agora reconheço que isso foi somente mais uma corda da marionete que ele puxou para exercitar o seu controle. Meus jeans escuros são simples, mas caros. Eu só trouxe a bolsa de fraldas da Sarai, mas é de marca. Sem mencionar o imenso anel no meu dedo. Com o Caleb fazendo todo aquele alarido no jantar, não ousei aparecer aqui, como voluntária, sem ele. O anel e a Sarai são os seus acessórios, o apresentando como o perfeito homem de família ao invés do monstro que conheço e odeio.

— Você é esposa de jogador, né? — ela pergunta, olhando para Sarai no carrinho.

— Humm, namorada.

Eu sei o que as pessoas pensam quando me veem: que estou feita e que a Sarai é o ticket alimentação que me garantiu o resto da vida, ou pelo menos até ela completar dezoito anos. Eles não têm ideia de que embaixo da blusa de seda enfiada no meu jeans de marca, hematomas pretos, azuis e amarelos, quase sempre se espalham nas minhas costelas como manchas de tinta – e que, regularmente, sinto o gosto do meu próprio sangue. Que eu trocaria de lugar com a pessoa mais pobre, desabrigada; com essa jovem mulher aqui na minha frente, só para ficar livre do diabo sem rabo que eu durmo ao lado toda noite.

— Ouvi dizer que talvez possa deixar meu bebê na creche enquanto estou trabalhando como voluntária.— Eu olho em volta da pequena recepção com curiosidade. — Eu posso ver?

Eu, definitivamente, preciso ver como é o local antes de deixar a

Sarai lá.

Quando viramos no canto de um corredor, uma mulher mais velha, provavelmente a avó de alguém, chega perto da meia-porta do lugar. A parte de baixo presa e a de cima, aberta.

— Quem é essa pequena fofura? — ela pergunta, se inclinando para fora e sorrindo abertamente para a Sarai. Minha filha nunca conhece um estranho e imediatamente começa a cuspir bolhas e sacudir suas mãozinhas.

— O nome dela é Sarai. — Eu a tiro do carrinho. — Você tem lugar para ela?

— Claro que tenho. — Ela abre a parte de baixo da porta e gesticula para eu entrar. — Eu sou a Audrey.

O espaço designado para a creche é pequeno, mas é limpo e organizado, com poucas crianças mais ou menos da idade da Sarai engatinhando e cambaleando pelo espaço. Trocadores ficam em um canto do cômodo, e as paredes são adornadas com prateleiras cheias de livros e brinquedos. Os outros quatro trabalhadores da creche variam entre a minha idade e a da Audrey. Todos estão trocando fraldas dos bebês, ou brincando com eles no chão, ou os balançando em uma cadeira no canto. O ambiente parece ser aconchegante e seguro. Posso respirar tranquila por duas horas.

Depois de entregar a Sarai e pegar o pequeno alarme que eles dão em caso de precisarem de mim, volto para a recepção. Duas outras mulheres estão lá, vestidas no mesmo estilo que eu, em jeans de marca. Mas enquanto optei por sapatilhas, elas estão usando saltos altos. O quociente de glamour delas é definitivamente maior que o meu. Nenhum anel à vista.

— As crianças vão para aquela sala à sua esquerda. — A recepcionista aponta naquela direção. — Eles vão chegar depois de

terminarem as atividades da manhã. Vocês podem esperar se quiser.

Ambas as mulheres descem o corredor sem realmente darem conta da minha presença, as cabeças inclinadas juntas enquanto conversam entre si em sussurros. Quando chegamos à sala e estamos apenas as três, sinto-me estranha ao ficar ali de pé. Estendo minha mão para uma delas.

— Oi, eu sou a Iris.

Elas olham para a minha mão por alguns segundos antes de aceitarem o cumprimento.

A segunda agarra a minha mão esquerda enquanto aperta a direita.

— Ah, legal. — Ela olha para o meu anel por tanto tempo, que fico pensando se vai pegar uma lupa. — E ela disse que você tinha ido para o berçário. Você ganhou o bebê e a joia.

Elas trocam um olhar significativo e olham de volta para mim com um novo respeito nos olhos.

— Você é #Goals, querida. Esperta em pegar o que pode enquanto pode. Você acha que um jogador tem a carreira curta? A nossa é ainda menor — uma delas diz. O cabelo com luzes e um aplique se espalha pelos ombros. Ela tem o corpo que faz a maioria dos homens babar.— Eu sou a Sheila.

— Prazer em te conhecer, Sheila — eu respondo com um sorriso que não é uma porta aberta, mas também não é uma portada na sua cara. Está... entreaberta. Eu estou entreaberta. Desde que Caleb me mostrou suas verdadeiras intenções, vejo-me fechando tudo ao meu redor e de Sarai. Não posso me permitir apegos, ou vulnerabilidades ou amizades. Não sei mais em quem confiar. A última pessoa em quem confio sou eu mesma porque não fui capaz de realmente enxergar o verdadeiro Caleb a tempo. Confiar na pessoa errada pode te destruir.

— E eu sou a Torrie. — A outra mulher, de corpo escultural e com uma pele macia como chocolate batido, de cabelo escuro e cacheado, oferece a mão devidamente bem feita com esmalte metálico.

— Acho que somos só nós três hoje — Sheila diz, pegando uma cadeira de plástico vermelha e gesticulando para eu fazer o mesmo. — Bonnie está “doente” novamente. — Ela enfatiza com as aspas.

Torrie se inclina para mais perto e diz em voz baixa.

— O homem dela também joga pelo Stingers, e ela está sempre viajando.

— Mas ele a espanca sempre que pode — Sheila termina, os cantos da boca curvados. — Então quando ela está “doente”, nós sabemos que é o código para “ele a pegou novamente”.

Congelo no meu lugar, náusea subindo aos poucos desde o estômago, assumindo meu corpo e tocando cada centímetro de carne e osso que o Caleb aterrorizou. Meu rosto ainda mantém a máscara da discreta curiosidade, mas meus dedos se curvam contra as palmas, as unhas cortando a pele. Passaram-se algumas semanas desde a última vez que o Caleb realmente me espancou, então além do ocasional hematoma ou corte fáceis de esconder, você não olharia para mim e saberia o inferno que tenho vivido. Mas nesse momento, eu bem poderia estar nua, tamanho o sentimento de estar exposta.

— Ela nunca irá embora — Torrie diz, sentando-se na cadeira entre nós. — O dinheiro é bom demais.

Ou talvez ela tenha medo de que ele a mate.

— Garota, a primeira vez que um homem me bater — Torrie diz, lábios revirados em desprezo —, eu bato nele de volta. Bato no alto da

cabeça dele.

Mas e se ele for trinta centímetros mais alto? Cinquenta quilos mais pesado? E se ele tiver uma arma?

— Não sei por que ela continua com ele — Torrie prossegue: —, mas eu e meus filhos daríamos o fora na hora.

Mas ele poderia levar eles de volta? Ele poderia pegar as crianças?

— Ela tem filhos? — eu pergunto, não querendo mostrar muito interesse.

— Garota, eles têm quatro filhos — Sheila confirma. — Estão juntos há uns sete anos, desde a faculdade.

— Talvez ela tenha medo de que ele fique com a guarda das crianças, ou algo assim — sugiro.

— Não se ele bate nela! — A voz de Torrie mostra sua indignação. — Eles nunca dariam a guarda das crianças, sendo um pai abusivo.

— Eles dão — eu rebato calmamente. — Isso ocorre o tempo todo, especialmente se ele nunca abusou das crianças e não existem registros de agressão. Vários abusadores ficam com a custódia parcial. Alguns até ganham o direito de visita no abrigo de mulheres onde elas ficam. Nosso sistema é falho de muitas maneiras com as mulheres.

— Hummm... Ela está falhando consigo mesma — Sheila diz. — Quando alguém está te espancando, quão difícil é dar o fora?

Sheila e Torrie compartilham uma gargalhada e batem um *high-five* rindo juntas da piada, mudando o assunto para novas fofocas. A conversa delas passa por mim. Estou muito ocupada processando o que a minha vida parece pelo lado de fora. Sei que não sou o que as pessoas pensam – não sou uma mercenária, ou uma mulher fraca com medo de deixar o homem dela,

também não sou iludida achando que o Caleb me ama. Mesmo assim, vergonha cresce no meu coração. A mesma vergonha que sinto quando o Andrew cuida dos meus machucados na manhã seguinte. A mesma vergonha que sinto quando vejo meu rosto inchado no espelho, um olho fechado. Há uma garota rebelde dentro de mim, mas a mulher que ele espanca, chuta, estupra e trai, a que está contando os minutos e buscando uma alternativa para fugir, essa sente vergonha.

— Alguma de vocês sabe o que vamos fazer hoje? — Torrie pega um chiclete na bolsa e nos oferece. — Meu homem está na Alemanha, então de qualquer jeito, eu precisava de alguma coisa para fazer.

— Hoje é o primeiro dia — Sheila diz, colocando a goma de mascar na boca. — Nós vamos entregar algumas camisas e fotos autografadas. Eles vão querer tirar fotos, algumas com a gente, mas mais com o jogador de basquete.

— Jogador de basquete? — eu pergunto. — Achei que estávamos representando os jogadores.

— Eles acharam alguém para cobrir essa semana — Torrie diz. — Não sei direito quem é. Será bem tranquilo esse primeiro dia. Ele vai trabalhar em alguns fundamentos, alguns exercícios simples, e então alguma coisa sobre ser um exemplo e tal.

— Pelo menos foi assim que fizeram antes — Sheila acrescenta.

Sylvia entra na sala antes que eu possa perguntar mais. Ela sorri para nós três e nos cumprimenta com empolgação.

— Obrigada por estarem aqui hoje. — Ela me olha nervosamente, talvez pela forma como Caleb relutou em me deixar vir. — As crianças vão ter uma bela surpresa. Um dos jogadores mais populares do momento vai

estar aqui a semana toda.

— Quem é? — pergunto meio alheia, sem realmente me importar.

— Sou eu — uma voz familiar me alcança do outro lado da sala e capta toda a minha atenção.

O ar se esvai da sala e dos meus pulmões. Meu coração é o estrondo de um trovão, relâmpagos iluminam minhas veias. Exatamente como no jogo de basquete, e como todas as vezes em que o vejo, não posso ignorá-lo, não posso afastar o olhar de August West em pé à porta.

Permito-me apenas alguns instantes de choque antes de o perigo dessa situação se cristalizar como uma pedra na minha barriga. Não tenho ideia do que Caleb será capaz de fazer se ele descobrir a respeito. Se Ramone o vir, ele contará com certeza.

Autopreservação me faz levantar. Sensatez me faz passar por August sem fazer contato visual. Desespero faz o que as mentiras e a brutalidade de Caleb me impedem de fazer todos os dias.

Eu fujo.



CAPÍTULO 26

AUGUST

— Iris! — grito seu nome ao vê-la se retirar. Ela não para e nem sequer olha por cima dos ombros.

Só por cima do meu cadáver vou deixá-la sair daqui sem nem ao menos falar comigo. Minhas pernas são muito mais longas que as dela, então ignoro a dor e dou duas grandes passadas para alcançá-la.

— Ei... — Seguro o cotovelo dela, firme, mas gentilmente a viro de frente mim; uma mão em seu braço, a outra na cintura. — Iris, espera.

Quando abaixo a cabeça para nivelar nossos olhares, não penso no pino de titânio segurando os tendões e ossos da minha perna no lugar. A dor no meu joelho e as longas semanas que fiquei imobilizado e frustrado – tudo isso some. Não considero os meses de extenuante reabilitação à frente. Estou preocupado em não conseguir recuperar meu desempenho quando voltar às quadras na próxima temporada, ou talvez nunca mais, mas neste instante, não consigo pensar em nada além do que este fascinante momento. Todas essas

coisas empalidecem e somem, obliteradas pela mulher à minha frente. Mesmo sabendo que o Caleb causou minha lesão por causa dela, neste momento, nada mais importa.

Da mesma forma que aconteceu no jogo do Stingers, e no final de semana do jogos All-Star, bem como na noite em que nos conhecemos, não conseguimos desviar o olhar. A corda que nos puxa para perto, todas as vezes que estamos juntos, encurta o espaço que nos separa, ainda que não tenhamos nos movido um centímetro sequer. Uma centena de momentos perdidos e milhares de palavras não ditas passam entre nós, e toda a rigidez de seu corpo, de seu rosto, se desfaz e relaxa quando ela se inclina para mais perto.

Os guinchos dos tênis raspando na quadra, à distância, nos trazem de volta ao presente, e nós dois piscamos. Assimilo o ambiente em volta, que havia ficado em segundo plano. Ela sacode a cabeça e se afasta.

— Por que você está aqui, August? — Iris pergunta. Seus olhos castanhos, salpicados de verde e dourado, cores de outono, parecem mais escuros do que da última vez em que a vi. Não é a cor. Algo por trás deles. Algo dentro está mais escuro. Enfraquecido.

— Eu sou voluntário — respondo.

— E isso é uma coincidência? Que somos voluntários na mesma semana?

— Sim, é.

Seus olhos procuram os meus, parecendo não satisfeita com a minha resposta.

— Okay, eu sabia que você estaria aqui — admito, mas falo rápido antes que ela tire conclusões precipitadas —, mas não arranjei isso. Eu disse para a liga desde o início que queria ser voluntário em algo aqui, onde cresci,

não somente na cidade do meu time. A casa da minha mãe não é longe. Joguei neste ginásio o tempo todo quando criança.

Ela me analisa, sem pestanejar, antes de acenar com a cabeça.

— Eu vou embora então.

Ela tenta passar por mim, mas a seguro no lugar. Olhando os dedos ao redor de seu pulso, ela recua, assustada.

Minha mão parece imensa circundando os delicados ossos de seu pulso.

Eu a solto e dou um passo para trás.

— Me desculpe, Iris. Eu... merda. Eu te machuquei?

Sinto-me como o maldito Incrível Hulk que desconhece sua própria força ao segurá-la daquele jeito.

— Não. — Ela observa o chão por um momento, sacudindo a cabeça e esfregando o pulso. — Eu... não. Você não me machucou. Acho que só estou um pouco esgotada.

— Mais razão ainda para fazer algo que você planejou fazer, certo? — questiono. — Não vá embora. Nós não estamos fazendo nada errado.

Ela olha para cima e bufa uma risada desprovida de humor.

— August, eu não posso fazer isso.

— Fazer o quê? — Dou um cuidadoso passo à frente.

— Isso. — Nossos olhos se encontram. Sua voz sai rouca e baixa. — Eu preciso ir.

Estou perto o suficiente para sentir seu cheiro e seu calor. Eu poderia fazer isso o dia inteiro. Só sentir seu cheiro. Só tocá-la. Mesmo que só tenhamos nos encontrado poucas vezes, senti sua falta. Não há mais ninguém com quem compartilhar – as conversas, as brincadeiras, o vínculo.

A química. Eu desejo isso novamente. Sim, eu queria ser voluntário onde cresci, mas nesse momento, a Iris é a razão de eu estar aqui.

— Aposto que você estava ansiosa para ser voluntária, certo? — pergunto. — Da última vez que conversamos, você queria alguma válvula de escape.

— Da última vez que nos falamos, eu estava sofrendo de depressão pós-parto e não fazia a mínima ideia. — Ela dá um pequeno sorriso. — Até você sugerir que eu conversasse com o meu médico. Aliás, obrigada.

— Então você está se sentindo melhor?

— Sim, muito melhor, mas você está certo. Eu estava ansiosa para ser voluntária. — Ela sacode a cabeça, determinação clara no queixo erguido. — Mas haverá outras oportunidades de ajudar depois.

— Mas essa está aqui agora. — Dou um toque brincalhão em seu pulso e a provoco com um sorriso. — Prometo não morder, além de não ter sapinho.

Ela revira os olhos, sua risada suave, mas um sinal encorajador. Seu olhar vai para a minha perna e ela volta ao comportamento comedido.

— Ainda dói? A sua perna?

Eu também olho para baixo. Estou usando um imobilizador por baixo da calça jeans. Posso caminhar com cuidado, mas só recentemente fui liberado para apoiar o peso na perna.

— Não está tão ruim assim. — Eu dou de ombros. — Tudo parte do jogo.

Ela fecha os olhos com força, pressionando os lábios. Tão apertados que quase não ouço o que diz em seguida:

— Ele nos viu, August.

Não preciso perguntar o que ela quer dizer. Eu sei. Eu o vi nos observando no jogo. Sei a raiva que isso causou antes que ele tivesse certeza de que eu me arrependesse.

— Eu sei.

Ela levanta os olhos assustados que se enchem de lágrimas.

— Isso aconteceu por minha causa. — Ela gesticula em direção à minha perna lesionada. — Eu sinto muito. Deus, eu me sinto tão culpada.

— Não tem nada para se sentir culpada. Não foi você que fez isso. Foi ele.

— Certo, e não o quero te machucando por minha causa. — Ela estabiliza lábios trêmulos em uma firme linha. — Não quero que ele machuque *ninguém* por minha causa.

— Por que você está com ele, Iris? — pergunto, incerteza impelindo aquele questionamento.

Algo estranho – desconhecido – espreita por trás de seus olhos e encobre sua expressão com um véu sombrio, e a verdade se esconde.

— As coisas não são sempre o que parecem ser. Não são simples. — Ela anda para trás até minhas mãos a soltarem completamente. — Nada é simples.

— Então me explica. Não posso acreditar, que mesmo sabendo que ele é capaz de fazer algo assim — eu digo, apontando para a minha perna —, você ainda fique com ele.

— Iris! — Sylvia chama do final do corredor, seus olhos passando de mim a Iris. — Humm, está tudo bem?

Ela provavelmente já criou todos os tipos de cenários em sua cabeça sobre o meu relacionamento com a Iris, ainda mais porque eu pedi

que não revelasse minha presença aqui. Ao nos ver juntos desse jeito, ela terá mais o que especular. Não me importo, mas sei que Iris, sim.

— Está tudo bem — Iris responde rapidamente, dando outro passo para trás. — Pensei que a creche estava me chamando por causa da minha filha, então fui averiguar. Mas ela está bem.

Ela coloca a mão sobre o alarme preso em seu quadril. E é aí que vejo outra coisa que não tinha reparado. Um imenso anel de noivado.

Merda. Estou me enganando. Essa coisa que estou perseguindo em meus sonhos, essa conexão da qual falei à minha mãe, está só na minha cabeça, é unilateral. Seus olhos seguem os meus para o anel em seu dedo.

— August... — ela sussurra. — Eu posso expl...

— Acho que é melhor eu voltar lá para dentro, né? — interrompo grosseiramente, falando com a Sylvia.

— Nós estamos prontos para começar — Sylvia diz, incerta. — As crianças estão entrando na sala de recreação agora.

— Ótimo. — Sem olhar novamente para Iris, sigo pelo corredor e entro na sala.

Eu sou um idiota. É complicado? Não, é simples. Ela teve o bebê dele. Ela está usando o anel dele. Ela vai se casar com ele. Quanto mais cedo eu colocar isso dentro da minha cabeça-dura, melhor. Já perdi o suficiente ficando atrás de uma garota que pertence a outra pessoa. Perdi o sono e tempo precioso.

Faço uma careta ao sentir a dor na perna, por ter me excedido hoje. Talvez eu tenha perdido minha carreira, meu futuro, por algo que não existe. Vou abafar a decepção e a raiva, fechar o coração por tempo suficiente para cumprir esse compromisso, e então vou abandonar a fantasia de vez. Olho

para as paredes, cheias de frases motivacionais e fotos de ídolos que são exemplos de vida. O centro comunitário quase não mudou desde a época em que eu jogava aqui. A tinta descasca em alguns lugares da parede, e os aros das tabelas do ginásio já tiveram dias melhores. A melhor coisa para acabar com uma fantasia é uma dose de realidade, e essa comunidade sempre vai te lembrar disso.

Minha família era classe média. Minha mãe era professora, e quando meu padrasto se aposentou do exército, ele trabalhou com vendas. Minha vida familiar era estável, mas sempre tentei encontrar o meu lugar. Eu me sentia como uma engrenagem que não se encaixava em nenhuma roda. Uma peça de quebra-cabeça perdida.

Os melhores jogadores da cidade jogavam aqui. Eu queria ser desafiado e lapidado, então jogava aqui também. Eu não esperava achar as peças perdidas de mim mesmo nessas quadras, da cultura que meu pai teria compartilhado comigo se ele estivesse vivo.

O basquete me ajudou a encontrar o meu lugar. Não o número trinta e três, armador, campeão de basquete, ou jogador prodígio. Essas coisas não são quem eu sou. Sou mais do que isso. Esse lugar ajudou a me tornar mais do que isso.

Tento separar as coisas, engolindo as emoções causadas pela visão daquela aliança que Iris está usando, e olho pela sala repleta de jovens rostos – a maioria negros e latinos. Eu me lembro da sensação de crescer aqui; a busca pela minha identidade; sentindo-me preso entre dois mundos sem realmente estar confortável em lugar algum. Várias dessas crianças estão tendo dificuldades também. Talvez não por serem mestiços tentando descobrir como se encaixar, e sim tendo dificuldades em conciliar a difícil

realidade de suas vidas com a imensidão de seus sonhos — com a impossibilidade de suas ambições. Eu sei o que é sonhar alto e correr atrás de uma vida diferente. Apesar das adversidades, estou vivendo meu sonho.

— Não estou aqui para dizer como se tornar um jogador profissional de basquete — começo sem preâmbulos. — Não existe garantia nenhuma, e provavelmente, nenhum de vocês chegará à NBA.

Alguns rostos se entristecem com essa dura realidade, mas consigo que prestem atenção em mim. Com crianças dessa idade, essa é a maior parte da batalha. Iris entra e se senta ao fundo com as duas outras voluntárias. Seus olhos tristes encontram os meus, mas dessa vez sou eu quem desvia o olhar. Não serei apanhado nessa armadilha novamente.

— Até mesmo garotos, e garotas — eu digo com um sorriso para algumas das meninas na primeira fila —, talentosos, nem sempre conseguem. Basquete não é a questão. Sonhar é a questão.

Arrisco um rápido olhar na direção de Iris, e mesmo com seus olhos sombrios, ela é a coisa mais brilhante, mais linda que já vi.

— Sei o que é querer algo que você provavelmente nunca vai ter. — Nossos olhos se encontram por um breve momento antes de eu olhar para o lado. — Entendo a decepção ao ter alguém dizendo que você nunca será capaz de conquistar algo. Mandando vocês sonharem com outra coisa. Muita gente não vai acreditar no potencial de vocês, mas estou aqui para dizer que, sim, vocês conseguem. Conseguem o quê?

Dou de ombros, com um sorriso de lado.

— O que vocês quiserem. — Aponto para a minha perna. — Quantos de vocês assistiram ao jogo em que me machuquei?

Várias mãos se levantam. Muitos rostos expressam solidariedade.

— É, foi duro. Era como se algo pelo qual me esforcei a vida toda pudesse acabar em um instante. E depois da minha cirurgia, tentei me conformar com essa possibilidade. E se o basquete tivesse acabado para mim?

Olhei rapidamente pelos rostos extasiados, deparando com a curiosidade e a fome por respostas.

— Se isso acontecer, não vou fingir que não vai me abalar, porque eu seria um mentiroso. — Deixo que as risadas ecoem, e dou um sorriso. — Mas achei meu lugar aqui nesse centro comunitário, nos jogos de sábados, nas ligas de verão, nos acampamentos. Esse lugar, mais do que qualquer outro, me ensinou a lutar por algo a mais. Eu sei que as coisas nem sempre são boas em casa. Sei que as coisas nem sempre fazem sentido na escola. Até sei que, às vezes, vocês querem desistir, porque também quis fazer isso milhares de vezes.

Dou um sorriso irônico para eles.

— Algumas vezes ainda quero, mas nunca desistirei. Esse lugar me ensinou isso. Os conselheiros aqui e os estudantes – os outros sonhadores. — Aponto a porta e entrecerro os olhos. — A casa da minha mãe fica a uns quinze quilômetros naquela direção. Essa cidade é a minha casa. Eu me sentei exatamente onde vocês estão sentados agora, anos atrás, ouvindo alguém me dizer que eu era capaz de fazer o que quisesse, por mais que meu sonho fosse improvável.

Levanto um pouco a perna, erguendo a barra da calça para que eles vejam o imobilizador.

— Decidi que vou voltar mais forte e mais rápido do que nunca. Decidi que vou voltar antes do que todo mundo pensa, e melhor do que

esperam — eu digo. — Enquanto estava deitado com esses pinos na minha perna, vendo todo mundo especular sobre o meu futuro, decidi que nunca perderia as esperanças. Esperança é o espaço entre o que seria e o que realmente é, mas vocês precisam preencher esse espaço com muito trabalho duro. E é sobre isso que vamos conversar essa semana. Esperança. Sonhos. Trabalho.

Dou uma olhada no relógio e nas pizzas que a Iris e as outras duas mulheres estão arrumando no fundo da sala.

— Acho que o almoço de vocês está aqui. Meu tempo acabou por hoje, mas se quiserem conversar, estarei aqui por alguns minutos enquanto a refeição é servida.

Começo a assinar autógrafos e converso com as crianças que se juntaram ao meu redor depois do bate-papo. Dou minha total atenção a eles, mas sinto os olhos de Iris em mim de vez em quando. É um sentimento inebriante ficar no mesmo lugar que ela por tanto tempo, algo que sempre quis para poder testar se essas emoções se desgastariam com o tempo. Agora, não tem importância. Quando ela for a esposa de outro homem, esses sentimentos não podem permanecer, eles têm que acabar. E vou começar a fazer isso hoje, com a mesma determinação que encaro um oponente na quadra. Só que dessa vez o oponente sou eu, porque a mesma teimosia que nunca me deixou desistir do sonho de jogar na NBA, não quer que eu desista dela também.

Sylvia e eu estamos andando em direção à saída, revendo os planos para a semana. Vou conversar, compartilhar alguns exercícios com aqueles que jogam basquete, embora esteja limitado no que posso fazer fisicamente também vou participar de um projeto de decoração em uma das salas de

recreação.

Estamos terminando de definir tudo quando Iris chama o meu nome.

Ela está andando em nossa direção, sua filha no quadril. Isso não é justo. Ambas? Se você quer que um homem continue sonhando, dê a ele um vislumbre do que poderia ser dele.

Elas poderiam ser minhas.

Uma onda de possessividade equivocada me atravessa. Pensar nas duas retornando para a casa do Caleb me faz ranger os dentes. O pensamento de Iris na cama dele é fisicamente doloroso, apertando meu estômago. Elas são do Caleb, e eu as quero.

Mas um brilho daquele diamante de sei-lá-quantos-quilates, no dedo dela, me lembra o quão fútil é a esperança.

Quando elas nos alcançam, Iris parece incerta ao olhar de mim para Sylvia. Ela pigarreia antes de perguntar:

— August, eu poderia, humm, falar com você antes de ir embora?
— Seus olhos estão fixos em mim.

— Claro — digo, calmo, como se nos falássemos todos os dias. —
Te vejo amanhã, Sylvia.

A mulher interpreta o comentário como uma dispensa clara, e nos analisa com curiosidade antes de sorrir e acenar uma despedida.

— Você precisa de alguma coisa? — pergunto abruptamente. —
Minha carona está provavelmente me esperando.

Ela se encolhe com o tom impaciente em minha voz, e eu me sinto um babaca. Sarai se remexe no quadril dela, e pisca para mim com cílios longos e curvados. Eu me inclino com um sorriso até ficar no mesmo nível de

seus olhinhos azuis-violeta. Sei que vou me arrepender disso, mas a garotinha é tão irresistível quanto a mãe.

— Ela cresceu tanto — digo para a Iris, mas não tiro o olho da menininha que me encara de volta.

— É. — Ela ri. Os cachos escuros de Sarai cresceram desde a última vez que a vi, e Iris os afasta do rosto. — Está passando rápido demais.

Sarai estica a mão e agarra meu cabelo, puxando meu rosto para mais perto. Isso faz com que eu fique mais perto ainda de Iris. Ignoro o campo elétrico que a nossa proximidade cria e me concentro em Sarai. Ela passa sua pequena mão pelos meus olhos e nariz, deixando uma trilha molhada de exploração.

— Ai, meu Deus. — Iris aponta para o pedaço molhado que sinto na minha bochecha. — Ela te pegou. Me desculpa.

Quando me permito olhar para Iris novamente, a sombra já não está lá. Ânimo e afeição iluminam seus olhos, por sua filha, e, talvez, por mim. E, se é que isso é possível, ela está ainda mais bonita do que a garota que encontrei no bar há tantos anos. Há uma força, uma maturidade, uma determinação... eu não sei o quê, mas que adicionou uma dimensão que não estava ali antes, e que atíça uma fome maior em mim. Não só para saborear seu corpo, mas para conhecer seu coração. Para ler sua mente e compartilhar seus pensamentos.

Porra. Não consigo deixar de querer esta mulher. E quando Sarai me dá seu pequeno sorriso com covinhas, também a quero em minha vida. Eu quero coisas demais. Quero coisas que não posso ter, coisas que não são minhas, mas aquele menino que chegava todo sábado antes de as portas do centro comunitário se abrirem, e que era sempre o último a deixar a quadra,

nunca aprendeu a deixar de querer as coisas impossíveis.

O ânimo some do olhar de Iris, o sorriso se desfaz de sua larga e doce boca, e ela solta uma respiração irregular. Ela também sente isso. Não preciso perguntar se ela sente. Seus olhos arregalados e a respiração ofegante, o tremor de reconhecimento do seu corpo para o meu me dizem isso. Mas muita coisa está entre nós: outro homem e o anel espalhafatoso em seu dedo, circunstâncias que não entendo. Nós estamos separados por uma distância incalculável, mas ela parece tão perto.

— Não estou noiva — ela diz, suavemente, me pegando desprevenido.

— O que você disse? — Eu encaro a aliança em sua mão esquerda.
— Então o que esse anel significa?

— Caleb me pediu em casamento, mas eu não aceitei. — Seu maxilar flexiona e os olhos esfriam. — Não planejo dizer sim, mas ele quer que eu use isso por enquanto, quer que eu pense sobre isso.

— Eu não entendo. — Quanto mais ela revela, menos compreendo.

— Eu sei, e não posso explicar completamente, mas um dia farei isso. Tenho que resolver isso sozinha. — Ela beija a cabeça de Sarai apoiada em seu ombro. — Só saiba que ela é a coisa mais importante, assegurar o futuro da Sarai é a coisa mais importante.

— Assegurar o futuro dela? Você quer dizer dinheiro? Você precisa de dinheiro, porque eu posso...

— Por favor, não me insulte. Não estou com o Caleb pelo dinheiro.
— Ela franze as sobrancelhas de leve. — Quer dizer, dinheiro é um fator, mas não do modo como você imagina.

Se esperança é o espaço entre o que poderia ser e o que é, suas

palavras, esses poucos momentos diminuem a distância. Hesitante, passo a mão sobre os macios cachos de Sarai. Ela ri e enfia a cabeça no ombro da Iris, olhando timidamente para mim. Deus, essas duas podiam me amarrar em um nó sem esforço nenhum.

— É melhor eu ir. — Iris olha para o relógio, os olhos arregalados e assustados. — Minha carona provavelmente também está me esperando.

— Você não dirige? — Ando ao seu lado e seguro a porta aberta para ela passar na minha frente.

Ela olha para o outro lado da rua, mais para a frente da calçada, na direção de uma imensa SUV preta. Seus olhos arregalam e ela engole em seco, olhando de volta para mim.

— Não me acompanhe... você não precisa nos levar até o carro. Nós vamos ficar bem. Minha carona está aqui.

Ela vira a cabeça de volta para olhar para a SUV mais uma vez antes de me dar um rápido sorriso e acenar.

— Eu preciso ir — ela repete. — Te vejo amanhã.

Antes que eu possa responder, ela atravessa a rua. Um cara imenso, parecendo um fisiculturista, sai do carro e a ajuda a entrar com a Sarai no banco de trás. Ele me encara quando elas já estão dentro do carro, sua presença reflete ameaça – como um aviso. Ele me faz querer levar as duas para longe dele. Fico ali de pé, congelado, me sentindo protetor e impotente, até que as lanternas desaparecem na esquina.

— Gus!

Eu me viro na direção da única pessoa que me chama assim. Jared está estacionado a alguns metros de distância. Ainda não estou muito seguro para dirigir, então ele me trouxe.

Dou um tapinha no capô do seu carro esportivo.

— Cara, você é tão pretensioso. — Eu rio e me sento no banco da frente, tomando cuidado com a minha perna latejante.

— Você só está com ciúmes da minha chibata — Jared responde.

— Só de você ter usado a palavra “chibata” no meio da conversa já prova meu argumento.

Nós compartilhamos um sorriso, mas o de Jared some tão rápido quanto apareceu.

— Aquela era quem estou pensando? — ele pergunta, na lata. — Andando com você? A garota com a criança?

— Quem? — Encontro algo fascinante do lado de fora da janela para olhar. — Quem era o quê?

— Deixa de enrolação. Aquela era a namorada do Caleb, Iris DuPree, não era?

Eu me viro um olhar curioso para ele.

— Como você conhece a Iris?

— Eu a entrevistei há uns dois anos, acho, para um estágio — ele diz. — Ela é inteligente.

— É, ela é. E por que então você não deu o trabalho para ela?

— Porque no final da entrevista, ela vomitou em cima de mim. — O sorriso de Jared é pesaroso. — Ela descobriu que estava grávida. Eu ofereci uma vaga para ela, mas na época ela já estava de repouso absoluto e não podia trabalhar. Acho que ela ficou acamada a maior parte da gravidez.

Grávida. Impossibilitada de trabalhar ou ganhar dinheiro. Presa numa cama por meses. Por isso ela disse que teve que fazer escolhas difíceis. Parece que ela fez a única coisa que podia – ficar com o Caleb.

Isso me deixa furioso. Ela mal me conhecia. É óbvio que ela não teria me procurado, mas queria que tivesse feito isso. Eu teria feito qualquer coisa para mantê-la livre dele.

— Por favor, me diga que isso tudo não é por causa dela. Que você não provocou o Caleb e colocou sua carreira em risco, um contrato de trinta milhões de dólares, por uma garota qualquer?

— Uma garota qualquer? — Eu levanto uma sobrancelha. — Você não deve se lembrar dela se acha que ela é só uma garota qualquer.

— Eu me lembro dela. Sei como ela é. — Jared mostra seu desgosto ao franzir o cenho. — Você parece domado. Pensei que se tratasse só de alguma boceta.

— Olha a boca, Jared — eu falo e aponto o dedo em aviso para ele.

— Não quis ser desrespeitoso, mas porra... Ela mora com o Caleb, eles têm um bebê. É realmente impróprio você ter alguma coisa por ela, Gus.

— Nós somos amigos. — Eu o repreendo com um olhar. — E não me chame de Gus.

Jared sabe que odeio meu apelido de infância, e só usa isso para me enervar. Já estou nervoso o suficiente, sem precisar adicionar mais isso.

— Então a jogada suja foi por causa da Iris? — Jared pergunta. — Eu a vi no jogo com a filha.

— É, eu também a vi.

— A escolha pela reabilitação aqui em Maryland não tem nada a ver com ela, não é? — Jared sacode a cabeça, sem esperar por uma resposta. — E agora você é convenientemente um voluntário junto com ela.

Eu recosto a cabeça no apoio de couro macio, e respondo apenas com um suspiro.

Jared bate o punho no volante.

— Porra, August. Que parte do “fique longe da minha garota” você não entendeu? O que Caleb vai ter que quebrar em seguida para você entender o recado?

Eu viro meus olhos entrecerrados para ele.

— Eu gostaria de ver aquele filho da puta tentar quebrar mais alguma coisa. — Eu reclino mais o meu assento, cansado das poucas horas no centro comunitário. — Tem mais acontecendo do que podemos ver. Ela está usando o anel dele, mas me diz que não estão noivos.

— Talvez ela esteja manipulando vocês dois. A única coisa melhor do que ter um homem rico aos seus pés, é ter dois.

— Cala a porra dessa boca. Se você conheceu a Iris, sabe que ela não é assim.

— Ela pareceu uma garota legal. Focada. Esperta. Inteligente. Eu a queria na minha equipe — Jared admite —, mas isso não significa que ela não seja problema.

— Bom, se ela é problema, é um problema que quero para mim — eu digo para ele, desafiando-o com o olhar que lhe dou do banco do passageiro. — Ela fez questão que eu soubesse que não estava noiva por um motivo. Ela não quer que eu desista.

— Mas você deveria.

— Mas não vou. — Eu sacudo a cabeça. — Você não entende.

— O que entendo é que por causa da sua preocupação com a mãe do bebê do Caleb, sua perna está quebrada, sua carreira está de pernas para o ar, seu time talvez te troque, e tudo que pelo qual se esforçou durante sua vida inteira está em perigo. Por causa de uma boceta.

— Não é assim. Ela...

— Ah, então você não quer transar com ela?

É claro que quero transar com ela. Eu sou o quê? Um eunuco, por acaso?

— Não é só isso. — Eu tento segurar, mas meus lábios tremem nos cantos.

— Não é engraçado — Jared diz, mas quando olho para ele, seus lábios também estão tremendo. Nós dois desistimos de conter os risos.

O carro fica em silêncio enquanto seguimos pelo caminho de casa. Por muitos anos, aos sábados, era Jared quem me levava ao centro comunitário por estas ruas conhecidas em seu velho Camry; Nós conversávamos sobre meu sonho distante de jogar na NBA. O dele, de agenciar os maiores nomes no esporte. De como nos sentaríamos no topo do mundo juntos.

Agora, estamos no Porsche dele. Sou um jogador, um *produto* com uma das camisas mais vendidas da liga. Um dos contratos mais valiosos que um novato já ganhou. E eu arriscaria isso tudo por uma garota? Entendo o que ele quer dizer, mas quero mais do que o basquete. Eu quero uma vida além disso. Não estou dizendo que essa vida é com a Iris, mas *estou* dizendo que nunca me senti dessa forma com ninguém antes; não o que sinto quando estou com ela, e tenho que correr atrás disso do mesmo jeito que fiz com o basquete. O que senti hoje, ou em todas as vezes em que estive com ela, é verdadeiro e especial. Compensa a perseguição. Se eu não tentar, nunca saberei.

E se a coisa que parece apenas um sonho impossível está ao meu alcance?



CAPÍTULO 27

IRIS

Eu não devia ter dito a ele que não estava noiva.

É egoísta e perigoso encorajar August. Pelo menos até eu me livrar do Caleb. Em algum momento, sei que vou precisar pedir ajuda a alguém, mas será no tempo certo, quando eu tiver as ferramentas não só para escapar do Caleb, mas para *mantê-lo* fora de nossas vidas. Até conseguir isso, tenho que ser cuidadosa com cada passo que dou, e satisfazer a mim mesma, ao meu anseio pelo que há por trás dos olhos de August, e pela sensação de seu toque... é o contrário de ser cautelosa. Se Caleb for capaz de fazer metade das coisas que imagino, essa imprudência poder levar August a ser mais prejudicado do que já foi.

Mas sua expressão quando ele viu o anel de Caleb... devastação? Traição? Decepção? Derrota? Foram todas essas coisas em um belo rosto. E talvez tenha sido a derrota que eu mais tenha odiado – o pensamento de que ele abandonaria seja lá o que é isso que floresce entre nós como uma flor,

desabrochando um pouco mais a cada vez que estamos juntos.

Posso olhar de fora e objetivamente dizer que isso não deveria parecer assim tão poderoso, seja lá o que há entre nós. Nós não passamos tanto tempo juntos, mas desde aquela primeira noite, August pareceu ser um marco na minha vida. Como um ponto de virada – como se uma dobradiça do meu futuro tivesse virado. E se ele desistir, nunca saberemos o que poderíamos ser um para o outro, quando todos os obstáculos forem removidos. Quando o Caleb não estiver entre a gente.

— Duas horas — Ramone diz do banco da frente, seu olhar duro servindo de aviso no espelho retrovisor. — Estarei de volta em duas horas.

Seu abrupto lembrete é desnecessário. Tenho consciência de que meu tempo no centro comunitário é apenas um descanso da minha prisão. Estou em casa sozinha todas as noites, e é uma maravilha comparado quando o Caleb está lá. Mas estou solitária, e a sensação ficou mais intensa na noite passada, depois de ver August. Tempo com ele ressuscitou meus sentidos e causou o frio na barriga que acreditei nunca mais sentir outra vez.

Sem responder ao Ramone, saio do banco de trás e ajeito Sarai em seu carrinho. Não olho para ele nenhuma vez antes de atravessar a rua e entrar no centro comunitário.

A Srta. Audrey pega a Sarai com um sorriso gentil, e minha pequena já está engatinhando com os outros bebês antes mesmo de eu sair. A socialização é boa para ela. Queria que tivéssemos mais oportunidades assim, mas o Caleb não me dá ouvidos sobre o assunto, e muito menos paga por isso. Seriam muitos fatores fora de seu controle.

Torrie e Sheila já estão na sala de recreação quando chego. Hoje me esforcei um pouco mais, e vesti uma calça pantalone preta de linho e uma

blusa rosa e preta sem mangas. Meu cabelo está solto, recém-lavado. A maquiagem é simples, mas mais forte do que ontem. Em outras palavras, eu tentei. E por mais que não queira admitir isso, só em saber que August estaria aqui hoje, eu tentei. E deve ser evidente porque Torrie e Sheila levantam as sobrancelhas quando entro.

— Hummm-ummm... — Torrie toca na argola de ouro na minha orelha. — Ah, você é chique, né?

Sheila olha para cima dos jogos de tabuleiro que está arrumando para as crianças jogarem quando voltarem do ginásio.

— Uma pequena melhora, eu vejo — Sheila acrescenta. — Isso é para nós ou para o Sr. Novato do Ano?

Dou uma risada desdenhosa.

— August e eu mal nos conhecemos. — Eu me forço a encará-las.

— Parecia que você conhecia alguma coisa — Torrie diz —, do jeito que ele correu atrás de você e os dois ficaram aconchegadinhos...

Imprudente. Descuidada. Tenho que corrigir isso hoje.



— Não. Nada disso. — Analiso a mesa cheia de jogos. — Então vamos jogar depois que August conversar com eles?

— Ah, ele está com eles agora no ginásio vendo alguns exercícios — Sheila diz, me olhando sorrateiramente. — Ele provavelmente irá embora depois disso então parece que você se arrumou toda para nada.

— Eu não chamaria isso de me arrumar... — Suas palavras assentam, e a decepção se estabelece. Nem me preocupo em finalizar minha negativa.

Então não vou ver August hoje. Melhor assim.

Ainda estou me convencendo disso quando as crianças começam a entrar, suadas e rindo, do ginásio. Coloco um sorriso no rosto e sirvo os almoços embalados que eles comerão antes dos jogos começarem.

Estou entregando Gatorades quando uma profunda e estrondosa risada causa arrepios pelo meu corpo. Eu viro a cabeça, procurando a fonte. August está sentado à uma das mesas, um pé no banco e sua perna lesionada estendida no imobilizador. Ele ri de algo com as crianças amontoadas ao redor, e joga a cabeça para trás. Seu cabelo está mais comprido do que já vi, e com esses cachos escuros com mechas caramelo, a pele bronzeada e dourada, os dentes brancos e perfeitos contrastando com os traços fortes de seu rosto, eu, literalmente, não consigo parar de olhar para ele.

Vou me dar apenas três segundos para manter o olhar.

Um.

Dois.

E então ele olha para cima, e nossos olhares se encontram. Eu adoraria fingir que isso é normal. Amigos com uma pitada de atração. Um pouco proibido, mas sobretudo inofensivo. Mas existe uma verdade inegável quando meus olhos se conectam aos dele. Quando nossos olhares se encontram, isso não é casual. Ele e eu juntos somos o caos. Quando ele olha para mim, não tenho como fingir outra coisa.

Eu viro para o outro lado antes que Torrie e Sheila prestem mais atenção, e ando até a mesa de jogos, fingindo arrumar os UNO e Monopoly.

— Você gosta de jogos de tabuleiro?

Levo um susto com a pergunta dele, e derrubo o baralho no chão aos seus pés.

— *Ugh...* — Eu me ajoelho para pegar tudo. — Tão desastrada.

Ele se agacha desajeitadamente, pegando as cartas.

— August, não! Sua perna.

Seguro seu braço e cuidadosamente o ajudo a se levantar, o que faz com que nossos corpos quase fiquem grudados. Quando ele me encara, seu olhar espelha os meus sentimentos, o desejo pulsando pelo meu corpo. Aquele olhar é quente e faminto e curioso. Ele imagina qual é o meu gosto. Pergunta qual seria a sensação de me ter pressionada a ele. Imagina um primeiro beijo que não tenho certeza se algum dia acontecerá.

— Você está bonita hoje. — Suas palavras são gentis o suficiente, mas o ar entre nós está carregado de lascívia. Uma palavra errada poderia ser mal-interpretada.

— Obrigada. Eu... — Vejo o olhar inquisitivo de Sylvia por cima do ombro dele. Viro a cabeça e meu olhar colide com o de Torrie e Sheila. — Por que está todo mundo olhando para nós?

August dá uma olhada discreta, de relance, e franze sutilmente a sobrancelha.

— Acho que elas veem a mesma coisa que o Caleb viu no jogo daquela noite. — Ele veladamente entrelaça nossos dedos mindinhos. — Eles veem que não consigo ficar longe de você. Que não quero ficar.

— August. — Afasto nossos dedos com relutância, olhando ao redor para ver quem mais prestava atenção em nós. Todo mundo parece ter encontrado outras coisas para fazer, mas devíamos nos separar. — Vou repor as bebidas. Te vejo mais tarde.

Ele segura meu cotovelo e se abaixa para falar no meu ouvido:

— Me encontre na quadra de basquete quando eles começarem a

brincar aqui.

Sacudo a cabeça e saio de perto o mais rápido que posso porque essa é a coisa inteligente a fazer, mas já sei que vou dar um jeito.

Nós estamos limpando depois do almoço enquanto as crianças jogam quando Torrie aborda o assunto que não tenho o menor desejo de discutir.

— Então, você e August West... — ela diz, tirando um saco da lata de lixo. — Vocês se conhecem?

Não afasto o olhar da pia cheia de espuma e das poucas louças a lavar.

— Não muito. — Dou o meu sorriso mais inocente. — Quer dizer, do jeito que todo mundo o conhece. Ele é um grande jogador.

— Vocês dois deviam tentar chegar na mesma página. — Ela ri e sacode a cabeça. — Porque ele nem está tentando disfarçar, e você não é muito boa nisso.

Minhas mãos travam sob a água quente.

— Não sei o que você quer dizer. — Olho para ela, firme, antes de pegar um pano de prato para secar as louças.

— Ah, não se sinta mal. — ela diz. — Não com o belo traseiro dele. Ele está totalmente na sua, garota. Até o Stevie Wonder pode ver isso.

— Uau. Isso não é nem um pouco politicamente correto. — Eu me sinto culpada pela risada que escapa dos meus lábios apesar da piada inapropriada.

— Não sou muito boa de ficar rondando o assunto — ela diz, sua expressão passando de incerta, para desafiante, e depois para não estou nem aí. — Pegue o que é seu, Iris, porque o Caleb está definitivamente pegando o

dele.

A mera menção do nome dele faz o meu sangue gelar nas veias. Ele não vai voltar da China até a próxima semana, mas ainda sinto o espectro dele como um fantasma mal-intencionado me assombrando, seguindo cada passo meu.

— Olha, os caras falam. — Ela faz uma careta. — Pelo menos o meu fala, digo, fala para mim. E ele não é exatamente o maior fã do seu noivo.

Nem eu.

Não digo nem uma palavra, ou suspiro, para não impedi-la de continuar.

— Ele diz que as pessoas não fazem ideia de quem o Caleb realmente é. — Torrie coloca a mão sobre a minha, e o sorriso que ela me oferece é gentil. Seus dedos acariciam o mesmo pulso que foi fraturado por ele há apenas umas semanas. Tenho recebido tão pouco carinho, tão poucos toques gentis recentemente, que o dela faz lágrimas espetarem atrás dos meus olhos.

— Não se sinta culpada se você e August West tiverem um... um momento essa semana. — Ela me olha diretamente antes de continuar: — De início, achei que você teria o nariz empinado, mas você é legal. Se fosse comigo, eu ia querer que alguém me contasse o que estou contando para você. Ele te chifra para todos os lados. Ele enfia o pau em tudo que se mexe.

Sei que o Caleb me chifra, mas é mortificante saber que ele é tão descarado que até as outras namoradas de seus colegas de time sabem. Não basta ele me humilhar em privado. Ele tem que me fazer passar vergonha em público também. Não estou nem aí pelo fato de ele me chifrar, mas estou

enojada com a forma como me expôs. Ele me estupra sob a mira de uma arma e nem usa uma camisinha. Deus, o que posso ter contraído? Uma DST? Algo Pior? Ressentimento e ódio fervem por baixo da minha pele.

— Me dá licença. — Eu jogo o pano de prato do balcão de fórmica e me viro para ir embora. Na porta, olho para trás, por cima do meu ombro e deparo com a simpatia nos olhos dela. — Obrigada, Torrie.

Ela acena com a cabeça e se vira para terminar de jogar o lixo. Fúria e rancor descem como uma névoa sobre mim. Estou tropeçando pelo corredor. Digo a mim mesma que não queria ir para o ginásio, mas isso é uma mentira.

August arremessa bem além da linha de três pontos. Ele lança a bola, que cai pela rede.

— Exibido — eu digo, baixinho, da porta do ginásio, mas como estamos apenas os dois ali, ele escuta.

Um sorriso se espalha por seus lábios carnudos e pelos olhos da cor de nuvens tempestuosas.

— Se sou tão exibido... — Ele quica a bola para mim, e eu a pego no reflexo — Vem me mostrar que pode fazer melhor.

Eu driblo a bola para o centro da quadra, virando minhas costas para ele para arremessá-la. Ela desce pela rede, e me viro para ele, com um sorriso arrogante no rosto.

— Sorte — ele diz, pegando a bola que lanço de volta para ele. — Você já jogou HORSE^[14]?

Um bufo de desdém é a minha única resposta.

— Está bem então. — Ele ri e joga a bola de volta para mim. — Damas primeiro.

Pelos próximos vinte minutos, ele acaba comigo, mas tanto, que no final estou acenando os braços à frente dele quando chega sua vez de arremessar. Qualquer coisa para ele não continuar fazendo cestas.

— Você não faz guarda no HORSE — ele me lembra com um sorriso torto que faz o meu coração trepidar no meu peito. — Não tem defesa.

— Não tem defesa, é? — eu pergunto. — Não é de admirar que você é tão bom nisso.

— Ahhh. — Ele enfia uma adaga imaginária no seu peito. — Ainda implicando comigo sobre minhas jogadas defensivas. Eu melhorei. Pelo menos reconheça isso.

— Há sempre coisas para melhorar. — Eu rio com a expressão no rosto dele. Ele foi o Novato do Ano. Seu ego pode aguentar um pouco de implicância.

Ele vai arremessar e eu seguro o seu braço, fazendo a bola voar loucamente pelo ginásio. Estou rindo, me sentindo mais livre do que me senti em meses, talvez desde antes de Sarai nascer, quando suas mãos aterrissam nos meus quadris e ele me puxa contra seu corpo.

Meu sorriso some. E o dele também. Suas palmas largas queimam através do fino material da minha calça. Meus pulmões parecem encolhidos porque minha respiração está curta, rápida; urgentes inspirações que roçam meus seios contra seu tórax largo. O ar ao nosso redor aquece e carameliza até ficar grosso, rico, doce e escuro – até eu quase poder sentir seu gosto.

— Estou usando esse gesso por um bom tempo — ele sussurra, subindo os dedos pelo meu pescoço e por entre meu cabelo. — Tem um lugar que coça tanto, mas é um lugar que nunca consigo alcançar direito.

Com o olhar, ele segue a linha que o seu dedão acaricia pelo meu

pescoço, e cada respiração que dou tem o sabor dele. O cheiro dele perto assim é inevitável, vai se infiltrando. Seu corpo, endurecido e tão maior que o meu, é tudo que posso ver. Ele se inclina para recostar a testa à minha.

— Você já teve uma coceira que não conseguia coçar? — ele pergunta. A questão paira sobre os meus lábios, e estremeço. Suas mãos me apertam, e nossas respirações colidem entre nossas bocas abertas.

Aceno negativamente com a cabeça, meus olhos pesados de desejo, e quero fechá-los, mas não consigo parar de olhar.

— Coça tanto, que começa a queimar. — Seus dedos se abrem sobre mim, suas mãos tão grandes que ele cobre o espaço sob os meus seios até os meus quadris.

— A coceira vira o centro de tudo — August continua. — Você não consegue focar em nada, exceto na forma como ela queima e você não consegue alcançá-la, não pode tocá-la.

Eu me apoio nele, lânguida e seduzida por suas palavras, pela quente intensidade desse momento.

— Você é a minha coceira, Iris — ele confessa. Sua respiração está ofegante, ele levanta o meu queixo, para que eu veja o desespero em seus olhos. — E se você não der um passo para trás nesse momento, terei que coçar.

Faça isso.

O desafio quica dentro da minha cabeça como uma bola que eu deveria estar perseguindo. Eu quero isso – quero que ele beije meus lábios com força, e suas mãos gentis e persuasivas em meu corpo, mas tenho muito a perder.

Sarai.

Minha vida.

Tudo.

E por mais viva que eu me sinta, pegando fogo pelo que seus olhos prometem, não posso arriscar tudo. Não posso arriscar nada.

Sem dizer mais nenhuma palavra, dou um passo para trás, o encarando por alguns segundos antes de virar e pegar a bola, quebrando a correnteza aquecida correndo entre nós.

Quando olho para ele outra vez, vejo-o massageando seu joelho. Culpa me esfaqueia. Se eu já não tivesse custado o bastante a ele, estou perto de prejudicá-lo ainda mais. Driblo de volta para o centro da quadra onde ele está, me observando sem sorrir. Jogo a bola para ele, que pega e segura com uma mão, colocando-a embaixo do braço.

— Eu deveria ir — digo, mas não vou para a saída do ginásio.

Ele chega mais perto, deixando alguns centímetros entre nós.

— Você provavelmente deveria — ele concorda, pegando o meu pulso entre seus dedos e me puxando para mais perto —, mas você não vai. Você ainda tem vinte minutos antes de ter que pegar a Sarai.

Não falo nada, mas fico quieta enquanto nos encaramos. Ele coloca o cabelo atrás da minha orelha, e isso me lembra a forma com que Caleb faz o mesmo gesto com a pistola. Estremeço com a memória da crueldade dele. Tremo com o prazer do toque de August.

— Então, como está a Lotus? — ele finalmente pergunta, tentando manter algum tipo de conversa segura. — Sua prima?

O encaro com surpresa.

— Você lembra de eu te contar sobre ela?

Seus olhos acariciam o meu rosto. Não tem outro jeito de descrever

isso, sério. É um olhar que beija minhas bochechas e faz meus lábios formigarem.

— Iris, eu me lembro de tudo sobre a noite em que nos conhecemos.

Eu tive que criar uma barreira em meu espírito contra a brutalidade do Caleb. Meu único ponto fraco tem sido Sarai. Reservei ternura somente para ela, mas August continua... me amaciando. Ele continua batendo em portas que quero manter trancadas. Suas palavras sacodem um chaveiro que persiste em me abrir.

— É. Foi uma ótima noite. — Pisco e desvio o olhar para o chão arranhado. — Era como se eu te conhecesse há anos.

Seu dedo sob o meu queixo levanta o meu rosto para me obrigar a encará-lo.

— Para mim também. — Ele sorri e abaixa a mão do meu rosto, levando embora o calor e o conforto. — Então, Lotus. Como ela está?

— Bem, não tenho realmente, humm... — Eu tropeço para falar da pessoa que sempre foi mais próxima de mim que qualquer outra. — Bom, nós não nos falamos há bastante tempo.

— Sério? — Ele franze a testa e estuda o meu rosto. — Estou surpreso. Você falou tanto sobre ela naquela noite. Deu a impressão de que eram inseparáveis.

— Nós éramos. — Eu limpo a garganta. — Nós somos, ou pelo menos tenho esperanças de que seremos novamente. Nós nos desentendemos. Discordamos sobre uma coisa. Você sabe como é.

Espero que meu gesto ao dar de ombros pareça despreocupado, mas me importo de tal forma que sinto o imenso buraco no meu coração, no exato

lugar onde Lotus pertence. Mal posso esperar até ser seguro o suficiente para trazê-la de volta para o meu espaço. Nesse momento, minha vida não é um lugar seguro.

— Nós vamos voltar — eu digo. — Essa não é a primeira vez que ficamos separadas.

— É, você disse que ela morou com a sua bisavó quando você se mudou para Atlanta, certo?

Mesmo ele tendo dito que se lembrava de tudo daquela noite, ainda estou surpresa.

— Sim, ela ficou com a MiMi.

Tomo a bola de suas mãos e arremesso, fazendo uma dancinha da vitória quando ela entra. Em seguida jogo de volta para ele.

— Agora quem está se exibindo? — ele pergunta com um sorriso.
— Então, sua MiMi... Como ela é?

— Bem, ela está na casa dos noventa anos — hesito, pensando no que falar, decidindo o que compartilhar e decidindo chocá-lo. — Ela era uma alta sacerdotisa Vudu.

Ele congela, a bola posada sobre sua cabeça para arremessar, e ele me olha sem acreditar.

— O quê? Você disse Vudu?

Eu rio da sua expressão incrédula.

— Não é nada como nos filmes. Elas eram as pessoas mais respeitadas na comunidade antigamente. Políticos e pessoas poderosas de todo o estado iam até elas para conselhos e orientação. — Dou um sorriso sarcástico. — Quando eu nasci, ela só fazia poções de cura e cerimônias de purificação, fazia *gris-gris*.

— O que é um gris-gris? Ou será que quero saber?

— É como um talismã para proteção. — Giro o anel de Caleb no meu dedo. — Ela deu anéis para mim e para Lotus anos atrás que eram para, supostamente, nos proteger.

Ele estuda o meu anel de noivado.

— E onde está o seu? — pergunta, suavemente.

— Perdido. — Engulo a emoção queimando a garganta, as lágrimas ameaçando cair por causa do repentino sentimento de perda que me domina. Eu perdi Lotus. Não falo com minha mãe há meses. Meu respeito próprio, minha dignidade, minha independência, todos roubados de mim antes que pudesse perceber que o Caleb era um ladrão. Se eu continuar em pé pensando em tudo que perdi, vou chorar, então mudo o assunto e espero que August o deixe de lado.

— O meu nome veio do bayou — digo com um pequeno sorriso. — Bem, a mamãe me disse isso uma vez. Vai saber se é verdade... Ela disse que a casa da MiMi é perto do bayou, não muito longe da água, e nas margens da água crescem essas flores chamadas de Íris da Louisiana, ou lírios.

— Ela te contou? — ele pergunta. — Você nunca viu por si mesma?

Franzo o cenho, sentindo a perda novamente, mas por algo que nunca tive.

— Nunca fui lá. Não que eu me lembre, pelo menos. — Faço uma careta. — Minha mãe me levou uma vez quando eu era um bebê para a MiMi poder me ver, mas foi só isso. MiMi nos visitou algumas vezes na cidade. Lotus a conhece bem melhor, já que ela morou com ela.

— Iris, Lotus... — ele diz com um sorriso. — Eu vejo um tema de flores. Vocês duas são parecidas?

Minha risada é autodepreciativa, zombando da minha própria fraqueza comparada com o destemor da Lotus.

— Quem dera... — Pego a bola e me posiono atrás da linha de três pontos. — Não sou nem um pouco forte como a Lotus.

— Você provavelmente é mais forte do que pensa. — Ele levanta uma sobancelha escura para a bola em minhas mãos. — Mas não forte o suficiente para fazer esses três pontos.

— Ah, é? Você pensa que é o único que pode fazer uma cesta de longa distância?

Eu me viro para a tabela e coloco toda a força e concentração que tenho na bola em minhas mãos e na sua trajetória para a cesta. Quando a lanço, fecho os olhos e não os abro até escutar o “chuá” da rede.

— Eu fiz a cesta? — pergunto com uma risada incrédula.

— Você nem olhou? É, você fez. Como você não olhou?

— Uhhuu!! — Eu levanto meus braços e me viro para ele. — Estou pronta para os profissionais?

O olhar que ele me dá alterna entre afeição e satisfação.

— Você pode fazer parte do meu time.

— Ah... — Dou um sorriso bobo, um tom próximo ao flerte. — E em qual posição eu jogaria no seu time?

Seu sorriso se desfaz no canto, e o olhar perde um pouco da graça.

— Na posição cinco — ele diz, suavemente.

A posição cinco? Ele é o armador, ou a posição um. O ala-armador é a dois. O ala é a três e a quatro é o líbero. A cinco é...

— Centro — ele diz, entrelaçando nossos dedos e brincando com uma mecha solta do meu cabelo. — Se você fosse minha, Iris, não haveria dúvida de qual posição ocuparia na minha vida. Você seria o centro. Eu jogaria com você na cinco.

Eu quero rir. Quero chorar. Quero cantar aleluia porque um homem como esse existe e eu o conheço. Um forte anseio desponta dentro de mim, e não sei ao certo quando poderei me entregar a ele. Anseio por deixá-lo me segurar. Para que eu possa segurá-lo, tê-lo. Apoio minha testa em seu peito e inspiro seu cheiro e sua intoxicante proximidade. Ele acaricia meu cabelo, e sinto seus lábios no topo da minha cabeça.

A porta se abrindo nos separa no susto. Sylvia está em pé na entrada do ginásio, olhando de um para o outro, antes de fixar o olhar em mim.

— Desculpa interromper — ela diz —, mas tem um homem procurando por você, Iris. De uma forma bem insistente, na verdade. Ele...

Ela para quando Ramone aparece ao seu lado, inflexível e intimidador como uma parede de tijolos. Pânico desliza rapidamente pelo meu corpo, tirando-me o ar, e o sangue lateja em meus ouvidos.

— Eu preciso ir. — Dou dois passos em direção à porta, mas a mão de August me segura gentilmente.

— Quem é esse cara? — exige saber.

Posso praticamente sentir o olhar fixo de Ramone na mão de August em contato com meu braço. Coletando informação para seu relatório para o Caleb, sem dúvida. Isso só está piorando as coisas. Que idiota eu fui, jogando com August aqui e esquecendo que vivo numa zona de guerra. Que estou lutando pela minha vida, e pela de Sarai.

— Ele é o meu motorista, August. — Afasto meu braço e ando rapidamente na direção da porta, sem olhar para trás.

Quando chego na porta, Ramone encara August por alguns segundos antes de me seguir pelo corredor. Acelero meus passos para pegar Sarai na creche.

Estou empurrando o carrinho para a saída quando August aparece. Confusão, desprazer e preocupação estão chumbados juntos em um olhar que queima buracos às minhas costas. Não troco nenhuma palavra com ele, passando ao seu lado com meu bebê e meu cão de guarda. Passo por ele com indiferença, como se não tivéssemos compartilhado a melhor tarde que tive em muito tempo – como se ele não tivesse passado pela muralha que construí em volta do meu coração para a minha própria segurança.

Eu nem me despeço.

[14] Tipo de jogo de basquete em que os participantes se revezam para fazer cestas de diferentes lugares da quadra.



CAPÍTULO 28

AUGUST

Não faz sentido. Ontem foi como reviver a primeira noite em que eu e a Iris nos conhecemos – rindo, brincando, desabafando. A atração às vezes rondando logo abaixo da camada de nossa conversa, outras vezes tremendo na superfície. E então o Cabeçudo apareceu, ela se fechou e saiu correndo do prédio sem dizer uma palavra.

E hoje? Continua sem palavras. Ela não olhou para mim. Não falou comigo ou tomou nota da minha existência.

De todo modo, eu não deveria nem estar aqui para o projeto de decoração do centro comunitário. Sylvia disse que eu não era necessário. Os estudantes estão pintando a sala de recreação, e Torrie, Sheila e Iris estão ajudando. Iris está pintando uma parede do outro lado da sala, usando um macacão jeans escuro e tênis. Seu cabelo está preso em um coque desarrumado, e o trabalho dá um fulgor no ângulo suave de suas bochechas. Ela parece uma menininha.

Ela se abaixa, esticando o jeans em sua bunda bem-delineada.

Talvez não uma menininha.

Eu sou um cara. Não dá para exigir que eu ignore o quão boa a bunda dela fica nesse macacão. Mas essa não é a coisa mais importante. Só temos mais dois dias restantes, e depois de passar esse tempo, ainda que pouco, ao lado dela, sei que as coisas não podem voltar a ser do jeito que eram. Nós dois perdendo o contato. Ela morando com Caleb, dormindo com ele. Ficar com ele não é mais uma opção, e preciso ouvi-la dizer isso, prometer isso. Preciso que ela explique qual é o problema, para que então eu possa resolver.

Qual é a dificuldade de ela deixá-lo? Quão complicado pode ser para me escolher ao invés dele? Para jogar essa porra de anel na cara dele e ir embora?

Ela disse que não estava com ele por causa do dinheiro. Ou não do jeito que penso, o que quer que essa porra signifique.

E eu acredito nisso. Posso não saber tudo sobre ela, mas ela não é interesseira.

Sei que ela o enxerga claramente. Ela mesma disse que ele havia feito uma jogada suja.

Ela diz que não vai se casar com ele, mas está usando seu anel.

Que porra está acontecendo?

Não vou embora hoje sem respostas. Não vou consegui-las se ela continuar me evitando, então me aproximo da parede que as três mulheres estão pintando.

— Iris, posso falar com você por um minuto? — digo, baixinho, para não chamarmos mais atenção do que já faço.

Ela pula como se uma bala tivesse passado pelo seu ouvido e não um sussurro. Um olhar rápido e arregalado é tudo que me dá antes de olhar novamente para a parede.

— Eu realmente estou tentando terminar essa parede — ela diz. — Eu... humm, talvez mais tarde.

Olho de soslaio para Torrie e Sheila. Elas deslizam seus rolos de pintura pela parede, mas estão nos observando.

— Serão apenas alguns minutos. — Eu cubro sua mão para interromper o movimento de pintura, e ela me olha com o cenho franzido. — Por favor.

Seus olhos vão de Sheila e Torrie para a Sylvia, no canto, antes de suspirar e colocar o rolo de pintura no pote aos seus pés. Sem falar nada, ela vai em direção à porta, sem checar se estou atrás dela. Claro que estou.

No corredor, ela se apoia na parede e cruza os braços, ainda sem olhar para mim.

— Sobre o que você precisa fal...

Suas palavras se perdem quando seguro sua mão e a puxo pelo corredor, virando logo à frente.

— O que você está fazendo? — Sua voz sobe um tom, e ela tenta se soltar. — Não posso fazer isso. Eu preciso voltar para lá.

Chegamos até uma despensa de materiais de limpeza. Por sorte a maçaneta vira fácil, e a porta se abre. Eu gentilmente a empurro para dentro e entro logo atrás, acendendo a luz. Apoio minhas costas na porta e cruzo os braços sobre o meu peito. Não sairemos daqui até eu ter algumas respostas. Não as respostas enigmáticas que ela tem me dado, mas as diretas que me dizem que porra está realmente acontecendo.

— Eu preciso voltar, August. — Ela tenta alcançar a maçaneta, mas mudo de posição para encobri-la. Seus olhos irritados grudam em mim. — Isso não é engraçado. Você tem que me deixar sair.

— Não, você tem que falar comigo. Você tem me evitado desde que aquele capanga apareceu ontem. — Seguro o braço dela, esticado em direção à maçaneta, e a puxo em minha direção. O sussurro de nossos corpos juntos, esse simples contato, mesmo entre nossas roupas, é um fósforo riscado em um ar cheio de gasolina. É uma queimadura doce, um fogo que se alastra rapidamente por todo o meu corpo, consumindo tudo pelo caminho — minhas dúvidas, meu bom senso e minha paciência.

— Você sente isso, Iris. — Inclino-me para sussurrar minhas palavras em seu ouvido, mexendo os finos fios de cabelo que escapam e se circulam em seu pescoço. — Por favor, me diga que você também sente isso. Me diga que não estou me enganando ao achar que seremos bons juntos.

Um suspiro umedece seus lábios carnudos. Cílios, grossos e escuros como a meia-noite, escondem seus olhos de mim. Derrota acentua a linha de seus ombros caídos.

— Você não está se enganando — ela admite, a voz trêmula.

— Eu sei que não. — Minha mão escorrega pelo braço dela, e sua pele se arrepia. Acaricio a palma com a ponta dos meus dedos, e ela respira fundo. Seus lábios tremem. Devagar, giro a aliança, retirando-a do seu dedo e colocando no bolso da frente do macacão.

— O que você está fazendo? — Ela ofega ao perguntar, suas pálpebras pesadas sobre a paixão anuviando seus olhos.

Emolduro seu rosto, traçando a linda estrutura de suas maçãs do rosto altas e esculpidas.

— Você não usará o anel dele na primeira vez em que te beijo.

Acaricio os lábios dela com o dedão até que sua boca se abre com um gemido de desejo. Eu me inclino, então nossas bocas estão somente a centímetros de distância, nossas respirações ofegantes se entrelaçando no espaço apertado. Meus dedos entrelaçam em seu cabelo, minha palma segura a base de seu crânio.

— Eu devia ter feito isso na noite em que nos conhecemos — sussurro em sua boca, minha cabeça rodando por respirar seu ar. — Deveria ter sido eu, Iris.

Seus olhos se fecham com força e uma lágrima escorre pela bochecha.

— Eu sei. — Ela morde o lábio e acena com a cabeça. — Deveria ter sido você.

Contorno o arco de sua boca com a minha língua e nós compartilhamos nosso primeiro gemido. Minha mão desliza sob o macacão acariciando suas costas por cima da camiseta de algodão justa. Traçando a curva do seu quadril, e descendo para tocar a parte inferior das suas costas, eu a pressiono contra mim. Ela deve sentir meu pau inchado contra ela. Não tenho como esconder isso. Eu a quero muito e por muito tempo.

Capturo seu lábio inferior entre o meu e sugo forte e com vontade. Deus, ela é tão doce. Meus sonhos, minhas fantasias, tudo que imaginei são cinzas perto da doçura de sua boca, as rígidas curvas arredondadas de seu corpo. Ela inclina a cabeça e retorna o favor, sugando meu lábio inferior.

— Porra, Iris. — Eu dobro meus joelhos, ambas as mãos descendo para sua bunda. — Não fui capaz de olhar para nenhum outro lugar o dia inteiro, somente para você.

Suas mãos mapeiam os músculos dos meus braços e peito, seus olhos fechados como se estivesse lendo o meu corpo em Braille. Ela se levanta na ponta dos pés, seus dedos entremeando no meu cabelo. Com meus braços embaixo de seu traseiro, eu a levando do chão, diminuindo a distância entre nossas alturas, e mordisco em volta de sua boca.

— Abre para mim — digo sobre seus lábios. Não vou tomar nada dela. Cada beijo, cada toque, tem que ser dado livremente para eu saber que ela está comigo e quer isso. Preciso saber que mesmo com a aliança de Caleb guardada em seu bolso, ela me quer.

Ela se inclina, sua boca aberta à espera e ansiosa, mas me seguro um pouco, diminuindo o ritmo, saboreando nosso primeiro beijo. Eu lambo gentilmente sua boca, passando a língua pelos seus dentes, sentindo a doce, lisa parede de sua mandíbula.

— August, ai, meu Deus. — Seus braços circulam meu pescoço e ela cruza as pernas em volta da minha cintura. — Porra, me beija.

Eu perco o controle. Cada gama de controle que foi necessária para eu ficar de fora e a observar com ele, evapora. Esse beijo está anos atrasado, e estou desesperado por ele. Tão desesperado que a viro contra a porta do cômodo e mergulho em sua boca, um homem à beira da morte em seu último suspiro. Minhas mãos passam pela massa sedosa do cabelo solto esparramado em seus ombros. Nossas línguas se enrolam e duelam, no calor molhado de nossas bocas. Estou sugando a língua dela e lambendo o céu de sua boca, meus dentes mordendo, meus lábios implorando.

— Ai, Deus. Ai, Deus... — ela sussurra sem parar, um mantra em seus lábios. — Não pare. August, não pare.

Passo meu nariz para cima e para baixo em seu pescoço, e então

meus lábios na sedosa pele. Com largas lambidas e gulosas sucções da minha boca, faço amor com o delicado tendão de sua garganta até ela tremer. Meus lábios vagueiam para a frágil área de sua clavícula. Eu me atrapalho com os botões de seu macacão. Cada botão que desfaço, me desfaz. A aba da frente cai, e seus mamilos despontam através da camiseta apertada, intumescidos. Dou um passo para trás, e suas pernas se soltam da minha cintura. Ela fica de pé e, tomando cuidado com minha perna, me ajoelho à sua frente. Minhas palmas se achatam em suas costas, a puxando para perto, a puxando para mim. Ela olha para mim, boca aberta, ofegando em antecipação. E sugo um mamilo apertado através de sua blusa, através de seu sutiã, nunca desviando meus olhos dos dela. A intimidade de nossos olhares conectados enquanto deslizo seu mamilo em minha língua é quase impossível de aguentar. Ela endurece meu pau, e penetra meus ossos, e prende meu coração.

Sua cabeça se inclina para trás, e seus dedos passam pelo meu cabelo em ritmo com minha boca em seu seio. Seus pequenos gemidos pontuam o ar que se torna sufocante com nossos beijos.

— Iris. — Meus dedos aguardam no último botão em seu quadril segurando o macacão no lugar. — Posso?

— August, você vai causar... — Ela não termina aquele pensamento, mas prende o lábio inferior entre os dentes e acena com a cabeça.

Quando o macacão escorrega para o chão, dou conta que só vi suas pernas uma vez, naquela saia curta na noite do campeonato da NCAA. Elas estão mais grossas agora, depois de ter a Sarai. Deus, eu amo isso. Suas pernas são longas, definidas e bem-delineadas, e seus quadris e bunda curvam dramaticamente da cintura mais fina de todas.

— Você é perfeita. — Empurro sua camiseta com o meu nariz, colocando a língua em seu umbigo e deixando beijos no cóis de sua calcinha.

Tem uma marca, quase como um borrão, em sua pele quase imaculada. Passo o dedo gentilmente e olho para ela.

— O que aconteceu aqui? — pergunto com um toque de preocupação que se reflete em meu cenho franzido.

— Nada. — Ela olha para o lado antes de olhar para mim, e devo ter imaginado o brilho fugaz do pânico, porque já está tranquila quando olha de novo para mim. — Eu só estava movendo umas coisas pesadas e me machuquei em uma delas. Foi há mais de uma semana, então já está sarando. Não é nada demais.

Eu acaricio a marca e coloco meus lábios ali, passando a língua de um lado para o outro no pedaço de pele sedosa em sua cintura. Deus, quantas noites imaginei qual era o seu gosto? Como seria sua pele sob os meus lábios? Agora sei que ela tem gosto de paraíso e parece seda.

— O que você está fazendo? — pergunta, sua respiração ficando ofegante.

Ergo meu olhar e vejo o dela entrecerrado, sombrio.

— Beijando para ficar bom.

Algo passa por sua expressão. Não consigo identificar, mas parece anseio. Como se o mesmo anseio que me estilhaça nesse momento também o faz com ela.

Seus dedos apertam meu couro cabeludo. Ela se abaixa para beijar minha cabeça, inclinando e passando os lábios pelos meus cílios, nariz e maçã do rosto.

— Estou cansada de resistir a você — ela sussurra.

— Então pare... — Enfio meu dedão na cintura de sua calcinha, puxando até que a curva de seus quadris e de sua bunda fiquem visíveis. — Não resista mais.

Deslizo sua calcinha pelas pernas. Ela fica embolada junto com o macacão em volta de seus tornozelos. Sua boceta é lisa, os lábios carnudos e molhados. E sinto o cheiro do quanto ela me quer. Estou bêbado nesse aroma, cambaleando com essa sensação, fascinado pela visão dela. Passo meu nariz pelo seu osso púbico e deslizo para baixo. Eu separo os lábios, a abro para revelar seu clitóris, brilhante e carnudo como uma cereja.

— Jesus, Iris.

Eu o coloco entre os meus lábios e sinto sua resposta como uma onda de choque percorrendo de seu centro para seus membros. Meus dedos a abrem mais, minha boca inteira aberta e cobrindo o máximo que consigo de sua boceta, e sou consumido pelo seu gosto e a textura de suas partes mais íntimas. Ela tira completamente o macacão e a calcinha, deixando somente a camiseta, e coloco suas pernas em meus ombros, a apoiando na parede para poder devorá-la, meu queixo, lábios, nariz molhados com o néctar escorrendo de seu corpo.

Com desespero, seguro seu traseiro e pressiono suas pernas o mais abertas possíveis em meu ombro. Minuciosamente, minha língua passa de cima a baixo, sem perder uma gota. Sugo os lábios, mordo o clitóris, e a como da mesma forma que um homem come sua primeira refeição. E o tempo todo, ela se esfrega na minha cara, seus quadris um dão o ritmo para o movimento do nosso desejo, suas mãos agarrando minha cabeça, seus grunhidos sincronizando com o movimento da minha cabeça no meio de suas pernas.

— August... — Meu nome se derrama de seus lábios em um sussurro. — Ai, Deus. Tão bom. Tão bom.

Suas pernas apertam em volta da minha cabeça e tremem em meus ombros. Olho para cima e a vejo enrijecendo o corpo, suas costas arqueando, a boca aberta em um grito silencioso, lágrimas escorrendo por seu rosto. Se nunca mais vir outra mulher gozar, está ótimo para mim. Se pudesse ver apenas essa aqui, no olho do furacão, no ápice de seu prazer, seria o suficiente. Deus, pelo resto da minha vida, seria suficiente. A expressão em seu rosto é impressionante, como se ela estivesse suspensa entre realidades, tivesse entrado em uma fantasia, afogando-se em prazer.

Ela está voltando, os movimentos frenéticos se tornando um preguiçoso oscilar de seus quadris. Seus olhos pesados, os membros relaxados, o sorriso satisfeito. Seus dedos passam pelos meus cachos bagunçados, e ela esfrega o dedo nos meus lábios com a possessividade casual de uma amante, mesmo que eu ainda não tenha estado dentro dela. Sexo é uma formalidade. Uma que quero muito, mas verdadeira intimidade nós já temos. Está brilhando no ar ao redor, e nunca me senti mais satisfeito.

Passos pesados circulam no corredor do lado de fora da porta, e uma voz grossa, raivosa, ressoa além do cômodo. Iris estremece com o som, uma perna descendo do meu ombro.

— O que foi... quem...? — Seus olhos cheios de pânico olham para mim. — Acho que ouvi o Caleb.

— Não, ele ainda está na China, certo?

Passo a mão pela curva de sua coxa. Até escutar o nome dele depois do que compartilhamos parece errado. Ela não pode voltar para ele. Ela precisa explicar todo o mistério e abandoná-lo. Sei que é alguma coisa

com a Sarai, mas nenhum juiz daria guarda total para ele. Ele é um babaca, mas acho que até ele tem o direito de ver a filha. Nós podemos cuidar desses detalhes depois, mas a Iris não pode mais ser parte do pacote.

— Iris, nós podemos conversar sobre o que acabou de acontecer?

— Eu preciso ir. — Ela fica de pé, correndo para colocar a calcinha e fechar o macacão. Ela rapidamente pega no anel do bolso da frente e coloca no dedo.

Ah, não.

— Espera. — Eu me levanto, fazendo uma careta ante a dor no meu joelho, e a seguro cuidadosamente pelos ombros. — Você vai voltar para ele? Você... você não pode.

— August... — Ela fecha os olhos e passa uma mão trêmula sobre o cabelo. — Eu preciso. Você não entende.

— Não, não entendo — digo, minha testa franzindo. — Explique para mim.

— Não posso. Não agora. — Ela olha para a porta e de volta para mim. — Acho que o ouvi, August. Eu preciso ir.

Raiva e frustração queimam caminhos idênticos de ácido na minha barriga.

— Que seja — falo com brusquidão. — Eu tenho certeza de que você está sendo paranoica, mas faça o que achar melhor.

Dou um passo para o lado e abro a porta. E do lado de fora no corredor, em pé ali como se tivesse subido direto do inferno, está o Caleb, seus olhos um azul assassino quando se movem de mim para a mulher que ambos queremos.



CAPÍTULO 29

IRIS

Se um olhar pudesse matar...

É como o ditado diz. O Caleb não precisa deixar apenas para o olhar. Já vi o que ele pode fazer com suas mãos. Conheço a dor de suas cintadas, seu sapato, ou o que esteja à sua disposição. Se estivéssemos sozinhos agora, acho que ele encontraria um modo de me matar com um cotonete.

Mas não estamos sozinhos. August está atrás de mim e Sarai na minha frente, piscando para mim, sonolenta, do ombro de seu pai.

— Que surpresa — Caleb diz, seus olhos frios. — Você não consegue ficar longe, consegue, West?

August não está encostando em mim, mas o próprio ar estremece. Esses dois homens se odeiam. Sou somente parte de seu ódio mútuo, mas sou a parte em pé no meio deles nesse momento.

— De volta tão cedo? — As palavras de August saem tranquilas,

mas tem uma armadilha por baixo delas, esperando que Caleb dê apenas um passo em falos. — É uma pena.

— Quando o gato sai, né? — Um sorriso distorce a firme linha da boca de Caleb por somente um segundo, mas logo está de volta a uma linha rígida. — Iris, vamos.

Ele não espera para ver se estou seguindo quando se vira e vai embora com a minha menininha. Ele sabe que irei. Ela olha para mim por sobre o ombro dele. Sua boca rosa como um algodão-doce treme, e seus braços gordinhos se esticam em minha direção. Ela deve ter acabado de acordar de um cochilo. Ela sempre me quer em seguida.

Quase os alcancei quando sou puxada pelo braço.

— Iris. — August me encara, sua expressão firme e confusa. — Não vá com ele.

Eu me solto de sua pegada gentil. É a última coisa gentil que terei por um tempo, mas não posso demorar. Caleb está com a minha filha, e terei sorte se o serviço social não receber outra ligação anônima depois dessa confusão. Serei sortuda se ele já não tiver preparado mais nenhuma armadilha para mim. Eu preciso passar à frente dele, mas fiquei para trás. Ao me render aos meus fracos desejos hoje, fiquei para trás novamente.

— Não estou indo com ele. — Eu imploro com os meus olhos, com a minha mão espalmada em seu peito, com meu coração – imploro para ele entender. Imploro com tudo menos com minhas palavras. — Estou indo com ela. Sarai é a minha prioridade, August. Ela precisa ser.

— Claro, Sarai deve ser sua prioridade — August diz. — Mas eu... você disse que eu não estava me enganando. Que não estava imaginando... — Ele faz uma careta e passa seus longos dedos pelo cabelo – cabelo que agarrei

e descabelei momentos atrás durante o meu orgasmo. Faz tanto tempo desde a última vez que gozei. Tanto tempo desde que o Caleb se dedicou em me dar prazer, em cuidar de mim. August me fez me sentir desejada, mas não do jeito que Caleb me deseja. Não contaminado com egoísmo. Não deturpado com crueldade ou manchado com obsessão. Ele me deu algo breve e glorioso, mas não sei se terei isso novamente. Se eu sair por aquela porta, talvez nunca mais tenha isso.

— Você não está se enganando — eu digo. — Não é que não seríamos bons juntos, nosso *timing* é ruim.

Seguro a mão de August entre as minhas, desejando poder confessar tudo.

O que eu diria?

Caleb me chantageou? Mentiui para mim?

Ele me espanca? Me estupra?

Ele me mantém refém na frente de todos?

August não entenderia. Ele me diria para fugir. Ele diria para ir embora, mas isso não é o bastante. Enquanto Caleb tiver algum direito sobre Sarai, ir embora não é ser realmente livre.

Dou uma olhada por cima do meu ombro, mas não consigo ver o Caleb.

Eu fico na ponta dos pés e dou um beijo na bochecha de August. Ele tenta segurar a minha cintura, mas dou um passo para trás, já sofrendo por um toque que eu nunca devia ter me permitido. Só torna isso tudo mais difícil.

— Eu preciso ir. — Lágrimas queimam os meus olhos. — Adeus, August.

Eu me viro e saio correndo do centro comunitário, rezando para o Caleb não ter ido embora. Vejo Ramone na mesma hora, em pé na calçada, o carcereiro para minha prisão, seus olhos insolentes. Eu passo por ele com minha cabeça erguida e me sento no banco de trás.

Não sei o que eu esperava – provavelmente um tapa na cara assim que me sentei ao lado dele –, mas só encontro um estranho silêncio. Ele persiste, os minutos sendo esticados em um aparelho de tortura enquanto deixamos a cidade e vamos em direção à minha prisão suntuosa. Sarai cochila novamente em sua cadeirinha.

— Caleb, eu posso explicar — arrisco suavemente.

O olhar que ele me dá é uma guilhotina, caindo e cortando através de qualquer desculpa que eu pudesse oferecer, qualquer mentira. Ele sabe a verdade, e não há como evitar pagar por isso. Querer August West é um alto crime para Caleb. É traição.

Cortem-me a cabeça.

Quando paramos na frente de casa, solto o cinto da Sarai e rapidamente sigo com ela direto para o berçário. Eu a deito no berço e fico por ali. Minha mente gira por várias opções de escape, mas como sempre, não existe nenhuma. Nenhuma que na verdade resolva o meu problema.

— Me encontre no quarto, Iris — ele diz da porta. — Pare de enrolar. Nós precisamos conversar.

Conversar.

Sei bem como é.

Dentro do quarto, meus olhos passam por todos os cantos e superfícies procurando por uma arma. Já resisti antes. Geralmente isso é pior para mim, mas hoje não posso pensar em simplesmente aguentar. É

geralmente quando ele traz a pistola, contra o que não tenho defesa.

— Tire a roupa.

Essa frase é o tapa que eu estava antecipando. Hesito, em dúvida do que fazer. Ele suspira, impaciente, e tira a pistola do bolso, a segurando.

— Por que sempre temos que chegar a isso, Iris?

— Não me peça para fingir que isso é normal — digo, bruscamente. — Você me estuprando sob a mira de uma arma não é normal, e não vou fingir que é.

— Aposto que o West não precisaria de uma arma, precisaria? — Ele cerra os olhos. — Eu disse para tirar a roupa, sua vagabunda de segunda-classe.

Ele tenta me diminuir com suas palavras, mas não sinto mais nada. Suas palavras são um cão que só ladra e não morde. Elas não têm dentes comigo.

Mas quem precisa de dentes quando você tem presas?

Com movimentos tranquilos, ele desafivela o cinto.

Olhos fixos na pistola, abro meu macacão, o derrubando no chão e tirando a camiseta sobre a cabeça. Abro o sutiã e tiro a calcinha.

— Traga para mim.

Eu congelo, olhando para ele sem acreditar.

— Eu disse para me trazer a calcinha, Iris. — Há uma agulha que costura suas palavras com uma falsa tranquilidade.

Ando até ele, que pega a peça da minha mão e a aperta em um punho.

— Molhada — ele rosna.

Ai, meu Deus.

— Sua calcinha está encharcada. — Ele coloca um sorriso cruel em seu rosto. — Você estava pensando em mim?

Eu sacudo a cabeça, uma negação saindo de meus lábios.

— Eu não... eu não...

— Vadia! — ele grita, cuspe voando de sua boca. — Não minta para mim.

As paredes parecem tremer, e eu também. O ar vai a temperaturas negativas, congelando o meu sangue. Sua fúria emerge, completamente formada e perigosa. Ao invés de me jogar na cama e me tomar rápido e bruto como ele geralmente faria, ele se senta na beira, uma mão segurando a calcinha, e a outra, a pistola.

— Vem aqui — diz mais sossegado, mas não menos ameaçador.

Eu fico em pé na frente dele, nua e determinada a não demonstrar medo. Um calo se formou sobre a minha dignidade e meu respeito próprio. Eu mal os sinto mais. Eles são casualidades da minha sobrevivência e do meu eventual escape.

— Faça-me acreditar que você me quer, Iris. Me monte.

Meus olhos voam para os seus, incrédulos e estupefatos. Não posso. Nem me lembro como é querer o Caleb.

— Eu... bem, eu...

— Me beije — ele diz, suavemente, quase persuasivo. Como se ele se importasse, mas já joguei esse jogo o suficiente para saber que sua gentileza é sempre um truque.

Engulo meu desgosto e coloco timidamente minha boca sobre a dele. Quase vomito quando sua língua desliza contra a minha, rude e áspera como se ele estivesse tentando apagar o gosto de August da minha boca. É

uma cópia nojenta da paixão perfeita que senti nem uma hora atrás. Sua mão agarra minha garganta, mal apertando, mas fazendo pressão o suficiente para me lembrar que ele pode esmagar minha traqueia caso queira.

— Eu disse para me montar.

Cada comando é mais confuso que o anterior. Ele me puxa pelo pescoço para o seu colo, abrindo minhas coxas sobre as suas. Ele não espera eu me posicionar, mas me puxa para baixo em seu pau. Perco o fôlego quando ele me penetra. Ele aperta dolorosamente meu quadril, me forçando num ritmo que não consigo encontrar. E me puxa contra seu corpo, apertando meus seios contra seu peito e enfiando a pistola no meu flanco.

— Você ainda está molhada. Você gozou para ele, não foi? — ele rosna. — Quando foi a última vez que você ficou molhada desse jeito para mim?

Medo atravessa meu corpo. Essa pode ser a noite que ele vai me matar. Ele segura meu pescoço, dedos apertando até eu não ter mais ar.

Agarro em desespero a restrição em meu pescoço. Pontos pretos aparecem em minha visão, e algodão preenche a minha cabeça. Quando penso que vou desmaiar, ele solta a minha garganta.

— Ele tocou você aqui? — Fúria deforma sua voz ao ponto de estalar. — Na sua boceta, Iris? *Minha* boceta?

— Pare. — Eu sufoco na palavra e na náusea subindo pela garganta quanto mais ele me preenche. — Por favor, pare.

— Eu vou parar. — Ele me levanta do seu colo e me joga na cama atrás dele. — Você pediu por isso.

Alívio me inunda, meu corpo liberando o medo que manteve meus músculos contraídos. Tudo o que quero é um banho. Tenho certeza de que

haverá consequências quando eu menos esperar, mas talvez não hoje à noite.

Assim que o pensamento se formou, Caleb se levanta sobre mim e me vira de barriga para baixo. Uma ferroadada de mau presságio agita minha consciência.

— Caleb, o que você...

— Você acha que vou pegar a rebarba do West? — ele rosna.

— Você não vai — eu digo, desesperada, e tentando me soltar dele.

— Nós não fizemos nada, Caleb.

— Então sou um idiota agora? — Uma gargalhada, sem humor, chicoteia o ar. — Pois eu vou onde ele não foi.

Não posso me submeter a isso. Consigo me soltar e saio da cama, correndo em direção ao banheiro, mas não sou páreo para os braços e pernas longas de Caleb, para a velocidade de seu corpo atlético. Ele chega na porta antes de mim, bloqueando a minha passagem, rindo na minha cara. Eu me viro para fugir na outra direção.

Seu braço engancha ao redor da minha cintura e me levanta do chão, me jogando de volta na cama. Seu agarre é quase biônico quando me coloca de quatro; lanço minhas costas contra seu peito, tentando deslocar seu peso. Meus braços se agitam loucamente. Arranho suas coxas e sinto a pele enrolar sob minhas unhas. Tento acertar qualquer parte dele que eu possa alcançar, até que o frio aço daquela pistola na base no meu crânio petrifica minha luta.

— Como você teve coragem de deixá-lo tocar o que é meu? — ele rosna atrás de mim, puxando o meu cabelo dolorosamente.

Lágrimas saem dos meus olhos e escorrem pelas minhas bochechas. Sua larga mão bate entre os meus ombros e ele segura meu

quadril, se alinhando com a minha bunda.

— Por favor, não — imploro, sem vergonha, apertando o lençol. — Deus, Caleb, não faça isso.

Não é como nos filmes onde a mulher luta por alguns minutos, e você continua pensando que ela terá uma chance de escapar, imaculada. Que alguém intervém em tempo de salvá-la.

Não, não é desse jeito para mim.

Com uma estocada brutal, Caleb invade um lugar onde ninguém nunca esteve. Ele insinuou isso, me ameaçou, mas nunca me tomou desse jeito.

Não tem lubrificação. Não tem preparação. Não tem aviso.

Só uma seca agonia.

A dor rouba meu fôlego. Arranca minhas palavras. Não consigo nem gritar por um momento. É aquela dor vertiginosa que te amordaça, te silencia completamente. Cada parte de você está focada em sobreviver àquela lesão, e você não pode gastar energia nem para falar algo.

Eu sinto tecidos rasgando quando ele mete em mim repetidamente, uma arma afiada usada sem piedade. Lágrimas rolam sem parar em minha boca. Minhas palavras se dissolvem em uma ladainha suplicante, sílabas patéticas que esparramam de mim enquanto ele grunhe e geme e mete, uma máquina incansável. Nem sei por quanto tempo ele continua. Sinto algo molhado entre as minhas pernas e sei que é sangue. Meus cotovelos escorregam sob mim, meu peito caindo na cama.

— Porra, fica parada — ele diz. — Não está tudo dentro.

Ah, Deus. Não pode ter mais, mas ele empurra mais para dentro, e eu raspo o fundo da minha alma pelo grito que solto no quarto. Eu rezo pelo

entorpecimento, mas sinto cada movimento, como um atizador queimando, e me devastando.

— Por favor, pare. Por favor... Por favor... — eu suplico, minha voz rouca, meu coração acelerado, meu corpo destruído.

Mas o Caleb está perdido em um paroxismo de prazer doentio, gozando forte e alto dentro da minha entrada machucada e estirada.

Assim que ejacula, ele dá um tapa quase afetuoso em minha bunda e sai. O alívio é imediato, mas a dor continua. Ele se joga na cama ao meu lado, soltando uma longa respiração.

Eu fico completamente imóvel, uma mulher mutilada e com medo do seu predador voltar. Finjo-me de morta, exceto que não tenho certeza de estar apenas fingindo. Alguma parte de mim se recolheu — está encolhida em um túmulo implorando pela morte. Recebendo o fim de braços abertos.

Caleb passa o dedo pela marca que August acariciou.

— Você sempre faz coisas estúpidas que me obrigam a te machucar — ele diz. — Por que faz isso quando te amo mais do que tudo, Iris? — Ele parece genuinamente perplexo e sinceramente irritado.

Estou lidando com um homem louco.

Viro a cabeça devagar até meus olhos aterrissarem em seu belo rosto.

— Vá se foder, Caleb.

Sua expressão congela, olhos se estreitam, e lábios apertam.

— Sua vaca estúpida. Você é uma masoquista, não é?

Fui cuidadosa todos esses meses. Planejando. Procurando pelo momento certo, só pelo momento certo. Mas o cuidado se foi, e talvez provocá-lo me traga mais ferimentos, mas procuro uma forma de machucá-lo

também. Depois do que ele acabou de fazer, quero machucá-lo de volta.

Com cuidado me refugio na cabeceira da cama, estremecendo com o desconforto entre as pernas e a dor de sua invasão. Eu, friamente, noto a mancha de sangue no lençol. Sei que é meu, mas não sinto medo, nenhum vínculo com isso.

— Eu nunca respondi a sua pergunta — eu digo, calmamente.

— Que pergunta? — Ele franze as sobrancelhas, meio perplexo.

— Você sabe... — De propósito olho para ele e sorrio. — Você perguntou se gozei para ele.

Um tornado desce em seu rosto, suas sobrancelhas. Relâmpagos acendem em seus olhos tempestuosos.

— Eu gozei. — Minha voz é suave, mas meus olhos encontram os dele, sem pestanejar. — Foi o melhor orgasmo da minha vida, Caleb. Em uma despensa com August West. O que você vai fazer? Quebrar a outra perna dele? Quebrar a minha perna? Continuar quebrando tudo à sua volta como um garotinho mimado quebrando seus brinquedos?

Ele se joga na minha direção, dentes de fora, punho pronto para atacar. Mas estou pronta também. Agarro a luminária da mesa do criado-mudo, puxando para soltar o fio da parede.

Eu a esmago contra a cabeça dele. Dor e choque passam sobre o seu rosto, rapidamente seguidos por fúria. Ele toca o fio de sangue descendo da raiz do seu cabelo, estupidamente esfregando o líquido entre os dedos. Sei como é o choque ao ver seu sangue escorrer por uma pancada inesperada.

— Você tem um desejo de morrer — ele berra, tentando me pegar. Eu corro, manco para a porta o mais rápido que a minha dor permite. Consigo abri-la, sem ligar para o fato de estar nua. Eu preciso correr. Depois de todas

essas semanas esperando e observando, escolhi a pior hora para contra-atacar. A pior hora para fugir. Quando não há rota de escape. Sem plano.

Sem chance.

Um chute acerta minhas costas, o movimento me mandando para a frente, escorregando através do chão de mármore, escoriando a pele da minha barriga. Eu me apoio nos cotovelos, tenho me levantar, mas sua bota conecta com as minhas costelas, drenando todo o ar do meu corpo. Dobrada ao meio, fico chocada quando uma gargalhada maníaca sai de minha barriga. Eu me viro de costas, encontrando sua fúria de frente com um sorriso alucinado.

— Agora o quê? A pistola? — eu provoco. — Essa é a única maneira que você consegue me manter sob controle, certo? O grande cara com a arma? Seu patético covarde.

— Uma arma? — Seu próprio sorriso demente racha a polida superfície de seu rosto, e nós somos dois loucos em um duelo mortal. — Eu posso te matar com as minhas mãos.

Com sangue espalhado em minhas coxas, hematomas florescendo em minhas costelas como violetas Africanas, e uma nova rebeldia fervendo em meu sangue, eu olho para cima através da cortina do meu cabelo emaranhado e digo as palavras mais impulsivas da minha vida.

— Então lute comigo como um homem.

E ele luta.

Eu estava lá quando o dique rompeu.

Apesar de estar a salvo no meu distrito quando aquela monstruosidade perdeu o controle e desencadeou a enchente caótica em Nova Orleans, eu vivia na cidade.

Somente depois vi a devastação deixada no rastro da feroz

tempestade. Nós juntamos nossas coisas freneticamente, abandonamos nossa casa por um lugar mais alto. Minha família foi embora para sobreviver.

Alguns ficaram por tempo demais. Permaneceram quando deviam ter ido embora.

Eles não viveram para se arrepender.

Nessa enxurrada, nesse caos de crueldade, percebo que cometi o mesmo erro. Fiquei quando deveria ter ido embora. Agora, sou testemunha do exato momento em que esse monstro perde toda a contenção. Sua fúria, sua ira, me inundam como uma parede de água. Como um vendaval, ele explode em cima de mim, e sou a devastação deixada em seu rastro. Seu punho e sua mão aberta são incansáveis bigornas que marcam minha pele e quebram meus ossos. Sua fúria é rápida e eficiente, uma fascinante brutalidade de tapas e socos perfeitamente alinhados e espaçados.

A mente é um mestre estrategista, sabendo instintivamente quando avançar e quando recuar. Minha mente é um refúgio quando a dor é insuportável. Sem um escape à vista, procuro a única liberdade que me resta – meus pensamentos, meus sonhos e minhas memórias. Eu me lembro uma noite mágica sob as estrelas, sob uma luminária de rua na véspera de grandes feitos. Uma noite cheia de risos e confidências, gerando promessas. E eu o vejo tão claramente, meu príncipe, pedindo um beijo.

Às vezes, nós ficamos de pé na conjuntura onde nosso caminho, nossa própria vida pode mudar. Uma bifurcação na estrada. Às vezes o coração fala em sussurros, e quando nós ouvimos, quando escutamos, já é tarde demais e não sabemos. Não sabemos que devíamos ter virado à direita ao invés de à esquerda. Escolhido um ao invés do outro. Mas agora, no retiro da minha mente, eu sei.

E eu o beijo.

Em meus sonhos eu o escolho, meu príncipe, ao invés da fraude. Nesse universo paralelo, nessa conjuntura de segunda-chance, eu me viro para o lado certo ao invés de escolher o errado... e lá, somente lá, nós estamos juntos.

Mas esse não é meu universo, não é o que escolhi. Então o mundo fica preto, numa galáxia de dor e brutalidade, e vejo estrelas. Um clarão de esplendor. Uma luz que eu devia ter visto há tempos.

No que as estrelas enfraquecem e a escuridão invade, entendo que sou como aqueles no meu distrito que ficaram tempo demais, antevendo sua sobrevivência. Eu temo que, como eles, eu não viverei para me arrepender.



CAPÍTULO 30

IRIS

Luz entra por uma pálpebra entreaberta. Com a minha consciência não vem somente a luz, mas dor. É universal, em todo lugar, parecendo não deixar nenhuma parte intocada do meu corpo. Até minhas unhas doem, mas tenho que superar isso. Caleb nunca machucou a Sarai, mas também nunca tinha me machucado desse jeito.

Eu preciso me levantar.

— Ramone, você fez bem. — A voz do Caleb vem do corredor. — Você mostrou verdadeira lealdade ao me alertar tão rápido sobre o West.

Com o som de sua voz do lado de fora da porta, meus músculos espancados tensionam involuntariamente, treinados para esperar uma pancada.

— Obrigado, senhor — Ramone responde estoicamente, sua voz baixa e rouca.

— Você vai ver que um bônus já foi transferido para a sua conta —

Caleb diz. — Tenho um voo para pegar. Sair cedo da China tirou as coisas do rumo. Meu agente precisa de mim em Nova York hoje à noite. Mas estarei de volta amanhã.

Fúria filtra pelos meus poros. Estranhamente, não medo. Cansei de ter medo. E cansei de esperar.

As estrelas e a lua se alinharam. As circunstâncias são propícias e hoje, irei atacar.

A porta se abre, e eu relaxo, fecho os olhos, e me finjo de morta uma última vez para o caçador.

Eu reconheceria os passos do Caleb em qualquer lugar. O som de sua aproximação me aterrorizou várias vezes. Seus passos são pesados e deliberados. Ele quer que você saiba que ele está chegando, mas para se sentir impotente. Seus passos dizem você pode correr, mas não pode se esconder.

Eu vou sempre te pegar.

Seu perfume caro flutua sobre o meu rosto. Mesmo com os olhos fechados, sei que ele está em pé sobre mim, analisando o valor de seu prêmio.

— Por que você fez isso? — ele pergunta, a voz torturada. — Por que o deixou tocá-la? Por que me fez machucá-la?

A área áspera da dobra do seu dedo tira o cabelo do meu rosto, passando por uma área dolorida. Suprimo a necessidade de me retrair, ainda fingindo estar dormindo.

— Andrew estará aqui logo... — Caleb pausa em seu monólogo para limpar a garganta. Pela primeira vez, fico pensando se ele sente alguma culpa, de verdade, quando me machuca. Se na casca onde o coração desse psicopata costumava ficar, ocasionalmente existe um reflexo de Lázaro – um

batimento involuntário de seu coração.

— Andrew vai estar aqui para cuidar de você — ele termina. — Estarei de volta amanhã à noite, amor. Sei que você estará com raiva, mas nós vamos superar isso. Nós passamos por tantas coisas juntos. — Sua risada alfineta minha pele com agulhas de porco-espinho. — Talvez você já tenha uma boa notícia quando eu voltar. Continuo esperando por um outro bebê.

Minha ânsia de vômito quase me entrega. O pensamento de sua semente plantada em mim novamente embrulha o meu estômago, e o pensamento de sua filha no quarto ao lado é a única coisa que me faz segurar. O beijo que ele dá na minha testa rasteja pela minha pele.

O melhor som de todos é o dos passos dele se afastando. Meu alívio, o som de seu carro indo embora.

Geralmente horas se passam até que eu consiga me mover depois de um espancamento brutal desse, mas não tenho horas. Tenho apenas o agora. Esse espancamento, junto com a viagem do Caleb, é a oportunidade perfeita. Levei surras antes, mas não tinha com quem contar por ajuda. Mas hoje, vou pedir por isso. Ignorando a dor nas costelas a cada respiração, forço-me a sentar, rolar para fora da cama, me enrolando no lençol.

Os destroços de nossa luta estão pelo chão. Uma luminária quebrada e o vidro de um porta-retratos. Uma rachadura na parede tem o formato da minha derrota – o formato do meu corpo arremessado contra o gesso.

Eu revidei.

Foi o pior espancamento que tive nas mãos do Caleb, mas rezo para ter sido o último.

Sigo cautelosamente em direção à bolsa de Sarai no canto do

quarto. Procuro nos bolsos menores, quase chorando de alívio quando encontro meu telefone, no mesmo lugar onde o guardei ontem. Passos se aproximam no corredor. Agarro a bolsa contra o meu peito quando a porta se abre.

Andrew e eu nos entreolhamos. Ante o horror em sua expressão, só posso imaginar como estou.

— Deus, Iris. — Pena esmorece seus olhos. — Eu sinto muito. Vamos cuidar de você.

— Não — digo a palavra com força.

— O que você quer dizer com não? — Ele passa a maleta médica de uma mão para a outra. — Nós precisamos fazer seus curativos.

— Fazer meus curativos? — Desprezo satura o ar entre nós. — É isso que acha que quero? Você me remendando para ele poder me espancar novamente? Até que um dia ele me mate? Porque é isso o que vai acontecer, Andrew. Se eu ficar, ele vai me matar. Ele quase me matou ontem à noite.

Seu olhar passa pelo meu rosto, meus traços espancados testemunhando a meu favor. Dizendo a ele que estou certa.

Vou até ele, dor marcando meus passos. Agarro a bolsa de Sarai com uma mão e o lençol com a outra. Quando paro bem de frente a ele, fica nítido que não lhe passa despercido a topografia do meu rosto ferido, golpeado, inchado. Só então, eu digo:

— Eu preciso da sua ajuda.

Sua expressão se fecha tal qual uma porta, exatamente como das outras vezes que implorei por ajuda.

— Eu não posso. — Ele sacode a cabeça e desvia o olhar. — Você sabe que não posso.

— Só preciso de cooperação, não do seu auxílio — digo, desesperada. — Só não me impeça. Não grite quando eu sair correndo. — hesito, deixando meu simples pedido penetrar antes do mais importante: — Não cuide de mim.

Ele olha para cima abruptamente, olhos entrecerrados e inquisitivos.

— Você tem amigos que podem me examinar, não é? — pergunto.

— Não, Iris. Não tenho.

— Um médico que possa documentar isso e todas as coisas que foram feitas comigo. Preciso de Raio-X, e testes, e... — Engulo a humilhação, vergonha, culpa, e todas as coisas artificiais que me detiveram em pedir ajuda no passado. — Um kit de estupro.

Ele fecha os olhos com força e aperta a ponte do nariz.

— Eu talvez conheça alguém — ele finalmente admite —, mas não posso tirar você daqui. Ramone está no andar de baixo de guarda, como sempre. E não duvido que ele atire às suas costas se você tentar fugir.

— Eu tenho um plano. — Pegó o meu telefone da bolsa de fraldas. — Deixe que eu me preocupe com o Ramone.

— Você sabe que o Caleb monitora esse telefone — Andrew diz, rapidamente. — Ele interceptará qualquer mensagem que você enviar.

— Eu sei. — Digito uma palavra e pressiono enviar. — Se ele se der ao trabalho de olhar, essa mensagem não vai fazer sentido para ele.

Encaro a tela do celular com a palavra escrita em letras maiúsculas, torcendo para que seja o pedido de socorro suficiente para trazer a minha cavalaria.

AMARELINHA.



CAPÍTULO 31

IRIS

Um tumulto se faz ouvir no andar inferior algumas horas depois, e é o som mais abençoado que já escutei. A proverbial música para os meus ouvidos.

— Saia do meu caminho ou vou chamar a polícia e todos os canais de notícias que eu puder. Você quer confusão na sua porta da frente? Porque posso causar uma confusão do caralho bem aqui.

— Essa é uma propriedade privada — a voz grossa de Ramone ressoa até mim.

— É, e a minha prima vive nessa propriedade privada — Lotus retruca. Se eu não a vir nos próximos trinta segundos, seja lá que merda está acontecendo aqui vai parar nos maiores telejornais de hoje à noite. Me provoque para ver...

Não dou a ele a chance de colocá-la à prova. Esse tipo de exposição atrapalharia todo o meu esquema. Abro a porta do quarto e dou um passo no

patamar da escada. Dois pares de olhos se levantam e aterrissam sobre mim com Sarai no meu quadril.

— Ai, meu Deus, Iris. — Ultraje, incredulidade e fúria duelam na voz de Lotus e em sua fisionomia.

Agora já me olhei no espelho e sei o que ela vê. Não sou mais aquela Iris, e sim uma mulher espancada de olhos roxos. Meu rosto é uma tela de pintura abstrata com olhos distorcidos e discrepantes, um maior que o outro. Eu salpicada com loucas pinceladas de preto e magenta e escarlata. Meus lábios estão rachados e o triplo do tamanho. Um hematoma multicolorido floresce na minha testa e se esconde além da linha do meu cabelo. Minhas outras partes não estão muito melhores. Meu corpo é um mosaico de violência.

E é toda a evidência que preciso.

— Lotus... — Seu nome sai de mim como um fôlego preso. Ainda tem muito pela frente, mas meu plano precisa ser perfeitamente executado até o último detalhe para eu realmente escapar, não somente por hoje, mas de vez.

Olho para o Ramone em pé ao lado dela. Pânico arregala os olhos dele, que imediatamente começa a discar.

— Liga para ele, por favor — eu digo, começando a descer os degraus, segurando Sarai perto de mim e carregando uma pequena bolsa com apenas nossos itens essenciais. — Diz para ele que fui embora.

— Você não está indo a lugar nenhum — ele diz, bruscamente, com as sobrancelhas franzidas.

— Tente nos impedir.— Lotus sobe os últimos degraus e me encontra no meio do caminho. Ela pega a Sarai e enfia a cabeça nos cachos

com cheirinho de bebê por um segundo, antes de segurar minha mão. Com nossos dedos interligados, assim como, novamente, nossos corações, descemos correndo as escadas rumo ao vestíbulo.

Quando chegamos na porta, Ramone tenta agarrar o meu braço, mas me obrigo a permanecer firme.

— Tire suas mãos de mim. — Eu o encaro sem hesitar. — Ou ligaremos para a polícia agora, e vou contar tudo para eles. Acha que você é o único que pode mentir para as autoridades? Vou dizer que você também me espancou e estuprou. Quer ser acusado junto com o Caleb? Sua lealdade realmente vai tão longe?

Sua mão me larga, e ele engole em seco.

Lotus e eu abrimos a porta e saímos. Um Volkswagen Beetle está parado de qualquer jeito na frente na casa.

— Você está de carro novo? — pergunto. Essa questão banal é tudo que consigo lidar por agora. Vamos falar das coisas simples que perdemos, não sobre o purgatório onde eu estava presa.

— Não, eu nem tenho um carro. Peguei emprestado de um amigo assim que recebi a sua mensagem. — Lágrimas enchem os olhos de Lotus e ela funga, limpando o nariz enquanto entra no carro. — Que porra é essa, Bo? Como isso... aconteceu? O que está acontecendo?

Ignoro suas perguntas, sentindo o coração bater forte na cavidade do meu peito, com a promessa da minha fuga tão próxima. Sento-me no banco de trás, porque não tenho uma cadeirinha para Sarai. Estou deixando para trás junto com todas as outras coisas que Caleb comprou. Uma pequena parte de nossas posses estão na bolsa de mão, junto com um pouco de dinheiro que Andrew me deu e o pouco que fui capaz de esconder e juntar

aos poucos. Coloco o cinto de segurança sobre nós duas e passo alguns segundos me odiando por não ter confiado em Lo bem antes – por deixar minha vergonha e ressentimento e nosso ridículo desentendimento se interpor entre nós. Eu me odeio por não arriscar e pedir ajuda. Deixei que as pequenas coisas ficassem entre a gente, e entre mim e a liberdade por tempo demais.

Vou compensar por isso agora. Vou abrir as cortinas e mostrar minhas cicatrizes a ela.

— Só dirija, Lo, e eu vou te contar tudo.



CAPÍTULO 32

IRIS

— O que será necessário para isso desaparecer? — o pai do Caleb pergunta, fechando a pasta na mesa da sala de conferências à sua frente.

Caleb se remexe em sua cadeira, o músculo em sua mandíbula tremendo, bem como a raiva mal contida exalando dos músculos tensos de seu corpo. Olho para ele até que ergue a cabeça e me encara, sem piscar, inflexível e sem demonstrar remorso algum.

— Isso não desaparece — respondo, sem afastar o olhar do rosto de Caleb. — Nunca.

— Então o que estamos fazendo aqui? — Caleb se levanta de repente, a cadeira arrastando no chão de madeira. Escolhi um território neutro para a reunião que solicitei com Caleb, seu pai e seu agente, no hotel onde meu cartão foi recusado naquela primeira noite quando tentei escapar. Espero que ele tenha curtido a ironia.

— Sente-se, Caleb — Sr. Bradley diz, sua voz implacável. — E

feche a porra da sua boca. Você tem sorte por ela estar nos oferecendo condições.

Os olhos frios de Sr. Bradley se conectam aos meus, o mesmo tom de azul arrogante que os do filho.

— Estou presumindo que há condições? — ele me pergunta, uma sobrancelha erguida e a mão já pronta para pegar o talão de cheques no bolso.

Ah, ele veio preparado.

— Você pode guardar isso. — Aceno com a cabeça para o talão de cheques. — Não quero o seu dinheiro. Não quero nada seu ou do seu filho, com exceção da minha liberdade e da minha filha.

— Não — Caleb rosna. — Você não vai embora, e não vai tirar minha filha de mim.

— Seu bastardo sádico, eu já fui embora. — Eu me inclino para a frente, fixando o olhar no desgraçado que gerou o meu bebê. — Ela é minha filha, e nós iremos aonde eu quiser. — Levanto a minha cópia da pasta de arquivos que eles também têm. — A não ser que você queira que a NBA, seus fãs, patrocinadores, e todo mundo saiba que o menino de ouro deles é um monstro abusivo.

Maury, o agente dele, fecha a pasta contendo fotos e mais fotos, de todos os ângulos dos ferimentos e edemas que ainda doem sob minhas roupas, dois dias depois. As fotografias, o kit de estupro, documentação de lesões anteriores, tudo isso conta a história que escondi por meses até reunir tantas evidências incriminatórias contra Caleb, da mesma forma que ele forjou contra mim. Maury empurra o arquivo na mesa como se fosse um prato de comida estragada.

— Merda, Caleb — ele murmura. — Como você pôde fazer isso?

Maury olha para mim pela primeira vez, pestanejando quando depara com a prova viva da brutalidade de Caleb estampada no meu rosto. A única simpatia que vou encontrar nessa sala está nos olhos dele.

— Sinto muito por você ter passado por isso, Iris — ele diz, suavemente, engolindo a seco. — O que você quer? Como vai ser?

Respiro fundo para me fortalecer, ignorando o calor do olhar do Caleb.

— Como você vê, as lesões que sofri há dois dias foram documentadas por um médico. — Estabilizo minha voz, ainda que a humilhação ao expor o que aconteceu quase me sufoque. — Exames de Raio-X e verificação completa também mostram evidência de antigas lesões nunca tratadas corretamente. — Disparo um olhar de ódio para Caleb, do outro lado da mesa. — Testes também encontraram indícios de estupro. — Uso a palavra deliberadamente, antes que ele ou outra pessoa pense que o que houve foi consensual.

— Estupro? — Maury pergunta, sua indignação aparecendo novamente. — Que porra é essa? Que merda, Caleb. Eu mesmo vou entregar você.

— Ah, não... — Eu sacudo minha cabeça, decidida. — Outros atletas denunciados como abusadores são multados e perdem alguns jogos, para logo em seguida voltarem às quadras e aos campeonatos em poucas semanas. Não vou confiar a minha vida, nem a da minha filha, a um sistema que favorecesse homens como ele. Tenho visto as supostas consequências por conta de abuso doméstico, e vou precisar de mais do que isso.

Buracos no sistema são feitos sob medida e no tamanho certo para que homens como o Caleb consigam escapar. A fama e o dinheiro dele são

apenas um lado da balança já pendente em seu favor. Já vi muito disso acontecer, então não quero correr o risco.

— Não — continuo. — Você concordará com tudo que eu pedir ou todos os horríveis detalhes serão expostos. Patrocínios cancelados, carreira na NBA acabada, e pelo menos alguns anos da sua vida atrás das grades.

— Só vá direto ao ponto — Sr. Bradley diz. — O que você quer?

Minha filha. Minha inocência de volta. Minhas ilusões destruídas, reparadas. Meus sonhos restaurados.

Minha segunda chance com August.

Tudo isso parece improvável, então peço pelas coisas que sei que posso conseguir usando as evidências espalhadas na mesa.

— Quero a minha liberdade. — Encaro Caleb com firmeza. — Não tente nos seguir. Não tente nos encontrar. Renuncie aos seus direitos paternos e nos deixe em paz.

Uma risada incrédula deixa os lábios dele.

— Sua vaca estúpida — ele cospe. — Você acha que vou dar minha filha para você?

— Você trouxe o meu diário e o meu anel como pedi? — Ignoro seus insultos e sua arrogância. — Porque eu também os quero.

Ele fica sério rapidamente, comprimindo os lábios e endurecendo os olhos do jeito que costumava me causar pavor, mas agora não me afeta em nada.

— Caleb — Maury diz com severidade. — Entregue para ela.

Por um segundo parece que ele não entregará, mas seu pai estala os dedos, e sei que ganhei ao menos essa batalha. Caleb pega o diário e o lança pela mesa com tanta força que ele acaba caindo no chão. Quando estou

prestes a me abaixar para pegar, Maury se antecipa e o recolhe, entregando em minha mão e com um pedido de desculpas no olhar.

— Meu cliente é um babaca — ele murmura.

— Obviamente você não precisa me dizer isso — eu digo, aceitando o diário. — E o anel da minha bisavó?

— Não faço ideia de onde aquela joia do brejo está — Caleb diz, desprezo congelando seu sorriso. — O que eu faria com uma porcaria barata daquela?

Sei que ele está mentindo, mas o anel é uma pequena baixa nessa guerra, considerando o que estou ganhando hoje. Considerando tudo que perdi.

— Está bem. Meu diário e minha liberdade bastam — eu digo, encarando-o.

— É isso? — Caleb se recosta em sua cadeira. — E eu nunca mais posso ver minha filha outra vez?

Tudo em mim grita um não imenso, mas já que o fiz renunciar aos direitos paternos, faço a única concessão viável.

— Quando ela for mais velha, e se você finalizar o tratamento para controle de raiva, ao meu gosto, então posso até considerar que faça visitas supervisionadas.

— Ao seu gosto? — Ele revira os olhos e faz uma cara feia. — Isso é o que vamos ver.

— Caleb, cale a porra da sua boca — seu pai fala com brusquidão. — Iris, eu entendo. Vou preparar os documentos de acordo com as suas... exigências.

A hesitação em seu rosto parece incomum. Ele é sempre tão seguro,

mas a incerteza é tão evidente quanto o orgulho que ele deixa de lado ao perguntar em seguida:

— Talvez você poderia... — Ele limpa a garganta, uma pausa atípica para um homem que sempre soa confiante — pensar em permitir que eu e minha esposa possamos ver Sarai no momento oportuno? Ela é a nossa única neta, afinal de contas.

Endureço as partes macias de meu coração, não cedendo em nada. Qualquer pessoa que eu mantiver contato pode se tornar a fonte de informação para que Caleb me encontre antes que eu esteja pronta. Ligações telefônicas, cartas, mensagens – tudo isso são migalhas que o Caleb pode seguir se sua obsessão for maior que seu senso de autopreservação.

— Vou pensar nisso depois — eu respondo —, mas nesse momento, preciso colocar distância entre mim e tudo que tem relação com o seu filho, incluindo você.

— Isso é ridículo — Caleb diz, baixinho.

— Isso é justo... — A expressão do Sr. Bradley se transforma em granito, adquirindo o ar de negociação. — Agora os nossos termos.

Eu sabia que isso ia acontecer, e estou preparada. Simplesmente aceno com a cabeça para ele continuar:

— Você assina um acordo de confidencialidade para nunca falar sobre isso e nunca liberar o conteúdo desse arquivo, desde que o Caleb cumpra com suas exigências — ele diz. — E quero dizer não falar disso com ninguém. Nunca. A violação disso anula todo o resto e restabelece os direitos paternos dele.

Deparo com o olhar de Caleb, e por um segundo, acho que ele quer que eu viole isso – para dar a ele uma desculpa para romper a coleira que

estou impondo nele, e vir atrás de mim e pegar a Sarai. Machucar-me novamente.

— Eu posso fazer isso — eu concordo.

— E eu posso te fazer um cheque com uma quantia generosa para que se reestabeleça. — Sr. Bradley pega novamente seu temido talão de cheques.

— Não. — Não vou aceitar isso. — Não quero o seu dinheiro. Não quero levar nada da sua família para a minha nova vida. Aliás, tenho *algo* pra você, Caleb.

Coloco a mão no bolso da frente da calça jeans, retiro a aliança de noivado que ele me obrigou a usar, e retribuo seu desrespeito de momentos antes, ao arremessar com tanta força pela mesa, que a joia acaba no chão.

Emoção colore as bochechas de Caleb. Os olhos se fecham em fendas.

— Acredito que isso seja seu. — Esfrego meu dedo anelar como se ele estivesse contaminado.

O Sr. Bradley enfia o talão de cheques de volta no bolso do terno.

— Nós vamos preparar os documentos amanhã e...

— Quero os papéis hoje. — Junto as minhas coisas e os pequenos pedaços de respeito próprio que recuperei, e me viro em direção à porta. — As instruções de entrega estão na pasta. Estou deixando a cidade amanhã.

— Onde você está indo? — Caleb exige saber. — Onde você está levando a Sarai?

— Você escutou os termos, Caleb — Maury interrompe. — Se não quiser perder tudo e se encontrar numa merecida cela de prisão, você não pode saber, assim como não pode segui-las. A propósito, você precisará

encontrar um novo agente.

Maury faz uma careta, olhando as horríveis imagens do meu corpo e rosto espancados.

— Iris, você tem certeza de que não quer prestar queixa na polícia? Ele não deveria sair dessa livre.

Uma risada sarcástica precede minha resposta.

— Eu dou parte e o quê? Ele recebe liberdade provisória? Prisão preventiva? Pena reduzida a um ano por conta da atuação de sua equipe de advogados? Mesmo depois de tudo o que fez? E *ainda* por cima, ganhar a guarda compartilhada da minha filha?

Eu encaro Caleb antes de continuar. Sua expressão está vazia, parecendo entediado, como se eu estivesse desperdiçando seu tempo.

— Eu deveria viver à sombra do medo, olhando por cima do ombro, à espera de que ele decida me querer de volta? — prossigo. — Ou querer me matar? Essa é a justiça que você quer que eu vá atrás? Não, obrigada. Vou fazer a minha própria justiça. Não é perfeita e pode acabar um dia, mas é o melhor que posso fazer agora para mim e Sarai.

Eu sacudo a cabeça.

— Tirei dele as coisas que mais importam: acesso a mim e à minha filha. Me desculpe por estar mais preocupada com nossa liberdade do que se ele será punido ou não. A única coisa que ele quer mais do que me machucar, é proteger a si mesmo.

— Bom, então vamos andar logo com isso — Maury diz, se levantando e estendendo o braço para eu passar à sua frente pela porta.

Estou saindo quando o Caleb agarra o meu braço, seu toque despertando um sistema de alarme em meu corpo, luzes vermelhas piscando,

sirenes tocando, e aspersores jorrando água. Presa a ele novamente, protesto ressoa por mim.

— Tire suas mãos de mim — digo, entredentes.

Maury o empurra pelo peito, mas ele não me solta, os dedos comprimindo dolorosamente os hematomas que marcam minha pele.

— Iris, não me deixe. — Desespero preenche seus olhos e algum tipo doentio de sofrimento, mas nenhum arrependimento. — Eu... — Seu olhar vai de mim para Maury, e para seu pai, que se mantém imóvel expressando apenas seus desgosto e decepção.

— Eu preciso de você, amor — ele sussurra. E sei que isso é verdade. Ele precisa de algo para controlar, manipular, brincar quando se sentir muito pressionado, mas não sou seu saco de pancadas. Não sou mais nada dele.

— Tire a porra das suas mãos de mim. — Puxo meu braço, mas ele se recusa a soltar. — Ou o acordo está cancelado e seus patrocínios preciosos e sua carreira – todos vão acabar.

Por um breve momento, apenas um lampejo, ilusão de ótica, acho que ele vai recusar. Parece que me manter significa mais para ele do que aquilo que eu pensava ser mais importante para ele, mas então a rígida determinação, o implacável canibal, que devorou meu coração e mastigou minha alma, soterrou suas emoções. O monstro está de volta.

— Sua vadia estúpida. — Ele ri, soltando meu braço e enfiando as mãos nos bolsos da calça. — Como se você conseguisse algo melhor.

Um sorriso acaricia o canto da minha boca, e não consigo resistir ao cravar uma lâmina em seu único ponto fraco.

— Ah, você e eu sabemos que posso conseguir algo muito melhor,

Caleb. — Um sorriso irônico toma conta da minha expressão.

Ver o sorriso se desfazer em seu rosto é reconfortante, e um pequeno consolo é melhor do que nada. Não vou procurar August tão cedo. Não posso. Não me sentindo suja, manchada e envergonhada desta maneira. Conscientemente, sei que o que aconteceu não foi minha culpa, mas vergonha não vê razão.

Para onde vou, nem eu mesma sei ainda. Caleb é um demônio preso no inferno com correntes tênues. É um exílio precário o que estou fazendo, mas vou aceitá-lo e me refugiar enquanto posso. E se algum dia, ele se libertar, fugirei novamente, talvez pela minha vida.

Coloco os óculos de sol imensos e um chapéu para cobrir minhas contusões, como se estivesse em um filme clichê.

Na recepção, Lo segura Sarai em seu colo. Ela parece chique com as longas tranças presas em um turbante. Ela está usando skinny jeans, um blazer de couro e sapatilhas. Caleb passa por mim correndo, em direção à Sarai. No entanto, antes que eu possa me colocar entre eles, Lo aponta um dedo fino para Caleb e entrecerra um olho, como se o estivesse vendo sob a lente de um telescópio. Imagino se talvez ainda vê a sombra na alma dele, porque posso não ter visto, mas posso garantir que está lá. Há um poder latente nos olhos dela, no esbelto e forte arco de seu braço apontado para ele.

— Você terá que pagar — Lo diz.

Caleb estaca em seus passos, como se a voz dela tivesse criado tentáculos que deslizaram pelo ar e se enrolaram aos seus tornozelos. Algo sinistro paira ao redor de Lo, e arrepios cobrem a minha pele.

— Que porra você está falando? — ele murmura, mas não chega mais perto.

Um sorriso perspicaz aparece no belo rosto de Lo, e ela abre seu punho, revelando seu anel gris-gris.

— Esses são os seus dias... — Ela assopra sobre o anel, olhos grudados no rosto dele. — Espalhados e perdidos, caindo no chão como poeira.

— Você está me ameaçando? — ele pergunta, com um meio-sorriso. Aposto que se eu levantasse a sua manga, seus braços também estariam cobertos de arrepios...

— Não, uma ameaça você vê chegando. — O sorriso desaparece do rosto de Lo. — Não é uma ameaça. É justiça *divina*, e quando ela te alcançar, já será tarde demais.

Caleb empalidece sob seu bronzado, mas enquanto fica em pé ali, sem dúvida considerando a enigmática mensagem que Lo acabou de proferir, passo correndo por ele e pego Sarai em meus braços. Ele se aproxima, mas Lo se intromete.

— Ande enquanto você pode, Caleb — ela diz, sua voz em um tom mais baixo que parece entranhado em ameaça.

Com um olhar frustrado para mim e para Sarai, ele vai embora. O fôlego preso em meus pulmões solta de uma só vez. Seu pai e Maury saem da sala de reunião, as cabeças inclinadas juntas. Eles olham para mim, e não sei se é pena ou respeito nos olhos do Maury, mas vou aceitar qualquer um desde que isso signifique que ele organize a papelada e mantenha o Caleb longe de mim.

— E agora o quê? — Lo pergunta.

— Do que se tratava aquilo? — Ignoro sua pergunta.

— Do que se tratava o quê?

— Humm, aquela encenação de poderosa sacerdotisa Vudu.

— Não foi uma encenação... — Lo diz com um sorriso debochado em seus lábios carnudos. — Eu sou.

Twilight Zone[15].

— Para onde você vai? — Lotus pergunta, me redirecionando, me distraindo.

— Eu preciso ir para algum lugar bem longe do Caleb — respondo de pronto. — Algum lugar que ele não conheça e não consiga chegar lá. Preciso de algum tempo sem ele completamente na minha vida. Tempo para me curar, eu acho, porque nesse momento eu me sinto tão...

Não consigo articular como me sinto. Machucada além do entorpecimento. O que faço agora? E depois? Onde devo ir? Eu preciso encontrar o meu lugar.

Centro.

Eu jogaria com você na posição cinco. Se você fosse minha, você estaria no centro da minha vida.

As palavras de August se infiltram através de pequenos espaços na cerca de arame farpado em volta do meu coração. Esse podia ser o meu lugar. Instintivamente, sei que August me colocaria no centro, mas alguém pode argumentar que eu também era o de Caleb. Um centro sombrio, distorcido, com os lados se fechando e sufocando, mas de qualquer modo, um centro. E se eu tiver julgado August erroneamente, da mesma forma que fiz com Caleb? Porra, tão mal quanto me julguei?

Preciso de tempo para achar o meu lugar nesse mundo sem nenhuma outra pessoa no controle. Por mais que tenha sentimentos por August, preciso ficar de pé sozinha. Preciso fazer o que é melhor para a

minha filha e saborear a vida e a liberdade, e tudo que quase perdi.

— Sei exatamente onde você tem que ir — Lo diz assim que saímos do hotel e damos um passo na calçada.

— Onde?

Lo coloca o braço em volta do meu pescoço como ela fazia quando éramos crianças.

Amarelinha.

Gratidão me domina, e pisco rapidamente para afastar as lágrimas. Ela veio. Eu chamei, e a Lo veio. Ela não me condenou ou me chamou de idiota por não ter ligado antes. A nossa proximidade não diminuiu quando ela se mudou para o bayou. Não desapareceu quando o Katrina veio e eu me mudei, deixando-a para trás. Assim como não cedeu quando Caleb se interpôs entre nós. Nem mesmo por isso. Nossa intimidade nunca se abalou. Eu, sim. Escondi-me por trás da raiva e da vergonha, e agora está tudo em exposição. A luz exala seu perdão sobre mim.

— É tão óbvio para onde você deve ir — Lo diz.

— Se é tão óbvio, então por que você não me diz?

Lo beija a testa de Sarai e então a minha. Eu juro que quando ela olha para cima, sinto uma brisa quente e sufocante agitando meu cabelo, e então ouço um longínquo som de jazz; minha boca se enche de uma safra distinta e enriquecida de sabores.

— O lugar onde você deve estar, Iris — Lo insiste com suavidade —, é em casa.

[15] É uma série de televisão norte-americana criada por Rod Serling e dirigida por Stuart Rosenberg, apresentando histórias de ficção científica, suspense, fantasia e

terror. Aqui no Brasil ganhou o nome de Além da Imaginação.



CAPÍTULO 33

AUGUST

— Ela disse alguma outra coisa? — pergunto, cuidadosamente moldando a minha boca em um sorriso eu-não-sou-um-stalker. — Só me diga outra vez o que Iris falou.

Sylvia me dá um olhar resignado por cima da prancheta pressionada em seu peito. O mesmo olhar que ela tem me dado nos últimos dias. Quando a Iris não apareceu no dia seguinte após o Caleb aparecer, fiquei preocupado, mas não havia como falar com ela. Comecei a atazanar a Sylvia então, e tenho feito isso todos os dias, mas só hoje ela chegou com alguma notícia.

— Ela ligou para se desculpar por perder os dois últimos dias do projeto, mas disse que teve que sair da cidade inesperadamente, e que não voltaria.

— Foi ela? — exijo saber. — Ou foi o Caleb dando o recado?

— Como te disse das três primeiras vezes que você perguntou, foi a

Iris — ela diz, impaciente.

Meu sorriso inofensivo se desfaz um milímetro. Essa não é a resposta que queria ouvir.

— Isso não é estranho? — Recosto-me na parede, em uma tentativa de parecer casual. — Quero dizer, a Iris aparece todos os dias como voluntária e então só liga para dizer que está deixando a cidade e não vai voltar. Isso te preocupa?

— Não. — Sylvia franze as sobrancelhas. — Por que eu estaria preocupada? Preocupada como?

— Bom, sei lá... de que está tudo bem com ela. — Controlo minha frustração, lembrando-me de como Caleb apareceu e arruinou tudo. A raiva em seus olhos.

— A mulher tinha um guarda-costas. — O sorriso irônico de Sylvia não faz nada para minimizar minha preocupação.

— É mesmo, e aquele guarda-costas é estranho pra cacete — eu digo com franqueza, abandonando qualquer aparência de tranquilidade. — E o Caleb parecia...

Descontrolado. Enfurecido. Perigoso.

O pensamento dele machucando a Iris de alguma maneira está me deixando doido. Por que não peguei o número dela... novamente?

— Olha, eu vi onde ela mora — Sylvia diz, sua voz seca e sem nenhuma simpatia. — Vi o carro que ela dirige, a aliança em seu dedo, suas roupas. E deixa eu te dizer, ela está sendo muito bem-cuidada.

— E que merda isso tem a ver com a segurança dela? — inquiri entredentes.

— Segurança? — Sylvia pergunta com um sorriso sarcástico. —

Sério, August? Você acha que o Caleb fez o quê? Bateu nela? A machucou? Ele pode ser arrogante, mandão, mas ele é doido por ela. Na verdade, estou com pena dele se ela tiver ido embora. Ele deve estar arrasado.

Alguém no corredor chama o nome de Sylvia, e ela se vira rapidamente para responder antes de olhar para mim outra vez.

— Eu preciso ir — ela diz, suspirando audivelmente. — Obrigada por nos ajudar. As crianças adoraram.

— É, eu também adorei trabalhar com eles. — É a verdade, mas nesse momento não consigo me concentrar nisso.

— Ela se foi, mas ela está bem, August. — Sylvia acaricia o meu braço como se eu fosse um gato que devesse beber o leite que foi colocado na tigela, e se inclina para sussurrar: — Tem um monte de outras garotas aí fora.

Depois de dizer essa insolente pérola de sabedoria, Sylvia segue pelo corredor sem olhar para trás.

Do lado de fora, vejo Jared estacionado na rua. Quando me sento no banco do carona, ele me observa com cautela... fadiga? Talvez os dois. Ele está lidando comigo com cuidado e de saco cheio.

— Nenhuma resposta? — Ele bate o dedão no volante de couro.

— As respostas erradas. — Balanço a cabeça, ainda tentando entender tudo. — Sylvia diz que Iris ligou para informar que está deixando a cidade e não vai voltar.

— Bom, então é isso — Jared afirma. — Almoço no Hooters?

— Cara, isso é sério.

— Talvez ela tenha deixado o Caleb. Não era isso que você queria?

Era só metade do que eu queria. Eu também queria que ela viesse para mim. E a Sylvia talvez esteja satisfeita com o cenário incompleto, mas

eu não. Não estarei até ouvir de alguém que sabe que porra está acontecendo.

Recosto a cabeça no banco e relanceio um olhar para o Jared.

— Preciso de um favor.

— Não.

— Você nem sabe o que eu vou pedir.

— Ah, não sei? — Ele me dá um olhar que é ao mesmo tempo revoltado comigo e satisfeito consigo mesmo. — Então por que já liguei para o centro de treinamento do Stingers para checar se Caleb tem treino agendado hoje?

Eu sorrio e coloco meu cinto de segurança.

— É por isso que ando com você.

— E porque sou seu motorista particular e levo seu traseiro para todo canto. — Ele sai na rua e olha para a minha perna. — Pelo menos por enquanto. Como está a perna?

— Boa. — Na verdade está doendo para cacete hoje, mas não quero ouvir Jared encher o saco e dizer que estou me sobrecarregando. Neste instante, preciso do meu irmão, não do agente.

— Estou te levando porque sei que você não vai descansar enquanto não conseguir algumas respostas — Jared diz, tirando o olho da interestadual só o tempo suficiente para me dar uma olhada. — Mas não se meta em confusão com ele, Gus.

— Eu não vou — digo na defensiva. — Só quero ter certeza de que Iris está bem.

— Ah, sim. Isso não vai deixá-lo puto de jeito nenhum...

— Me pergunte o quanto eu ligo para isso — digo, brusco. — Sylvia fez a Iris parecer como uma interesseira que deveria estar feliz só por

ter um teto sobre a cabeça.

— Bem... — Jared dá de ombros. — Quer dizer, ele cuidou dela.

Sinto-me ferver num silêncio escaldante. O Caleb é algum tipo de bruxo? Será que ele joga algum tipo de feitiço para que todo mundo não enxergue o quanto é um babaca? Ele só patina pela vida sem sofrer nenhuma consequência. Vi isso enquanto estávamos crescendo repetidas vezes. O filho da puta quebra a minha perna na frente do mundo todo, e nem mesmo é punido com uma multa.

E não estou só dizendo isso porque ele tem a Iris e a Sarai.

Tinha a Iris e a Sarai. Talvez.

— Entrar e sair — Jared alerta, adentrando meus pensamentos hostis.

— Hum? — Encaro meu irmão com um ar inquisitivo. — O que você disse?

— Chegamos. — Ele aponta pela janela e mostra o prédio onde o Stingers treina. — Encontre ele, pergunte o que quer saber e dê o fora. Sem brigas, sem dramas, mano.

— Eu realmente odeio quando você me chama de “mano” — declaro.

— Eu sei. Por que você acha que faço isso? — Ele me analisa de perto, perdendo um pouco a graça em seu olhar. — Você precisa que eu entre com você?

— Não, eu precisava de um motorista, não de um acompanhante — respondo, saindo com cuidado do carro. — Já volto.

Não demora muito para encontrar o Caleb. Ele está levantando peso, sendo assistido por um cara alto e magro usando uma camiseta do

Stingers. O cara olha para cima, e seus olhos se arregalam quando me vê. Todo mundo na liga tem ciência da nossa rixa.

— Ei, você não pode estar aqui por...

Eu me enfio entre o treinador e o banco onde Caleb está deitado. Retiro a barra das mãos dele e a pressiono contra seu pescoço com força suficiente para causar desconforto, mas sem descarregar o peso todo para baixo.

Eu me inclino para ele me ver de cabeça para baixo.

— Vou perguntar somente uma vez, Caleb — digo, calmamente, enquanto seus olhos saltam e ele começa a ficar vermelho. — Onde ela está?

— Ele não consegue respirar! — o treinador grita, balbuciando e apontando.

— A ideia é essa. — Aceno com a cabeça em direção à saída. — Se manda daqui. Nós temos coisas para acertar. Eu prometo que ele vai continuar inteiro se cooperar.

Caleb consegue sacudir a cabeça, os olhos grudados no treinador enquanto ele tenta respirar e agarra a barra que mantenho pressionada em sua garganta.

— Eu disse, cai fora! — grito para o treinador indeciso. Ele ainda está olhando por sobre o ombro quando desaparece pela saída.

Levanto a barra somente o suficiente para o Caleb respirar e falar, mas não o bastante que me impeça de derrubar o peso todo em sua garganta se não me der o que vim buscar: respostas.

— Vá se foder — ele sibila, os vasos sanguíneos arrebatando ao redor de seus olhos.

— Resposta errada. — Deixo a barra pesar um pouco mais, e ele

imediatamente começa a arfar novamente. — Vou quebrar a porra da sua traqueia, Caleb, então sugiro que você responda à pergunta que já fiz e disse que não perguntaria duas vezes.

Levanto a barra uns centímetros, e seus braços se erguem, tentando me deslocar. Consigo dar ouvidos ao que Jared disse a respeito de me envolver em uma briga, ainda mais com a perna do jeito que está. Sem mencionar o seguro que o San Diego Waves paga pelo meu físico. Tenho quase certeza de que não existe uma cláusula sobre brigas na apólice multimilionária. Recuo um pouco e o deixo respirar enquanto eu me recomponho.

— Responda à pergunta — exijo.

— O que isso te interessa? — resmunga, rouco, sentando-se e pegando sua garrafa de água para beber.

— Me interessa e muito. A Iris não apareceu no centro, mas a Sylvia disse que ela ligou informando que não voltaria.

Ele faz uma pausa no meio do gole, entrecerrando os olhos para mim.

— Realmente preocupado em achar a garota de outro homem, né?

— Não estou aqui para joguinhos, cara. Me diz o que está acontecendo.

Ele se levanta, secando o suor de seu rosto com uma toalha.

— O que está acontecendo, é que ela se foi. — Um rictus de amargura corrompe sua boca. — Iris foi embora. Não levou o telefone, então, boa sorte em tentar ligar para ela.

Eu vi o Caleb com a Iris – a forma como os olhos dele acompanham cada movimento dela como se ele fosse perder alguma coisa se

afastasse o olhar. Ele não a deixaria simplesmente ir embora. Ele é tão obcecado por ela quanto eu.

Quase.

— Foi embora para onde? — insisto, sentindo os músculos do meu rosto contraindo de tensão.

— Não tenho ideia — ele murmura, me olhando por cima da garrafa enquanto bebe. — Ela não me contou.

— E a Sarai? Você não sabe onde sua própria filha está? Como entra em contato com ela? Elas?

Caleb vira as costas para mim, dando de ombros enquanto mexe nos itens da sua bolsa. Ele está evitando o meu olhar. Isso é alguma merda, mas não consigo obter a verdade. É como um quebra-cabeças com todas as peças na mesa, mas não consigo ver como elas se encaixam. Sei que estou deixando de ver alguma coisa. Existe algo que eu deveria perguntar, algo que não sei, e de alguma forma, ele está ocultando. Caleb está cobrindo seu próprio traseiro, tenho certeza, mas porque ela teria ficado com ele esse tempo todo? E ele está de boa agora que ela o deixou?

Ela o deixou.

— Vocês dois terminaram? — pergunto, mantendo a voz firme.

O caminho até ela está livre pela primeira vez desde que nos conhecemos. Ele me dá um olhar fulminante por sobre o ombro, seu sorriso um esgar, sem refletir nada em seus olhos.

— Nós não estamos mais juntos — ele responde. — Mas ela não quer ser encontrada por ninguém. — Ele agora se vira de frente para mim e cruza os braços sobre o peito. — E isso inclui você, West. Você achou que só porque ela passou um tempo contigo na despensa, você significava alguma

coisa para ela? Pois não significava nada.

Um sorriso ensaiado curva um dos cantos de sua boca.

— Ela tem o meu dinheiro e a minha filha, então acho que ela não precisa mais de mim. — Ele sacode a cabeça. — Quem diria que eu deixaria uma puta do pântano da Louisiana me prender? Suspeito que aquela crioula[16] vagabunda até deu para o meu segurança enquanto eu estava viajando.

Eu pulo nele, ignorando a dor no meu joelho e o jogo contra a parede, prendendo-o pela garganta.

— Você é um mentiroso — digo em um rosnado, apertando os dedos em volta do seu pescoço. — Diga isso novamente e vou quebrar mais que uma perna. Seu filho da puta mimado. Você não é bom o suficiente para tocá-la.

— Mas eu a toquei. — Um sorriso demoníaco aparece nos cantos de sua boca. — Ah, eu a toquei em todos os lugares que você nunca tocou. A fodi de maneiras que você somente sonhou, e ainda por cima, ela teve o meu bebê.

Ele levanta uma sobrancelha, recuperando sua arrogância a cada segundo. Odeio seu belo rosto, seu cabelo loiro e olhos azuis e pele bronzeada. Odeio tudo o que há de bonito nele, pois por dentro, ele está repleto de vermes.

— Esqueça dela, West — ele diz. — Ela se foi. Ela pegou o que precisava, e agora se foi.

A Iris não é assim. Sei que não é, mas por que ela não tentou entrar em contato comigo? Se ela se foi... depois do que aconteceu dentro daquele cubículo? Ela iria embora sem nem se despedir? Sem me dizer onde

encontrá-la? Estava tão errado sobre o que tínhamos? Talvez tenha interpretado errado essa mulher desde a noite em que nos conhecemos. Eu só sabia que sentia o mesmo que ela.

Você não está se enganando.

Ela me disse isso. Suas palavras sussurradas brilham novamente na minha memória, e todos os sentimentos, sensações, a perfeição desses momentos na sala do centro comunitário inundam a minha mente. Não estava me enganando. Não sei tudo o que está acontecendo, mas há uma coisa na qual me apego enquanto saio do centro de treinamento e vou embora com Jared.

Eu a verei outra vez.

O fio que nos conecta, brilhando em neon, ainda está lá. Posso não ser capaz de vê-lo, mas ainda o sinto. Este fio ainda está enrolado ao redor do meu corpo.

Onde quer que a Iris esteja, espero que também esteja envolvida por ele.

[16] O termo pejorativo foi mantido para dar ênfase ao escárnio do personagem.



INTERVALO

“Ela se lembrou quem ela era
e o jogo mudou.”

– Lalah Delia



CAPÍTULO 34

IRIS

Um ano depois...

MiMi diz que ela foi ensinada pelo bayou, pelo próprio Mississippi. Ela diz que o rio é o sangue percorrendo pelas veias da Louisiana, e que ele lança um feitiço em quem o ama.

Não sei se já *amei* a Louisiana. Nunca conheci essa Louisiana. Eu morava no Novo Distrito. No *bayou*, um grosso carpete de grama verde acaricia meus pés descalços. Na cidade, havia concreto rachado e inclemente abaixo dos meus pés.

Um arco de árvores ciprestes cobre o caminho da pequena casa da MiMi até o rio, mas no bairro onde cresci, fios de energia cruzavam o céu como um espaguete elétrico. Não, eu não amava a periferia do Nono Distrito, mas acho que estou me apaixonando pelo bayou.

Existem tantas diferenças entre a cidade e St. Martine. Estando aqui no último ano, compreendi a razão de Lo ter encarado o período em que

morou com nossa bisavó como uma benção.

Como ela deve ter gargalhado quando aleguei conhecer a MiMi tão bem quanto ela. Que ideia ridícula. Quando nós aparecemos em sua modesta porta, eu mal a reconheci. Não sei exatamente a idade dela, mas traços de uma grande beleza ainda continuam em seu rosto, mesmo com mais de noventa anos de idade. Ela tem menos rugas do que deveria ter, sua pele carregando a patina da idade, lustrada ao extremo.

E seus olhos – esses olhos podem ver a sua alma na escuridão.

Lo não contou a ela muito sobre as minhas circunstâncias, exceto que eu precisava vir para casa. Mas quando fiquei de pé na varanda da frente e a porta azul da casa verde de MiMi se abriu, seus olhos sondaram os meus na varanda mal iluminada. Aquele olhar onisciente cortou o ar úmido e pesado, entrecerrando e suavizando com cada nova coisa que ela leu em minha alma ou cavou do meu coração.

Seus finos braços me puxaram para perto, e ela sussurrou para mim em francês. Não entendi o que ela falou. Mas não precisei. O poder de sua voz, a vida em suas palavras, peneiraram até o buraco sem fundo onde escondi a minha dor. Antes que me desse conta, minha dor e desilusão, minha decepção e arrependimento, fluíram de mim para a trança prateada pendurada sobre o ombro dela.

— Maman?

A voz meiga de Sarai me assusta e me força a virar de costas para o bayou. Ela está aprendendo novas palavras a cada dia, metade delas em francês –, porque as pessoas falam isso aqui mais do que qualquer outra coisa –, e o resto delas em inglês, porque isso é tudo que sei para ensiná-la.

— Oi, princesa. — Eu me abaixo e a pego no colo. — Você andou

até aqui sozinha?

Ela acena com a cabeça, sacudindo as marias-chiquinhas que seguram seus cachos escuros.

— Comer... — Ela aperta os dedos juntos e os pressiona nos lábios, fazendo o sinal.

— Hora de comer? — pergunto, esperando por outro aceno de cabeça. — O que a MiMi fez para o jantar? Quer descobrir?

O caminho da casa de MiMi até a beira do rio é curto, seguro e bem gasto. Esse arco de árvores provê o lugar mais fresco em quilômetros, e eu venho até aqui sempre que posso. No verão, a umidade é o bafo quente do sul. Desisti de domar o meu cabelo já que o ar úmido o faz ficar em cachos firmes que descem pelas minhas costas e pelos meus ombros. Há certa liberdade nisto.

Caleb gostava do meu cabelo liso. Ele queria tudo de uma certa maneira. Queria a mim de uma certa maneira. Com distância e tempo, percebi que, provavelmente tenha aceitado muitas de suas preferências para compensar o fato de que não o amava. Não amava. Não podia. Eu não tenho nem certeza se um dia amei. Se não tivesse engravidado, Caleb provavelmente teria sido “aquele cara” que namorei na faculdade e que foi parar na NBA. Talvez nós tivéssemos um relacionamento à distância por um tempo e que, eventualmente, perderia o fôlego e seguiria um caminho para um fim natural.

Mas engravidei, e tudo mudou.

Eu mal reconheço a mulher na qual me tornei, tão diferente daquela garota, recém-saída da faculdade, determinada a conseguir o que quer que seja que ela quisesse.

— Affame? — MiMi pergunta, levantando a tampa de uma panela no fogão e sorrindo através de uma nuvem de vapor.

— Sim, morrendo de fome. — Pego três pratos na cristaleira encostada na parede, talheres e três dos guardanapos de pano que a MiMi ainda usa todas as noites. Aos dois anos de idade, Sarai mal consegue alcançar a mesa, mas ela fica na pontinha dos pés para colocar os garfos ao lado de cada prato. Ela é madura para sua idade. Esperta. Observadora. E tão bonita.

— Etouffe! — ela diz quando nos sentamos para comer, seu sorriso cheio de dentes de leite.

— Aveia — corrijo, gentilmente. Levanto minha colher para provar e fecho os olhos para saborear. — E camarão. Tão bom, MiMi. O meu nunca fica tão bom.

Ela passou a me ensinar a cozinhar, o que minha mãe nunca se preocupou em fazer.

Nós comemos em relativo silêncio, mas só por alguns instantes. Mesmo na idade de MiMi, sua mente ainda é repleta de perguntas, e sua curiosidade gera ótimas conversas.

— Você gosta do Jerome, é? — As sobrancelhas prateadas de MiMi sobem e descem, sugestivamente, sobre olhos arteiros. — Ele gosta tanto de você, que é capaz de daqui a pouco começar a entregar as correspondências aos domingos.

— Ai, meu Deus. — Minhas bochechas ficam vermelhas de vergonha, e não pelo calor da casa sem ar-condicionado. — Ele é o nosso carteiro, MiMi, então gosto dele desse jeito, e nada mais. — Tento manter um tom sério, mas meus lábios tremem nos cantos e os dela também.

— Você é bonita, minha jovem. — MiMi aperta um olho para mim antes de dar uma mordida. — Você tem necessidades.

— Eu tenho necessidades? — Arqueio uma sobrancelha, em dúvida. — Então... Jerome, o único homem que tenho visto com frequência, está qualificado para atender às essas minhas supostas necessidades só porque entrega as correspondências em dia?

Não existe nada como a risada da MiMi. Ela começa como um risinho espontâneo, e, de repente, se transforma em uma gargalhada, o som reverberando de seu pequeno corpo e fluindo pelo ar como bolhas que circulam você e explodem com energia. É o tipo de risada que te convida a rir junto.

— Além disso... — digo quando nossas risadas desvanecem e voltamos a nos concentrar no jantar — Não sei se tenho esse tipo de necessidades. Estou satisfeita com uma boa refeição e minha princesa. — Eu me inclino e beijo os sedosos cachos de Sarai.

— Você enterrou as suas necessidades com a sua dor — MiMi diz, sua voz séria e olhos perspicazes —, mas elas ainda estão aí.

— Estão? — Meu dedo indicador faz um circuito em volta da borda de porcelana do meu prato. — Talvez uma vez, mas...

Dou de ombros e torço para ela deixar isso de lado. Tenho dores e cicatrizes da minha vida com o Caleb, algumas visíveis e outras escondidas a olho nu. Esse corpo guardou todos os meus segredos. Minha vergonha se refugiou em suas fendas e fissuras. Não tenho certeza se esse corpo ainda é capaz de vivenciar o prazer.

— Diga-me — ela insiste. — Seu namorado, ele te machucou, certo?

O dia quente de verão e a sopa fervendo na cozinha deixam o ar ao redor tão denso e pesado quanto um cobertor de lã sobre meus ombros, mas ainda assim, sinto calafrios. Caleb está bem longe e nunca sequer enviou uma mensagem ao celular pré-pago que somente Lo tem acesso. Ele não tem o meu número, e creio que desconheça este lugar, mas me ponho em alerta.

Algumas pessoas têm medo de que um jacaré saia do pântano e emerja como uma ameaça. Meus pesadelos têm um predador diferente como personagem principal. Em meu sonho, Caleb apareceria no bayou algum dia e me devoraria, e, desta vez, eu não conseguiria abrir sua mandíbula e escapar ilesa.

— Ele abusou de você — MiMi diz como se tivesse certeza. Ela provavelmente tem. — Ele tomou, e você acha que nunca mais vai querer um homem.

Dou uma olhada de relance em Sarai, sentindo-me constrangida, mas ela é muito novinha e alheia a tudo, concentrada em mastigar o pão crocante e as uvas que coloquei em seu prato.

Houve apenas um homem a quem realmente desejei, mas se ele soubesse de tudo o que aconteceu comigo... Deus, mal posso pensar em August descobrindo tudo o que Caleb fez. Toco meu pescoço. A ideia de querer um homem novamente é difícil de engolir quando ainda sinto a mão do meu algoz me sufocando. Porém, não é a mão dele que corta meu suprimento de ar. É a minha vergonha.

Minha colher cai, chocando-se contra o prato. Meu corpo treme com as lembranças, tão viscerais, que ainda sou capaz de sentir Caleb forçando sua entrada em meu interior como se fosse um aríete. O ardor do fecho de seu cinto batendo no meu quadril ainda está gravado na pele. Os

arrependimentos de ontem fazem as tristezas de hoje.

— Você vai querer novamente. — MiMi cobre a minha mão com a sua envelhecida, os dedos cheios de anéis apertando os meus. — Você precisa ser purificada.

Ela está certa. Estou suja. Como não poderia estar depois de ter recebido aquele animal dentro de mim? Depois de ele me dominar como um coelho que só deixou viver por esporte? Mesmo assim, não acredito muito nos rituais que a MiMi pensa que irão fazer diferença.

— Me encontre nos fundos depois do banho dela. — Ela acena com a cabeça para a Sarai, cujos cílios longos e curvos projetam sombras em seu rostinho sonolento.

Depois de um banho com bolhas na banheira da MiMi, Sarai insiste em ouvir uma história. Ela ama contos de fadas, e não tenho coragem de lhe dizer que algumas vezes, o Príncipe Encantado se torna um babaca abusivo como o pai dela, e que seus beijos são capazes de arrebentar seus lábios. Quando seus cílios tremem e sua respiração desacelera ante o sono, desligo as luzes no pequeno quarto que compartilhamos. Engraçado. Nós morávamos em uma mansão, e todo dia eu me sentia enjaulada, claustrofóbica. Agora moramos em uma casa com quatro cômodos no meio do nada. Nós dividimos um quarto onde quase toco as paredes quando abro os braços, mesmo assim, a sensação de liberdade é como nenhuma outra que já conheci.

Abro a cortina, estudando o “quarto dos fundos” da MiMi com interesse. Já vi as pessoas entrarem angustiadas e saírem munidas de uma paz recém-adquirida e um pote ou garrafa de algo da prateleira de beberagens da MiMi. Não entendo tudo que a MiMi faz, as poções que as pessoas da cidade vêm comprar, os rituais que ela faz nos fundos da casa, por trás da cortina.

Não sei de tudo o que ela faz, mas acredito em cada palavra que ela diz.

Ela acende a última vela enfileirada junto a outras em cima de uma mesa recostada à parede, e ergue o olhar assim que me vê parada ali.

— Entre — ela diz. Até sua voz é diferente aqui. Brusca, mas não severa. Suave, mas impessoal. Gentil e firme.

Ela tem um trabalho a fazer.

Trabalho que não tenho certeza se estou pronta. Quando eu subir naquela mesa, não sei o que vai acontecer depois. Enrolando, olho as garrafas entulhadas nas prateleiras da parede, uma inquieta exploração tátil com meus dedos. Paro ao observar uma garrafa com um símbolo desconhecido.

— Não toque nessa — MiMi diz com as costas viradas para mim.

Como ela...?

Parei de questionar tudo. Existe uma onisciência em minha bisavó. Alguns dias, quando seus ombros cedem e seus passos desaceleram para um arrastar de pés, penso se ela está cansada de saber todas as coisas que ela aprendeu. Se, em breve, ela se cansará de viver em um mundo que não oferece mais seus mistérios, resolvendo partir para novas aventuras.

Ela está agachada, procurando por alguma coisa embaixo da mesa. Ainda nervosa, abro uma gaveta, surpresa em achar um canivete. O cabo é curvo e todo trabalhado. Ele é delicado, feito para mãos pequenas. Eu o pego, acariciando a pequena joia que serve como um botão de abertura. Eu pressiono, e com um clique suave, ele se abre para revelar uma lâmina grande e afiada.

— Toque a faca de uma dama — MiMi diz, suas palavras salpicadas por um pouco de humor — e é bom que esteja preparada para usá-la.

Eu olho para cima, e vejo o pequeno sorriso em seus lábios e retribuo com um meu. A simples conexão espalha uma ternura sobre mim tão eficaz quanto um abraço físico. MiMi se comunica com poucas palavras, mas muito mais do que qualquer pessoa que já conheci. É como se aprendêssemos mais a respeito uma da outra apenas com olhares, toques e sorrisos; muito mais do que fazemos com palavras ditas.

— Fiquei surpresa em encontrar isso — admito, devolvendo o canivete à gaveta e fechando-a em seguida.

— Bem, uma mulher nos dias atuais precisa manter seu juízo e suas armas à mão. — MiMi me mede da cabeça aos pés com um olhar. Ela gesticula para que eu suba na mesa. Meu corpo fica tão tenso, que temo ser capaz de se rasgar ao meio.

— Você precisa respirar — MiMi sussurra. Suas palavras flutuam sobre mim, envoltas na fumaça aromática das velas. Abaixo, meu corpo está aconchegado por uma nuvem de travesseiros. Eu devia me sentir a salvo, segura, acomodada, mas me sinto exposta. Estou tão vulnerável, que fecho os olhos e cubro meu coração com as mãos.

— Mãos para baixo — MiMi comanda, gentilmente.

Abaixando as mãos, encaro os olhos da minha bisavó e respiro fundo.

— Solte o ar. — Seus olhos nunca se afastam dos meus enquanto meu fôlego deixa meus lábios, e quanto mais ela contempla a minha alma, mais triste seu olhar fica, brilhando com lágrimas. — Ah, ma petite.

Ela pode ver? Ver através da frágil fachada que construí para cobrir as ruínas? Ver a última noite e todas as anteriores? Como ele me devastou? Ela sabe que me sinto saqueada, como um campo de batalhas cheio de

cadáveres? Que em alguns dias, estou morta, e que Sarai, cuidar dela, é a única coisa me forçando pelo curso da vida? Quando a MiMi olha nos meus olhos, o que ela vê?

Suas mãos passam pelo ar acima de mim, me cobrindo em brisas aromáticas. Suas palavras migram da Espanha, da França, da África Ocidental, todos os lugares que nos deram origem e se misturam em nosso sangue, nossa linhagem. As sílabas despejam de seus lábios, estrangeiras e familiares, misturadas e distintas como o Gumbo que ela me ensinou a preparar.

— Expire as mentiras — ela diz. — As que dizem que isso foi sua culpa. Que você falhou. Que você é o que ele disse que você era.

Quando suas palavras assentam, quando se infiltram no meu centro, um soluço irrompe, reverberando pelo meu ventre e peito, e explode uma parede de mentiras que não sabia estar ali. Lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos, e estou tão cansada de sentir o gosto das minhas lágrimas. A imagem do Caleb pressionando seu dedão na minha boca naquela primeira noite, molhado com as minhas lágrimas, passa pela minha mente. A noite em que fui pega em sua maldita armadilha.

— Inspire a verdade. — Suas mãos estão agitando o ar sobre mim, cortando através das mentiras. — Você é pura. Você é o suficiente. Você é forte. — Ela se inclina para mais perto, seu sussurro afiado e forte como o canivete em sua gaveta. — Ele não pode te machucar.

Meus ombros tremem e minha cabeça inclina para trás, emoções me esticando, arqueando minhas costas, alongando o meu pescoço, e arreganhando minha boca num grito, o grito de um guerreiro. E num quarto esfumaçado cheio de sombras, as partes de mim que foram espalhadas pelo

Caleb, eu junto. Todas as peças que ele quebrou, eu conserto. E tudo que ele roubou de mim como um ladrão, essas coisas, cada uma delas, eu retomo.

— Sim. — A afirmação de MiMi impregna o ar com poder. — Força. Dignidade. Coragem. Todas essas coisas pertencem a você. Pegue-as de volta. Sua alma é sua. Seu coração é seu. Seu corpo é seu. Seu para manter e seu para compartilhar.

Seu para manter e seu para compartilhar.

As palavras evocam uma memória que não me permiti em meses. Inspirando e expirando, eu me permito pensar em August. Seu perfil esculpido e seus lábios macios e carnudos. Seus olhos tempestuosos e mãos gentis. Um corpo de granito coberto por uma pele firme e aveludada. O desejo urgente entre nós. Seu desejo tão palpável que fui capaz de senti-lo me acariciando em todos os lugares. Sua língua entrando, procurando, dando.

— Ai, Deus... — Um suspiro me transporta, e meus olhos se fecham até estarmos sozinhos novamente, ele e eu. De volta naquele *closet*, a porta fechada, lacrada para o mundo. Nossas bocas se juntam e nosso fôlego se entrelaça, e não consigo me fundir a ele o bastante com o toque de nossas línguas, não consigo alcançar o suficiente de seu corpo. Pressiono-me contra ele até nossos ossos se tocarem, até nossas almas se beijarem, até que cada parte minha, de dentro para fora, foi compartilhada com ele.

E eu me desfaço.

Eu me desfaço como uma tempestade no Rio Mississippi, um alívio do peso abafadiço do calor do verão. Sou um dilúvio, afogando minhas dúvidas e arrastando para longe os meus medos. Enrijeço com uma catarse tão espiritual e sensual, tão pura e carnal, que por um momento, não sou desse mundo. Estou acima dos seus cuidados, do lado de fora dos seus

confinamentos, divorciada do meu corpo e desamarrada da terra.

— Inspire — MiMi diz, suavemente. — Expire.

Suas palavras aos poucos me trazem de volta, fazendo-me retornar para o pequeno quarto atrás da cortina. Elas me prendem em uma nova esfera com um corpo e espírito mais leves.

— O que foi isso? — Estou ofegante e com as mãos trêmulas. — O que você fez?

A princípio, acho que ela responderá somente com um sorriso e aquela luz especial em seus olhos, mas ela se inclina para responder minha pergunta anterior.

— Essas — ela diz, acenando em direção às garrafas nas prateleiras — não me dizem do que você precisa. Eles não me dizem o que fazer. Você faz isso. Você, *ma petite*, precisava da verdade. E eu a dei a você.

Ainda não tenho certeza do que ela quer dizer.

Eu me sento com cuidado, esperando minha cabeça girar, mas o quarto está estável e não me sinto fraca.

— Alguns momentos com a verdade não espantam as mentiras para sempre, — ela diz, afastando o cabelo suado do meu rosto. — Mentiras não desistem facilmente. Você terá que lembrar a si mesma e curar a si mesma, todas as vezes que elas aparecerem.

— Você quer dizer que preciso conversar com um terapeuta? — pergunto. Já havia pensado no assunto e provavelmente procuraria um, em algum momento.

— Sim. — Seu sorriso é o de uma mulher mais jovem, sabichão, brincalhão. — E dormir pelada às vezes. Logo, você vai querer novamente.

Nós compartilhamos uma risada rouca. Ao me lembrar do beijo de

August, fico me perguntando se ela está certa. Desço da cama e toco meu pé descalço no chão, indo em direção a ela.

— Obrigada, MiMi. — Espanto minhas lágrimas ao enfiar a cabeça em sua longa trança prateada. — Eu, às vezes, me sinto tão fraca, e você me faz me sentir forte.

— Lutar não te faz fraca — ela sussurra de volta. — Lutar contra esses que nos seguram é o que nos faz, com o tempo, mais fortes do que eles. Forte o suficiente para brigar de volta. Forte o suficiente para ganhar.

Naquela noite, com o suave som de grilos e das criaturas do pântano passando pela minha janela, dormi melhor do que em meses. Dormi tão profundamente, que quando acordei, o sol já estava mais alto e forte que o normal. Estiquei a mão e encontrei o espaço ao meu lado vazio.

— Sarai! — Levanto-me correndo, fôlego preso e comprimindo meu peito. Eu me enrolo no lençol, tropeçando para sair da cama em direção ao estreito corredor.

A voz doce de minha filha chega até mim do quarto da MiMi. Meu sorriso vem cheio e amplo. Sou tão grata por termos passado esse tempo com a minha bisavó; as experiências que perdi quando criança, a Sarai poderá desfrutar.

— Acorda — ela cantarola daquele jeito doce que faz todas as manhãs, ao tentar me acordar quando sinto dificuldade em me levantar. MiMi geralmente levanta antes do nascer do sol e, mesmo com mais de noventa anos, está fazendo café e cozinhando ovos e bacon antes de eu acordar. A noite passada deve tê-la deixado cansada também. Recosto meu ombro no batente, passando os olhos pelo pequeno quarto da MiMi, cheio de móveis grandes demais para o espaço, e fotos, várias preto e brancas enchendo as

paredes. O quarto está prestes a explodir por conta da mulher destemida aprisionada no espaço contíguo.

Sarai está sentada ao lado da MiMi, esfregando sua pequena palma sobre o cabelo prateado solto no travesseiro. Seus olhos, as partes mais escuras de azul e violeta, me encaram solenemente. Meu olhar desvia para a MiMi, que me encara de volta com os olhos abertos e sem vida. Corro para a cama e seguro sua mão. Está fria e rígida. Em seu pulso, não há batimentos.

— Shhhh... — Sarai sussurra, um dedo em sua boca de botão de rosa. — MiMi está dormindo, mamãe.

— Não, bebê. — Eu sacudo a cabeça e deixo a primeira lágrima cair. — Ela não está dormindo.



CAPÍTULO 35

AUGUST

No grande esquema da vida, um ano é uma gota em um balde. Quando você está procurando por alguém, imaginando se irão telefonar ou quando voltarão, um ano parece uma eternidade.

A Sylvia havia dito. O Caleb me contou que Iris foi embora, mas ainda continuo pensando que talvez ela vá ligar ou me contatar. Caleb já foi visto com outras garotas, vivendo sua vida, então acho que ele disse a verdade e que não estão mais juntos. A namorada dele foi embora, e sou eu que não consigo seguir em frente.

— Você devia transar.

Olho por cima do relatório que estou analisando durante o almoço com o Jared. Nossa garçonete, que escutou o comentário dele, fica vermelha e arregala os olhos.

— Humm... vocês precisam de mais alguma coisa? — ela pergunta, olhando entre mim e o Jared.

— Nós estamos bem por agora — respondo, forçando um sorriso.
— Pode trazer a conta.

— Desculpa — Jared diz, mas ele não parece arrependido quando ela vai embora. — O fato de ela ouvir a conversa dos outros não torna isso menos verdade. Nunca vi você ser tão... rabugento.

— Não sou rabugento. Você me faz parecer um homem de oitenta anos.

— Você tem a vida sexual de um homem de oitenta anos. — Ele toma um gole de seu vinho. — Porra, eu ficaria rabugento se não pegasse ninguém por um ano.

— Eu não sou você. — Folheio o relatório, esperando atrair a atenção dele de volta para os negócios. — Esses números do segundo-quarto estão bons. Elevation está se saindo ainda melhor do que esperávamos.

— É, eles estão ótimos. Não mude de assunto.

— O assunto não é da sua conta. Então vamos falar de algo que seja.

— Okay. — Jared parte um pão em pedaços sobre o seu prato. — Você falou com a Pippa sobre assinar?

— Falei, e ela está interessada.

— Em transar com você.

Inclino a cabeça com o rosto inexpressivo, exasperado.

— Você está dizendo que ela não quer? — Jared pergunta. — Ela já teria assinado se você tivesse dado para ela o que ela quer. A mulher praticamente desenhou isso na areia quando ela visitou o escritório na semana passada.

Uma vantagem de viver e abrir nossa agência em San Diego é que

o escritório é praticamente à beira-mar. Deu certo para nós, que podemos levar os clientes para jantar à beira da praia. Bem, eu não faço isso. Ainda sou um sócio anônimo, mas recentemente comecei a persuadir atletas de alto escalão mostrando que minha confiança está totalmente depositada na Elevation, e eles deveriam fazer o mesmo.

— O que você é agora? — Dou uma risada sarcástica enquanto me sirvo de um copo de água. — Meu café?

Jared perde um pouco a expressão divertida.

— Se você precisar que eu seja... — Ele suspira. — Ela talvez nunca entre em contato com você, Gus. Você deveria seguir em frente.

Ele acha que não sei disso? Que quero ficar nesse limbo esperando que Iris *retorne*? Não sou um homem de oitenta anos e não tem nada de errado com o meu apetite sexual. Eu simplesmente não tenho escapatória. A única pessoa que quero se foi. A solução óbvia é querer outra pessoa, mas meu coração e meu pau não veem desse modo.

— Eu tenho algo que nós precisamos discutir. — Jared entrecerra os olhos, considerando. — Preciso vestir minha capa de agente por um minuto.

— O que foi? — pergunto.

— Deck ligou. — O olhar de Jared demonstra entusiasmo e argumentos. — Você não vai acreditar, mas o Waves está aberto para uma troca.

O copo em minha mão para a caminho da minha boca. Eu o coloco na mesa com um pouco mais de força.

Meu contrato não acaba pelos próximos dois anos. Eu me resignei em passar os meus primeiros cinco anos da minha carreira na NBA em um

time perdedor, só me destacando na quadra para chamar a atenção dos outros clubes quando fosse a hora de ir embora.

— Você está de sacanagem comigo? — pergunto.

— Não. — Jared sorri como um pirata. Ele é um puta negociador, e provavelmente está adorando a oportunidade. — Eles sabem que podem pegar alguns jogadores de qualidade do Houston em troca por você.

— Houston? — A informação me deixa boquiaberto. Houston está nos playoffs novamente esse ano, nesse exato momento. Talvez eles vençam tudo. — Houston me quer?

— Muito. — Ele se inclina para a frente, cotovelos na mesa. — Eles estão focados nos playoffs no momento, claro, mas alguns executivos entraram em contato às escondidas. Eles estão se adiantando.

Um pensamento perturbador me ocorre.

— Então o Waves está aberto para isso porque acham que não vou voltar cem por cento?

O processo de reabilitação foi longo e exaustivo, e quando fui liberado para voltar às quadras, eu já tinha perdido a maior parte da minha segunda temporada. Jogar esses últimos meses foi mais um teste para a próxima temporada do que qualquer outra coisa, para ver se eu havia resgatado minha força e o drible alucinante. Meu arremesso de longa distância não sofreu alteração. Jag me colocou para arremessar de todos os lugares da quadra, sentado em uma cadeira de rodas, desde os primeiros dias de reabilitação.

— Não, eles não estão preocupados se você não vai voltar com força total — Jared me assegura. — Na verdade, é o contrário. Todo mundo viu como você foi bom no final da última temporada. Se eles querem crescer,

adicionar algumas peças-chave no elenco, você é o bem mais valioso para consegui-los.

— Humm. — Eu me recosto na cadeira e considero deixar o Deck e o Jag. Até o Glad e eu nos tornamos amigos.

Ganhar sempre foi a coisa mais importante na minha vida. Nunca me acostumarei às derrotas, mas já estava acostumado com esses caras. Nós estávamos começando a parecer um time de verdade.

— Você disse “humm”? — Jared pergunta, franzindo as sobrancelhas. — Porque não falo em grunhidos. Você quer seguir em frente ou não? E se disser “não”, você é um idiota.

Ele está certo. Se estou preso nesse lugar, atolado em tão poucas memórias da Iris e no pouco tempo que tivemos juntos, algo em minha vida deveria estar indo em frente. Por que não minha carreira?

— É. — Eu sorrio para a garçonete de bochechas rosadas e pego a conta. — Vamos ver onde isso vai dar.

E se isso me levar para Houston, estarei mais perto de um campeonato do que pensei. Isso deveria me deixar feliz. E deixa. Não posso ser ingrato. A porcentagem de *uma* porcentagem de pessoas levam uma vida como a minha, possuem as coisas que possuo, mas algo está faltando. E não preciso perguntar o quê.

Eu sei o que é. Eu sei quem é.

Só não sei onde encontrá-la.



CAPÍTULO 36

IRIS

A morte tem uma maneira de unir ou dividir. Famílias se juntam e encontram consolo uns nos outros ou brigam a respeito de testamentos e as coisas que os mantiveram separados. Pode acontecer de ambas as formas.

Por mais que o funeral tenha acabado e todos tenham ido embora, deixando a geladeira de MiMi lotada de vasilhas e sobras, não tenho certeza o que a sua morte irá fazer com a nossa família. Lo não viu ou falou com sua mãe em anos. Ela evitou a Tia May mesmo no funeral e não demonstra a menor vontade em romper o silêncio. Não posso culpá-la. O que a Tia May fez é inaceitável, ainda mais para mim depois de eu ter minha própria filha. Eu nunca poderia escolher um homem ao invés dela, muito menos aceitar a palavra dele como verdade quando a minha filha o acusou de algo errado. No entanto, foi isso que Tia May fez, e acho que a Lo nunca a perdoará.

E então tem a minha mãe.

A beleza dela não diminuiu. Ela me deu à luz ainda muito jovem, e

mal tem quarenta anos. Ela ainda vira muitas cabeças quando passa. Seu corpo é uma trilha de curvas sinuosas – seios e quadris e bunda e coxas. Meu pai diluiu a cor da minha pele, mas a dela é uma mistura impecável de mel escurecido e caramelo, e seu cabelo, um pouco mais crespo que o meu, é uma cascata negra até sua cintura. Ela é a mulher mais bonita que já vi.

E ela nunca pôde abrir mão de si mesma para conferir se teria algo mais a oferecer.

— Tem bastante tempo desde que vim para casa — ela diz, olhando em volta da pequena cozinha antes de fixar os olhos em mim. — Você devia ter me dito que estava aqui. Se eu soubesse que estava tão perto, eu teria...

— Contado ao Caleb? — Eu corto qualquer mentira que ela estava pronta para contar. — Eu sei. Foi por isso que não te disse.

— Não sei do que você está falando. — Ela toca a garganta. Foram anos observando seus trejeitos, e sei que esse é um de seus tiques nervosos. Ela pode te encarar diretamente nos olhos, uma pintura de inocência, enquanto tenta te vender uma mina de ouro no bayou, mas não consegue manter aquela mão longe da garganta.

— Estou falando sobre o apartamento em Buckhead. — Enxugo o balcão da pia, limpando porque não consigo pensar no que fazer enquanto mantenho essa estranha conversa com ela. — Ele ainda está te pagando, mãe? Caleb me disse que ele tinha você sob controle.

— Controle? — Ela levanta uma sobrancelha, um tom perfeitamente gentil e desdenhoso. — Isso não existe.

— Você sabia? — Eu jogo o pano encharcado dentro da pia, deixando de lado a tentativa de limpar qualquer coisa. Considerando o contrato de confidencialidade, não perguntarei nada explicitamente, mas

posso lê-la. E preciso saber se ela me vendeu. — Você estava tão empolgada com as ‘garantias’ só pelo fato de eu ter engravidado dele, que nunca considerou o que estava me custando.

Ela pisca, mas sem estar surpreendida. Ela sabia? Ou pelo menos suspeitava?

— Eu realmente não sei do que você está falando — ela diz.

Mas a mão dela está na garganta.

Lágrimas alfinetam meus olhos, mas não vou deixá-las cair. Lo e eu ganhamos a loteria com a MiMi, mas as nossas mães são uma dupla de serpentes.

— Você tá pronta, Sil? — Tia May pergunta da porta da cozinha. Ela mal consegue me encarar. — Belo serviço, Iris. Você deixou a MiMi orgulhosa.

— Sua filha planejou a maior parte — respondo, minha voz uma quieta acusação com um milhão de “*como você pôde*” implícitos sob a superfície.

Seu corpo fica retesado e ela ergue a cabeça, um misto de provocação e graça. Ela e minha mãe são quase espelhos uma da outra, separadas por alguns anos. Elas sempre foram apegadas, acobertavam uma à outra, escolhiam uma à outra em detrimento de suas próprias filhas.

— Onde está a Lo? — ela pergunta. — Eu... não deu para conversarmos.

— Esse é um novo progresso? — pergunto com um tom sarcástico que escorre pelo ar. — Acho que ela não falou com você nesta última década.

Seus lábios cheios se comprimem, a delicada e esculpida mandíbula contraída. Ela balança a cabeça, a nuvem de cabelo escuro caindo

sobre seus ombros.

— Diga a ela que eu quis tentar — ela diz.

— Não vou dizer nada disso pra ela, porque se você quisesse mesmo tentar, você sabe que ela está na beira do rio, e você teria vindo até aqui para que ela te ouvisse e perdoasse. — Dou uma risada cínica. — Mas você não quer fazer isso, não é? — Eu me apoio no balcão e cruzo os braços sobre o meu peito. — Ou em algum momento, desde aquela noite em que você a preteriu, você teria realmente tentado.

— O que deu em você, Iris? — minha mãe pergunta, indignada. — Você nunca foi tão... você não era assim antes.

— Isso mesmo — digo com uma calma fria. — Eu nunca fui, graças a vocês duas. Graças a Deus, Lo e eu temos o sangue da MiMi para compensar as falhas de vocês.

— Vamos embora, Priscilla — Tia May diz. — Nós não temos que ficar aqui e ser tratadas desse jeito.

— Agora *disso* eu entendo — atesto com amargura. — Não aceitar abuso de ninguém. Mais uma vez, lições que não aprendi com vocês.

— Quando você estiver pronta para uma conversa razoável — minha mãe diz sem graça, em uma atitude rara —, me ligue.

— Se você puder me fazer um favor, mãe — declaro às suas costas eretas e longilíneas: — Na próxima vez que o Caleb ligar, não diga a ele que estou aqui.

Ela olha por sobre o ombro, e pela primeira vez é incapaz de camuflar a verdade em seus olhos. Palpite de sorte.

— Se não por mim — peço, suavemente —, então pelo bem de sua neta, não diga nada a ele.

Sem outra palavra, ela acena com a cabeça, e a porta bate atrás de si.

Eu desabo contra a pia, alívio e ansiedade duelando dentro de mim. Se tudo correr como planejado, não tenho com o que me preocupar. Se calculei corretamente, e acho que sim, Caleb se preocupa muito com a opinião do pai, a aprovação dos seus patrocinadores, e sua preciosa carreira na NBA para colocar tudo em risco me perseguindo.

Mas e se eu estiver errada? E se um dia, a obsessão doentia que o governa para criar elaborados esquemas e tramas manipulativas para me manter ao seu lado, se tornar mais forte do que seu desejo por todas essas coisas?

Jogo isso na pilha de porcarias que não posso controlar. Há um monte de outras coisas que posso controlar, a começar pelo que quero fazer em seguida. Uma parte minha quer permanecer aqui com Sarai, escondidas do mundo, seguras contra o perigo. Mas sei que não podemos fazer isso para sempre. Sarai é muito esperta para não ir para a pré-escola em breve. Muito curiosa para ter somente esse pequeno pedaço de mundo para explorar. Muito social para não ter amigos.

Sigo o caminho para o rio, aquele pedaço de sombra e grama coberto de cipreste. Cada passo traz o meu luto, cuidadosamente guardado hoje em uma igreja cheia de estranhos, para mais perto da superfície. Hoje, a leve brisa sussurrando através do musgo Espanhol no rio, é um lamento para a MiMi.

Lo e Sarai estão sentadas distantes da margem do rio, e minha pequena está segurando uma íris da Lousiana. A flor que deu meu nome.

Isso me faz sorrir e lembrar do dia, no ginásio, em que August

perguntou a respeito do meu nome. Uma dor, além do luto que estou sentindo, se espalha pelo meu corpo. Sinto saudade dele. Eu o quero, mas não faço a mínima ideia do que fazer sobre isso.

— Elas foram embora? — Lo pergunta, sem se virar, olhando para o rio.

— Sim. — Eu paro ao lado dela. — Elas já foram. Sua mãe...

— Não. — A voz de Lo é como um café gelado. Escuro. Gelado com um toque de amargura. — Enterrei a minha mãe hoje.

Aceno com a cabeça, sem negar.

— Queria ter convivido com MiMi por mais tempo — confesso, mantendo um olho em Sarai e outro no rio. Não é inconcebível que um jacaré suba à margem ou uma cobra rasteje pela vegetação densa. O bayou é um risco calculado, benefícios e perigos em uma constante balança.

— Você conviveu com ela quando mais precisou — Lo diz, sua voz não demonstrando nenhuma emoção, mas seu rosto uma tela destruída, pintada com lágrimas. — E eu também.

Deslizo minha mão entre a dela, e em silêncio, entrelaçamos os dedos. Unidas novamente. Não consigo acreditar que deixei Caleb se intrometer entre nós. Isso é uma mentira. Fui eu quem permitiu que a vergonha, constrangimento e até mesmo um pouco do meu ciúme se interpusesse entre nós.

— Eu sinto muito, Lo — confesso. — Acho que estava com ciúmes de você.

— O quê? — Lo se vira para mim com olhos arregalados. — Quando? Como você poderia ter ciúmes de mim?

Dou de ombros, sentindo-os pesados com meu embaraço e o calor

do final de verão.

— Quando você me confrontou sobre deixar o Caleb me controlar, eu estava frustrada. Talvez tenha me arrependido das minhas escolhas. — Hesito, organizando as palavras na ordem correta. — Eu sentia raiva da vida que levava, no que ela havia se transformado. Você estava indo para Nova York para trabalhar no ateliê de um designer de moda famoso, ou sei lá o quê. Enquanto isso, eu estava amassando comida de bebê e usando calças de yoga todos os dias.

A gargalhada rouca de Lo encanta o sol por trás das nuvens, e um último raio de sol ilumina os majestosos traços de seu rosto.

— Você? Com ciúmes de mim? — Ela sacode a cabeça, as longas tranças acariciando seu pescoço. — Isso é irônico, já que senti ciúmes de você por quase toda a minha vida.

— O quê? — Eu viro minha cabeça para observá-la por inteiro, mas não solto sua mão. — De jeito nenhum.

— Ah, pode acreditar. — Ela me dá um olhar provocador, mesmo por entre os cílios úmidos. — Não se preocupe. Agora eu já sei o tanto que sou sensacional.

Começo a rir, discretamente, mas então acabo explodindo em uma risada bufada por conta da piada.

— Quando a gente estava crescendo, meu amor por você era verdadeiro, mas eu queria tanto o que você tinha... — ela diz. — Detesto tudo o que aconteceu comigo, mas foi bom ter me mudado para longe de você e das nossas mães.

Estou ao mesmo tempo interessada em saber mais sobre isso, mas também magoada pelo que disse.

— Posso pensar em uma dúzia de motivos do porquê morar aqui era bem melhor do que com elas, mas por que você precisava sair de perto de mim?

— Você vai achar que é bobeira, da mesma forma que as garotas que não precisam se preocupar com essas coisas, pensam — ela diz, seu sorriso autodepreciativo, seus olhos sagazes.

— Eu era mais morena. — Ela levanta suas tranças. — Meu cabelo era crespo. Eu era o pássaro estranho em nosso pequeno ninho, e todo mundo sabia disso.

— Que porra você quer dizer? — exijo saber.

— Você não pensa sobre isso, mas nossas mães são exatamente iguais. O seu pai era branco. — Com sua mão livre, ela joga um pouco de grama no rio. — Elas eram claras e você ainda mais, mas meu pai era negro, e eu sou diferente.

Isso me lembra de August me dizendo do quão deslocado ele se sentia às vezes. Comecei a rir, achando engraçado ao ver a ironia da situação. Eu me achava “branca demais”, enquanto Lo se achava “muito negra”.

— Isso é engraçado para você? — Lo pergunta, um canto de sua boca curvado.

— É que... nunca senti como se eu me encaixasse no nosso bairro porque eu era diferente, e as garotas sempre diziam que eu era metida e pensava que era melhor que elas. Eu realmente só queria me encaixar. Só queria me parecer com todo mundo.

— E eu só queria me parecer com você. — Lo entorta um lado da boca. — Quando eu vim para cá, MiMi sacou isso de cara.

Um movimento em minha visão periférica chama a minha atenção.

— Não, Sarai.

Solto a mão da Lo e caminho até a margem do rio, pegando a minha pequena aventureira. Eu me sento na grama, sem me preocupar com o vestido preto que usei no funeral, e coloco minha filha entre as minhas pernas. Lo se senta em uma poça de linho preto ao meu lado, esticando as pernas na grama.

— MiMi sabia que além da mágoa causada pelo que minha mãe havia feito, preferindo acreditar naquele filho da puta ao invés de mim — Lo diz, impassível —, ainda existia uma outra mágoa profunda por baixo de tudo. O fato de a mamãe ter escolhido aquele cara só reforçou que eu não era boa o suficiente. Talvez ela me amasse do jeito certo se eu fosse... diferente.

Lembranças de Tia May reclamando do cabelo de Lo me vêm à mente. Ela dizia que não sabia o que fazer com um “cabelo como esse”. Quando a Lo aprendeu a alisar seus próprios fios, Tia May e minha mãe reclamavam do ‘cheiro de cabelo queimado’. Uma centena de pequenos pensamentos vêm para mim como pequenos espetos, furando minha ignorância abençoada.

— Eu sinto muito — eu sussurro. — Espero nunca ter feito você se sentir desse jeito, Lo.

— Não, não você. — Ela segura minha mão novamente e sorri. — Você era a minha amarelinha, Bo. Eu sabia que você não pensava dessa maneira.

— A MiMi também fez uma cerimônia de limpeza para te curar? — Eu só rio um pouco, porque ainda não tenho certeza do que foi aquilo ou o que aquilo fez, mas sei que de alguma forma eu mudei.

— Não foi tão simples — Lo diz. — Nunca é. Não, ela me contou

sobre o garoto que amou quando era jovem. Quando ele veio na casa dela, sua mãe disse que ele não passou no teste do saco de papel.

— O que é o teste do saco de papel?

— Você precisa se lembrar de que era uma Nova Orleans das antigas — Lo oferece. — Nossa família era cheia de quadroons e octoroons[17], e aquele bando de palavras que usavam para designar alguém quase branco. Então quando ela veio para casa com um irmão moreno, a mãe dela pegou o saco de papel. Eles colocavam o saco contra sua pele, e se você fosse mais escuro que o saco de papel, você não passava no teste.

— Isso é horrível. Ai, meu Deus.

— É, e a MiMi se arrependeu muito por tê-lo deixado ir embora. Ele acabou se casando com uma amiga dela. Ele a tratava como uma rainha, e eles viveram uma vida feliz não mais do que um quarteirão de onde ele pediu a MiMi em casamento. — Lo pisca com as lágrimas, seus lábios contraindo. — Ela me disse que o perdeu por causa de um saco de papel idiota. — Lo diz. — E qualquer um que me perdesse seria tão idiota quanto ela e viveriam para se arrepender.

Eu olho para a minha filha, com a pele mais clara que a minha e com seus olhos azuis-violeta, e juro a mim mesma que ninguém nunca a fará se sentir deslocada ou questionar sua identidade. Pode ser uma promessa que eu não seja capaz de manter completamente, mas vou tentar.

— De qualquer modo, chega de relembrar. — Lo olha para mim, olhos límpidos e inquisitivos. — É o futuro que nós precisamos discutir.

Observo o sol descendo pela longa linha do horizonte, como um biscoito mergulhando no leite.

— Está ficando escuro. — Eu me levanto, limpando meu vestido e

abaixando para pegar a Sarai.

— Me escute... — Lo segura o meu pulso, olhando para cima e ainda sentada na margem do rio. — Você não pode ficar aqui, Bo.

Engulo uma resposta rápida, na defensiva. Mesmo que estes pensamentos tenham passado pela minha cabeça antes de eu vir até aqui, resisto à ideia de ir embora.

— E se não for... — Engulo meu receio súbito — seguro sair daqui? E se o Caleb vier atrás de nós?

— Você fez tudo o que podia para impedi-lo de fazer isso. — Lo aperta o meu pulso gentilmente até que meu olhar se conecte ao dela.

— A coleira está apertada em volta do pescoço dele, mas também em volta do seu. Pense em tudo que você abriu mão. Pegue de volta.

Pegue-os de volta. Sua alma é sua. Seu coração é seu. Seu corpo é seu. É seu para manter e seu para compartilhar.

O encantamento de MiMi revoa em meus pensamentos.

— Seus sonhos. Suas ambições — Lo continua, sem saber em coro com a voz de MiMi na minha cabeça. — Retome tudo.

— Mas a Sarai precisa...

— A Sarai precisa ver o que nós nunca vimos — Lo diz, secamente. — Deixe-a ver sua mãe seguindo seus sonhos. Deixe-a ver você erguida em seus próprios pés.

— Eu vou precisar do dinheiro — eu murmuro. O pouco de dinheiro que Andrew me deu quando fui embora vai acabar eventualmente, mesmo que nossas despesas tenham sido quase nulas aqui.

— Você precisa de mais do que dinheiro. Garota, você precisa de uma vida. — Lo se levanta também, retirando a Sarai do meu colo.

— Você lembra de alguma coisa da geografia da Louisiana? — Lo pergunta.

— Humm, isso seria um não. — Eu rio. — Quer dizer, eu me lembro do básico, sim.

— Você alguma vez aprendeu sobre as mudanças na sedimentação de um delta do rio?

— Não faço ideia — admito, franzindo a sobrancelha em busca das lembranças.

— Não me lembro de todos os detalhes, mas de uma maneira ou outra, o Rio Mississippi procura por uma rota mais curta para o mar. Isso faz com que com o tempo, esses depósitos de sedimentos e areia cheguem lá mais rápido. — Lo dá de ombros. — Pense nisso como uma evolução geográfica. Bem, o bayou era um desses pontos de mudança deltaica, com o tempo, a cada mais ou menos mil anos, ele literalmente muda o curso.

— Uau. — Não sei mais o que dizer. — Mas o que isso significa?

— Isso significa que esse exato lugar em que estamos de pé, neste momento, foi poderoso o suficiente para ser uma parte disso, para ajudar a criar outro curso para a porra do Rio Mississippi.

— Ela começa a andar de volta no caminho sombreado em direção à casa, mas olha por sobre o ombro, me olhando nos olhos.

— Tire uns minutos e pense sobre isso — ela diz. — Não deixe o Caleb definir o resto da sua vida. Mude o seu curso.

Levo mais do que uns minutos quando ela vai embora. Eu fico ali em pé até o sol desaparecer, e a noite se espalhar pelo céu com um veludo preto cravado de estrelas. Sei que deveria entrar em casa. Nunca fico tão perto do rio quando está escuro, mas hoje, não há medo algum de jacarés ou

cobras ou o que quer que seja que o pântano possa usar contra mim. Hoje, os grilos sussurram de volta para mim as palavras da Lo.

Mude o seu curso.

E no movimento da água, escuto a voz da MiMi também.

Inspire. Expire.

Respiro fundo, sentindo a força preencher meus pulmões e pulsar pelo meu sangue. Expiro os meus medos, liberando minhas objeções e tudo que pode me segurar. E então eu sinto. O poder que mudou o curso do rio inunda as minhas veias, e eu me levanto por dentro, tão alto que assumo uma nova forma, um novo formato. Um novo curso.

Corro para casa, tropeçando ocasionalmente no escuro. E será desse modo algumas vezes, correndo esse curso, tropeçando. Tudo pelo que passei, tudo que vai acontecer, nada disso é fácil. Não existe uma solução rápida, mas hoje à noite, sinto-me poderosa o suficiente para seguir em frente.

Antes de perder a coragem, procuro dentro de minha bolsa até encontrar. Um pequeno cartão branco, dobrado, manchado, e quase esquecido, que talvez me leve para grandes planos. Talvez me leve para o meu futuro. Para o meu novo curso.

Com dedos trêmulos, eu ligo.

[17] Na Sociedade de Escravos Americanos existiam algumas palavras pejorativas que classificavam o grau de mestiçagem dos negros. Quadroons é o equivalente a uma pessoa $\frac{1}{4}$ negro e $\frac{3}{4}$ branco (descendência europeia); Octoroons equivale a $\frac{1}{8}$ negro e $\frac{7}{8}$ ascendência europeia. Seria algo como negro, mulato, mameluco, cafuzo.



CAPÍTULO 37

AUGUST

— Nós precisamos conversar.

Coisas boas raramente acontecem quando o Jared me diz isso.

Eu me deito no sofá do seu escritório, minhas pernas cruzadas no tornozelo, os pés apoiados no braço do sofá.

— O que nós temos para conversar? — Jogo uma minibola de basquete no ar, pegando-a de volta com uma mão. — A Pippa vai assinar, certo?

— Sim, acho que sim. — Jared dá a volta na sua mesa, sentando-se na beirada para ficar de frente para mim. — Ela ainda não assinou os contratos, mas estamos próximos.

— E eu nem tive que fodê-la. — Dou um sorriso para ele. — Você não está feliz em ver a minha virtude ainda intacta? Isso é chamado integridade.

— É chamado de oportunidade desperdiçada, na minha opinião —

ele fala.

— É por isso que não te peço opinião sobre nada, a não ser contratos e dinheiro. — Jogo a bola no ar novamente, vendo-a girar antes de pegá-la. — Por falar nisso, está tudo certo para a troca com o Houston?

Ainda não consigo acreditar. Estou saindo da terra de ninguém do basquete, e sendo enviado para a terra sagrada. Houston foi longe nos playoffs desse ano, se desclassificando apenas alguns jogos antes do campeonato. Eles irão ainda mais longe no próximo ano com a adição de algumas peças-chave, sendo eu uma delas.

— Sim. Já estou com os contratos. — Jared hesita, colocando as mãos nos bolsos de suas caríssimas calças feitas sob medida. — Você tem certeza de que é isso que você quer, certo?

— Sério? — Eu rio sem acreditar. — Quer dizer, vou sentir falta do Decker, do Jag, do Kenan e de todos os caras, mas isso é um negócio, e todos nós vamos ganhar algo com isso.

O Waves vai receber três ótimos jogadores e pode continuar a construir o time, nessa troca. E vou ter a chance de jogar para um time realmente competitivo, com chances de um campeonato.

Junto com quarenta e cinco milhões de dólares.

Esqueci de mencionar isso?

Eu não queria pedir tanto, mas o Jared é durão e acreditou que nós poderíamos conseguir isso. Quem sou eu para reclamar desse tanto de dígitos?

Jared pigarreou e suspirou ao olhar para mim.

— O quê? Eles estão voltando atrás no valor agora? — Arremesso a bolinha mais uma vez, pego e coloco no chão, e me sento no sofá me

recostando nas almofadas de couro.

— Não, nada disso. — Relutância está espalhada por todo o rosto de Jared. — Nós concordamos que essa é a melhor decisão, certo?

— Claro. — Eu franzo a testa, cruzando um tornozelo sobre o meu joelho. — Por que você continua me perguntando isso?

— Recebi uma ligação na semana passada. — Ele ergue o olhar, e me preparo para qualquer que seja a bomba que ele está prestes a soltar. — Da Iris.

Hiro-caralho-shima.

Esse é o nível da bomba que ele acabou de jogar em cima de mim.

— Minha Iris? — Minha pergunta dispara como um tiro.

— Bem... — Jared inclina a cabeça de um lado para o outro. — Isso ainda é discutível.

— Essa não é a hora para me zoar. — Eu me levanto, ansiedade correndo pelo meu sangue, inserindo vida em partes que nem sabia estarem dormentes. — Ela disse onde está? Onde ela estava?

Jared suspira profundamente, como se estivesse arrependido disso.

— Não, e tive a impressão de que ela não quis dizer — informa. — Ela estava mais preocupada sobre o futuro. — Ele fixa os olhos em mim e então os revira. — Ela ligou em busca de um emprego.

— Um emprego? — retruco. — Com você?

— Sim.

— Aqui?

— Sim.

— E você deu um para ela, certo? Você disse algo como “é claro que vou te dar um emprego, porque do contrário, meu irmão vai arrancar o

meu couro se eu não fizer”, né? A conversa foi mais ou menos assim?

— Ainda acho que que ela não sabe que somos irmãos, então isso não veio à tona, mas, sim, ofereci um emprego para ela. Um cargo de iniciante.

— Iniciante? — Ergo os braços, ajeitando-os depois ao lado do corpo. — E isso deve atraí-la?

— Eu não estava tentando atraí-la — ele responde. — Ela é uma garota esperta, inteligente e ambiciosa, mas isso não muda o fato que nunca trabalhou no mercado depois que se formou. Eu disse a ela que não estava mais na Richter, mas que agora tinha minha própria agência em San Diego.

— Nós temos a nossa própria agência — corrijo. — E? Esse cargo de iniciante, ela vai aceitar?

Ele olha para o teto, abaixa a cabeça e passa a mão pelo seu cabelo cheio.

— Sim, ela aceitou.

— Puta merda. — Começo a andar de um lado para o outro, meus braços e pernas canalizando todo o meu nervosismo que me atravessa. — Depois de mais de um ano, ela está voltando para a minha vida. Ela estará bem aqui em...

Minhas palavras sofrem uma morte rápida e dolorosa. Iris estará em San Diego, e eu estarei em Houston, com o meu anel de campeão e quarenta e cinco milhões de dólares.

— Nós acabamos de concordar que Houston é a melhor decisão para a sua carreira, Gus — Jared me lembra. — Não faça nada imprudente.

— Sim, é a decisão certa para a minha carreira, mas quando vou me aposentar do basquete? Trinta e cinco? Trinta e seis anos? E o resto da minha

vida estará na minha frente. Vou passar mais do meu futuro fora da quadra do que dentro. Basquete não é a minha vida inteira.

— Não é? — Jared gesticula ao redor do escritório luxuoso. — Não estamos construindo a Elevation em volta da sua credibilidade como um atleta profissional?

— Se o último ano me mostrou alguma coisa — digo, suavemente —, é que preciso de mais do que uma bola para me fazer feliz. — Respiro fundo, lutando para desacelerar meus batimentos cardíacos. Ela nem está na sala, não está nem no estado ainda, e já me tem enrolado.

— Quando ela começa? — pergunto.

— Em três semanas.

— E o Waves estaria aberto à possibilidade de eu ficar? — Seguro o fôlego enquanto aguardo. Se o Waves preferir me usar para pegar os outros jogadores, ao invés de me manter no time, não terei muito o que fazer.

— O escritório principal provavelmente ficaria bem feliz em poder continuar construindo o time em volta de você. Sei que Deck ficaria. — Jared sacode a cabeça e esfrega a nuca. — Mas estou implorando para você não tomar uma decisão precipitada da qual você vai se arrepender.

Sei tudo sobre arrependimento. Eu me arrependo de não ter pegado o número de telefone dela na primeira noite em que nos conhecemos. Eu me arrependo de não ter feito o possível para que ela visse como Caleb era um babaca. Eu me arrependo de não tê-la beijado antes — de não descobrir um modo de fazê-la minha. Eu me arrependo de não ser o pai de seu primeiro bebê.

Mas com a mesma intuição que tive naquela primeira noite no bar, uma que me disse que ela seria importante para mim, que estaríamos bem,

juntos, sei que não me arrependerei disso.

— Cancele o acordo.

— Gus. — Jared abaixa o rosto em suas mãos e fala por entre os dedos: — Não faça isso. Você nem sabe se ela vai querer um relacionamento com você.

Ele está certo? Não. Ele não pode estar, não quando me lembro da simplicidade que eu e Iris compartilhamos todas as vezes em que estivemos juntos. Confissões, esperanças, sonhos, medos, inseguranças – tudo se derramando de nós. Nunca me senti conectado desse jeito com mais ninguém. E o modo como o beijo trocado naquele closet ainda queima a minha memória e me deixa duro. Deus, nunca vou me esquecer do gosto dela – doce e picante.

Uma rica fantasia derrama sobre os meus sentidos, o cheiro dela quando o meu rosto estava enfiado no meio de suas pernas. A pele sedosa dentro de suas coxas beijando minhas bochechas. Minha boca, faminta e desajeitada, deleitando-se em seu centro. Meu rosto molhado com sua excitação. Seus dedos enfiando no meu cabelo. Aquela faixa de pele dourada sobre sua calcinha. Porra, seus mamilos endurecidos através daquela camiseta.

— Acabe com o acordo — digo, roucamente, indo em direção à porta do escritório do Jared. Eu vou ter que bater uma aqui no banheiro. Não consigo nem chegar em casa.

— August, você sabe que esse é um tiro à longa distância, certo? — Ele tenta racionalizar pela última vez, mas a resignação em seus olhos me diz que ele entende que é inútil tentar me dissuadir desse curso.

— Longa distância? — pergunto, pausando na porta para lhe dar

um sorriso arrogante. — Da última vez que ouvi, eu era muito bom nesses.



CAPÍTULO 38

IRIS

Estou tremendo de nervoso pelo primeiro dia. Ou talvez esse seja nervosismo de nova vida. Nervosismo de novo curso.

Quando procurei o cartão de Jared Foster, quem teria pensado que estaria aqui um mês depois, nos escritórios de sua nova agência, Elevation? Sim, estou ocupando um cargo de iniciante, mas essa é uma pequena empresa procurando por pessoas motivadas que querem fazer as coisas acontecerem.

Essa sou eu, lembro a mim mesma.

— Aqui está ela — Jared diz assim que entra na pequena sala de reunião onde a recepcionista me orientou a esperar. — A mais nova funcionária da Elevation.

— Oi. — Estendo a mão para ele, apertando firme, mesmo tendo que me segurar para não agarrar seu pescoço por me dar essa oportunidade. — É tão bom te ver novamente.

Quais são as chances?

Eu vivendo em San Diego.

E August se mudando para o Texas, se as notícias sobre a sua troca estão corretas.

Nunca peguei o seu número, mas se eu quiser encontrá-lo, talvez seja capaz. Jared pode até ter conexões com o agente dele.

Eu me forço a focar e não pensar em August, o que tem sido difícil desde que aterrissei na semana passada. Nós estamos no mesmo estado, na mesma cidade, mas ambos são maiores do que qualquer lugar em que já tenha morado.

— Já se ajeitou na sua nova casa? — Jared pergunta, sentando-se à beira da mesa de reuniões com os braços dobrados.

— Sim, vou ter que agradecer a sua assistente por me ajudar a encontrar a casa. — Arregalo os olhos e sorrio. — Ouvi dizer que San Diego era bem caro, mas achei um ótimo lugar que posso pagar, e creche para a Sarai.

— É, o que você acha disso... — Jared coça atrás da orelha como um cão procurando por pulga, antes de limpar a garganta — Nós, humm, recentemente inauguramos a creche para os nossos funcionários.

— Fiquei surpresa que uma empresa tão jovem como a Elevation já tenha creche própria.

— É. — Ele levanta suas sobrancelhas, um movimento sardônico em sua boca. — Ninguém ficou mais surpreso do que eu. Meu, ah, sócio insistiu nisso para os, humm... pais.

— Deixei Sarai lá há alguns minutos. — Eu pressiono a palma no meu coração através do vestido de seda. — É a minha primeira vez ficando longe dela, então a creche aqui é perfeita. E tão acessível. Eles disseram que

será deduzida do meu contracheque, e não vou nem ver.

— É — ele diz com um sorriso sarcástico. — Será como se nem estivesse sendo descontado.

Eu me forço a parar de falar sobre como tudo deu tão certo. Ele não quer escutar sobre isso. Tenho certeza de que ele tem outras responsabilidades. Eu mal posso esperar para mergulhar de volta nesse mercado – para fazer o que sempre quis desde o Ensino Médio.

— Nós vamos conversar sobre o trabalho e todos os detalhes daqui a pouco — Jared diz, como se estivesse lendo a minha mente. — Mas tem alguém, humm, dos recursos humanos... mais ou menos, que precisa falar com você antes.

— Ah, certo. — Faz sentido. Provavelmente para revisar os benefícios e assinar a papelada.

— Eu falo com você mais tarde. — Jared se levanta, me fazendo levantar também. — Eles já vão entrar.

— Está bem. — Eu me sento novamente quando ele sai e passo as mãos sobre o vestido justo que a Lo me fez usar.

Na mesma hora, meu telefone vibra com o rosto dela na tela. Olho por sobre o ombro para a porta, arriscando poder fazer isso rápido antes da pessoa dos recursos humanos chegar.

— Fale rápido, Lo — eu digo. — O RH estará aqui a qualquer minuto com a papelada e outras coisas.

— Eu vou. Desculpa. Não tinha nem certeza de que horas eram aí. — Ela ri sobre o som da máquina de costura no fundo. — Estou com a função dos botões hoje. Costurando dez bilhões de botões nesse vestido para o desfile da semana que vem.

— Paris? — Eu olho rapidamente para a porta.

— Milão. — Ela estoura uma bola de chiclete pelo telefone. — Desculpa. É tudo que tenho para comer aqui. Esses modelos são como robôs. Sério. Eles não precisam de comida para funcionar.

Eu rio, esquecendo do meu nervosismo por um momento.

— Estava pensando se posso ir te visitar quando voltar? — Lo pergunta, ainda estourando bolas.

— Ai, Deus, sim, Lo. — Eu solto o ar preso. — Ainda estou me ajustando, conhecendo a cidade. Venha explorar com a gente.

— Não poderei ficar muito tempo — ela diz —, mas me dei conta do quanto senti sua falta quando... — Ela abaixa o tom de voz. Nós não conversamos sobre o meu tempo com o Caleb. Ele não me contatou, e me nego a colocar a minha vida em espera por mais um segundo por medo de que irá.

Passos estão se aproximando, e eu praticamente derrubo o telefone.

— Eu tenho que desligar, Lo.

— Okay, mas a Sarai está gostando da nova creche? — ela pergunta correndo. — Eu tenho saudade do meu bebê. E sei que ela tem saudade de mim.

— Sim, terrivelmente. Nós vamos nos falar pelo FaceTime hoje à noite. Tchau.

Desligo no exato momento que a porta da sala de reuniões abre atrás de mim. Estou prestes a virar quando uma flor é colocada na mesa ao lado do meu cotovelo.

Não qualquer flor. Uma linda íris da Louisiana desabrochada.

Meu coração galopa em meu peito como uma manada de garanhões

selvagens. Uma premonição alfineta minha pele, e os finos fios de cabelo da minha nuca se levantam. Meu corpo sabe antes de mim, mas ainda estou muda quando olho por sobre o meu ombro.

Encontro esses olhos de tempestade sob cílios tão grossos e curvados como me lembro. Cada detalhe de seu rosto, seu cabelo, seu corpo, é o mesmo, só que melhor. São tantas coisas que ele vai querer que eu explique, tantas coisas que quero contar para ele, mas nesse momento seu nome é tudo que consigo falar:

— August?



CAPÍTULO 39

AUGUST

Abri mão de um contrato de quarenta e cinco milhões de dólares e, provavelmente, um título de campeão.

Você poderia achar que essa teria sido a primeira coisa na qual pensei assim que acordei essa manhã, já que ainda posso escutar a porra da voz de Jared gritando na minha cabeça.

Não.

Esse momento. Esse momento aqui é a primeira coisa em que pensei todas as manhãs pelas últimas três semanas. Tive tantas ideias de como poderia fazer isso acontecer, mas achei que a flor era a minha melhor aposta. Isso iria lembrá-la que, mesmo que nunca tenhamos sido um casal, ainda assim, temos uma história e uma conexão inegável. Que todas as vezes em que estivemos juntos, fomos mais fundo e nos conhecemos melhor. Que existe um August e Iris, e que estou pronto para entrar de cabeça. Tenho certeza de que, no final da minha vida, eu, como a maioria das pessoas, terei

uma pilha de arrependimentos e coisa que “queria ter feito”, mas Iris DuPree não será um deles. Mesmo se no final as coisas não acontecerem do jeito que eu gostaria, não vou me arrepender de tentar.

Ela vale tudo isso.

— August?

Choque, prazer e confusão marcham por seu expressivo rosto em rápida sucessão. Ela se levanta, a íris da Louisiana segura entre seus dedos, e a vejo por inteiro em mais de um ano.

Santo Deus.

Meus olhos se movem de sua cabeça aos pés, olhando cada pequeno detalhe. Exceto pela noite em que nos conhecemos, seu cabelo sempre estava liso, mas não hoje. Ele está mais comprido, ondas indomadas escorrendo por suas costas e quase alcançando seus cotovelos. Espirais grossos e escuros se agarram possessivamente na curva sedosa de seu pescoço e em seus braços, tocando todos os lugares que espero reivindicar. Esses olhos, salpicados de outono – âmbar, dourado e verde –, me assustam com sua claridade sob densos cílios e sobrancelhas. Sua pele tem esse brilho. Ela sempre foi bonita, mas há algo diferente nela. Não posso afirmar o que é, mas isso adiciona uma camada de irresistibilidade, e aperto os meus punhos para não esticar os braços em direção a ela.

Meus olhos descem para a sua boca. É muito cedo para beijá-la. Existem esclarecimentos, perguntas e detalhes. Tem toda essa merda, mas sério, quero colocar tudo isso de lado e só devorar a sua boca. Quero sugar esses lábios entre os meus, enfiar a minha língua na sua garganta, e lamber em volta até que tenha experimentado cada quente e liso centímetro dela.

Eu arrisco um olhar abaixo do pescoço dela.

Puuuuuta que pariu.

Iris tem um desses corpos. Ela é uma dessas mulheres que os homens relembram em perfeito detalhe anos após a terem visto. Mesmo um vislumbre iria queimar uma impressão na sua memória. Mas parar ali é literalmente só raspar a superfície porque embaixo da beleza de sua pele e de seu corpo perfeito, vive uma opulência de espírito – uma riqueza de força que você acabaria ignorando se deixasse sua beleza te distrair.

— August? — ela pergunta pela segunda vez.

Eu não sei. Talvez ela tenha dito o meu nome cinco vezes, seis. Talvez ela tenha estalado os dedos à frente do meu rosto. Estou tão aberto para essa mulher, que perdi a noção de tempo e espaço só de vê-la depois de tanto tempo.

— É. — Eu sorrio para ela. — Oi.

— Oi? — Ela sacode a cabeça e coloca a mão na testa como se isso fosse ajudar as coisas a fazerem sentido. — Você não é dos recursos humanos.

— Humm, não. Não exatamente.

— De jeito nenhum. — Ela engole, suas sobrancelhas escuras franzidas.

— Estou feliz em te ver, mas...

— Eu também estou feliz em te ver. — Eu me jogo no positivo. — Você está... maravilhosa, Iris.

Ela pisca para mim como uma coruja. Se você for deusa em forma de coruja, é isso. — Estou feliz em te ver, mas realmente confusa — ela termina. — O que está acontecendo?

— Bem, Jared e eu somos irmãos — admito. — Meios-irmãos, na

verdade.

— Eu não entendo. — Ela respira. — Continue.

— Não sabia que vocês dois se conheciam até o dia anterior antes de você desaparecer. — Deixo a minha última palavra solta no ar. Sabe como é. No caso de ela querer explicar onde ela esteve no último ano e me dizer porque nunca mais apareceu.

Ela levanta o queixo, silenciosamente me dando a entender que quem está exigindo explicações é ela.

— Bem, então, no dia antes de você desaparecer — eu continuo —, Jared me pegou no centro comunitário e te viu. Isso foi quando descobrimos que nós dois te conhecíamos.

Eu sorrio, sabendo que deveria dizer mais que isso, mas meio que perdendo minha linha de raciocínio. Nós estamos finalmente na mesma sala quando pensei que nunca mais a veria outra vez.

— E agora eu trabalho aqui? — ela pergunta, suas sobrancelhas levantadas. — Não tem muita coisa que você está deixando de fora?

— Não tem muita coisa que você está deixando de fora? — retruco na mesma medida. — Como... por que você usava a aliança do Caleb, mas disse que não estavam noivos? Ou quando nos beijamos e eu te comi, e você gozou naquela sala, mas aí nunca mais soube notícias suas? Não podia te achar em lugar nenhum? Tem alguns detalhes que você gostaria de compartilhar?

É somente no silêncio nos espremendo que descubro que por baixo do meu desejo louco de transar com ela, para segurá-la possivelmente pelo resto da minha vida e nunca a soltar, também estou um pouco puto. Bom, agora nós dois sabemos.

— Você primeiro. — Um músculo flexiona ao longo da delicada linha de sua mandíbula. — Por que estou aqui, August?

Ela junta as mãos na frente no corpo, os olhos fixos na íris da Louisiana em suas palmas.

— Pelo menos existe um emprego? — ela pergunta.

— É claro que tem um emprego. Sou um sócio anônimo na Elevation. Jared e eu nunca anunciamos nosso parentesco e decidimos que ele não seria o meu agente quando entrei na liga, mas nós sonhamos sobre essa empresa por um longo tempo. — Dou de ombros e continuo: — Nós íamos esperar, mas a minha lesão nos fez rever as prioridades e me fez perceber o quão curta essa carreira pode ser. Então nós abrimos a empresa no ano passado.

— Você é dono da Elevation?

— Um dos donos, sim. O Jared cuida de toda a parte de negócios; eu sou só meio que o nosso garoto-propaganda para fazer com que outros atletas de alto escalão queiram trabalhar com a gente.

— Mas a Elevation é sua. — Seus cílios se movem em rápidas piscadas, e ela morde o canto da boca. — É isso que você quer que eu seja? Sua? Eu só estou aqui... por sua causa?

Minha primeira reação é bater no meu peito e dizer claro que ela é minha, mas então vejo que ela não quis dizer de uma forma como se achasse sexy o estilo homem das cavernas.

— Não desse jeito. — Bufo uma risada sem-graça.

Quando ela olha de volta para cima, detesto ver a mágoa e a decepção escurecendo seus olhos, tirando aquele brilho único que havia ali assim que a vi. E agora eu entendo. Aquele brilho, era orgulho de si mesma.

Quando me formei na faculdade, fui para a NBA somente alguns meses depois, recebi uma quantidade ridícula de dinheiro, criei meu lar aqui em San Diego, virei uma marca, juntei um bando de patrocínios, e agora tenho uma das camisas mais vendidas da liga.

Ela nunca teve isso.

Não o dinheiro ou a fama ou nada dessa porcaria. A maioria das pessoas nunca consegue isso – a independência.

Depois da faculdade, a Iris estava grávida e de repouso, impossibilitada de ganhar dinheiro, e então responsável por um bebê, dependendo do Caleb, e vivendo em sua casa, guardada e mantida. Essa é provavelmente a maneira que ela pensa sobre isso. Na noite em que nos conhecemos, ela disse que nunca queria ser como a sua mãe, uma mulher mantida por homens. Em algum nível, ela provavelmente pensa que foi isso o que aconteceu com ela.

A ideia de que estava de pé, sozinha, fazendo seu próprio caminho, isso a fez brilhar.

E ela pensa que tirei isso dela.

— Agora tudo faz sentido — ela bufa. — Eu sou tão idiota. Eu sabia que não seria capaz de pagar uma casa naquela vizinhança.

Ah, merda.

— Sabia que liguei para a casa vizinha que está para alugar? Só de curiosidade, para ver a pechincha que consegui. — Sua risada fica cínica e amarga. — Era três vezes o valor que eu pago. Isso foi você também? Você fez isso?

— Iris, me deixa explicar.

— E a creche. Você também pode explicar isso, certo? Como a

Elevation começou uma creche local para os seus funcionários quando o Jared me contratou.

Fico em silêncio. Achei que estava sendo incrível. Achei que isso a faria feliz – não ter que deixar a Sarai a quilômetros de distância. Eu queria tornar tudo mais fácil para ela, mas de algum modo, estraguei tudo.

Eu tenho que consertar isso, explicar e remover a decepção escurecendo seus olhos.

Eu cruzo a parede invisível de tensão nos separando, colocando a mão em seu queixo, virando seu rosto para cima para ela poder ver a verdade quando eu disser para ela. Eu faria de tudo para restaurar aquele brilho, aquele orgulho em si mesma que a fez ainda mais bonita do que eu já a vi.

— Iris, não. — Meu dedão acaricia sua maçã do rosto. — Eu posso explicar sobre a casa e a creche. Posso explicar tudo.

— Eu deveria estar lisonjeada porque você criou um emprego para mim, né? — Seus olhos brilham com lágrimas. — Homens sempre encontram uma utilidade para mim, não é? Quais são as minhas responsabilidades exatamente? Boquetes sob a mesa, rapidinhas na sala de cópias? Quando eu começo? — Ela cai de joelhos na minha frente e toca o meu cinto. — Agora? — Rancor coloca a exuberância de sua boca em uma rígida linha. — Ou talvez você queira ver o produto antes?

Estou estupefato vendo-a se atrapalhar com os botões de seu vestido. Os dedos estão trêmulos quando ela abre o primeiro e depois o próximo. A curva dos seus seios aparece sobre um bojo de cetim preto. Detesto perceber que minha respiração acelera e meu pau endurece vendo mesmo tão pouco dela.

— Achei que você gostaria disso — ela sussurra, uma lágrima

caindo em sua mão.

— Para, Iris — digo, entredentes. — Não é para ser assim.

— Assim como? — Seus dedos continuam soltando os botões, revelando a firme linha de sua cintura, a curva acentuada de seu quadril. Seu corpo é feito com tanta elegância, mas detesto ver que é isso o que pensa que eu quero.

Eu fico de joelhos, ainda muito mais alto do que ela, mas pelo menos agora nós estamos no mesmo nível. Rapidamente fecho os botões do seu vestido, ignorando a pele sedosa sob os meus dedos pelo caminho. Coloco a mão no seu rosto e pressiono nossas testas juntas. Eu alivio minha força nela, meu desprazer e frustração diminuindo agora que a estou sentindo sob as minhas mãos.

— Você fez isso. Eu juro — eu digo. — O Jared já havia te dado o emprego antes mesmo de me contar que você tinha ligado para ele.

Ela abre a boca para falar, mas coloco meu dedo indicador sobre os seus lábios. Eu tenho que falar tudo.

— Quando ele me contou do emprego que havia oferecido... — hesito, garantindo que ela ouça que isso estava certo antes mesmo de eu ser envolvido — Admito... fiquei empolgado.

Pequeno eufemismo.

— Eu queria que as coisas dessem certo para você — continuo, relutantemente tirando meu dedo de sua boca. — San Diego é uma das cidades mais caras do país. Com um cargo de iniciante, você não seria capaz de bancar a vizinhança em que está. Eu queria você e a Sarai seguras e em um bom lugar. Não espero ou quero nada em retorno. Eu não te arrumei o lugar como uma amante ou algo do gênero.

— Pois é isso que parece — ela diz, mas um pouco da rigidez sai de seu pescoço e ombro.

— Não sou o dono daquela casa. Um dos caras do time mexe um pouco com imóveis. E essa é uma das propriedades dele. Quando ele soube que uma funcionária da Elevation, uma mãe solteira, precisava de um lugar, ele abaixou o aluguel.

O ar começa a se soltar entre a gente, e arrisco pegar a mão dela.

— E a creche. — Dou de ombros. — Não tenho uma boa desculpa para isso, exceto... eu queria que você tivesse a Sarai perto, mas na última pesquisa de satisfação com os funcionários do Jared, várias mães indicaram que uma creche local ajudaria. Não é somente para você. Havia outras crianças lá quando você deixou a Sarai, certo?

Iris acena com a cabeça, dando-me um olhar inquisito por vários segundos.

— Então existe um emprego? — ela finalmente pergunta. — Um emprego de verdade? Aquela entrevista por telefone que o Jared me fez passar não foi só ele mexendo os pauzinhos para a namorada do seu irmão?

Namorada?

Acalme-se.

Ela não quis dizer isso desse jeito.

Ela não está dizendo... merda. A quem estou enganando?

— Namorada? — não resisto perguntar. — Você vai ser a minha garota, Iris?

Ainda estou com a mão em seu rosto, e seu cabelo está caindo sobre os meus dedos. Ela cheira como o paraíso, e não tenho certeza de que posso fazer isso – sair dessa sala sem beijá-la. Sem levantá-la na mesa da sala

de reuniões, empurrar aquele vestido sobre as suas pernas e comer como um louco a sua boceta. Porque isso é basicamente tudo em que posso pensar agora que estamos tão perto. É como se eu não tivesse tido uma refeição desde a última vez que a tive, e a minha boca está se enchendo d'água só de imaginar aquele clitóris, aqueles lábios, seus sucos. Ela gozando para mim, gozando na minha boca, escorrendo pelo meu queixo.

— Eu preciso ir devagar, August — ela sussurra.

Devagar.

Isso seria o oposto à minha fantasia nesse exato instante. Eu luto para comandar o meu corpo. Não transo com ninguém há um bom tempo. Jared estava certo. Eu preciso foder, mas a única garota que quero está me dizendo que precisa ir devagar. E mesmo que meu corpo esteja furioso, e queimando e ansiando para enfiar cada centímetro que tenho dentro dela, devagar nós iremos.

— Nós podemos fazer isso — eu digo para ela. — Não importa o quanto demorar.

Minha voz parece equilibrada. Você nem saberia que existe um foguete na minha calça pronto para decolar. A reabilitação da minha perna, o retorno às quadras em menos de um ano, voltando mais forte que antes, foi um esforço hercúleo. Se posso ser tão disciplinado para um jogo, posso me controlar para a Iris. Esperei por ela, e vou esperar um pouco mais até ela dizer que nós esperamos o suficiente.

— Eu não estava preparada para isso — ela diz, sua voz soando quase como um pedido de desculpas. — Para nada disso. Eu pensei... eu sei que estive meio ausente, mas a última coisa que soube é que você estava sendo trocado com Houston. Nem sabia que iríamos morar na mesma cidade.

É aí que um pensamento horrível me ocorre. Será que interpretei as coisas de forma errada?

— Então você aceitou o emprego porque pensou que eu não estaria aqui?

Decepção e vergonha me colocam de pé. Sinto falta de seu calor imediatamente, mas talvez precise me acostumar com a ideia de que ela se mudou para cá porque achou que eu estava indo embora.

— Uau. Agora eu me sinto como um idiota. — Minha risada é uma nota de três dólares. Uma fraude. Falsificada. — Eu nem pensei... é, acho que eu nem pensei nisso completamente. Eu só assumi que você sentia...

Engulo a emoção queimando a minha garganta. A voz de Jared volta para me assombrar – seu aviso de que eu me arrependeria de ficar no Waves se as coisas com a Iris não dessem certo. A flor que eu trouxe para ela está no chão ao lado dos seus joelhos, e é assim que me sinto. Cortado no caule. Descartado.

— Eu sentia. — Ela se levanta, a cabeça mal alcançando meu ombro. — Eu... sinto isso, quero dizer.

Ela segura a minha mão, entrelaçando os nossos dedos e me olhando da maneira que imaginei que iria, uma mistura de possibilidade e vontade e esperança em seus olhos.

— Eu também sinto isso, August. Sempre senti — ela diz, suavemente, mordendo o lábio inferior por um segundo antes de prosseguir: — Eu só... passei por muita coisa, acho, e ainda estou acertando algumas coisas.

Passou por muitas coisas? Que porra isso significa? Pelo quê ela passou? Quem a machucou? O Caleb? O cara está morto se eu descobrir que

ele a machucou.

— O que isso significa? — pergunto, tendo esperança de que a minha voz soa mais civilizada do que me sinto. — O que você passou, Iris?

Sinto isso imediatamente, a parede criada entre nós. Seus olhos ficam distantes, olhando para dentro de si mesma.

— Eu não posso... quero dizer... — Seus olhos imploram, e sou capaz de fazer o que ela quiser. Dar a ela o que ela precisar. — Será que podemos não falar disso por agora?

Frustração me estrangula por um segundo, mas obrigo-me a ficar calmo. Eventualmente ela me dirá a quem eu devo mutilar.

O que aconteceu com ela?

Aceno com a cabeça, entrelaçando nossos dedos ainda mais apertado, deixando-a saber que não vou a lugar nenhum.

— Ah... — Ela sacode a cabeça, confusão de volta em seu rosto. — Espera. O que aconteceu com o acordo com Houston? A última coisa que soube é que estava praticamente fechado.

Eu conto a verdade? Se contar para ela o que fiz, tudo que abri mão pela remota chance de que ela ficaria comigo, é muita pressão. Nela. Em mim. Nesse relacionamento, quando se tornar um relacionamento de verdade, com encontros e conversas diárias como casais normais têm e sexo...

Merda. Eu provavelmente vou quebrar o meu pau batendo uma baita punheta antes de sair desse prédio.

— August? — ela pergunta novamente. — O que aconteceu com o acordo com Houston?

Fazendo tudo sorrateiramente para ajudá-la, não contando tudo desde o início nos levou a um início conturbado. Não vou arriscar isso

novamente sendo algo menos do que honesto.

— Quando o Jared me contou que você estava se mudando para cá, eu neguei o acordo.

Minhas palavras caem em um abismo de estupefato silêncio. Ela chega para trás como se eu tivesse batido nela. Seus dedos começam a soltar os meus, mas não a deixo ir.

— Não. — Aperto sua mão gentilmente, levantando a outra para segurar o seu rosto. — Me escute...

— August, aquele era um contrato de quarenta... — Ela respira fundo antes de continuar: — Tipo, quarenta milhões de dólares.

— Quarenta e cinco, mas o que são alguns milhões aqui e ali? — brinco.

— Mas e o time? — ela pergunta, ignorando minha tentativa de humor. — Houston chegou nas finais esse ano.

— É. — Eu pisoteio o medo de que nunca vou ganhar um campeonato, nunca vou ter um anel, o Santo Graal que persegui a minha vida inteira.

— Aquele time está pronto para um campeonato — ela me lembra desnecessariamente. — Talvez até na próxima temporada.

— Iris, eu sei disso.

— Mas isso não faz o menor sentido. Eu não entendo.

Aqui está a minha chance de fazer isso certo. Minha chance de ter certeza de que ela saiba que, mesmo tendo perseguido uma bola em uma quadra a minha vida inteira, não estou de joguinhos com ela.

Arremesse a bola.

— Os seus sonhos e ambições foram engolidos quando você teve

que seguir o Caleb — digo, segurando seus olhos com os meus. — Eu quero que você saiba que existe alguém que vai seguir você.

Ela pisca várias vezes, e só posso torcer que minhas palavras estejam fazendo efeito.

— Mas você não pode... eu não sou... — Ela para e tenta novamente: — August, Houston é a sua melhor chance de ganhar um anel.

— Você está certa. — Eu solto os dedos dela para poder segurar o seu rosto entre minhas mãos. — Ir para a Houston é a minha melhor chance de ganhar um anel.

— Então por que você...

— Mas ficar aqui... — interrompo, acariciando o seu lábio inferior com o meu polegar. — Ficar é a minha melhor chance de ganhar você.



CAPÍTULO 40

IRIS

— Que porra está errado com você?

Não é a primeira vez que a Lo me fez essa pergunta, e certamente não será a última.

— Não começa, Lo — eu murmuro, deitada de bruços no chão da sala, pintando com a Sarai.

— Agora me diz novamente... o que ele disse? — ela pergunta, sabendo muito bem o que August disse. Já contei para ela nas últimas quatro vezes que perguntou.

— Ele disse que Houston era sua melhor chance de ganhar um campeonato — repito, tirando toda a emoção da minha voz, mas derretendo novamente por dentro —, mas ficar aqui é sua melhor chance em me ganhar.

— Porra, ele é bom. — Lo pega uma mão cheia de pipoca. — A última coisa que diria para aquele homem é que quero ir devagar.

Eu não respondo, mas mantenho a cabeça abaixada, pintando

dentro das linhas.

— Seria mais como um “vamos agora”. — Ela aperta os olhos para a televisão presa na parede. — Agora, qual é o número dele?

Eu olho para cima do livro de colorir de Frozen, para a televisão passando o jogo do Waves. As costas dos jogadores estão viradas durante um tempo técnico.

— Ele é o número trinta e três. Era o número do pai dele também.

— O pai dele era um irmão ou o quê?

— Sim, o pai dele era negro. Sua mãe é branca. Seu pai na verdade também jogou na NBA. Ele morreu em um acidente de carro em sua segunda temporada.

— Ah, cara. Isso é duro.

Nós duas olhamos para a televisão quando a torcida vai à loucura. August acabou de fazer uma cesta de três pontos. Ele comemora com seus companheiros de time.

Eu podia estar lá. Nesse um mês que estamos aqui em San Diego, August ofereceu ingressos para mim e Sarai, mas nós nunca fomos. Eles ainda estão na pré-temporada, e esse é um jogo exibição. A temporada regular não começa até o final desse mês, e prometi a mim mesma que iria a alguns desses jogos, mesmo que acabe ficando sobre o escrutínio público por agora estar ligada ao maior rival de Caleb.

— Estou feliz por ele estar tendo um bom jogo. — Eu sorrio, porque sei que ele vai me mandar mensagem depois e perguntar se eu assisti, o que achei, e como ele se saiu.

— Hummmm. Olha todo aquele cabelo cacheado. — Lo olha sorrateiramente da televisão para mim, observando a minha reação.

Levanto a cabeça e meu coração triplica de ritmo. August está na linha de lance livre. E claro, ele faz a cesta. Ele tem noventa por cento de acertos de lances livres.

— Ele tem um ótimo cabelo — admito, neutra. Está mais curto do que quando o vi em Baltimore, quando ele grudou em meus dedos como uma teia de seda, mas ele estava em reabilitação na época.

— Esse homem é gostoso — Lo diz. — Ele podia me pegar.

Minha cabeça levanta e meus olhos jorram veneno.

— Agora sim! — Lo aponta para o meu rosto e ri. — Já era tempo. Estava só tentando descobrir se você estava sentindo algo por ele ou não.

Ah, eu estou sentindo algo por ele. Eu estou sentindo... tudo, e isso me apavora mais do que tudo.

— Ele está de boa por vocês estarem levando as coisas devagar?—
Lo sonda mais fundo.

— Sim. — Um sorriso involuntário aparece nos meus lábios e eu derrubo meu giz de cera. — Você sabia que ele coloca uma íris da Lousiana na minha mesa todos os dias quando chego no trabalho?

— Bom, ele é rico. Ele pode pagar para ser entregue.

— Não. — Sacudo a cabeça e suspeito que talvez pareça sonhadora. — No caminho para seus treinos da manhã, ele a deixa ali. Ele até escreve bilhetinhos à mão.

— O que os bilhetes dizem?

Dou de ombros, mordendo meu lábio inferior e acariciando o giz azul-acizentado que é quase exatamente da cor dos seus olhos.

— Coisas simples como “Espero que você tenha um bom-dia”. — Eu rio e sinto minhas bochechas esquentarem. — Ou “você é a garota mais

linda que já vi”.

“Nós ainda estamos indo devagar?”

“Eu jogaria com você na posição cinco”.

“Eu mal posso esperar pelo nosso próximo beijo. Lembra do nosso primeiro?”

Nosso primeiro beijo acabou com a cabeça dele no meio das minhas pernas e o melhor orgasmo da minha vida. Em um closet, não menos. O que August faria em uma cama?

— Nós conversamos sobre tudo — eu continuo com um sorriso. — Trabalho, vida, basquete. É tão fácil, tão natural para a gente.

Lotus se senta no sofá, se inclinando para a frente e apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Ele parece ser um ótimo cara. E é bonito pra cacete.

— Ele ama a Sarai — adiciono com um sorriso. — Toda vez que está no prédio da Elevation, ele vai vê-la, nem que seja por alguns minutos. Ela ainda não consegue dizer o nome dele inteiro, então ela o chama de Gus. Ele odeia isso, mas não impede que ela o chame assim.

— Você já se apaixonou por ele — Lo diz, suavemente.

Grunhindo, eu me viro de costas, o livro de colorir abandonado. É claro que me apaixonei por ele. Não sou uma idiota. Comecei a me apaixonar por ele no dia em que nos conhecemos, e não parei desde então.

— Isso não muda a forma como tenho que lidar com isso — afirmo, meus olhos fixados no teto de nossa pequena casa. É uma ótima vizinhança, mas nossa casa é pequena, o tamanho certo para mim e Sarai. Um pequeno quadrado de grama é nosso quintal, e nós temos um limoeiro que deixa o ar cheiroso quando nos sentamos do lado de fora. Tenho um carro de

segunda-mão... Okay, terceira ou quarta-mão, que comprei com o pouco de dinheiro que a MiMi deixou para eu e a Lo dividirmos. Não é muito, mas é tudo meu.

— Quando eu disse para você mudar o seu curso — Lo diz, me trazendo de volta, seus olhos e voz sérios —, não quis dizer somente para achar um emprego. Existe uma vida lá fora, garota. Você não é somente a mãe de alguém.

— Eu não sou somente a mulher de alguém também — eu digo, bruscamente. — Acredite em mim. Eu já fui isso.

— Não deixe o Caleb vencer, Bo.

Já que a Lo me ajudou a escapar e sabe o que aconteceu, ela é realmente minha única opção para falar livremente sobre isso. Aquele contrato de confidencialidade me mantém presa, mas ao mesmo tempo ele me deu minha liberdade.

— Não o estou deixando vencer. — Eu me sento, encontrando seus olhos e olhando direto para ela. — Eu só tenho algumas dúvidas.

— Sobre August?

Dou de ombros, sem ter certeza de onde estas dúvidas vêm, mas com certeza as tenho.

— É difícil confiar novamente — admito. — Perdi todos os sinais com Caleb. Os ciúmes e a possessividade. Pressionando para um compromisso mais profundo do que eu estava pronta. Me isolando de pessoas que eu gostava. Quando você erra tanto com alguém, isso te faz cautelosa.

— E é só isso? — Lo pressiona.

— Eu também me preocupo com o que Caleb vai pensar, o que ele vai fazer.

— Oi? — O rosto de Lo está tomado de indignação. — O que aquele filho da puta tem a ver com alguma coisa?

— Ele odeia o August. Merda, August também o odeia. — Eu passo a mão nervosamente pelo meu cabelo. — Você sabe que foi a jogada suja de Caleb que quebrou a perna do August há duas temporadas, certo? Ele fez aquilo de propósito, Lo. E ele me disse que faria pior se eu me envolvesse com August.

— Ele não pode fazer nada com nenhum de vocês dois.

— Isso é fácil de dizer quando não é com você — digo, amargamente. — Você não tem ideia.

— Então agora nós vamos comparar histórias de estupros? — Lo pergunta suavemente. — É isso?

— Ai, Deus. Não. — Eu corro para o sofá para me sentar e segurar a mão dela. — Eu não quis dizer desse jeito. Sei que você sabe como é se sentir violada. Eu só quis dizer...

— Como fazê-la entender as profundezas até onde o Caleb desceu para me controlar?

— Caleb é louco. Realmente louco. — Fecho meus olhos contra a avalanche de memórias horrendas. — As coisas que estou usando contra ele só funcionam se ele se preocupar mais com a sua carreira e seus patrocínios e todo o resto, do que se preocupa com... — Não quero tornar os meus medos mais reais falando deles em voz alta.

— Mais do que ele se preocupa com você? — Lo termina para mim.

— Sim. — Eu hesito antes de continuar: — Ele era obcecado comigo. Sei que isso parece egocêntrico ou arrogante ou algo parecido, mas é

verdade.

— Eu vi a loucura dele, Bo. Você não precisa me convencer.

— Ele ameaçou machucar August novamente se eu não ficasse longe dele. Ele ameaçou machucar você também.

— Eu? — Lo toca o próprio peito. — Que cacete. Eu queria vê-lo tentar.

— Eu já te disse que ele sabia de cor o seu endereço em Nova York. Sabia a sua agenda e onde você trabalhava lá. Nem eu sabia isso.

— Eu sei. — As grossas sobrancelhas de Lo se juntam sobre seus olhos ultrajados. — Eu só odeio que ele me usou contra você.

As paredes parecem estar se fechando em volta de mim mesmo discutindo as invisíveis, mas reais, correntes que o Caleb usou para me prender.

— Todo mundo que significava alguma coisa para mim, ele usou contra mim, e ele faria isso novamente, e pior se tivesse a chance. — Sacudo a cabeça. — Me vendo com August, só espero que isso não o faça passar do limite. Essa também é parte da minha hesitação.

— Mas você não pode viver com medo dele.

— Às vezes é o medo que te mantém viva, Lo. Aprendi bastante com essa experiência. Eu aprendi que as pessoas são levianas com a vida das outras pessoas.

— O que isso significa?

— Eles dizem para as mulheres “só vá embora”, e eles dizem “você é tão fraca por ficar”. — Minhas palavras saem de mim mais rápido do que posso processar. — Sim, existem mulheres que ficam muito tempo. Sim, existem mulheres que aceitam o abuso, que confundem aquilo, de alguma

forma, com amor. Eu não era assim, mas sabia que se tentasse ir embora e falhasse, ele me mataria.

Lo me encara em silêncio por alguns momentos. Posso dizer que ela pensa que estou sendo melodramática, mas preciso fazê-la entender.

— Setenta por cento dos homicídios de abuso doméstico ocorrem quando a mulher tenta ir embora. Isso significa que quando um bando desses filhos da puta diz “eu vou te matar se você me deixar”, eles estão dizendo a verdade. — Um soluço fica preso em minha garganta, mas o reprimo, determinada a dizer o que é preciso com uma voz forte. — Imagine se eu tivesse ido embora e ele tivesse recebido a guarda parcial da Sarai. Aquele monstro com a minha filha nos finais de semana? Nunca.

— Isso não teria acontecido — Lo diz, mas ela parece menos certa do que quando nós começamos.

— Ah, sim, teria. Ele é rico, famoso, tem os melhores advogados que o dinheiro pode comprar, e nenhum antecedente criminal. Esportes, principalmente no nível dele, é tão restrito, que eles acabam protegendo a si mesmos. Eu vi por mim mesma. Atrás de cada mulher que decide contar sua história, existe uma linha de policiais, funcionários, técnicos, e pessoas que deveriam ter ajudado, mas que sabiam e nada fizeram.

Dor, ultraje e fúria dão um show dentro de mim. Eu pauso para respirar calmamente antes de continuar:

— Ele não teria ganhado nada mais do que uma reprimenda, uma prisão provisória, e isso se alguém tivesse acreditado em mim.

Afasto o cabelo do meu rosto e entrelaço minhas mãos na nuca. É uma justiça impraticável, a mulher tendo que compartilhar a custódia com o homem que tentou matá-la, porque seus direitos paternos devem ser

protegidos.

— As pessoas não têm ideia do que algumas mulheres passam atrás de portas fechadas e o que as mantém lá. — Sacudo a cabeça. — Essa era eu, vivendo a mentira e sendo espancada pela verdade até que encontrei um modo de sair. E não sei se um dia realmente vou superar isso.

— Você vai, sim. — Lo coloca um cacho de cabelo atrás da minha orelha, e eu me retraio.

— Viu? — Minha risada sai somente um pouco histérica. — Ele costumava fazer isso. Ele empurrava meu cabelo atrás da minha orelha tão gentilmente, mas com sua arma.

— Merda, Bo — Lo diz, raiva e horror em sua expressão.

— Você sabia que ainda durmo encolhida no canto da cama, porque é a única maneira que consigo? Eu não queria os nossos corpos se tocando enquanto nós dormíamos. — Lágrimas entopem a minha garganta, e algumas escapam dos meus olhos, não importa o quanto me obrigue a não chorar. — Eu não o queria tão perto quando estava dormindo, mas ele não me deixava dormir em nenhum outro lugar.

— Você precisa conversar com alguém, querida — Lo diz.

— Eu estou, na verdade. Eu converso. Eu tenho falado com uma terapeuta no abrigo de mulheres aqui da cidade, mas um profissional pode remover as memórias da minha mente? Ou os pesadelos? Às vezes acordo pensando que tem uma arma no meio das minhas pernas.

— Que porra é essa?

— É, ele gostava de colocar uma arma na minha vagina e me fazer escolher entre ela e o seu pau.

— O bastardo. — Os olhos de Lo endurecem, e seus lábios cheios

afinam. — Não se preocupe. O que é dele está guardado. Os seus dias estão contados.

A Lo removeu suas tranças e está usando seu cabelo em sua textura natural com cachos curtos platinados que contrastam totalmente com sua pele. Ela está tão diferente, mas a mesma luz que queimava em seus olhos na noite em que ela confrontou o Caleb queima agora.

— Lo, o que isso...

— Mamãe, penico — Sarai diz. Ela se levanta e cruza um pezinho na frente do outro.

Deus, ela é adorável. E eu não sou suspeita.

— Treinamento de penico — eu murmuro, levantando e pegando Sarai pela mão e indo para o banheiro. — Nós já voltamos.

Sarai já terminou e está lavando as mãos quando a Lo grita da sala.

— Bo, você disse que o número do August é trinta e três, certo?

A preocupação em sua voz acelera o meu coração, e eu corro de volta para a sala em tempo de ver uma reprise em câmera lenta.

August e seu companheiro de time, Kenan, o que eles chamam de Glad, sobem para o rebote ao mesmo tempo. Kenan é imenso, um pouco mais alto que ele. Ele é mais largo e pesado.

Seu cotovelo se choca contra a testa de August com força. Com pavor crescendo em minha barriga, vejo-o cair no chão e ficar inconsciente ali por vários segundos.

— Ai, meu Deus, levanta... — Meu interior fica em nós. — Por favor, amor, levanta...

Eu nem questiono o apelido carinhoso que sai naturalmente dos meus lábios. Eu vim me enganando, guardando o meu coração com um

escudo impermeável pelo qual August passou direto.

Seus olhos se abrem, meio tontos, e ele tenta se sentar, mas sua mão começa a tremer violentamente e ele cai de volta no chão.

Cubro a boca e coloco meu punho sobre o meu coração.

— Ele vai ficar bem — Lo me garante. — Olha. Ele está se levantando.

Correção. Kenan o está levantando e alguém o está ajudando a deixar a quadra. Ele dá um pequeno aceno para a torcida e tropeça para dentro do túnel.

Eles mostram repetidamente a jogada, e a cada vez, sinto dor um pouco mais. Penso em tudo que disse para a Lo, e é tudo verdade. Tenho medo de como Caleb reagirá quando descobrir sobre August e eu. Os medos que espero deixar para trás ainda me acordam na madrugada, encharcada em um suor gelado. Mas vendo o August cair dessa maneira, e não sabendo o quão sério isso é, tudo muda de figura. Cada dia que estamos vivendo, respirando e com boa saúde, é uma benção, mas não é uma promessa de imortalidade. Entendendo isso, vendo-o se machucar, me faz perceber que, afinal de contas, não quero ir devagar.

Não mais.



CAPÍTULO 41

AUGUST

Merda, minha cabeça dói.

Isso é o que acontece quando um gigante te dá uma cotovelada no meio da testa.

Meu próprio companheiro de time me tirou do jogo. Não que tenha sido culpa do Kenan. Nós dois estávamos indo atrás do rebote e colidimos. Ele se sente mal pra cacete e provavelmente virá para cá assim que o jogo acabar. Eu adoraria ir embora antes disso, mas não vai acontecer. “Concussão” não é a palavra preferida de ninguém. Não preciso estar no hospital, mas entendo. Quando o seu corpo inteiro tem seguro e um time paga milhões por você, eles costumam tomar precauções. Isso não significa que não esteja pronto para ir para casa.

Eu checo meu telefone. Nenhuma ligação da Iris. Talvez ela não saiba. Talvez não estivesse assistindo ao jogo. Ou talvez ela e a Lotus, que veio de Nova York para visitá-la, levaram a Sarai para o parque perto de casa.

Meu dedo está em cima do seu contato quando uma enfermeira coloca a cabeça dentro do quarto.

— Desculpa incomodar, Sr. West.

— Sem problema. — Eu forço um sorriso. — O que foi?

— Você tem uma visita — ela diz com um sorriso. — Uma bela morena.

Meu coração acelera, mas tento não parecer tão ansioso.

— Mande-a entrar, por favor.

Ajusto a cama para uma posição sentada quando porta abre e uma cabeça escura aparece. Mas o cabelo não é longo e com grossas espirais. É um Chanel liso, e sua pele dourada brilha após seu treino de tênis.

— Pippa — eu digo, meu tom seco e decepcionado até para os meus ouvidos. — Entra.

— Não parece muito feliz em me ver. — Pippa entra e se senta na cama ao meu lado.

— Desculpa. — Mudo minha expressão para algo mais satisfeito, mas o meu rosto parece feito de cera. — Só a concussão provavelmente.

— Eu sei. — Ela pega a minha mão e chega um pouco mais perto na cama do hospital. — Eu vi.

— Não sabia que você estava em San Diego. — Eu quero tirar a minha mão da sua, mas vou dar alguns minutos para ela. Nós somos amigos.

— Eu estava numa reunião com a equipe na Elevation. — Ela sorri, brilhante. — Eu vou assinar.

— Isso é ótimo. — Aperto sua mão. — Jared e a empresa vão cuidar de você.

— E você? — Sua voz fica mais baixa, com um tom mais rouco. —

Você também vai cuidar de mim?

— Humm... — Existe alguma maneira diplomática de dizer “nem fodendo”? — Estarei aqui pelo resto da semana. Talvez nós possamos nos encontrar antes de eu ir embora.

— Humm... — Eu devo ter uma concussão porque não disse nada além de “humh” nos últimos dois minutos. — Claro. Por que não? — Na minha cabeça, escuto o Jared me mandando sair com ela pelo menos para uma bebida até nós termos sua assinatura na linha tracejada.

Ela chega mais perto para sua blusa deslizar, e vejo a curva dos seus seios. Não me entenda mal – Pippa tem um ótimo corpo. Ela é uma das melhores tenistas do mundo. E o sexo foi bom, mas seu aroma floral é todo errado. Seu cabelo é completamente preto, faltando as partes queimadas do sol. Seus lábios são muito finos, não grossos e carnudos e rosados. Ela é bonita e certa para alguém, mas ela não é a Iris. Então não é certa para mim.

A porta se abre novamente, e outra cabeça escura aparece. Essa é a que eu estava esperando.

— Iris. — Tudo fica mais claro, o quarto, a minha voz, meu sorriso, e sinto a Pippa me encarar. — Entra.

— Ah, eu... — Ela olha entre a Pippa e eu, desviando para as nossas mãos entrelaçadas na cama do hospital. — Eu não queria interromper.

Retiro minha mão da Pippa, e ela olha para mim, o rosto tomado de mágoa. Não dei a ela nenhum motivo para pensar que seríamos alguma coisa novamente. Eu preciso ser gentil, mas deixar claro que não vamos ficar juntos outra vez.

— Você não está interrompendo. — Eu gesticulo para o outro lado da cama. — Vem, sente-se aqui.

Ela chega até a cama, com passos arrastados, olhando para as roupas caras da Pippa e o brilhante diamante em suas orelhas. A Pippa é linda. De descendência asiática, seu cabelo é liso e emoldura suas maçãs do rosto. Ela é bonita, mas não é a minha Iris.

Sim, eu penso nela como minha. E não terei nenhum problema em falar para ela quando passarmos do “devagar”. Porra, sou dela também, assim que ela quiser me reivindicar. Pelas últimas semanas, mesmo não tendo nos beijado, estamos construindo alguma coisa.

Eu acho? Eu penso? Eu espero?

— Desculpe. Culpem a minha falta de educação por conta da concussão. — Eu gesticulo para a curiosa garota ao meu lado. — Pippa Kim, essa é a Iris DuPree. Pippa está assinando com a Elevation, e a Iris trabalha com o nosso time.

— Ah, isso é maravilhoso, Srta. Kim — Iris diz, seu entusiasmo genuíno. Ela realmente ama o seu trabalho. — Se vocês dois estavam discutindo...

— Não — corto, porque se conheço a Iris, e fico feliz de dizer que conheço, ela está prestes a ir embora. — Nós já terminamos, certo, Pip?

Desprazer passa pelo seu rosto como uma nuvem, rapidamente escondido.

— Eu acho que sim — ela murmura, levantando-se e pegando a bolsa. — Estarei na cidade essa semana. Eu te ligo para nos encontrarmos.

Você tinha que dizer isso, né?

— Claro. — Meu sorriso é tenso e minha voz rude. — Te vejo depois.

Assim que a porta se fecha atrás da Pippa, estendo a mão para Iris.

— Ei, você. — Beijo as costas de suas mãos. — Como você está?

Ela me observa por vários segundos, sua inspeção completa.

— Esquece isso — ela diz com a voz moderada. — Como você está?

— Você estava preocupada comigo? — brinco, esfregando o meu nariz na palma da sua mão e sorrindo ao vê-la estremecer.

— Claro que estava preocup... — Ela respira fundo e solta, passando sua mão livre por seu cabelo selvagem que explodiu em ondas e cachos. — Deus, August.

Uma lágrima escorre por sua bochecha, e me sinto um babaca. Minha cabeça pode estar doendo, mas ainda posso levantar alguém pequena como a Iris, então é isso que faço. Eu a puxo para sentar-se ao meu lado, recostada contra os travesseiros. Eu a coloco sob o meu braço e recosto minha testa à dela. Nós cobrimos um monte de coisas desde que ela se mudou para cá há um mês. Ela disse ‘devagar’, e eu adicionei ‘consistente’. As íris da Louisiana todas as manhãs. Mensagens de texto todos os dias. Almoço juntos, sempre que a minha agenda permite. Nós estamos vendo como nos encaixamos na vida um do outro. E depois de anos nos vendo tão esporadicamente, é bom ter um padrão normal.

Se alguma vez pensei que estava apenas encantado pela ideia de tê-la, e que a realidade não seria condizente às expectativas, agora sei que ela não se encaixa apenas nas minhas fantasias. Ela é muito melhor. Por mais difícil que tenha sido, ainda não tentei beijá-la. Não quero apressá-la. Honrei seu pedido para ir devagar, e agora quando vejo a forma como ela me olha, acredito que valeu a pena.

— Ei, eu estou bem. — Enrosco meus dedos no cabelo que cai em

seu pescoço.

— Você tem certeza? — Seu hálito é fresco e mentolado, mas meus lábios queimam. — Eu vi você cair e... eu só estou feliz que você está bem. — Outra lágrima escorre por sua bochecha. Eu a limpo com meu dedo e tiro o cabelo do seu rosto.

— Estou feliz por você estar aqui. — Dou alguns beijos na linha do seu cabelo. — Obrigado por vir.

— Eu tinha que vir. — Ela me observa por sob seus cílios por alguns segundos antes de limpar a garganta. — Foi legal da Pippa vir também.

— Realmente foi — concordo.

— Ela é ainda mais bonita ao vivo.

— Ela realmente é.

— E tão talentosa. — Ela puxa um tanto de cabelo para trás do ombro. — Acho que vocês dois têm bastante em comum.

Sou atingido pela ironia de a Iris estar com ciúmes da Pippa, quando ela saiu daqui há alguns momentos, claramente ciente de que é a Iris que quero.

— Iris. — Eu levanto seu queixo até ela encontrar os meus olhos. — Tem alguma coisa que você queira me perguntar sobre a Pippa?

— Não, eu... não, eu...

— Você quer saber se transei com ela? Porque a resposta é sim, mas foi há muito tempo.

Seus olhos arregalam e então abaixam para os seus dedos se enrolando em seu colo.

— Eu fiquei com muitas pessoas naquela época — confesso. —

Porque eu estava fazendo o máximo para esquecer que você estava com ele.

Ela levanta a cabeça de repente, e nós nos entreolhamos.

— Você pode me perguntar o que quiser, Iris, sobre qualquer pessoa. — Passo meu nariz pela sua bochecha, escutando sua respiração falhar com o contato carregado entre a nossa pele.

Ela vira a cabeça, e um centímetro, nem mesmo um hálito completo separando nossas bocas. Ela crava os dentes no lábio inferior e toca o meu rosto, a ponta de seus dedos passando pelas minhas bochechas, pincelando uma linha pelo meu nariz. A unha do seu dedão desenha a linha dos meus lábios, e anseio seu toque por todos os lugares do meu corpo. Eu me inclino na direção dela, roçando nossos narizes juntos uma vez, duas vezes, novamente.

— O que você está fazendo? — ela pergunta com uma risada.

— Beijos de esquimó — eu sussurro, espalmando meus dedos em sua cintura. — Estou com medo de fazer a coisa real. De beijar você.

Ela roça meu nariz de volta, seus olhos nunca desviando dos meus, seus lábios quase me beijando.

— Por que você está com medo de me beijar? — pergunta.

— Porque da última vez que te beijei — respondo, mordendo meu lábio, querendo morder o dela —, você desapareceu.

Ela se inclina um pouco para trás, mas não a deixo se afastar por muito tempo. Eu a trago de volta para o meu lado até que nossas coxas pressionam juntas e a curva do seu seio me tortura.

— Por favor, não se afaste de mim. — Eu traço uma sobrancelha escura, estudando a linda moldura de seu rosto. — Onde você foi, Iris?

Seus lábios se separam, e fecham, e partem novamente antes de

finalmente falar:

— Louisiana. — Ela fecha os olhos. — Fui para a casa da minha bisavó, mas não queria que ninguém soubesse.

Por que o segredo? Ela estava em algum tipo de confusão?

— Diga-me o que aconteceu. O que está acontecendo. O Caleb...

— Não posso falar sobre ele — ela me interrompe abruptamente, abrindo os olhos para deparar com os meus. — Não me pergunte nada sobre a minha vida com ele, August.

— Nada? — Pressiono as minhas costas no travesseiro para vê-la melhor. — Mas preciso saber se...

— Assinei um contrato de confidencialidade. — Ela engole e flexiona sua fina garganta. — Está bem? Então, quando digo que não posso falar sobre as coisas com ele, é porque realmente não posso. Quebrar isso significa colocar em perigo minha guarda total da Sarai. Por favor, não me pergunte.

Posso seguir em frente sem entender o que aconteceu no passado?

Tenho um milhão de perguntas sobre ela e o Caleb, mas duvido que suas respostas iriam realmente me satisfazer. Quero saber se ela o amou. Quero saber se ele foi realmente seu primeiro, seu único amante. O pensamento de ela lhe concedendo essa honra, quando ele é um babaca total, arranha o interior do meu cérebro.

— Se você não consegue — ela diz após alguns momentos de silêncio —, eu vou entender. — Ela procura o meu rosto, seus olhos ansiosos, e aperta sua camiseta em seu punho.

— Eu costumava pensar em você com ele — admito. Minha risada é amarga entre nós. — Você...

Fodendo ele.

Mesmo agora, o pensamento dele dentro dela, dele a deixando grávida, vendo-a crescer com a Sarai, fazendo essa reivindicação nela que não posso apagar ou roubar, é um manicômio em minha mente. Meus pensamentos ficam loucos, e eu respiro fundo para parar a insanidade.

— Não posso mudar o passado, August. — Devagar, um dedo de cada vez, ela solta a camiseta e segura a minha mão. — Mas nós podemos falar sobre o futuro, se você quiser.

Se eu quiser?

Se eu quiser, caralho?

Eu nunca quis nada mais do que isso.

— Iris, quando nós começarmos isso, não poderei voltar atrás. — Sou um idiota por dar tempo para ela reconsiderar, mas nós temos arrependimentos suficientes. — Você tem certeza?

— Sim, mas eu... — Ela abaixa os cílios, esconde os olhos. — As coisas com o Caleb eram... eu não fiquei com ninguém desde...

Eu realmente não quero falar sobre ele, mas o que quer que seja essa coisa de ego de macho que estou sentindo agora, preciso colocar de lado para que ela sinta que pode falar comigo a respeito de qualquer coisa.

— Ei, olhe para mim. — Inclino seu queixo, olhando nos seus olhos. — Nós dissemos devagar. E isso serve para tudo. Fisicamente. Emocionalmente. O que você precisar. Você decide o ritmo, está bem? — Deixo minhas mãos caírem para os lados.

— Está bem. — Travessura tira um pouco da seriedade de seus olhos. — Então se eu disser que estou pronta para o nosso próximo beijo, estaria tudo bem?

— Essa é uma pergunta de verdade?

Nós rimos, e meu coração bate acelerado enquanto espero que ela faça um movimento. Eu disse que ela decidiria o ritmo. Agora tenho que guardar as minhas mãos para mim mesmo até ela me dizer como isso vai acontecer.

Suas mãos são gentis em meu rosto, e por alguns momentos, ela só olha para mim, e então, com o olhar fixo ao meu, ela captura meu lábio inferior entre seus dentes. Tem alguma incerteza em seu olhar quando ela inclina a cabeça e aprofunda o beijo com a primeira passada de sua língua sobre os meus dentes. É uma exploração, um toque hesitante que queima os meus lábios e ondula do ponto de contato até as pontas dos meus dedos.

Esse talvez seja o momento mais doce da minha vida.

Agarro os lençóis, pressionando as costas contra os travesseiros, lutando contra a urgência de puxá-la para mais perto, mais apertado. Lutando contra a urgência de fazer o que sou treinado para fazer. Assumir o comando. Sou o general da quadra. Eu lidero a equipe. Isso é desconhecido – entregar o controle nas mãos de outra pessoa. Vai contra tudo o que há em mim, deixar que outra pessoa defina as jogadas, mas é isso o que farei. Meus Deus, acho que por Iris sou capaz de fazer qualquer coisa.

Ela me encara enquanto nossas bocas se fundem, grudam, abrem, e a intimidade cresce entre nós quanto mais tempo nós nos observamos. Quanto mais tempo nós nos saboreamos. Com cada segundo, mais que eu tenho, mais que eu quero. Ela chega para trás somente o suficiente para olhar para o lençol enrolado em meus punhos. Com um sorriso, ela passa os dedos pelo meu cabelo.

— August — ela sussurra —, você pode me tocar.

Estava esperando por permissão, mas agora sou eu que estou hesitante. Isso é louco. Nós nos beijamos antes. Porra, naquele *closet*, nós fizemos mais do que isso. Mas ela parece de alguma forma mais vulnerável do que da última vez. Sou um cara grande. Sou desastrado, às vezes, e nem sempre cuidadoso. Seja lá o que há de frágil nela, prefiro morrer a machucá-la.

— Está tudo bem — ela diz, suavemente. — Você pode me tocar como quiser.

Minhas mãos passam por sua cintura, escorregando por baixo de sua camiseta e tomando nota da bela estrutura de suas costelas, a curva de seu quadril. Meus lábios deslizam por sua bochecha e deixam beijos pelo seu queixo, mandíbula, pescoço, cada centímetro de pele delicada que posso encontrar. Ela é mais intoxicante do que champanhe. Eu bebo. Sorvo. Eu a engulo até não me lembrar do gosto de outra mulher – como se só tivesse existido seu cheiro, seu cabelo e suas formas. Ela é singular, obliterando cada beijo que veio antes dela, eliminando a possibilidade de qualquer outra pessoa ter um sabor tão bom.

Ela abaixa a cabeça, recapturando os meus lábios, angulando a boca, tão faminta por isso quanto eu. Seus lábios estão ávidos. Sua língua encontra com a minha, em cada toque aveludado. Estou ofegante, quase me sufocando de necessidade. Saber que ela quer isso tanto quanto eu, aumenta o desejo. É molhado e quente... e urgente. Cada beijo aumenta o desejo que vem crescendo entre a gente desde nosso primeiro momento naquele bar.

Ela chega mais perto, suspirando sob as minhas mãos e subindo no meu colo, colocando uma perna de cada lado do meu corpo. O movimento suave de seus quadris ondulando sobre mim faz nós dois pararmos. Estou

usando somente uma fina camisola de hospital, então ela tem que sentir o quão duro estou. Empurro para cima, e ela coloca a cabeça na curva entre meu pescoço e ombro, seu hálito quente ondulando em minha pele. Nossos quadris se movem em sintonia, nós dois procurando atrito, alívio. Ela se senta, capturando os meus olhos e se movendo sobre mim, o ritmo de seu corpo é constante e profundo. Suas pálpebras semicerram, e sua boca abre em um quieto gemido.

— Ah, Deus, August. — As sobrancelhas franzem e ela morde o lábio, se movimentando sobre mim, jogando a cabeça para trás até seu pescoço se curvar. Eu lambo o pedaço de cetim da sua mandíbula até a sua clavícula. Empurro a gola de sua camiseta para o lado, lambendo o topo de seus seios. Insiro minha língua, saboreando o seu decote.

Uma batida na porta nos assusta. Ela ainda descendo às pressas de cima de mim, e colocando um cobertor para encobrir minha ereção quando a porta se abre.

Kenan do caralho.

Primeiro, ele acotovela minha cabeça.

Agora, ele bloqueia o meu pau.

Com suas sobrancelhas escuras levantadas, Kenan dá um meio sorriso perspicaz.

— Eu tenho quase certeza de que isso não faz parte do protocolo de concussão — ele diz. — Senão, você pode me acotovelar na cabeça.

— Babaca. — Eu sorrio, ainda ofegante, e passo os dedos pelo meu cabelo. — Você veio acabar comigo?

Seu sorriso evapora, e ele entra no quarto. Eles não o chamam de Gladiador por nada. Com quase dois metros e três, com ombros largos e um

peito amplo e com quase zero de gordura corporal, fico feliz por estarmos no mesmo time.

— Cara, eu sinto muito. — Ele anda até a cama, olhando especulativamente para a Iris.

— Kenan, essa é a Iris. — Seguro o pulso dela para ela não sair da cama só porque ele está aqui. — Iris, esse é o cara responsável pela minha concussão.

— Eu sei — ela diz, sorrindo um pouco, suas bochechas ainda rosadas de vergonha. — Eu vi. Prazer em te conhecer.

— O mesmo — ele diz, sem tentar esconder a curiosidade. — Você parece tão familiar.

Iris fica rígida do meu lado e puxa mais forte até seu pulso estar livre.

— Talvez eu tenha um desses rostos... — ela murmura, seu sorriso rígido e plástico.

Seu alerta de mensagem toca, e ela franze a testa para o telefone.

— Tudo certo? — pergunto.

— Sim. É só a Lo me pedindo para traduzir alguma coisa que a Sarai está dizendo. Às vezes, sou a única que a entendo.

— Ela está em casa?

— Não, na verdade elas vieram comigo. Elas estão na sala de espera. — Ela revira os olhos. — A Lo achou que eu estava muito abalada para dirigir.

— Você estava? — Puxo um de seus cachinhos sobre seu ombro. Ela olha de mim para o Kenan, seu sorriso tenso nos cantos.

— Eu ia adorar ver a Sarai e finalmente conhecer a Lo — digo, a

poupando de ter que responder na frente do Kenan. — Dê o número do quarto para ela.

— Você vai amar a Lo, e ela está doida para te conhecer. — Ela digita uma mensagem, sorrindo. — E vou te avisar com antecedência. A gente nunca sabe o que vai sair de dentro da boca dela.

— Lo? — Kenan pergunta, uma sobrancelha levantada.

— Minha prima. — Iris se levanta, e já sinto falta dela.

A porta se abre, e a Sarai corre pelo quarto até sua mãe, jogando os braços em volta dos joelhos de Iris como se elas tivessem ficado separadas por quinze anos e não quinze minutos. Sendo só elas duas pelo último ano, ela provavelmente ficou bem apegada.

Sarai olha para mim por trás dos joelhos da Iris, seus lábios curvando para combinar com o imenso sorriso que estou dando para ela.

— Oi, Sarai — digo, desejando que ela já se sentisse confortável o suficiente para me dar um abraço também.

— Gus — ela sussurra.

Iris ri, gargalhando por conta do apelido que disse odiar. Mas ainda tem tempo para treinar a Sarai, mas nesse momento ela poderia me chamar de Átila, o Huno, e eu não ligaria.

A prima dela entra no quarto mais calmamente.

A primeira coisa que noto sobre Lotus DuPree é o quanto ela e a Iris são parecidas. Mas há diferenças marcantes. Sua pele é alguns tons mais escura, mas não menos suave. Seu cabelo é mais grosso, mas ainda cacheado, cortado curto e pintado de loiro platinado. Ela é mais magra que a Iris, um pouco mais baixa, mas se parece a uma modelo. Não em altura, mas com um tipo de graça natural. Sobre uma camiseta regata branca, ela usa um quimono

de seda justo, multicolorido. Jeans escuros se moldam às suas pernas magras. Uma pequenina argola enfeita a curva de sua narina esquerda.

Além de sua óbvia atratividade, tem algo sobre ela que rouba sua atenção. Mesmo sem nenhuma expressão, seu rosto parece animado. As expressivas sobrancelhas e larga boca falam por ela sem nenhuma palavra proferida. Ela é difícil de ignorar como a Iris, mas por razões diferentes.

Iris disse que elas vêm de uma longa linhagem de altas sacerdotisas Vudu. Eu vejo isso em Lotus. Uma soberania, um mistério e uma aura, como se ela soubesse os seus pensamentos antes de você pensá-los e é completamente capaz de mudar sua mente.

Kenan parece não ser capaz de desviar o olhar. Seus olhos seguem o caminho dela da porta para o lado da cama.

— Prazer em te conhecer, August — ela diz, estendendo a mão.

Onde a voz da Iris é doce e rouca, a voz da Lotus emerge baixa, dominante, e com uma sexualidade inerente que teria muitos homens sob seu feitiço imediatamente.

Foi isso o que aconteceu com o Kenan?

Ele ainda não disse uma palavra, e, pelo que vejo, não olhou para nenhum outro lugar desde que a Lotus entrou no quarto.

— Feliz em finalmente te conhecer — eu digo para ela, sorrindo.
— Iris tem falado sobre você desde a noite em que nos conhecemos.

— Bom, estamos empatados porque seu nome deve ter aparecido uma vez ou duas hoje — ela diz, sorrindo e ignorando o olhar fulminante que a Iris está dando em sua direção. — Ou talvez doze vezes. Parei de contar.

Uma risada reverbera no meu peito, e pego a mão da Iris para apertar.

— E esse é o Kenan, o companheiro de time que me colocou aqui, para início de conversa. — Eu gesticulo em direção ao gigante do meu lado, que é imenso perto das duas mulheres. Em pé, em lados opostos da cama, Lotus e Kenan trocam olhares, nenhum sorrindo. Lotus entrecerra os olhos para ele como se estivesse vendo além da pele, músculo e osso, para partes que o Kenan esconde de todo mundo, talvez até de si mesmo.

— Prazer em te conhecer — Kenan diz, limpando a garganta e quebrando o silêncio entre eles.

— É. — Lotus desvia o olhar dele. Ela se vira para a prima. — Ela está ficando chatinha. Acho que está com fome.

— É. — Iris olha para o relógio e faz uma careta. — Está mais ou menos na hora. Ela não comeu nada desde o almoço. — Ela chega um pouco mais perto da cama, ainda segurando a minha mão. — Melhor eu ir embora.

— Claro — concordo, mesmo que o que eu realmente queira dizer é ainda não.

— Quando é que você sai daqui? — ela pergunta suavemente.

— Deve ser amanhã. Eu te ligo quando estiver saindo.

— Você precisa de uma carona ou alguma outra coisa? — questiona.

— Deixa comigo — Kenan diz. — É o mínimo que posso fazer.

Dou um olhar desgostoso para ele. Primeiro bloqueando o meu pau. Agora isso?

Iris intercepta o meu olhar e ri suavemente. Nós compartilhamos um olhar tão íntimo quanto um toque. Sei que ela quer ser cuidadosa na forma como Sarai a enxerga, ou o que a vê fazendo.

— Okay — Iris diz, pegando Sarai no colo e indo em direção à

porta. — Me liga.

Com um último furtivo olhar para Kenan, Lotus também se despede.

Fica um silêncio pesado quando elas saem. Seus cheiros misturados ainda ficam. A presença delas é tão forte, que posso praticamente ver a impressão que elas deixaram no ar.

Eu viro minha atenção para o Kenan, preparado para falar besteira por alguns minutos, talvez implicar com ele um pouco mais por me colocar no hospital, quando vejo que ele ainda está encarando a porta por onde a Lotus saiu.

Ele se vira para mim e expressa a pergunta em seu olhar:

— Quem diabo era ela?



CAPÍTULO 42

IRIS

Você está acordada?

A mensagem de texto ilumina o telefone em meu travesseiro, e me obrigo a acordar. O Waves voltou hoje à noite de uma viagem prolongada. Há mais de uma semana August não vem em casa. Pedi que me ligasse assim que pousasse, e estou feliz que ele mandou a mensagem. Eles perderam três dos quatro jogos fora de casa, e a cobertura da mídia tem sido brutal, muito disso centrado em August, em seu lucrativo contrato, e se ele vai cumprir a promessa de sua temporada inicial. Tem havido especulações de que ele não é o mesmo desde sua lesão.

Estou acordada. Você quer conversar?

Estou na sua porta. Tem algum problema?

Meu coração salta, pula, acelerando a minha respiração. O canto superior direito do meu telefone mostra que são meia-noite.

Eu quero vê-lo. Olho para os meus seios, meus mamilos rígidos sob o lençol de algodão.

A MiMi sugeriu que eu dormisse nua, e ela estava certa. Existe uma sensualidade em ter meu corpo desnudo acariciado pelo algodão macio.

Não tinha certeza de como me sentiria sendo íntima com alguém pela primeira vez depois daquela última noite terrível com o Caleb. Por um longo tempo, não senti desejo, mas aquele beijo no quarto do hospital provou que o desejo estava somente dormente e não desaparecido para sempre, desde que fosse com a pessoa certa.

August é a pessoa certa.

Sim! Já estou indo.

Pego um roupão que a Lo me mandou da coleção do seu designer. A seda desliza pelos meus braços e beija as sensíveis pontas dos meus seios. August e eu nos beijamos algumas vezes depois daquela vez no hospital, mas nós mantemos isso mais casual. Acho que estamos namorando, mesmo que por conta de sua agenda tão doida, e eu não tendo ninguém para ficar com a Sarai, nós, na verdade, não tenhamos ido a lugar nenhum. Parece estranho, mas finalmente certo.

Averiguo se a porta do quarto de Sarai está fechada e corro para deixar August entrar. A luz da varanda joga raios âmbar em seus cachos

escuros e desobedientes. Fadiga desenha linhas em sua boca e pinta sombras sob os seus olhos. Estou mais do que excitada, e com toda razão, pois ele deveria querer ir direto para casa, mas depois de uma semana viajando e um longo voo, ele veio me ver.

— Oi. — Meu sorriso para ele é largo e não esconde nada.

— Olá. — Ele passa por mim quando me afasto para o lado, mas ao invés de seguir para a sala, ele me vira contra a porta e se abaixa para alinhar os nossos lábios. Ele puxa meu lábio inferior com seus dentes, sugando delicadamente e então intensificando a pressão até os meus joelhos ficarem bambos. Sua mão aperta na minha cintura, e ele me levanta devagar, me puxando com ele, até que as pontinhas dos meus dedos estão arrastando no chão. Enrolo meus braços ao redor do seu pescoço, virando a cabeça e abrindo minha boca para acomodar a agressiva invasão de sua língua. Quando sua mão desce da minha cintura para segurar a minha bunda, eu gemo no beijo.

— August — suspiro, apoiando minha testa no seu queixo. Sua respiração ofegante agita o meu cabelo, e ele está duro e imenso contra a minha barriga. Se nós não diminuirmos o ritmo, não terá volta.

Seria tão ruim assim?

Acho que estou pronta. Não tenho nenhuma dúvida de que o quero, mas às vezes meu corpo volta no tempo e congela. Não quero que isso aconteça, não quero ter que explicar, quando já existe tanta coisa que ele quer saber e não posso contar.

— Você está com fome? — sussurro.

Ele aperta a minha bunda com uma mão e explora as minhas costas com longas passadas da outra.

— Morrendo. — Seus olhos passam pelo meu rosto, descem pelo meu corpo, sugerindo outro apetite. — O que está no menu?

Eu?

— Gumbo? — ofereço como uma meia-pergunta. — Receita da MiMi.

A maneira que ele me olha, como se já estaria dentro de mim se pudesse, muda para afeição. Ele me coloca no chão e coloca meu cabelo atrás da minha orelha, dando um beijo entre as minhas sobrancelhas.

Eu não me retraí!

Ele colocou meu cabelo atrás da minha orelha e eu não me retraí.

Estou exageradamente satisfeita comigo mesma enquanto ele descansa na sala, e esquento um prato de gumbo para ele. Apoio um ombro no arco na entrada da cozinha e paro por um instante para observá-lo.

Ele está no chão, suas costas para o sofá e suas longas pernas esticadas à frente. Sua cabeça jogada para trás, os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre os rígidos músculos de seu abdômen.

— Você quer comer aí? — pergunto, hesitando em perturbá-lo.

Seus olhos se abrem e ele se apruma, apoiando os braços na mesa de centro.

— Você tem certeza de que pode?

— Tão educado de você estar preocupado em estragar minha mesa do brechó. — Eu rio. — Mas, sim. Eu como aí o tempo todo para assistir televisão ou qualquer outra coisa.

— Okay. — Ele sorri e passa a mão por seu cabelo bagunçado. — Obrigado.

Volto para a cozinha para pegar sua comida, e então retorno,

colocando um copo de água e seu prato de sopa na mesa de centro.

— A não ser que você queira vinho?

— Não. Eu não bebo muito durante a temporada.

Ele coloca a primeira colherada em sua boca, grunhindo com satisfação e olhando para mim.

— Isso é delicioso. — Ele toma outra colherada, sacudindo a cabeça. — Cuidado ou vou começar a exigir isso o tempo todo.

— Você não é muito exigente. — Um sorriso triste toca os meus lábios. Eu sei como é um homem exigente, e August é o oposto. Pelo contrário, ele está constantemente procurando por maneiras de ajudar, de fazer as coisas mais fáceis para mim.

— Você assistiu ao jogo? — ele pergunta, seus grossos lábios contraindo e seus olhos no prato.

— Claro. — Eu me sento no sofá e coloco as pernas embaixo de mim, tomando cuidado para manter o roupão fechado. — Eu vi.

Ele fecha os olhos e franze a testa.

— Odeio que você me veja perder — ele admite, suavemente. — E nós estamos perdendo tanto.

— Você não deveria ter perdido hoje — eu falo, indignação endurecendo a minha coluna. — Aquele juiz precisa de óculos e de uma lobotomia. Todas aquelas merdas de marcações nos últimos cinco minutos — eu rosno, batendo o punho na minha perna. — E a falta que ele marcou em você no terceiro quarto? Você está de sacanagem com a minha cara com aquele caralho? Eu queria entrar pela televisão e esganá-lo com o seu apito. Quer dizer, sério? Você mal tocou no cara.

Estou tão furiosa, que não noto de primeira que ele está me

observando com um largo sorriso.

— O que foi? — Eu franzo a testa e cruzo os braços sob meus seios.

— Você.

— O quê sobre mim?

— Primeiro, você xinga como um marinheiro quando assiste basquete — ele diz. — Segundo, eu amo ver que está tão ultrajada por minha causa. Pensei que você guardava tudo isso para o seu precioso Lakers.

Nós compartilhamos um sorriso, e volto para aquela primeira noite em que nos conhecemos no bar.

— Bom, eles têm que me compartilhar com o Waves agora. — Eu fico séria. — Mas sinto muito. Eu sei que você odeia perder.

— Caralho. — A dura linha de sua mandíbula enrijece. — E claro, todo mundo está dizendo que a culpa é minha.

— O que é ridículo! É um esporte de equipe.

— Sim, mas sou a cara do time. Quando um time está pagando tanto quanto o Waves me paga, quando eles constroem o time em volta de você, as expectativas são maiores. — Ele dá de ombros e faz uma careta. — Esse tipo de escrutínio são ossos do ofício — ele diz. — Graças a Deus pelo Kenan. Ele é tão mais maduro que o resto de nós. E já faz isso há um bom tempo, e sabe o que é necessário para vencer. Ele é o verdadeiro líder no nosso vestiário.

— Eu sinto muito pela série de derrotas. — Passo meus dedos pelos cachos sedosos encostados em meu joelho enquanto ele se senta no chão. Ele inclina a cabeça para trás no meu toque, uma respiração profunda levantando os seus ombros e inchando seu peito largo.

— Isso é delicioso — ele diz, roucamente. — Não pare.

É delicioso para mim também, tocá-lo, respirar o aroma único do seu cabelo e sua pele e quaisquer moléculas combinadas para fazer o August. Eu quero todas elas enroladas em volta de mim. Eu me mexo no sofá, me sentindo cada vez mais molhada na junção das minhas coxas quanto mais eu o toco.

Limpo a garganta na esperança de dizer alguma coisa que vá fazer esse tesão parecer menos embaraçoso.

— Seu cabelo está ficando tão comprido.

Do que que estou falando agora? Será que nós também deveríamos discutir o clima?

Ele vira a cabeça para olhar para mim.

— Você disse que gostava dele mais comprido, certo? — indaga, quase incerto, o que August raramente é.

Agora realmente não sei do que ele está falando.

— Eu disse isso? — Meus dedos passam pelo seu cabelo cheio, desde o pescoço onde ele é mais curto e liso até o topo de sua cabeça onde cresce em cachos pretos com mechas âmbar.

— Sim. Naquela semana em Baltimore — ele me relembra, sua voz suave.

Minhas mãos param em seu cabelo quando o que ele quer dizer assenta.

— Você está dizendo... — Engulo e tento novamente, desdobrando minhas pernas e colocando meus pés no chão. — Você está deixando o seu cabelo crescer por que eu disse que gostava dele mais longo? Por mim?

Ele vira o corpo para ficar de frente para o sofá, ainda sentado no

chão, sorrindo para mim.

— Deixa eu entender isso direito — ele diz. — Você ficou completamente indiferente quando neguei quarenta e cinco milhões de dólares para viver na mesma cidade que você, mas está abismada por eu estar deixando o meu cabelo crescer?

Quando visto desse ângulo, eu me sinto uma idiota. Nós dois rimos, nossos olhos enrolados em afeição e algo mais, algo que nenhum de nós reconhece, mas que preenche o ar à nossa volta.

— Eu não estava indiferente — digo, o provocando com um olhar. — Mas você meio que me deixa abismada.

Ele me observa, catalogando todos os meus detalhes, começando no cabelo casualmente preso na minha cabeça e no roupão de seda, até os meus pés descalços. Ele pega um pé e beija o arco.

— August! — Eu puxo o meu pé de volta, rindo e tentando ignorar o sentimento fervilhando baixo em minha barriga. — Não beije o meu pé.

— Vou beijar o seu pé se eu quiser. — Ele pega o outro e beija o arco, dessa vez demorando, e então passando o nariz pela minha perna. É difícil engolir, e estou com dificuldades para respirar. Com seus olhos fechados, ele dá beijos delicados pela minha coxa. Ele levanta a minha perna somente o suficiente para sugar a pele atrás do meu joelho.

— Ah, August. — Prazer corre pelo meu corpo, e pressiono as minhas costas no sofá.

— Você é sensível aqui — ele diz, sua voz rouca. — E aqui?

Beijos de boca aberta escalam a parte interna de uma coxa enquanto a suas mãos acariciam a outra perna, apertando minha panturrilha. Encaro sua boca sugando um músculo em minha coxa, uma erótica sucção

que

ondula ondas de choque para o meu cerne. O som disso, seus lábios e dentes e língua trabalhando juntos para me marcar, me deixam tremendo.

August levanta a cabeça, olhando nos meus olhos nebulosos.

— Você está nua sob este roupão, Iris? — Sua voz é esperança e uma oração, e ele faz eu me sentir divina. Adorada.

Aceno com a cabeça, engolindo minha ansiedade, o nervosismo sobre o que vai acontecer em seguida.

August geme e apoia a cabeça na minha coxa, ainda ardendo e molhada de sua boca.

— Você está me matando, amor.

— Eu estava dormindo quando você mandou a mensagem, e...

— Você dorme pelada? — Suas palmas passam pelo lado de fora da minha coxa sobre a seda, me esquentando ainda mais. — Merda, Iris.

Ele fecha os lados do meu roupão sobre as minhas pernas, me cobrindo, e dá um beijo casto em minha coxa antes de se levantar.

— Eu deveria ir embora. — Ele olha em volta. — O que fiz com as minhas chaves?

— O que você está...? — Eu também me levanto. Descalça, eu não alcanço mais do que o meio do seu peito. — Você está indo embora?

Ele me estuda e aperta sua nuca.

— Sendo bem honesto aqui, Iris. Você disse que precisava levar as coisas devagar, e não quero fazer você se sentir... eu não sei. Pressionada. — Sua larga mão segura o meu queixo, e ele acaricia meus lábios com os seus dedos. — Eu quero tanto isso. — Ele sacode a cabeça. — Mas já esperei um longo tempo por você, e minha libido fora de controle não vai ferrar com

isso.

Ele começa a se afastar, mas coloco minha mão sobre a sua no meu rosto.

— E se eu gostar da sua libido fora de controle? — Um passo para a frente diminui o espaço entre a gente.

— Iris, não... — Ele morde seu lábio inferior e acaricia a minha bochecha. — Eu vou embora.

Quando pensei nesse momento, o momento onde eu faria sexo novamente, achei que haveria apreensão. Terror. Que a memória do que o Caleb fez comigo naquela última noite, e em todas as anteriores, iria sombrear a minha intimidade com outra pessoa.

Mas não é o sofrimento daquela noite na minha mente. Não estou me lembrando da posse hostil do meu corpo. Estou navegando esses mares pela primeira vez – ondas de desejo que nunca percorri. Meu corpo é um estranho para mim, um impostor usando minha pele, mas disfarçado de novas necessidades.

— Você gostaria de me ver, August? — Esfrego os laços de seda do cinto com os meus dedos.

— O quê? — Choque e desejo brigam em seu rosto. — O que você quer dizer?

Ao invés de falar, já que isso parece não estar nos levando a lugar nenhum, abro o cinto devagar e deixo a seda escorregar pelos meus ombros e empoçar nos meus pés.

Sua respiração profunda e o jeito faminto que seus olhos me comem, fazem o fogo lamber sob a minha pele. Estico a mão para o cabelo preso em minha cabeça, o soltando para ele cascadear em pesados espirais em

volta dos meus ombros e pelas minhas costas.

Poder surge através de mim. O poder em deixar um homem tão grande e bonito mudo com a gravidade do meu roupão caindo no chão. Com sua primeira visão de mim, nua e pronta e forte. Eu tenho o poder de determinar quando compartilho a mim mesma e quando nego.

Seu corpo é seu. É seu para manter e seu para compartilhar.

— Eu quero estar com você, August. — Chego tão perto que os meus mamilos raspam em sua camiseta. Ele ainda não se moveu, não me tocou ou disse uma palavra. Seu pomo de Adão sobe e desce em sua garganta quando ele engole. — Eu escolho você.

— Você tem certeza? — Sua voz arranha, rouca e quase inaudível. — Porque quando a gente começar...

— Eu não quero parar. — Passo por ele, meu corpo vibrando com o calor dos seus olhos às minhas costas, minhas pernas, e minha bunda. Vou em direção ao quarto, virando-me para ver se ele vem atrás. — Eu tenho certeza.

Eu esperava outro tipo de reação. Não achei que teria que persuadi-lo. Talvez tenha calculado errado. Estou considerando correr de volta, pegar o meu roupão e gritar “Primeiro de Abril”, em outubro, qualquer coisa para retrain a minha oferta. Mas então mãos largas e quentes espalmam minha cintura por trás, e o algodão de suas calças de moletom roçam as minhas pernas no que ele acompanha os meus passos. No meu quarto, eu me viro de frente para ele, esticando o braço para trancar a porta. Isso coloca meu corpo nu em contato com o dele, completamente vestido.

— Sarai vem para o meu quarto às vezes — sussurro, engolindo o ataque repentino do meu nervosismo.

Apenas alguns minutos atrás, eu me sentia como uma criatura sensual e aventureira. Agora, estou começando a me sentir exposta e relativamente inexperiente, comparado com todas as mulheres com quem ele já esteve.

Ele não responde à minha afirmação, mas se inclina para capturar meus lábios, girando sua língua dentro da minha boca. Enfiando uma mão no meu cabelo, ele coloca a outra na minha cintura e desce para segurar a minha bunda.

— Estou lutando aqui, Iris — ele diz contra os meus lábios, sua respiração acelerando. — Quero te dar tempo para mudar de ideia, mas com você desse jeito...

Ele cataloga cada parte do meu corpo, começando nos meus dedos dos pés e subindo até encontrar os meus olhos.

— Você é a coisa mais linda que já vi. — Há paixão, desejo em seus olhos, mas também uma emoção desmedida. E vejo que não sou só eu me compartilhando com ele. Ele quer compartilhar a si mesmo comigo também, e minha mente relaxa. Qualquer dúvida e medo residuais somem.

Fico de joelhos na frente dele, colocando minhas mãos dentro da sua calça, descendo-a pelos quadris estreitos e poderosas coxas. Eu lambo meus lábios com a visão de sua ereção esticando a cueca.

— Amor, você não precisa... — Ele franze a testa. — O que você está fazendo?

Sei que ele não quer dizer literalmente. Ele provavelmente perdeu as contas de quantos boquetes recebeu durante a vida. Merda, mesmo desde o início de sua carreira.

Ele não perderá a conta desse. Esse, ele nunca irá esquecer. Não

porque sou melhor que essas outras mulheres, mas porque eu o quero mais. Não tem nem chance de que elas tinham isso com ele, o que começou entre nós naquela noite e só cresceu desde então.

— O que estou fazendo? Fazendo você se sentir como um vencedor — eu digo, prendendo seus olhos com os meus e colocando a ponta em minha boca.

— Santo... — Sua respiração falha, e ele despenca na porta do quarto. — Amor...

Lambo o rígido comprimento dele, minha língua enrolando em volta do aço aquecido. Ele enfia a mão no meu cabelo, comandando a minha boca para aceitá-lo mais fundo. Por um segundo, eu congelo, lembrando de todas as vezes em que o Caleb me fez fazer isso sob a mira de uma arma. Como ele gostava de me fazer engasgar e babar – como ele inventava modos de me degradar. Antes que o medo possa criar raiz, olho para o alto, e ainda é o August. E a expressão em seu rosto não é de prazer doentio, mas de admiração.

— Você me faz me sentir tão bem — ele diz, roucamente. — Nunca existiu ninguém como você, Iris. E nem nunca vai existir.

Com cada palavra encorajadora, aceito outro centímetro. Eu rolo seus testículos em minhas mãos, encorajada pelos sons do seu prazer. Mesmo quando ele se torna o agressor, segurando a minha cabeça, metendo entre os meus lábios, grunhindo e puxando a minha cabeça para trás, não esqueço quem está fodendo a minha boca. Não perco a noção desse momento – ou dessa dimensão. Do seu tamanho. É um dos maiores momentos da minha vida, e só tem espaço para nós dois. Não para o Caleb. Nem para os fofoqueiros que irão me acusar de ser uma interesseira que pula de um

jogador para o outro. Nenhuma outra pessoa se intromete.

Sou só eu e o homem que eu amo.



CAPÍTULO 43

AUGUST

Eu gozo de um modo espetacular. Iris engole tudo, espalmando sua pequena mão na minha bunda, me segurando o mais perto que ela pode. Seus olhos estão como lava, as pupilas douradas e nebulosas. Já vi seus olhos mudarem de cor, oscilando entre cada tom de castanho e verde, mas nesse momento eles estão quase dourados. Ela brilha com a satisfação de me agradar, lambendo seus lábios inchados, os esfregando de um lado para o outro na minha ponta ainda molhada.

Desejo ressurgir, me tomando como um furacão. Eu a coloco de pé e a levanto. Ela enrola as pernas em volta da minha cintura, e sua testa se apoia na minha enquanto nos guio até a cama. Nossos fôlegos se encontram, uma união abafada entre nossas bocas. Eu a deito como se ela fosse quebrar, mas já sei que vou fodê-la como se ela fosse indestrutível.

Como não poderia?

Cabelo escuro se espalha atrás dela, e a observo por longos

minutos, determinado a não correr com isso. Ela é pequena. Seus ombros são finos, seus seios cheios, sua cintura estreita, e seus quadris largos. Um mestre artesão tomou seu tempo com as entradas e linhas de seu corpo, garantindo simetria. Ele exagerou em suas curvas, as balanceando perfeitamente.

Com um joelho, empurro sua perna para o lado. Seguindo minha dica, ela silenciosamente abre as duas pernas.

— Eu quero olhar para você. — Olho entre as suas pernas, esperando pela sua afirmação. Empurro-as para cima até que seus joelhos estão dobrados e ela está completamente exposta para mim. Uma risada constrangida escapa de seus lábios.

— August. — Ela cobre o rosto, escondendo os olhos. — Você só vai ficar olhando aí a noite toda?

— Definitivamente não. — Com a minha mão embaixo da sua bunda, eu a guio para cima e passo a língua por suas dobras molhadas. Seu gosto, seu cheiro, o seu sedoso calor, saturam os meus sentidos. Pressiono minhas mãos na parte interna de suas coxas, a abrindo ainda mais até que aquele broto enterrado entre seus lábios incha e aparece, implorando para ser sugado, mordido, consumido. Eu obedeço, dando ao seu clitóris a completa e individual atenção que ele merece, enquanto uma mão escorrega por seu torso e enrola e aperta o seu mamilo.

— Ai, meu Deus. — Seu quadril remexe em meu rosto. Suas costas arqueiam. Centímetro por centímetro, seu corpo perde controle, perde a inibição. Quando sondo sua entrada, enrolando a minha língua apertada o suficiente para entrar em sua pequena abertura, suas mãos agarram o meu cabelo e arranham os meus ombros. Deus, ela é selvagem. Ela pressiona o arco de seu pé no meu ombro, forçando meu rosto mais fundo no meio de

suas pernas. Ela se esfrega nos meus lábios, e amo cada segundo quente e delicioso disso.

Seu orgasmo é um infinito refrão de gemidos e suspiros, um som agudo solto em sua garganta. Ela se desdobra em frente aos meus olhos, liquidificando diretamente em minhas mãos, seus lábios se movendo em uma sensual oração silenciosa.

Ela está relaxada e satisfeita. Ela teve o dela. Ela tomou isso, e amo que foi assim. Encho seus ombros e seios com beijos como se ela fosse a única garota no mundo, porque para mim ela é. Passo meus dedos pelo seu clitóris, inserindo um, dois, três dedos até que ela está fodendo a minha mão com tanta força, que a cabeceira da cama bate na parede. Ela se debate com sua paixão, a prendendo e então resistindo loucamente quando ela a vira e ganha controle novamente. Adoro vê-la devassa e indecorosa.

Sugo um seio e continuo trabalhando entre as suas coxas. Seus olhos brilham. Sua boca abre com um prazer implacável. Eu lambo a parte de baixo de seu seio, minha boca aberta beijando a curva.

— Ah, Deus, August — ela diz com a voz rouca. — Agora. Por favor, agora.

Eu me levanto para pegar a minha calça e tirar uma camisinha da carteira. Ela está no lugar antes mesmo de eu chegar na cama. Seus olhos fixam esfomeadamente no meu pau. Eu o acaricio rapidamente, tanto para ela quanto para mim.

— É todo seu, Iris. — Eu me coloco entre seus quadris e coxas, aproveitando esse último momento de mistério quando ainda não conheço essa parte dela. O momento antes do milagre da intimidade, quando nós nos juntamos e por esses momentos, viramos um.

Eu planejo ir devagar, levar o meu tempo, mas assim que o meu pau sente o primeiro gosto, eu me entrego para uma força que é quase centrípeta, me sugando mais fundo. Mergulho no aperto de seu corpo. Ela se dobra em volta de mim no que entro. Quando saio, há uma relutância em me deixar ir. Com cada movimento, ela aceita mais de mim. Seu corpo é a chamada, e o meu é a resposta.

— Puta merda, Iris — gemo em seu pescoço.

Nunca tive nada como isso. Não só a sua boceta, embora seja apertada e molhada e a melhor que já tive. Não, nunca senti nada como isso. Como se minha alma estivesse sendo virada do avesso. Será que ela também sente isso? Eu me apoio nos meus cotovelos para observar a paixão respondendo em seu rosto. Abaixo-me para beijá-la, e o contato inicia um fervente intercuro de lábios e dentes. Nós somos bocas se chocando, quadris colidindo, e corações batendo juntos, em sintonia. Esse sentimento é feitiçaria. Seu toque é um feitiço, e Iris? Ela é a minha bruxa.

Ela segue em frente, as mãos trêmulas enquanto segura o meu rosto, sua cabeça inclinando para trás no travesseiro, a elegante linha de seu pescoço esticada e exposta. Eu me enfio sem parar, acelerando entre suas pernas, agarrando sua coxa fortemente, segurando-me a ela como se minha vida dependesse disso, porque estou me desfazendo. Partindo. Partes de mim se soltam, caindo aos pés dela.

— Não pare — ela sussurra. — Mais, August. Eu não sabia que isso podia ser... eu não tinha ideia. Ah, Deus, eu não tinha ideia.

A admiração em suas palavras e em seus olhos me desatam. Seguro seu pescoço, mordiscando seus lábios e murmurando palavras de adoração contra seu cabelo indomável.

Eu me esvazio de tudo o que eu era antes e aceito o que quer que seja que ela tem para dar. Tem uma novidade quando nossos olhos se encontram, maravilha na risada que nós compartilhamos enquanto a seguro. Nós não falamos, mas há uma eloquência na ponta de nossos dedos, e nossas mãos, enquanto nos tocamos e exploramos. Nossos corpos comungam, confessam.

Não preciso dizer as palavras.

Ela sabe que sou dela.



CAPÍTULO 44

IRIS

— Okay, se eu mover esse aqui — digo, movendo um número de lugar na minha planilha —, então posso colocar esse outro aqui.

Eu movo cinquenta dólares da coluna marcada ‘conta de luz’ e aperto o olho para a última linha como se ela talvez tivesse aumentado quando olhei de volta.

Não. Ainda sobra uma pequena quantidade de dinheiro para viver depois que as contas estiverem pagas.

Quase pagas.

Vou ligar para a companhia de água e ver se consigo uma extensão.

Ainda estou embaralhando os dólares na minha mesa de escritório improvisada, também conhecida como mesa de jantar, quando um par de mãos imensas desliza por baixo dos meus braços para segurar meus seios por cima da minha camiseta. Meus mamilos instantaneamente endurecem embaixo do algodão, e minha respiração para. Os dedos de August provocam

as pontas dos meus seios, e ele chupa a curva do meu pescoço.

— Volte para cama, Iris — ele diz, roucamente. — Você sabe que tenho que ir embora daqui a pouco e eu reeeeeeealmente quero te foder outra vez.

Suas palavras soam quase como uma carícia em meu clitóris.

Esse homem.

Eu não tinha ideia – a mínima ideia de que sexo podia ser tão viciante e satisfatório e transformador. Toda vez que August está dentro de mim, eu me sinto diferente depois. Como se nós estivéssemos trocando átomos – estou pegando alguns dele e dando muitos de mim.

Eu costumava pensar que a Lo estava sendo ridícula quando disse que eu havia me acomodado pelo sexo com o Caleb porque não tinha nada para comparar. Cara, eu estava errada. Quero escrever cartas para a Cosmo sobre a minha experiência. Diário da Previamente Insatisfeita.

Talvez isso possa me dar um troco por fora...

— Okay — August sussurra. — Não me faça usar todos os esforços.

— Isso é uma metáfora para o seu pau? — Eu rio quando ele torce o meu mamilo.

Além disso, eu talvez vaze um pouco, também.

— Meu pau não precisa de uma metáfora para saber o quão maravilhoso ele é. Ele é um pau de verdade, e irei literalmente colocar ele para fora sempre que você quiser. Ele está ao seu serviço. — Ele ri de sua própria piada no meu ombro. — Não, eu quis dizer oral. Isso parece sempre ter a sua atenção.

August tem uma língua talentosa, e ela está num campeonato com

os seus dentes e lábios para me deixar maluca todas as vezes que fazemos amor.

#protetor.

Algumas coisas, como orgasmos de explodir o cérebro, nunca são demais.

Mesmo com a tentação, eu o ignoro e continuo movendo meus pequenos – e quero dizer pequenos – números pela planilha. Preciso acertar isso antes do dia começar.

— Você vai realmente trocar sexo por essa planilha? — August grunhe no meu cabelo. — Você sabe que tenho que ir embora logo.

Ele nunca fica a noite toda. Aquela primeira noite em que fizemos amor – foram somente duas semanas atrás? Aquela noite nós concordamos que, por agora, ele iria embora antes da Sarai acordar. Ver homens entrando e saindo da vida da minha mãe me fizeram sentir insegura. Eu odiava criar laços com algum homem que eu sabia que queria que fosse meu pai, só para vê-lo indo embora. Então, o próximo vinha e o ciclo começava novamente.

Não que eu ache que August está indo a algum lugar num momento próximo, mas isso é parte de como sou feita e não estou pronta para mudar.

— Você vem por vontade própria? — ele sussurra, instigando uma batalha de borboletas em meu estômago. — Ou preciso te jogar sobre o meu ombro?

— Você não teria coragem. — Eu olho para cima, momentaneamente distraída pelos músculos de seu abdômen e definido corte em seu quadril onde sua calça está baixa sobre a já semiereta forma.

— Está vendo algo que você gosta? — Ele sorri e flexiona o peito. — Porque eu vejo.

Antes que possa responder, ele puxa a bainha da minha camiseta sobre a minha cabeça, e me deixa no escuro. Estou gritando baixinho para não acordar a Sarai, quando sinto a forte e molhada chupada no meu mamilo. Sem necessidade de dizer, meus braços caem ao lado, e me inclino para trás. August abre minhas pernas e, se ajoelha, mesmo que eu não possa ver, ajeitando-se entre elas, seus lábios nunca soltando meu mamilo direito. Ele usa sua outra mão no esquerdo. Minha cabeça pende para trás, minha respiração acelerando, quente e úmida na camiseta cobrindo o meu rosto. Ele finalmente solta o meu mamilo, e o ar esfria meu seio úmido. Estou tirando a camiseta da minha cabeça, pronta para focar novamente, quando sinto sua boca em mim por cima da minha calcinha.

— Deus, por favor — imploro, cegamente enfiando meus dedos em seus cachos bagunçados.

— Respondendo às suas preces aqui embaixo — August murmura em minha coxa, sua barba curta uma abrasão bem-vinda. Ele puxa minha calcinha para o lado para lamber e sugar e grunhir em minha boceta. — Eu podia fazer isso o dia todo.

Isso não demora o dia todo.

Enfio meu punho na boca para abafar os sons que querem sair. Êxtase espirala do meu centro e explode pelos meus membros, minhas extremidades, todos os meus cantos. Minha cabeça vira uma galáxia, um céu negro cheio de estrelas. Por um momento, pareço flutuar fora do tempo e do espaço. Volto para o meu corpo em centímetros e segundos, surpresa em encontrar meus calcanhares cravados nas costas de August, meus dedos enfiados em seu cabelo e minhas coxas emoldurando seu belo rosto.

— Oi. — Ele sorri para mim descaradamente, sua boca brilhando e

molhada. — Bem-vinda de volta.

Respondo com uma risada rouca e uma sacudida da minha cabeça.

— Você me distraiu — falo arrastado, bêbada de sexo. — Agora vou levar uma eternidade para finalizar isso.

— Eu diria que você “finalizou” em tempo recorde. — Ele desvia quando tento bater na sua cabeça de brincadeira. — Agora sobre eu finalizar.

Meus olhos voltam para o cursor piscando, aguardando minha decisão executiva sobre a conta de luz.

— Amorzinho, vamos lá. — Ele lambe a parte interna da minha coxa. — Quando eu for para a estrada na próxima semana, você vai sentir saudade de fazer amor comigo.

— Você acha que não sei que essa é uma música antiga do Lou Rawls? — pergunto, cuidadosamente abaixando minhas pernas dos ombros dele e virando para o laptop para poder continuar movendo o meu dinheiro pela planilha.

— O que você sabe sobre Lou Rawls? — ele questiona, com ceticismo.

— Cara, eu cresci no Nono Distrito — digo com um pouco de orgulho de NOLA. — Nós tínhamos aula de R&B.

Por um momento, ele parece incerto. Como se imaginasse se realmente era aquela vizinhança. Quer dizer... era, mas nós não tínhamos aulas realmente. Era uma educação muito mais informal com os Originais tocando os clássicos enquanto nós brincávamos nas ruas.

— Sério. Volte para a cama. — Ele me levanta, ignorando meu grito, e senta comigo em seu colo. — Eu nem preciso gozar. Nós só vamos ficar agarrados antes de eu ter que ir embora.

— Todas as vezes que você diz que só vamos ficar agarrados, nós na verdade acabamos transando de qualquer jeito.

— E isso é um problema? — pergunta, levantando o meu cabelo e sugando da curva do meu pescoço até o meu ombro. Eu tremo, mas me recuso a levantar, focando nas contas, algumas até já vencidas. Se não resolver isso, Sarai e eu podemos voltar para casa com a água cortada.

— Okay. Que assim seja... — ele bufa, sentando e pressionando o peito em minhas costas, batucando nas minhas pernas. — Aliás, o que você está fazendo?

— Roubando o Pedro para pagar o Paulo. — Inclino a cabeça para calcular se já estou no zero a zero.

— Isso é outra piada? — Suas mãos param na minha perna.

— Se você está perguntando se a companhia de luz é realmente chamada Pedro, então, não.

— Mas você está brincando, certo? — Ele se inclina para poder ver o meu perfil. — Você não precisa de dinheiro, precisa?

— Não. — Dou de ombros, querendo que ele esqueça o assunto. — As coisas só estão um pouco apertadas esse mês.

— Dinheiro não deveria nunca ser um problema para você. — Com os meus olhos na tela, não o vejo franzir a testa, mas sinto.

— Eu sou uma mãe solteira vivendo salário a salário em uma das cidades mais caras do país. Só vivendo o sonho. Claro que as coisas ficam apertadas às vezes.

— Iris, se você precisa de dinheiro, você pode me dizer.

Meus dedos pausam sobre as teclas e pavor se espalha pelo meu estômago como um vazamento de óleo. Eu realmente não quero falar desse

assunto com ele.

— Eu vou manter isso em mente. — Eu acidentalmente derrubo meu pequeno bolo de contas e me abaixo para pegá-las do chão. Quando me sento novamente, August está olhando para a tela.

— Sério? — Ele vira olhos irritados para mim. — Isso é quanto você ganha todo mês? Tipo, tudo?

Meu temperamento muda com o seu tom e a implicação de que o que ganho não é suficiente.

— É um bom dinheiro, August.

— Não, é uma porcaria de dinheiro, Iris. — Ele sacode a cabeça, sua expressão decidida. — Eu vou falar com o Jared sobre aumentar isso.

— Você não vai fazer nada disso, August West. — Eu me levanto, ultraje vibrando através de mim. — Não quero nada mais do que qualquer outro funcionário num cargo de iniciante.

— Você é a minha garota, Iris.

— Sim, eu sou, e essa é mais uma razão para você respeitar os meus desejos. — Eu dobro meu lábio superior contra o inferior. — As coisas só estão um pouco apertadas porque quero fazer essa certificação online em marketing esportivo que Jared recomendou.

— Bem, se o Jared recomendou isso, ele precisa pagar por isso.

— Para todo mundo? — Eu reviro os olhos. — Pare de ser...

— O quê? Preocupado? — ele corta. — Sou o sou namorado. Claro que estou preocupado.

A palavra “namorado” flutua no ar como uma pena, e acompanho seu curso. Nós temos estado tão felizes pelas últimas semanas. As coisas têm sido maravilhosas, mas estamos à beira de nossa primeira briga, e ambos

sabemos disso.

— Namorado, sim. — Eu me apoio na beirada da mesa de jantar.
— Sugar Daddy, não. Eu preciso ficar de pé sozinha, August. Por favor, não faça um alarde disso.

— Acho muito sério quando você precisa de alguma coisa e não acha que pode me pedir ajuda. — Ele chega para a ponta da cadeira, para eu estar dentro do seu alcance, e apoia as mãos nos meus quadris. — Amor, não sei se você sabe, mas ganho um monte de dinheiro.

— Bom para você — eu digo. — Você ganha o seu. Eu ganharei o meu.

— Nós não estamos em um relacionamento? — Seus olhos, a cor de tempestade se aproximando, procuram o meu rosto. — Entendi errado o que nós estamos fazendo aqui?

— É claro que nós estamos em um relacionamento, August. — Passo a mão sobre meu ombro tensionado e afasto um cacho rebelde do rosto dele.

— E você não está lá para mim? Quando eu perco um jogo? Quando você cozinha para mim? Quando preciso da sua ajuda?

— Pegar a sua correspondência quando você está viajando não é nada.

— É. Nada. Como essas pequenas contas não são nada para mim. — Ele gesticula para o meu laptop. — Iris, você tem ideia de quanto dinheiro eu ganho? Não o contrato. Isso é só uma gota no balde. Os tênis. Os videogames. Os patrocínios. Amor, eu posso cuidar das suas contas.

Alguns ferimentos que pensei estarem curados, doem. Tudo em mim resiste aceitar dinheiro dele.

— Já é ruim o suficiente que você está dirigindo aquela porcaria de carro — ele continua.

— Meu carro não é uma porcaria — respondo, minha voz ficando azeda. — Ele funciona perfeitamente e me leva onde eu preciso ir.

— Mas eu podia te dar um carro bom, confiável, e nunca nem sentir falta do dinheiro.

— É, o Caleb me comprou uma linda Mercedes — digo, amargamente, dando alguns passos para trás. — Mas descobri rapidamente que todos os seus presentes tinham um preço a pagar.

— Que porra é essa, Iris? — Sua voz ressoa no espaço entre nós. — Você está me comparando com ele? O que nós temos, com o que você tinha com ele?

— Não, eu...

— Nós só vamos falar sobre ele quando isso for conveniente para você usar contra mim em uma discussão? — ele exige, sua voz esfriando. — Isso é meio que injusto já que não faço a menor ideia do que ele fez, como se comportava e o que aconteceu. Já que você não me conta merda nenhuma, nunca.

— Nós conversamos sobre isso. — Respiro calmamente, tentando evitar que isso vá para um território perigoso. — Assinei um contrato de confidencialidade.

— Que seja. Ou talvez você não queira que eu saiba o que aconteceu.

Ele até está um pouco certo, nesse caso. Por que eu iria querer que ele soubesse como o Caleb me reduziu à poeira? Que eu permiti isso? Não importa as razões ou circunstâncias, ele me enjaulou como um animal, e

agora que saí, não quero revisitar meu cativeiro.

— Eu só preciso fazer isso por mim mesma — eu digo, mais suavemente. — Não quero ficar em dívida com ninguém.

— Dívida? — Ele passa as mãos sobre o rosto e solta uma respiração frustrada. — Se um dia eu te der um carro... correção, quando eu te der um carro, porque quando aquela coisa que você dirige, morrer, eu vou te dar um carro... — Ele fecha o espaço entre nós e coloca minhas mãos nas suas contra o seu peito. — Quando eu te dou algo, é seu. Você será a dona, e ninguém poderá tirar isso de você. Nem mesmo eu. — Ele se inclina para sussurrar no meu ouvido: — Do mesmo jeito que você é dona do meu coração, Iris. Definitivamente.

É o mais perto que nós já chegamos de dizer as palavras, mas alguma coisa me segura. Nunca me esquecerei daquela noite quando tentei deixar o Caleb pela primeira vez – a humilhação no hotel. Os cartões de crédito negados. Vendo as luzes azuis piscando, sendo abordada pelos policiais e acusada de roubar o carro, de sequestrar minha própria filha. Pensei que nós tínhamos construído algo juntos, mas, no final das contas, ele estava agindo sozinho e construindo uma armadilha. Confiei em outra pessoa com o meu bem-estar, e ele usou isso contra mim nas situações mais inimagináveis. Não sei se algum dia serei capaz de confiar a minha segurança e a de Sarai em outra pessoa, mesmo alguém a quem amo e que me ama.

O silêncio crescendo depois da suave declaração de August fica frio e estranho. Não sei o que dizer. Se eu me obrigar a enfrentar meus medos e confessar o que sinto, o que realmente sinto, ele usará isto contra mim? No fundo, sei que August não é Caleb, mas algumas mágoas são mais profundas do que pensamos. Elas nos transformam de uma maneira imprescindível,

mudam a forma como vivemos, e está além do alcance de qualquer razão.

— Mamãe.

August e eu nos viramos para ver Sarai com seu cabelo escuro despenteado e os pequenos punhos coçando os olhos. Vou em sua direção e a pego no colo.

— Bom dia, bebê. — Aspiro sua fragrância de menininha.

— Gus — ela diz, com firmeza, esticando os bracinhos em direção a ele. Ele olha para mim, silenciosamente perguntando se pode. Não gosto de vê-la acordar e dar de cara com um homem em casa. Não quero confundi-la, mas sei que existe um vínculo se formando entre eles. Não quero tirar isso. Aceno levemente com a cabeça, tensa.

— Ei, princesa — ele diz, suavemente, pegando-a no colo e pressionando sua testa à dela. — O que você está fazendo de pé?

Ela não responde, mas enfia a cabeça no seu pescoço, já sonolenta e quase voltando a dormir. Vê-lo, em toda a sua altura, seguindo pelo corredor com a cabecinha dela recostada em seu ombro, aperta meu coração. Quero acreditar, mas parece bom demais para ser verdade. August parece bom demais para ser verdade, e o Caleb também já pareceu. O garoto que me levou café todos os dias, por semanas, me cortejando, sendo meu confidente, e me tratando com tanta gentileza, ele parecia bom demais para ser verdade. Mas a bondade do Caleb não era verdadeira. Ele era uma fraude cruel – um erro que cometi e que talvez me persiga pelo resto da minha vida.

Finalizo minha contabilidade, anotando os números para os quais tenho que ligar para estender o prazo até que receba meu próximo pagamento. Fechando o laptop, checo o horário para ver se posso tirar uma soneca antes de ter que me levantar para trabalhar. Se August ainda quisesse

ficar aconchegado, estou aqui para isso.

Mas quando ele volta para a sala, já está vestido com seu casaco do San Diego Waves, um boné, e seus tênis. Suas chaves em mãos.

— Estou indo. — Seus olhos passam por toda a sala como se estivesse conferindo se esqueceu alguma coisa, mas seu olhar passa direto por mim. — Preciso me encontrar com o meu treinador daqui a pouco.

Sei de toda a sua agenda. Ele tem tempo de sobra.

— August, eu...

— Só... está tudo bem, Iris. — Ele anda em direção à porta, parando só para dar um beijo no topo da minha cabeça. — Vamos conversar depois quando nós dois estivermos... — Ele sacode a cabeça, enfiando mais o boné na cabeça. — Vamos só conversar mais depois.

A porta se fecha atrás dele.



CAPÍTULO 45

IRIS

O cliente que o Jared me pediu para entrar em contato decidiu não assinar. Recebi um e-mail dizendo que o pagamento para a certificação online deve ser feito hoje, e não tenho o dinheiro. A creche me tirou de uma reunião porque a Sarai mordeu alguma criança. Precisei revisar um contrato de cinquenta páginas que o Jared precisava para “tipo ontem”... em cinco minutos.

Está sendo um dia infernal, e não são nem meio-dia ainda.

Recebo um alerta na minha caixa de mensagem do e-mail, me distraíndo da estratégia de marca que o Jared me pediu para ajustar para um jogador de futebol que assinou recentemente. Abro o e-mail do Recursos Humanos, e minha pressão sanguínea explode. Eu me levanto e desço o corredor, batendo na porta do escritório do Jared antes de sequer me acalmar.

— Iris, oi... — ele diz, olhando para cima do seu laptop. — Entre.

— Posso te perguntar uma... — Minhas palavras falham. — O

August...

Merda. Sei que ele fez isso, mas parece tão ridículo dizer em voz alta, e se estiver errada, as coisas ficarão estranhas entre mim e o chefe.

— O e-mail do RH — começo novamente. — Ele dizia que todos os funcionários em cargos de iniciantes estão recebendo um aumento efetivo, imediatamente. Que já virá no nosso próximo pagamento.

— Sim. — Jared se reclina na cadeira e apoia as mãos no topo da cabeça. — O que tem isso?

— O August fez isso? — disparo a pergunta antes que mude de ideia. — Por minha causa, quero dizer?

— Não tenho o hábito de discutir questões de nível financeiro e decisões de RH com nossos funcionários de nível básico.

— Claro. — Vergonha esquentava minhas bochechas e revira meu interior. — Me desculpe por te incomodar.

Caminho em direção à porta, mas sua voz me faz estacar.

— Iris — ele chama. — Espere um minuto.

Eu me forço a olhar em seus olhos.

— Nunca vi meu irmão desse jeito com ninguém. — Ele apoia os cotovelos na mesa. — Não só desde que você veio para cá, mas mesmo antes, quando você ainda estava com Caleb.

— Ah, bom, eu...

— Não o machuque.

Contemplo a expressão severa em seu rosto.

— Eu? — Toco meu peito. — Machucá-lo?

— Quando ele me pediu para dar um aumento aos funcionários de nível iniciante, hoje, às cinco da manhã — ele diz, pausando para me olhar

firmemente —, aliás, obrigado a vocês dois por isso. Por que quem precisa de mais de cinco horas de sono?

— Sinto muito.

— Quando ele me ligou — Jared continua, atropelando meu pedido de desculpas —, ele parecia achar que isso te deixaria puta, mas disse que era o único jeito de te ajudar, e que não ficaria parado vendo você se acabar por causa de dinheiro.

Lágrimas escorrem dos meus olhos. Quanto isso custou para ele? Para essa empresa? Eu disse que não queria nada que outros funcionários na mesma posição não tivessem, e ele deu um aumento para todos, só para eu me sentir mais confortável em aceitar a sua ajuda? Um homem que secretamente quisesse me ferir faria isso?

Não. E não é nenhum segredo que August me ama.

É provável que talvez muitas coisas tenham que permanecer em segredo entre nós, mas a forma como me sinto em relação a ele não deveria ser uma delas.



CAPÍTULO 46

AUGUST

— Boa corrida — Kenan diz, batendo a porta do seu armário. — Você está ficando melhor, Novato.

— Eu tenho quase certeza de que um jogador em sua terceira temporada — eu digo, fechando o meu armário também — não é mais considerado um novato.

— Mas é tão bacana te chamar assim. — A risada profunda de Kenan ressoa naquele massivo peito dele e traz um sorriso para os meus lábios.

— Por que você estava num humor de merda hoje, West? — Valdez, o armador-reserva, pergunta. Suspeito que ele guarda certo rancor de mim, pelo menos um pouco. Ele está na liga por uma década e provavelmente não gosta de me ver como titular do time.

Ah, bem. Isso às vezes acontece.

— É uma garota, né? — Valdez pergunta com um sorriso

provocador. — A jogadora de tênis? Pippa Kim?

— Duvido que a Iris ia gostar de ouvir isso. — Kenan ri e coloca sua bolsa no ombro.

— Iris? — As sobrancelhas de Valdez se levantam dramaticamente. — Soube que a mãe do bebê de Caleb, Iris DuPree, mora aqui agora. É dessa Iris que você está falando?

Meus dentes cerram. Já sei que essa conversa vai dar em merda se ele começar a falar do Caleb. E certamente não vou discutir o relacionamento deles com esse filho da puta, e a chance é menor ainda de eu querer discutir o *nosso* relacionamento.

— Não estava tentando começar nada, Novato — Valdez diz atrás de mim.

Ignoro o apelido. O Kenan brincando comigo é uma coisa. Eu e ele temos um acordo. Sou o rosto do time, mas ele é o coração. Sua maturidade e suas conquistas ganharam o meu respeito, e ele lidera bem por trás. Esse cara — nem tanto.

— Eu seria cuidadoso se fosse você, só digo isso — Valdez insiste. — Ela já prendeu um jogador. Agora ela está te fodendo. Melhor se proteger ou você vai pagar por uma boceta pelo resto da sua vida. Não vale a pena, não importa o quão boa ela possa ser.

Sua voz, suas palavras pausam de maneira significativa.

— E eu já a vi — ele continua. — Ela parece como uma boa boceta.

Eu me viro antes mesmo de perceber. Sua camiseta está enrolada no meu punho. Seu rosto a apenas centímetros do meu.

— Você passou dos limites, filho da puta — digo, entredentes. —

Se falar dela assim novamente, você já era.

— O que...

— Não finja que não pode acontecer. — Eu o solto, mas não recuo nem um passo. — Você está aqui por minha decisão, Valdez. Uma palavra para o Deck e você será trocado, cortado, o que eu disser, e você sabe disso.

— Seu filho da...

— Seu jogo é adequado, na melhor das hipóteses, numa boa noite — atesto. — Você é sortudo por estar tirando o pagamento básico, mas se falar da Iris assim novamente, nem isso você vai ter. Não aqui.

Ressentimento e amargura contorcem sua expressão.

— Glad, diz para esse moleque que é melhor ele chegar para trás.

Kenan dá de ombros, ajustando a alça da sua bolsa, ainda de pé na saída do vestiário.

— E se ele não prosseguir com a ameaça — Kenan diz —, eu vou. Não se fala da garota de um colega de equipe desse jeito. É assim que as coisas dão errado.

Ele levanta uma sobrancelha.

— E é o jeito mais rápido de arruinar a química de um time. Isso eu não posso aceitar. Não nesse vestiário.

Disso Kenan sabe. Ele ainda é assombrado pelo caso da sua ex com um companheiro de equipe no último time em que jogou. Valdez olha entre nós dois, murmurando e franzindo a testa, antes de sair do vestiário.

— Obrigado por me dar cobertura — murmuro, minhas mãos ardendo com a vontade de esmurrar aquele filho da mãe.

— Tranquilo. — Kenan pausa. — Mas talvez ele tenha razão. As mulheres podem fazer você acreditar em qualquer coisa quando o seu pau

está na boca delas.

Eu me viro para ele, já pronto a despejar minhas palavras revoltadas.

— É melhor você aprender a se controlar melhor do que isso, Novato — Kenan diz, calmamente. Ele desce o corredor em direção à saída e eu o sigo. — Se você não consegue nem ouvir isso de mim, não quero nem ver quando jogarmos contra Caleb e o Stingers no dia de Ação de Graças.

Minha raiva desaparece quando percebo que ele está me testando, e estou falhando.

— Você acha que não haverá rumores quando as pessoas descobrirem que você está namorando a garota do Caleb?

— Ela não é a garota dele. — Ela é minha.

— Ela é a mãe da filha dele. Creio que ele ainda faz parte da vida delas, e as sustenta financeiramente.

— Ele não está. — O oposto, na verdade, coisa que não entendo e que Iris não faz questão de esclarecer. Nós chegamos na saída e vamos em direção ao estacionamento do centro de treinamento.

— Sério? — Ele torce os lábios. — Por que isso?

— Não sei. Ela...

A porcaria do carro da Iris, o mesmo sobre o qual discutimos hoje de manhã, está estacionado ao lado da minha caminhonete. Ela está recostada contra o capô, nos observando.

— Falando do diabo — Kenan sussurra, e então fala alto o suficiente para ela escutar: — Olá, Iris. Bom te ver novamente.

— Oi, Kenan. — Ela olha entre nós dois rapidamente, mordendo o lábio quando encontra os meus olhos. — Olá, August.

— Quando a sua prima vai voltar aqui? — Kenan pergunta antes que eu possa falar.

Iris e eu olhamos para ele, chocados. Desde que sua esposa o traiu e o arrastou pelo inferno no juizado de família, Kenan é notoriamente tímido em relação a mulheres. Quero dizer, tenho certeza de que ele está pegando alguém em algum lugar. Um jogador pulando de cidade para cidade, é difícil não acontecer. Mas para ele perguntar por uma garota? Uma garota de verdade? Estranho.

— Humm, você quer dizer a Lotus? — Iris pergunta, só para ter certeza.

— É, acho que esse era o nome dela. — Ele dá de ombros, como se não tivesse certeza, mas o Kenan sempre tem certeza de tudo.

— Acho... que provavelmente a verei na Ação de Graças.

— Legal — ele diz com um aceno de cabeça.

— Eu devia, humm, eu não sei — Iris diz —, dizer que você disse oi?

— Não. — Ele olha para ela com estranheza. — Por que você faria isso?

Iris e eu trocamos um olhar, e dou um sutil aceno de cabeça, dizendo para ela não tentar entender o Kenan.

— Eu te vejo no avião amanhã, Novato — Kenan diz, andando em direção à sua caminhonete. — Não se atrase.

Depois que ele vai embora, eu e Iris encaramos o mesmo pedaço de concreto. Acho que ela descobriu sobre o aumento e está aqui para reclamar. *Que merda*. Não tem a mínima chance de eu ficar parado vendo-a ralar para criar a Sarai com aquela porcaria de salário.

— Eu recebi um aumento hoje — ela finalmente diz, suavemente.

— Ah, é? — Deixo a bolsa cair no chão e cruzo os braços sobre o peito. — Isso é bom.

— Foi mais do que bom. — Ela olha para cima, um pequeno sorriso em seu rosto. — Foi gentil. E mais do que eu merecia depois de ter sido tão ingrata.

Tomara que ela não esteja esperando que eu a interrompa.

— Obrigada, August. — Ela segura minha mão e me encara. — Sinto muito por ser tão difícil aceitar ajuda.

— Jared também. — Eu rio, mas ele realmente estava pronto para me esganar quando liguei exigindo um aumento para todos os funcionários de nível trainee.

A risada acaba, e estamos de volta ao silêncio incômodo. Eu quis a Iris por anos e pensei que se tivesse a minha chance, nunca ficaríamos sem nada para falar. Não quero dizer a coisa errada, algo que possa abrir um abismo entre nós. Nós tivemos nossa primeira briga, mas nunca estive mais feliz do que quando estou com ela.

— August, o Caleb era... — ela para de falar e olha para o lado, evitando meus olhos.

Estou em alerta máximo. Ela nunca fala sobre ele. Isso é uma benção e uma maldição, porque até ouvi-la dizer o nome dele me deixa um pouco louco.

— O que tem ele? — Minha voz é tão amável quanto veneno de rato. Eu deveria me retratar, mas não consigo. Quando ela não fala sobre ele, tenho perguntas. Quando ela fala, sou um idiota ciumento.

— Nada que Caleb me deu era realmente meu — ela diz, mordendo

o lábio inferior. Eu quero pegá-la em meus braços, mas ela está rígida, e eu sinto que ela não irá continuar se eu a tocar. — Ele usou tudo contra mim para me controlar. — Quando ela olha para mim, seus olhos guardam um milhão de segredos, e quero saber cada um deles.

— Eu sei que você assinou um contrato de confidencialidade — começo.

— Eu assinei.

— Mas — prossigo — sinto como se você e Caleb tivessem todos esses segredos dos quais não sei nada. Todas essas coisas que desconheço, e odeio isso.

Ela contrai os lábios.

— A única coisa que eu e Caleb temos juntos é a Sarai — afirma.
— E faço tudo que posso para mantê-lo longe dela.

Ela aperta a minha mão e dá outro passo para perto.

— Não quero nada dele, August, a não ser ele me deixar em paz. Isso eu posso te prometer.

Ela observa o meu rosto por alguns segundos.

— Você acredita em mim?

— Sim. Eu acredito. — Esfrego a ponta da trança pendurada sobre o seu ombro entre os meus dedos. — Você não vai me ver reclamando sobre o Caleb não estar em nossas vidas.

Eu devia ser cuidadoso. Não quero assustá-la fazendo-a pensar que espero que ela compartilhe sua vida comigo. Compartilhe sua filha comigo. Vir morar comigo em breve. Casar comigo algum dia.

Embora sejam essas coisas que espero...

Só preciso dar tempo a ela para se acostumar. Preciso aprender a

controlar minhas reações. Acho que a assusto com a intensidade dos meus sentimentos. Quero dizer, cheguei até mesmo a dar em cima dela, uma vez, quando ela estava amamentando.

Isso não é nem um pouco intenso.

— Você disse algo essa manhã. — Ela está analisando o concreto novamente.

— Nós dissemos várias coisas essa manhã. — Eu inspiro e expiro rapidamente. — Sobre que coisa você está falando?

— Você disse que sou definitivamente a dona do seu coração.

No pequeno silêncio que segue suas palavras, não sei se quero pegá-las de volta ou dizê-las novamente em centenas de maneiras diferentes.

— Eu sinto muito que não... — Ela engole e olha para mim, um pedido de desculpas em seus olhos. — Bem, que não respondi ou disse nada de volta.

— Você não tem que dizer nada. Eu entendo.

— Não, você não entende. — Ela sacode a cabeça, um sorriso tímido curvando seus lábios. — Eu devia ter dito que jogaria com você na posição cinco.

Meu sangue está borbulhando, como se alguém tivesse jogado um Sonrisal em minhas veias. Pequenas explosões ocorrem embaixo da minha pele enquanto espero por suas próximas palavras. Iris e eu tivemos tão poucos momentos sozinhos durante os anos, e aquele dia no ginásio jogando HORSE foi um dos meus favoritos. Segundo, claro, perdendo para aquele beijo no closet. Sei o que quis dizer quando disse aquilo. Meu coração bate alto e intenso como uma bateria sendo tocada em meu peito, somente ante a ideia de que ela talvez sinta o mesmo.

— Nunca pensei o quão enigmático isso pareceu — eu digo, colocando alguns fios de cabelo que escaparam atrás da sua orelha. — Até esse momento, quando estou tentando descobrir se você quer dizer o que acho que quer.

Ela levanta as mãos, emoldurando o meu rosto, e nunca a vi mais séria.

— Não quero ser enigmática — ela diz. — E vou só dizer isso para não ficar nenhuma dúvida.

Ela curva os lábios e fecha os olhos, respirando fundo como se estivesse se preparando para pular de um avião.

— Eu te amo, August.

Duvido que o mundo realmente pare, porque, baseado nas leis da física e seja lá o que governe o eixo da Terra, isso não é possível. Mas é exatamente o que parece quando ela diz essas palavras. Como se todas as criações tivessem se virado para ouvir isso – uma pausa universal para reconhecer possivelmente o maior momento da minha vida. Não foi a vitória do Campeonato da NCAA ou ter sido convocado pelo Waves. Não foi ser o Novato do Ano. E, quando eu finalmente ganhar o meu anel, nem isso irá se comparar. Nada dessas coisas são tão grandiosas quanto as palavras saindo da boca desse anjo lindo, meio feiticeira, que lançou seu encanto em mim desde a primeira noite em que nos vimos – um encanto que nunca se desfez.

— Eu não te ouvi direito — eu digo, olhando para o topo de sua cabeça.

Seus olhos abrem de repente e então se estreitam. Ela bate no meu peito, um largo sorriso esticando sua boca.

— Só por isso, vou pegá-las de volta.

— Ah, é? É assim? — pergunto, rindo. — E como você vai pegá-las de volta?

Eu a levanto, ignorando seus gritos e risadas, e a coloco em cima do capô de seu carro, ficando em pé entre suas pernas. Nossa respiração fica ofegante, em parte esforço, em parte desejo. Meus dedos discretamente traçam a curva inferior dos seus seios, e suas pálpebras semicerram por conta do desejo crescente em seus olhos. Dando uma olhada de relance no estacionamento vazio, ela desliza a mão devagar pela frente da minha calça de moletom e segura meu pau através do grosso algodão. Entrecebro meus olhos contra uma corrente de prazer carnal. Inclino-me para tomar sua boca com a minha, enrolando nossas línguas. Acolhemos nossos toques urgentes entre nossos corpos.

O som de uma porta batendo atrai nossa atenção, e deparamos com um dos treinadores descendo de seu carro, fingindo que não está nos vendo quase fodendo em cima do capô.

Pigarreio e olho para cima, encontrando os olhos da Iris sorrindo de volta para mim. Nós ficamos sérios ao mesmo tempo. Nunca me esquecerei deste momento, quando compreendi, verdadeiramente, que o basquete, o dinheiro e fama são ótimos. No entanto, estas palavras que ela acabou de dizer, eclipsam todo o resto.

— Não consigo me lembrar se disse que também te amo. — Eu olho para o céu, como se estivesse tentando me recordar.

— Você não disse — ela informa.

Segurando seu queixo, puxo-a para perto e a beijo devagar, saboreando seu amor, essas palavras ainda em sua língua.

— Eu te amo — declaro contra os seus lábios, beijando seu queixo

e atrás de sua orelha e qualquer lugar que consiga alcançar e que não nos leve presos por atentado ao pudor.

— Nós fizemos uma memória no capô do meu carro — ela diz, seus olhos arregalados e felizes. — Viu? Ele não é tão ruim.

Meu sorriso some e sacudo a cabeça.

— Não, amor. Esse carro ainda é uma porcaria.



CAPÍTULO 47

IRIS

Tenho um mau presságio sobre hoje, mesmo sendo Ação de Graças e eu queira que tudo seja perfeito.

A última vez em que assisti a um jogo do Waves contra o Stingers, August terminou com a perna quebrada, e, em menos de vinte e quatro horas, fui estuprada e espancada até perder a consciência.

Mas o que há para se preocupar?

Não dá para não pensar que estou aticando o destino ao me sentar aqui em público, como uma árvore no meio de uma tempestade de relâmpagos. A coisa que finalmente se solidificou, fincou raízes e está florescendo. Caleb é o relâmpago – sempre violento e pronto para atacar.

Uma cratera vem crescendo em meu estômago desde que a mãe de August me convidou para o jantar de Ação de Graças. A partida é Waves versus Stingers, em sua cidade natal, Baltimore, então é claro que estamos aqui para assistir ao jogo, com exceção de Jared, que está esquiando em Vail.

Matt, o padraço de August, foi chamado no escritório para uma emergência, mas deve estar em casa em tempo para comer. Eu, definitivamente, queria aceitar o convite de sua mãe para o jantar, e não queria ter que esclarecer meu receio em vir ao jogo. Não posso explicar sem acabar revelando mais do que deveria. E talvez... talvez esteja ficando cansada de viver minha vida sob as sombras projetadas pelo Caleb.

— Você está bem, Iris?

Susan Foster, a mãe de August, me observa com preocupação. Ela provavelmente chamou o meu nome várias vezes, sem resposta.

Volto a me concentrar nos arredores. É o pré-jogo, e estamos algumas fileiras atrás do banco do Waves. Aparentemente, Susan sempre se senta nas arquibancadas, e seria duplamente estranho explicar, na primeira vez em que nos encontramos, que eu queria me sentar separada, em um camarote.

A última vez em que estive nesse ginásio, sentei-me atrás do banco do Stingers. Sarai se encontrava no meu colo, da mesma forma que está agora, mas com apenas alguns meses de idade. Tenho que ficar lembrando a mim mesma que não estou sendo vigiada por Ramone, e que não vou voltar para casa com Caleb, hoje à noite; nem que acordarei amanhã com hematomas.

— Me perdoe. — Dou um sorriso que espero ser tranquilizador. — Só pensando sobre a Lo e torcendo que ela chegue bem.

Lo está voando de Nova York para o jantar de Ação de Graças conosco, na casa da Sra. Foster. Ela estaria aqui mais cedo se o seu trabalho não a tivesse retido em Praga.

— Ela vai chegar bem. — A Sra. Foster acaricia minha mão e sorri

gentilmente. — O jantar já estará pronto e tudo o que ela terá que fazer será se sentar e comer.

— Obrigada por convidá-la. E por também convidar a mim e a Sarai.

— Venho querendo te conhecer há um bom tempo, Iris.

— Sério? — Eu me viro para ela, surpresa, temporariamente cobrindo a minha ansiedade.

— August me contou sobre você há muito tempo.

— Muito tempo? — Sacudo a cabeça e rio o mais leve que posso, com a pedra que se instalou em meu peito. — Eu não entendo.

— Bom, ele não me deu todos os detalhes — ela diz, rapidamente, seus olhos azuis divertidos. — Mas ele me disse que achava que havia encontrado a garota certa. Isso foi quando ele estava em casa, se reabilitando.

Isso teria sido na época em que nós nos encontramos naquela semana no centro comunitário.

August e eu não nos vimos muito até eu me mudar para San Diego. O que há em mim que o marcou tão poderosamente? Que o fez pensar que eu talvez fosse a pessoa certa depois de apenas alguns encontros? Provavelmente a mesma coisa que fazia meus pensamentos voltarem a todo instante para aquela primeira noite em que nos conhecemos; o pensamento daquela noite como uma bifurcação na estrada — e ele sendo o caminho que eu deveria ter escolhido.

— Não sei o que dizer — finalmente respondo, minhas bochechas quentes.

— Eu só estou feliz que no final deu certo. Estou contente em conhecer a garota que roubou o coração do meu filho — ela diz. — E eu não

podia estar mais feliz.

Nem eu.

O momento que eu temia me acerta com uma força esmagadora. Quando Caleb entra na quadra para o aquecimento antes do jogo, cada nervo em meu corpo grita para que eu fuja. Meu alarme interno me avisa do perigo. Meus músculos tensionam dolorosamente. Estou pronta para um duelo de vontades, mas quando o Caleb olha para as arquibancadas, e me vê, ele sorri. Ele está no outro lado da quadra. Há uma distância tão grande entre nós, que deveria me fazer sentir segura. Mas nunca poderia me sentir segura com ele no mesmo prédio. Alguns dias, não me sinto segura só em saber que ele está no mesmo planeta.

Todos os seus companheiros de time fazem o aquecimento, mas ele só fica em pé e me encara. Seu sorriso aumenta à medida que o encaro de volta. Ele desvia o olhar para a Sarai em meu colo, e então o sorriso some. Seus olhos, quando retornam para mim, prometem retribuição. Que um dia, ele me fará pagar.

— Iris — August chama, por trás do banco, na quadra.

Assim que o vejo, meu corpo relaxa. A tensão dissipa. No outro lado da quadra está o meu passado sombrio, o pesadelo ao qual mal sobrevivi. Meu futuro está em pé na minha frente. E ele é tão brilhante. August é tão brilhante. Nós compartilhamos um sorriso antes de ele começar seu aquecimento e se juntar ao time.

Ele perguntou se eu tinha certeza de querer vir hoje. Ele não sabe de tudo o que aconteceu com o Caleb. No grande esquema das coisas, ele não sabe quase nada, mas sabia que hoje seria difícil para mim. No entanto, estou tão cansada de fugir. Por um bom tempo, fui a marionete do Caleb, mas ele

não controla mais as minhas cordas. A mãe do meu namorado queria me conhecer, conhecer a minha filha, queria se sentar ao lado da namorada de seu filho para vê-lo jogar no dia de Ação de Graças. Talvez eu vá me arrepender, mas nesse momento, estou feliz por pelo menos ter tentado.

No intervalo, o jogo está empatado. Se o Waves não ganhar nenhum outro jogo nessa temporada, rezo para que pelo menos esse, ele vença. A especulação tem sido imensa antes dessa revanche entre os dois times, especificamente entre August e Caleb. Isso ressuscitou comentários sobre a jogada suja do Caleb.

Todo mundo sabe que eu e Caleb temos uma filha juntos, que morei com ele durante sua primeira temporada. E todo mundo que não sabia que agora estou com August, descobrirá. Estou sentada ao lado de sua mãe. E sei que alguns de seus companheiros de time questionaram isso; tenho certeza de que alguns até falaram sobre isso. Já existem rumores horríveis. As pessoas dirão que quero prender August do mesmo modo que “prendi” Caleb.

Deus, se eles soubessem a armadilha que o Caleb armou para mim.

— Você teria preferido se sentar em um camarote? — a Sra. Foster pergunta, seus olhos astutos.

— É só que... — Eu rio, um som falso, se é que já ouvi algum. — Isso talvez dê mais combustível para os papos sobre eu estar com seu filho, depois de ter namorado Caleb. Alguns disseram que essa é a vingança de August pela jogada suja que recebeu. Eles dizem que eu sou uma...

Não quero nem dar voz para os que as pessoas dizem sobre mim.

Putá. Oportunista. Aproveitadora. Cilada. Tiete. Sedenta. Garota da armadilha.

Não procure por você mesma no Google, se não quiser saber o que

as pessoas pensam ao seu respeito. Eles expressam livremente o que pensam através do anonimato de seus laptops e por trás da máscara de seus avatares.

— Você sabe a verdade — ela diz, segurando minha mão. — E August também. Ele não liga para o que dizem, e você também não deveria ligar.

Eu me forço a relaxar, passando as mãos para cima e para baixo nos braços da Sarai. Ela está tocando piano em seu iPad e usando fones de ouvido. Ela cresceu tanto, e provavelmente não reconheceria o pai se o visse.

— Gus! — Sarai grita, me chamando a atenção.

August está na linha de lance livre, e estou com tanto medo que o grito de Sarai talvez quebre sua concentração, que cubro sua boca.

— Shhhhh... — sussurro em seu ouvido. — August precisa focar, bebê.

Ela coloca o dedo indicador na boca, os olhos arregalados, e olha para mim.

— Fo-car — ela sussurra.

Eu rio e dou um toquinho em seu nariz com meu dedo. Quando olho para cima, o August está olhando para nós, por cima do aglomerado do tempo técnico. Ele sorri, e claro, Sarai escolhe esse momento para gritar “Gus” novamente. Ela manda um beijo para ele, que sorri de volta, pressionando a mão sobre os lábios e soprando em sua direção. Mas seus olhos estão fixos em mim, e contentamento, prazer e a coisa mais próxima de alegria que posso imaginar, corre por mim como o Mississippi, largo e poderoso. Meus olhos enchem de lágrimas e meu nariz queima. A emoção cresce tão densa entre nós, mesmo separados por metade de um estádio.

— Eu te amo — ele diz, a expressão em seu olhar tão quente e

certa.

Aceno com a cabeça, pressiono a mão nos meus lábios, e discretamente retorno seu beijo. Ele sorri e volta a atenção para o aglomerado.

Sinto uma sensação afiada, como uma agulha espetando minha pele. Quando olho para o banco do Stingers, deparo com o olhar penetrante do Caleb. Malevolência inflama seu olhar, e suas mãos apertam em punhos ao seu lado. Ameaça o envolve, uma companhia tão constante quanto Ramone era.

É um sombrio *déjà vu* da última vez que nos encontramos nesse lugar, mas as mesas viraram. Sempre existiu um inescapável reconhecimento entre August e eu. Caleb viu isso daquela vez, e ele vê isso agora. O dia em que conheci August, pisei em um campo de força, colocando algo em movimento que era de alguma forma minha culpa, e de outra forma, fora do meu controle. A rebeldia cresce em mim, e não ligo se Caleb vir isso. Ele não pode fazer nada comigo sem cair junto. Debochando do momento que acabei de compartilhar com August, ele me manda um beijo.

— Ele será um problema, Iris? — a Sra. Foster pergunta ao meu lado.

Assustada, dou minha completa atenção a ela. Ela ainda está olhando na direção de Caleb, mas espera pela minha resposta.

— Não. Eu... — Só conversei abertamente com a Lo sobre os detalhes do que aconteceu comigo, mas queria poder compartilhar tudo com a mãe de August e seus olhos gentis. — Ele era um problema, mas isso foi resolvido.

— August te ama tanto — ela diz, olhando para mim e sorrindo

para a Sarai. — E à sua filha também. Ele fala sobre vocês duas o tempo todo.

— Ele fala?

— Eu tenho certeza de que você sabe que é a coisa mais importante da vida dele.

Eu jogaria com você na posição cinco.

Não respondo, mas aguardo para ela continuar, porque sei que tem mais.

— Aquele homem quebrou a perna do meu filho por sua causa — ela diz, levantando a mão quando começo a me desculpar. — Não é sua culpa. A culpa é somente dele, mas mesmo sabendo a quão complicada a sua situação era, August ainda queria você. Ele detesta quando me meto, mas *ele* é o mais importante para mim, então quero saber de suas intenções...

— Minhas intenções? — Uma risada, cheia e rica, escapa dos meus lábios. — Você quer saber as minhas intenções com August?

Ela dá um pequeno sorriso e acaricia o cabelo da Sarai.

— Não tenho nenhuma ilusão sobre o meu filho. Sei que ele foi um jogador dentro e fora da quadra. — Ela mexe as sobrancelhas sugestivamente. — Mas sei que ele te ama profundamente e isso já tem um tempo. — Nosso humor desaparece, mas a gentileza em seus olhos permanece. — Então, sim, estou perguntando para você, não se você o ama, porque isso é óbvio. Estou imaginando se você será capaz de se casar com ele quando ele pedir.

Casar.

Para a maioria das garotas, isso significa uma cerimônia em junho, flores, esperanças e sonhos realizados.

Esse não é mais o significado para mim. Isso significa uma armadilha. Significa que um homem tem acesso à minha vida, à minha filha, e que ele poderia, dependendo de sua vontade, abusar de mim.

— Eu não perguntei ao August sobre isso — ela diz, suavemente. — E sei que ele está finalmente tão feliz de ter você, que não está pressionando, mas tenho que imaginar que um homem cruel o suficiente para quebrar a perna de alguém por causa da mulher que ele quer, bem... ele poderia ser bem cruel para a mulher que ele quer também. Estou certa?

Irrracionalmente, eu olho para o telão. Eu fui pega de surpresa mais de uma vez, me encontrando, desavisada, na tela. Se o meu rosto estivesse na tela agora, eu temo que todo mundo saberia o que aconteceu comigo e com o Caleb — uma vinheta sendo passada em vívidos hematomas pretos e azuis, para todo mundo ver. Eles saberiam ao que eu sobrevivi. E por mais que saiba que não foi culpa minha, a vergonha se espalha, sem deixar nenhuma parte de mim limpa. Estou maculada pelo toque do Caleb, meu coração e alma cobertos em manchas invisíveis.

— Legalmente, não posso falar sobre a maioria das coisas que passei com o pai da Sarai — respondo, minha voz baixa e atenta a quaisquer orelhas levantadas ao meu redor. — Mas direi que ir para longe dele foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para nós.

— E o August sabe disso?

— August sabe que eu o amo e somente a ele. — Isso deveria ser estranho, mas depois de tantas coisas que não pude dizer, contar para alguém é bom.

— Posso te dizer uma coisa?

Quando aceno, ela sorri.

— Meu filho é a pessoa mais competitiva que já conheci, só perdendo para o próprio pai. Ele não sabe como desistir. Eventualmente, o Waves, se ele ficar com eles, vai ganhar um campeonato porque August vai ter que ganhar. Ele não sabe se acomodar, e ele não vai se acomodar com você.

Suas palavras deveriam fazer o meu coração flutuar, mas ao invés disso, ele afunda como uma pedra porque por mais que ame August, e Deus, eu amo, não sei o que direi se ele um dia me pedir em casamento. Compartilhar a minha vida, o meu dinheiro, minha casa, e minha segurança com *qualquer* homem me apavora. Vi um homem que pensei me amar, e que não faria nada para me machucar, tirar a máscara e me mostrar sua verdadeira natureza depois de já ter caído em sua armadilha. Não sei se algum dia posso arriscar isso novamente para mim e para Sarai.

Passo o resto do jogo em um transe, mal registrando as ações na quadra, exceto para notar que, como sempre, Caleb e August se provocam para jogar ainda melhor do que geralmente jogariam. Ambos fazem um excelente jogo, mas August sempre parece conseguir uma vitória sobre o Caleb. Obrigada, Deus, porque essa é uma derrota que não queria que ele tivesse que processar durante o jantar de Ação de Graças.

Susan e eu estamos entrando no estacionamento subterrâneo privado, para esperar pelo August, quando sinto o perigo.

Eu olho para cima, e Caleb está bem ali, a uns metros de distância. Seu casaco e calça escuros chamam atenção para aquele cabelo loiro. Ele parece algo enviado diretamente do sol.

Só eu sei que ele é algo enviado diretamente do Inferno.

Com um sorriso arrogante, ele se prepara para o bote. Ele pode,

provavelmente, sentir o cheiro do meu medo, então deixo meu rosto neutro. Levanto o queixo e encontro seus olhos diretamente. Ele não pode me atacar em um lugar aberto, então me recuso a mostrar o terror que está sendo bombeado em meu coração, carregado pelo meu sangue.

Ele olha da Sarai, no meu quadril, para a mãe de August.

— Bom te ver novamente, Sra. Foster. Tem anos, mas você está bonita como sempre.

Esqueci da história que Caleb e August possuem antes de me namorar. Eles se conhecem há mais tempo do que me conhecem.

A Sra. Foster não é de aturar farsantes. Ela não o responde, mas o encara com olhos duros até ele dar de ombros.

Sarai olha para o Caleb, fascinada. Ela estica a mão para tocar seu nariz e seus lábios. Quero correr com ela para a outra direção, para levá-la o mais longe dele possível. Sei o que é ser enganada por uma casca angelical. Você nunca suspeita que por baixo bate o coração de um demônio, até ser tarde demais.

Caleb tenta capturar seus dedinhos, mas a viro de lado para as mãos dela ficarem fora de seu alcance.

— Você é tão bonita, Sarai — ele diz para ela, mas olha para mim.
— Você tem os olhos do seu pai. Você se lembra de mim?

Com o polegar na boca e puxando a própria orelha, Sarai sacode a cabeça.

Caleb me encara e segura um cacho do cabelo dela, roçando entre os dedos.

— Eu sou o seu papai.

Dou vários passos para trás, colocando mais distância entre a gente.

— Papai — Sarai sussurra, olhos azuis-violetas grudados em olhos azuis-violetas.

— Sra. Foster, teria como você levar a Sarai para o carro? — pergunto, abruptamente, vendo a interação entre pai e filha com pavor. Sarai é esperta e curiosa e tem uma memória de elefante.

— Você tem certeza, Iris? — ela pergunta.

Eu a entrego para a Sra. Foster e finjo um sorriso.

— Eu ficarei bem — eu a tranquilizo. — Caleb e eu precisamos conversar.

— Mas Iris, talvez você devesse esperar pelo...

— Não, agora está ótimo. — Aceno com a cabeça em direção à caminhonete a alguns metros de distância. — Eu já vou daqui a pouco.

Ela compartilha um olhar preocupado entre o Caleb e eu, mas vira com a Sarai e vai para o carro.

— Enfim sós... — Caleb toca o meu cabelo, o passando pelos dedos. — Eu prefiro o seu cabelo liso, mas você está bonita.

Eu chego para trás, pegando meu cabelo com uma mão e o colocando para as costas, fora do seu alcance.

— O que você quer, Caleb?

Seu sorriso, seus olhos, tudo sobre ele é lascivo enquanto ele me observa – meu rosto, meus seios, demorando na junção das minhas coxas e pelas minhas pernas.

— Eu quero o que é meu. — Ele se inclina para a frente e sussurra em meu ouvido: — Você honestamente acha que pode me deixar, Iris, e nunca mais voltar? Acha que pode tirar minha filha de mim e não pagar por isso?

Os pelos finos de meu corpo se arrepiam. Meu coração acelera e meus músculos enrijecem. Meu corpo é um motim, preparado para qualquer coisa.

Em um instante, sua mão prende meu pulso, apertando dolorosamente.

— Como você tem coragem de foder ele? — ele sibila. — E o ostentar na minha frente, na quadra do meu time? Deixando-o ver minha filha crescer, quando eu não posso?

Sua língua lambe atrás da minha orelha, e a saliva congela e seca, me repugnando.

— Eu queria poder foder você nesse momento, na frente de todo mundo. — Ele ri. — Será que August amaria ver a forma como fazemos? — Ele chega tão perto que seu pau cutuca a minha barriga. — Só você faz isso comigo, Iris. — Ele engole em seco, a dureza em seus olhos mudando para aquele desespero doentio que ele cobre com entulhos. — Volte para casa. Sinto sua falta. Eu vou melhorar dessa vez. Eu prometo. Eu...

Sua respiração fica presa em seu peito. Ele olha para baixo entre nós, onde o canivete entalhado da MiMi brilha no mal iluminado estacionamento. A terrível ponta pressionada em seu pau.

Uma mulher nesse mundo precisa manter seu juízo com ela e suas armas à mão.

— Você nunca me satisfez. — Eu sorrio, serena. — Então não tenho nenhuma utilidade para esse pau. Se você tem, sugiro que me solte nesse momento, ou vou cortá-lo fora e te deixar sangrando como o animal doentio que você é.

— Iris, vamos ser... — Ele para quando pressiono a ponta mais

profundamente nele. — Porra, amor.

— Eu não sou seu amor, não sou sua garota. E não sou nem a mãe do seu bebê, porque até onde sei, a Sarai não é sua. — Eu olho para o meu pulso, ainda algemado por sua imensa mão. — Me solte, Caleb, ou vou remover uma de suas bolas cabeludas.

Sua mão solta, mas seus olhos me atacam.

— Eu costumava te odiar por me forçar a fazer todas essas coisas sob a mira de uma arma — digo. — Mas agora entendo que é assim que o jogo deve ser quando você sabe que alguém não te ama, e você sempre soube disso, não é, Caleb? Você soube que não o amava antes de eu mesma saber. É por isso que você segurou tão forte.

— Um dia desses, Iris... — Seu sorriso é possuído, louco, e isso me faz tremer.

Coloco mais distância entre nós e, discretamente, guardo o canivete de volta em minha bolsa.

— É melhor ser logo porque, de acordo com a Lo — afirmo, assoprando sobre a minha palma do jeito que ela fez naquele dia —, seus dias estão contados.

A coisa mais perto de medo que já vi aparece em seus olhos. Se antes eu não sabia disso, agora sei. Lo é definitivamente mais durona do que eu. Eu seguro um canivete contra o pau dele, e ele mal parece nervoso. Eu o relembro das palavras da Lo, e ele está com medo.

— Iris, você está pronta?

As palavras soam por trás, e August chega perto, vestido da mesma forma que Caleb, em um terno escuro. Mas é aí que as semelhanças acabam. Caleb é tão brilhante quanto ouro de dezoito quilates, mas ofuscado e

falsificado. August é escuro, e paira sobre mim como uma parede provendo abrigo. Ele chega e para ao meu lado, pegando minha mão. Com seu olhar nunca abandonando o rosto de Caleb, ele se abaixa e dá um beijo no meu cabelo.

— Você precisa de alguma coisa, Caleb? — ele pergunta sem entonação.

— Você não tem ideia — Caleb responde, seus olhos frios e brilhando, focados em mim.

— Eu vou dizer isso somente uma vez. — August não solta a minha mão, mas anda em direção ao Caleb até seus sapatos praticamente se tocarem. — Iris e Sarai estão sob a minha proteção, e se você as incomodar, estará incomodando a mim.

As palavras se acomodam entre nós três.

— E farei mais do que só quebrar a sua perna, Caleb — ele diz, suavemente. — Você não pode vê-las, a não ser que a Iris permita.

— Você está tão na palma da mão dela. — Caleb ri com crueldade. — Você é um pau mandado.

— Eu sou — August responde, amável, permitindo um sorriso. — Com ciúmes?

O sorriso do Caleb some.

— Só lembre-se de que eu tive essa boceta antes.

— Então você sabe que homem sortudo eu sou por ter a Iris pelo resto da minha vida. — August ri. — Essa é a única situação onde prefiro ser o último do que ser o primeiro. Você teve sua oportunidade. Você a perdeu. Eu sou o que eles chamam no basquete... um finalizador. Um finalista.

A falsa tranquilidade evapora, e o rosto de August congela.

— Esse é o único aviso que você vai receber, Caleb. A próxima vez que eu te encontrar tentando intimidar a minha garota, você não vai jogar basquete por um bom tempo. — Ele inclina a cabeça, seus olhos entrecerrados cortando o ar cheio de tensão. — E não vou tentar disfarçar isso como uma jogada suja.

Eles se encaram por longos segundos esticados e afinados por sua malícia mútua. Sei o quão inteligente e traiçoeiro o Caleb é. Só de ver August perto dele por alguns minutos me deixa nervosa. O Caleb carrega um odor maligno, e eu estou sufocando com isso. Eu quero todo mundo que amo bem longe dele o mais rápido possível.

— August. — Eu puxo sua mão. — Amor, vamos.

Os olhos de Caleb se voltam para mim. Eu não quis provocá-lo usando o termo carinhoso, mas não ligo se ele souber que o que neguei a ele, dou livremente ao August. Ele finalmente coloca as mãos nos bolsos e vai embora, assoviando.

Solto uma respiração presa por tanto tempo, que me sinto tonta. Enquanto enfrentava o Caleb, minha valentia estava grande e meu canivete aberto, mas agora que ele foi embora, meus joelhos tremem e me seguro em August. Ele esfrega meus braços, entrelaçando nossos dedos com uma mão e segurando meu rosto com a outra.

— O que foi isso? — pergunta, franzindo a testa. — Você está tremendo. Iris, o que está acontecendo?

Um dia terei que contar a ele. Eu tinha esperanças de nunca precisar e de que poderia usar o contrato de confidencialidade como minha desculpa. É realmente a vergonha, o embaraço, e o horror que não quero compartilhar com ele. Não quero que ele saiba que essas coisas aconteceram

comigo e que a mulher que ele ama é um produto estragado. Vou ter que fazê-lo jurar segredo, e ele terá que prometer não ir atrás do Caleb, o que não sei se ele será capaz de fazer. Meus pensamentos rodam e se enrolam.

— Vou te contar tudo em breve, tá bom? — Eu apoio a minha testa no seu peito. — Só não hoje. Nós podemos ir para a casa da sua mãe e aproveitar o jantar de Ação de Graças? — Eu levanto a cabeça e forço um sorriso. — E celebrar a sua vitória? Nós podemos fazer isso?

Sua expressão não muda ou suaviza quando brinco, mas ele finalmente bufa, cansado, passando as mãos pelo cabelo.

— Você vai me contar tudo logo? — pergunta. — Porque vou ficar louco se o encontrar novamente desse jeito com você. Que porra foi essa? Ele estava completamente assustador, e...

— Sim. Eu vou te contar logo, mas não agora. — Fecho os olhos e pressiono meus lábios com firmeza para segurar as lágrimas. Se eu soltar a emoção que me consome, não serei capaz de parar. — Prometo.

Ele se inclina até que nossos lábios estão no mesmo nível e toma os meus entre os seus, e o dia, o escrutínio, o medo, a ansiedade, tudo é eclipsado por isso. Pelos seus lábios, doces e urgentes e famintos sobre os meus. Pela sua devoção.

— Eu só preciso... — Deixo as palavras descansarem em seus lábios. Tempo? Espaço? Graça? Entendimento? Paciência? — De você. — Respiro em nosso beijo, inclinando a minha boca para pegar mais da sua, para pegar o máximo dele que os meus lábios possam segurar. — Eu só preciso de você.

— Você me tem. — Ele se endireita e olha para o carro onde sua mãe nos observa pela janela. — Uau. Minha mãe está nos vendo dar um

amasso.

— Estou tão envergonhada. — Suspiro em minhas mãos. Não sei o quanto da parte com o Caleb ela também pôde ver, mas depois de nossa conversa nas arquibancadas, acho que me importo menos ainda com isso.

— Ela provavelmente suspeitou que nós nos agarramos quando eu disse a ela que ficaríamos em um hotel hoje à noite.

— Nós vamos o quê? — Achei que ficaríamos na casa da mãe dele.

— A Lotus vai ficar com a Sarai — ele diz. — E você e eu vamos passar uma noite inteira juntos.

A mãe em mim quer protestar imediatamente. Nenhuma outra pessoa deveria ter que cuidar da minha filha. Eu deveria ser capaz de fazer isso, mas August teve que ir embora antes do sol nascer todas as vezes em que ficamos juntos.

Eu vou me dar esse presente. Dar para nós.

Apoio minha cabeça em seu ombro enquanto nos aproximamos do carro e do sorriso sagaz de sua mãe.

— Isso parece maravilhoso, amor.



CAPÍTULO 48

IRIS

O que eu estava pensando?

Meu reflexo no espelho debocha de mim. August e eu temos uma noite inteira para nós num hotel de um bilhão de estrelas. Uma noite quando ele não precisa ir embora. Ao invés de lingerie para seduzi-lo, estou usando a camisa de basquete. Quer dizer, é a camisa dele, mas mesmo assim. Não é tão sensual em mim como é nele.

Ajeito o meu cabelo em volta dos meus ombros e sobre os meus braços, cruzando um pé na frente do outro como a Sarai faz quando precisa fazer xixi.

— Bem, todas as suas coisas estão no outro cômodo — eu digo para a garota no espelho. — Em algum momento você tem que sair daqui.

Eu preciso disso. O jogo de hoje foi estressante. Ver o Caleb foi um pesadelo. O jantar com a família de August foi ótimo, mas a antecipação por hoje à noite pairou sobre mim o tempo todo. O prelúdio de toques escondidos

sob a mesa, beijos roubados no corredor, longos olhares carregados de promessas, isso acabou com minha sanidade e me deixou no limite. O jogo com o Stingers foi o último de uma série de jogos fora de casa, então August não tem estado muito em San Diego, e não estivemos juntos em dias.

Lo é a única pessoa em quem confio para passar a noite com a Sarai, e com elas seguras mais à frente no corredor, posso relaxar completamente.

Quando entro no quarto, nem presto atenção na decoração branca e dourada, o grosso carpete, a bela visão da cidade. A única coisa que noto sobre a imensa cama é o homem sentado na beirada.

August tomou banho um pouco antes de mim, e não se preocupou em se vestir. Ele é sempre uma luxúria para os sentidos. August nu, os músculos de sua barriga definidos, sua pele ainda úmida, seu cabelo um caos de cachos bagunçados? É um caso de irresistibilidade.

Gosto de saber estatísticas de esportes, então sei a envergadura de August, mas isso não é o mesmo que ver os seus ombros alargarem, um horizonte de músculos e ossos e pele bronzeada. Sei sua altura, o quão alto ele pode pular, mas esse é um simples número. Isso não te diz nada sobre as pernas de um homem com um metro e noventa e oito, longas e magras com flancos e coxas esculpidos, ou as panturrilhas talhadas em argila, endurecidas e queimadas no sol. Ele é um arremessador. É um dos melhores que a liga já viu e mortal além da linha de três pontos. Mas conheço esses braços, talhados e esculpidos, como um refúgio, e esses “punhos”, suas mãos, o lugar seguro onde deixo o meu coração.

Seus olhos arregalam para mim, uma quente varredura do meu corpo.

— Porra, Iris.

Ando na direção dele, e ele me puxa para ficar em pé no meio de suas pernas. Seu pau, duro e rígido e quente, roça na minha pele. Meus dedos dos pés se curvam no carpete e os das mãos se enfiam na seda escura de seus cabelos. Ele coloca as mãos no meu ombro e acaricia descendo pelos meus braços. Há uma certa reverência ali enquanto traça a forma dos meus quadris através da sua camisa.

— Eu devia ter colocado alguma coisa sensual — digo, rapidamente. — Como uma lingerie ou...

— Só pare. — Sua risada sai, um fiapo de fumaça. — Ver você usar o meu número é como um sonho erótico embrulhado em uma punheta.

Ele passa o dedo por cima de seu número — trinta e três — estampado sobre os meus seios. Quando ele belisca e torce os meus mamilos, a cartilagem dos meus joelhos derrete. Eu me seguro em seus ombros, lisos e aveludados, para me manter em pé. Suas mãos descem para as minhas pernas, subindo por baixo da bainha da camisa para segurar minha bunda nua, apertando até seus dedos se encontrarem no meio. Com seus olhos firmes nos meus, ele abre as minhas nádegas e passa um grosso dedo por aquele espaço secreto e sensível. Como se tivesse puxado uma alavanca, umidade escorre do meu corpo, molhando minhas coxas.

Sorrateiramente, uma mão desliza por entre as minhas pernas, e por alguns momentos ele somente acaricia os meus lábios. Minha respiração fica ofegante. Estou gemendo — garota impertinente e sem-vergonha abrindo as pernas —, silenciosamente implorando para que ele me toque lá. Para me abrir, invadir, e dominar essa boceta.

August provoca até que seus dedos estão encharcados com o

líquido do meu corpo, implorando, oferecendo, com a súplica escorrendo por minhas coxas. Minhas unhas cravam em sua carne, exigindo mais.

Ele não desvia o olhar, e muito menos eu, quando sua boca, úmida e insistente, possui um seio por sobre a camisa. Ele finalmente me abre e toca em meu clitóris.

— Ah. — Quase me desfaço contra ele, fraca e arfando, apoiando minha testa na dele. — August.

Seu polegar me acaricia, repetindo a carícia e roubando mais fôlego com cada passada. Ele coloca uma perna em cada lado para emoldurar suas musculosas coxas até eu estar jogada por cima dele, ar frio passando pelo meu centro quente e molhado.

— Eu quero foder você com a minha camisa, usando o meu número. — Ele lambe o meu pescoço. — Me monte, Iris.

Estas únicas palavras, ditas dessa maneira, me fazem congelar no momento. Preservada em um bloco de gelo. Por um segundo, meu corpo desliga. Esfria. Para. Essas palavras me assombram.

Outro homem me deu ordens para que o montasse. Ele me disse para fazê-lo acreditar que eu o queria, mas não podia fazer isso. E não fiz. Sua crueldade roubou o meu desejo e me tornou fria.

— Iris? — A testa franzida de August, a preocupação em seu rosto, em sua voz, me lembra de onde estou. — Amor, você está bem?

Eu pisco para ele, em silêncio, engolindo as minhas lágrimas, comendo as minhas memórias inteiras e digerindo um pesadelo de tanto tempo atrás. Aceno com a cabeça, meus lábios curvos, trêmulos e frios.

— Me beija... — ele sussurra, seus olhos tão gentis, tão decididos.

Eu me lembro de uma noite mágica sob as estrelas, sob uma

luminária de rua na véspera de grandes feitos. Uma noite cheia de risos e confidências, gerando promessas. E eu o vejo tão claramente, meu príncipe, pedindo um beijo.

E eu o beijo.

Eu o beijo como se o mundo talvez fosse acabar hoje, porque nunca vou subestimar isso. Não sua gentileza, quando conheci tão bem a crueldade. Não sua delicadeza, quando fui tratada com dureza no passado. Não seu amor, quando fui possuída, dominada e maltratada.

Ele me descongela com um beijo, meu príncipe, e eu derreto nele. Nós estamos peito com peito, com o número de August esmagado entre nós. Eu pego seu pau em minha mão, alinhando nossos corpos, e dois se tornam um em uma carnal junção de corpos. Eu me ancorei com meus cotovelos presos em volta do seu pescoço, sua mão espalma as minhas costas, apertando a pele desnuda enquanto nossos quadris travam, rebolam e se esfregam. Meu corpo aperta ao redor dele, e nós rogamos, xingamos, gememos, acasalamos como se nossos corpos tivessem sido criados para esse momento.

Nosso amor é um que se reimagina – que descasca o céu ao meio-dia procurando pelas estrelas, as coletando como conchas em um balde. Nós nos banhamos em poeira estelar, bebemos da Via Láctea, e dançamos na lua. Nós perfuramos o firmamento, olhamos no infinito, e andamos no tempo e no espaço. Não existe o antes. Não existe o depois. O agora dá à luz ao eternamente. Esse momento pode morrer, mas esse amor nunca irá. Tempo não é uma linha, é um círculo, e nós, August e Iris, nós ficamos de pé no centro.



— Você assistiu De Caso com o Acaso? — pergunto, pressionando as minhas costas na rígida parede de seu torso.

Está escuro e passaram somente alguns minutos desde o orgasmo que deixou meu cérebro como um velho disquete formatado.

— O filme? — Suas mãos se movem no meu cabelo.

— Sim, De Caso com o Acaso.

— Kate Winslet?

— Não, Gwyneth Paltrow.

— Esse é o filme que a sogra tenta matá-la?

— Não, esse é *Segredo de Sangue*.

— Por que você sabe tanto sobre a Gwyneth Paltrow? — ele brinca, beliscando os meus lados e me fazendo gritar. — É estranho.

— Não é isso q... está bem. Então, em *De Caso com o Acaso*, essa moça...

— Gwyneth Paltrow.

— Ah, meu Deus. Sim — eu concordo, rindo contra o travesseiro que sustenta nossas cabeças. — Gwyneth Paltrow.

— Estou só esclarecendo.

— Então, ela deixa cair esse brinco no ascensor.

— No quê? Um ascensor?

— É Londres. Ascensor. Elevador. Tudo a mesma coisa.

— Então, ela deixa cair um brinco no ascensor.

Ouçó sua risadinha no escuro e espero um tempo para deixar o meu silêncio alertá-lo.

— Okay, okay... — Ele ri contra o meu cabelo. — Eu vou parar.

Eu o acotovelo no estômago. Ele reclama e eu continuo:

— Bem, ela deixa o brinco cair e a história se divide nesses dois diferentes cenários. — Meu bom humor dissolve como açúcar no vinagre. — Com esses dois diferentes homens.

August também não ri, mas pega a minha mão e entrelaça nossos dedos sob o peso do edredom. Ele espera pelas minhas próximas palavras.

— Eu costumava pensar o tempo todo sobre a noite em que nos conhecemos. — Eu mordo meu lábio e pisco para impedir as lágrimas inesperadas. — Você queria me beijar do lado de fora do bar.

— E você me disse que tinha um namorado. — Sua voz também fica séria.

— Quando eu estava...

Espancada. Machucada. Ameaçada. Violada.

— ...infeliz, eu imaginava que havia te beijado naquela noite. — Fecho os olhos com força, desejando poder apagar os anos desperdiçados entre ali e agora. — Eu imaginava que tinha escolhido você, e que aquela escolha mudava tudo.

Ele está quieto. Não vou contar tudo para ele. Não vou contar muito, mas o que eu contar será a verdade.

— Era como se tivesse um universo paralelo onde eu tinha feito a escolha certa, e nós éramos felizes. — Sinto dificuldades em soltar as palavras que reconhecem o meu erro. — Mas eu sempre acordava, e você não estava lá. O Caleb estava.

— Nesse universo alternativo — ele diz, suavemente, acariciando por entre os meus dedos —, a Sarai era minha?

Hesito, sem ter certeza do que ele quer que eu diga, mas escolho novamente a verdade. Aceno com a cabeça. Ele apoia a testa contra a minha nuca e respira fundo.

— Então nós estávamos lá juntos, porque isso era o que me mantinha em pé quando você estava com ele. — Ele me vira de barriga para cima, pressionando o braço ao lado da minha cabeça no travesseiro. — Não que isso já tinha acontecido, mas que ainda podia acontecer. — Ele afasta o cabelo do meu rosto, olhando para mim na escuridão como se fosse a luz do dia e ele pudesse me ver claramente. — Isso aconteceu, Iris. — Ele leva nossas mãos dadas para os lábios. — Esse não é um universo alternativo. Essa é a nossa vida, amor.

Eu quase não quero sorrir, como se a felicidade talvez quebre essa ilusão, e irei acordar enrolada na beira da cama, olhando para a mira da pistola do Caleb. Mas não irei. Amanhã acordarei nos braços de August, e o meu passado, minhas memórias, Caleb, não podem me roubar isso.

— Posso te dizer uma coisa? — A voz de August me ancora nesse sonho, aumentando-o mais um pouco.

— Claro.

— Eu quero acordar desse jeito todas as manhãs — ele diz, esperança levantando suas palavras. — E quero que nossos filhos entrem correndo pela porta e pulem na cama com a gente.

Lágrimas se juntam no canto dos meus olhos e silenciosamente descem pelas minhas bochechas. Uma vez existiu uma garota valente o suficiente para querer essas coisas, mas ela foi esmagada e transformada em pó. Não sei se eu conseguiria achá-la novamente nem se eu tentasse.

— E farei panquecas — ele continua, seu entusiasmo crescendo. —

E posso ensiná-los a arremessar, ou não. Eles não precisam jogar basquete. Eu não ligo. Só quero que eles sejam nossos. Seus e meus.

Ele passa o polegar pelo meu dedo anular esquerdo, que antes já usou um anel de proteção, e já teve um anel de escravidão. As lágrimas não cessam porque não estou pronta para colocar um anel naquele dedo. Por mais que ame August, esse é um passo, um risco que não estou pronta para tomar. Nem mesmo por ele. Não ainda.

Estou esperando a pergunta, tentando descobrir como dizer um não para o homem que eu amo.

— Se eu fosse te perguntar hoje à noite, Iris, você diria sim?

Ele já sabe. Escuto a resignação, a decepção em sua voz, e eu queria poder surpreendê-lo. Mas ainda não posso.

Mas poderei.

Eu vivi no inferno, e meu caminho de volta é uma jornada. Sobrevivi a um pesadelo, escapei de um monstro, e o enfrentei hoje. Posso não ser capaz de dizer sim para o August hoje, mas um dia, serei.

— Eu sinto muito, August. — Sacudo a cabeça, impotente, e limpo as lágrimas. — Não posso dizer sim ainda.

— Eu sei, amor. — Ele aperta o braço em volta da minha cintura e enfia o queixo na curva do meu pescoço. — É por isso que não estou perguntando.



CAPÍTULO 49

AUGUST

— Bom jogo, Novato — Kenan diz enquanto saímos do ônibus.

— Você também. — Eu sorrio para ele, colocando minha bolsa no chão enquanto conversamos. — Nós conseguimos uma pequena série de vitórias ultimamente.

— Um pouco. — O rosto sério de Kenan mostra um sorriso. — No próximo ano, seremos um time com mais de cinquenta por cento de vitórias.

— Você acha? — Ele e eu vamos em direção à entrada do hotel.

— Se o Deck e os executivos jogarem as cartas certas no draft desse verão, e conseguirem outras peças-chave para a gente, com certeza. Nós estamos indo bem para um time de expansão.

— É, nós estamos começando a nos entrosar. Hoje foi ótimo. — Faço uma careta. — Menos a neve. O último lugar em que quero estar, é preso em Denver por uma noite extra por causa do tempo.

— Você ligou para dizer isso para a Iris?

— Daqui a pouco. Quando estivermos no quarto, eu ligo.

— Como está a prima dela?

Eu paro na recepção do hotel e o encaro.

— Você quer que a Iris fale bem de você para a Lo ou alguma coisa parecida?

— O quê? — Ele olha para mim como se eu tivesse duas cabeças e um nariz extra. — Por que você pensaria isso?

— Obviamente porque você vive perguntando dela.

— Ela... já perguntou sobre mim alguma vez?

Nunca vi o Kenan “Gladiador” Ross hesitante, mas a expressão em seu rosto é provavelmente o mais perto que ele irá chegar.

— Nunca — respondo sem hesitar, meus lábios esticando em um sorriso.

Kenan revira os olhos e me saúda com o dedo do meio.

— August, oi. — Decker anda em nossa direção, uma pasta em sua mão. — Posso falar com você por um segundo?

— Claro. — Eu bato punhos com o Kenan antes de ele andar em direção ao elevador. — O que foi, Deck?

— Venha se sentar. — Ele gesticula para um canto perto dos elevadores.

Está tarde e não faço ideia o que ele quer, mas espero que seja rápido. Quero ligar para a Iris assim que terminarmos, já que ela está esperando que eu chegue hoje à noite.

— Humm, acabei de desligar o telefone com a Avery — ele diz, me observando de perto.

— Bom. — Agora eu realmente não sei onde isso está indo. —

Como ela está?

— Bem. — Decker hesita e então continua: — O quanto você sabe sobre o relacionamento da Iris com o Caleb?

Como era previsto, eu me irrito. E a minha irritação me irrita.

— Sei que acabou. — Até eu escuto a tensão na minha voz.

— Sossega o facho, West. — Os lábios de Deck contraem em volta das palavras. — Eu só estou tentando entender como... — Um suspiro levanta seus ombros musculosos.

— Entender o quê, Deck? — pergunto, impacientemente. — Cara, fala logo.

— Um arquivo foi entregue anonimamente para a Avery hoje, na estação — Deck diz, as palavras sendo forçadas de seus lábios.

— Okay. Que tipo de arquivo?

— Esse aqui. — Ele escorrega a pasta pela mesa para mim, mas coloca a mão em cima para eu não poder abrir. — É um arquivo com fotos. Humm, fotos da Iris.

Minha mão se fecha em um punho na minha perna.

— Minha Iris?

— É. — Seus olhos enchem de simpatia. — Sua Iris.

— Tipo... fotos dela nua? — Eu tento manter meu cérebro dentro do meu crânio. — Me dê a pasta, Deck.

— Não nua. — Ele mantém sua mão sobre a pasta e solta uma respiração profunda. — Fotos dela muito espancada. E alguns registros médicos que detalham... um padrão de abuso.

— Abuso? — A palavra, feia e dura, não deveria estar na mesma frase que o nome dela. — Tipo quando ela era mais nova? Alguém a tocou

ou...

— Não, não quando ela era mais nova. Mais, humm... recente. — Ele oferece um olhar de simpatia. — Você não sabia?

Decker e eu nos encaramos. Eu sei o que está nesse documento. Talvez tenha sabido o tempo todo e não queria aceitar que isso podia ter acontecido com ela. Muitas coisas que não faziam sentido, de repente, ficam em perfeitas colunas e com um igualmente horrível resultado.

— Caleb? — O nome está engasgado em minha garganta. — Você está dizendo que Caleb a machucou? Ele colocou as mãos nela? — Eu bato na pasta em cima da mesa com meu dedo indicador, fúria percorrendo o meu corpo. — É isso que está aqui? — Eu forço entre os dentes. — O filho da puta machucou a minha garota?

— Sim. — Ele tira a mão da pasta. — Antes de você olhar isso, considere algo: a Iris provavelmente tinha razões para não te contar.

— Ela disse que assinou um contrato de confidencialidade. Que essa foi a única maneira dela garantir a guarda total da Sarai.

— É, bem, isso faz sentido. — Ele respira fundo e exala. — Considerando o que tem aí, ela provavelmente nunca quis que isso viesse à tona. Eu preciso te dizer mais uma coisa.

— Mais o quê? — Eu me levanto e começo a andar em círculos curtos, enfiando as mãos no cabelo. — O que é, Deck?

— August, ele... ele a estuprou brutalmente.

Deus, não.

Eu paro, completamente imóvel, virando somente a cabeça em centímetros cuidadosos para ter certeza de que o escutei corretamente.

— Ele... ele a estuprou? — Minha voz não consegue passar de um

sussurro. — Caleb?

Eu, honestamente, não posso lembrar da última vez que chorei, realmente chorei, mas lágrimas queimam meus olhos e embaçam a minha visão. Meu peito parece côncavo, como se tivesse implodido para dentro de si mesmo e está esmagando o meu coração. Minhas mãos tremem quando as cruzo atrás do meu pescoço. Estou me segurando, na minha sanidade, na minha compostura, mas tudo está escorrendo pelos meus dedos.

— Caralho! — grito tão alto, que as conversas na recepção param, e todos os olhos se viram para mim. Eu não ligo. Estou surtando, pensando naquele filho da puta violando a Iris. Abusando dela. Espancando-a. Chuto a mesa, e ela gira quase de encontro a um casal seguindo para os elevadores. Eu me viro para a parede e a soco, amassando o papel de parede. Amassando a minha mão. Meu punho incha e fica vermelho na mesma hora.

— August, pare com isso. — Deck segura meu braço, seu rosto sério. — Nós não temos tempo para birras.

— Birra? — digo, minha voz parecendo uma lixa. — Se alguém estuprasse a Avery, alguém a espancasse, o que você faria?

Ele fica quieto, uma chama de violência em seus olhos.

— Eu iria querer matá-lo.

— Certo. Então deixe-me ir encontrar Caleb.

— Mas também desejaria ter ao menos um amigo para me impedir — ele diz. — Olha, Caleb vai receber o que merece. Esse documento não foi só para a emissora da Avery. Ele foi para todas as grandes redes de TV.

— Merda. — Arrasto as mãos pelo rosto. — Isso vai ser um circo midiático.

— Sim. Você talvez queira processar todos os seus sentimentos

mais tarde e se preocupar com a Iris nesse momento. Acho que a Avery foi uma das primeiras a receber isso, mas haverá repórteres e câmeras de TV na porta da Iris em breve, se já não estiverem lá.

— Eu não posso... — Eu pego o meu telefone e checo a hora. — Quanto tempo você acha que nós temos?

— Já está tarde na costa leste — ele diz. — Isso ajuda, mas nós talvez queiramos tirá-la de lá e colocar algum RP nisso. É bom você acreditar que o Donald Bradley já está com seus advogados e tem sua máquina trabalhando para mudar como isso é visto.

— Ele que se foda — eu cuspo. — Quais são as chances de que ele já não sabia disso? Caleb não mija sem ele saber.

— Já coloquei o nosso time de RP trabalhando nisso. — Deck olha para o telefone quando ele apita com um alerta de e-mail. — Aliás, isso é deles. Mande o documento para eles assim que a Avery me disse, para eles poderem analisar e redigir um comunicado já que o público agora sabe sobre vocês.

Se eu tivesse ido para Houston, teria quarenta e cinco milhões de dólares, e talvez até estaria a caminho da conquista de um anel, mas não teria o Deck, alguém que é realmente um amigo e se preocupa comigo.

— Obrigado, Deck. Eu... — Emoções entopem a minha garganta. — Eu só... Iris? Deus, ela é a coisa mais meiga do mundo. E ela é... ela é tão pequena. Como ele pôde...

Deck coloca o braço em volta do meu pescoço e me traz para mais perto.

— Ei — ele diz, roucamente, chegando para trás e colocando as mãos nos meus ombros. — Nós vamos trabalhar com tudo isso. Eu prometo

que ele vai receber tudo que merece, August.

— Você tem certeza disso, Deck? — pergunto com amargura. — Ele “recebeu o que merecia” quando quebrou a minha perna? Não, seu papai e os poderes superiores o protegeram. E você e eu sabemos como isso funciona, como existe uma regra diferente para atletas. Como nós cerramos fileiras e protegemos os nossos. Consequências não são nunca garantidas. Não vou deixar isso passar dessa vez. Estou dizendo para você, se ele sair dessa, eu mesmo o mato.

— Abaixei o tom de voz — Deck diz, entredentes. — Você não pode ser um cabeça-quente. Está me escutando? Você tem um futuro brilhante que a maioria dos caras daria tudo para ter. Você tem a garota que a maioria dos caras daria tudo para ter. Sentar-se atrás das grades faria isso tudo sumir? Apagaria o que aconteceu com ela? A ajudaria a criar sua filha?

Estou quieto porque sei as respostas certas, mas não consigo me forçar a dizê-las. Minha raiva precisa de uma saída, e não sei nenhuma mais merecedora que o Caleb.

Eu quero o meu pai.

O pensamento surge do nada e não faz sentido. Quem sabe se ele teria as palavras certas para dizer. Mesmo tendo tido tão pouco tempo com ele, ele sempre vem à minha mente em problemas ou triunfos. Isso me mostra o quanto importante um pai é, e Caleb, aquele babaca degenerado, é o da Sarai.

Ele não pode ter nenhuma parte dela. Ele não pode estar em sua vida. Ele não pode tocá-la.

— Okay. — Aceno com a cabeça para o Deck para ele saber que a minha cabeça está no jogo. — Eu entendo. Você fala com o time. Eu ligo para a Iris. Eu preciso tirá-la de lá.

— O carro está a caminho — Deck diz.

— O quê? — Eu olho duas vezes. — Que carro?

— Já tenho um carro no caminho da casa dela, pronto para levá-la para o aeroporto. O avião do time vai levar as duas para onde você disser.

Meus ombros cedem com gratidão e um alívio fugaz. Não tenho o meu pai, mas tenho o Deck.

— Obrigado — digo para ele. — Deus, obrigado, Deck, mas redirecione esse carro. Ela e a Sarai estão no meu apartamento. Fazendo jantar para a gente lá.

Eu pauso, temendo a ligação que preciso fazer.

— Ela tem estado tão feliz, Deck — declaro. — Nós estamos tão felizes, e agora essa merda...

— Essa merda vai passar. — Ele anda na direção do elevador e diz por sobre o ombro: — Ligue para a sua garota para que possamos cuidar dela. Cuidar dela.

Eu não fiz isso. Eu falhei com ela. Como pude não ver isso?

Ele a estava espancando quando a vi no jogo do All-Star? Sei que não a via com frequência nessa época, mas desde aquela primeira noite em que nos conhecemos, sempre me senti tão conectado com ela. Como nunca pude saber? Por que ela não me contou?

Isso não importa. Eu agora sei, e ela precisa de mim mais do que nunca.



CAPÍTULO 50

IRIS

— Atraso por mau tempo?

Olho para a comida em vários estágios de preparação na cozinha de August, um típico banquete da Louisiana. Etouffe, camarão, feijão e arroz, e pudim de pão. MiMi ficaria orgulhosa.

— Está bem — digo para August, meu telefone apoiado entre o ombro e a orelha enquanto quantifico a calda de whisky para o pudim de pão.
— A comida não vai estragar. Ela estará aqui amanhã. Você estará em casa amanhã, certo?

Esqueça a comida. Eu sinto saudade dele.

— Você me fez me sentir o Lou Rawls aqui — brinco, esperando ouvir sua risada.

Só tem silêncio do outro lado.

— “Você vai sentir saudade de fazer amor comigo”? — Canto uma parte da música... bem mal. — Lembra?

— Sim, eu... eu me lembro — August finalmente diz, sua voz soando como se estivesse passando por um ralador de queijo. — Amor, tem algo que preciso te dizer. Nós não temos muito tempo.

Inclino a cabeça para segurar o telefone direito.

— Não tem muito tempo? Por quê? — pergunto. — August, você parece estranho. O que está acontecendo?

— Decker me procurou há alguns minutos e me disse... — Ele limpa a garganta. — Ele disse que Avery recebeu um arquivo no trabalho hoje.

— Avery, a namorada dele? A apresentadora esportiva?

— Sim. É um arquivo sobre... amor, é sobre você.

Derrubo a xícara de medidas, e cacos de vidro encham o chão.

— Um arquivo? — Minha respiração está ofegante. Eu já sei. Estou tão quebrada por dentro quanto o vidro aos meus pés, percebendo que o mundo saberá o que aconteceu comigo. O que foi feito comigo.

August agora já sabe.

— São fotos suas — ele revela, engolindo com tanta dificuldade que escuto pelo telefone. Ouço a angústia em sua voz antes de ele dizer as palavras: — Espancada, Iris. Ele espancou você?

Ele me bateu? Não, eu bati nele em seu próprio jogo. Escapei. Fugi.

Eu sobrevivi!

Mas tudo que todo mundo verá será a vítima. Não Iris, mas a Susan dos olhos inchados nessas fotos, os lábios cortados e a mandíbula inchada ao extremo. Tudo que eles dirão é: ele te espancou? Você o deixou te espancar? Você ficou?

Fraca.

Idiota.

E eles não terão a mínima ideia de quem eu sou.

— August, eu queria ter contado — digo, ignorando minha vergonha. — Assinei um contrato de confidencialidade.

— Mas você poderia ter me contado. Iris, você deveria...

— Me desculpe, mas não preciso de um sermão de ninguém a respeito do que eu deveria ter feito. — Luto contra as lágrimas de mágoa e raiva. Não contra ele. E, sim, contra o Caleb, e contra quem vazou isso, e contra o mundo inteiro. — Minha situação era mais complicada do que você possa imaginar. Se eu só tivesse deixado o Caleb, ele teria conseguido a guarda da Sarai, e eu nunca deixaria isso acontecer. Eu morreria para evitar que ele conseguisse isso.

E quase morri mesmo.

— Nós vamos conversar sobre isso depois — ele diz. — Não estou com raiva de você. Deus, acha que estou com raiva de você? Por não ter me contado? Não, amor. Estou com raiva de mim mesmo por não ter visto isso. Por não... estou furioso com ele por... — Ele respira fundo para se acalmar — Nesse momento, nós precisamos tirar você daí. Avery não foi a única a receber o documento. Todas as grandes emissoras receberam.

Meus joelhos bambeiam quando a extensão da minha humilhação vem à tona. Seguro-me no balcão e levanto uma mão trêmula à minha boca.

— O quê? Ah, Deus.

— Um carro está a caminho do meu apartamento — August diz, e ouço a tranquilidade forçada de sua voz, tentando me apaziguar. — Pegue algumas coisas para você e para Sarai, e o carro a levará para o aeroporto. Para qualquer lugar onde você queira ir.

Musgo Espanhol. O Rio Mississippi correndo pelas minhas veias.

A MiMi deixou sua pequena casa no bayou para mim e para a Lo. Nós ainda não decidimos o que fazer, então ela está lá, vazia, esperando.

— Quero ir para a Louisiana — respondo. — Quase ninguém sabe sobre a casa da MiMi, que sou conectada a ela.

— Okay. O Waves tem um avião que vai te levar para lá.

— E você? — Não quero parecer patética, mas preciso tanto dele. Nunca quis depender de um homem novamente, mas é tarde demais. Nossos corações são interligados, e quando o meu está doente, ele precisa dele. Quer somente a ele. E eu o quero.

— Estou indo até você, é claro. — Ele grunhe através do telefone. — Deus, eu estaria aí agora, se não fosse essa porra de nevasca em Denver. Assim que puder pegar um voo para sair daqui, vou te encontrar. Só me mande o endereço.

— Está bem. — Meus batimentos desaceleram só um pouco.

— Um motorista te levará para o aeroporto, e um cara da equipe de seguranças irá com você para a casa.

Meu sangue congela.

— Não — eu sussurro. — Não. Não quero isso. Não quero um guarda-costas ou segurança ou... não. Só você, August.

— Iris, não tem a mínima chance de eu deixar você e a Sarai irem para o meio do nada, sozinhas, no meio dessa confusão. — Ele perde a paciência.

— Está certo. Você não está me deixando fazer nada — retruco. — Eu estou dizendo para você que não vou permitir um homem estranho ficar comigo e com minha filha. Fim da história.

— Mas Iris...

— Você leu o arquivo? — pergunto, abruptamente.

Nós estamos separados por quilômetros e um oceano de silêncio flutua entre nós.

— Não — ele finalmente responde. — Você queria me contar, e sei que você odeia sua história, sua vida estando fora de controle. Que todo mundo vai poder te julgar e interpretar quem você é. Pelo menos comigo, quero que seja capaz de contar a sua história. É assim que quero ouvir.

Meu príncipe.

Ele me vê. Ele me conhece. Ele me ama, e agradeço a Deus por uma segunda chance.

— Obrigada por isso, August — declaro, engolindo as lágrimas. — O segurança de Caleb me mantinha presa naquela casa, assegurando-se de que eu nunca saísse de lá. Ele ficava lá enquanto o Caleb me espancava e me estuprava.

As palavras sobem do inferno e escalam a minha garganta, queimando como enxofre em meus pulmões.

— Eu era... era estuprada pelo Caleb de... de forma regular sob a mira de uma arma. — Faço uma pausa quando ouço os palavrões sussurrados do outro lado. Tudo volta tão vividamente que meu couro cabeludo dói quando penso em como Caleb puxava meu cabelo.

— Iris, Deus. — Consegui conter minhas lágrimas, mas escuto as dele em sua voz, a agonia por mim. — Amor, quero tanto estar com você nesse momento.

— Eu sei. E também quero isso. Hoje à noite? — pergunto, esperançosa. — Você acha que consegue chegar lá hoje à noite?

— Se eu tiver que pegar um ônibus para a cidade mais próxima, onde eu possa pegar um voo, irei. Eu prometo.

— Mas sem guarda-costas. Por favor — sussurro. — Sei que é bobo para você, mas...

— Nada de guarda-costas — ele concorda, ainda que relutante. — O motorista vai deixar vocês na casa. Serão somente algumas horas sem mim, e então verei vocês hoje à noite.

Desligo o fogão e abandono a comida que estava preparando. Conheço essa sensação. Eu me lembro da minha família correndo, fugindo de uma tempestade. O pânico, a histeria. O terror. Eu sinto tudo isso no caminho para o aeroporto, voando de volta para a Louisiana. Graças a Deus pela Sarai. Mantê-la ocupada, acalmando-a no avião, alimentá-la quando está com fome – o trabalho da maternidade ajuda a distrair minha mente da tempestade se agitando ao redor, ficando mais intensa a cada pessoa que toma ciência do arquivo. Não estou pesquisando nada no Google ou navegando na internet. Não quero saber o que está acontecendo. Quando a hora chegar, irei falar.

É somente quando estou dentro da casa, e o motorista está de volta na estrada, que paro para pensar. Para me tirar do piloto automático e processar as implicações do arquivo ter sido liberado. Alguém quis se vingar do Caleb? Isso não me surpreenderia, claro. Certamente, não sou a única com quem ele foi cruel. August sabia que ele era um babaca. Andrew sabe, já que ele me ajudou com os relatórios médicos.

Andrew.

Caleb o chantageava com alguma coisa, para mantê-lo sob seu domínio. Isso foi a vingança do Andrew?

Se sim, muito obrigada, camarada.

Sarai está de banho tomado e usando a roupa de dormir preferida: uma camiseta do San Diego Waves. Estou usando uma das camisas sociais de August que peguei no seu apartamento, quando meu celular toca.

— História, mamãe — Sarai se queixa, segurando sua cópia de Boa noite, Lua.

— A mamãe vai ler. Só espera um pouco. — Corro para a cozinha onde deixei o telefone, conferindo quem está ligando antes de atender.

— Lo, oi. Obrigada por ligar tão rápido.

— Claro, garota. — Simpatia e raiva se misturam em sua voz. — Queria poder estar aí. Eu estou presa em Nova York até o final de semana. Como isso aconteceu?

— Não tenho ideia. Uma cópia do arquivo foi entregue para a Avery Hugues. Ela está namorando o Mack Decker, um dos executivos do Waves, e ela o avisou.

— Você está bem? — Preocupação suaviza sua normal impetuosidade. — Você sabe que não tem motivo para se envergonhar.

— É, eu sei. — Minha risada parece vazia. — Mas todo mundo vai me julgar de qualquer jeito. Fazer suposições. Vão tirar conclusões. Nunca quis que isso viesse à tona. Era puramente uma ameaça para mantê-lo fora das nossas vidas. — Eu me jogo no sofá florido da MiMi. — Cara, esse sofá é feio.

— O quê? — Lo ri. — Aquele na sala de estar?

— É. Parece que um desses jacarés do bayou vomitou um jardim.

— Sim, é feio desse jeito — ela diz, e nós compartilhamos uma risada que morre ao mesmo tempo. — Sinto tanta saudade da MiMi.

— Ela era maravilhosa. — Seco o canto dos meus olhos, surpresa

com as lágrimas. — Queria ter passado mais tempo com ela.

— Você teve o tempo que deveria ter. Acredito que vamos onde devemos ir, quando nós devemos ir, e que as pessoas estão em nossas vidas quando elas devem estar.

— E quando elas nunca deveriam ter passado pelas nossas vidas?
— Mordo meu lábio. — Quisera eu nunca ter conhecido o Caleb.

— Ele é um babaca, mas a sua experiência com ele te ensinou muito sobre si mesma, e te fez mais forte do que qualquer pessoa que conheço.

— Tá bom — zombo, cutucando uma flor desbotada no estofado.

— Me escute, Bo. — A voz firme de Lo chama a minha atenção.
— Essa batalha te fez mais forte. Lição aprendida. Siga em frente e mostre ao mundo como é ser uma sobrevivente.

— Só me sinto assombrada pelos meus erros — sussurro, cerrando meus olhos. — E que todo mundo me verá como fraca.

— Fraca? — Lo questiona. — Que se fodam todos eles. Se eles não estiveram no seu lugar, não tiveram que lutar por suas vidas e as de seus filhos, não sobreviveram ao que você sobreviveu, continuando vivos para contar, eles não podem julgar.

— Lo... — Não consigo dizer mais nada.

— Você tem a Sarai. Você tem o August. Você tem a mim. Você teve a MiMi, — ela diz, veementemente. — Uma pessoa na sua vida foi uma babaca, e você o despejou assim que pode. Eu estou orgulhosa de você.

As palavras se espalham por mim como um bálsamo, e não consigo falar por causa da emoção que me sufoca — por conta do tanto que isso significa para mim.

— Acho que August deve estar ficando doido — Lo diz depois de alguns segundos de silêncio, mudando o assunto.

— Basicamente. — Passo os dedos pelo meu cabelo embaraçado e fungo. — Ele estava tentando muito ficar calmo por minha causa, mas sua voz estava totalmente descontrolada.

— Ele te ama.

— Sim, ele ama. — Eu sorrio abertamente. — E eu também o amo.

— Você parece bem melhor do que imaginei.

— Eu me sinto melhor. — Dou de ombros. — Tipo assim, detesto a ideia de que todo mundo vai ficar sabendo do que passei, e não sei como isso vai repercutir na carreira do Caleb, seus patrocínios e essas coisas. Ele é tão protegido pelo dinheiro e poder do seu pai. Não acho que isso será o suficiente para acabar com ele. Estou mais preocupada com ele tentar a guarda da Sarai em algum momento.

Meu telefone sinaliza uma chamada em espera.

— Ei, é o August — digo, rapidamente. — Eu te ligo de volta.

Atendo à chamada e me recosto no sofá feio.

— Oi...

— Oi. — Ele parece cansado. — Estou a caminho.

— Você está no avião? — pergunto, minha voz e meu coração aliviando.

— Melhor ainda. O avião acabou de pousar e estou no carro. De acordo com o GPS, devo chegar aí em duas horas.

— Obrigada, August. — Um pouco do aperto no meu peito alivia ao saber que ele está chegando.

— Amor, não me agradeça. Não há nenhum outro lugar onde eu

queria estar.

— Espera. — Eu me sento, franzindo a testa, mentalmente calculando datas e coletando informações. — Você não tem um jogo em San Diego amanhã à noite? Que horas é o seu voo de volta?

— Não vou voltar amanhã. — Ele solta um suspiro cansado. — Eu disse para o Deck que precisava tirar um dia, e ele concordou. Vou pular um jogo.

— Para ficar... para ficar aqui comigo?

— Eu disse para você que se algum dia fosse minha, eu jogaria com você na posição cinco. — O som de um sorriso aparece em sua voz. — Você é o centro, Iris.

Eu não respondo, mas absorvo sua promessa. Sua devoção a mim.

— E nós precisamos conversar — ele continua, antes de hesitar. — Talvez você precise conversar com alguém logo? Um terapeuta ou algo parecido?

— Eu tenho um terapeuta — respondo, suavemente.

— Você tem? Você está vendo um terapeuta? Como que eu não sabia disso?

— Eu me conectei com um serviço de aconselhamento para sobreviventes no abrigo local para mulheres em San Diego. — Limpo a garganta. — Tenho um bocado de bagagem para desenrolar.

— Eu posso ir junto? — ele pergunta. — Tipo, conversar com eles e perguntar como deveria lidar com as coisas? Ou como posso te apoiar? Eu só... eu quero matá-lo, Iris.

— Eu sabia que você desejaria isso, e que teria que vê-lo o tempo todo em jogos, eventos e outras coisas. Foi por isso que...

— Mamãe! — Sarai grita do outro quarto.

— Deixe-me ver o que ela quer.

— Diga a ela que o... Gus a ama — ele diz, relutando em usar o apelido.

— Ela vai passar dessa fase. — Eu sorrio, porque ele realmente o detesta. — Quem sabe...

— O Jared não passou.

— Eu sei, mas o Jared...

— Mamãe! — Sarai chama novamente.

— Vá lá. Você está sendo convocada — ele diz. — Eu te amo. Te vejo em breve.

Sarai está sentada na cama quando entro no quarto que costumávamos compartilhar. Seus olhos estão arregalados, os cílios molhados, braços rechonchudos estendidos em minha direção.

Eu me sento na cama e a puxo para perto, acariciando o seu cabelo, que agora alcança o meio das costas. Ela está crescendo tão rápido. Mal consigo me lembrar da época em que me ressentia pela gravidez, não a querendo. Agora ela é tudo para mim, e quero que o tempo passe devagar para eu ter o máximo de tempo possível com ela.

— O que foi, princesa?

— Eu... eu vi um monstro — ela sussurra, sua voz trêmula. Ela está tremendo em meus braços.

Chego para trás para observar seu rosto. Medo real escurece o azul de seus olhos.

— Sonho ruim? — Beijo sua testa e esfrego suas costas. — Quer me contar sobre ele? Como era esse monstro?

Seus olhos se fixam por sobre o meu ombro, e ela olha sem piscar por uns segundos antes de responder:

— Papai.

Pânico aspira o fôlego do meu peito, e antes que possa perguntar o que ela quer dizer, um som atrás de mim me transforma em gelo.

— Olá, princesa.

Viro a cabeça para o lado. Caleb está apoiado no batente com os braços cruzados sobre o peito.

Nunca o vi tão desleixado. Sua calça jeans e a camisa estão amassados. Seus olhos inchados estão adornados por olheiras. Pela primeira vez o ouro está maculado.

Fico de pé e coloco meu corpo à frente de Sarai.

— Caleb. — Suavizo minha voz, tentando não demonstrar o medo e ansiedade. — O que você está fazendo aqui?

Seu sorriso é diabólico, debochando da minha tentativa de proteger nossa filha.

— Quer dizer que não estava me esperando? — ele pergunta, uma risada sombria percorrendo sua voz.

Talvez eu estivesse. De alguma forma, suspeitei que sem as restrições que impus a ele, Caleb viria atrás de mim, mas não pensei que me encontraria aqui.

Ele me provou o contrário.

— Você pensou que eu não saberia onde minhas garotas estavam? — questiona, sua voz uma ameaça camuflada. — Eu tinha olhos em você desde o momento em que saiu daquele hotel até chegar aqui naquela primeira noite.

Ele entra no quarto, e cada passo que chega mais perto da cama da Sarai, um parafuso aperta na minha espinha até que estou me sentindo como um arame esticado prestes a arrebentar. Não quero fazer nenhum movimento brusco ou brigar aqui dentro. Se eu conseguir tirá-lo desse quarto...

— Sarai, você se lembra de mim? — Ele estica a mão para tocar no cabelo dela.

Sarai acena com a cabeça e diz:

— Papai.

— Isso mesmo — Caleb diz, parecendo satisfeito. — Eu sou o seu papai. Você gostaria se você e a mamãe pudessem vir morar comigo?

Minha garganta implode, contendo um grito. Enfio as unhas nas minhas palmas até doer, mas isso é bom. Dor me mantém alerta e atenta.

— Eu quero morar com o Gus — Sarai diz, claro como o dia.

Fecho meus olhos, minha cabeça caindo para a frente, porque acho que a minha filha talvez tenha acabado de me sentenciar à morte.

— Gus? — Caleb pergunta, franzindo as sobrancelhas. E então seus olhos grudam na camisa do San Diego Waves que ela está usando na cama. — É verdade isso?

As palavras são pedras jogadas na cama, mas ela não percebe isso e responde honestamente, acenando com a cabeça.

— Vamos conversar na sala, Caleb — eu o encorajo, me forçando a tocar seu braço e o puxar. — A Sarai estava tendo um sonho ruim, mas precisa dormir.

Seus olhos azuis-violetas se prendem aos meus por vários segundos. Sarai parece mais alerta do que estive o dia inteiro, de maneira incomum, independente de aquele ser seu horário de dormir.

Finalmente, Caleb se vira e segue em direção ao corredor. Decido trancar a porta do quarto de Sarai, rezando para que ela não descubra um meio de sair dali. Seja lá o que for acontecer dentro de instantes, não quero que ela veja. Preciso saber que ela está segura, ou não serei capaz de me concentrar o suficiente para sair disso viva.

Minha mente está rodando, procurando por possíveis armas, rotas de escape, distrações – qualquer coisa para detê-lo até August chegar. Decido redirecioná-lo – atrasá-lo ao fingir que ele não veio aqui para me matar.

— Não fui eu quem vazou o arquivo, Caleb. — Gesticulo para ele se instalar no sofá enquanto me sento em uma cadeira um pouco mais distante. Ele levanta uma sobrancelha, perguntando se vou realmente jogar esse jogo, mas dá de ombros como se tivesse todo o tempo do mundo para me lembrar o quanto ele gosta de me machucar.

— Eu sei disso. — Ele se senta no sofá feio, esticando os longos braços no encosto. — O Andrew vazou. Bastardo.

— O que você tinha contra ele?

Ele parece surpreso por um momento antes de dar de ombros outra vez.

— Ele, acidentalmente, deu para a sua namorada da faculdade uma quantidade muito grande de uma droga que ele estava experimentando, e ela morreu.

— O quê? Ai, meu Deus.

— Eu resolvi o assunto — Caleb diz. — Mas, claro, ele ficou me devendo. O idiota confessou e me entregou.

— Eu sinto muito. — Finjo uma expressão preocupada. — Houve muita reação negativa?

Talvez essa tenha sido a coisa errada a perguntar. A adrenalina percorrendo através das minhas veias está anuviando os meus pensamentos, sobrecarregando meu instinto de correr ou lutar. Não existe o instinto “sente-se para uma conversa banal com o seu predador”, mas essa é a rota que escolho, porque numa briga física com Caleb, não tenho chance.

Mesmo fugindo dele, não tenho chance.

Quanto mais eu conseguir atrasar o confronto físico, mais perto August estará de chegar.

— Reação negativa? — Ele ladra uma risada como o cachorro raivoso que é. — Eu fui cortado do Stingers, perdi todos os meus patrocínios em questão de horas, e meu pai praticamente me deserdou.

— Seu pai? — pergunto, chocada, porque o Sr. Bradley sempre navegou qualquer água turbulenta para o Caleb.

— Muito comprometedor, eu acho. — Caleb sacode a cabeça. — A liga está tomando uma linha muito dura, e meu pai não pode ser visto no lado errado disso. Provavelmente fazendo de mim um exemplo.

— Eu sinto muito — minto.

— Sente muito? — Ele cospe, sentando-se, para a frente, de repente, e encurtando o espaço que nos separa. — Isso é culpa sua.

— Não. Eu mantive a minha parte do acordo.

Minha mente vibra como uma máquina, pensando rápido em um plano de fuga enquanto observo seu rosto ficar vermelho, os olhos entrecerrarem; os punhos abrindo e fechando, como se estivesse louco para esmurrar alguma coisa.

— E você manteve — ele admite —, mas, infelizmente para você, todos os meus... incentivos, vamos dizer assim, por deixar você ir embora e

em paz... — Seu belo rosto se contrai com um pequeno sorriso. — Se acabaram.

Não sei se ele se move antes ou se eu me movo. Não sei se o predador e a presa estão de algum modo fisicamente conectados e nós nos movemos em harmonia, mas vira uma caçada. Ele é o cão de caça e eu sou o coelho. Passo correndo por ele para a cozinha, ouvindo as passadas rápidas e pesadas logo atrás de mim.

Se eu puder só pegar a minha bolsa no balcão.

Ela já está à vista quando ele me enlaça pela cintura e me ergue do chão. Meus braços se agitam e eu me contorço, esperneando em uma confusão de membros se debatendo. Ele me arremessa no chão. Eu deslizo pelo piso e aterrisso na frente da pia. Estou tentando ficar de joelhos quando ele agarra um punhado do meu cabelo e choca minha cabeça contra o armário.

Não sinto esse tipo de dor há um bom tempo, mas nunca vou esquecê-la — aquela dor que começa em um único lugar e infecciona seu corpo inteiro. O cômodo se inclina, e sangue escorre em meus olhos.

— Caleb, por favor. — Forço minha língua a mover. — Eu posso explicar.

— Explicar! — ele grita, se agachando para sua respiração sair em meu rosto. — Você pode explicar por que você o fodeu, Iris?

Ai, Deus.

Ele limpa o sangue do meu rosto delicadamente, mas então aperta minha mandíbula com a mão imensa de tal forma que chego a temer uma fratura.

— E você deu a minha filha para ele — ele sibila.

— Não, eu...

As costas da sua mão mandam a minha cabeça rodando em meu pescoço, uma flor em um frágil caule. O inchaço já começou. Minha testa e bochecha pulsam no ritmo familiar da minha pulsação acelerada. Ele toca a minha coxa, logo abaixo da camisa do August. Tento fugir do seu toque, mas ele me puxa de volta pelo tornozelo, rapidamente me prendendo no chão e se colocando entre as minhas coxas. Ele segura os meus pulsos com a mão grande.

— Eu senti a sua falta, Iris. — Ele respira a palavra no meu pescoço, seu pau pressionando em minha calcinha. Remexo meus quadris, tentando deslocar seu peso.

— Não. Caleb. — Estou ofegante pelo esforço inútil. — Não faça isso.

— É isso que você diz para o West? — ele grita no meu ouvido. — Você diz *não* para o West, Iris?

— Mamãe! — A voz da Sarai nos alcança por trás da porta trancada do quarto.

— Está tudo bem, bebê — eu grito de volta, lutando contra as lágrimas que a deixariam mais nervosa. — Nós estamos brincando, okay? Mamãe já vai estar aí.

— É isso que você pensa? — ele pergunta. — Que nós vamos voltar ao normal? Depois disso?

— Se você procurar ajuda — digo no tom mais racional que consigo usar com um homem que está determinado a me tomar à força —, você pode vê-la. Pode fazer parte da vida dela. Você pode conseguir voltar para o Stingers. Seu pai vai voltar atrás. Ninguém pode dizer o que o seu pai

é capaz de conseguir.

— E você vai voltar para casa? — ele pergunta, seus olhos quase tristes, sua boca uma linha melancólica desenhada no meio de sua loucura.

O que devo dizer?

— Talvez — minto. — Se você procurar a ajuda que precisa, nós podemos ver, Caleb.

Seu aperto em meus pulsos relaxa só um pouco, só o suficiente. Eu ataco. Eu o empurro com toda a minha força. Seu corpo vira. Fico de pé e me lanço em direção à minha bolsa no balcão. Ela está quase ao meu alcance quando ele me pega, pressionando a minha barriga dolorosamente na borda do balcão.

— Cansei de conversar — ele diz no meu cabelo. Uma mão abre seu cinto enquanto seu braço musculoso me circula, prendendo meus braços aos meus lados. Sua mão se atrapalha sob a minha camisa, e ouço quando o tecido da minha calcinha rasga.

— Não! — eu grito, me debato, luto com cada grama de resistência que tenho.

Soluços sacodem meus ombros, e minha cabeça cai para a frente, impotente. Ele está empurrando, duro e excitado, quando se vira e tenta me penetrar. Solto um braço o suficiente para me virar, e a beirada do balcão pressiona em minhas costas. Bato em sua cabeça e esmurro descontrolada. Seus dedos, grossos, longos e fortes seguram meu pescoço, apertando sem dó, não soltando nem quando enfio as unhas neles, desesperada por fôlego. Minha visão escurece e as estrelas aparecem, claros broches de luz penetrando o cobertor de veludo caindo sobre os meus olhos. Com o último pedaço da minha consciência, eu me estico até alcançar minha bolsa, e a puxo

para mim. Pego o canivete entalhado da MiMi. Apontando para baixo, empurro às cegas, enfiando a lâmina em sua carne.

Ele uiva, pulando para trás para segurar a perna jorrando sangue. Eu tropeço por ele e saio da cozinha, ofegando, massageando a garganta, cambaleando pelo chão. Se eu conseguir levá-lo para fora, para longe da Sarai...

Estou quase na porta da frente quando escuto um barulho atrás de mim. Dor explode no meu ombro com uma força atômica, me derrubando de joelhos. Seguro meu ombro, sangue correndo entre meus dedos.

Ele atirou em mim.

Em todos aqueles meses em que ele me manteve contra a minha vontade, ele nunca atirou em mim.

Ele quer me matar.

— É inútil correr, Iris.

Ele arrasta sua perna machucada e vem para a parede onde estou apoiada, tão desorientada com a dor, que mal posso me mexer.

— Eu nunca quis te machucar, amor. — Ele empurra meu cabelo para trás com o cano da arma, me fazendo tremer. — Eu só quis te amar, mas você estragou tudo.

Uma risada amarga abre meus lábios.

— Seu mentiroso de merda — eu sussurro. — Não posso nem contar todas as maneiras que você me machucou.

Não espero sua resposta, mas continuo, ignorando a cratera vazando em meu ombro.

— Eu tenho um dente quebrado. — Bato no molar em um lado. — Bem aqui. Perdi vinte por cento de audição no meu ouvido direito quando

você estourou o meu tímpano. Você fraturou o meu pulso, e ele nunca curou corretamente. Ele dói o tempo todo.

Eu sinto dor o tempo todo.

— Você não fez nada além de me machucar. — Lágrimas e sangue do ferimento na minha cabeça se misturam no meu rosto.

August.

Seu nome sussurra pelos meus pensamentos. Faço uma prece silenciosa de que Sarai sobreviva a isso tudo, que August cuide dela. Que ele e a Lo garantirão que ela não esqueça de mim. Tristeza, enorme e profunda, me engole, por todos os momentos perdidos com ela e com August que nunca terei. Minha segunda chance roubada.

— Novas regras — Caleb diz, enfiando a arma na lateral do meu corpo. — Ou nós vivemos juntos, ou não vivemos. Essas são as regras. Mas tenho um presente para você.

Ele tira algo pequeno do bolso de sua calça jeans, abrindo sua mão para revelar o anel gris-gris da MiMi. Ele brilha contra a sua palma, tão modesto, tão poderoso.

Sei que não posso realmente ouvir a voz dela, mas a visão do anel da MiMi, feito para me proteger, traz de volta suas palavras à minha mente, ditas nessa exata casa.

Você é pura. Você é suficiente. Você é forte.

Ele não pode te machucar.

Forte o suficiente para lutar de volta. Forte o suficiente para vencer.

Força. Dignidade. Coragem. Todas essas coisas pertencem a você.

Pegue-as de volta.

— Eu só queria que nós ficássemos juntos — Caleb diz, sua triste

loucura e crueldade se misturando em sua voz. — E de uma forma ou de outra, nós ficaremos. Tudo isso acaba hoje à noite.

Pro inferno que acaba.

Suas regras. Sua tirania. Sua garota. Por muito tempo ele agiu como se fosse meu dono, mas não sou dele. Ele não tem a última palavra. Essa é a minha vida. Meu corpo. Meu espírito.

Seu para manter e seu para compartilhar.

Há um reservatório na minha alma. Uma reserva de força, em espera. Como o Mississippi da MiMi, ele inunda minhas veias, me limpando, me renovando, me impregnando com o poder de um milhão de sacerdotisas. Emprestando-me uma coragem ancestral nascida mil anos antes.

Bato meu punho em sua perna machucada, saindo do caminho quando ele segura a ferida. Eu o empurro, movendo nossos corpos até que a arma voa de sua mão. Nós dois mergulhamos em direção a ela, sangue vazando do meu ombro e jorrando de sua perna. Nossas mãos seguram o cano e a coronha. Ele me pressiona no chão, e nós lutamos e nos atrapalhamos até que nossos dedos se sobrepõem no gatilho, a arma presa entre nossas barrigas. É ele ou eu.

Ou talvez nós dois, porque juntos nós puxamos o gatilho.



CAPÍTULO 51

AUGUST

Todos os filmes de terror que se passam no bayou, e que já assisti vêm à mente enquanto dirijo na longa estrada para a casa da MiMi. “Isolada” foi a palavra que Iris usou. Essa é uma palavra para se referir ao lugar à luz do dia. De noite, “assustador pra cacete” parece mais apropriado.

Quando finalmente paro em frente à casa, o carro alugado é a primeira coisa que vejo. Iris foi irredutível sobre o guarda-costas não ficar. Não posso nem pensar sobre seus motivos sem quase ter um ataque do coração. Caleb tem tantas coisas para responder, e planejo fazer com que ele responda pessoalmente. Nem o seu dinheiro, ou o poder da sua família, ou o tapete que eles gostam de empurrar as coisas para baixo irão salvá-lo dessa vez.

O carro não faz sentido, e quanto mais perto chego da casa, com a mala na mão, mais cauteloso eu fico. A porta está entreaberta, um arrepiante convite para entrar.

A moradia é tão pequena, que a cena no cômodo da frente é inevitável. É a primeira coisa que vejo, e tenho certeza de que vai me assombrar até o dia da minha morte.

— Iris... — digo o nome dela em voz alta, mas não ouço. Não ouço nada. As palavras estão abafadas. Estou embaixo d'água e me afogando, meus pulmões queimando, meus membros pesados, lutando para subir, batalhando por ar.

Minha Iris.

Deitada em uma poça de sangue – imóvel. E aquele monstro em cima dela – imóvel. Há tanto sangue, e não posso dizer onde ele termina e ela começa, e a quem pertence o sangue vindo de algum lugar. Por um segundo, estou parado à porta, preso em uma trágica imagem, mas, de repente, todos os sons aparecem e estou me movendo, desesperado e alucinado. Empurro o peso morto do corpo do Caleb para o lado.

— Merda. Merda. Merda.

Iris está deitada no chão, vestida em uma das minhas camisas. Ela está acima de suas coxas. Sangue floresce por seu torso, molhando a camisa da barriga ao ombro.

— Iris? — Toco seu braço, gentil, hesitante e desesperado. — Amor?

Procurro por sinais de vida. Não respiro enquanto meu coração espera para saber se está irreparavelmente quebrado.

Quando seus olhos abrem lentamente, é o início do dia. É o amanhecer. Esse momento coloca tudo em perspectiva porque mesmo com tudo que tenho, se a Iris se for, não tenho nada.

— August! — Ela tenta se sentar, e ajeito meu corpo embaixo dela

para que sua cabeça fique apoiada no meu joelho. — Sarai. Onde ela está?

Meu coração para quando não vejo a Sarai. Ele fez alguma coisa com ela? Mas então um som dos fundos da casa filtra na minha consciência, insistente, porém fraco.

— Estou ouvindo-a da parte de trás. Ela está chamando por você.

Iris respira fundo e acena com a cabeça.

— Eu tranquei o quarto dela. Ela ainda deve estar lá — ela diz, sua voz rouca. Ela entrecerra os olhos, focando no homem deitado ao lado. — Ele está morto?

Seus lábios tremem. Ela está tremendo nos meus braços. Sua mandíbula e bochecha estão inchadas, e sangue escorre pelo seu rosto. Marcas escuras como listras em sua garganta.

Deus, espero que ele esteja morto.

— Eu... amor, não sei — eu digo. — Preciso ligar para a emergência. Tem tanto sangue...

— Não é o meu sangue. — Ela faz uma careta e levanta a mão, dolorosamente devagar, para tocar o ombro. — Um pouco é. Ele atirou no meu ombro.

Filho da puta.

Esfrego minha testa e agarro meu cabelo para me manter focado nela e não arrancar os braços dele das articulações. O desejo de matá-lo é uma dor em meus ossos. Faz meu coração contrair.

— Mas ele levou um tiro — ela diz, debilmente. — Nós lutamos, e eu atirei nele. — Orgulho brilha em seus olhos, embotados em um tom marrom.

— Você fez bem, Iris. — Passo uma mão trêmula pelo seu cabelo;

meus dedos ficam vermelhos e grudentos com sangue. — Meu Deus, amor. Você tem certeza de que está...

— Ele está morto? — ela corta, segurando meu braço com força. Seus olhos arregalados, urgentes. — Eu preciso saber, August. Ele nunca vai me deixar em paz. Você está me escutando? Ele vai me matar. E a Sarai vai...

Pressiono meu dedo em seus lábios, interrompendo no pânico crescente em sua voz.

— Eu vou verificar.

— Agora. — Lágrimas vazam dos cantos de seus olhos e escorrem por sua maçã do rosto inchada. — Verifique agora.

Marcas dos dedos dele mancham sua mandíbula. Meu estômago revira com o que ele fez com ela. Com o pensamento de que essa não é a primeira vez. Ela viveu com ele. Ela dormiu ao lado dele. Por meses. Sozinha.

Caralho.

Eu a movo gentilmente e ando pelo chão coberto de sangue para o verme marinando em seu próprio acerto de contas. Fúria me domina quanto mais perto eu me aproximo. Quero pisar em sua cara e pressionar a minha bota em sua garganta. Sua mão está embaixo de sua blusa, e quando ergo um pouco a camiseta, vejo que tentou cobrir um buraco em sua barriga vazando sangue.

— West. — Seus olhos se abrem. Sua voz é tênue, murchando em agonia. Ele faz uma careta, inclinando a cabeça para trás. Vida se esvai de seus olhos do mesmo modo que está vazando de sua ferida. — Acho que você venceu.

Olho de volta para a Iris, que conseguiu se sentar e está apoiada na

parede. Mesmo agora, com ele se agarrando aos últimos fios de vida, ela está desconfiada e cautelosa, o observando como se, mesmo ferido e ensanguentado, ele talvez ainda ataque.

Ela levanta a mão, revelando um pequeno anel em sua palma.

— Lo disse a você que seus dias estavam contados — ela diz com a voz trêmula.

Com os olhos cerrados, ela fecha a mão e assopra sobre ela.

— Vá se foder, Iris — ele diz, a voz áspera e irritada.

Com uma mão cobrindo o furo da bala em seu ombro, Iris se arrasta pelo chão até estar ao meu lado. Uma linha escarlate de sangue a segue.

— Iris. — Pego o meu telefone e aceno com a cabeça para a hemorragia em seu ombro. — Eu preciso ligar para a emergência.

— Não. — Ela solta a palavra como uma bala, a última em seu tambor enquanto fica acima do Caleb. — Não ligue ainda.

— Mas o seu ombro...

— Está bem. — Sua boca macia inclina em um sorriso amargo. — Eu tenho uma alta tolerância para dor. Não é mesmo, Caleb?

Seu olhar está preso ao dele – aos últimos vestígios de vida drenando de seus olhos, de seu corpo.

— Enquanto ele estiver vivo, nem eu ou minha filha estaremos seguras. Ele tentou me matar. — Ela inspira profundamente, seus olhos cerrados. — Então nós vamos apenas esperar.

Ela é a minha Iris, mas nunca a vi desse jeito. Achei que já tinha visto todos os seus lados, amava todos os seus lados, mas nunca a vi assim. Implacável, bonita e ensanguentada, ela emana toda a força e determinação

que deve ter sido necessária para sobreviver.

E nunca a amei mais.

Nós ficamos em uma vigília silenciosa pelos poucos minutos de vida que Caleb ainda tem. Seus gemidos e sua dor não me comovem – assim como não me dão satisfação. É simplesmente um fim necessário. Ele merece algo muito pior, mas pelo menos a Iris pode vê-lo morrer.

A absoluta calma da morte cai sobre ele. Seu olhar está vazio e fixo em Iris. Passo a mão sobre os seus olhos, os fechando, negando a ele, mesmo na morte, um último olhar da minha garota.

Eu ligo para a emergência e então volto a minha atenção para ela. Seguro seu rosto entre minhas mãos, nivelando nossos olhos.

— Ele se foi. — Pressiono minha testa à dela, e o sangue em seu rosto se espalha pelo meu. Não me importo. Eu queria poder compartilhar de sua dor tão facilmente. Queria poder limpá-la como se nunca tivesse acontecido.

— Sim. Sim. — Seus dedos entram no meu cabelo e sua cabeça cai para o meu ombro. Ela beija meu pescoço. — Eu te amo.

Eu chego para trás, inclinando seu queixo, limpando suas lágrimas com as costas da minha mão. Cuidadosamente, eu a beijo, sentindo o gosto do seu sangue e suas lágrimas e sua dor.

Aquela noite em que nos conhecemos, não podíamos saber o que viria pela frente. Se ela tivesse me beijado – se eu tivesse pressionado por mais. Se na noite em que ganhei o campeonato, se tivesse conseguido convencê-la que mesmo tendo acabado de nos conhecer, mesmo ela tendo um namorado, mesmo isso não fazendo sentido – nós deveríamos dar uma chance. Se eu tivesse olhado mais de perto e não tivesse perdido os sinais. A

vida não é uma estrada com bifurcações ou uma linha de portas numeradas. Não existe um universo alternativo cheio somente com as escolhas certas. Existe somente essa – somente essa vida, e nós vamos onde nossas escolhas nos levam e ficamos mais astutos com nossos erros.

Em pé, na varanda, esperando pelos paramédicos, olho para o escurecido pedaço de céu da Louisiana. A vida é uma constelação de decisões, conectada por coincidências e deliberações, pintando gravuras nos paraísos. Durante o dia, quando as coisas estão mais claras, nós não vemos as estrelas, mas elas estão lá. É somente no contraste da noite, quando as coisas estão mais escuras, que as estrelas brilham.

A Iris é a minha constelação. Ela usou a escuridão como sua pista para brilhar. Isso somente a fez mais brilhante, mais forte, e hoje à noite, seu brilho duramente conquistado, ilumina o céu.



PRORROGAÇÃO

“Eu tenho sido dobrado e quebrado,
mas espero alcançar uma melhor forma.”

– Charles Dickens, Grandes Esperanças



EPÍLOGO

IRIS

— Traste!

Estou literalmente puxando o meu cabelo e cerrando meus dentes.

— Filho da puta, você está de sacanagem com isso?

Ando de um lado ao outro e aperto os punhos do meu lado.

— Só... — Eu soco o ar. — Argh!

Meu Lakers está jogando. E como sempre, estou em guerra com os juízes.

— Grrrr! — Outra decisão errada.

Estou tentando manter a voz baixa. August está no quarto de hóspedes lendo para a Sarai. Nós temos essas pequenas “noitadas” na casa dele de tempos em tempos, minha concessão já que ainda não decidi me mudar para o apartamento dele. Em eventos semirregulares como este, quando ele está de volta da estrada, e sem tê-lo visto por um tempo, fico especialmente ansiosa.

O Lakers pontua.

Sim!

Mesmo sendo fã do Lakers desde criança, e mesmo August sabendo disso, eu me sinto um pouco desleal. Meu Lakers ganhou do Waves dois dias atrás. Eu dirigi até Los Angeles para o jogo e me sentei na arquibancada. Fiquei dividida, mas consegui me conter sempre que nós – entenda-se nós como o Lakers – pontuávamos. Competitivo como August é, ele me deu um olhar de “não fale comigo” logo após perderem o jogo.

Usei sua camisa do Waves com orgulho – número trinta e três.

Mas a minha calcinha era roxa e dourada.

A campainha toca quando o jogo entra no comercial, e eu desligo a TV no caso de August terminar antes de eu voltar para o quarto.

— Pizza para DuPree? — o adolescente espinhento pergunta.

— Humm, eu não pedi pizza. — Mas teria sido bom.

Ele olha para o número sobre a porta e de volta para a caixa deliciosamente cheirosa, e então semicerra o olho no pequeno pedaço de papel.

— Pizza de pepperoni com abacaxi e cerveja sem álcool? — confere. — Não é para você?

August.

— Ah, sim. Essa sou eu. — Eu rio e viro de volta em direção à sala de estar. — Deixe-me só pegar a minha bolsa.

— Já está pago. — Ele entrega a pizza, oferece uma pequena saudação, e vai embora.

Eu me apoio na porta, segurando a pizza em uma mão e a cerveja na outra. August me conhece tão bem – ele lembra que gosto de comer e

beber exatamente isso quando o Lakers joga.

Ele me conhece bem, e nós não temos mais segredos. Nada mais de sombras ou vergonha. Existem desvantagens óbvias de Andrew vazar aquele arquivo, mas não posso negar o bem que foi feito. Sim, as partes mais sombrias e difíceis da minha vida foram colocadas em exibição para todo mundo dissecar e julgar, mas agora não tenho nada a esconder.

E ninguém de quem esconder meus segredos.

Caleb está morto. Segurei o suficiente na minha humanidade para não sentir alegria nisso, mas não posso dizer que senti luto por ele. Nunca a “sobrevivência do melhor” foi mais verdadeira. Não resta nenhuma dúvida em minha mente que se Caleb tivesse vivido, eu teria morrido. Quase morri. Seus olhos foram cruéis até seu último suspiro, e ele tentou me diminuir até o final. E sem ele aqui, é como se a minha existência inteira tivesse exalado.

Não houve questionamento sobre ter sido ou não em legítima defesa. Se o arquivo liberado não fosse condenatório o suficiente, a lesão na minha cabeça, as marcas no meu pescoço, e o tiro no meu ombro testemunharam contra ele. Respondi a todas as perguntas da polícia, mas eu realmente queria deixar tudo ali e seguir com as nossas vidas.

Mas não é tão simples.

Estou em um relacionamento com uma das estrelas em ascensão da NBA, uma que leva uma vida bem pública. Dois dos jogadores mais populares da liga estavam envolvidos em um “triângulo amoroso” que se tornou violento e trágico. Um deles acaba morto, e a mulher envolvida no meio estava segurando a arma fumegante. Foi a história mais suculenta do basquete em décadas. No vestiário, depois dos jogos, em entrevistas, repórteres sempre encontravam um jeito de falar do “escândalo”. Era

constrangedor.

August era evasivo, impaciente, mal-humorado. E eu era... incerta. Eu não tinha certeza se estava pronta para falar sobre as coisas que quase me destruíram – para falar da minha vida como se fosse uma novela. Como uma novela sensacionalista com um início de conto de fadas, um príncipe vilão, e um final terrível. E a última coisa que eu queria era virar o modelo para violência doméstica, não do modo que nossa cultura sempre acha um jeito de culpar as vítimas.

Mas nada disso foi o fator decisivo pelo qual finalmente resolvi falar. Eu falei porque talvez exista alguma garota como eu. Jovem. Vulnerável. Ingênua. Lisonjeada pela atenção dele. Talvez ela pense que o ciúmes dele significa que ele a ama mais, ou que isso seja fofo. Será que ela percebe que devagar, sem dúvida, ela está sendo afastada de seus amigos? Isolada de sua família? Sendo moldada em algo que não é? No que ele quer que ela seja?

O coração fala em sussurros, mas às vezes quando nós escutamos, já é tarde demais. Aprendi isso do modo mais difícil. E talvez aquela garota possa mudar o curso antes de ser tarde demais.

Foi por isso que falei.

Eu me sentei sozinha com Avery Hughes. Ela foi atenciosa e piedosa, e não me deixou contar somente parte da minha história. E eu não queria contar isso pela metade. Quando decidi falar, eu queria rugir. Não somente por todas as mulheres que podem acabar em um relacionamento tóxico, mas por todas que estão em um nesse momento.

Eu entendo. Sei o quão real o medo é. Que ir embora nem sempre significa se livrar para sempre. Que isso pode significar perder seus filhos.

Que ir embora pode significar perder sua vida. Eu sei que o sistema falha conosco muitas vezes, protegendo direitos que o abusador não deveria ter e nos oferecendo pouco abrigo. Não estou recomendando que as mulheres matem seus abusadores. Eu só odeio que nosso sistema nos deixe com tão poucas opções de merda – opções difíceis que muitos sobreviventes precisam negociar antes mesmo de sair. Nossas escolhas muitas vezes são escolhas que nos pegam em volta do pescoço – que nos enforcam e transformam situações difíceis e perigosas, ainda mais difíceis e perigosas. Nossas leis não têm bom senso e não oferecem nenhuma proteção de verdade até que o criminoso faça algo que prove que ele irá machucá-la.

E às vezes aí já é tarde demais.

A pizza queima minha mão através da caixa de papelão.

— Ui!

Troco a caixa de posição e apoio contra o peito, segurando a borda. Deixo a pizza e a cerveja sem álcool no balcão e vou em direção ao corredor. Quanto mais perto me aproximo do quarto de hóspedes, mais suavemente eu ando. Amo observar August e Sarai juntos. Minha filha é uma dessas crianças que é adoravelmente preciosa quando você a conhece. Após sua quinquagésima pergunta e um pouco de suas considerações, a maioria das pessoas procura freneticamente por um escape. Nunca August. Ele responde sua quinquagésima pergunta com a mesma paciência e meticulosidade com que respondeu a primeira.

Quando chego na porta, ela já está dormindo. Meu coração contrai ao ver o quão linda e tranquila ela é. Lutei com todas as minhas forças por essa paz – para protegê-la da violência que vivia sob o mesmo teto que nós no primeiro ano de sua vida. Quantas vezes Caleb me espancou, me estuprou

com ela somente a uma parede de distância? E mesmo assim ela não foi afetada por isso. Se tem uma coisa que fiz certo, espero que tenha sido preservar a inocência dela enquanto ele arrancava a minha.

August levanta e coloca o livro na mesa de cabeceira. Ele não se mexe, mas olha para ela por longos segundos antes de se inclinar para dar um beijo em sua cabeça. Meu coração contrai novamente, mais forte, por mais tempo, vendo-o observá-la. Ele a ama como se fosse dele. Sei disso. Eu também sei que ele nos quer aqui todas as noites, o tempo todo.

Meu belo príncipe em moletom.

Seu corpo mudou desde que o conheci naquela noite no bar. Ele era mais magro, esbelto. Jogando na NBA, por necessidade, ele adicionou mais músculos, reduziu sua gordura corporal para quase zero. As linhas de seu abdome, as linhas esculpidas de suas pernas, e o corte de seus bíceps, onde a manga de sua camiseta garroteiam provam isso. Em todo lugar, ele está mais duro e definido.

E eu também. Mais dura. Definida por todas as coisas que vivi e o que foi necessário para sobreviver. Passei por muitas coisas desde o meu último ano na faculdade, prestes a me formar. Não sou aquela garota de olhos brilhantes num bar cuja maior preocupação era o jeito péssimo que os juízes apitavam os jogos. Eu tive uma filha. Vivi um inferno. Matei um homem.

Nunca mais serei a mesma.

Algumas coisas nos marcam tão profundamente, que é impossível voltar a ser o que éramos antes. Mas eu iria querer? Claro, sou mais reservada, mas gosto de pensar que tenho mais compaixão porque soube o que é sofrer de verdade, e sofro quando vejo isso nos outros. Posso ser mais cínica, mas gosto de pensar que sou mais inteligente também.

Quando contei a minha história, alguns disseram que sou uma heroína. Eu não sou. Sou só uma mulher que acabou em um relacionamento ruim com um homem ruim e tive que lutar para sair de lá. Fiz o que foi preciso para me proteger e proteger a minha filha. Isso não me faz especial, mas me faz uma sobrevivente. Está acontecendo com mulheres parecidas e diferentes de mim o tempo todo. Com nossas vizinhas, nossas melhores amigas, nossas irmãs. Está acontecendo por trás de portas fechadas, ou até mesmo em lugares abertos, documentado em boletins de ocorrência policiais ou em milhões de visualizações em vídeos virais que nós julgamos e debatemos.

Mesmo quando compartilhei a minha história, todo mundo teceu uma opinião. Eu devia ter ido embora mais cedo. Eu devia ter dado parte na polícia. Por que não acreditei na justiça para “puni-lo”? Por que não contei para todo mundo? Foi realmente legítima defesa ou vingança?

Se você nunca teve que lutar pela sua vida em sua própria casa, se nunca teve alguém que pensou que amava te machucando mais do que tudo, então você não sabe. Mas eu sim. Sei como é acordar todos os dias vivendo em um pesadelo e dormir com um monstro, e contei isso para o mundo nas minhas palavras e nos meus termos.

Talvez para mulheres como eu, depois do que sobrevivemos, depois de quase termos perdido nossas vidas, o amor seja difícil de acontecer. Mas ele pode acontecer. August é a prova viva de que pode acontecer. De verdade. Ricamente. Depois de tudo pelo qual passei, August é a minha recompensa.

Quando ele me vê na porta, se assusta um pouco, e então coloca o dedo na boca, me silenciando. Ele segue em direção ao corredor e fecha a

porta do quarto.

— Não me silencie — sussurro com um sorriso.

— Não quero que você a acorde. — Ele me vira pelo ombro e dá um tapa no meu traseiro, me fazendo gritar e pular um pouco. Ele me empurra na frente dele pelo corredor. — Eu tenho planos para você.

Ele anda atrás de mim em direção ao seu quarto, e eu reconheceria seus passos em qualquer lugar.

Eles dizem: Eu te seguiria até o fim do mundo. Quando ele pausa, eles dizem: Vou esperar até você estar pronta. E ele esperou. August me pediu em casamento três vezes no último ano, e todas as vezes eu disse não. Não tem nenhuma relação com não confiar nele, e tudo com não confiar em mim mesma. Sei que parece estranho e não posso explicar, mas esses são problemas que tenho tratado na terapia.

— Planos? — pergunto, brincando, virando de frente para ele e andando de costas. — Que tipo de planos, Sr. West?

Ele me dá um gentil empurrão para dentro do seu quarto, fechando e trancando a porta logo em seguida. Sou imediatamente pressionada contra a porta, espremida da maneira mais deliciosa pelo seu imenso corpo. Estou espremida pela sua afeição e pressionada pelo seu amor. Suas mãos, autoritárias e gentis, passam pelos meus lados e moldam minha cintura. Ele levanta os meus seios com seus dedos. Minha respiração prende em minha garganta enquanto aguardo por um carinho em meus mamilos que nunca ocorre. Ele sabe, maldito, e afasta suas mãos dali. Seus dedos se encontram quando ele os abre nas minhas costas. Ele é tão maior. Alguém em pé atrás dele nem me veria do outro lado de seus ombros largos. Ele é uma parede e uma fortaleza. Ele é o dobro do meu tamanho, mas não sinto medo. Somente

confiança. Somente proteção.

— Ficar na estrada é uma merda. — Seu queixo, sensual com uma barba curta, arranha a curva do meu pescoço quando ele me beija ali. — Senti sua falta.

Segurando minha cabeça, ele enfia os dedos no meu cabelo e abaixa a cabeça para pairar sobre os meus lábios. Por alguns segundos, nossos fôlegos se misturam. Nós compartilhamos o ar que nos mantém vivos, e então nossas línguas se tocam, provocam, enrolam. Nós nos torturamos com pequenas lambidas e meio-beijos até eu precisar de mais, precisar segurá-lo e agarrá-lo. Passo a mão pela dureza de seu peito, acaricio seu bíceps, traço a forte musculatura de seu antebraço, e procuro por suas mãos. Entrelaço nossos dedos, nossas palmas, juntas, por uma conexão tão elétrica hoje quanto foi no dia em que nos conhecemos. Ele tira o casaco do meu ombro, então meu seio desnudo aparece.

— Hummmm... — A monossílaba faminta reverbera em seu peito, treme atrás de seus lábios. Ele libera suas mãos para me pegar por baixo dos braços e me levantar até que meu pé deixa o chão. A quentura aveludada e molhada de sua boca envolve o meu seio, a sedutora mordida de dente e sucção no meu mamilo, me deixa relaxada. Estou mole e suspensa no ar enquanto ele bebe de mim como um homem morrendo de sede.

— August. — Meu quadril se mexe reflexivamente, procurando fricção, satisfação. — Amor, vamos lá.

— O quê? — ele murmura em volta do meu seio, a vibração da palavra encolhendo o meu mamilo e fazendo o meu cerne tremer.

Eu levando e enrolo as pernas em volta da cintura dele, mexendo devagar, deliberadamente. Enfio meu nariz em seus cachos e sussurro em seu

ouvido:

— Me foda.

Sua boca muda para o outro seio, lambendo a aréola amavelmente com sua língua. Com suas mãos descendo para segurar a minha bunda, ele anda até a cama e me deita gentilmente. Ele fica em pé, me observando com a mesma reverente proteção com a qual observou a minha filha, mas também há desejo em seus olhos. Paixão. Fome.

Sem desviar o olhar, retiro o casaco gradualmente. Meus mamilos endurecerem no ar frio, e ele fixa o olhar ali, engolindo duro e mexendo seu pomo de Adão.

Levanto meus quadris alguns centímetros, só o suficiente para colocar os dedos nas minhas calças de yoga e as empurrar para baixo das minhas pernas. Eu as jogo para o outro lado do quarto e espero pelo sorriso dele. Ele passa o dedo na minha calcinha roxa e dourada.

— Sua pequena traidora — diz com humor.

Minha resposta é uma risada rouca.

Nós dois paramos de rir quando ele segura a calcinha nos meus quadris e a arranca, jogando-a para se juntar com a minha calça em algum canto. Seu rosto fica sério e há brasas em seu olhar. Eu quero aumentá-las, assoprá-las. Para inflamá-lo do modo que ele queima através de mim, como gasolina em minhas veias. Um incêndio em meu coração.

Devagar, levanto os joelhos e coloco os calcanhares no colchão, abrindo as pernas. Ele morde o lábio e pressiona minhas pernas ainda mais abertas.

— Deus, Iris. Sim, amor. Me mostre.

Ele coloca a palma na minha boceta. Sua imensa mão a cobre, a

possui. Um longo dedo me acaricia na divisa entre os lábios onde estou inchada e tremendo. A grossura de dois dedos invade, pressiona, e curva dentro de mim. Minhas costas arqueiam na cama, resistindo ao prazer. Meus quadris se movimentam em sincronia com os seus dedos me fodendo. Ele é o condutor, e o meu corpo canta para ele, o grito do meu orgasmo como uma nota contínua, mantida.

Fecho os olhos e aperto as mãos ao lado, segurando essa sensação perfeita pelo máximo de tempo que puder. Quando abro os olhos, August está olhando para mim, e o olhar em seu rosto traz lágrimas para os meus olhos. Ter alguém olhando para mim dessa maneira, e sentindo por mim o que ele sente – é a coisa mais humilde que já tive. Toda vez que ele me toca, ele restaura a minha fé e me faz recordar o que é amor puro.

— Eu amo ver você gozar — ele diz, um dedo traçando a pele sensível no interior da minha coxa.

— Por quê? — Pego sua mão e o puxo em minha direção até ele subir na cama entre as minhas pernas; eu fico de joelhos, de frente a ele.

— Você é tão vulnerável. — Ele puxa uma mecha do meu cabelo espalhado em volta dos meus braços e ombros. — Eu amo que você confia em mim com isso, que você é tão desprotegida.

— É porque quando estou com você, não estou desprotegida. — Eu beijo as costas de sua mão, piscando para afastar as lágrimas. — Você me protege. E sei que você vai sempre me proteger.

— Mas não protegi. Não vi o que estava acontecendo, o que ele estava fazendo. — Há uma camada de lágrimas sobre seus olhos tempestuosos, céus cinzas e chuva. — Você passou por tanta coisa, Iris. Você pode proteger a si mesma.

— Mas quando estou com você, não preciso. — Eu lambo meus lábios e sinto o sabor de minhas próprias lágrimas, mas agora elas têm sabor de alegria.

Ele traça uma pequena cicatriz no meu quadril que ele provavelmente nunca notou antes de saber sobre o Caleb. A primeira vez que nós fizemos amor após ele descobrir, ele perguntou sobre cada pequena cicatriz e corte que não havia reparado antes. Mas cada cicatriz contava uma história, e ele queria saber todas. Ele beijou todos os lugares que o Caleb me machucou, e ao fazer amor com ele foi minha vingança perfeita. Cada coisa suave e carinhosa que Caleb tentou me negar, tenho com August.

— Eu queria... — August engole, ingerindo a emoção viva em seu rosto. — Eu queria poder tirar tudo isso.

Seguro seu queixo e encaro seus olhos sob a luz fraca.

— Nós não podemos remover todas as coisas ruins, mas tudo bem. — Meu sorriso é um trabalho de triunfo, um grito de vitória. — Eu sobrevivi a elas.

Coloco a mão entre nós e envolvo seu pau com minha mão, apreciando seu grunhido e seu suspiro, seu gemido de prazer enquanto o acaricio para cima e para baixo.

— Nós podemos fazer amor agora?

August enfia os dedos no meu cabelo, apoiando a testa na minha, sua respiração ficando ofegante com cada movimento.

— Eu te amo, Iris. Tanto.

Aceno com a cabeça, lambo seu pescoço, e sugo seu peito, uma mão bombeando sem parar, a outra subindo para passar sobre seu mamilo com a ponta dos meus dedos. Todo seu ar exalado em uma respiração longa.

Com um rosnado, ele segura minha bunda e coloca minhas pernas sobre seus joelhos. Eu prendo os tornozelos às suas costas enquanto ele afasta minha mão entre nós. Eu me afundo em seu comprimento e gemo. Com nossos peitos grudados, seu grunhido de resposta vibra entre os meus seios. Ele mete em mim sem parar.

— August, mais forte — imploro, tonta de prazer.

Com seu lábio entre os dentes, suas sobrançelas escuras franzidas, ele vai mais forte e mais fundo. Ele vai tão fundo que encontra os restos da minha dor e os alivia. Ele vai tão forte que seu amor é uma força inegável que me leva junto. Não há espaço para mais nada. Ele toma todo o espaço, consome os meus pensamentos, e por um momento, refaz nossas memórias para que tenha sido somente eu para ele e somente ele para mim.

É sublime.



— Nós devíamos ter comido isso enquanto ainda estava quente — digo enquanto como uma pizza agora morna, tomando um gole de cerveja em seguida.

— Eu queria te comer enquanto você ainda estava morna — August diz, seu sorriso arrogante.

Minha gargalhada quica nas paredes da cozinha.

— Tão bobalhão. — Eu me viro em direção a ele nas banquetas do balcão até nossos joelhos se tocarem.

— E mesmo assim aqui está você. — Ele ri, se inclinando para roçar nossos narizes em um beijo de esquimó.

— E mesmo assim aqui estou eu. — Reviro os olhos e pego o

pedaço de pizza intocado em seu prato. — Você vai comer isso?

Ele sacode a cabeça e me oferece um sorriso irônico. Ele só pegou o pedaço para me fazer companhia. Ele está no meio da temporada e come como um soldado Espartano.

— Aliás, obrigada por isso. — Jogo um abacaxi na boca. — Você se lembrou.

Ele passa a mão pelas minhas costas, seu toque quente através do meu roupão de seda.

— Lakers significa pizza e cerveja sem álcool. Eu te disse que eu me lembrava de tudo sobre você. — Ele levanta o meu cabelo e o observa cair, um pequeno franzido em sua testa. — Então, humm, quando eu estava lendo para a Sarai, ela fez uma pergunta hoje à noite.

— Qual a novidade? — Eu rio e tomo um gole da cerveja, olhando para ele sobre a garrafa.

— É, eu sei, certo? — Um pequeno sorriso levanta seus lábios carnudos, mas seus olhos estão sérios antes de ele olhar para o balcão. — Eu meio que me perdi com essa.

— O que ela perguntou? — Empurro a pizza para o lado e dou minha total atenção para ele.

— Ela perguntou se eu seria o novo pai dela. — Ele me observa por baixo de seus longos cílios, prestando atenção a minha reação.

Dou uma leve tossida, menos pelo pedaço de pizza preso na garganta e mais pela mudança inesperada na conversa. Sarai fez algumas perguntas sobre o Caleb nas semanas seguintes à morte dele. Ela mal o conhecia, mas a palavra “pai” carrega um significado. Ela somente sabe que o homem que disse a ela que era seu pai, morreu. Um dia, terei o duro trabalho

de contar a verdade, mas até lá, ela está satisfeita. Ou pensei que estivesse. Bebo mais um gole para abrir espaço para a resposta.

— Ah. Uau. — Olho para ele, cuidadosamente. — E o que você disse?

Ele limpa a garganta e passa a mão pelo cabelo.

— Eu disse que a amo mais que qualquer pai ama uma menininha — ele diz, devagar, não olhando para mim por um segundo antes de propositalmente me encarar diretamente. — E que te amo mais que qualquer outro pai ama qualquer outra mãe.

A pizza pode não estar quente, mas as suas palavras aquecem o meu coração.

— E eu disse que nós já éramos uma família. — Ele segura minhas mãos entre as dele. — E que um dia, quando for o tempo certo, serei o papai dela e serei o marido da mamãe.

Não sei o que dizer por um momento, então deixo isso para o silêncio para absorver a resposta perfeita dele, e então eu digo:

— Essa foi... humm... uma boa resposta — declaro, observando nossas mãos. — Não estou surpresa por ela ter perguntado, considerando tudo que aconteceu. Bom, e agora que estamos tanto no seu apartamento, é inevitável levantar mais questões.

— Nosso apartamento.

— O quê? — Olho para cima franzindo a testa.

— Você disse meu apartamento, mas é nosso apartamento.

— Sim. — Sacudo a mão. — Você sabe o que quis dizer.

— Mas você não sabe o que eu quis dizer. — Ele sorri, colocando a mão nos meus ombros. — Estou adicionando o seu nome na escritura do

apartamento, e quando nós nos mudarmos para a casa, o seu nome também estará lá.

Surpresa me imobiliza, me congela no lugar. Só que não estou fria. Quentura preenche cada célula do meu corpo até que estou pegando fogo sob suas mãos.

— Você não precisa fazer isso só para provar alguma coisa, August — eu finalmente consigo dizer.

— Não é para provar alguma coisa. Se tem uma coisa que entendo, é de equipe, e você e eu — ele desenha uma linha no ar entre a gente —, nós somos um time, fazendo tudo juntos. E quando nos casarmos, quero adotar a Sarai. — Ele levanta a mão. — Sei que vai demorar para se acostumar, mas ela sempre pareceu ser minha, e eu a amo. Quero as coisas oficiais entre ela e eu como serão entre nós dois.

Isso, o que estou sentindo, o que está encharcando minhas reservas e medos, isso deve ser o que o Mississippi sente naquele exato momento a cada mil anos quando seu curso reinicia: aquela mudança do delta. Aquela crisálida monumental. Meu coração reinicia em um instante. Ou talvez isso aconteceu em uma série de rotações pacientes e doloridas durante semanas, meses. Talvez tenha começado quando August abandonou a maior oportunidade de sua carreira... por mim. Quando ele deu uma chance para nós. Talvez tenha começado ali, mas suas palavras me mostram o agora.

— Sei que te pedi em casamento várias vezes, mas...

— Três — digo quase sem pensar. Estou tão envolvida examinando esse novo espaço que acabei de entrar. — Você me pediu em casamento três vezes.

— É. — Ele faz uma mistura de careta e sorriso. — Obrigado pela

lembrança. Não quero te pressionar. Eu sei disso. Entendo a sua hesitação. Depois de descobrir o que você passou com o Caleb, é claro que entendo.

Eu o observo, meu rosto sereno, mas meu coração está disparado.

— É assim... — ele diz. — Minha mãe conta essa história sobre o meu pai. Como ela ia assistir ele jogar, e ele segurava a bola para o último arremesso. Ela ia gritar – arremessa! –, mas ele olharia o relógio, segurando a bola até o último segundo possível. E então, no momento certo, ele arremessaria. Ele tinha o timing perfeito.

August segura meu rosto, seus olhos intensos e ternos.

— Isso é o que quero. Quero ler o relógio e saber que o tempo é certo para nós. Não quero continuar te perguntando. Isso é...

Difícil? Decepcionante? Vergonhoso?

Quem sabe a palavra que ele iria usar? Ele nunca me mostrou nenhuma dessas coisas quando me perguntou antes e eu não estava pronta, mas talvez ele tenha escondido. Talvez ele as tenha sentido.

Desço da minha banqueta e me encaixo no meio de suas poderosas coxas, colocando os braços no seu peito e juntando minhas mãos atrás do seu pescoço.

— August, eu te amo — declaro, colocando meus dedos em seu cabelo.

— Eu sei disso. — Ele fecha os olhos, se entregando às minhas carícias. — Eu também te amo. Mais do que qualquer coisa. Mais do que tudo.

Ele disse que jogaria comigo na posição cinco, no centro, e cumpriu essa promessa todos os dias em que estivemos juntos.

— Confio em você com a minha vida, com o meu futuro. —

Emoção queima a minha garganta, então pauso para estabilizar a minha voz.
— Com a minha filha.

Ele abre os olhos devagar para me olhar.

— Eu também sei disso.

— Eu quero acordar com você todas as manhãs.

— Voooocê... quer? — Ele coloca as mãos nos meus quadris, abertas sobre o meu traseiro, e entrecerra os olhos, me observando.

— Sim, mas... — Eu procuro pela coisa certa a dizer, para ele saber que estou pronta. — Eu quero as panquecas. Okay? Eu quero as panquecas, August.

— Amor, eu vou fazer panquecas para você. A hora que você quiser.

— Você não está me escutando. O que estou dizendo é... as crianças! Você sabe, entrando no nosso quarto toda manhã? Suas crianças, August. Eu quero ter os seus filhos. Nossos filhos.

Ele franze a testa e pisca para mim como se eu tivesse sido abduzida e trocada por alguma estranha mais amigável.

— Isso me faz... feliz. — Ele parece mais incerto do que feliz, mas cuidadosamente extasiado pode ser uma opção também. — Mas o que você quer dizer? O que você está dizendo...

Ele observa o meu rosto com o mesmo foco que o seu pai provavelmente observava aquele relógio contando o tempo do jogo. Eu tinha reservas e medos baseados no passado, baseados nos meus erros, nas más escolhas que fiz. Mas August não é um erro. Ele não é uma má escolha, e tudo que ele quiser, estou pronta para oferecer. Tudo que ele tem, estou pronta para receber. Um passo para frente me levará para o futuro, e estou

pronta.

— O que eu estou dizendo é isso, August. — Eu fico na ponta dos pés e dou um sorriso perto de seu ouvido. — Arremesse a bola.



NOTA FINAL

Obrigada por fazer essa jornada com Iris e August. Em alguns momentos é uma jornada difícil, mas também esperançosa. Mais do que tudo, unicamente deles. Eu sei que é tentador dizer que isso é ficção, que não acontece dessa maneira na vida real. Talvez eu também acreditasse nisso, até que entrevistei uma mulher atrás da outra com histórias que soavam muito como essa. Aliás, as histórias delas, em muitas maneiras são essa. Não escrevi esse livro até ter entrevistado sobreviventes, e suas experiências, seus triunfos, e ver que seus espíritos tinham se insinuado à jornada da Iris. Se em algum momento isso pareceu real, foi porque tantas coisas que a Iris passou, escutei de mulheres que sobreviveram aos mesmos desafios.

Minha mais profunda admiração aos sobreviventes, aos assistentes sociais e aos funcionários de abrigos para mulheres que responderam minhas perguntas e me ajudaram a entender.

Se você precisa de ajuda, ligue para a Central de Atendimento à

Mulher - Ligue 180



AGRADECIMENTOS

Sou grata a tantos, mas PRECISO começar com a Paula e a Natalie. Vocês duas se tornaram o rosto e o espírito da sobrevivência para mim. Escutar suas histórias me inspirou e energizou para escrever esse livro. Seus corações estão em cada página, e vocês estiveram comigo em cada passo da jornada de Iris.

Vocês são #ChangeYourCourse #mudeorumo

Minha tribo é grande e profunda. Eu tenho certeza de que estou esquecendo de vários, mas os que consigo lembrar agora no meu torpor de lançamento são Dylan (#Bestie), Nana, Emma (#TeamHeavy), Kate, Stephanie (#PaperBag), Adriana (#GripzQueen), Ginger, Corinne, Leigh (cover BOSS!), Mandi, Chele (#MyHeart), Imani (Meu MEGAFONE), Brittany, Margie (#DayOne), Melissa, Sara. Para as minhas betas queridas – Jx PinkLady, Terilyn, Shelley & Christy. Obrigada por lerem esse livro antes dele ser o seu melhor e por me ajudarem a torná-lo o que é.

Melissa, minha assistente, por aturar minhas idiossincrasias e lista de sempre crescentes demandas. Jenn e o time da Social Butterfly. Eu sei que sou demais, mas vocês nunca fazem me sentir estranha por mandar mensagens às 3 da manhã ou ter ideias de última hora. Amo vocês por isso. Obrigada especial para Lucy Score e Kathryn Nolan por terem lido tão cedo e terem me dado retorno tão incrível, construtivo e esclarecedor. Vocês realmente me ajudaram a navegar tão bem nesse sensível terreno, e nunca vou me esquecer disso. Obrigada à Lauren por seus MARAVILHOSOS poderes de edição, e à Tricia por seus olhos de águia e todos os guinchos nas margens. :)

Obrigada aos leitores no Kennedy Ryan Books! Vocês são o meu lugar favorito online, e eu sigo VOCÊS!!! Obrigada por todo o apoio inabalável e amor que vocês me dão.

Para cada pessoa que me mandou mensagens, e-mails, me marcou num post no Instagram ou Twitter no último ano falando sobre os meus livros, muito obrigada. Às vezes sinto que as coisas que escrevo são um gosto adquirido. Cada livro parece um novo conjunto de riscos. Vocês são as minhas pessoas. Vocês me “entendem” e continuam entrando nessas viagens comigo fora do caminho comum dos livros.

Eu amo vocês por isso.

Por último, mas certamente, não o último.

Para o MEU jogador.

Meu marido, que compartilhou comigo seu amor pelo jogo. Que respondeu todas as minhas questões sobre basquete, paciente, e tão entusiasticamente, que tive que te calar. LOL! Quem atura os meus gritos e puxões de cabelo quando o Golden State está perdendo. E minhas histerias

quando meu Tar Heels ganha.

Você é o meu melhor amigo...

E vou “jogar com você na posição cinco”.



SOBRE A AUTORA

Autora best-seller da Amazon e vencedora do Rita® Awards, Kennedy Ryan escreve para mulheres de todos os caminhos da vida, as empoderando e as colocando firmemente no centro de cada história e no controle de seus próprios destinos. Seus heróis respeitam, valorizam e ficam loucos pelas mulheres que capturam seus corações.

Ela é a esposa do seu amante de toda a vida e uma mãe extraordinária para seu filho. Sempre tirou vantagem de sua experiência em jornalismo para escrever para organizações de caridade e sem fim lucrativos, mas gosta mais de escrever para criar conscientização para o Autismo. Uma colaboradora da Modern Mom Magazine, a escrita de Kennedy já apareceu em Chicken Soup for the Soul, USA Today e vários outros. A fundadora e diretora executiva de uma fundação que serve famílias de Atlanta convivendo com Autismo, ela apareceu em Headline News, Montel Williams, NPR e outros canais de mídia como uma defensora das famílias que convivem com

o autismo.



BATENDO UMA BOLA COM A THE GIFT BOX: UMA DISCUSSÃO SINCERA E NECESSÁRIA

“Long Shot: a Grande Jogada” nos conduz para os bastidores do basquete, e tudo nele de forma externa nos leva a crer que o conflito será somente nas quadras do milionário mundo do basquete, mas a realidade contida aqui é muito diferente. Além de discutir os conflitos e interesses de jovens universitários se preparando para o draft da NBA, as discussões sobre abuso e preconceito estão bem inerentes.

Iris e August se conhecem em um bar; ela assistindo aos Lakers na televisão, ele tentando esquecer a pressão do jogo importante que terá no dia seguinte. Logo nesse encontro, descobrimos que eles têm em comum o fato de não se sentirem inseridos em suas próprias famílias. Ele por ser um afrodescendente com uma mãe irlandesa, e ela por ser filha de uma negra de Nova Orleans com um alemão. Então os dois têm a cor de pele errada para

suas famílias.

Em pleno século XXI, ainda estamos discutindo racismo, quando ele deveria ter sido erradicado, como a doença maligna que é. Isso nos leva a uma discussão muito mais profunda que é a questão do *colorismo* nas raças. Ou você é negro demais para algo, ou negro de menos, quando isso não deveria ser uma questão. No livro, isso fica muito claro em uma passagem onde Caleb fala de forma desdenhosa de Iris, chamando-a de “crioula”. Inclusive, mantivemos o termo para exatamente levar nossos leitores a essa reflexão. Porque a cor da pele ou a raça de alguém é tantas vezes usada com tom de desdém ou de ofensa.

Iris acha que encontrou o seu príncipe encantado e que está prestes a viver o seu conto de fadas. Obviamente, durante a leitura, observamos que as coisas não são exatamente assim. A vida real nos mostra que atletas de renome, em qualquer tipo de esporte, normalmente têm sua pena, sobre qualquer acusação, diminuída ou até mesmo esquecida. Isso leva as vítimas a evitarem, muitas vezes, de fazer a denúncia, o que deixa a estatística completamente errada. Essas vantagens atribuídas às pessoas públicas devem ser extintas. Por que a sociedade idolatra tanto os atletas que os julgam incapazes de cometerem crimes?

Será que Iris poderia ter feito algo diferente para que sua relação com Caleb não evoluísse para um compromisso mais sério? As dúvidas levantadas por Lótus, sobre o caráter e a “aura” sombria dele deveriam ter sido levadas em consideração pela protagonista? Até que ponto o poder de alta sacerdotisa de MiMi e de Lótus poderiam servir de influência nas decisões dela?

A sociedade tem por hábito, pois vivemos em sociedade criada à

base paternalista, culpar as vítimas de abuso e defender seus abusadores. É uma estatística real e triste do nosso país, e infelizmente não é exclusivamente nossa. Como podemos minimizar esse impacto de forma que as jovens de hoje não sejam as mulheres abusadas de amanhã?

Entre todas essas discussões, vêm a que nos causa mais espanto: a mãe de Iris. Enquanto estava sendo sustentada por Caleb, não procurou saber nenhuma vez como estava sua filha. Mulheres muitas vezes fazem o que é preciso para garantir comida e um teto para seus filhos e abrem mão de tudo. Tanto a mãe, quanto a tia de Iris são extremamente egoístas e só pensam nelas. O que observar essas ações durante a infância influenciou Iris a concordar em morar com Caleb quando descobriu estar grávida?

Enquanto discutimos todos esses tópicos, alguma mulher em algum lugar está sendo agredida, física ou verbalmente, por seus parceiros. Outra está sendo morta por essa mesma pessoa. Então fiquem atentas para poder identificar os sinais e quem sabe assim ajudar essa mulher a passar por isso, pois o abuso é difícil de ser identificado. Quando identificado, é difícil quebrar o ciclo por vários motivos, e nenhum deles é porque ela quer ou merece.

E exatamente por essa importância e por sua relevância, o livro foi o campeão do Rita® Awards de 2019, prêmio concedido pela Associação americana de escritores de Romance, RWA.

Central de Atendimento à Mulher no Brasil - 180

O número 180 foi criado para dar mais informações sobre direitos femininos e apoio psicológico a mulheres em situação de violência, além de receber denúncias específicas sobre cárcere privado e tráfico de mulheres.

Direitos Humanos - 100

O Disque 100 foi criado para denúncias contra violência, abuso sexual, agressões físicas e/ou psicológicas cometidas contra crianças e adolescentes, denúncias de pessoas em situação de rua, da população LGBT, de pessoas com deficiência e idosos.



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

www.thegiftboxbr.com

[Facebook.com/thegiftboxbr](https://www.facebook.com/thegiftboxbr)

Instagram: [@thegiftboxbr](https://www.instagram.com/thegiftboxbr)

Twitter: [@thegiftboxbr](https://twitter.com/thegiftboxbr)

bit.ly/TheGiftBoxEditora_Skoob